C. SCHLICHTHORST
(EX-OFICIAL DO EXÉRCITO IMPERIAL)

O RIO DE JANEIRO COMO É
1824 - 1826
(HUMA VEZ E NUNCA MAIS)

Contribuição dum diário para a história atual, os costumes e especialmente a situação da troia estrangeira na Capital do Brasil. — 1824 - 1826.

Tradução de

EMMY DODT e GUSTAVO BARROSO,

apresentada, anotada e comentada por êste.

Editora Getulio Costa

"LARGO DA MATRIZ"
de Ribeiro Couto

(Editora GETULIO COSTA)

Acaba de aparecer um novo livro de Ribeiro Couto. O ilustre escritor, membro da Academia Brasileira de Letras, consagrado como um dos contistas máximos do Brasil, através dos seus livros "O crime do estudante Batista", "Baianinha", "A casa do gato cinzento", "O clube das espôsas enganadas", dá-nos nesse volume uma das suas mais interessantes coleções de contos, escritos naquele estilo vivo, moderno, cheio de graça, agilidade e originalidade, que é a marca característica da sua produção.

Se em Ribeiro Couto o poeta é uma bela afirmação de sentimento lírico, de sensibilidade e riqueza de tons emotivos, o contista é um fiel retratista dos aspectos mais pitorescos e singulares da vida quotidiana, um caçador de tipos raros mais verídicos, dotado de um poder de observação, análise e penetração psicológica bem pouco comum nos nossos escritores.

"Largo da Matriz", o seu novo livro, embebe-se naquele mesmo sentimento de ternura e de encantamento pelas coisas brasileiras que caracteriza toda a obra de Ribeiro Couto, impregnada, sempre, de profundo nacionalismo, de um cheiro intenso de brasilidade. A capa do volume é de Sotero Cosme, que vinhetou com fidelidade, no frontispício, em miniatura, a matriz vetusta a que alude o primeiro conto da coleção, que dá título ao volume.

O RIO DE JANEIRO COMO É

1824 - 1826

C. SCHLICHTHORST
(Ex-Oficial do Exército Imperial)

O RIO DE JANEIRO COMO É
1824 - 1826

(HUMA VEZ E NUNCA MAIS)

Contribuições dum diário para a história atual, os costumes e especialmente a situação da tropa —— estrangeira na capital do Brasil. ——

Tradução de
EMMY DODT E GUSTAVO BARROSO,
apresentada, anotada e comentada por êste.

EDITORA GETULIO COSTA
São Clemente, Trinta e Sete
RIO DE JANEIRO

Desta edição foram tirados, pela Livraria — Editora Zelio Valverde — 200 exemplares em papel *vergé*, numerados de 1 a 200, com autorização da Editora Getúlio Costa, proprietária da tiragem em papel comum.

— I —

APRESENTAÇÃO

Ainda está por fazer, com minúcias e documentação seguras, a história completa dos mercenários estrangeiros que, nos dois Reinados, mas sobretudo no Primeiro, serviram no Exército Imperial. Será êsse um interessante e curioso capítulo de nossa História Militar. Fomos os primeiros a trazer ao conhecimento público a articulação secreta, em 1828, dos mercenários que se revoltaram no Rio de Janeiro, com o govêrno de Buenos Aires, e agora trazemos a contribuição do presente livro, documento até hoje ignorado de muitos e conhecido de raros estudiosos.

Vai para alguns anos, o ilustre Diretor do Museu do Ipiranga e, depois, membro da Academia Brasileira, Afonso d'Escragnolle Taunay, publicou no "Correio Paulistano" interessantes trabalhos sôbre o assunto. Mas falta uma obra de conjunto, não só sôbre a origem, costumes, átos, vida e influência dos soldados estrangeiros a nosso serviço, como sôbre a sua literatura, porque alguns de seus oficiais deixaram obras escritas, nas quais dão suas opiniões, infelizmente nem sempre verdadeiras ou favoráveis, sôbre o Brasil e os Brasileiros de seu tempo. No meio, porém, de suas inexatidões, equívocos ou inverdades, podem-se respigar verdadeiras preciosidades como informação, observação e documentação.

O Govêrno Imperial organizou de 1823 a 1824, com alemães, irlandeses, alguns franceses e italianos, gente na maioria aventureira e sem escrúpulos ,recrutada na Europa, principalmente os alemães, pelo agente sem moralidade von Schäffer, dois batalhões de granadeiros e dois batalhões de caçadores. No Sul, formou um esquadrão de lanceiros voluntários. Certo número de oficiais serviram nos corpos de Engenheiros e do Estado Maior. O esquadrão e um dos batalhões de caçadores, o 27º, participaram da campanha contra urugaios e argentinos, batendo-se com valor na pugna indecisa do Passo do Rosário ou de Ituzaingô. O resto da tropa revoltou-se no Rio de Janeiro em 1828, pôs a cidade em polvorosa durante três dias e acabou vencida e, em parte, dissolvida.

Apesar de tão triste exemplo e da constante e justificada má vontade de nossos altos chefes militares contra o engajamento de

mercenários estrangeiros, devendo-se colocar à frente dêsses chefes a prestigiosa e nobre figura do então Barão de Caxias, o Govêrno Imperial contratou novamente na Europa outros soldados, para a campanha que se desenhava contra o tirano Rosas, por intermédio do ex-Ministro da Guerra, o Senador Sebastião do Rego Barros: uma companhia de pontoneiros austríacos com o respectivo material, que seguiu para Monteviléu e alí permaneceu durante as operações de 1851-1852, e uma companhia de atiradores especializados, a qual figurou com brilho na brigada de Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto, operando sob as ordens de Manuel Marques de Souza, futuro Conde de Porto Alegre, na memorável batalha dos Santos Lugares, de Morón ou de Caseros. Essa companhia estava armada com o fusil de agulha e tiro simples prussiano Dreyse, modelo de 1841, o qual cursava mais longe do que a artilharia da época e teve a mais decisiva atuação na vitória de nossas tropas.

Entre êsses mercenários, na maioria abaixo da crítica, houve alguns fidalgos e homens de certa cultura, que nos deixaram uma literatura curiosa, documentação interessantíssima, embora às vezes referta de parcialidade e despeitos, sôbre os costumes dos brasileiros, a vida e os aspéctos do Brasil de antanho. A começar pelo livro de seu recrutador, Schäffer, favorito da Imperatriz Leopoldina, com a qual a miúde se correspondia, publicado pelo nosso Benemérito Instituto Histórico em sua admirável "Revista".

Os esbôços e notas do Capitão, depois Coronel, Seveloh, que serviu no estado-maior de Felisberto Caldeira Brant, Marquês de Barbacena, quando êste comandou o Exército Imperial em operações no Sul, são imprescindíveis ao estudo do movimento das tropas de Barbacena, Brown e Bento Manuel, dêsde o início das marchas até o choque nas sangas do Passo do Rosário. O Barão do Rio Branco, na posse dos seus manuscritos, citava-o a cada passo. Seu título é: "Erinnerungen auf den Feldzug 1827 gegen Buenos Aires" ou "Memórias da campanha de 1827 contra Buenos Aires".

Edmundo Teodoro Bösche, outro oficial mercenário do Primeiro Reinado, escreveu uma obra de muitos pontos de vista bastante notavel "Quadros Alternados", traduzida por Vicente de Souza Queiroz e publicada pela Imprensa Nacional em 1919. Antes, já havia aparecido na "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo". E' êsse mêsmo Bösche quem desta sorte descreve seus companheiros de farda, resumindo-se o que diz da página 139 à 142 de seu livro: Corja de vagabundos andrajosos e brutais, refugo da sociedade, ladrões e assassinos tirados das cadeias do Mecklemburgo, a ralé, a bôrra, a escória da Alemanha arrebanhada pelo major G. A. Schäffer, assessorado por um tal Neumann, que enganaram com falsas promessas e ilusões acerca do Brasil a bravura ociosa de veteranos em busca de serviço, a ne-

cessidade de trabalho dos camponêses hessenses e a cupidez ou a sêde de aventuras de criminosos mecklemburgueses.

Outro alemão, Carlos Seidler, nos deixou um livro interessantíssimo — "Dez anos no Brasil" ("Zehn Iahren in Brasilien") Ainda outro, Carlos de Leenhof, escreveu as suas "Contribuições para a história da guerra entre o Brasil e Buenos Aires nos anos de 1825 a 1828".

Um dos documentos mais preciosos para o estulo da rápida campanha dirigida pelo Conde de Caxias contra Oribe e Rosas de fins de 1851 a princípios de 1852, que culminou no brilhante triunfo de Caseros, é, sem dúvida, o livro dum oficial mercenário, o Capitão Sieber: "Rückblick auf den Krieg gegen Rosas", isto é, o Retrospecto da Guerra contra Rosas.

Não esqueçamos ainda que o pai de Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, serviu no nosso Exército ao tempo de D. Pedro I, bem como êsse notável Barão de Eschwege, cujo "Pluto Brasiliense" é o inventário de nossas riquezas minerais.

Conhecem-se todas essas obras e já estão mais ou menos vulgarizadas em bôas traduções, algumas ao fácil alcance de qualquer pessôa. Mas há um livro dum dêsses antigos soldados de fortuna quasi completamente desconhecido, mêsmo dos conhecedores de nossa história. E' uma larga descrição da vida social, política e militar do Rio de Janeiro e do Brasil, com um retrospecto dos acontecimentos ligados à Independência, no começo do século, de 1824 a 1826, feita com talento, cultura e bom gôsto literário pelo ex-Tenente de Granadeiros Alemães do Exército Imperial C. Schlichthorst. O volume é raríssimo e nem sequer figura no Catálogo de livros sôbre o Brasil, de José Carlos Rodrigues. A Biblioteca Nacional possúe um exemplar e nós outro, parecendo que são os dois únicos conhecidos no Brasil.

O exemplar em nossa mão, relativamente bem conservado numa encardenação alemã da época, em couro preto, traz na parte interna da capa o ex-libris e o nome de seu primeiro possuidor. O ex-libris, muito bem gravado, em aço, e ponta sêca, consta do brasão da Casa Ducal de Hesse: escudo alemão de azul, com um leão rompente de prata burelado de cinco peças de vermelho, êlmo com coronel de Duque e paquife das côres das armas; por timbre dois proboscideos ou trombas de prata e vermelho, ornados lateralmente de cinco ramos de três fôlhas cada um e rematados de três fôlhas, tudo de verde; em baixo um nome, que foi raspado a canivete, dêle só se vendo as últimas letras G. I I., que correspondem ao Landgrave Ludwig II, que governou aquêle Estado germânico de 1830 a 1848.

A obra intitula-se "Rio de Janeiro wie es ist", "O Rio de Janeiro como é" ou "O Rio de Janeiro tal qual é". Seguem-se-lhe os subtítulos explicativos: "Contribuições de um diário para a história atual, os costumes e especialmente a situação da tropa es-

trangeira na capital do Brasil, por C. Schlichthorst, ex-oficial do Imperial Exército Brasileiro".

Mais em baixo, entre parêntesis, o dístico em português: Huma (*sic*) vez e nunca mais!

Esta frase contêm, se não tôda a filosofia da obra, pelo menos o que dela quís o autor concluir. Iludido pelas promessas tentadoras dum agente recrutador para vir ao Brasil, não se conformou com a realidade. Deixou a pátria esperando um Eldorado e achou uma situação relativamente má, que lhe não foi possível suportar. Não conteve o amargor da decepção e todavia não se tornou inimigo do nosso país. Se não nos poupa sempre que encontra motivos de crítica, faz ressaltar as bôas qualidades de nossa gente e entôa hinos à nossa natureza. Não é um caluniador, nem um mentiroso. Ás vezes, troca as bolas ou mostra-se mal informado. Algumas exagera. Outras, faz um juizo apressado ou revela certa parcialidade. Mas o encanto por certos aspectos e hábitos brasileiros o empolga quase sempre. Tem fé no nosso futuro. E nos oferece um belo campo de estudo.

Para compreendê-lo, é necessário que nos ponhamos nas suas condições de europeu e de militar em face de um Império Sul Americano, um tanto exótico para êle, império que desabrochava para a vida nacional no alvorecer do século XIX. Não o devemos julgar e ao Brasil que êle viu com os olhos de hoje, sim com o olhar da mentalidade de 1824 a 1826.

O volume, publicado na cidade de Hannover, em 1829, pela Livraria Real de Hahn, foi impresso graças a uma subscrição entre amigos e conhecidos ou interessados, sendo por isso naturalmente reduzidíssima a edição. Traz nas primeiras páginas a lista geral dos subscritores, na qual figuram, entre médicos, militares, engenheiros, advogados, jornalistas, magistrados, negociantes, sacerdotes e senhoras, nomes de associações e de indivíduos de certo relêvo social e político. Lá estão, por exemplo, o Museu de Bremen, os Generais Von Ulmenstein e Conde Von Alten, o Major General Von Den Busche e o Mestre de Campo General Von Decken; o Conselheiro Privado Von Grote, o Conselheiro Einfeld, o Conselheiro do Gabinete Secreto Hoppenstedt e o Conselheiro de Justiça Von Bothmer; o Coronel Soest e o Tenente Coronel Brückmann.

Não será de todo desinteressante chamar a atenção para a lista completa dos subscritores residentes naquela época no Rio de Janeiro: o Guarda-Livros Daw, o Vice-Cônsul da Holanda Hendricks, os Negociantes Melchert, Scheinert e Wiers, o Tradutor Imperial Zaeb, o Médico Ran, o Cônsul da Prússia Von Theremin, o Cônsul da Liga Hanseática Tenbrinck, o sr. Makler Ray e o Tenente Coronel Schäffer. Este, como oficial do mêsmo ofício, enquanto a maioria se contentou com um exemplar e raros com dois, assinou vinte e cinco, certamente para distribuí-los com ami-

gos. Isso é digno de admiração, porque o livro não o poupa como tendo sido a alma danada do péssimo recrutamento feito para os batalhões estrangeiros. Ele gosava da intimidade da Imperatriz Leopoldina e com ela se correspondia a miúde. Daí o prestígio que durante algum tempo conseguiu desfrutar.

Na Introdução, o autor conta como veiu parar no Brasil, em 1824, engabelado com promessas e cheio de esperanças que lamentavelmente perdeu da noite para o dia. O 1.º capítulo denomina-se Chegada ao Rio de Janeiro e história do autor. *C. Schilichthorst desembarcou na Guanabara a 4 de abril de 1824. No 2.º, descreve a capital e a côrte de S. Cristovão com côres vivas e com ironia. Oferece-nos a propósito observações muito curiosas. O 3.º foi reservado à pintura da vida meridional, da vida em outro hemisfério, inteiramente diversa da européa, a septentrional. O 4.º é um tanto forte, trata das brasileiras em suas relações com os estrangeiros e ataca a moralidade da época, que considera fictícia. O 5.º, muito curioso, refere-se aos negros, indígenas e mestiços, que então formavam a grande maioria da população.*

Mais agradavel para nós por ser mais elogioso o 6.º capítulo, no qual o autor traça o panorama de nossa literatura, reconhecendo nos brasileiros facilidade de apreensão, viveza de inteligência e inclinações literárias. Conta no 7.º os longos passeios que fazia por praias e montes, capinzais e vales, numa paisagem estranha e sedutora, saindo do seu quartel na Praia Vermelha, naquêle tempo a duas horas de viagem da cidade. Suas descrições são às vezes belíssimas e alguns dos episódios narrados valem por maravilhosas águas-fortes ou verdadeiros contos.

O capítulo 8.º é o mais importante por se tratar dum retrospecto sôbre a moderna história do Brasil isto é, a do Brasil independente, e a situação politica do Império. Apesar de cometer muitos êrros, Schlichthorst demonstra uma capacidade incomum para resumir com clareza. O 9.º trata dos corpos mercenários no Brasil e continua a história do autor, terminando com alguns trêchos sôbre o problema da colonização do país. A conclusão é breve e concisa.

Nas últimas páginas, vem a lista dos oficiais estrangeiros ao nosso serviço, entre os quais se notam muitos nomes conhecidos e ligados à vida brasileira. Alguns ainda são usados por seus descendentes, como .Suckow, .Ewbank, Leenhof, Niemeyer, Escragnolle. Outros representavam velhas raças fidalgas, como von Kettler, Plaat von Steen, von Falkenstein, von Alten, Wolf von Weddig, von Bülow.

Além de minuciosamente descrever o uniforme dos Granadeiros do Império, fornecendo-nos preciosa informação sôbre indumentária militar, de citar a alcunha de Periquitos, *dada aos caçadores por usarem chouriças, penachos e vivos verdes, dá os mais interessantes pormenores sôbre vozes de comando, vida nos quar-*

téis, castigos de soldados, tabelas de sôldo, ranchos, custo de fardas, lavagem de roupa e despesas de toda a sorte. Com a longa distância dum século, sua voz transmite emoções vivas e pensamentos íntimos. Ele conheceu, viu, falou ao Imperador, à Imperatriz, às principais figuras militares e civis da época. E sobretudo o Rio de Janeiro de 1824 a 1826 se debuxa nos seus quadros verídicos e admiravelmente descritos como numa série magnífica de gravuras antigas. Podemos acompanhá-lo passo a passo pelas ruas, praças, caminhos e arrebaldes, o que dá um sabor admiravel à sua obra. Até quadros do folc-lore não esqueceu.

Homem bastante culto, embora joven, escreve literariamente, citando a propósito os sábios, os escritores e os poetas de relevo na vida espiritual do mudo. Externa conceitos filosóficos. Perpetra versos. Demonstra, através de tudo, uma intensa vida interior. Mas troca os nomes brasileiros, faz afirmações falsas e tropeça em equívocos e disparates, tendo, ademais, o grave defeito de ser difuso e metediço em todos os assuntos. Contudo, quer-nos parecer que o seu livro é o de mais qualidades entre os que, no gênero, naquela época, escreveram seus companheiros de armas.

Não se justificando permaneça desconhecido e olvidado tanto do público como dos estudiosos, empreendemos, com o auxílio da Senhora Emmy Dodt, traduzí-lo, anotá-lo e comentá-lo, com a bôa intenção de trazermos às nossas letras históricas a contribuição de mais um documento — testemunho pessoal duma época interessante.

GUSTAVO BARROSO

— II —

Ofereço ao público esta obra que não foi escrita na agradavel tranquilidade duma vida descuidosa, mas no meio das tempestades do mar e das paixões, entre perigos e renúncias de toda a sorte. Se o êxito a favorecer e mais tarde eu fôr induzido a reeditá-la, esforçar-me-ei para apresentar trabalho mais perfeito e mais verdadeiro.

Dry Madeira, twice passed the line! (1).

C. S. (2)

---

(1) Em inglês no texto original: — *Madeira séco por duas travessias do Equador!* — Ida e volta ao Brasil.
(2) C. Schlichthorst.

III

INTRODUÇÃO

No outono de 1824 (1), anseios extravagantes de ser feliz e de gosar a vida, desejos que se não realizaram e esperanças que se frustaram, levaram-me a uma viagem ao Brasil. A fantasia gosta de pintar paisagens risonhas no fundo ilimitado dos vastos horizontes. Como a Fada Morgana, constrói castelos no ar, que se desfazem em neblina mal dêles nos aproximamos. Fiz mais duma vez essa experiência. Aos vinte e nove anos, a fôrça de imaginação da mocidade quasi sempre já está de asas bastante aparadas. As minhas, principalmente, pois, numa série de anos, tivera muitas vezes ocasião de desconfiar de mim próprio e de minha sorte, porquanto nem os homens nem o destino me haviam animado.

Não tinha receios do Oceano. Sempre encarei o perigo com a maior confiança. No caso dessa viagem, as suas probabilidades não iam além de dez por cento. E' assunto que os agentes do Lóide conhecem melhor do que eu. Sem dúvida, para mim, aquelas probabilidades ainda eram menores, porque, como Leandro, teria atravessado a nado o Helesponto, se valesse a pena molhar a ponta dos dedos por causa de uma Hero moderna. E, como Byron, posso dizer:

Leander swan for love anl I for fame! (2)

Travei conhecimento em Hamburgo com o sr. von S - r (3), que se dizia agente diplomático do Império do Brasil. Não me dei-

---

(1) O outono começa na Europa, de modo geral, em setembro. Tem-se aqui, pois, uma indicação cronológica para a vinda do autor ao Brasil. Não é, infelizmente, rigorosa. Todavia vale de muito para a verificação da verdade de fatos, episódios ou alegações no decurso da obra.

(2) Leandro nadava em busca do amor e eu nado em busca da fama.

(3) Von Schaffer. A família dêsse nome, originária da Baviera, tem ramos na Holanda, em Groninga e Over-Yssel, bem como na Alemanha, em Mecklemburgo, Halle, Saxe, Tubingen, Rotherburg, Hesse; na Áustria e na Suiça, em Basiléa. O autor refere-se ao Dr. Jorge Antonio von Schaffer, mais conhecido como o Cavalheiro von Schaffer, Major da Imperial Guarda de Honra, com quem a Imperatriz Leopoldina se correspondia, chamando-lhe "excelente Schaffer" e meu "único amigo". Em 1824, foi agente secreto do Imperador na Europa, para colonização e recrutamento. A 9 de abril de 1827, o Govêrno Imperial o acreditou como Encarregado de Negócios nas Cidades Hanseáticas, na Baixa Saxônia, no Mecklemburgo, no

xei cegar por essa brilhante auréola e procurei vêr bem através dela. Observando de mais perto as relações, as ações e as ocupações dêsse cavalheiro, achei-o uma espécie de traficante de carne humana. Um talhador de cristal da Boêmia, um mestre de dansa malogrado que se intitulava Príncipe Ypsilanti (4), alguns sapateiros e alfaiates sem categoria eram os auxiliares diplomáticos do sr. von S-r. Assim, ninguém me leve a mal por ter dado muito menos crédito às suas promessas do que às profecias duma velha que, anos antes, nas alturas de Hümmling, me prometera felicidade duravel além-mar, pois nela êsse dom era herdado da sua raça e ela representava melhor seu papel de bruxa de Endor do que o referido cavalheiro representava, envolto numa peliça, ordinária, seu amo imperial.

Então, quando vi a corja desregrada que o Cavalheiro von S-r reunira sob a bandeira auri-verde, nojenta bôrra da nação alemã, fortemente se abalou minha resolução de partir para o Brasil. Encontrei alí como oficiais imperiais brasileiros condutores de ursos e saltimbancos, tendo à testa de tão honroso grupo o sr. von S. (5), jovem cavalheiro, cujo nome jamais encontrei no *Livro dos Torneios* de Kürner nem nos Registros de nossa nobreza (6).

Já estava disposto a esperar outra oportunidade, quando soube que a jovem e amavel espôsa do capitão do navio de transporte tomaria parte na viagem ao Brasil. Um homem, sendo mais forte, não

---

Oldenburgo e na Dieta da Confederação Germânica em Francfort-sôbre-o-Meno. Sua atuação no recrutamento de soldados e colonos, muito atacada, parece ter sido, na verdade, quasi criminosa. Os mercenários o apelidaram Schaffer-Cachorro. De volta ao Brasil após a revolta dos mercenários em 1828, foi promovido de Major a Tenente Coronel. Escreveu um livro "Brasilien als unabhangiges Reich", — O Brasil como País Independente".

(4) A família fidalga grega Ypsilanti veiu do bairro de Phanar, em Constantinopla, onde se recrutavam servidores cultos para o Império Otomano, os chamados *phanariotas*. Vários fôram os Príncipes Ypsilanti, que se tornaram dignos de nota. Em primeiro lugar, Alexandre, estadista, que viveu de 1726 a 1805, foi Hospódar ou Príncipe da Valáquia em 1774 e da Moldávia em 1786, esteve exilado em Rodes, em 1793, e voltou novamente ao govêrno da Valáquia, em 1796. Depois: Demétrio, homem de Estado celebrizado na luta pela independência da Grécia, que viveu de 1793 a 1832; Constantino com atuação idêntica, nascido em 1760 e falecido em 1816, tendo governado como Hospódar a Moldávia de 1799 a 1801 e a Valáquia, em 1802; Alexandre, General a serviço da Rússia, que viveu de 1792 a 1828; e Nicoláu, tendo vivido de 1798 a 1834, que comandou o famoso Batalhão Sagrado na guerra pela Independência Helênica. O título de Hospódar era dado pelos Sultões de Constantinopla àqueles Príncipes que, com certa autonomia, governavam em seu nome os Prindipados do Danúbio, que vieram a formar a Romênia moderna. Naturalmente o dansarino a que alude o autor dizia ser o Príncipe Demétrio, que correu aventuras pela Europa.

(5) Trata-se provavelmente do Alferes do 1.º Batalhão de Granadeiros Alemães von Strube. Êle figura na lista de oficiais estrangeiros ao fim do volume.

pode temer os incômodos a que, por afeição, uma mulher fraca se sujeita. Envergonhei-me de minha irresolução, paguei cem pesos e alguns dias depois fui para bordo.

O sr. von S-r desceu o rio conosco. Acompanhava-o o Capitão de Cavalaria H-ft (7), que tomára parte na guerra pela liberdade da Alemanha e até figurára em estampas e canções. Achei conveniente apresentá-lo aqui, porque mais tarde reaparecerá no palco do Rio de Janeiro e, contra tôda a espectativa, estreará em papel curto, porém brilhante.

Fomos recebidos a bordo com a esplendida canção: "O Brasil não fica longe daqui!" (8). Havia mais ou menos 300 pessoas, das quais 200 soldados cheios daquele entusiasmo que produz qualquer barril de aguardente. O Capitão de Cavalaria improvisou um discurso de arromba. Respondeu-lhe um tremendo *Viva!* E, quando prometeu solenemente seguir dentro de breve prazo seus bravos compatriotas, a alegria foi quasi sem limites. Nunca eu poderia pensar naquela ocasião que êle cumpriria a promessa. Os fatos, porém, demonstraram que até o que menos se espera pode acontecer.

O Cavalheiro, que sabe melhor beber do que discursar, embora seu amigo não lhe fique atrás naquela primeira qualidade, mandou, então, lêr o que chamava o seu Regulamento. O' Beccaria, como esbogalharias olhos de espanto, se lêsses semelhante código policial-criminal escrito em algumas fôlhas de papel, o qual entregava a vida e a liberdade de 300 modernos Argonautas ao capricho e arbítrio de um só homem, e fazia dêle depender, como seu presidente, a mais alta instância que lembrava a Comissão Militar de Napoleão!

Seguindo o exemplo brasileiro, o Cavalheiro aplicava facilmente a pena de morte e estufava o peito, como um galo de Calcutá (9), ao lêr o artigo 13° do seu Regulamento, o qual diz ao pé da letra: "Todo aquele que provocar desordens a bordo, deve ser condenado à morte e imediatamente fuzilado". Muitos esta-

---

(6) Se se trata na verdade do Alferes von Strube, o armorial de Rietstap registra a família como nobre, no Hanover e na Prússia. Os von Strube do Hanover brasonam de azul com um grou de prata voltado à dextra, tendo no bico uma chave de negro, sôbre um terrado de verde. Os da Prússia, de prata com uma águia estendida de negro, tendo a asa direita rebaixada, o que denota penalidade ou diminuição.

A observação do autor, no entanto, é muito verdadeira em relação a vários dos oficiais mercenários que se intitulavam nobres.

(7) O Capitão Hanft, que foi Coronel no 2.º Batalhão de Granadeiros Alemães, e morreu pouco depois, de volta a Hamburgo.

(8) Parece que a canção era ritualmente cantada por ocasião dos embarques de colonos e mercenários no rio Elba, pois E. T. Bosche a registra nos seus "Quadros Alternados".

(9) O *Gallus Bankiva*, raça inicial dos galináceos, espalhada em todo o Oriente pelos malaios. Tem o pescoço dourado, as costas cinzentas e purpurinas, o peito negro e a cauda verde bronzeada.

rão inclinados a pensar que se tratava de uma hiperbole. Poderia, como tal, figurar num código válido tão sómente durante a travessia. Eu mesmo a julgava assim e duvidava muito da veracidade duma história com que o cavalheiro nos entretivera ao descer o rio. Infelizmente a vi completamente corroborada, quando cheguei ao Rio de Janeiro.

Oito meses antes, na primavera de 1824, o navio "Germânia" fôra despachado pelo Cavalheiro von S-r com soldados e colonos para o Brasil. Entre os primeiros, havia muitos presidiários de Mecklemburgo (10), circunstância que poderia justificar certo gráu de severidade e recomendava as maiores precauções. Todavia não é muito difícil manter a ordem dentro dum navio. Os mesmos dispositivos sanguinários que o Cavalheiro, como um moderno Licurgo, costumava promulgar em tôdas as viagens também vigoravam nessa e, infelizmente, comandava aquela gente o sr. von K-r (11), jovem sem experiência, deslumbrado pelo nimbo duma soberania temporária com que o cavalheiro von S-r o havia aureolado. Além disso, era desconfiado, covarde e cruel; o Capitão não passava dum velho idiota e o Piloto, dum perfeito celerado. Para completar essa nobre junta, acrescentou-lhe o diabo uma solteirona idosa, tão lasciva quão ciosa de seu bom renome, a qual resolveu demoniacamente vingar com sangue a caçoada duns rapazolas alegres, que propalaram adoçar ela as noites solitárias do velho lobo do mar por mera piedade cristã.

A viagem prolongara-se mais do que se calculara. Os víveres diminuiram, provocando inúmeras restrições que, como sempre, deram aso às reclamações de muitos, o que serviu de pretexto suficiente para a classificação do delito compendiado nas leis do Cavalheiro von S-r com o nome terrívevel de *rebelião*. Assim, houve uma revolta no navio, isto é, alguns indivíduos e, entre êles, os que difamaram a velha bruxa parece que lembraram ser possível, em caso de necessidade, obrigar o Capitão a arribar ao pôrto mais próximo, para tomar provisões frescas. Não se realizou nenhuma tentativa real para traduzir em ato êsse pensamento. Juridicamente, portanto, era impossível a arguição de crime, pois êste prevê uma ação ou, pelo menos, uma tentativa de ação.

Não havia, porém, juristas a bordo e formou-se uma comissão extraordinária com as pessoas acima citadas. Presidiu-a uma desconfiança covarde. Os murchos encantos duma velha solteirona cochicharam aos ouvidos da nojenta lascivia dum ancião o ódio

---

(10) A mesma coisa diz E. T. Bosche nos seus "Quadros Alternados". Os batalhões de mercenários no Brasil, segundo todos os documentos, fôram constituidos pela escória da Alemanha e de outras nações, no meio da qual figuravam, de fato, condenados mecklemburgueses.

(11) Pelo depoimento de Bosche, que narra o mesmo fato, sabe-se que era o comandante von Kusenetter. O Capitão do "Germânia", cúmplice do crime, chamava-se Vos.

Vista do Rio de Janeiro nos primeiros quartéis do século XIX. Tirada do meio da baía. Ao fundo, a serra da Tijuca, dominada pelo bico do Papagaio.

Desenho de Lauvergne. Gravura de Himely.
Das coleções do Museu Histórico.

sanguinário que devia satisfazer-lhe a vingança. E atuou a mais astuta malvadez. Desta sorte, após doloroso inquérito, para o qual, no mar, não se empregam algemas ou cavaletes, mas simples cabo chamado na gíria *endje* (12), sete pessoas foram condenadas à morte, segundo testemunham as atas. Houve, no entanto, oito fuzilamentos. Esta circunstância merece relêvo em sentido jurídico. Nas atas, de fato, sómente figuram nominalmente sete condenados à pena última, o que está em desacôrdo com a lista da investigação procedida em terra, da qual consta clara e indubitavelmente terem sido fuzilados *oito*. Convenci-me pessoalmente dêsses fatos pelos documentos do singular processo que se acham em mãos do sr. Miranda (13), Inspetor da Colonização Estrangeira no Rio de Janeiro. O executor foi o Pilôto. Com que nome se deve estigmatizar semelhante ação? E' mais do que um assassínio penal, pois a própria Justiça em pessoa foi assassinada.

O Cavalheiro ainda nos comunicou um resumo das leis militares, publicado, a bem dos nossos compatriotas no Rio de Janeiro, em alemão e em português. Entre outros dispositivos, êstes:

"Quem abandonar sua bandeira é culpado de morte.

Quem gritar na batalha: Salve-se quem puder! ou mostrar medo por sinais ou palavras, deve ser arcabuzalo.

Quem sair ou entrar em uma fortaleza imperial por outro caminho que não os portões, merece a morte" (14).

Num país onde o medo é reprimido por meio de castigos, a coragem anda mal; onde a segurança das fortificações depende da crença em sua inexpugnabilidade e a pena de morte ameaça aos que, mesmo por brincadeira, tentem escalá-las, visto como isso poderia prejudicar aquela crença, na realidade elas serão mais facilmente conquistadas.

Depois desta curta digressão, tomo a liberdade de fazer ainda algumas observações sôbre os atos de venda de carne humana do sr. von S-r, em geral, e a respeito do tratamento dispensado às pessoas na travessia, referindo-me principalmente ao que sei por experiência própria.

---

(12) Parece tratar-se do suplício que costumavam aplicar a bordo dos navios, mergulhando a vítima nágua, às vezes mesmo passando-a por baixo do casco, amarrada à ponta dum cabo enfiado no lais da verga. Os franceses chamavam a isso *cale*. Também é possivel ser simplesmente o que na gíria brasileira se denomina *calabrote*, cabo curto para açoitar.

(13) Monsenhor Pedro Machado de Miranda Malheiros, Chanceler Mór de D. João VI, sacerdote, Inspetor da Colonização desde 1817 e querido de todos, que auxiliava os colonos com dinheiro do próprio bolso, elogiado por Quoy e que recebeu grandes manifestações de gratidão dos suiços de Nova Friburgo. O autor faz-lhe justiça em outro lugar, mas Bosche o calunia.

(14) Êstes dispositivos, que o autor acha bárbaros ou inúteis, são de origem alemã como êle, pois fazem parte do famoso Regulamento do Conde de Lippe, que vigorou nas nossas fôrças armadas da Colônia à República,

Primeiro: é impossível negar que essa imigração em vários sentidos purifica a Alemanha e que se não pode condenar um Estado que se livra de seus presidiários, cujo préstimo para o bem geral não compensa as despesas com sua manutenção e vigilância, principalmente no caso dos grandes criminosos que não oferecem segurança absoluta e constituem sempre perigosa ameaça à sociedade. Se, como se dá no Grão-Ducado de Mecklemburgo, se deixa ao alvedrio dêsses homens cumprir a pena na terra natal ou seguir para o Brasil, em hipótese alguma êles se poderão queixar de sua sorte, seja ela qual fôr.

Segundo: também não se pode negar que entre os indivíduos que, por expontânea vontade ou seduzidos pelos agentes do Govêrno Imperial Brasileiro, vão para o Brasil, muitos foram úteis à sua pátria e mereciam melhor sorte do que a que lá encontraram.

Propalou-se na Alemanha oralmente e por escrito uma opinião exagerada sôbre êsse maravilhoso país. Reeditaram-se todos os antigos artifícios de recrutamento para aumentar a tropa que se alista sob o auri-verde pendão. As falsíssimas promessas dos agentes gananciosos, que avaliam a vida dum homem pela espórtula por ela recebida, são infelizmente a miúde tomadas como verdadeiras (15). Não é, pois, de admirar que a tendência à imigração se tenha tornado na Alemanha tão geral e tão forte. Em verdade, entre os que tomam essa resolução desesperada, proporcionalmente há poucos com alguma coisa a perder; mas são justamente êsses os que merecem maior comiseração. Porque, depois de serem despojados de todos os modos durante o trajeto para o pôrto de em-

---

do século XVIII ao primeiro quartel do século XX. Guilherme, Conde de Schamburgo-Lippe, de velha nobreza alemã, Marechal-general do Exército Português, nasceu em Londres em 1724. Estudou na Holanda e na França. Alistou-se em 1745 na Marinha Britânica, que abandonou por falta de saúde, passando a viajar. Aos 24 anos, em 1748, herdou de seu pai o govêrno do Condado de Schamburgo-Lippe, com cujas tropas se reuniu ao Exército de Hanover, então Reino pertencente à casa da Inglaterra. O Rei dêste país fê-lo Grão Mestre da Artilharia. Na guerra dos Sete Anos, tomou parte nas batalhas de Crefeld, Minden, Lutherbreugen, Fellinghausen, nos cercos de Cassel, Munster, Wesel, Marburgo, e na retirada de Kampsen. Em 1762, estando iminente a guerra entre Portugal, Espanha e França, o Marquês de Pombal pediu ao Gabinete de Londres indicasse um oficial general capaz para dirigir as tropas lusas. O Conde de Lippe foi o indicado, sendo nomeado a 3 de julho daquêle ano. Fez uma campanha defensiva muito hábil até a paz de 7 de fevereiro de 1763. Então, passou a fortificar Portugal e a dar organização ao seu exército. D. José I fê-lo Príncipe de Sangue em recompensa de seus serviços, com o título de Alteza e um mimo de 6 canhões de ouro, pesando 32 libras, em reparos de ébano. Voltou a Schamburgo, onde faleceu em 1777 com 53 anos de idade, depois de ter visitado Portugal dez anos antes. Fez o seu famoso Regimento ou Regulamento militar e escreveu em francês a obra: "Nouveau systéme de l'art de la guerre".

(15) Schaffer abusava tanto dessa propaganda que Bosche o denomina "Messias da Terra da Promissão".

barque, visto como é lícito presumir sejam tôdas as criaturas do sr. von S-r, em cujas mãos cáem, celerados sem consciência, êle próprio e os que de perto o cercam tomam-lhes o restante, em pagamento de passagens e comida, sob a falsa promessa duma restituição pelo Govêrno Brasileiro, em dinheiro ou maiores favores.

Vai tão longe a indignidade dêsses tipos que, para fugir a uma possível responsabilidade, dão recibos falsos das quantias recebidas, os quais de nada servem a seus portadores e me fôram mostrados pelos colonos a bordo de nosso navio.

No decurso da viagem, todos são igualmente tratados. Pagar ou não pagar dá no mesmo. A única vantagem de quem paga a passagem é a honra, duvidosa e envenenada pela inveja e má vontade dos companheiros, de ser nomeado durante a travessia, inspetor de colonos ou chefe de família.

Nada disso vale perante o Govêrno Brasileiro. Um colono não pode jamais alegar as despesas que fez. No comêço, todos recebem o mesmo auxílio e o valor das terras concedidas depende do acaso, pois são tiradas a sorte.

Não é meu intuito examinar aqui quem lucra com as somas extorquidas dêsse modo, se os gananciosos agentes as repartem ou se o custo dos transportes é por elas diminuido. Isto me parece improvavel e sinto muito não ter colhido informações no Rio de Janeiro, onde me seria fácil esclarecer o assunto.

Aos que por essa maneira fôram roubados é, porém, indiferente o destino de seu dinheiro. O Govêrno é o mais prejudicado com tais ladroeiras, porque facilmente se compreende que um colono que traz um pouco de fortuna se tornará sem comparação mais útil ao país do que o que chega de mãos vazias. Voltarei mais tarde e de modo mais extenso a tratar do problema da colonização, que, infelizmente, não é o único a merecer censuras ao Brasil.

De resto, é costume do sr. von S-r cobrar para a viagem ao Rio de Janeiro 100 pesos (16) nos camarotes e 40 no convés. Restitúe-se êsse dinheiro aos militares quando chegam, se realmente verificam praça, mediante apresentação de recibo válido. A providência visa evitar os aproveitadores de viagens gratuitas. Os oficiais que não seguem para o Brasil nos navios de transporte não têm direito a restituição alguma. O sr. von S-r extorque dos colonos o que pode. Alguns pagam 100 pesos, outros 200 e jamais tive notícia de qualquer restituição.

Mais censuravel do que êsse procedimento, que pode achar excusa no egoismo, é o fato do sr. von S-r anotar nas listas todos os capazes de servir como soldados, até os filhos dos colonos e pessoas aceitas como colonos, ordenando severamente aos comandantes dos transportes que, nessa qualidade, os desembarquem no Rio

---

(16) Naturalmente o autor se refere ao *peso espanhol*, que, nêsse tempo, correspondia mais ou menos a mil-réis.

de Janeiro. Dessa maneira, muitas famílias se vêm privadas de seus fortes braços. O prejuizo disso resultante, além de atingí-las diretamente, contraria o propósito governamental, pois é impossível a velhos e crianças desbravar uma terra, cuja cultura exige o maior trabalho. Até meninotes que não servem para soldados são aproveitados como tambores e pifanos (17). Pode-se afirmar sem susto que, em qualquer Estado europeu, metade dêsses soldados seriam excluidos das fileiras como inválidos.

E' muito natural que uma Cidade Livre como Hamburgo (18) consinta na existência do maior número possível de emprêsas dessa ordem e mesmo até as favoreça, porque o lucro comercial que delas advem é bastante importante para merecer atenção e ajuda dos governos. Seu lado moral não interessa ao Estado, cuja fôrça dêle não depende, tão pouco ao armador de navios, que visa lucros correspondentes às suas espectativas, sem bastante delicadeza de consciência para recusar sua embarcação a um verdadeiro comércio de escravos.

Demais, a essência do comércio reside na liberdade, sendo, sem dúvida, sinal de sabedoria o govêrno não intervir absolutamente nas intimidades da mercância (19). Naquele tempo, 1824, o Govêrno Brasileiro pagava soldados e colonos de 38 a 40 pesos por cabeça. Pelas crianças, a metade. O que morria pelo caminho não influia no frete pago pela quantidade de pessoas embarcadas em Hamburgo, um terço da quantia lá, dois terços no Rio de Janeiro.

Na maioria dos casos, a alimentação do pessoal durante a viagem era bastante boa. Cada um recebia por dia um quarto de libra de carne ou meia libra de toucinho, batatas, ervilhas e pudim suficiente, uma ou duas vezes cachaça e, alternadamente, chá ou café. Não havia ração de pão: todos tiravam quanto necessitavam. O Capitão do navio em que viajei dava aos passa-

---

(17) Pela organização militar da época, os batalhões de Granadeiros tinham bandas de tambores e pifanos; os de Caçadores, de caixas-de-guerra e cornetas. Também se dizia pifaro. Os pifaros representavam na infantaria uma tradição que vinha do século XV, senão de mais longe. As bandas de música foram criadas em 1802.

(18) O grande pôrto da Alemanha à margem direita do Elba, originado em um forte construido pelo Imperador Carlos Magno, desde o século XVII se tornou a metrópole comercial da Europa central e oriental. Até a constituição do Terceiro Reich foi Cidade Livre. Pertencia à Liga Hanseática, liga política e comercial gerada pela Companhia de Mercadorias Hansa, que uniu do século XII ao XVI as principais cidades da Europa septentrional, dominando as rotas das Flandres à Eslávia. Hamburgo e Lubeck formaram, em 1241, o primeiro núcleo dessa confederação. Seguiram-se Bremen, Bruges, Stralsund, Stettin, Riga, Novgorod, Colônia, Dantzig, Ostende, Dunkerque, Antuérpia, Amsterdão, Dordrecht, Brunswick, Luneburgo, Magdeburgo etc. A liga afinal se estendeu pelo Mediterrâneo, abarcando Liorne, Nápoles, Messina, Marselha, etc.

(19) Doutrina da economia liberal vigente na época, o chamado manchesterianismo, por se ter originado em Manchester. Seus mestres eram Adam Smith e Ricardo.

geiros, durante o longo tempo em que permanecemos ancorados no Elba, carne fresca ou peixe da melhor qualidade, se havia oportunidade de comprá-los. À nossa chegada ao Rio de Janeiro, sobravam provisões para 40 dias, apesar de termos ficado três meses no Elba e no porto de Hamburgo, devido aos ventos contrários, e de termos navegado 65 dias (20). Com tal aprovisionamento não eram de temer necessidades num veleiro rápido.

Muito menos cuidou o sr. von S-r da parte sanitária. O indivíduo que se intitulava médico, ao invés do barrete doutoral, trazia um estojo de barbeiro e uma paupérrima caixa de remédios. Com isso, pouco e mal se garantiam a vida e a saúde de 300 pessoas. Aos poucos, estas mesmo formaram uma espécie de junta médica, em que o voto do grumete, se fôsse consultado, seria mais decisivo do que o do doutor. Em consequência, durante tôda a viagem, morreram somente 29 criaturas (21). Infelizmente, foi o sr. von S-r o culpado dessa negligência em quasi tôdas as travessias, o que é tanto mais imperdoavel quanto se declara doutor em medicina, devendo, pois, possuir conhecimentos necessários para examinar os indivíduos que se lhe oferecem nas ocasiões oportunas. Talvez a negligência seja aparente e a imunda razão disso não passe de réles sovinice, para a qual a vida humana baixa de preço em face do interêsse pessoal.

A grande mortandade que costuma haver nêsses navios de transporte é ainda aumentada pela falta de assêio e de inspeção policial, consequências em geral da ignorância e má vontade das pessoas prepostas a êsses serviços pelo sr. von S-r. Isto se deu principalmente em nosso navio. A vaidade egoista do sr. von S. não lhe permitia aceitar de ninguém um bom conselho, e sua teimosia ia tão longe que rejeitava um arranjo de cuja conveniência estivesse convencido, só porque outro o havia proposto.

Peço licença para mencionar em poucas palavras um caso, que, por mais insignificante que pareça, claramente demonstra o caráter dêsse homem. Quando estávamos no Elba, uma comissão hanoveriana reclamou alguns súditos prussianos, a pedido do Embaixador do Rei da Prússia, Conde de Grote. O Cavalheiro von S-r dera pessoalmente ordem para serem entregues e realmente o fôram, mas sómente depois de espancados e com o rosto lambuzado de pixe, em presença daquela comissão. Brutalidade afrontosa, cuja infâmia recái sôbre os que são capazes de praticá-la.

Nessa ocasião, não pude deixar de manifestar muito ener-

---

(20) A demora e a viagem somam 155 dias, isto é, um pouquinho mais de 5 meses.

(21) Interessante a informação sôbre a mortalidade num navio de passageiros, a vela, na travessia do Atlântico. Nas melhores condições, como se vê, ascendia essa mortalidade a quasi 10%. Quando vieram os colonos suiços para Nova Friburgo, a mortalidade foi pavorosa, pois de 2.000 faleceram quasi quatrocentos.

gicamente meu desagrado ao sr. von S. Ambos haviamos sido súditos do Govêrno Prussiano e nenhum de nós tinha razões de queixa por isso. Sem dúvida, êsse ato foi tão infame como contrapoducente.

Êste e outros casos semelhantes não eram de molde a produzir grande harmonia a bordo. Ela não reinou durante a viagem. Porém, como não tenho a intenção de descrevê-la, levarei o leitor imediatamente ao Rio de Janeiro.

IV

CHEGADA AO RIO DE JANEIRO E HISTÓRIA DO AUTOR

Chegamos ao porto do Rio de Janeiro a 4 de abril (1). No dia seguinte, desembarcaram os homens destinados ao serviço militar de Sua Majestade o Imperador. Os colonos permaneceram a bordo até serem levados ao seu próximo destino — Almanson (2), amplo edifício do outro lado da baía, utilizado pelos pescadores de baleias do Sul como depósito de óleo de bacalháu (3). Alí se alojam nossos conterrâneos até haver oportunidade de embarcá-los para Porto Alegre, de onde são dirigidos à Colônia de S. Leopoldo (4).

Como era meu propósito entrar para o serviço militar, também fui para terra, onde nos recebeu no Arsenal de Marinha o Imperador com sua esposa.

D. Pedro é um belo homem, de estatura mediana e rosto marcado pela varíola, com esplêndida barba negra. Porte naturalmente altivo. Fala depressa e decidido. Exprime-se mal em francês. Os olhos pretos e brilhantes não se fixam muito tempo

---

(1) Naturalmente de 1825. Tendo a travessia durado 65 dias, como o autor diz anteriormente, a partida de Hamburgo deve ter sido de 26 a 28 de janeiro. A demora de 3 meses no Elba, à espera de vento favorável, nos reporta a 27 de outubro, data provável do embarque do autor. Está, portanto, comprovada, sua referência inicial ao outono de 1824. Bosche, autor dos "Quadros Alternados", avistou os montes do Rio a 14 de abril do mesmo ano, 1825, e entrou no pôrto a 22, desembarcando no Arsenal de Marinha. Parece ter vindo em outro transporte apesar da proximidade das datas, porque não dá o nome do autor na sua lista de oficiais. E' verdade que êle ainda não o era.

(2) Armação. Para nada tirar do sabor do livro, deixamos os nomes de pessôoas, lugares e coisas do Brasil conforme o autor os estropiou, limitando-nos a corrigí-los em nota. Ás vezes, no entanto, as estropiações podem ser dos tipógrafos e revisores. Elas se encontram em todos os livros de visitantes estrangeiros sôbre o Brasil.

(3) Na ponta hoje chamada da Armação, em Niterói, fundou-se o estabelecimento denominado *Armação de S. Domingos* para abrir as baleias pescadas na própria Guanabara ou nas redondezas do mar e preparar o azeite de peixe. Êsse trabalho fazia-se anteriormente atrás da Alfândega, onde Braz de Pina, 1.º Contratador das Baleias no Rio de Janeiro e sesmeiro na região onde hoje existe o subúrbio com a estação ferroviária do seu nome, construiu o chamado Cais dos Mineiros. As baleias frequentavam em abundância os mares do Sul do Brasil. Faziam-se de longa data grandes pescarias na Baía e no Rio, conforme descreve Santa Rita

em um lugar. Percebe tudo o que se passa em volta dêle e gosta de intercalar uma piada num assunto sério. Rí frequentemente, mostrando dentes alvíssimos. Trajava, de acôrdo com o clima e a hora do dia, leve túnica cinzenta, chapéu branco, calças brancas e um lenço de muitas côres envolvendo o pescoço negligentemente. (5)

A imperatriz é baixa e gorda, com traços genuinamente alemães. Parece-se à primeira vista com a Ex-Imperatriz Maria Luiza, porém sem aquelas feições delicadas e graciosas, que tornaram tão encantadora a esposa de Napoleão. O sol dos trópicos e o modo de vida a que se adaptou no hemisfério meridional emprestáram-lhe às faces alto gráu de vermelhidão e lhe deram a corpulência que se manifesta em quase todas as mulheres brasileiras, passada a primeira mocidade.

Além disso, a roupa com que se apresentava absolutamente não podia agradar a um olhar europeu. Altas e duras botas de Dragão (6) com pesadas esporas de prata, largas calças brancas e por cima curta túnica de sêda, um fato de montar aberto, de pano cinzento, um lenço branco atado ao pescoço, à moda masculina, por cima da gola da camisa, e um chapéu branco, enfeitado de azul claro. Essa bizarra combinação de trajes tão diversos não poderia produzir um conjunto agradavel (7).

A Imperatriz fala o alemão à maneira de Viena, servindo frequentemente de intérprete ao marido. Dizem que é muito instruida.

Durão no seu Poema "Caramurú". A existência da pesca e do preparo de baleias nas águas cariocas figura em um painel a óleo de fins do século XVIII ou começo do XIX existente no Museu Histórico Nacional.

Quando o azeite das baleias era extraído por trás da Alfândega, a rua atual do General Câmara, se denominava do Azeite do Peixe. Foi também do Sabão e do Bom Jesús. O azeite fabricado era consumido na iluminação pública e particular da cidade. A construção da nova Alfândega obrigou a antiga Armação a transferir-se para S. Domingos. Desde 1765, Inácio Pedro Quintela sucedera como contratador das Baleias a Braz de Pina. Até 1791, a produção anual do Azeite regulava em média 734 pipas. Em 1801, o Govêrno avocou o contrato de baleias e só teve prejuízos, o que o fez entregar de novo a um particular em 1816.

Ao proclamar-se a Independência, fenecera a pesca de baleias. O govêrno Imperial tomou conta dos edifícios da Ponta da Armação e dêles fez depósitos de emigrantes. Em 1831, o inventário dos mesmos com seus pertences atingiu a importantissima soma para a época de 122:212$340. Em 1824, fôram vendidos utensílios da fabricação de azeite no valor de 2:551$880. Em 1835, parte dos terrenos em que se achavam as velhas instalações foi aforado ao Visconde de Albuquerque, Antonio Francisco de Paula e Holanda Cavalcanti de Albuquerque, Conselheiro de Estado, Senador em 1838 e ministro da Fazenda em 1829 e 1831, bem como de outras pastas em outros gabinetes.

Em 1866, localizou-se na Armação um Laboratório Pirotécnico.

E' possível que alí se tenha preparado azeite de outros peixes, além do dos grandes cetáceos, que o vulgo geralmente considera peixes.

(4) A 6 de agosto de 1788, o Vice-Rei D. Luiz de Vasconcelos estabeleceu no Rio Grande do Sul uma Feitoria do Linho e do Cânhamo. Nêsse

O sequito compúnha-se de alguns Cenerais e Camaristas com fardas de muito gôsto, e da Guarda de Minas (8), algumas dúzias de homens altos e magros, montados em cavalos detestáveis.

Se a Imperatriz se apresentasse com uma guarda de corpo de Amazonas, como as havia nos séculos passados nas vastas planuras da América do Sul, armadas de arcos de ouro, o Imperador com uma de Botucudos, cheios de fantásticos adornos nas orelhas e beiços, braços e pernas matizados de pinturas, o efeito seria mais adequado ao aspecto tipicamente americano das cercanias.

O Arsenal de Marinha encosta-se de um lado ao rochoso morro de S. Bento, dominado por majestoso mosteiro. Nêsse vasto edifício, vivem na melhor harmonia frades piedosos e soldados celerados (9). Dos altos balcões ressôa a música marcial e o tambor rufa ininterruptamente pelas arcarias dos cláustros, sem perturbar o sono eterno dos Beneditinos falecidos. Sôbre as suas sepulturas dormem os vivos e as mesmas paredes abrigam cristãos, ateus e judeus.

O pátio do Arsenal abre-se do lado do mar. Fecham os outros dois lados estaleiros e oficinas. Na carreira, ergue-se uma fragata meio acabada. Adiante, trabalham negros, agrilhoados às forjas como espíritos infernais. Seu canto desharmonioso domina o Hino Imperial (10) tocado por barulhenta banda de música, enquanto no proscênio os filhos da Germânia, como um

---

lugar, denominado de então por diante a Feitoria, o Govêrno Imperial fundou a Colônia de S. Leopoldo. A primeira leva de colonos alemães chegou alí a 25 de julho de 1824.

(5) O Imperador usava habitualmente fardas ou roupas muito simples, a chamada *fardeta de polícia* ou uniforme interno de quartel, de que fala o Barão de Pindamonhagaba. E' com essa simplicidade que figura no conhecido desenho de Carlos Landseer. O depoimento de Schlichthorst confirma os anteriores. O de Bosche é quasi idêntico. Nos seus pormenores, ambos não esqueceram sequer as marcas de varíola no rosto de D. Pedro. O retrato do autor combina com o de todos que descreveram o filho de D. João VI, tendo-o visto pessoalmente.

(6) Botas altas com a parte dianteira mais elevada do que os joelhos, usadas pela cavalaria pesada e por alguns corpos de cavalaria de linha, como os Dragões.

(7) A Imperatriz Leopoldina, de fato, era feia e vestia-se mal. A descrição de Schlichthorst é fidelissima e comprovada por todos os que a viram ou conheceram. Um retrato de Debret no-la mostra de roupa de montar frouxa e de botas grossas. Sua falta de graça reponta nas descrições de Seidler e de Walsh. O Marquês de Gabriac declara-a com um "dehors peu gracieux", desgracioso exterior. Jacques Arago escreve que trajava como uma cigana: "Sans exagération aucune, elle était vêtue comme une vraie gitana". Schlichthorst não desceu como Bosche a atribuir a vermelhidão da Imperatriz ao álcool, dando curso a malévolo boato.

(8) O 3.º Esquadrão da Imperial Guarda de Honra, que se compunha de três, um do Rio de Janeiro, outro de S. Paulo e o 3.º de Minas Gerais. O uniforme da Imperial Guarda de Honra é usado atualmente pelo Regimento de Dragões da Independência, 1.º de Cavalaria Divisionária. A Imperial Guarda de Honra fôra criada por Decreto de 1.º de dezembro de

rebanho de ovelhas brancas ajuntadas pelo pastor fidalgo, dão ao seu novo amo um viva caloroso!

Em breve, o ouvido se acostuma à enxurrada de dissonâncias e os olhos se deliciam nas novas impressões que se lhes oferecem por tôda a parte. Do imenso casario sobressaem rochedos e morros isolados. Aquí e alí, uma palmeira esbelta agita no espaço o topo altaneiro. Nenhuma núvem tolda o profundo azul do céu. Por cima da superfície lisa da baía, coberta de navios sem conta, a vista alcança a margem oposta. A serra dos Órgãos érgue-se em fórmas fantásticas, com ilhas verdejantes a seus pés. A Vila Real da Praia Grande (11) distende seu longo arco de casas prateadas ao longo da costa sinuosa. As fortalezas de Santa Cruz, São João e do ilhéu rochoso da Lage defendem a entrada da barra. Villegaignon e a ilha das Cobras protegem o porto e a cidade. Em suas baterias, flutua a bandeira auri-verde e o troar dos canhões saúda um novo dia (12). Passam voando os flamingos (13) com o esplendor de suas côres brilhantes e borboletas variegadas, de tamanho nunca visto, brincam aos raios do sol nascente.

Penso não existir no mundo outro lugar onde a natureza tão bem se adapte às necessidades duma densa população como aquí. Vasto porto protegido das tempestades por alta moldura de montanhas; a mudança regular dos ventos, que torna a entrada

---

1822. A séde do 1.º Esquadrão era o Rio de Janeiro, do 2.º Taubaté e do 3.º S. João d'El Rei.

(9) Os primeiros monges Beneditinos chegaram ao Rio de Janeiro em 1581. Levantaram o convento no outeiro onde Manuel Aleixo o Velho edificara uma ermida. A doação do local foi feita aos frades Pedro Ferraz e João Porcalho por Diogo de Brito Lacerda, a 25 de março de 1590. Até então os frades Beneditinos tinham ocupado a Capela de Nossa Senhora do O', depois do Carmo e finalmente Capela Imperial, hoje Catedral. O morro de Aleixo o Velho, após a construção do mosteiro, passou a chamar-se morro de S. Bento. O Govêrno Imperial aquartelou alí os Granadeiros Alemães até sua transferência para o Quartel da Aclamação, no Campo de Sant'Ana, atual Ministério da Guerra. O morro de S. Bento foi também chamado do Manuel de Brito.

(10) O Hino da Independência composto e tocado pela 1.ª vez em S. Paulo pelo próprio Imperador, Houve outro Hino da Independência, da autoria do maestro Marcos Antonio Portugal, que não teve voga, nem foi oficializado. A letra do Hino da Independência — "Brava gente brasileira" foi de Evaristo da Veiga.

Não se deve confundir o Hino Imperial ou da Independência com o Hino Nacional Brasileiro. Êste é composição do grande mestre Francisco Manuel da Silva, nascido no Rio de Janeiro a 21 de fevereiro de 1795 e ai falecido a 18 de dezembro de 1865. Segundo vários historiadores, o Hino Nacional foi composto para as festas da coroação de D. Pedro II, em 1841. Todavia, segundo pesquisas feitas pelo sr. Agostinho de Almeida, dedicado estudioso da questão, o manuscrito de Francisco Manuel, existente na Escola Nacional de Música, está junto com a letra de Ovídio Saraiva de Carvalho — "Ao heróico dia 7 de abril" (1831), escrita por ocasião da abdicação de D. Pedro I; Francisco Manuel compôs um hino para a Coroação, cujo manuscrito, com versos de João José de Souza e

dos navios facil e sem perigos; rochedos de granito no meio da cidade, formando excelente e inesgotavel tesouro de material de construção; abundância de água cristalina, descendo das serras próximas para os vales, pelos quais a cidade serpenteia com seus braços gigantescos; e êsses montes cobertos de matas virgens, que asseguram farta provisão de lenha para séculos, tendo de permeio campos tão férteis e com tal fôrça de produção do sólo que os produtos comuns das hortas européias podem ser semeados e colhidos seis e oito vezes por ano. O mar fornece em abundância excelente pescado, nas praias formigam os caranguejos e os rochedos se cobrem de ostras e mariscos. Sómente a carne de vaca é quase intragável, não por falta de pastagens, mas porque se não tem o menor cuidado com as boiadas durante a viagem para a cidade e se procede à matança da mais detestavel maneira. A carne de porco, pelo contrário, é tão bôa como nunca provei na Europa, talvez por serem os animais alimentados com frutas e mortos ainda novinhos. As aves são medíocres e caríssimas.

Tôdas essas vantagens se corôam com um céu eternamente limpo e com uma brisa que refresca o ardente calor da atmosfera, durante os meses do verão: janeiro, fevereiro e março. Isso, porém, favorece a preguiça e a inata sujeira de tôdos os povos meridionais. A imundície de tão grande cidade com outro clima empestaria as ruas, pois cavalos e cães ficam onde cairam

---

Silva do Rio, irmão do historiador Joaquim Norberto, se encontra na Biblioteca Nacional; em 1838, conforme noticia o "Jornal do Comércio" de 21 de fevereiro dêsse ano, a banda de música da nau francesa "Hércules", que trouxe ao Rio o Príncipe de Joinville, noivo da Princesa D. Francisca, tocou "o Hino Nacional, composto pelo sr. Francisco Manuel da Silva"; do que se infere a existência do mesmo hino antes de 1841, data da coroação, e ter sido feito em 1831, quando da abdicação do primeiro Imperador.

A confusão de que nasceu o êrro de se atribuir ao Hino Nacional a data de 1841 vem possivelmente do fato de lhe ter sido adaptada uma letra anónima referente às festas da coroação de D. Pedro II. Releva notar que Ernesto Vieira, em seu "Dicionário Biográfico de Músicos Portugueses", afirma que, por ocasião da Independência, Francisco Manuel da Silva fez um hino, "que foi e ainda é o Hino Nacional do Brasil". O grande cultor da memória do maestro insigne, sr. Agostinho de Almeida, alia-se a esta opinião e admite ter sido a composição do hino contemporânea da Independência.

O túmulo de Francisco Manuel da Silva acha-se no Cemitério de S. Francisco de Paula, em Catumbi.

(11) Niterói. Êste nome já era dado ao lado da Baia fronteiro ao Rio, pelos indígenas. Batista Caetano assim o explica: "y-i-terói, água que se esconde, dando-se naturalmente o metaplasmo de *y-i* em *ny*, donde *Nyteroy*"

(12) A fortaleza de Santa Cruz foi levantada no lugar do antigo forte denominado de Nossa Senhora da Guia, erigido de 1588 a 1598 pelo Governador Salvador Corrêa de Sá e Benevides. A 11 de fevereiro de 1599, êsse forte detinha a bala a esquadra holandesa de Olivier van Noort. Santa Cruz, que a substituiu, foi terminada a 6 de novembro de 1696, no

mortos, as cloacas despejam-se nas praias e praças públicas, e os mortos são sepultados nas igrejas. É tão grande a fôrça do sol e do ar, combinada com a atividade de milhões de insetos, que só raras vezes se póde desenvolver um fedor constante. Dos morros próximos desce para a cidade o cheiro suave dos laranjais floridos, que, em geral, predomina sôbre quaisquer outros.

Nêsse interim, a Imperatriz lêra as cartas do Cavalheiro von S-r e perguntou pelos cães que lhe enviára de presente (14). Trouxeram-nos e lhe deram grande prazer, embora fossem míseros animais. Aliás, não vale a pena enviar cães de caça de bôa raça alemã a esta parte da América. Já na viagem o calor tropical muda completamente seu temperamento. Os mais vivos tornam-se preguiçoçsos e lânguidos, esquecendo depressa o que aprenderam na Europa. Os cães espanhóis dão melhor resultado, principalmente os podengos, que tambem se prestam para a caça (15). É uma invenção dizer-se que os cães não ladram entre os solstícios, perdem a voz e os pêlos. No entanto, algumas raças americanas nascem sem pêlos e, apesar disso, ladram como as outras.

A Imperatriz é grande amadora da caça. Dizem que atira tão bem quanto monta.

O Imperador ocupou-se principalmente com um suposto

---

govêrno de Sebastião de Castro Caldas. O primitivo forte de Santa Cruz ficava no local atualmente ocupado pela igreja da Cruz dos Militares e protegia o desembarcadouro da cidade.

A fortaleza de S. João ficou pronta em 1618, com as baterias de S. Martinho, S. Diogo, S. José e S. Teodósio.

As obras da Lage ou Lagem, no ilhéu do mesmo nome, que os franceses chamavam Ratier, fôram começadas somente depois da invasão de Duguay-Trouin e acabadas depois de 1718.

Em Villegaignon, havia uma bateria de roda, isto é, ao redor da ilha, que foi destruida por uma explosão a 12 de setembro de 1711, quando da entrada de Duguay-Trouin. Em 1761, o Governador Gomes Freire, Conde de Bobadela, levantou na ilha o forte de S. Francisco Xavier. A Ordem Régia de 22 de novembro de 1767 mandou concluir as obras da bateria de roda.

Na ilha das Cobras, conhecida até 1587 pelo nome de ilha da Madeira, tão coberta de matas se achava, e pertencente ao oleiro João Gutierres, o Governador Salvador Corrêa de Sá e Benevides fez construir o pequeno forte de Santa Margarida, terminado em março de 1641, cujo 1.º comandante foi Artur de Sá. Em 1711, estava armado com 11 peças. Duguay-Trouin apoderou-se dêle. Em 1712, tinha 12 bôcas de fogo. Em 1736, o Brigadeiro Silva Pais, notável pela sua atuação na defesa de nossas fronteiras meridionais, fazia a planta da fortaleza de S. José, alí construida em 1761.

(13) Ave da família dos "Phenicopteridas": *Phenicopterus roseus*, fenicoptero róseo. No Brasil, chamava-se geralmente flamengo a garça vermelha, o *guará-piranga* ou *guará-miranga* dos índios.

(14) Em todos os barcos que traziam colonos e soldados, Schaffer mandava presentes aos Imperadores, "coisas originais", registra Bosche. Vinham cães e sobretudo cavalos de boa raça e estimação. Alguns encomendados em cartas sucessivas, como os dois castanhos do Bailio May, em

aluno da Escola de Minas de Freiberg (16), vindo no nosso transporte, que desembarcára com seu traje típico. Examinou-o por tôdos os lados e, rindo, gracejou da roupa singular. O homem estava, portanto, em maré de fortuna, o que devia ao acaso ou, antes, àquela parte de sua vestimenta que, no linguajar mineiro, tem nome tão pinturesco quanto indecente, a qual foi na verdade o que chamou a atenção do soberano (17). Todavia sua ignorância passava dos limites. Enviado à Província de S. Paulo, para melhorar as suas fábricas de ferro (18), pouco tempo alí se demorou. Regressou ao Rio de Janeiro e trabalha na Casa da Moeda como ferreiro, ofício de que entende mais do que de mineralogia, cujos rudimentos mal sabe.

A variegada multidão começou pouco a pouco a dispersar-se. O Imperador ajudou a esposa a montar e ela partiu com o sequito pelas ruas a meio galope. D. Pedro alcançou-a a tôda brida. Êle é, sem dúvida, o melhor cavaleiro de sua capital.

Os nossos soldados foram conduzidos para o quartel do 2º Batalhão de Granadeiros no Mosteiro de S. Bento. Alí os mediram e os repartiram pelo tamanho entre êsse batalhão e o 27º de Caçadores (19), também formado por alemães. Os oficiais que os acompanhavam podiam ir para onde quisessem. Não se cuidou de seu alojamento e alimentação. Dias após a chegada, o sr. de Miranda ofereceu-lhes um jantar, que deu oportunidade à maioria, que pisava sem dinheiro o sólo americano, a saciar sua velha fome.

Illefelds, que eram famosos e aos quais aludia a Imperatriz em carta a Schaffer.

(15) Cães espanhóis são os fraldeiros ou fraldiqueiros de pêlo sedoso, que os franceses chamam *épagneuls*. Na Espanha, eram chamados *perros*, corruptela de *patrius*, diminuição de *canis patrius*, o cão da terra. O podengo é do gênero e também se denomina cão-de-busca. E' o *terrier* de franceses e ingleses. Aliás, no texto, o autor emprega a expressão *terrier*.

(16) Cidade da Saxônia, em cuja catedral se vêm os túmulos do ramo Albertino da Casa Real de Saxe, com monumentos históricos e uma notável Escola de Minas.

(17) A roupa de mineiro tem nas calças um fundo de couro. Assim se compreende o que o autor quer dizer.

(18) As fábricas ou fundições de ferro de S. Paulo datavam da primeira metade do século XVII; mas desde o ano de 1578, quando fôram descobertas as jazidas do minério, a administração encarava o assunto. Francisco Lopes Pinto, que faleceu a 26 de fevereiro de 1629, com seu cunhado Diogo Quadros, montára a primeira fundição em Iberapuera, perto de Santo Amaro, a qual se extinguiu com sua morte. Foi êle tambem o fundador da de Biraçoiaba, ou Arassoiava, como se lê em alguns documentos, mais tarde denominada Fabrica de S. João de Ipanema. No ano de 1798, experimentou-se a habilitação do famoso João Manso, cognominado o Químico, muito criticado mais tarde pelo próprio governador de S. Paulo. Dizia-se que o ferro fundido por êle era quebradiço. A Carta Régia de 4 de dezembro de 1810 deu ao Govêrno a exploração das minas. No mêsmo ano, contratou-se uma turma de técnicos suécos, chefiados por Carlos Gustavo Hedburg, para trabalhar o ferro. Os suécos se desentenderam e sua vinda não produziu resultado apreciavel. Daí a Carta Régia

Mais tarde, cada um recebeu, até ser colocado, um cruzado ou 400 réis, mais ou menos meio thaler (20) em moeda corrente, verdadeira ninharia numa cidade onde tôdas as necessidades da vida européia são caríssimas e só vive barato quem sabe aproveitar as oportunidades e restringir-se aos produtos da terra. Por um quarto pequeno e horrivel, tive de pagar 10 mil réis mensais, isto é, 15 thalers. Na Alemanha, um criado não se contentaria com êsse cômodo e com móveis tão pobres. Alí, tive de agradecer a Deus tê-lo encontrado.

Quatro dias após minha chegada ao Rio de Janeiro, levei num duelo um tiro no pé esquerdo. A bala penetrou pela polpa do polegar e, sem causar grande dano aos ossos, saiu pelo pé. O dedo mindinho sofreu um pouco. Corri perigo nos primeiros momentos, por causa duma contração espasmódica na bôca. Minha robusta constituição salvou-me ainda dessa vez. Em três ou quatro semanas, estava tão bem que já podia andar, embora coxeando.

Certamente o leitor desejará saber a razão dêsse duelo. Se eu quiusesse satisfazer-lhe a perdoavel curiosidade, deveria contar uma história muito comprida, que teria pouco interêsse para muitos e cuja recordação faz vibrar dolorosamente minhas fibras mais intímas. Basta esta explicação: ser importuno nas relações amorosas força a injurias graves que só se vingam a bala ou ponta de espada.

Embora as leis brasileiras sejam muito severas contra o duelo, punindo o simples desafio com banimento ou deportação, eu e meu adversário não sofremos o menor castigo. Ambos ainda não estávamos a serviço do Estado e, por isso, no meu fraco entender, mesmo que a história viesse à baila, não lhe teriam dado maior importância.

---

de 7 de setembro de 1814, suspendendo os trabalhos. Êstes eram feitos com fôrnos altos, no tempo denominados Stuckofen. A direção da fabrica foi entregue no ano referido a Frederico Guilherme de Varnhagen, pai do historiador dêsse nome, oficial alemão a serviço do Brasil, que a deixou em 1821. Foi substituido por técnicos prussianos que só faziam beber e entrou na decadência. Explica-se, pois, o interesse do Imperador por um técnico que a fizesse voltar ao que fôra, manifestado na maneira por que acolheu o pretenso aluno da Escola de Minas de Freyberg. A fundição estava sob a guarda do Ministério da Guerra, como base da nossa indústria bélica, então quasi inexistente. No ano de 1825, pelo Decreto de 29 de março, foi transferida para o Ministério do Imperio, só revertendo ao da Guerra em 1852.

A nomeação de Frederico Guilherme de Varnhagen para a fundição de Ipanema foi feita a 27 de fevereiro de 1814, mas êle só tomou posse do cargo um ano depois, em 27 de fevereiro de 1815. O seu primeiro posto no Exército Português foi de Sargento-Mór, equivalente a Major. Mais tarde recebeu a promoção a Coronel. Era pai do notável autor da "História Geral do Brasil", Frederico Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, nascido em Sorocaba a 17 de fevereiro de 1819 e falecido em Viena a 29 de junho de 1878.

(19) Os batalhões de Granadeiros, como os de Fusileiros, eram na-

Durante o tempo em que fiquei de cama, pude fazer meditações edificantes sôbre o assunto, sem o menor pressentimento de em breve ter de empregar seus resultados práticos. Na Europa, numa sociedade educada, compenetrada do mais delicado sentimento de honra, o duelo é um mal inevitavel ,como único meio de conservar o espírito de ordem, precaução e decência, que torna tão atraentes as relações das classes superiores. Querer bater-se entre caboclos e botocudos seria loucura e desafiar um português é mais perigoso do que assassiná-lo. (21)

O selvagem vinga-se imediatamente de qualquer ofensa. O meridional educado engole insultos e até pancadas; mas sabe admiravelmente empregar no silêncio da noite suas armas prediletas, o veneno e o punhal. Rí-se dum desafio ou dêle se serve para perdição de seu inimigo.

Duelos e facadas, que é como se chama um crime muito comum no Brasil, às vezes ignominiosamente praticado por assassinos assalariados, têm sua utilidade social. Evitam grosserias e chalaças ofensivas em tôdas as rodas, tornam os homens discretos e respeitosos para com o belo-sexo, e fazem as mulheres mais amáveis e cautelosas do que lhes permitiria a inata vaidade aumentada pela lisonja, se esta livremente se pudesse externar. Numa palavra, o medo de ofender e a certeza do castigo a tôda afronta permitem a agradavel conversa, em que o sarcasmo não chega a doer, porque grande dóse de lisonja lhe tira o amargor. Mesmo que o revide nasça de exagerada compreensão da honra e dos restos dum sentimento cavalheiresco já fóra do nosso tempo, como acontece na Europa, ou duma paixão mais negra que fere sua vítima com covarde segurança, máu grado a condenação de ambos êsses motivos pela moral, é inegavel que a

---

época considerados *batalhões pesados*, com oito ou dez companhias, armas mais longas e tamanho maior exigido para os soldados; os de Caçadores, infantaria ligeira, batalhões leves, ligeiros, com quatro ou seis companhias, armas mais curtas e tamanho menor. Era costume medir ou *tosar* os soldados antes de distribuí-los pelos corpos de acôrdo com o seu físico. Chamavam-se tosadores aos encarregados dêsse serviço. *Tasadores* diziam os espanhóis.

(20) Moeda alemã antiga, de prata, às vezes chamada em autores portugueses escudo. Seu nome vem das peças cunhadas no século XVI com o ouro das minas de Joachimsthal, que se denominaram ao princípio Joachimsthaler e finalmente Thaler. O Thaler dividia-se em 15 Batzen e 60 Kreutzers ou cruzados. Em 1666, cunharam-se os Reichs-Thaler, cujas principais variações fôram o Current-Thaler ou thaler corrente, comum, o Species-Thaler ou thaler especial, de caráter comemorativo, e o Reichs-Thaler ou thaler imperial. O thaler comum valia 3 marcos modernos. Podemos calcular seu valor na época aquí referida em mais ou menos 660 rs. ou 66 centavos.

(21) No Brasil, nunca pegou o costume do duelo e sempre se resolveram as pendências de homem para homem, ao sabor do momento. Como, porém, algumas vezes certos indivíduos se vingavam à traição ou por mãos assalariadas, o autor generaliza com certa injustiça o caso.

estrutura da alta sociedade seria abalada em seus alicerces, se a brutalidade e a inclinação para a sátira não encontrassem corretivo.

Felizmente, na Europa, o homem educado raras vezes se vê obrigado a entrar numa roda que mais ou menos não corresponda a tôdas as exigências da bôa educação. Dessa maneira, o leitor dificilmente compreenderá os sentimentos desagradaveis, os incômodos e as ofensas causadas por uma sociedade em que as mais delicadas atenções podem ser calcadas pela violência nela reinante, pelas baixas intrigas que a movem e pela falta de idéias razoaveis, o que se torna mais sensivel em um país onde o espírito encontra pouco alimento.

O que aquí pinto é o que se passa nos grupos de nossos conterrâneos no Rio de Janeiro, com poucas excepções. Parece que só se reunem para trocar grosserias. A preponderância do espírito somente se revela em brincadeiras porcas e sarcasmos rudes. É impossível desejar uma palestra leve que somente toque na superfície do assunto, sem esgotá-lo. A gente se afasta ofendida e amargurada. A inimizade crescente produz miseráveis mexericos, desenterram-se lembranças antigas para ridiculizar êste ou aquêle, acrescentam-se a velhas ligações novos e odiosos pormenores, que se tornam públicos, e, dessa maneira, se destrói o resto da reputação que nos seguiu além do oceano.

Êsse bom renome não seria muito grande, pois estas observações se referem principalmente às tropas dalí, compostas de gente que não deixou a Europa por ser modêlo de virtudes. Mas até entre os comerciantes alemães floresce a má educação e pouco é o seu gôsto pela sociabilidade. Vivem como cães e gatos. Os únicos assuntos de suas palestras, quando ultrapassam o câmbio e as falências de Londres, são mulheres, cavalos e cães. Tôdos afetam a lingua e os costumes ingleses. *Pass the battle and help yourself* (22) é o seu melífluo estribilho. A parte mais sensata vive para si e sua casa. Todavia, em ambas as classes, há brilhantes exceções.

Aproveitei minha doença para aprender inglês e um pouco de português, idiomas que quase não entendia à minha chegada. Quanto mais, graças a essas línguas, tive contacto com outros estrangeiros, mais me afastei de meus conterrâneos. Devo confessar que isso não me fez muito popular entre êles e que em pouco tempo escassearam meus amigos alemães, o que me não importava, porque não pretendia servir com êles e sim arranjar um posto na Marinha.

Contudo, vivia bem agradavelmente na pequena roda de minha casa, composta de três ou quatro alemães de categoria so-

(22) Deixe correr a batalha e trate de si, ou melhor, na nossa linguagem popular: trate de si e deixe correr o marfim. Ou ainda: é tempo de muricí cada qual cuide de si.

frivel, de alguns ingleses e suecos. A quantidade de novas impressões alimentava abundantemente meu espírito. A natureza grandiosa que envolvia a grande capital agradava ao meu senso de belcza. E interessantes relações devidas a um acaso feliz completavam a satisfação dêsse sentido mais plástico do que pinturesco. Nêsse período, cheguei a ser o que não fôra na minha mais brilhante fase na Europa — um cavalheiro de sociedade.

Um decreto do Imperador, datado de 19 de abril (23) e publicado em Ordem do Dia do Comando Geral a 28 do mesmo mês, me nomeou Tenente do 2º Batalhão de Granadeiros de 1ª Linha, o que transtornou meus projetos, porque, como já disse, não tencionava servir no Corpo de Estrangeiros, que se compunha do 1º e 2º de Granadeiros, do 27º e 28º de Caçadores de 1ª Linha, e havia em meu pedido de colocação claramente explicado minhas esperanças e espectativas. (24)

Em Hamburgo, o Cavalheiro von S-r me prometera um acesso e acenara com a esperança dum posto no Estado-Maior, conforme meus desejos. Referi-me no meu requerimento ao relatório por êle mandado a Sua Majestade a Imperatriz, enunciando, ao mesmo tempo, o desejo de entrar para a Marinha, que condizia melhor com as minhas inclinações. Dirigi um protesto ao Ministro da Guerra e outro ao Imperador, os quais de nada serviram. Estava escrito no livro do destino que eu seria granadeiro.

Fui a S. Cristovam e pedi a alta interferência da Imperatriz em meu favor. Desejava tão somente a restituição das despesas que fizera e uma pequena soma para voltar à Europa. Sua Majestade respondeu-me, com a amavel franqueza que caracteriza a Augusta filha da Casa de Habsburgo, que não dispunha de influência nem de dinheiro, tendo somente muito bôa vontade para com seus patrícios alemães. Tive a honra de beijar as mãos de Sua Majestade Imperial, da Princesa Maria da Glória, e de tôdas as Pequeninas (25), como chamam as princesas mais novas e, cheio de louvável resignação, voltei à cidade.

---

(23) De 1825. Uma quinzena após a chegada do autor ao Rio de Janeiro. A data do decreto mostra que não podia ter vindo no mesmo navio de Bosche.

(24) O Corpo de Estrangeiros foi criado por Decreto de 8 de janeiro de 1823, constituido de um Regimento de Infantaria, tendo sido logo organizado o 1.º Batalhão, com o efetivo de 844 praças, sendo cada companhia de 139. O Decreto de 13 de outubro de 1824 modificou essa organização para 1 Batalhão de Granadeiros e 2 de Caçadores. Um mês depois, a 13 de novembro de 1824, outro Decreto criava o 2.º Batalhão de Granadeiros. Foi esta a situação da tropa mercenária que o autor encontrou ao chegar ao Rio de Janeiro. Seu depoimento é exato.

(25) As Pequeninas eram as Princesas: *D. Januária*, Maria Joana Carlota Leopoldina Cândida Francisca Xavier de Paula Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga, nascida em 11 de março de 1822, que casaria a 28 de abril de 1844 com Luiz Carlos José de Bourbon, Príncipe das Duas Sicílias e Conde de Aquila, falecendo a 5 de março de 1897; *D. Paula* Mariana Joana Carlota, nascida em 17 de fevereiro de 1823 e falecida a 15 de ja-

Por êsse tempo, um de meus amigos europeus, o Major H-e (26), homem extraordinário, tanto por suas aventuras ,quanto por seu espírito, veio alistar-se no Rio de Janeiro. O Cavalheiro von S-r prometera-lhe o posto de Tenente-Coronel, distinção que bem merecia por ter angariado, por sua própria conta, na Alemanha, muita gente para o serviço imperial. O Major H-e não era um estranho à terra americana. Acompanhara o vôo vitorioso de Bolivar e, como Tenente-Coronel do Regimento do General Devereux, tomára parte nas glórias da batalha de Carabobo (27). Teve como paga a ingratidão. Da Bolívia passou ao México, onde presenciou a agonia dêsse efêmero Império. Sua curta carreira terminou alí com a queda de Iturbide (28). Foi obrigado a jurar que jamais pisaria o sólo da República sob pena de fusilamento, se quebrasse sua promessa. Seguiu para a América do Norte, de onde, pobre e desapontado, voltou à Inglaterra, sua pátria. Contudo, as mais amargas desilusões não foram capazes de abrandar suas ambições ou saciar sua sêde de ação. De Liorne, Iturbide convidou-o a tomar parte em sua aventurosa expedição. Resistiu a essa tentação ou por delicadeza de consciência ou por bem conhecer a desproporção entre as fôrças do ex-Imperador com seus partidários e as da jovem República Mexicana, prevendo o infeliz desenlace da tentativa.

---

neiro de 1833; e *D. Francisca* Carolina Joana Carlota Leopoldina Romana Xavier de Paula Gabriela Rafaela Gonzaga, nascida em 2 de agosto de 1824, que casou a 1.º de maio de 1843 com Francisco Fernando Filipe Luiz de Orleans, Principe de Joinville.

Além das Pequeninas, nasceram a 26 de abril de 1820 o Príncipe *D. Miguel*, que morreu pouco depois, a 6 de março de 1821; *D. João Carlos* Pedro Leopoldo, Príncipe da Beira, que faleceu a 4 de fevereiro de 1822; e a 2 de dezembro de 1825, o Príncipe *D. Pedro de Alcântara*, que foi o segundo Imperador do Brasil.

A Princesa *D. Maria da Glória* era a primogenita do casal imperial e tinha os seguintes nomes: D. Maria da Glória Joana Carlota Leopoldina Isidora da Cruz Francisca Xavier de Paula Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga. Nascida em 4 de abril de 1819, faleceu a 15 de novembro de 1853 com 34 anos de idade. Casou em primeiras nupcias com D. Augusto, Duque de Leuchtenberg e de Santa Cruz; em segundas, com D. Fernando de Saxe Coburgo. Reinou em Portugal sob o nome de D. Maria II e foi mãe de dois Reis: D. Pedro V e D. Luiz I.

(26) O Major Heise, veterano da guerra da Colômbia, que organizou o esquadrão de Lanceiros Alemães de Pôrto Alegre, o qual se bateu no Passo do Rosário (Ituzaingó). Dêle o autor falará mais adiante. Conhece-se na Alemanha a família fidalga Heise-Rotenburg, originária do Grão Ducado de Mecklemburgo.

(27) A batalha de Carabobo, travada na Colômbia a 24 de junho de 1821 entre os insurgentes e os espanhóis, foi, no dizer de Bartolomeu Mitre, "el Waterloo de los realistas". O vencedor dessa pugna que teve grande influência nos destinos das jovens nações americanas foi Simão Bolivar. Para o General José Antonio Paez, um dos participantes da luta, ela significa para a América Espanhola tanto quanto a de Yorktown para a América Inglesa. O general Valencey, que comandava os espanhóis, perdeu suas melhores tropas e rendeu-se.

Travou conhecimento em Hamburgo com o Cavalheiro von S-r, que se aproveitou dêle algum tempo para seus alistamentos e depois o mandou para o Brasil, chefiando uma leva. Nesta parte da América, também não o guiou feliz estrêla. Apresentou-se ao Imperador com a medalha dos vencedores de Carabobo (29), o que logo provocou a aversão de Sua Majestade. Justamente nessa ocasião, D. Pedro andava muito prevenido contra tudo o que lembrasse Bolivar e as Repúblicas sul-americanas, porque estava no auge o levante na Província de Montevidéu, os bandos de La-Valleja e Frutuoso Ribeiro (30) se tornavam perigosa ameaça e parecia inevitavel a guerra contra Buenos Aires.

Na audiencia que lhe concedeu, o Imperador não respondeu ao discurso em espanhol do Major H-e, e, virando-se para seu sequito, disse em voz alta: — "Não quero êste oficial!" o que foi bastante para lhe tirar qualquer veleidade de engajamento. No entanto, o Major não se deu por vencido tão depressa. Saiu imediatamente do Hotel de l'Empire, onde alugára um quarto, e foi acampar com seu criado, alguns dias, sob a arcada do Pavilhão Imperial, isto no meio do Campo de Santana (31). Escreveu ao mesmo tempo ao Imperador, dizendo que não tinha dinheiro para regressar à Europa, nem meios para viver no Rio de Janeiro, implorando a graça de alistá-lo ou mandá-lo de volta e acres-

---

(28) D. Agostinho Iturbide nasceu em Valladolid, no México, em 1783, e morreu fuzilado em Padilla, no mesmo pais, em 1824. Oficial do Exército Espanhol na Guerra da Independência, em 1810, distinguiu-se nas fileiras realistas, contribuindo para as vitórias de Valladolid e Purnaran sôbre o chefe insurreto Morelos. O famoso Vice-Rei Apodaca nomeou-o por isso comandante do Exército Real do Norte. Nêsse comando, tornou-se suspeito aos espanhóis por causa de sua origem. Foi acusado de concussão e demitido em 1816. Após a Revolução Constitucional Espanhola de 1820, o Vice-Rei Apodaca pronunciou-se contra a Constituição chamada de Cadiz, apoiado no prestígio militar de Iturbide. A 24 de fevereiro de 1821, Iturbide lançou o célebre *Manifesto de Iguala*, no qual exigia a independência do México sob a forma de monarquia, com um Príncipe da Família Bourbon no trono. Deposto o Vice-Rei Apodaca, seu substituto O'Donojú sancionou o Manifesto de Iguala pelo tratado de Cordoba. Então, Iturbide, à frente de suas tropas, entrou triunfalmente na capital mexicana e assumiu a Regência da nova monarquia. As Côrtes Espanholas regeitaram o tratado e Iturbide proclamou-se Imperador sob o nome de D. Agostinho 1.º, dissolvendo por um golpe de Estado a Representação Nacional. O Partido Republicano e o Espanhol deram-se as mãos e se sublevaram contra êle. Não pôde resistir, abdicou em 1823 e foi para a Europa, onde passou a viver na Itália. Pouco tempo depois, em face do estado de anarquia que lavrava no México, entregue aos ódios das facções políticas, resolveu reconquistar o trono. Equipou uma esquadra e desembarcou no seu país. Aprisionado, foi condenado à morte pela Junta Governativa de Tamaulipas e executado em Padilla, na data acima referida.

(29) Por Decreto de 23 de julho de 1821, após a votação da Assembléia Constituinte de 20 do mesmo mês e ano, criou-se o distintivo dos Vencedores de Carabobo: um escudo dourado com cercadura de louros e o mote — *Vencedores en Carabobo — Ano XI*, que se usava na manga da farda do lado esquerdo.

(30) O Caudilho Oriental Fructuoso Rivera, que seus patriotas cha-

centando que esperava uma resposta, justamente naquêle mesmo Campo, onde, havia 4 anos, o povo unânime aclamara Sua Majestade Imperador do Brasil.

D. Pedro não deu atenção a êsse pedido e o Major H-e, que tão originalmente se celebrizára na capital, achou conveniente aceitar o convite dum inglês generoso, o sr. Jorge M (32) para asilar-se em uma de suas fazendas e alí estabelecer uma cutelaria em condições vantajosas.

Com grande pesar, vi-o afastar-se do Rio de Janeiro, porque era o melhor oficial que desejara seguir a bandeira auri-verde. Quanto ao resto de sua historia, será oportunamente contado.

Na mesma leva, veio também o antigo oficial dinamarquês von E-d (33), que se dirigiu ao Imperador em português, melhor recomendação do que a medalha dos vencedores de Carabobo e os sons desacostumados duma língua, que tôdo português detesta. Sua Majestade o nomeou Major Comandante do 3º Batalhão de Granadeiros de 1ª Linha a ser organizado como parte da mesma brigada a que pertencia o 2º, também composto de alemães. Comandava êste último o Coronel Cavaleiro Luiz dall'Hoste (34) e a Brigada, o Brigadeiro D. Francisco da Costa de Souza Macedo (35). Além dêsses, havia no Rio de Janeiro o 27º Batalhão de Caçadores, comandado pelo Major Wood-Yeathes.

---

mavam geralmente D. Frutos. Nasceu em 1791 no Uruguai e faleceu na vila do Serro Largo em 1854. Era Coronel do Exército de Artigas e aderiu ao General Carlos Frederico Lecor, na vitoriosa Campanha da Cisplatina pelas tropas luso-brasileiras Foi nomeado Brigadeiro graduado do Império a 26 de maio de 1823, passando a efetivo por Decreto de 12 de outubro de 1824. Quando Lavalleja invadiu a Província Cisplatina com o fito de libertá-la do Brasil, em 1825, Fructuoso Rivera traiu os brasileiros e passou-se para o lado contrário a 27 de abril. Foi Presidente da República do Uruguai em 1838.

No Brasil, era conhecido pelo seu nome abrasileirado, Frutuoso Ribeiro. E' com êle que figura em todos os documentos oficiais a seu respeito, existentes na Secretaria do Ministério da Guerra.

(31) Em 1818, por ocasião das festas da coroação de D. João VI, levantou-se no Campo de Sant Ana, a "vinte palmos do chão", um pavilhão para a Família Real assistir às mesmas com a necessária comodidade. Era todo rodeado de varandas e compunha-se de um pequeno salão e três aposentos menores ou quartos, forrados de damasco e veludo. Êsse pavilhão serviu às festas do 1.º Reinado e só desapareceu na aurora do 2.º, destruido pela explosão dos fogos destinados aos festejos da Maioridade de D. Pedro II, a 27 de julho de 1841. Durou, portanto, vinte e três anos.

(32) George Marck, comerciante no Rio de Janeiro, ao qual o autor ainda se referirá.

(33) O Major Eduardo von Ewald, que se dizia fidalgo dinamarquês e cuja nobreza foi muito discutida. No entanto, encontra-se na nobiliarquia alemã uma familia von Ewald, originária de Halberstadt, cujo brasão figura em Rietstap: esquartelado, no 1.º de ouro com um dextrochero armado de negro, em faixa, na ponta; no 2.º de azul com uma cabeça de cervo de prata, voltada à direita; no 3.º de azul com 3 árvores sôbre um terrado, tudo de sinopla; no 4.º de ouro com uma muralha de negro e nela, ao alto, dois arcos plenos, abertos em prata. Fôra capitão honorário de Cavalaria no Exército Dinamarquês.

O 28° de Caçadores estacionava em Pernambuco sob as ordens do Coronel Conde de Escargnoles (36). Desaparecera a denominação de Corpo de Estrangeiros.

Para dar ao leitor nítida idéia do teatro dos acontecimentos, que encherão a maior parte destas páginas, tentarei pintar no capítulo seguinte, resumidamente, um quadro que, sem pretensões à perfeição, possa modestamente pôr em relêvo os traços característicos desta cidade, em tôdos os sentidos fóra do comum, aproveitando como fundo o esplendor tropical da natureza que a cerca, afim de minorar as lamentaveis sensações provocadas por uma crúa narração de crimes e castigos, despotismo e intrigas, decadência de relações sociais, opressão e extorsão, traição e subôrno, tristes consequências de tôda revolução política (37); quadro da muito heroica e leal Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

Áquêles que se embriagam com o doce veneno de perniciosa filosofia e pensam talvez que, das ruinas dum regime derrubado, se levanta por um golpe de mágica o templo da liberdade, com puríssimas linhas gregas, alicerçado na virtude e na razão, desejo as experiências dos poucos anos que passei num fóco de agitações políticas, no meio dum povo naturalmente amavel e estimavel.

A falta de firmeza em tôdos os ramos do govêrno; contínuas mudanças de ministérios e sistemas perturbando a marcha tran-

---

(34) O Cavaleiro Luiz dall'Hoste, nobre saboiano, cujo nome se encontra em vários documentos da época com variadas grafias, veiu para o Brasil em 1817 no sequito da Arquiduquesa D. Leopoldina. Em 1827, o Imperador enviou-o à Europa, em missão confidencial que se prendia às negociações para seu segundo casamento. Partiu do Rio de Janeiro a bordo da fragata "Duquesa de Goiás" a 23 de junho de 1827, levando carta íntima de D. Pedro I ao Imperador da Áustria.

(35) D. Francisco da Costa de Souza e Macedo, Marquês da Cunha, nasceu em Lisbôa a 9 de maio de 1788 e alí faleceu a 16 de agosto de 1825. Oficial do Exército Português, comandou o 1.º Batalhão de Caçadores do Rio de Janeiro e, por ocasião da Independência, optou pela nacionalidade brasileira. Foi graduado em Brigadeiro, pôsto correspondente agora a General de Brgada, por Decreto de 9 de agosto de 1824, e designado para o comando da 1.ª Brigada de Infantaria, composta do Batalhão do Imperador como 1.º de Granadeiros e dos Batalhões Alemães como 2.º e 3.º de Granadeiros, em 1825. Pediu reforma a 20 de fevereiro de 1829. Era gentilhomem da Imperial Câmara, Veador e Mordomo-Mór de S. M. a Imperatriz. Possuia as véneras do Cristo e do Cruzeiro.

(36) O autor engana-se na transcrição do nome. Trata-se do Conde de Escragnolle, que deixou descendência no Brasil, sendo um de seus mais ilustres representantes atualmente o escritor e acadêmico Afonso de Escragnolle-Taunay, Diretor do Museu do Ipiranga, em S. Paulo.

A família nobre Robert d'Escragnolle é originária da Provença, França. Brasonava de ouro com uma aspa de sinopla, acompanhada no chefe por uma tôrre de xadrez do mesmo (Deschavannes — "Dict. de la Noblesse").

(37) O autor, como se verá em várias partes da obra, considera, com toda a razão, o encadeamento de sucessos desde 1817 à Independência do Brasil como o desenrolar de uma única revolução.

quila e rotineira da máquina do Estado; perigosa duplicidade em tôdas as resoluções do poder público; fôrças armadas sem disciplina, sem coragem e sem cavalheirismo, brilhantes qualidades que justamente deram fama imorredoura aos antepassados dêsse povo, os Albuquerques e os Gamas, comandadas por estrangeiros que se impõem ao executivo por meio de ameaças, se pagam à custa das Províncias distantes e o abandonam quando seu auxílio se torna mais necessário (38); um país imenso dilacerado por facções contrárias, com as Províncias do Norte em rebelião franca (39), ao Sul uma guerra ruinosa (40), e de permeio cárceres, grilhões e execuções; e tal venalidade nos juizes que, por dinheiro, qualquer crime póde ser remido. São estas as consequências duma revolução que provocou certo interêsse do observador calmo e moderado, por ter aparência de grandeza e de coisa extraordinária. Porém a desconfiança geral que dissolve tôdos os laços sociais ,a opressão e desamparo do povo, o bárbaro tratamento dispensado aos soldados ,a indígna conduta dos oficiais superiores para com os inferiores e a miséria dos pobres caboclos sacrificados a uma guerra ambiciosa, tudo isso provoca tédio, desgôsto, horror. As trevas do futuro ocultam o que se cristalizará desta fermentação geral. Só uma coisa é certa: não vale a pena invejar os contemporâneos, que tiveram a honra duvidosa de agentes dêsse processo político.

---

(38) Referência mais do que clara a Lord Cochrane.
(39) A revolução de 1824 alastrada de Pernambuco ao Ceará.
(40) A campanha da Cisplatina, que, começada em 1825, só terminou em 1828, exigindo grandes sacrifícios em homens e dinheiro. Seu custo total foi de 121 milhões de cruzados, isto é, 48 mil e quatrocentos contos, soma formidável para a época.

V

A CIDADE E A CÔRTE DO RIO DE JANEIRO

A Muito Leal e Heroica Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro (1), capital do vastíssimo Império do Brasil, como se diz comumente, está situada um pouco ao norte do Círculo Antártico (2), em uma das mais encantadoras regiões do mundo tropical. Por dois lados, é banhada pelo mar, cujo límpido espêlho, protegido por altas montanhas, raramente as tempestades perturbam. Rodeiam-na montes e rochedos pelo lado de terra, sem, no entanto, lhe estabelecer limites fixos. Como uma aranha, estende tentáculos gigantescos pelos vales românticos e estreitos, aos poucos vai galgando as alturas e perde-se, enfim, com seus arrabaldes nas matas da América do Sul.

Na cidade propriamente dita, tôdo espaço é aproveitado. Os pedregosos morros compreendidos no seu âmbito aos poucos desaparecem, conventos e igrejas corôam os seus cumes, e, onde há um declive mais suave, plantam-se jardins e laranjais. Elevam-se entre pedras núas palmeiras isoladas, o mais belo adôrno do mundo florestal dos trópicos. O ar límpido e fresco brinca em suas frondes sempre verdes. Borboletas e colibris voejam no meio das seculares árvores floridas, cobertas de maravilhosas parasitas, que parecem viver duma vida própria. Em tôdas as partes da cidade, se encontram vestígios da natureza exuberante, cuja imponência se sente bem de perto!

Por entre matas impenetráveies, alteia-se o Corcovado quase perpendicularmente, com a bandeira imperial a flutuar no seu cume e um cômodo caminho de acesso, que proclama a vitória da arte humana sôbre a natureza. O Pão de Açúcar, sinal característico da baía para os navios que a demandam, ainda não foi escalado por nenhum mortal. Um pouco mais ao sul, fica

---

(1) O título de Muito Leal foi dado à cidade do Rio de Janeiro pela Carta Régia de D. João V, datada de 6 de junho de 1647. A Carta Imperial de 9 de janeiro de 1823 a êsse título acrescentou o de Heróica. Citando ambos em 1825-1826, o autor está absolutamente certo.

(2) O autor devia dizer Trópico de Capricórnio em lugar de Círculo Antártico. Seu engano é manifesto.

o Altar (3), massiço de granito de forma regular ,de surpreendente semelhança com o Tafelberg, no Cabo da Bôa Esperança (4). No meio, lagôas de aspecto tão maravilhoso como se não encontram no Velho Mundo.

A situação da baía desculpa o engano dos primeiros descobridores julgando-a a embocadura de grande rio. A pouca largura da entrada, as ilhas dentro e fóra da barra, a enorme distância do seu fundo, a mudança alternada de suas correntezas e até o nome indígena, Rio Preto (5), foram motivos suficientes para o equívoco.

Por cima da superfície das águas, a vista contempla alegremente a praia fronteira. As côres variegadas das bandeiras de tôdas as nações dão vivo colorido ao espêlho verde escuro. Fortalezas côr de prata corôam rochedos isolados no meio do mar. Na fralda de uma montanha, fica Santa Cruz, chave do Porto. Nas elevações próximas, em fileira, os semáforos brincam em silêncio. Num cubo de granito cinzento, ligado à praia por uma ponte de madeira, pousa o solitário convento da Bôa-Viagem. Mais além, a Vila Real da Praia Grande estende-se em ampla curva à orla da praia. Laranjais floridos, cujas retas alamedas contrastam com a beleza sem regra das matas com que entestam, sobem suavemente por trás das alvas casas de campo. Vão e vêm barcos sem conta.

Na altura de Almanson (6), a paisagem já se apresenta mais selvagem e moles de pedra semeadas a êsmo limitam obrigatoriamente as plantações, embora não entravem a fôrça criadora da natureza. A baía alarga-se e nela se aglomeram muitas ilhas pequenas e românticas, tôdas ornadas pelo verde vivo da vegetação tropical. De vez em quando, vê-se um antigo convento ou uma moderna casa de campo nas suas baixas colinas. O ar es-

---

(3) O Pão de Açúcar foi escalado pela 1.ª vez por 2 oficiais da Marinha Inglesa a 23 de abril de 1863.

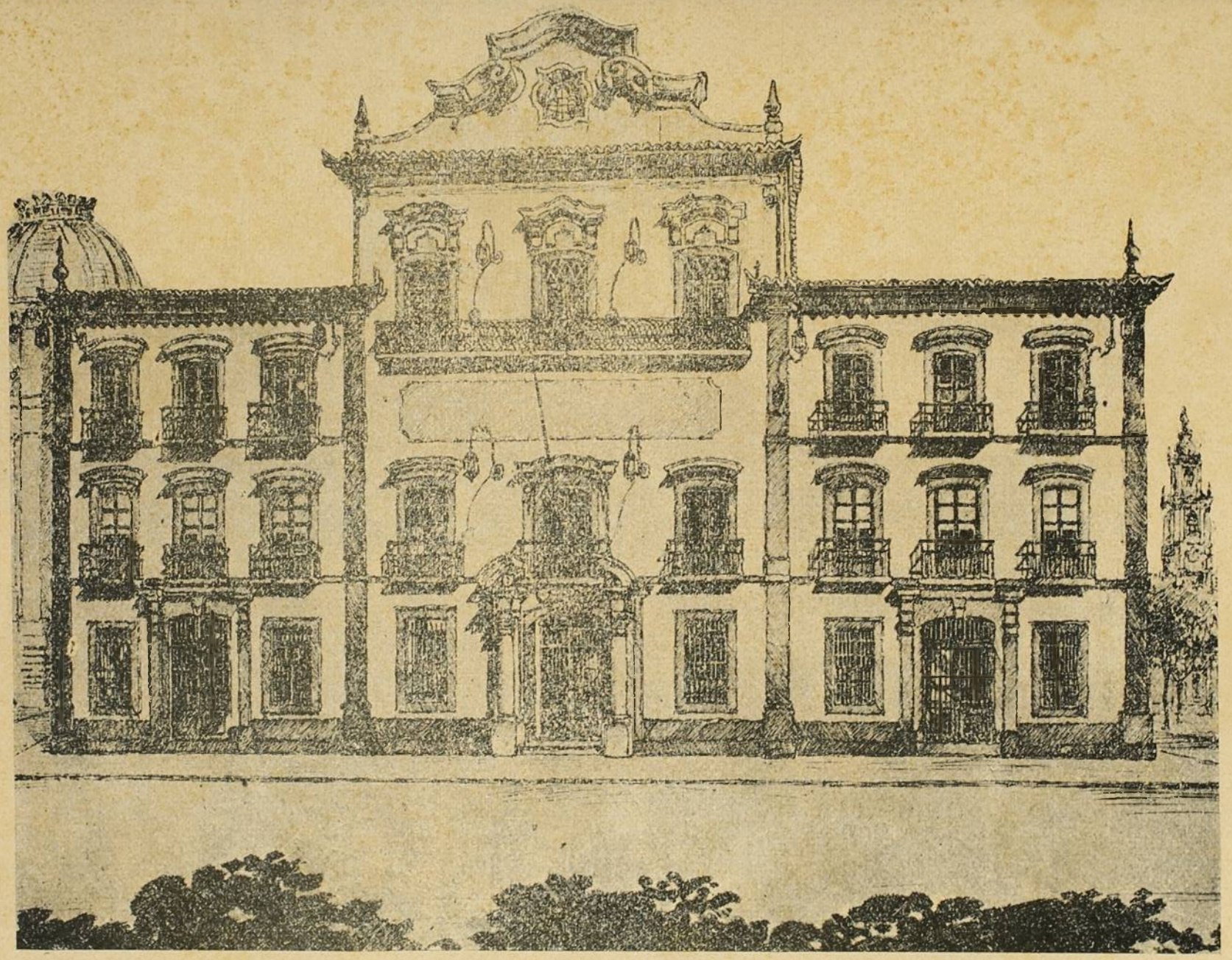
Der Altar, no original. O autor refere-se à pedra da Gávea. E' o único dos estrangeiros que escreveram sôbre o Rio de Janeiro que lhe dá êsse nome de Altar, aliás mais condizente com seu aspecto do que o de Gávea. Os franceses chamavam-lhe como os portugueses: *hune*, isto é, Gávea.

(4) No Cabo da Bôa Esperança, dominando o mar, há três montes de formas bizarras: O Drakenberg, com 3.400 metros de altitude ou Monte do Dragão; o Zwarteberg, com 2.200, monte tubular; e o Tafelberg, Monte da Mesa, com 1.100, que lembra a Gávea pela sua forma truncada.

(5) Engano do autor. O nome indígena Guanabara, segundo Teodoro Sampaio, formou-se de *Guanã-pará*. *Guanã* significa bacia ampla, baia; *pará*, rio. Portanto *Rio da Baia*.

Outros autores assinalam origem diversa ao nome Guanabara : de *Iguáambará*, a enseada do mar. Jean de Léry é quem primeiro regista a palavra Guanabara.

(6) A ponta da Armação. Mantemos geralmente os nomes com os erros ou adulterações do autor, retificando-os em nota, para não tirar nada do que caracteriza o trabalho do oficial estrangeiro.



O Palácio Real, depois Imperial, no Largo do Paço, hoje Praça 15 *de Novembro. Nêle funciona atualmente a Repartição dos Correios e Telégrafos.*
Duma água-forte de Wambach

tende um véu colorido sôbre as distâncias e, ao fundo, se erguem as massas gigantescas da serra dos Órgãos. Nuvens isoladas prendem-se aos seus picos fantásticos, que se enfileiram como os tubos de um órgão. Sobem dos vales altas colunas de fumaça, proclamando a existência de homens no meio dessas paragens selváticas e indicando sua atividade devastadora.

Na carta de Cabral, descobridor do Brasil, à Rainha de Portugal, reconhece-se perfeitamente a região. O local agora ocupado pela cidade era, então, um pântano, cujos restos ainda se notam entre ela e S. Cristovam, como em outras partes da Cidade Nova. Foi na ilha das Cobras que êle primeiro arvorou a bandeira real e a cruz. Os habitantes eram Tupinambás, povo ingênuo e de boa índole, que parecia ter qualquer noção de um Ente Supremo, demonstrando grande inclinação para o Cristianismo (7).

A vantagem da situação dêsse rio saltou logo aos olhos do Almirante português (8). A baía era bastante grande para conter todos os navios do mundo. Altas serranias protegem-na das fúrias das tempestades, que são raras nos solstícios, porém tanto mais perigosas. As praias de ambos os lados ofereciam pontos excelentes para a construção de fortalezas, as ilhas interpostas estreitavam ainda mais a pequena barra, a profundidade em volta era grande, os canais largos e a regular mudança do vento favorecia a entrada e saída dos navios. Tanto do ponto de vista mercantil como do militar, o local autorizava as melhores esperanças. Em pouco tempo, a nova colônia tornou-se importante cidade.

Contudo, o sistema de fortificações com que se quer defender o pôrto e a cidade conserva os mesmos defeitos inerentes a tôdas as construções da espécie na brilhante época do poderio português: baterias demasiado elevadas, cujo tiro não raspa a superfície do mar (9); seteiras altas e estreitas que não permitem livre jôgo às bôcas de fogo, o que é imprescindível para impedir a entrada duma frota. A ilha das Cobras presta-se mais a bombardear a cidade do que a um inimigo ancorado diante de suas

---

(7) Um chorrilho de tolices que vai por diante e até espanta num homem que se revela culto e em geral bem informado. Não houve nenhuma carta de Pedro Álvares Cabral à Rainha; mas do escrivão da Armada, Pero Vaz de Caminha, e do Físico da mesma, Mestre João, ao Rei D. Manuel. Nem seria possivel reconhecer em cartas os pormenores topográficos a que alude. O arvorar da bandeira e da Cruz pelo Descobridor do Brasil entre os Tupinambás, na ilha das Cobras, é de fazer rir a um frade de pedra, como se dizia antanho. Os Tupinambás habitavam no norte do país. A baía do Rio de Janeiro foi descoberta pelo português André Gonçalves, em cuja expedição vinha como piloto Américo Vespúcio, a 1 de janeiro de 1502. Não passou da barra, julgando-a foz de um rio, e daí o nome que lhe deu.

(8) Continuação das tolices. Pedro Álvares Cabral não teve o título de Almirante, mas sim o de Capitão-Mor.

(9) Evidenciou-se isso quando do assalto de Duguay-Trouin, em 1711. O depoimento dum de seus oficiais diz que os projéteis disparados pelos fortes passavam por cima dos navios.

muralhas (10). Em si própria, a cidade não possúe mais nenhuma defesa.

O velho forte de S. Sebastião acha-se em ruínas (11). Na língua de terra do Arsenal, a única obra de fortificação, sem o citado defeito da altura demasiada, está rodeada de edifícios. O mesmo se dá com a fortaleza de Nossa Senhora da Conceição, se já não lhe deram outro destino (12). Na praia de S. Cristovam, jazem restos de baterias, tristes resíduos dos dias da última revolução, quando rude bando de militares combateu contra as meias de sêda e as espadas de aço da Côrte por ter o Imperador dissolvido uma assembléia refratária, não com um discurso, mas com um rebenque (13).

A fortaleza da Praia Vermelha, a uma hora de distância da cidade, foi edificada dentro de princípios razoáveis (14). Ela defende a praia chã entre o Pão de Açúcar e o morro do Telegrado (15), impossibilitando um desembarque por êsse lado. Como posição militar não tem valor algum. Na costa meridional, constróem-se novas fortalezas enquanto as antigas se desfazem. Não sei qual a sua finalidade; mas, em caso de necessidade, será a natureza a melhor defesa desta terra. Não faço boa opinião do forte convencimento dos brasileiros na invencibilidade de suas fortificações e de seu pôrto, pois no decurso do tempo o êxito a não justificou.

Dos vários acontecimentos que isto comprovam, tomo a liberdade de lembrar apenas um. O Capitão da marinha mercante francesa Duguay-Trouin, há mais ou menos cem anos, forçou com pequena frota armada por particulares a entrada da barra,

---

(10) Também se evidenciou isso na mesma ocasião. O fogo dos canhões e perreiros franceses em bateria na ilha das Cobras acabou por dominar a cidade.

(11) O forte de S. Sebastião, que estava armado com 11 peças em 1711, quando das invasões francesas, ficava na encosta do morro do Castelo e desmoronou com as enxurradas provenientes das chuvas torrenciais, que desabaram continuamente sôbre o Rio de Janeiro durante sete dias e sete noites, a contar de 10 de fevereiro de 1811. O povo conservou longo tempo a memória do formidável aguaceiro, que ficou conhecido nas tradições cariocas como a *Água do Monte*. Por causa dêle, o folclore se enriqueceu com a cantiga popular do *Vem cá, Bitú*. Bitú era a alcunha familiar dum tal Vitorino, soldado do Batalhão de Henriques, que bebia como uma esponja. As enxurradas do morro o apanharam embriagado com um camarada também bêbedo e afogaram a êste. O povinho cantava:

Vem cá, Bitú, vem cá,
Que é dêle o teu camarada?
Água do monte o levou.
Não foi nada, não foi nada,
Foi cachaça que o matou.

O Príncipe Regente D. João mandou desarmar o forte de S. Sebastião e retirar dêle o material ainda aproveitável, após essa catástrofe. Assim, o autor o viu de fato em ruinas.

defendida além das fortalezas por 7 navios com 300 canhões, lançou ferros diante do forte da ilha das Cobras, bombardeou a cidade, queimou 3 náus de guerra, 2 fragatas e 60 navios de comércio, e extorquiu a contribuição forçada de 610 mil cruzados ou aproximadamente 300 mil thalers (16).

Avaliam-se os prejuizos dos portugueses em 25 milhões (17), importante soma para um pobre ninho de pescadores como naquele tempo costumavam na Metrópode chamar ao Rio de Janeiro. O assalto foi realizado com muita facilidade. Duguay-Trouin aproveitou o vento favorável, passando com sua frota sem grande dano entre as fortalezas de S. João e Santa Cruz, entre as ilhas da Lage e Villegaignon, pouco caso fez do fogo da ilha das Cobras, bombardeou a cidade e vingou brilhantemente a derrota de seu compatriota Leclecs (18), que, em 1710, tentára um desembarque, fôra aprisionado e passado a fio de espada (19).

Muito menor resistência encontraria hoje uma esquadra inglesa, se tentasse operação semelhante, porque, sem dúvida, o estado das fortificações não é superior ao daquele tempo e a arte náutica de manobrar se desenvolveu em alto gráu.

O Rio de Janeiro ocupa em situação e qualidade do solo um espaço muito irregular. Entretanto, grande parte da cidade forma um quadrilátero, limitado do lado do mar pelos morros de S. Bento e da Conceição, com a frente voltada para o pôrto, e daí se estendendo até o pantanal de S. Cristovam (20). Os morros de São Sebastião e de Santo Antônio separam-no das outras partes da cidade, que, acompanhando as linhas dos sopés apresentam aspecto menos regular. Salvo uma ou outra, as ruas não são largas e

---

Duguay-Trouin diz que êsse forte era chamado a Fortaleza Vermelha, dá-lhe como armamento 14 peças, fora os perreiros ou pequenos canhões, que atiravam balas de pedra, e o descreve com perfil quadrangular, barbeta e fossos.

(12) Em 1643, Miguel Carvalho Cardoso, ou de Souza, doou a ermida da Conceição sôbre o morro do mesmo nome aos frades do Carmo, para ali fundarem um convento de Recoletos. Daí se originou o edifício que, com o tempo, se tornou residência dos Bispos e Arcebispos do Rio de Janeiro. Êsse morro, que domina parte da cidade, foi também fortificado como vários outros. A fortaleza ficou metida entre o prédio episcopal e o do Seminário de S. José, fundado no século XVIII. E' a isso que alude o autor.

Quando Duguay-Trouin esteve no Rio de Janeiro, ao pé do morro da Conceição, voltada para o mar, havia uma bateria de 4 canhões. A cumeada era defendida por palissadas e fossos, com 6 peças apontadas nas ladeiras de acesso.

O morro do Livramento chamou-se algum tempo da Conceição de Paulo Caieiro, não devendo ser confundido com o outro.

(13) O autor foi mal informado. Não houve luta alguma por ocasião da dissolução da Assembléia Geral Constituinte. Os restos de baterias do lado de S. Cristovam eram naturalmente das que se estabeleceram, após as invasões francesas de 1710-1711, ao longo das praias e caminhos da cidade para defendê-la de outros ataques, senão das que fôram montadas ao tempo do Fico, na reação contra o General Avilez.

quasi tôdas se afastam da linha reta, mesmo onde não falta espaço, pois a natureza lhe é contrária e elas acompanham as curvas geniais dos montes e penedos em que se encostam. A Cidade Nova ainda está em formação com ruas mais largas e retilíneas. O aspecto dos bairros de Catumbí e do Catete é inteiramente campestre.

Na maioria, as casas são construídas ao gôsto português. Infelizmente, porém, já se encontram algumas que dêle se distanciam. Ocupa-se geralmente o rez-do-chão com armazens e lojas. Todos os outros andares têm balcões, o que faz o maior encanto da arquitetura meridional (21). E' fóra de dúvida que as janelas enfeiam qualquer edifício. Num país onde a casa somente deve oferecer abrigo contra o sol e a chuva, elas são contra indicadas. Entre sair dum quarto imediatamente para um balcão arejado e debruçar-se numa estreita janela, há grande diferença. Pode-se dizer ainda mais, para recomendá-los, que influenciam a vida íntima dum povo, no qual sempre foram de muita importância as boas relações de vizinhança. Como isso não vem agora ao caso, reservo-me para falar a respeito em outra ocasião. A verdade é que quem se acostuma às formas agradáveis dos balcões acha sem gôsto um edifício com janelas.

Antes da elevação do Imperador ao trono, a cidade quasi só possuía casas de um pavimento. Depois, subiu muito. Nas ruas principais, restam poucas daquelas velhas casas e há, pelo contrário, muitas de três, quatro e mais andares. A lei que permite levantar um andar sôbre o prédio visinho, se o proprietário dêste não quer ou não teem meios para essa construção, contribuiu imensamente para melhorar a cidade. Devido ao calor, já os fundamentos e paredes mestras são tão fortes (22) que, sem perigo, podem

---

(14) A Fortaleza, começada pelo Vice-Rei Conde da Cunha e terminada pelo Vice-Rei Marquês do Lavradio, de 1763-1767 a 1769-1779. A praia Vermelha chamou-se primitivamente Pôrto de Martim Afonso.

(15) O morro do Telégrafo é o atual Morro da Urca, em cujo cimo havia um mastro de telégrafo por sinais.

(16) Duzentos e quarenta e quatro contos de réis. A soma exata do resgate foi de 615 mil cruzados e mais 200 caixas de açúcar e 200 bois.

(17) Naturalmente de cruzados. 25 milhões correspondem a 8 mil contos, soma formidável para a época.

(18) Equivoco: Duclerc. O Capitão Duclerc entrou no Rio de Janeiro a 19 de setembro de 1710, sendo obrigado a render-se. Desembarcou em Guaratiba e veiu por terra. Entrou na cidade pelos caminhos de Mata-Porcos e Mata-Cavalos, isto é, ruas do Estácio, Frei Caneca e Riachuelo. Continuamente hostilizado e perdendo muita gente, acabou por entregar-se no trapiche da cidade, mais ou menos onde a atual rua do Ouvidor cruza a Direita ou 1.º de Março.

No ano seguinte, o Rei Luiz XIV encarregou o seu grande corsário Duguay Trouin de tirar desforra dêsse revés. A 14 de setembro de 1711, à frente de poderosa esquadra, Duguay-Trouin forçou a barra, favorecido pelo nevoeiro. Desembarcou em S. Diogo e artilhou os morros dêste nome, da Providência e do Livramento. Estabeleceu baterias na ilha das Cobras e na Prainha, bombarreando a cidade. A maior parte da população e as

aguentar diversos pavimentos. Nas águas furtadas, os tetos são abobadados ou em forma de tenda. As paredes divisórias não vão até em cima e param a certa altura. Num clima tão feliz, a livre circulação do ar é o maior dos benefícios e o único meio de afugentar os mosquitos, principal flagêlo do Novo Mundo.

O Paço Imperial (23) não difere muito dos outros edifícios da cidade. Seu interior não é deslumbrante e há centenas de casas particulares melhor alfaiadas. Mas sua posição transforma-o em um palácio de fadas. Por todos os lados, o ar refrescante do mar penetra nos altos aposentos abobadados. A vista que dêle se descortina sôbre o ancoradouro e a baía é surpreendentemente bela. A seus pés se estende uma praça limitada por um cáis massiço, onde durante horas se observa o colorido formigar da multidão. Emolduram-na casas de bom gôsto e esplendidas igrejas (24). O Imperador não reside no Paço. Além dos dias de gala em que alí recebe, tôdas as sextas-feiras dá nêle audiências públicas, bastando para isso utilizar as salas da frente, porque é raro um grande comparecimento. Usa-se o resto do vasto edifício para as repartições de vários ministérios. Demais, muitos funcionários da Côrte nêle residem. Ocupa com suas duas grandes alas um espaço de 7.500 passos quadrados e tem ora 2, ora 3, ora 4 andares (25).

No Rio de Janeiro, há umas 40 igrejas e conventos (26), excelentes hospitais, uma Casa le Expostos e Órfãos (27), escolas públicas, pelo método de Bell-Lancaster (28), uma Universidade (29), uma Academia de Marinha (30), um magnífico teatro (31) e, depois de Lisboa, a melhor canalização de água do

---

tropas a evacuaram e os franceses a puseram a saque. Seu resgate foi negociado mediante avultada contribuição em dinheiro e gêneros.

(19) Não é verdade que Duclerc tenha sido passado a fio de espada. Foi tratado como prisioneiro de distinção, recebeu aposentadoria em bôa casa e a cidade por menagem. Entre 7 e 8 horas da noite de 18 de março de 1711, foi assassinado na residência de João de Azevedo, onde morava, à rua da Candelária, por dois indivíduos misteriosamente mascarados, "rabuçados", diz um documento coévo. Enquanto os dois assassinos realizavam o crime, outros dois guardavam a escada. Correram vozes desencontradas sôbre o móvel dêsse assassínio. Falou-se muito em aventura amorosa. A devassa oficial nada apurou, segundo declarava o Governador do Rio de Janeiro, com acento de sinceridade, a Duguay Trouin, em documento escrito.

(20) Também chamado de S. Diogo, ocupando a extensão da atual Avenida do Mangue e seus arredores. A antiga Imburacica. Mais tarde chamou-se o Aterrado. No fim, ficava a Bica dos Marinheiros; dum lado, a Lagôa da Sentinela, entupida mais tarde com a terra de parte do morro de Pedro Dias ou do Senado; do outro, a praia de S. Diogo ou Saco do Alferes. A Bica dos Marinheiros foi, depois, a Ponte do Aterrado e é hoje a Ponte dos Marinheiros. O caminho que outrora para lá levava era a azinhaga de Mata-Cavalos, que cortava o Capueraçú, Rua do Riachuelo e Rua do Conde. Parte desta é agora Frei Caneca. Por isso, Mata Cavalos também se chamava o Caminho da Bica. Adiante da Bica dos Marinheiros estendia-se a praia de Diogo de Pina, atual Praia Formosa.

mundo. São ainda notáveis a Casa da Moeda, onde se encontram as imperiais oficinas de lapidadores de diamante, o Banco (32), a Alfândega (33), a Bolsa (34), um Museu (35), fundado pelo Rei D. João VI e o antigo palácio do Conde dos Arcos, agora ocupado pelo Senado (36).

Nenhuma capital européa pode gabar-se de possuir uma praça pública como a da Aclamação, geralmente denominada Campo de Sant'Ana. O pequeno pavilhão erguido no seu centro nêle se perde como a cabana dum pastor em vasto prado. Cobre-o o verde mais viçoso em tôdas as épocas do ano. Quando há fogos de vista, cabem alí folgadamente todos os habitantes da capital. Três vezes mais gente não o encheria de todo. A guarnição do Rio de Janeiro, que, antes da expedição a Montevidéu, se compunha de 8 mil homens, não dava para cercá-lo, formada em quadrado, e o Imperador, com sua Guarda de Honra, numeroso sequito, centenas de carruagens e milhares de espectadores reunidos na parte central, vistos de longe, pareciam apenas pequeno grupo brilhantemente colorido a mover-se de vagar sôbre o verde tapete do solo.

A praça da Constituição, que se chamou antes Largo do Rossio, fica mais para o centro da cidade (37). Em frente ao Teatro, vê-se o patíbulo para os fidalgos, bela coluna de pedra encimada pela esfera armilar do brasão nacional, da qual sáem quatro funestos braços na direção dos quatro pontos cardiais (38). Do outro lado, fica o palácio do Conde do Rio Sêco, titular, como se chamam os grandes fidalgos no Brasil, mais rico do Império (39). A próxima visão do significativo *memento mori* (40) pode causar às vezes

---

(21) Refere-se aos balcões ou sacadas, em geral bem salientes, com gradil de ferro, tão comuns nas casas da época. Nos tempos coloniais, os balcões eram cobertos de rótulas, formando uma caixa tôda de reixas ou adufas, por onde se via a rua sem ser visto. Eram os *mudejares* ou *mucharabios*, do árabe *mashrebych*, através do francês *moucharabi*. Êsses mucharabios fôram retirados, sendo substituidos por balaustradas ou varandins em virtude duma ordenança do Intendente Geral de Polícia do Rio de Janeiro, Paulo Viana, datada de 11 de junho de 1809.

(22) A grossura das paredes das velhas casas coloniais de fato servia de isoladora do calor. O depoimento é interessante.

(23) O Paço da Cidade, hoje Repartição dos Telégrafos, à praça 15 de Novembro, construido pelo Sargento-Mór de Batalha Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadela, 59.º Governador e 1.º Capitão General do Rio de Janeiro, quando mudou o centro da cidade do morro do Castelo para a planície, em 1743. Alí residiram 2 Vice-Reis do Brasil. Gomes Freire nasceu em Jurumenha, Portugal, em 1688 e governou o Rio, onde morreu a 1.º de janeiro de 1763, desde 1733.

(24) A igreja do Carmo e a Catedral, antiga Capela Imperial. No tempo, a Sé-Catedral era a atual igreja do Rosário. A Capela Real e Imperial foi antes Capela dos Terceiros do Carmo e de Nossa Senhora do O'.

(25) Engano. No máximo, três pavimentos na fachada principal e em parte das laterais, contando-se o térreo.

(26) 40 igrejas: Rosário, então Sé, Candelária, S. Francisco de Paula, Santo Antônio dos Pobres, S. José, Parto ou Expectação, Carmo, Capela

um bom efeito, sobretudo se não ofende a vista como essa forca, cujo efeito é decente e de bom gôsto.

O Teatro de S. Pedro de Alcântara e o Aqueduto são ambos obras primas de arquitetura (41). O primeiro pelo seu interior, onde o esplendor do luxo sobrepuja a nobreza do estilo. O outro pela imponência massiça e por satisfazer comodamente as necessidades duma grande capital. A água que leva à cidade brota nas faldas do Corcovado, desce por um cano estreito e protegido pouco a pouco ao longo dos morros até o convento de Santa Teresa, de onde uma arcaria dupla a transporta por cima do casário para o morro de Santo Antônio. A imensa construção foi executada segundo as mais puras linhas das obras similares no mais florescente período da arquitetura romana. Ela se oferece à vista com seus paredões duma alvura de neve realçados pelo fundo azul do céu tropical, que brilha dentro dos grandes arcos. Levantaram essa obra para durar eternamente. As pilastras da base são adequadas ao pêso que suportam. Os arcos são todos plenos, os da ordem superior mais altos e largos do que os da inferior, a galeria simples e em harmonia com o todo. As ruas que o aqueduto galga arrimam-se de seus dois lados, lá em baixo, em suaves elevações cobertas de jardins, capinzais e laranjais. Do convento de Santo Antônio o encanamento de água se ramifica pela cidade.

Os logradouros prediletos são o Largo do Paço (42) e o Passeio Público. O mais encantador dos arredores é o caminho ao longo do Aqueduto até o cume do Corcovado. Os brasileiros da gema preferem os passeios pela cidade ao anoitecer. As mulheres decentes são vistas somente pela manhã, nas igrejas.

A população do Rio de Janeiro deve ser mais ou menos de 200 mil almas. Um Professor de Matemática disse-me que a cal-

---

Imperial, S. Pedro, Penitência, Sacramento, Sant'Ana, S. Joaquim, Hospício ou Conceição da Bôa Morte, Mãe dos Homens, N. S. da Glória, Lapa do Destêrro, N. S. do Bom Sucesso ou Misericórdia, S. Sebastião do Castelo, Santo Inácio, Lapa dos Mascates ou dos Mercadores, Vera Cruz ou Cruz dos Militares, Santa Rita, Lampadosa, S. Jorge, S. Gregório Garcia, Glória do Outeiro, S. Domingos, S. Bento, Santo Antônio. N. S. da Ajuda, Santa Teresa, S. Francisco Xavier, Senhor dos Passos, Santa Luzia, Bom Jesús, Santa Efigênia, Espírito Santo, Conceição e S. Cristovam. Os conventos eram de S. Bento, dos Jesuitas, Santo Antônio, Carmo, Ajuda e Santa Teresa, ao todo seis.

(27) A Casa dos Expostos ficava na rua dos Barbonos, antigo Caminho do Destêrro, e rua dos Arcos Velhos da Carioca, hoje Evaristo da Veiga. Entre os hospitais, o Hospício do Carmo, o Recolhimento do Parto, o da Ordem Terceira, os Lázaros, fundado pelo Conde da Cunha, na antiga Chácara dos Jesuitas, em S. Cristovam, em 1766.

(28) O autor fornece aqui preciosa indicação sôbre os métodos pedagógicos usados no Primeiro Reinado.

André Bell, pastor protestante, nascido em Santo André, na Escóssia, em 1753 e falecido em 1832, sendo reitor de uma escola de órfãos, na índia, teve a idéia de fazer os alunos mais adiantados ensinarem aos mais atrasados. De volta, publicou na Inglaterra dois livros: "Experiência sôbre educação na Escola de Madrasta, em 1797" e "Instruções para a di-

culava em 250 mil (13). Estatísticas oficiais não são do conhecimento público, ou porque se não fizeram, ou porque convem guardar segrêdo sôbre seus resultados. Pode-se calcular um branco por três pessoas de côr. A quantidade de escravos sobrepuja a dos homens livres. O número de habitantes aumenta extremamente depressa, em parte, pela entrada de muitos estrangeiros, principalmente franceses, em parte, pelo crescimento como nunca da importação de negros. Só no mês de janeiro de 1826 foram importados mais de 5 mil, cuja maior parte ficou na cidade. Raramente se vêm alguns indígenas. Entre os soldados, porém, há os cabôclos, descendentes de negros e índios ou de índios e brancos (44). Os Botocudos nunca vêm à cidade espontaneamente (45).

Os habitantes do Rio de Janeiro gostam de ser chamados Cariocas, nome proveniente do do Aqueduto, que se denomina da Carioca (46). A cidade é governada por um Conselho Municipal, que se intitula Senado da Câmara e recebe o predicado de Ilustre. E' difícil dizer até onde vai a sua autoridade, parecendo, porém, que sua constituição não corresponde às realidade atuais.

Consagrarei um capítulo especial à condição moral do povo, cujo aspecto é desagradável. Restrinjo-me aquí a um curto resumo relativo a um passado próximo. No comêço do século, o Rio de Janeiro era habitado por uma gente venturosa, simples e amavel, com o contrapêso de ilimitada propensão para a libertinagem e da preguiça em alto gráu. O campo de intrigas, cujo germen sempre aquí existiu e que agora é a política, era, então, o amor. Não raras vezes disso resultavam crimes, que a religião fazia diminuir. Nos crimes políticos, praticados sem medo ou vergonha, ela nem influe mais. Os homens viviam em feliz ignorância. O

---

reção das escolas pelo sistema de Madrasta". Êsses trabalhos não tiveram a menor repercussão. Anos mais tarde, em 1807, porém, o quaker José Lancaster, que mantinha num subúrbio de Londres uma escola de menores pobres, usando o método preconizado por André Bell, foi encarregado de estabelecê-lo nas escolas anglicanas. Em 1811, contavam-se escolas primárias com 3 mil alunos, usando êsse sistema Aplicado nas escolas secundárias, falhou. Em 1816, houve uma tentativa para introduzir o método nos Estados Unidos, que não logrou êxito. Lancaster é o autor do "Improvements on education" (1805) e do "The British system of education" (1810). André Bell acha-se sepultado em Westminster e legou 3 milhões de libras a estabelecimentos públicos de instrução e caridade.

José Lancaster, que nasceu em Londres, em 1771, faleceu em Nova York, em 1838.

A adoção do sistema Bell-Lancaster nas escolas públicas do Rio de Janeiro, em começo do Primeiro Reinado, é prova de que os dirigentes então da Instrução Pública estavam a par das modernas idéias sôbre o assunto.

(29) Equívoco. O Rio de Janeiro não possuia nenhuma Universidade. E' possível que o autor queira se referir à Escola de Medicina, criada pelo Decreto de 5 de novembro de 1808, como Escola Anatômica Cirúrgica e Médica, no Real Hospício Militar do Rio de Janeiro.

(30) Real Academia dos Guardas-Marinha, criada por Decreto do Príncipe Regente, de 5 de maio de 1808. A Academia Militar foi criada por

O Teatro de S. Pedro de Alcântara no Largo do Rossio, 1820. *No primeiro plano, negros carregando água sob a direção dum soldado de polícia. Trazem gargalheiras e estão unidos por correntes enroladas em panos para evitar o tinir do ferro. O Museu Histórico possue em suas coleções muitas gargalheiras e algumas dessas correntes envolvidas em panos. No edifício do teatro, ao fundo, manifesto exagêro nos remates à chinesa dos beirais.*

Desenho de Arago, gravura de Lerouge e Bernard.
Das coleções do Museu Histórico.

clero gozava a posse exclusiva das luzes da inteligência e conhecia demasiadamente o seu valor para levianamente esbanjar tão precioso bem. Repartia-o com o povo em pequenas porções, porque a experiência lhe havia ensinado que êle não tem capacidade para digerir maiores. Em honra de Deus, queimava-se muita lenha, mas nenhum hereje. Os bons cariocas julgavam-se os melhores cristãos do mundo e chamavam judeus a todos os que seguiam outro credo. Acreditava-se nas mais ridículas patranhas com infantil credulidade. Aduaneiros famintos rebuscavam as bagagens dos estrangeiros à cata de mercadorias proibidas, um capuchinho robusto examinava-lhes o coração e os rins, somente aos católicos se permitia habitar na cidade e todavia o exame era tão severo que, com um Credo bem decorado, a gente se livrava de tudo.

Para a Metrópole, o Brasil era inesgotavel fonte de riqueza. Vice-Reis, Juizes e outros funcionários superiores do govêrno acumulavam tesouros sôbre tesouros. Raramente se nacionalizavam, porque o orgulho português via com soberbo desdem um povo, cujo sangue, devido à mistura com negros e indígenas, não era mais limpo, como diziam. A prática da justiça estava abaixo da crítica. Havia poucas demandas devido à lealdade entre pessoas e por serem tão funestas que o povo as odiava. Enriquecia-se vivendo com singeleza. A moeda corria em profusão. Igrejas e conventos regorgitavam de pratarias, ouro e pedras preciosas. Os mais simples talheres eram de prata. As mulheres gostavam de joias sólidas e pesadas. O luxo principal consistia em escravos, que eram bem tratados e pouco trabalhavam na cidade. Em longas fileiras, seguiam os donos às igrejas e passeios (47). O Exér-

---

Decreto de 4 de dezembro de 1810, e suas aulas começaram a 23 de abril de 1811.

(31) O Imperial Teatro de S. Pedro de Alcântara, no largo do Rossio, demolido recentemente para dar lugar ao Teatro João Caetano.

(32) O Banco do Brasil, o primeiro banco que houve no país, criado a 12 de outubro de 1808. Depois de estar por muitos anos fechado, desde 23 de setembro de 1829, o Banco do Brasil voltou a funcionar, sendo inaugurado a 2 de abril de 1854.

(33) Funcionava no mesmo edifício atual. Sua grande sala com colunas foi construida por Grandjean de Montigny. Desde o século XVII existia alfândega no Rio de Janeiro. D. João VI criou a Alfândega e a Mesa do Consulado, em 1818.

(34) Chamava-se Praça do Comércio e ficava entre o mar e a boca da rua do Sabão, antiga do Azeite do Peixe, do Bom Jesus, do João Azevedo, hoje General Câmara, do lado esquerdo da Alfândega, com dez janelas laterais.

(35) O Vice-Rei D. Luiz de Vasconcelos estabeleceu no campo da Lampadosa, à margem da lagôa da Panela, em frente ao local da atual igreja do Sacramento, pequeno museu zoológico, a cargo de Francisco Xavier Cardoso Caldeira, que o povo chamou Casa dos Pássaros. Em 1808, a Casa dos Pássaros foi transformada em oficina de lapidação de diamantes, e suas coleções encaixotadas e recolhidas ao Arsenal de Guerra. Sôbre êsse acêrvo, criou D. João VI, em 1818, o Museu Real, depois Museu Na-

cito gozava de grande estima e vivia bem, não por ter um sôldo elevado, mas por se permitir que os soldados exercessem outra profissão (48). Não se distinguia pelo heroismo.

Nêsse bom tempo, a vida social do Rio de Janeiro deve ter sido muito agradavel. Ainda agora, os brasileiros velhos falam do passado com saudades. Os vizinhos em ruas inteiras formavam como que uma única família, visitando-se sem a menor cerimônia. As conversas eram vivas e livres, intercaladas pela música, a dansa e a expressiva linguagem dos olhos. Referiam-se as aventuras amorosas com rara delicadeza. Os ciumes não encontravam alimento, porque, sendo costume tratar senhoras casadas e moças solteiras com galante cortezia, as preferências, se as havia, eram tão disfarçadas que não chocavam a ninguém. A indiscreção em matéria de amor considerava-se crime que só com a morte se pagava. A bisbilhotice não era do agrado do povo. Cada qual fazia ou deixava de fazer o que bem entendia, de acôrdo com sua consciência. As boas reputações não dependiam dessa *vox populi*, que na Europa nem sempre é *vox Dei*.

Mais adiante contaremos como a revolução com algumas pinceladas pretas transformou êsse belo quadro em horrenda caricatura (49).

A Côrte reside em S. Cristovam, importante lugar a mais ou menos meia hora de distância da capital. Por terra dois caminhos para lá conduzem: o chamado Caminho das Lanternas (50), estrada retíssima através do mangue que separa o Rio de Janeiro de S. Cristovam; e outro, menos cômodo e mais romântico, que parte de Catumbí e corre entre os morros e a borda do pantanal (51). A comunicação mais preferida é feita por mar, em canôas

---

cional. Em 1825, funcionava no Campo de Sant'Ana, no edifício atual do Arquivo Nacional.

(36) No Campo de Sant'Ana. Nele funcionou o Senado até a República. E' hoje Faculdade Nacional de Direito. Foi no tempo de D. João VI residência do rico negociante Anacleto Elias da Fonseca. Os baianos gratos ao Conde dos Arcos, cuja energia os salvára de perseguições, na revolução de 1817, fizeram uma subscrição para lhe oferecer um mimo. Ela rendeu 100 contos, com os quais adquiriram o palácio que tomou seu nome. D. Marcos de Noronha e Brito, 8.º Conde dos Arcos, nasceu em Lisboa, a 7 de junho de 1771 e faleceu a 6 de maio de 1828. Nomeado em 1802, governou o Pará, de 1803 a 1806. Embora já designado, em 1805, só tomou posse do cargo de Vice-Rei do Brasil, a 21 de agosto de 1806, governando até 7 de março de 1808. A chegada do Príncipe Regente deu por terminadas as suas funções. Administrou a Baía, de 1810 a 1818 e muito fez para esmagar o movimento de 1817. Ministro de D. Pedro I, êste o sacrificou à política, mandando-o de volta a Portugal quasi como um prêso político. O povo do Rio de Janeiro atacou-lhe a casa. Tornára-se antipático em companhia dos outros membros do Ministério: Farinha, Louzã e Caúla.

(37) Antigo Campo dos Ciganos. A rua da Constituição, que vinha ter nele, chamava-se rua dos Ciganos. Dele saíam a rua do Piolho, hoje da Carioca, e a do Cano, hoje 7 de Setembro.

(28) O famoso Pelourinho ou Picota, erigido no local onde está hoje a estátua equestre de D. Pedro I. O Pelourinho da Polé, segundo a es-

e barcos, que vão e vêm, sem interrupção, de diversos pontos da cidade .

Foi D. João VI quem mandou construir, com grande despesa, o Caminho das Lanternas. As colunas de pedra colocadas dos dois lados, de 50 em 50 passos, para sustentarem as incontáveis lanternas, que se acendiam quando o monarca, à noite, ia à cidade ou se recolhia a S. Cristovão, testemunham que, entre as suas virtudes, êle não possuia a coragem pessoal (52) . O Imperador corre muito maior risco que seu real pai, mas despresa o perigo. Dizem que mais de uma vez já lhe deram tiros nêsse caminho. Apesar disso, nunca mandou acender os lampeões. D. Pedro costuma dizer: — "Sei que minha mãe é uma.—."; mas devo-lhe ter-me parido sem mêdo! E passa por alí a qualquer hora da noite (53) .

Previno uma vez por tôdas que sempre onde futuramente apareça um *hyphen*, como o que está acima, êle substitúe uma expressão pouco delicada, que o espírito da língua alemã me proibe traduzir ao pé da letra. No entanto, no Brasil, em certas ocasiões, não é mais chocante do que se um Príncipe alemão dissesse a alguém de seu sequito: — "És um grande patife!" O hábito é que dá aos vocábulos seu sentido e sua expressão. O que na Europa seria ofensa, aquí não passa de pilheria, não sendo estranhavel o monarca servir-se dessa palavra predileta, mesmo em relação a seus mais próximos parentes.

O Castelo, denominado Quinta Imperial da Boa-Vista, fica em suave colina, no meio de lindo vale, rodeado de jardins maltratados, e pintado de amarelo. Sua forma não agrada. Compõe-se duma tôrre redonda em estilo mourisco e de alguns pavilhões quadrados, constituindo um conjunto irregular (54). Internamente é

---

tampa de Debret. Foi levantado à chegada de D. João e sabe-se que durou até após a Independência. O testemunho do autor nos mostra que em 1825 ainda se achava de pé. Os escravos eram amarrados nele para serem açoitados. E' possível que nos seus braços se executassem enforcamentos. As picotas outróra serviam de poste de suplícios infamantes. Havia em português, antigo o verbo *empicotar*, supliciar na picota. Existiam duas espécies de pelourinhos: o que era símbolo municipal, onde se afixavam os papéis públicos, e os próprios para expôr os réus ao público ou supliciá-los, picotas e polés.

(39) Joaquim José de Azevedo, Barão, depois Visconde, com grandeza do Rio Sêco, por fim, Marquês de Jundiaí. Nasceu em Portugal a 12 de setembro de 1761 e faleceu no Rio de Janeiro a 7 de abril de 1835, filho de Matias Antonio de Azevedo e D. Maria Josefa de Oliveira. Casou em primeiras núpcias, em Lisboa, com D. Maria Carlota Miliard, e em segundas núpcias, no Rio, com D. Mariana da Cunha Pereira, filha dos Marqueses de Inhambupe. Por alvará de 5 de setembro de 1808, Fidalgo Cavalheiro. Membro do Conselho Real, em 1810. Teve todos os títulos: Escrivão dos Filhamentos da Casa Real, Fiel do Real Bolsinho, Tesoureiro Real e da Real Capela, Comprador dos Guardas-Roupa do Paço e da Real Corôa, Senhor de Macaé, Alcaide Mor de Santos, Comendador de Cristo e da Tôrre e Espada. Barão ,em 1812 e Visconde, em 1818. O Imperador D. Pedro I continuou para com êle a munificência do pai: Co-

como uma grande residência particular, com escadas estreitas e corredores escuros e apertados. Miserável escada trazeira leva aos aposentos da Imperatriz, com vista pouco convidativa sôbre as estrebarias, que ficam por baixo dêles. Cozinhas e quartos sujos da criadagem se distribuem por alí e têm aspecto repelente. Em resumo, tanto no Palácio Imperial como em qualquer casa brasileira, sempre se encontram vestígios da influência dos negros. A sujeira, a falta de ordem, o mais berrante contraste entre a sovinice e o esbanjamento, serviço péssimo apesar da quantidade de escravos pretos e brancos, o ralhar e o bater sem fim são coisas insuportáveis para o europeu recem-chegado, o qual só com o tempo a elas se acostuma.

D. Pedro I, por unânime aclamação dos povos, Imperador e Defensor Perpétuo do Brasil (55), vive nêsse palácio mais como simples particular do que como soberano de imenso Império. Alguns camaristas e oficiais formam seu sequito. Frequentemente, anda de carro ou a cavalo sózinho. Dorme pouco. Despresa o prazer da mesa. Cuida de tudo. Deleita-se com uma atividade constante. Tem predileção por cavalos e cães, e uma paixão que tudo domina: a inclinação pelo belo-sexo.

Sua espôsa, a Imperatriz D. Carolina Leopoldina, Arqui-Duquesa da Áustria (56), em muitos pontos combina muito bem com êsse caráter. A profunda bondade de coração e a inesgotável paciência que são muitas vezes no trono tão indispensáveis quanto no seio da família, unidas ao bom senso e a um alto gráu de instrução, fazem com que essa Princesa seja feliz em circunstâncias que seriam insuportáveis para um espírito apaixonado. Nos filhos, encontra a maior alegria da vida, não desdenha os gozos da mesa,

---

mendador do Cruzeiro e da Rosa, Visconde com grandeza do Rio Sêco, a 1.º de dezembro de 1822, e Marquês de Jundiaí, a 12 de outubro de 1826.

Brasonava da seguinte maneira: esquartelado, no 1.º de ouro com uma águia estendida de negro, no 2.º de azul com 5 estrêlas de prata em aspa e uma bordadura de vermelho carregada de aspas de ouro, e assim os contrários. Por timbre, a águia do escudo com uma estrêla das armas no peito. Por diferença, uma brica vermelha com uma flor de liz ao natural.

Era, se não o homem mais rico, certamente um dos mais ricos do Brasil no seu tempo. Possuia no Rio de Janeiro, 3 palácios luxuosamente montados: um no centro da cidade, outro em Mata-Porcos, fora de portas, lá para os lados do Estácio atual, e o terceiro no Campo dos Ciganos ou Largo do Rossio, praça Tiradentes, a que se refere o autor. Ferdinand Denis esteve num deles e gabou-o. Em 1823, Maria Graham jantou num deles que achou magnífico. Ela calculava o valor das joias com que se apresentava a Viscondessa do Rio Sêco, em 150 mil libras, soma astronômica para a época.

(40) Lembrança da morte.

(41) Chamou-se ao princípio Real Teatro de S. João. A construção foi autorizada em 1810. Inaugurou-se a 12 de outubro de 1813, data natalícia do Príncipe D. Pedro. Tomou como modêlo o Real Teatro de S. Carlos de Lisboa, por sua vez copiado do Teatro de S. Carlos de Nápoles. Sofreu três incêndios: o primeiro na noite em que se comemorava o juramento que o Imperador prestára à Constituição da sua sacada, a 25 de

com rara coragem e destreza tanto guia uma carruagem como monta a cavalo, e na caça não perde um tiro.

Seu matrimônio foi abençoado com filhos lindos como amores, cujo número o futuro promete aumentar. A Princesa mais velha, D. Maria da Glória nasceu a 4 de abril de 1819. E' a favorita do pai, de quem é o retrato rejuvenescido, enobrecido e germanizado pelos olhos azues e os cabelos claros (57). Em verdade, nada pode ser mais encantador do que essa deliciosa criatura, pouco crescida para a sua idade e de compleição delicada, a quem a fôrça do sol tropical deu um desenvolvimento superior aos seus anos. Os braços, o pescoço e o colo dessa original criança plasticamente belos, o porte cheio de diginidade e os movimentos airosos levam-nos a julgá-la uma aparição de conto de fadas, Melusina americana, que só a fantasia de Goethe seria capaz de produzir.

Os outros filhos do casal imperial são: D. Januária, nascida a 11 de março de 1821; D. Paula Mariana, a 17 de fevereiro de 1823; D. Francisca Carolina, a 2 de agosto de 1824; e o Príncipe Herdeiro, a 2 de dezembro de 1825. Êste, ao ser batizado, recebeu os nomes de Pedro de Alcântara, seguidos de mais uns trinta, que a carência de espaço não me permite escrever (58). Um Príncipe mais velho morreu em tenra idade no colo de sua mãe, na última revolução, quando ela fugia para o castelo campestre de Santa Cruz (59). O Herdeiro Presuntivo da Corôa é intitulado Príncipe Imperial e tratado por Alteza Imperial. Do mesmo modo o filho segundo, que recebe o título de Príncipe do Grão Pará. Os mais filhos do Imperador são Príncipes com o tratamento de Alteza somente. Assim também os parentes mais afastados da Casa Reinante, quando não possuam outros títulos (60).

---

março de 1824, representando-se o drama sacro "Vida de Santo Hermenegildo"; o segundo, após ter sido reconstruido com o nome de Imperial Teatro de S. Pedro de Alcântara e de ter tido, durante a Regência, o de Teatro Constitucional Fluminense, a 9 de agosto de 1851; e o terceiro a 26 de janeiro de 1856. Desde 24 de agosto de 1923 passou a denominar-se Teatro João Caetano. A Prefeitura Municipal, sem respeitar a sua historicidade, demoliu-o, depois, e construiu um teatro moderno e horrível, no local, com o nome de João Caetano, inaugurando-o a 28 de junho de 1930.

O primeiro teatro que teve o Rio de Janeiro foi a chamada Casa da Ópera, perto do Largo do Capim, dirigida pelo Padre Ventura, que existia desde o tempo do Vice-Rei Conde da Cunha e se incendiou depois de 1796. D. Antonio Alvares da Cunha governou, de 18 de outubro de 1763 a 17 de novembro de 1767. Em 1813, o prédio da antiga Casa da Ópera foi ocupado pelos criados do Paço. Nele esteve, depois, a Tesouraria Imperial.

O Aqueduto de Santa Teresa ou Arcos da Carioca, felizmente ainda de pé, entre os morros de Santa Teresa, antigo do Destêrro, e o de Santo Antonio, cavalgando as ruas dos Arcos e Visconde de Maranguape, antiga das Mangueiras. O encanamento de água que êle transporta dum morro ao outro, começa no Silvestre, tendo sido iniciado, em 1744, na chamada Mãe d'Água ou nascente do rio Carioca, Catete ou das Laranjeiras. Os Arcos foram construídos por Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadela, em

A primeira Camareira de Sua Majestade a Imperatriz, a paulista D. Dimitila de Castro e Canto, Viscondessa de Santos (61), é a amante declarada do Imperador. Distingue-se pelo rosto regular e formoso, e pela desusada alvura da tez. Não lhe falta bastante gordura (62), o que corresponde ao gôsto geral. Já a abandonou a primeira floração da mocidade, mas os olhos nada perderam de seu fulgor e uma porção de cachos escuros emoldura-lhe as lindas feições. E' uma mulher verdadeiramente bela, de acôrdo com a fama de que gozam as paulistas (63). Seu marido é general e tem um comando nas Províncias do Sul (64). Seus irmãos ocupam postos bem remunerados, mas não de Côrte, sendo todos Guardas-roupa, o que parece provar que D. Domitila absolutamente não é de família nobre, máu grado sua aparência de princesa (65).

Pouco tempo depois do nascimento do Príncipe Herdeiro, ela deu à luz um filho, que morreu em breve, reconhecido pelo Imperador com o título de Duque de S. Paulo (66). Por um decreto posterior, a filha mais velha que dela teve Sua Majestade, Maria Brasileira, foi nomeada Duquesa de Goiás (67). O "Spectador" contou que a criança fôra apresentada à Imperatriz e que esta a beijára com sentimento maternal (?) Essa folha servil, editada pelo tipógrafo da Côrte, Plancher, tendo como redator o Padre Sampayo (68), fez nessa ocasião edificantes observações: que era belo os grandes Príncipes tentarem reparar erros cometidos como homens, de manera tão brilhante, o que, em todos os tempos fôra muito proveitoso para as nações; mais de uma vez os ingleses souberam que nas veias do Duque de Vendôme (69) corria o sangue real dos Bourbons; e outras asneiras que esqueci.

1750. Spix e Martius consideram o Aqueduto o mais perfeito monumento do Rio de Janeiro, em 1817 e acrescentam: "Dir-se-ia obra dos Romanos ao tempo do seu apogêo". E' curioso como a opinião do autor combina com esta, quasi com idênticas palavras.

(42) Largo do Paço, Terreiro do Paço; Largo do Carmo, Terreiro do Carmo, hoje Praça 15 de Novembro. Alí vinham ter as ruas Direita, antiga da Cruz, hoje 1º de Março, e da Cadeia, antes do Padre Bento Cardoso e de Marcos da Costa, hoje Assembléia, já tendo sido também República do Perú.

(43) Em 1817, Spix e Martius calculavam a população do Rio de Janeiro, em 135 mil habitantes, assim distribuidos: 103 mil negros, 28 mil brancos e mestiços, 4 mil estrangeiros. O que o autor diz adiante, combina com a observação de Spix e Martius. Todavia, em 1820, Branckenridge calculava-a em 90 mil almas. Não será, pois, destituida de fundamento uma estimativa de 100 mil. Em fins do século XVIII, Cook fez a seguinte estimativa: 37 mil brancos e 629 mil negros, um total de 666.000 almas. Anotando-o, Alberto Montemort frisa o exagêro e a reduz a 200 mil, o que está mais ou menos certo.

(44) Os descendentes de índios e brancos foram ao princípio chamados mamelucos ou mamalucos. Mais tarde, apareceu o termo caboclo, tido ao princípio por injurioso, tanto que o Alvará de 4 de abril de 1755, de D. José I, proibia como ofensivo o uso da designação *cabouculos* (*sic*). Os descendentes de brancos e negros eram mulatos. Os de negros e ín-

Quem fizer questão de possuir um retrato muito parecido da festejada D. Dimitila faça vir de Paris uma estampa que trás a legenda — *O Querido Brasileiro Dia*, na qual está alegoricamente representada a Independência do novo Império do Brasil (70). Sôbre despedaçados grilhões de escravos e serpentes calcadas aos pés, vê-se o jovem D. Pedro com uma encantadora americana que se lhe atira nos braços. A bela Condessa é o original dessa figura. Não me atrêvo a afirmar que tenha posado para o pintor nos mesmos trajes com que na gravura se apresenta.

Na cidade e nas Províncias, muitas crianças reclamam a honra de ter sangue real. Sua Majestade não lhes dá importância. As mais lindas mulheres aspiram ao seu afeto e dizem que raramente êle deixa alguma padecer sem ser atendida. A verdade é que D. Pedro não é muito delicado em sua escolha, nem pródigo em recompensar o gôso recebido. Várias francesas da rua do Ouvidor, o Palais-Royal do Rio de Janeiro (71), têm essa experiência. Poderia a propósito narrar algumas anedotas muito picantes; mas é contra meus princípios asseverar aquilo cuja veracidade não posso provar.

Como as borboletas de seu Império, o monarca esvoaça de flor em flor. Apenas a Condessa de Santos (72) conseguiu prendê-lo duradouramente, não só vencendo a sua volubilidade como o seu pendor, herdado do pai, para a economia. Por ocasião do nascimento do Duque de S. Paulo, êle a presenteou com um aderêço avaliado em 4 milhões de cruzados (73) e agora está construindo, em frente ao Paço da Boa-Vista, um palácio para ela (74), no qual seu gôsto como arquiteto se patenteia do mesmo modo brilhante e genial como se mostrou compositor no Hino Imperial (75).

---

dios, cafuzes, caribocas, bódes e cabras. O fato do povo chamar aos mestiços de negro e índio curiboca é uma deturpação. A palavra tupi *cari-uoc* originariamente indica o procedente do branco, o mestiço de branco e índio.

(45) Havia no tempo ainda alguns restos de tribus de botocudos nas proximidades do Rio de Janeiro, pacíficas e em vias de extinção. Debret desenhou cabeças de seus tipos. A observação do autor não é fantasiosa como possa parecer. Restos dos Aimorés, intrépidos, temidos frecheiros e antropófagos, que se localizaram no Rio Doce e deixaram seu nome perpetuado na Serra dos Aimorés.

(46) Nome dado de longa data ao rio que nasce nas faldas do Corcovado e desagua na baía, em frente às ruas atuais de Paisandú e Barão do Flamengo. Sua significação é bastante controvertida. Para João de Lery, cronista da ocupação francesa, quer dizer Casa dos Karis ou Tamoios. Para Monsenhor Pizarro, Água corrente da Pedra. Para Martius, Casa da Gruta. Para Varnhagen, Casa do Branco. Para Vale Cabral, Corrente do Mato, isto é ribeiro, riacho do mato. Para Couto de Magalhães, Descendente do Branco, de Cariboc.

A palavra compõe-se de dois termos tupis *Cari* e *Oca*. Não resta dúvida que *oca* significa casa. Daí a tradução de Varnhagen, geralmente aceita, Casa do Branco. Na altura da atual Praia do Flamengo, houve a Casa de Pedra de Gonçalo Coelho, que deu origem a êsse nome. Nas

O povo, que essas desusadas constância e prodigalidade espantam, afirma que ela fez um feitiço para o Imperador, o enfeitiçou, como se diz em boa linguagem brasileira, o que seria ridículo na Europa, onde nem o sonambulismo consegue medrar. No Novo Mundo, a crença em meios sobrenaturais e simpatias está comumente espalhada, o êxito a favorece e o mais despreocupado observador depara fenômenos que abalam suas convicções sôbre a natureza. Poucas pessoas recusam crêr nessas coisas.

Se antes empreguei a expressão — o Imperador está construindo — não foi no sentido que sói ter na Europa. De fato, o Imperador constrói, isto é, faz a planta e êle mesmo a executa, não escapando à sua atenção os mais ínfimos pormenores. Constrói na verdade imperialmente e tôdas as suas obras trazem o cunho do bom gôsto, do esplendor e da utilidade.

Não é muito numerosa a nobreza do Império. Em 1825, constava de 1 Marquês, Lord Cochrane, Marquês do Maranhão; 1 Conde, 2 Viscondes e 11 Barões. A 12 de outubro, data da Aclamação, fez-se grande cópia de novos nobres, entre os quais alguns que lembram mais a côrte dos Incas do Perú do que um país ainda há poucos anos colônia européa, como Inhambupe de Cima, Inhomerim, Atabayana e alguns mais (76). A nova fidalguia é muito rica e considerada, com razão, como glória e sustentáculo do trono. Não forma uma Câmara especial, nem tão pouco tem direito aos cargos da Côrte. Nas duas classes de Camaristas, os da Chave de Ouro e os da Chave de Prata (77), também chamados Veadores, há até negociantes. Todos quantos se apresentem decentemente trajados podem ser admitidos na Côrte.

Vêm-se condecorações em grande quantidade. A Ordem de

---

circunvizinhanças, já se delimitou, na travessa Umbelina, a Casa de Pedra do Juiz Pero Martins Namorado, também de igual significado na tradção da cidade.

O nome Carioca, com o tempo, passou a ser patronímico das pessoas nascidas no Rio de Janeiro, antes chamadas simplesmente Fluminenses. Teodoro Sampaio escreve: "*Carioca*, o mesmo que *carió* ou *cari-yó*, *cariboc*, *cari-uoc*, descendente do branco... pode também ser *cari-oca*, a casa do branco ou do europeu".

(47) Cf. as gravuras da época, Debret, Rugendas.

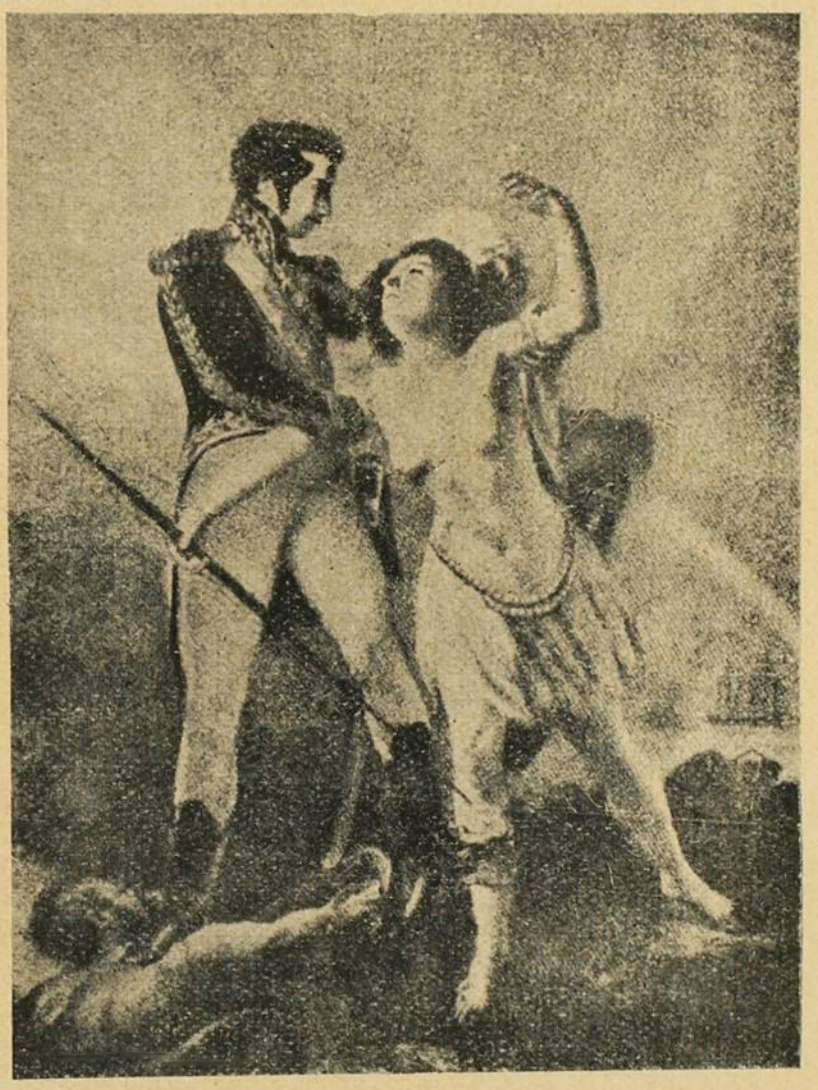
(48) De fato, êsse costume prevalecia no seio da tropa, nos tempos coloniais. Não só nas Milícias e Ordenanças, também na tropa paga.

(49) E' interessantssima essa afirmação, feita por contemporâneo, de radical mudança na vida social do Brasil, em consequência da revolução da Independência.

(50) Começava na atual rua Senador Eusebio e seguia pelo Aterrado ou Mangue, até a Bica, hoje Ponte dos Marinheiros.

(51) Chamado Caminho de Mata Porcos, agora ruas Frei Caneca e do Estácio. No largo dêste nome, então Aldeia de Mata-Porcos, com sua igreja do Espírito Santo, ainda existente, o caminho se bifurcava, levando para a direita a S. Cristovam e para a esquerda ao Engenho Velho ou Engenho Pequeno, dos Padres da Companhia, S. Francisco Xavier. Por êsse caminho veiu Duclerc sôbre a cidade, em 1710.

(52) Os cronistas que se referem ao Caminho das Lanternas, não



Gravura de Gianni, feita em 1825, *a que se refere o autor, dizendo que a Marquêsa de Santos serviu de modêlo à figura feminina nela representada.*

Cristo é hereditária e pode ser comprada. São Ordens Militares do Império as do Cruzeiro e da Cruz do Sul (78). Essas condecorações são de bom gôsto e suntuosas. Exibem-se em abundância tôdas as ordens honoríficas européas, algumas *de jure*, muitas *de facto*. Não são raras mesmo promoções nessas ordens sôbre a imensa superfície do oceano Atlântico. No navio em que viajei, presenciei uma da Cruz de Ferro.

O Conselho de Estado compõe-se geralmente de dez membros que, em regra, também são ministros, nomeados e demitidos ao arbitrio do Imperador (79). Pela constituição, os lugares do Conselho de Estados são vitalícios. Entretanto, sua influência se desvanece desde que são destituídos das pastas ministeriais. Nos últimos tempos, só o Ministro da Guerra e seu colega da Marinha se têm aguentado. Todos os outros mudam constantemente.

Dos favoritos do Imperador — Chalasse, Paulo Brigaro e Valente, o primeiro tem o título de Conselheiro de Estado, possue em alto gráu a confiança do monarca e cuida de seus mais secretos negócios. Paulo elevou-se de porteiro às mais altas honras militares. Na sua mocidade foi companheiro de divertimentos do Príncipe; agora é amigo do Imperador. Valente é o Ajudante-Mór (80).

Não existe no Rio de Janeiro corpo diplomático propriamente dito. Os seguintes Consules formam um *ad interim*:

H. Chamberlain, Cônsul Geral de S. M. Britânica e Encarregado de Negócios.

Conde de Gestas, Cônsul Geral da França.

Barão von Marshall, Agente Austríaco junto a S. M. a Imperatriz, Encarregado de Negócios.

---

dão essa falta de coragem do Rei, como razão da colocação das luzes, embora seja sabido que D. João não era valente; mas explicam que a carruagem de Sua Majestade corria o risco, no escuro, de virar na beira do atêrro e emborcar no pantanal, tanto que havia entre os pilares de pedra que sustinham os lampeões de azeite, um tabique, destinado a evitar aquele acidente.

(53) A linguagem desabrida, desbocada do Imperador é por demais conhecida através da documentação coéva para que o autor precise de comprovantes do que diz. A sua desmedida coragem também, posta a prova inúmeras vezes.

(54) Pouco tempo depois da chegada de D. João ao Rio de Janeiro, o negociante da rua Direita, Elias Antonio Lopes, ofereceu para morada da Família Real, a quinta de sua propriedade, em S. Cristovam, cuja casa era a melhor dos arrabaldes cariocas, naquele tempo. A oferta foi aceita e a residência se tornou a Real Quinta da Boa Vista. A Sala do Trono foi pintada por Manuel da Costa. Em 1817, a construção foi reformada, recebendo um terceiro pavimento. Mais tarde, houve nova reforma, com a construção dum pavimento novo, pelo arquiteto Pezerat. D. Pedro I e D. Pedro II residiram habitualmente nesse palácio imperial. A Sala do Trono teve como decorador, no Primeiro Reinado, a Francisco Pedro do Amaral. Em frente ao paço, erguia-se o chamado Portão da Corôa, com metópios e plintos clássicos, presente da Casa d'Áustria, por ocasião do casamento da Arquiduquesa Leopoldina com D. Pedro. Do desembar-

Georg von Langsdorf, Cônsul Geral da Rússia.
Peter Kilchen, Vice-Cônsul da Rússia.
Von Teremin, Cônsul da Prússia.
D. J. de Labat e Rincon, Cônsul da Espanha.
Westin, Cônsul da Sucéia.
Brender a Brandis, Cônsul Geral da Holanda.
Dan, Vice-Cônsul da Dinamarca.
Tembrinck, Vice-Cônsul da Liga Hanseática.
Condy Raguet, Enviado dos Estados Unidos (81).

Sir Charles Stuart e Lord Ponsonby (82) eram encarregados de missões especiais. O Duque de Alafões veiu como Embaixador da Regência de Portugal ou, melhor, daquele partido que mais tarde se chamaria na Europa Apostólico. Como parente da Casa Imperial, o jovem Duque figurava à testa da missão, mas o Arcebispo de Lacedemonia era tido como a sua alma. Ambos chegaram ao Rio de Janeiro na náu de guerra "D. João VI", acompanhados de brilhante sequito (83).

---

que situado na atual Praia Formosa, levava ao Paço de S. Cristovão, uma larga rua intitulada, Nova do Imperador, agora avenida Pedro Ivo. O Paço é presentemente o Museu Nacional. O Portão da Corôa foi relegado para as traseiras do parque.

O *conjunto irregular* observado pelo autor, desapareceu posteriormente, quando se levantou do lado esquerdo da fachada um segundo pavilhão idêntico ao que Pezerat elevára do lado direito e que desequilibrava a frontaria do edifício.

(55) O título de Defensor Perpétuo é mais antigo que o de Imperador. A Municipalidade e o Povo do Rio de Janeiro o ofereceram ao Principe D. Pedro, como defensor da liberdade do Brasil ameaçada de absorpção pelas Côrtes de Lisboa, e êle o aceitou, no dia 13 de maio de 1822. O Brigadeiro Domingos Alves Branco propôs, na Maçonaria, êsse título com um acréscimo — Defensor e Protetor. D. Pedro recusou o Protetor, que lembrava Cromwell. Ficou somente Defensor. A proposta e entrega dêsse título maçônico foi propositalmente feita na data natalicia de D. João VI.

(56) O Casamento do Príncipe D. Pedro com a Arquiduquesa D. Leopoldina realizou-se no Rio de Janeiro, a 6 de novembro de 1817. A Arquiduquesa veiu de Liorne a bordo da fragata austríaca "Augusta", comboiada pela fragata da mesma nação "Áustria" e por uma divisão portuguesa, comandada por Manuel Antonio Farinha, futuro Conde de Souzel.

A Imperatriz Leopoldina, Maria Leopoldina Josefa Carolina da Áustria, nasceu a 22 de janeiro de 1797 e faleceu a 11 de dezembro de 1826, com 29 anos de idade. Era filha do Imperador Francisco II, bisneta de Maria Teresa, sobrinha de Maria Antonieta de França, de Maria Carolina de Nápoles e irmã de Maria Luiza, mulher de Napoleão I.

(57) Referindo-se à filha D. Maria da Glória, em carta datada em 12 de agosto de 1820 e conservada na Biblioteca Nacional, D. Leopoldina escrevia: "Elle a un attachement particulier pour mon époux... mais il le merite, car il est le meilleur des péres". Aliás, o depoimento do autor combina com muitos outros.

(58) Exagêro. D. Pedro recebeu na pia batismal os seguintes nomes: D. Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga, ao todo, 13 próprios. Seu pai, D. Pedro I, chamava-se Pedro de Alcântara Francisco

Antonio João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim, ao todo, 14 próprios. Nem o pai nem o filho chegaram a ter 20 nomes. Aliás, essa tradição não era propriamente brasileira e sim européia, nas famílias reinantes e de alta gerarquia.

(59) A fazenda ou Curato de Santa Cruz, que pertenceu aos Jesuitas.

(60) O título de Príncipe do Grão Pará era dado na Casa Imperial Brasileira ao herdeiro presuntivo do trono, tanto que D. Maria da Glória foi Princêsa do Grão Pará, enquanto não nasceu um Príncipe.

(61) D. Domitila de Castro Canto e Melo, a Pompadour do Primeiro Reinado, como em carta íntima a classificou a própria Imperatriz. Filha dos Viscondes de Castro, irmã do 2.º Visconde de Castro e da Baronesa de Sorocaba, nasceu em S. Paulo, a 27 de dezembro de 1797 e alí faleceu a 3 de novembro de 1867. Foi casada em primeiras núpcias com o mineiro Felício Muniz Pinto Coelho de Mendonça, de quem se divorciou para viver com D. Pedro I, e em segundas com o Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, em 1842. Foi Dama do Paço Imperial e recebeu o fitão da Real Ordem de Santa Isabel, por Decreto de 4 de abril de 1827. Viscondessa de Santos, com grandeza, a 15 de outubro de 1824 e Marquesa, a 16 de outubro de 1826. Teve filhos do Imperador e do segundo casamento. Deixou descendência. O autor chama-a Dimitila, em lugar de Domitila, o que era comum na época, pois seu nome aparece grafado de inúmeras maneiras, como assinala Alberto Rangel.

(62) *Enbonpoint,* em francês no texto. Bosche emprega a mesma palavra.

(63. As paulistas tinham em verdade, nessa época, fama de grande beleza. No comêço do século XIX, John Mawe gabou-as por seus atrativos e amenidades. Na mesma ocasião, o sueco Gustavo Beyer também as elogiava. Martius bateu na mesma tecla. Assim, o autor está em boa companhia, no que afirma.

(64) Inverdade manifesta. O marido da Marquesa de Santos foi o Alferes do Regimento de Caçadores de Linha, da cidade de S. Paulo, Felício Pinto Coelho de Mendonça.

(65) Opinião de Seidler, de Delavat e de Gabriac. Errônea. Alberto Rangel prova o contrário e preceitúa: "A nobreza de D. Domitila pelo lado paterno, era autêntica, e das mais antigas". Sua mãe, D. Escolástica Bonifácia de Toledo Ribas, era de nobre sangue espanhol. Seus irmãos eram: João, que fez carreira militar com atos de bravura, em 1819, Ajudante de Ordens no govêrno do Rio Grande do Sul; José, também notavel pela bravura, na campanha contra Artigas, Capitão de cavalaria, em 1822; Pedro, demitido do posto de Tenente de Cavalaria, por má conduta, conservou-se em Montevidéu até 1822; e Francisco, Alferes de Cavalaria, serviu no Sul e acompanhou D. Pedro, nas galopadas da Independência.

(66) Em 23 de maio de 1824, a Marquesa de Santos teve do Imperador a primeira filha, D. Isabel. O Cônsul da Espanha, Delavat y Rincon, fala dum menino que precedeu e não vingou. O mesmo diz Alberto Rangel. A 7 de dezembro de 1825, nasceu um menino, batizado no dia 27 do referido mês como Pedro de Alcântara Brasileiro *in articulo mortis.* Essa criança faleceu em fins de março de 1826. Parece que lhe era destinado o título de Duque de S. Paulo. Pelo menos falava-se nisso à boca pequena.

(67) D. Isabel Maria de Alcântara Brasileira, primeira filha da Marquesa de Santos e de D. Pedro I, nascida no Rio de Janeiro, a 23 de maio de 1824, legitimada a 4 de junho de 1826 e falecida a 14 de maio de 1867. Recebeu o título de Duquesa de Goiás, que perdeu pelo seu casamento com o Conde Ernesto Fischer de Freuberg.

(68) Refere-se ao "Spectador Brasileiro", que se publicou de 1824 a 1827, tendo sucedido à "Estrêla Brasileira", que durou de 1823 a 1824, e

sendo substituido pelo "Jornal do Comércio", que vem de 1827 até nossos dias. Era editado pela firma Seignot-Plancher & Cia., primeira editora também do "Jornal do Comércio". O chefe da firma Pedro Plancher Seignot celebrizou-se como autor do "Almanaque Imperial" e do "Almanaque dos Negociantes do Império do Brasil". Era principal redator do "Spectador Brasileiro" o franciscano Frei Francisco de Santa Teresa de Jesus Sampaio, nascido no Rio de Janeiro, em 1778 e falecido aí em 1830, entrado na vida monástica pela dor causada por morte de sua mãe, professando, em 1793, no convento da ilha do Bom Jesus. Esteve em S. Paulo algum tempo. Pregador régio, em 1808. Maçon e agitador politico nas lutas da Independência. Elogiou D. Pedro até romper violentamente com êle, por não o ter feito bispo. Grande orador e panfletário terrível. Redigiu o "Regulador Brasileiro".

(69) Luiz José, Duque de Penthiêvre e depois de Vendôme. Bastardo real, nascido em Paris, em 1654 e falecido em Vinaroz, em 1712. Serviu no exército sob as ordens de Turenne e do Marechal Duque de Luxemburgo. General das Galeras, em 1694. Comandou o Exército da Catalunha e tomou Barcelona, em 1697. Na Guerra da Sucessão de Espanha, bateu o famoso Príncipe Eugenio de Saboia, general austríaco, conquistando o Piemonte. Nas Flandres, às ordens do Duque de Borgonha e em discórdia com êle, foi derrotado em Oudenarde. Posto de lado até 1710, recebeu nesta data, o comando do Exército da Espanha e levou a Madrid, o Rei Felipe V, neto de Luiz XIV. Morreu duma indigestão. Foi um grande soldado.

(70) Em português no texto, seguido da expressão alemã — *o ervunschter Tag fur Brasilien!* A gravura existe realmente, e foi executada por Gianni, em 1825. Está reproduzida no volume XXV, das Publicações do Arquivo Nacional e nêste livro.

(71) A rua do Ouvidor, chamou-se antes de Aleixo Manuel. Um trecho teve o nome de rua do Gadelha. O de rua Moreira Cesar, que lhe foi posto ao tempo da República, não pegou. Em 1825, cheia de lojas francesas, comparada por um cronista à rua Vivienne de Paris, estava para o Rio de Janeiro, como a Franzochischenstrasse, para a Berlim, de Frederico II. O autor, por mais de uma vez, estabelece sua analogia com o Palais Royal.

Foi êste o Palácio construido para a Marquesa de Rambouillet, na rua de Saint Honoré, em frente ao Louvre. O Cardeal de Richelieu comprou-o, em 1624, e fez levantar no local, pelo 1.º Arquiteto do Rei, Jacques Lemercier, outro palácio que recebeu o nome de Palácio Cardeal e que, mal ficou pronto, Richelieu deu de presente a Luiz XIII, em 1636. Em 1643, Ana d'Áustria e Luiz XIV, criança, alí se instalaram. Após a guerra civil da Fronda, Luiz XIV deu-o a Henriqueta de França viúva do Rei Carlos I, da Inglaterra, decapitado por Cromwell. Em 1692, passou-o a seu sobrinho, o futuro Regente, Duque de Orleans, que nele realizava seus licenciosos festins. Incendiou-se por duas vezes: em 1763, e em 1781. O Duque de Orleans, Luiz Filipe, cognominado na Revolução Francesa o *Igualdade*, mandou restaurá-lo, dando-lhe sua aparência atual, pelos arquitetos Moreau e Contat d'Ivry. No seu jardim, que era franqueado ao público, Camilo Desmoulins organizou a manifestação popular que terminou com a queda da Bastilha. Durante o Império, ocupou-o o Príncipe Jerônimo Bonaparte e, após êle, seu filho, o Príncipe Napoleão.

Ao tempo da Restauração, de 1815 a 1830, e mesmo até o 2.º Império Francês, na parte térrea se estabeleceram lojas, dando sôbre os jardins públicos. Houve mesmo tavolagens. Daí a comparação do autor.

(72) D. Domitila não foi Condessa. Viscondessa de Santos, com grandeza, por Decreto de 15 de outubro de 1825, viu-se elevada a Marquesa, pelo de 15 de outubro de 1826. A grandeza permitia o uso heráldico do coronel de Conde, o que talvez tenha induzido o autor em êrro.

(73) Deve ser exagêro. Quatro milhões de cruzados são mil e seis-

centos contos, um milhão e seiscentos mil cruzeiros, soma impossivel para o valor duma jóia naquele tempo. Possivelmente 40 mil cruzados, isto é, 16 contos.

(74) Ainda hoje existe, relativamente bem conservado, em frente à Quinta da Boa Vista, quasi à esquina da Avenida Pedro Ivo, antiga rua Nova do Imperador aberta pelo Administrador do Hospital dos Lázaros, com a rua S. Cristovam. Era uma chácara que pertencera ao Cirurgião Militar, Teodoro Ferreira e estava na posse de Francisco Joaquim de Lima, a quem o Imperador a comprou por 4 contos de réis. O prédio de residência foi reformado sob a direção de D. Pedro, pelo Arquiteto Imperial Pedro Alexandre Cavroé. A decoração iconográfica foi feita pelo pintor Francisco Pedro do Amaral.

(75) O Hino da Independência, com música do Imperador e letra, segundo confissão dele próprio, de Evaristo da Veiga.

(76) O primeiro titular brasileiro foi Antonio Alves da Silva, Barão de Amaragi, por Decreto Real de 29 de maio de 1807.

Em 1822, o Imperador concedeu os seguintes títulos: Barão, e depois Visconde do Rio Sêco, a Joaquim José de Azevedo; Barão de S. João Marcos, com grandeza, a Pedro Dias Pais Leme; Barão de Itanhaen, a Manuel Inácio de Andrade Souto Maior. Até essa data, 1 Visconde e 3 Barões.

Em 1823, os seguintes: Marquês do Maranhão, a Lord Thomas Cochrane. Barões, com grandeza: da Laguna, a Carlos Frederico Lecor, de Goiana, a José Corrêa Picanço; de Bagé, a Paulo da Silva Gama. Barão: de S. Simão, a Paulo Fernandes de Andrade Pinto Souto Maior. Até essa data, 1 Marquês, 1 Visconde e 7 Barões.

Em 1824, os seguintes: Viscondes, com grandeza: de Maceió, D. Francisco Maurício de Sousa Coutinho; de Maricá, Mariano José Pereira da Fonseca; de Nazaré, Clemente Ferreira França; de Paranaguá, Francisco Vilela Barbosa; de Queluz, João Severiano Maciel da Costa; do Recife, Francisco Pais Barreto; de Rezende, Antonio Teles da Silva Caminha e Menezes; de Sabará, João Gomes da Silveira Mendonça; de Santo Amaro, José Egídio Alvares de Almeida; da Vila Real da Praia Grande, Caetano Pinto de Miranda Montenegro. Viscondes: de Baependí, Manuel Jacinto Nogueira da Gama; de Barbacena, Felisberto Caldeira Brant; de Aracati, João Carlos Oyenhausen e Grevenburg; da Cachoeira, Luiz José de Carvalho e Melo; do Fanado, João Gomes da Silveira Mendonça; da Cunha, D. Francisco da Costa de Souza Macedo; de Caravelas, J. J. Carneiro de Campos; de Inhambupe, Antonio Luiz Pereira da Cunha. Barões: de S. Francisco, José Maria da Silveira Bulcão; de Jaguaripe, Francisco Elesbão Pires de Carvalho e Albuquerque. Foi o ano da fornada dos Viscondes. Até essa data, 1 Marquês, 18 Viscondes e 9 Barões.

Em 1825, os seguintes: Marquês de S. João da Palma, D. Francisco de Assis Mascarenhas. Viscondes com grandeza: o da Vila Real da Praia Grande, de Taubaté, Luiz de Saldanha da Gama Melo e Torres Guedes de Brito, o da Laguna, de Castro João de Castro Canto e Melo. Barões, com grandeza: de Quixeramobim, Pedro Dias Pais Leme; de S. João das Duas Barras, Joaquim Xavier Curado; de Valença, Estevam Ribeiro de Rezende; de Vila Nova de S. José, José Fernando Carneiro Leão. Barões: do Pati do Alferes, Francisco Maria Gordilho Veloso de Barbuda; de Cantagalo, João Maria da Gama Freitas Berquó; de Alcântara, João Inácio da Cunha; da Gambôa, José Manuel Fernandes Pereira de Barros; de Caeté, José Teixeira Fonseca de Vasconcelos; de Cairú, José da Silva Lisboa; de Itabaiana, Manuel Rodrigues Gameiro Pessoa; de Itapicurú de Cima, Luiz Manuel de Oliveira Mendes; de Lages, João Vieira de Carvalho; de Maragogipe, Bento de Araujo Vilas Bôas; da Pedra Branca, Domingos Borges de Barros; de Pelotas, Patrício José Corrêa da Câmara; do Rio Pardo, Joaquim Pereira Valente; de Souzel, Manuel Antonio Farinha. A fornada dos Barões. Até esta data, 2 Marqueses, 22 Viscondes e 28 Barões.

Em 1826, os seguintes: Marqueses: o Visconde de Inhambupe, o Visconde de Itanhaen, de Jacarepaguá o Barão de Patí do Alferes; de Jundiaí, o Visconde do Rio Sêco; de Baependí, de Cantagalo, da Cunha, de Caravelas, de Maceió, de Nazaré, de Paranaguá, de Queluz, de Quixeramobim, do Recife, de Rezende, de Sabará, de Santo Amaro, de Taubaté, de Vila Real da Praia Grande e ao Barão de S. João Marcos. Condes: os Barões de Souzel, do Rio Pardo, de Vila Nova de São José, de Lages, de S. Simão, de Valença, de S. João das Duas Barras. Viscondes, com grandeza: o Visconde de Castro, de Pirajá, Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque (feito Barão em abril do mesmo ano e Visconde, em outubro), o Barão de Quixeramobim, o Barão de Pelotas; de Gericinó, a Ildefonso de Oliveira Caldeira Brant. Viscondes: de S. Leopoldo, José Feliciano Fernandes Pinheiro; os Barões de Itabaiana; de Alcântara, de Cantagalo, da Gamboa, de Caeté, de Cairú e de Bagé, Paulo José da Silva Gama Filho. Barões, com grandeza: do Rio da Prata, Rodrigo Pinto Guedes; de S. Francisco, Joaquim Maria da Silveira Bulcão. Barões: da Saúde, Francisco Manuel de Paula; de Sorocaba, Boaventura Delfim Pereira; de Macaé, Amaro Velho da Silva; de Inhomerim, Vicente Navarro de Andrade; de Itaparica, Antonio Teixeira de Freitas Barbosa; de Vila Bela, Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho. A fornada dos Marqueses. Até essa data: 23 Marqueses, 7 Condes, 36 Viscondes e 36 Barões.

Em 1827, os seguintes: Segundos Viscondes, com grandeza: de Castro, João de Castro Canto e Melo; e da Cachoeira, Luiz José Carneiro de Carvalho e Melo. O total de Viscondes elevou-se a 38.

Em 1828, os seguintes: Viscondes, com grandeza: 2.º da Vila Real da Praia Grande, Caetano Pinto de Miranda Montenegro Filho; de Itabaiana, de Camamú, José Egídio Gordilho Veloso de Barbuda; 3.º da Cachoeira, Pedro Justiniano Carneiro de Carvalho Melo, Barões: de Ubá, João Rodrigues Pereira de Almeida; de Itapoan, José Joaquim Nabuco de Araujo; de Itapororoca, José Joaquim Muniz Barreto de Aragão; de Calera, Tomás Garcia de Zuniga. Até então, 23 Marqueses, 7 Condes, 39 Viscondes e 40 Barões.

Em 1829, os seguintes: Duque: de Santa Cruz D. Augusto Carlos Eugênio Napoleão de Leuchtenberg, Principe de Eichstadt. Visconde com grandeza: o de Pedra Branca. Visconde: o Barão de Macaé. Barões: de Catas Altas João Batista Ferreira de Souza Coutinho, do Passeio Público José de Oliveira Barbosa, de Queluz João Tavares Maciel da Costa, 2º de S. Francisco José de Araujo Aragão Bulcão. Em 1830, os seguintes: Viscondes: do Rio Vermelho Manuel Inácio da Cunha Menezes. Barão com grandeza, o 2º de S. Francisco. Ao tôdo, portanto, no Primeiro Reinado: 1 Duque, 23 Marqueses, 7 Condes, 42 Viscondes e 44 Barões. Com raras excepções, essas nomeações eram sempre feitas no dia 12 de outubro, aniversário da aclamação de D. Pedro I.

O Visconde de Inhambupe a que nominalmente se refere o autor, formado em Coimbra, Magistrado em Portugal e no Brasil, Desembargador, Deputado, Senador, várias vezes Ministro, Governador da Bahia e de Pernambuco, Conselheiro de Estado e Dignatário do Cruzeiro, nasceu na Baía a 6 de abril de 1760 e faleceu no Rio, como Presidente do Senado, a 18 de setembro de 1837. Nos panfletos do tempo se fala dos Inhambupe de Cima e de Baixo. Parece que o título originariamente devia ser Inhambupe de Cima, como havia Itapicurú de Cima. A outra referência é ao Barão de Inhomerim, que não deve ser confundido com o notavel médico do 2º Reinado Dr. Francisco Torres Homem, Visconde de Inhomerim com grandeza a 15 de outubro de 1872. O Barão de Inhomerim chamava-se Vicente Navarro de Andrade e era Português, nascido em Guimarães a 26 de fevereiro de 1776 e falecido em Paris a 27 de abril de 1850. Irmão dos Barões portugueses de Saúde e de Vila Sêca. Foi Físico Mór da Armada, Professor da Escola de Medicina, Fidalgo Cavalheiro da Casa Imperial, Dignatário da Rosa, Comendador de Cristo, Oficial do Cruzeiro,

Médico e Conselheiro Privado de D. Pedro I. A terceira referência visa o Visconde de Itabaiana (o autor escreve Atabayana) Manuel Rodrigues Gameiro Pessôa, Grande do Império e Grã Cruz do Cruzeiro, homem de Estado e Diplomata, que representou o Brasil em Paris, Londres, Nápoles e Viena, nascido em Portugal e falecido em Nápoles a 22 de janeiro de 1846.

(77) Os Camaristas faziam o serviço junto à pessôa do Imperador; os Veadores junto à da Imperatriz. As chaves, de que o Museu Histórico Nacional possúe exemplares, eram presas ao bolso do fardão ou casaca, para mostrar que o titular estava em funções.

(78) Engano manifesto. Na época em que o autor esteve no Rio de Janeiro, 1825 a 1826, o Império possuia somente, alem das Ordens portuguesas que se prolongavam no novo país, duas Ordens Nacionais: a do Cruzeiro, criada a 1º de dezembro de 1822, e a de Pedro I, criada a 16 de abril de 1826. Lopes Fernandes, na sua "Memória das medalhas e condecorações, etc"., vem em apoio do autor: "... era comum vêr-se nos soldados de corpos mercenários, irlandeses, alemães e de outras nacionalidades, medalhas e condecorações de diversos paises".

(79) O Conselho de Estado foi criado a 13 de novembro de 1823, sendo nomeados para constituí-lo João Severiano Maciel da Costa, Luiz José de Carvalho e Melo, Clemente Ferreira França, Mariano José Pereira da Fonseca, João Gomes da Silveira Mendonça, Francisco Vilela Barbosa, Antônio Luiz Pereira da Cunha, Manuel Jacinto Nogueira da Gama, J. J. Carneiro de Campos, futuros Marqueses, respectivamente, de Queluz, da Cachoeira, de Nazaré, de Maricá, de Sabará, de Paranaguá, de Inhambupe, de Baependí e de Caravelas, os quais prepararam o Projeto da Constituição do Império, pronto em 11 de dezembro do mesmo ano, submetido aos Procuradores das Câmaras e afinal à Assembléia Geral Constituinte. A Lei Constitucional de 12 de agosto de 1834 suprimiu êsse Conselho de Estado. A Lei de 23 de novembro de 1841 criou novo Conselho de Estado, que prestou os mais relevantes serviços ao Segundo Reinado até ser proclamada a República.

(80) *Chalasse*. O famoso Chalaça. Francisco Gomes da Silva o Chalaça, Secretário e confidente de D. Pedro I. Filho do ourives português Antônio Gomes da Silva, nasceu em Lisboa a 22 de janeiro de 1791, foi educado em Londres e veio para o Brasil com o Príncipe Regente D. João. Havia sido aprendiz de ourives, seminarista e lacaio. Protegido do Conde dos Arcos e do Marquês de Vila Nova da Rainha, em 1816 era nomeado no Rio de Janeiro Juiz da Balança da Casa da Moeda. Depois, esteve algum tempo expulso da Côrte por ter raptado uma mulher casada. Como bom aventureiro que era, soube imiscuir-se na intimidade do Príncipe D. Pedro, a cujo lado se achava no momento histórico do Ipiranga. Encomendou o cetro e a corôa para a coroação do Imperador, de quem se tornou criado particular, conselheiro privado e amigo inseparavel. Em 1823, era nomeado Oficial da Secretaria do Império e em 1825 promovido a Oficial Maior, isto é, Diretor Geral. Exerceu múltiplos cargos: Intendente das Cavalariças, Secretário do Gabinete Imperial, Conselheiro de Estado, Concorrente à Exploração do Ouro, Comandante da Imperial Guarda de Honra e, afinal, quando sua posição se tornou insustentavel na Côrte, representante do Brasil em Napoles. Comendador de Cristo, da Torre e Espada, de Leopoldo da Bélgica e Oficial do Cruzeiro, Procurador titulado de D. Amélia, viuva de D. Pedro IV. Deixou "Memórias".

Paulo Bregaro e não Brigaro como está no texto. Foi o Correio Imperial que, no dia do grito do Ipiranga, no caminho de S. Paulo, entregou ao Príncipe D. Pedro as cartas e ofícios de D. Leopoldina e de José Bonifácio com notícias de Lisbôa, trazidas pelo navio "Três Corações", segundo as quais as Côrtes recusavam a organização autônoma do Reino do Brasil, considerando irrita e nula a convocação de Procuradores das Provincias, o que fez o futuro Imperador tomar a decisão de proclamar ali mesmo a Independência. Tornou-se, depois, da intimidade do soberano.

Valente, era Ajudante de Campo do Imperador por Decreto de 5 de outubro de 1822, Tomás Joaquim Pereira Valente, Barão a 12 de outubro de 1825 e 2º Conde do Rio Pardo a 12 de outubro de 1826, nascido no Porto em 1790, falecido no Rio a 30 de agosto de 1843 e sepultado no Convento de Santo Antônio. Governou a Província de Santa Catarina em 1821. Em 1828, como Governador das Armas do Rio de Janeiro, à frente da Polícia, dos batalhões brasileiros de Caçadores a Pé, dos corpos de artilharia, de paisanos e escravos armados, atacou e dominou os mercenários alemães e irlandeses sublevados, após três dias de luta, que custou mais de 60 mortos e de 100 feridos.

O 1º Conde do Rio Pardo comandou a expedição do Exército Pacificador do Uruguai em 1811 e chamava-se D. Diogo Martim Afonso de Souza Teles de Menezes. É conhecido geralmente na nossa história por D. Diogo de Souza.

(81) As correspondências diplomáticas dêsses agentes, sobretudo de Chamberlain, Gestas, Mareschal e Delavat y Rincon, fornecem valiosos subsídios aos estudiosos da história do Brasil Reino e do Primeiro Reinado. São, por isso, citadas a cada passo pelos melhores historiadores dêsses períodos. Chamberlain deixou observações interessantíssimas sôbre o nosso país. Em 1820 nasceu-lhe no Rio de Janeiro um filho, que seria com o tempo o notavel Sir Neville Bowles Chamberlain, cuja carreira militar se desenvolveu brilhantemente na fndia, levando-o aos postos de Tenente General e Comandante Chefe do Exército de Bengala em 1875. Em 1878, esteve em missão no Afganistão e faleceu em 1886.

O Conde de Gestas provinha de velha família francesa da Guiena, que brasonava de azul com uma torre de prata.

Os mais notáveis de tôdos êsses agentes eram Mareschal e Langsdorf. Felipe Leopoldo Wenzel, Barão de Mareschal, depois de ter cursado a Escola Militar de Viena e servido como oficial de Cavalaria de 1805 a 1813, entrou para a carreira diplomática e foi despachado como Secretário de Legação para o Brasil, em 1818. Chegou ao Rio de Janeiro em 1819 e aí permaneceu até 1830. Viveu, portanto, onze anos no Brasil, galgando postos sucessivos: Encarregado de Negócios de maio de 1821 a maio de 1826 e promovido *sur place* a Ministro Plenipotenciário. Era natural de Luxemburgo. Jorge Henrique von Langsdorf, alemão de nascimento, esteve no Brasil três vezes: a 1ª de 21 de dezembro de 1803 a 2 de fevereiro de 1804, como membro da expedição russa para exploração do noroeste da América, ficando com o naturalista Krusenstern em Santa Catarina; a 2.ª de 1813, quando foi nomeado Consul Geral da Rússia no Rio de Janeiro, até 1820. Em 1816, viajou em Minas com Augusto de Saint Hilaire e encontrou Eschwege em Vila Rica. De 1820 a 1823 realizou explorações nos montes Urais. Veio ao Brasil a 3ª vez em 1825 com a expedição científica protegida pelo Czar Alexandre I, de que fazia parte o pintor Maurício Rugendas. Entrando pelo interior do Brasil, ficou maluco no rio Arinos. Levado para a Europa em 1829, viveu privado da razão em Friburgo-em-Brisgau, sua terra natal, até morrer a 29 de junho de 1852. Langsdorf publicou duas obras: "Bemerkunden anfeeiner Reise und die welt in der Iahren 1803 bis 1807" (1812), da qual há uma edição inglesa, de 1813, "Voyages and travels in various parts of the world during the years 1803, 1804, 1805 and 1807", cujo segundo capítulo é dedicado a Santa Catarina; "Memoire sur le Brésil, pour servir de guide á ceux qui desirent s'y e'tablir", editada em Paris em 1820, traduzida por A. M. Sam Paio em português e impressa na oficina de Silva Porto & Cia. no Rio de Janeiro, em 1822. A viagem de Langsdorf nos sertões brasileiros, tragicamente terminada pela sua loucura, durou de setembro de 1825 a março de 1829, de modo que o autor ainda o encontrou nas funções de Consul Geral da Rússia, quando chegou à capital do Império. Sôbre ela fez um esbôço o desenhista Hércules Florence, natural de Nice. Langsdorf possuia o título honorífico de Conselheiro Aulico do Czar. Dedicou-se no Rio de

Janeiro a organizar sua célebre exploração agrícola na Baixada Fluminense, perto da Estrela, denominada Fazenda da Mandioca, à qual o autor se referirá mais adiante.

O Consul Hanseático Ten-Brink deixou descendência no Rio de Janeiro até hoje. Fixou-se tanto no país que participou da própria atuação política da Independência, como membro da sociedade secreta revolucionária Nobre Ordem dos Cavaleiros de Santa Cruz ou Apostolado, da qual D. Pedro era Arconte-Rei e José Bonifácio Consul. O norte-americano Condy Raquet notabilizou-se sobretudo pelas suas insolentes reclamações sôbre o bloqueio do Rio da Prata.

O Almanaque de Gotha para 1825 confirma a lista diplomática do autor.

(82) Sir Charles Stuart foi embaixador da Grã Bretanha em Paris, junto à Côrte da Restauração, participando das negociações com os Duques de Luxemburgo e de Richelieu sôbre a restituição de Caiena à França por Portugal, nas quais apoiou integralmente a pretensão de D. João VI da fixação prévia e definitiva de toda a fronteira. Lord Canning, chefe do Govêrno Inglês, mandou-o a Lisbôa em missão especial, para tratar de resolver a questão da Independência do Brasil. Daí êle veiu ao Rio, trazendo o tratado de 1825, que reconhecia essa Independência, e negociou com o nosso Govêrno os tratados de comércio daquêle ano e de 1827, refertos de favores à Inglaterra, que provocaram grandes protestos. Sua atuação na Côrte portuguesa foi de tal ordem que Oliveira Martins o declara "tutor de D. João VI".

John Ponsomby teve destacada atuação nas negociações de paz entre o Brasil e a Argentina em 1828, sempre contrário ao Império. Nascido em 1770, faleceu em 1828. Na sua longa carreira diplomática, em que passou por Buenos Aires e pelo Rio de Janeiro, seu último posto foi o de Embaixador em Viena. Escreveu um livro interessante em 1854, "Cartas Sôbre a Questão do Oriente".

(83) Quatro dias antes de falecer, a 6 de março de 1826, o Rei D. João VI nomeou um Conselho de Regência e designou herdeiro seu filho mais velho D. Pedro I do Brasil, mais tarde D. Pedro IV de Portugal. Em abril de 1826, a Regência enviou ao Rio, afim de apresentar-lhe pêsames e, ao mesmo tempo felicitá-lo pela exaltação ao trono, uma deputação composta de 3 membros: o Duque de Lafões, o Arcebispo de Lacedemônia e o Dr. Francisco Eleutério de Faria e Melo. O Ducado de Lafões foi criado por D. João V a 5 de novembro de 1718, sendo 1º Duque o neto bastardo de D. Pedro II, D. Pedro Henrique de Bragança Souza Tavares Mascarenhas da Silva, Marquês de Arronches, falecido em 1761, e 2.º D. João Carlos de Bragança, irmão do 1.º, nascido em Lisbôa em 1719 e falecido em 1808, sobrinho de D. João V, que viajou durante 27 anos depois dum caso amoroso no reinado de D. José I, e foi da intimidade do Imperador José II da Áustria. Serviu na guerra dos Sete Anos e se distinguiu na batalha de Maxen. Esteve na Lapônia e no Egito. Com a morte do Marquês de Pombal, que era seu desafeto, voltou a Lisbôa e foi Marechal General, Conselheiro de Estado, Ministro e Mordomo-mór da Rainha. Fundou em 1780 a Academia das Ciências de Lisbôa. Eram ambos filhos de D. Miguel, filho legitimo de D. Pedro II e de D. Luiza Casemira de Nassau e Souza, filha do Principe de Ligne. A filha do 2º Duque, D. Ana Maria, sucedeu no titulo a seu pai em 10 de novembro de 1806 e o transmitiu a seu marido, D. Segismundo Caetano Álvares Pereira de Melo, 3º Duque de Lafões, com quem se casou a 24 de novembro de 1819. Par do Reino em 1826, foi êle que veio em missão especial ao Brasil.

Encontram-se as três fórmas gráficas: Alafoens, Alafões e Lafões.

O Arcebispo de Lacedemônia *in partibus*, D. Antônio José Ferreira e Souza, foi freire professo de S. Tiago, Doutor em Leis, Deputado às Côrtes Constituintes e Ordinárias, Vigário Geral do Patriarcado e Enviado da Regência ao Rio de Janeiro com o Duque de Lafões. Possuia magnífica

livraria e em 1829 editou, com um prólogo, a "Peregrinação" de Fernão Mendes Pinto. Tornou-se Miguelista em 1828 e morreu vítima da cólera em 1833.

Francisco Eleutério de Faria e Melo, Doutor pela Universidade de Coimbra e escritor, nasceu em Beja em 1787 e faleceu em 1851. Juiz de fóra, Desembargador e Ajudante do Intendente da Polícia, participou da Missão Lafões. Tornou-se Miguelista e exilou-se de Portugal até 1844, vivendo em França com seu íntimo amigo o Bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo. De 1844 em diante, foi administrador dos bens da Casa dos Duques de Cadaval, ligada à dos Duques de Lafões. Publicou um "Tratado de Geografia" e a "Memória sôbre a vida de D. Francisco Alexandre Lobo", cujas obras editou.

VI

VIDA MERIDIONAL

Eu tinha vindo para o Brasil com o firme propósito de fazer fortuna. Logo, a mais superficial observação das coisas me convenceu que, na carreira militar, ao menos por enquanto, não havia probabilidade de conseguir relações capazes de me facilitarem a realização dêsse desejo. Estava doente, tudo era estranho em volta de mim e pouco entendia a língua do país. Em tais circunstâncias, achei mais conveniente ir apalpando o terreno como granadeiro imperial à fôrça, aprender português e estender mão amiga à boa sorte, caso mais tarde ela viesse ao meu encontro por outro lado.

Há duas maneiras de aprender uma língua. Uma, a fundo, para a qual se recorre à gramática e ao dicionário, e uma prática, pela qual se aprende a falar como as crianças, maquinalmente, sem o conhecimento de um única regra. Para dominar desta sorte uma língua estrangeira, é imprescindível viver entre o povo que a fala. Sendo assim, o segundo processo é preferível ao primeiro. Uma porção de regras decoradas e o hábito de recordá-las sempre nas composições escritas sobrecarrega a memória, privando-a de sua mobilidade, de modo que se aprenderá a escrever com correção, mas não a falar fluentemente.

Aprende-se uma língua naturalmente, falando-se como se pode, sem preocupação de errar ou não, prestando atenção aos que a falam, quando conversam, lendo muito e fazendo esforços para advinhar o sentido do que está escrito, sem recorrer com dificuldade à gramática e ao dicionário. Se um negro novo aprende qualquer língua, que é obrigado a falar, no curto período de 3 a 4 meses, sem método e geralmente também sem pancada, um alemão, a quem não é geralmente estranho êste ou aquele idioma latino, precisará de mais tempo para manejar o português, que se não distingue pela riqueza ou dificuldade da construção e da prosódia? O que mais o torna difícil é a mistura com o árabe, principalmente porque muitas expressões da vida quotidiana têm essa origem (1). Como nêsses casos nenhuma analogia ajuda a

(1) Na opinião do linguista Nider, o árabe só atingiu nossa língua "em superfície e não em profundidade". A proporção das palavras árabes em português é até modesta. Houve simples acréscimo aos elementos ibé-

memória, convem aprendê-las aos poucos, de cór. Quando se sabe latim ou mesmo somente o francês, com pouca prática a gente se faz entender por qualquer português.

E' curioso que muitos franceses, embora residentes há anos no Rio de Janeiro, pouco ou nada compreendam da língua do país. O mesmo acontece na Alemanha, é verdade que em circunstâncias muito diversas. Nas classes educadas, era geralmente difundido o conhecimento do francês e até nas classes baixas havia muitos que o entendiam. A propensão do povo em aceitar tudo o que fôsse estrangeiro casou-se com a inata preguiça dos franceses para aprender outro idioma. O orgulho nacional incensava-lhes a ignorância e principalmente formavam grandes corpos militares com vida própria, admitindo somente no seu grêmio, em tôda a parte, como gente de boa sociedade, os que a êles se adaptavam (2). No Brasil, a situação é inteiramente diversa. Poucos brasileiros entendem o francês e entre êles muitos não o querem falar por teimosia e orgulho. Os franceses são na generalidade negociantes a retalho ou de modas, o que para êles torna indispensável o uso da língua. Contudo não a aprendem e na rua do Ouvidor se encontram muitas lojas com negras servindo de intérpretes (3).

Na casa onde eu residia, falavam 4 ou 5 línguas, o que não é conveniente para se aprender uma. Com meus conterrâneos militares, pouco ou nada podia aproveitar e, além disso, não me agradava o assunto de suas palestras. Eu vivera nas mais diversas rodas da Europa, mas em parte alguma encontrára tamanha falta de idéias sadías como aquí. Bisbilhotices miseráveis, duelos, dívidas, sujas histórias de amor eram seus motivos prediletos. Achava, contudo, muita graça, quando via tal gente, em parte muito minha conhecida em circunstâncias anteriores, explicar as razões de sua presença no Brasil. Cada qual arquitetava um pequeno romance e o melhor da festa é que nenhum acreditava no que o outro dizia.

O sr. von S. também inventou o seu. Como sua consciência fôsse por demais delicada, mesmo para matar em imaginação, fez-se, com algumas lágrimas e grande desperdício de frases sen-

---

ricos, latinos, gregos e godos. "Raros elementos do vocabulário árabe são próprios do português e do espanhol". A lição erudita destrói o exagêro do autor.

(2) O autor refere-se ao período compreendido entre 1806, após a batalha de Iena, e 1813, quando se travou a de Leipzig, em que as conquistas de Napoleão estendendo a França até o Reno, criando a Confederação dêsse nome, erigindo em Reino a Westfalia e dando a seus generais feudos como o Grão Ducado de Cléves e de Berg, encheram a Alemanha de guarnições francesas, que ocuparam suas principais cidades.

(3) Curiosíssimo pormenor sôbre os costumes do tempo. A parte comercial da rua do Ouvidor ficava compreendida entre o Canto do Tomé Dias, esquina de Direita, agora 1º de Março, e o largo de S. Francisco. O encontro de Ouvidor e Quitanda era denominado Canto dos Meirinhos.

timentais, vítima dum amor infeliz. Eu que, nessa ocasião, estava por assim dizer atrás dos bastidores, tive um gôso duplo: o de vêr um máu comediante parodiando um drama sem querer, e a alegria maliciósa e superior de fazer comentários históricos a tal peça, tanto mais picantes quanto ditados pela vingança.

Ninguém andou passeando sob as palmeiras sem o devido castigo. Experimentei em meu próprio corpo a veracidade dêste asserto (4). Os raios perdendiculares do sol tropical queimam da mesma maneira o coração e o cérebro, despertando as mais negras paixões. A natureza deu ao caráter do meridional muita calma aparente para esconder o violento tumulto interior. A educação e o hábito ensinam-lhe a prestar atenção às suas palavras e procedimento, êste discreto e amavel por gôsto. Assim, aquelas paixões não são de longe tão perigosas como nas plantas exóticas do Norte, em solo estranho regadas com rum e vinho do Pôrto, nas quais medram com brutal exuberância. O velho adágio que diz ser o renegado pior que o próprio turco é verdadeiro em todo o mundo.

Os autores europeus lamentam frequentemente que o caráter popular dos habitantes dos paises tropicais forme violento constraste com a fertilidade do solo e a limpidez do céu, que os distinguem em tôda a terra habitada, proclamando o desejo de serem essas regiões paradisíacas povoadas com as raças melhores das zonas frias. Infelizmente, o resultado prático não corresponde a essa teoria. O meridional tem muitos e graves defeitos, contrabalançados, porém, por diversas boas qualidades. E' falso, mas obsequioso e cortez; desregrado no amor, mas comedido no vinho; preguiçoso, mas sóbrio. Todos os nórdicos que vivem em paises quentes, no entanto, não conservam nenhuma das virtudes próprias de sua nação e adquirem em pouco tempo os vícios e defeitos dos seus habitantes, confundindo-se de todo com êles.

Em regra, o Teuto Brasileiro é fingido e grosseiro. Tendo perdido a velha lealdade alemã, conservou somente a brutalidade trazida de além-mar. Seu amor não tem a menor delicadeza e nêle se torna mais brutal, porque geralmente está bêbedo. Supera longe seu modêlo em preguiça. Desmedido em todos os gosos, sente as consequências dos vícios mais cêdo e mais fortemente do que o filho do país, que se satisfaz com alimentos mais simples e quasi sempre recusa as bebidas alcoolicas.

O inglês traz para o Brasil seu espírito de usura judáica e deixa em casa o seu nobre sentido nacional, se êste aqui não degenera em orgulho ridículo a gabar as vantagens de sua pátria, falando a tôda hora da liberdade e do liberalismo britânico, quan-

---

(4) O duelo em que foi ferido no pé, conforme conta no primeiro capitulo. O passeio sob as palmeiras corresponde a uma aventura amorosa.

do suas ações provam que nêle não há o menor vestígio de tais virtudes. Em intemperança, rivaliza com o alemão, que, às vezes, o vence. O italiano não perde sua avareza, nem o francês sua vaidade. O que estas duas nações têm de bom não se encontra em seus rebentos no Novo Mundo. E parece incrivel que, socialmente, o francês se torne o menos amavel de todos.

Os estrangeiros que conheci no Brasil e que mais me agradaram foram bons e honestos capitães de navio. E' gente que, mesmo com poucos conhecimentos e habilidades, encara a vida de maneira tão larga e com tal bom humor que se torna um prazer a sua convivência. Têm o preconceito da posição, porém no seu ambiente e moderado por alto gráu de tolerância, que só se adquire nas viagens, com a sua constante mudança de panoramas.

Ao princípio, tive pouco contacto com os portugueses, pois o meu ferimento não me permitia sair de casa, e, durante horas, ficava ao balcão, olhando com interêsse constantemente renovado a variada multidão naquela rua de muito trânsito. Foi alí que pude sentir como é agradável o estilo arquitetônico dos portugueses, o qual favorece as relações amistosas entre visinhos. Vive-se em sociedade nos balcões. As paredes, que, no interior das moradias, formam intransponíveis barreiras entre seus habitantes, alí cedem o lugar a um leve gradil de ferro. Respira-se o mesmo ar e sente-se o encanto da visinhança amiga. Dum olhar e dum cumprimento, primeiras formalidades da cortezia, facilmente se passa para relações mais íntimas e, assim, tôda a visinhança forma uma espécie de roda familiar, que, conforme a situação e as necessidades, ora se alarga ao quarteirão, ora se reduz às casas mais próximas.

Não se dá no Brasil grande valor aos preconceitos de posição social. Pelo menos a êsse respeito as pessôas se externam de maneira muito diferente da européa. Em tôdas as classes ,o gráu de instrução é quasi o mesmo. Não se conhecem as distinções superfinas da boa reputação. Tôdas estas vantagens favorecem uma agradável vida em comum.

Por causa dos acontecimentos políticos, os homens se tornaram cautelosos e desconfiados. A parte feminina da nação não sofreu essa perniciosa influência. Além disso, mulheres e moças estão sempre em casa e quasi não trabalham. Debruçam-se dos balcões com encantador descuido, lançam pela rua suas delicadas rêdes e pescam os corações enleiados em seus olhares amorosos. Muitas vezes observei com admiração quantos namoros uma mulher consegue alimentar em tão reduzido espaço, como ora dá atenção a um, ora a outro e, às vezes, a mais de um ao mesmo tempo, quando a fresca brisa do mar leva todos a um passeio; como hoje, com sinais e olhadelas, favorece êste e amanhã, sem um jôgo de fisionomia, na maior indiferença e frieza faz os seus cortejadores desesperarem; e celebra um triunfo tanto mais pi-

cante quanto é testemunhado pela rua inteira. Em geral, as relações amorosas entre as famílias são tão complicadas, que mais de uma paixão é estimulada. Somente para a curiosidade e a bisbilhotice não há matéria (5). A discreção dêste povo vai tão longe que até as mulheres de vida mais escandalosa não são excluídas das relações amigáveis. Senhoras e senhoritas virtuosas, se há motivo ou ocasião, as cumprimentam e lhes dirigem a palavra. Os homens as tratam com a mesma atenção ou talvez maior que as de reputação ilibada. Elas próprias portam-se com mais modestia do que as mais afamadas santinhas da rua. Uma vez, certa honrada matrona, minha mais próxima visinha, me disse que me precavesse contra uma rapariga, que morava perto e fazia parte de nossa roda. Não compreendi bem e perguntei por que. Ela me respondeu. — "Porque as raparigas dessa espécie quasi sempre têm doenças". A boa senhora não se preocupava com a minha virtude, mas com a minha saúde.

Além disso, reina grande liberdade na conversa entre os dois sexos. As meninotas falam com natural ingenuidade de assuntos que na Europa fariam corar qualquer mulher, de modo que só as demasiado levianas se podem considerar excepções. Todavia, absolutamente as brasileiras em geral não são assim. São garridas e provocantes, lisonjeando-se a sua vaidade com muitos triunfos; mas, longe de quererem corresponder aos sentimentos que despertam, tomam tôdos êsses namoros passageiros como simples brincadeira e agradavel passa-tempo para seus ócios. Se estão sozinhas, brincam com o leque. Em companhia dos homens, escolhem um para brincar. Os olhos e as mãos têm que estar em contínuo movimento. Não me atrevo a decidir se o coração ou os sentidos tomam grande parte nisso.

Quanto a médico, caí felizmente em bôas mãos. Em poucas semanas, estava quase curado, podendo andar, embora coxeasse ligeiramente. Ganhára alguma coisa com a minha doença: aprendera bastante português, de modo que podia me arranjar em qualquer parte, sem necesesidade de intérprete. Em coxear e nadar, eu me podia comparar a Lord Byron, mas infelizmente me faltavam sua nobreza, seu dinheiro e seu talento (6).

---

(5) A propósito do que diz o autor aqui e adiante sôbre costumes, é bom não esquecer que outros testemunhos coevos são mais concludentes e ásperos: Jacques Arago escreve sôbre o Rio dêsse tempo: "Ville Royale où les vices de l'Europe débordent de toutes parts". O Conde de Gestas depõe: "Pays oú on est peu scrupuleux sur l'article des moeurs". Caldleugh declara: "The inhabitants of Brasil are not the most correct." Saint Hilaire diz: "On est devenu indifferent sur les devoirs les plus essentiels; les fautes contre les moeurs sont á pene aujourd'hui des fautes". E Alberto Rangel, nos nossos dias, conclúe: "A prostituição fazia-se sem rebuço e o adultério era corrente".

É de convir que o oficial alemão se mostra mais suave.

(6) Jorge Gordon, Lord Byron, nascido na Escócia em 1778, morto de febres contraidas no cêrco de Missolonghi, batendo-se pela Grécia con-

No Rio de Janeiro, há poucas diversões públicas como as da Europa. Paris tem suas vendedoras de limonada e Hamburgo suas Marianas (7). Na capital do Brasil, há uma baixa e uma alta súcia francesa, uma costureira, uma cabana suiça e um número incontavel de restaurantes a que o espírito dos soldados alemães dá nomes poucos chistosos. Nenhum dêles poderia ser, numa grande cidade européia, considerado ao menos medíocre. Também em nenhum dêles existe qualquer divertimento. ,

Os hotéis são tão ruins quanto êles. Servem péssimamente por preços exorbitantes. Comidas intragáveis. Ínfimos vinhos portugueses e espanhóis, vendidos cinicamente como Porto e Madeira. Como tôdos sem exceção não prestam, recomendo entre êles os de O'Brion e de Balger, o primeiro à rua do Ouvidor, o segundo à do Rosário, e, para os que não liguem ao mais alto gráu de sujeira, o de l'Empire, à rua Direita. O pior de tôdos é o Hotel du Nord (8).

Quando a gente se acostuma à cozinha nacional, é melhor comer nas casas de pasto portuguesas. As comidas são saborosas, o vinho é vendido pelo que é e os preços não são exagerados. Contudo, não se deve ser exigente em matéria de elegância e asseio. Perto do Teatro, existem algumas que servem muito bem.

O Teatro de S. Pedro de Alcântara incendiou-se há mais ou menos um ano e meio e ainda não foi completamente reconstruido (9). Entretanto, dão representações numa grande sala do edifício com duas filas de camarotes e uma platéia pouco ele-

---

tra os Turcos, a 9 de abril de 1824. Um dos maiores poetas do seu tempo. Autor de obras notáveis, entre as quais "Child Harold", "Parisina", "D. João", "Mazeppa", "A noiva de Abidos", "Giaour", "O Corsário", "Laura", "O cêrco de Corinto", "Manfredo", que incendiaram as mentes no comêço do século. Após ruidoso divórcio, retirou-se da Inglaterra e percorreu a Europa, a praticar excessos. Sua poesia satânica envenenou a mocidade. Vê-se nesta citação do autor que êle estava em dia com a moda literária de sua época.

(7) As vendedoras de limonada de Paris (*limonadiéres*) eram tradicionais. Formavam uma corporação com seus estatutos, que vinha do século XVI.

Não sabemos bem o que sejam essas Marianas de Hamburgo a que o autor se refere aqui e outra vez mais adiante. Talvez o nome dessas personagens viesse da heroina do famoso romance incompleto de Marivaux, publicado em 1741 e de grande retumbância em tôda a Europa: "Mariana ou as aventuras da Condessa de...", ao qual Riccoboni ajuntou uma 2.ª parte em 1755. Mariana era filha de pais imcógnitos, perseguida pelos desejos lúbricos dum fidalgo, a quem foi recomendada. E' a figura da mulher que, no seio da perseguição, resiste por causa do amor que dedica ao escolhido do seu coração.

(8) Para completar a lista dos hoteis do Rio de Janeiro nessa época, faltou somente o Hotel Ravot, à rua do Ouvidor, na casa que foi depois residência do Dr. Luiz José de Carvalho, 2º Visconde da Cachoeira.

(9) O Imperial Teatro de S. Pedro de Alcântara incendiou-se a 25 de março de 1824 por ocasião das festas do juramento da Constituição. Reabriu-se a 1º de dezembro do mesmo ano, embora não de tôdo restaurado dos efeitos do fogo.

vada, que somente comporta algumas centenas de espectadores. Atores ruins. As grandes óperas não podem ser representadas por falta de espaço. Nos bailados, se distinguem a espanhola Estela Sezefredo (10) e sua irmã, que dansam admiravelmente.

Trabalhavam com afinco na restauração do grande Teatro. Como as paredes laterais pouco sofreram com o incêndio e até parte dos corredores da volta dos antigos camarotes, com suas escadas, ficaram de pé, a obra caminhava depressa. Os construtores brasileiros, porém, cometem êrros como os europeus. O arco achatado e pesado do proscênio ruiu diversas vezes até que tiveram a idéia sensata de levantar um de madeira, em lugar do de alvenária, preferivel do ponto de vista da acústica e pela facilidade de execução. Diziam que o edifício seria inaugurado no dia 12 de outubro, o que se não realizou devido às circunstâncias (11).

O Rei D. João VI fundou um Museu, destinando-lhe um prédio ainda não concluido, cuja fachada deita para o Campo de Sant'Ana (12). Contém muitas salas esplêndidas e saletas com as mais preciosas raridades dos quatro reinos da natureza, mas tudo aglomerado sem ordem e mal conservado. O que me pareceu mais notavel foi um pedaço maciço de ouro, em fórma de placa, com o peso aproximado de 13 libras. Provavelmente é a maior pepita ultimamente encontrada no Brasil, cujos garimpos auríferos, segundo se diz, dão agora tão pouco resultado, que estão sendo abandonados. A receita do imposto de 20%, que deve ser pago por tôdo ouro achado, parece pelo menos comprovar

---

(10) Estela Sezefredo não era espanhola e sim brasileira, nascida no Rio Grande do Sul a 14 de janeiro de 1810. Veiu para o Rio de Janeiro com 12 anos em 1822 e começou sua vida de teatro como dansarina. Na festa de reabertura do Imperial Teatro de S. Pedro, a 1º de dezembro de 1824, em que se representou o "Engano Feliz" de Rossini, o discurso de inauguração da temporada foi feito, segundo noticiam os jornais do tempo, pela jovem Estela Joaquina, que parece ser ela, então com 14 anos de idade. Em 1825, travêssa e alegre atirou pelo Carnaval, um limão de cêra em alta personalidade, sendo prêsa. Em 1833, com 23 anos, deixou de ser bailarina e passou a atriz, estreando no referido teatro como protagonista da comédia "Camila". Foi artista notavel no palco e alcançou ruidoso êxito na tragedia de Domingos José Gonçalves de Magalhães, futuro Visconde de Araguaia, "Antônio José" ou "O poeta e a Inquisição", que representou em seu benefício ainda no mesmo teatro, na noite de 13 de março de 1838.

A grande atriz brasileira casou com o notavel ator João Caetano dos Santos e passou a chamar-se Estela Sezefredo dos Santtos, auxiliando-o extraordinariamente em sua carreira. Morreu-lhe o marido em 1863 e ela voltou ao palco de que se afastara, porém já maior de 50 anos não teve mais o menor êxito. Faleceu em Niterói na maior miséria a 13 de março de 1874.

Não encontramos em parte alguma a menor referência à irmã citada pelo autor.

João Caetano, cognominado o Talma Brasileiro, nasceu a 27 de janeiro de 1808 e faleceu a 24 de agosto de 1863, no Rio de Janeiro.

isso, pois num dos últimos anos importou apenas em 30 arrobas, o que equivale a 300 mil thalers ouro (13).

Nada vi de notavel entre as pinturas e objetos de arte do Museu, apesar de aquí, como em tôda parte, se ouvirem gabos a grandes nomes. As coleções são mostradas livremente ao público em dois dias da semana ,sem que haja o indecente peditório de gorgetas dos estabelecimentos similares europeus. No Brasil, ignora-se completamente isso.

A Biblioteca Pública também é uma relíquia do tempo do Rei. É riquíssima em história eclesiástica e contém inúmeras genealogias da fidalguia portuguesa e espanhola. Tudo se acha amontoado sem ordem nem sistematização. Encontram-se poucas obras modernas posteriores a 1805. Só existia um volume da *Viagem* do Príncipe de Neuwied (14). A Biblioteca está instalada em um prédio da igreja do Carmo (15) e é muito frequentada, principalmente por padres. As carteiras para lêr são cômodas. Há com abundância e à mão tinta e papel. É um prazer passar alí algumas horas.

Um gôsto bizarro presidiu à construção do Mausoleu Imperial. Num pequeno jardim, rodeado por tôdos os lados de altos muros, uma arcada chinesa conduz à exígua capela, que encerra entre grades douradas o lugar destinado a receber os restos mortais de D. Pedro e sua esposa. Dos arcos lavrados em concheados pintados a têmpera pendem lâmpadas douradas. Pelas colunas sobem trepadeiras floridas, plantadas em jarrões postos simetricamente entre elas. Aquí e alí, bancos de pedra. Um simples monograma, com as letras P. L., Pedro e Leopoldina, entrelaçados, encima a entrada do jardim. No gradil da capela, as iniciais M. I., Mausoleu Imperial, sob a corôa do Império, in-

---

(11) Foi inaugurado, como se viu das notas anteriores, a 1º de dezembro de 1824.

(12) Prédio, à esquina da rua da Constituição, atualmente ocupado pelo Arquivo Nacional. Nos fundos passavam as ruas do Regente e das Flôres, esta, depois, do Núncio e, enfim, Tobias Barreto.

(13) Mais ou menos 200 contos de réis, 200 mil cruzeiros.

(14) Alexandre Filipe Maximiliano, Príncipe de Wied Neuwied, natural desta última cidade, onde viu a luz em 1782 e faleceu em 1876. Fez viagens de exploração na América do Norte e no Brasil, nêste último país de 1819 a 1920, naquêle outro de 1828 a 1843. Em sua honra, os naturalistas deram a um gênero de orquideas o nome de *Neuwideas*.

(15) Fundação de D. João VI, ainda quando Príncipe Regente, tendo como fundo a livraria adquirida ao Conde da Barca e os livros por êle próprio trazidos de Portugal, coleções da Ajuda, das Necessidades e do Infantado. O Ministro Conde de Aguiar oficiou à Ordem do Carmo que desocupasse o andar superior do edifício do seu hospital, pegado ao Convento, para nêle se instalar a biblioteca. Os doentes foram mudados para o pavimento térreo e em 1812 levados para o Recolhimento do Parto, na atual esquina de Assembléia e Rodrigo Silva, lado do poente. Em princípios de 1811, foi franqueada aos que obtivessem licença para frequentá-la, com o nome de Biblioteca Real. Dirigiam-na Frei Gregório Viegas e Frei Joaquim Dámaso. Em 1817, o seu acervo era calculado em 70 mil

dicam o lugar escolhido por D. Pedro para sua sepultura. Em conchas, nas peredes, as datas memoráveis do Brasil. Em tudo se sente uma lisonja delicada, e o conjunto é alegre e agradavel, em nada lembrando a morte e o apodrecimento. O Imperador gosta de passar alí alguns minutos antes de ouvir missa na pequena capela que fica nêsse jardim. Nunca vi Sua Majestade mais alegre do que nêsse lugar de sua predileção (16).

Em parte alguma do mundo queimam-se tantos fogos de vista como no Rio de Janeiro. Nos domingos e dias santificados, em frente de tôdas as igrejas onde se celebra a missa, salvas de ronqueira e girândolas de foguetes anunciam o momento em que o sacerdote levanta a hóstia consagrada diante da multidão genuflexa. No Campo de Sant'Ana e em outras praças públicas, há frequentemente fogos de artifício, que sobrepujam os primeiros, porque, além de ouvidos, são também vistos, o que é impossível com os queimados em dia claro (17). No dia de Sant'Ana, faz-se brilhante festa na igreja de sua invocação. Ao anoitecer, em grande uúmero, os habitantes do Rio de Janeiro se aglomeram na imensa Praça da Aclamação, tôda iluminada com barrís de pixe e fogueiras.

No adro da igreja (18), ergue-se um arco de triunfo lindamente iluminado. Dos lados, há tribunas para as notabilidades da Diocese, cujos filhos representam uma espécie de comédia. Em um trono, vê-se sentado um pequeno rei de corôa à cabeça e empunhando o cetro, rodeado de camaristas e generais (19). Tôdos procuram imitar bem a arrogância peninsular de seus progenitores. Um palhaço faz leilão dos presentes oferecidos em benefício da igreja, com êsse espírito peculiar, quero dizer católico, que se encontra em tôdas as comédias eclesiásticas: —

---

volumes. Ao fundo primitivo se haviam juntado os livros do poeta Alvarenga Peeixoto, comprados em 1815.

Em 1822, tornou-se verdadeiramente pública e passou a denominar-se Biblioteca Imperial. A 23 de outubro dêsse ano, foi nomeado Bibliotecário Frei Antônio de Arrábida, futuro Bispo de Anemúria e preceptor de D. Pedro II, o qual enviou as duplicatas de livros às Bibliotecas, já então fundadas na Baía e Recife. O auxiliar do Bibliotecário foi o Padre Felisberto Antônio Pereira Delgado.

Em 1858, a Biblioteca deixou o prédio onde a frequentou o autor e foi para um novo, na Lapa, do qual veiu para o atual à Avenida Rio Branco.

(16) Segundo Moreira de Azevedo, quando todo o terreno compreendido entre o bêco dos Barbeiros, a rua do Carmo, a da Assembléia e o largo do Paço pertencia ao Convento da Ordem dos Carmelitas, havia junto a sacristia da Capela Imperial, hoje Catedral, um jardim "que servia de recreio às pessoas imperiais", com porta para a atual rua do Carmo, mais ou menos no local ocupado hoje parte pelo edifício da Curia Metropolitana, parte por um balneário. Sôbre essa porta via-se a corôa imperial e, nas paredes, havia ornatos de pinturas e conchas. E' o que diz o autor: *arcos concheados e pintados à têmpera*. A descrição é de um jardim de recreio do Paço, do qual o velho convento, por meio de passadiços que galgavam as ruas, se tornara mera dependência. Não se en-

"Êste pão, meus senhores, diz êle entre outras coisas, foi presenteado à Senhora Sant'Ana pelo padeiro Fulano. O homem é rico, o que não é de admirar, em vista dos seus inúmeros protetores no calendário. Faz pães pequenos, porém disputados, porque os maiores são para Sant'Ana. Quem oferece por êste mais de um cruzado em honra de Deus e de seus santos?" — "Senhores, olhem para esta galinha. Na verdade, é muito magra, mas o bom cristão que a deu também não é muito gordo. Não valeria um tostão, se não pudesse ser comida em qualquer dia de festa com a consciência tranquila".

Desta maneira, o leiloeiro prossegue durante horas (20). Nos intervalos, faz-se ouvir uma música barulhenta, negras oferecem guloseimas à venda, as moças brancas ou mestiças lançam do mesmo modo as rêdes de seus olhares, os cidadãos honestos passeiam de braço dado com suas obesas esposas, senhores e escravos se misturam, e, afinal, em tudo prevalecem uma ordem e uma decência admiráveies.

Quanto mais a gente se afasta da multidão mais interessante é o seu aspecto. Senhoras e senhorinhas sentam-se de pernas cruzadas à moda oriental, em esteiras e tapetes estendidos sôbre o capim. As crianças brincam em volta. Nem as mais pequeninas ficaram em casa. Velas acêsas por tôda a parte. Não sopra uma aragem. Foguetes solitários riscam o céu. Por entre longa fila de vendedores ambulantes, comodamente refestelados por trás de suas cêstas iluminadas, apregoando frutas, balas, pasteis, licores e que sei eu, a gente mergulha aos poucos no profundo silêncio da noite, que cobre com seu estrelado esplendor tropical a imensa praça.

Alguns casais passeiam, cochichando, para cima e para baixo.

---

contra em parte alguma a menor referência a um jazigo imperial alí preparado. O autor fala de duas letras entrelaçadas no gradil M. I. a que atribue a significação de Mausoleu Imperial. Não teria visto mal? Não seriam M. L.: *Maria Leopoldina*? Em todo o caso, o jardim existiu.

(17) Os fogos são no Brasil tradição portuguesa, minhota. Os de vista ou artifício mais afamados no Rio de Janeiro de então eram os que se soltavam no adro da igreja do Espírito Santo de Mata Porcos, no atual largo do Estácio.

(18) A igreja de Sant'Ana construida em 1735 no terreno doado pelo Arcediago Antônio Pereira da Cunha, falecido em 1759 e nela enterrado. Ficava no sítio da atual praça Benedito Otoni, em frente à estação da Estrada de Ferro Pedro II ou Central do Brasil. Demolida para a edificação dessa estação em 1858.

(19) Além da festa do Espírito Santo em que havia o Imperador do Divino, tão famoso em nossa tradição, em geral cada igreja tinha o seu soberano, Rei ou Imperador, menino ou rapazinho, que presidia às festas sentado no trono e rodeado da Côrte, fora da igreja. Muitas delas possuiam no adro um coreto, pavilhão ou palanque a isso destinado, que o povo chamava *o Império*.

(20) Página verdadeira, viva do nosso folclore, como o que precede e o que se segue. Ainda hoje no nosso interior as festas de igreja são como esta que o autor magistralmente descreve aqui.

Sôbre a grama macia, celebram-se horas de amor. Só as alamedas que cortam o Campo estão cheias de carruagens e de magotes de povo em constante movimento. A polícia manifesta-se com o esplendor de numerosas patrulhas de cavalaria, que produzem mais estôrvo do que proveito, pois a multidão mantém melhor a ordem por si mesma. Elas não impedem os crimes que se encobrem nas trevas. Quem tem a consciência tranquila não teme faca ou punhal. São raros os furtos e roubos. Nem brancos nem pretos têm jeito ou gôsto para isso. Os chamados descuidistas são inteiramente desconhecidos (21).

Por volta da meia-noite, chega o Imperador, geralmente a cavalo. Tiros de peça e rojões anunciam o comêço dos fogos de vista. Logo se queimam vários, pouco notáveies, quer pelo engenho, quer pelo esplendor. Terminam com dois pequenos fortes que atiram num navio posto entre eles, o qual se incendeia e vai pelos ares, com grande júbilo do poviléu. Raramente não é esta a cena final dos fogos.

Naquela noite, a sorte deu-me oportunidade de apagar uma moça que na verdade estava pegando fogo, em consequência dum foguete mal dirigido. Num instante, o fino vestido de cambraia se pôs em chamas. Sem hesitar muito tempo, atirei sôbre ela meu largo manto escossês e, enrolando-a nêle com meus braços, abafei o incêndio quase tão rapidamente como êle começára.

A moça, de aparência decente, estava desacompanhada. Ofereci-lhe o braço e levei-a para sua casa. Algumas escravas nos seguiam. A êsse feliz acaso fiquei devendo minhas horas mais agradáveis no Rio de Janeiro.

Beata Lucrécia da Conceição não era, em verdade, de sangue puro como a Europa exige para sua pretensa fidalguia racial; mas era uma moça bôa e simples, de 17 anos, que vivia com decente liberdade em companhia de sua mãe, uma creoula gorda. A riqueza dessa gente modesta constava de uma casinha e de alguns negros, que trabalhavam na Alfândega. O capital crescia com um bando de moleques, de tempos em tempos aumentado pela extraordinária fertilidade das negras ou, como dizia a velha, — pela benção do céu. D. Luiza, mãe de D. Beata, era viuva. A filha, solteira, tinha um amigo tropeiro, que andava com sua tropa de mulas por Minas Gerais e vivia com ela quando vinha ao Rio de Janeiro. Uma encantadora menina nascera dessa união filosófica (22).

Peço ao bondoso leitor que encare essa ligação do ponto de vista brasileiro. Num país onde existe a escravidão; onde a diferença de pele não limita as inclinações, mas põe impecilhos con-

---

(21) *Tantum mutatis ab illo...*

(22) E' a exata expressão do autor: *philosophischen Werbindung*. Em todo o livro, não sabemos por que, tôda ligação dêsse gênero é sempre classificada de *filosófica*.

vencionais para o casamento legal entre gente de côr e os que ainda conservam um preconceito trazido às plagas americanas pelo orgulho europeu dos primeiros descobridores; onde as consequências de uma ligação desigual se apresentam sob os mais variados aspectos; onde os costumes, os exemplos e até a indissolubilidade do matrimônio, que a religião ordena, favorecem o concubinato ;onde a própria Constituição concede aos filhos naturais previlégios sôbre os nascidos do casamento legal (23); e onde mesmo nunca se cogita de nódoas de nascimento no sentido europeu, semelhante ligação não é considerada indecente ou vergonhosa para qualquer das duas partes, a opinião não a condena, nenhuma lei moral a impede e o têrmo usual que a designa a enobrece.

O brasileiro chama sua mulher e sua amante, quando a elas se dirige, da mesma fórma: *minha Senhora*. Apenas, para indicar a espécie de relações que com elas mantem, emprega expressões diferentes. Aquela é *mulher;* esta, *moça*. Fala de uma e de outra com o mesmo modo despreocupado. Os filhos têm iguais direitos. A mancha do nascimento está na côr da pele e não na sua origem.

Contudo, é preciso ter cuidado para não confundir a posição em que vive a gente de côr livre no Brasil com a que suporta igual gente nas Índias Ocidentais (24) ou nas colônias inglesas e francesas da África. Socialmente, o homem de côr tem os mesmos direitos que o branco. A única diferença é ser, em geral, tratado com menos cortezia, fazendo-se-lhe sentir de vez em quando a nobreza do sangue. Sua situação assemelha-se muito

---

(23) Conforme o Tít. I, Cap. II, Art. 6 da Constituição Política do Império Brasileiro: "São cidadãos brasileiros: os filhos de pai brasileiro e os ilegítimos de mãe brasileira, nascidos em país estrangeiro que vierem estabelecer domicílio no Brasil". Êste princípio foi também admitido na Constituição Portuguesa. As antigas leis portuguesas e espanholas iam neste sentido ainda mais longe, declarando tôda criança nascida fora do casamento como fidalga, porque havia possibilidade de proceder de sangue nobre. Sem dúvida, incluíam o clero na fidalguia. No Brasil, é costume chamar os filhos de padres *meninos santos* e ninguém se envergonha por causa dêles. (*Nota do autor*).

(24) O nome de Índias Ocidentais foi dado ao Novo Mundo por Cristovam Colombo, que supôs ter chegado às ribas ocidentais da Ásia. Daí se dar aos naturais o apelativo *índios*. As Índias Orientais eram o Indostão, a Indo-China, Ceilão, a Insulíndia. Ainda no século XVII a Companhia Previlegiada que se organizou na Holanda para a conquista do Brasil se denominou das Índias Ocidentais. Com o tempo, porém, a designação passou sòmente a indicar as ilhas do mar dos Caraibas e do mar das Antilhas, colonizadas pelos povos europeus, pois que as outras partes do continente, quer no norte, quer no sul, constituindo nações com seus nomes próprios — Estados Unidos, México, Nova Granada, Perú, Brasil, etc., fôram restringindo êsse conceito geográfico de Índias Ocidentais ùnicamente às terras ocupadas ainda pelas nações da Europa. E' nêsse sentido restrito que a expressão figura aqui.

à dos judeus nas nações civiliadas da Europa, onde são tolerados na sociedade, mas uma vez ou outra lhes torcem o nariz.

Nas Índias Ocidentais, nenhuma pessôa de côr se pode misturar aos brancos, nem possuindo milhões. Tem de ceder o caminho a qualquer branco que encontre na rua. Mesmo em relação à polícia, está sujeeita a leis mais severas. Nenhum dono de plantação se senta à mesa com sua mulher de côr e filhos mulatos, convencido de lavar com a severidade da etiqueta a mancha dessa união desigual. Tôdas as leis são feitas com o fim de conservar opressa essa parte da população. A história de S. Domingos ,porém, demonstrou que elas podem falhar em seu intuito, pois foram justamente os homens de côr livres que, com seu dinheiro, deram fôrça e vida à revolução.

No Brasil, desde o começo, tudo foi diferente. Havia pouco sangue completamente puro. A população era tratada tôda da mesma maneira pela Metrópole e esquecia em seu seio facilmente as diferenças de pele, visto como o orgulho português chamava tôdos — *filhos de mães da Guiné*. Desde que o Brasil se tornou Estado Constitucional, tôdos os cidadãos têm os mesmos direitos. A lei estabelece uma única diferença entre livres e libertos, e essa tão pequena que pode ser considerada inexistente (25).

Pretos e mulatos ocupam posições militares e civis. Entre êles, enecontram-se muitos padres. A côr não exclue ninguem das mais altas dignidades do Império, pois já se viu no Brasil um Ministro de Estado com a marca evidente de sua ascendência africana. Só a parte da população verdadeiramente imigrada, na maioria portugueses reinóis, cuida com certa severidade da pureza de sangue e, por êsse meio, fórma uma espécie de fidalguia, cuja base, como a de tôdas as instituições parecidas nas quatro partes do mundo, não está livre de preconceitos. Não creio que dessa separação, ultimamente aumentada por óbvias razões, resulte alguma vantagem para o bem geral.

Se o Brasil continuar sendo um Estado independente, se a importação de negros parar como foi estipulado nos últimos convênics com a Inglaterra (26), a diferença de côr desaparecerá

---

(25) "Os libertos não podem ser eleitos Deputados nem Senadores à Assembléia Nacional e não têm voto nas eleições, bem como os estrangeiros naturalizados e os brasileiros não católicos" (Constituição do Império Tit. IV, Cap. VI. Arts. 94 § 2 e 3). (*Nota ao autor*).

(26) O tratado de Aliança e Amizade entre o Príncipe Regente D. João e Jorge III da Inglaterra reconhecia a injustiça do comércio de escravos e prometia abolição gradual do mesmo. O tratado de Viena de 22 de janeiro de 1815 aboliu-o na costa da África, ao norte do Equador.

Pela convenção passada entre o Brasil e a Grã Bretanha a 23 de novembro de 1826, cuja ratificação só se deu em 13 de março de 1827, trêse anos após esta data, portanto a 13 de março de 1830, deveria ser proibido o tráfico de escravos na costa brasileira. O tráfico foi proibido de fato

aos poucos e com ela um preconceeito que, em outras partes da América, teve as mais desastrosas consequências. Então, a nação será com toda a razão chamada de côr, *cabra-gente* (27) como o português chama ao brasileiro, e, com facilidade, suportará esta zombaria, gozando, com sua fôrça juvenil, os frutos duma revolução política, cujas dores agora a fazem sofrer. Convencer-se-á pela experiência forçada que é justamente a mistura de sangues o que mais convem sob o céu tropical (28).

O conhecimento de D. Luiza e de sua encantadora filha me foi muito agradavel em mais de um sentido. Por um feliz acaso, consegui algum direito à gratidão dessa moça amavel. Travou-se de maneira facil e natural uma relação mais íntima do que a provocada por êsse sentimento e que não foi abalada por nenhuma das dez mil considerações que o caso obrigaria a tomar, se fosse na Europa. Visitava-as à vontade, sabendo que seria bem recebido a qualquer hora.

Uma noite, quando me vestia para a costumeira visita à casa de D. Luiza, apareceu-me o sr. von S. que, de maneira indecorosa, me pediu satisfação duma coisa que, ao meu vêr, não era de sua conta. Eu tinha feito regressar à Europa um rapazola, filho de uma das primeiras famílias judias de Hamburgo, que viera no nosso navio e sôbre o qual o sr. von S. se arrogava uma espécie de tutela. Morris, como se chamava o jovem hebreu, tinha invencivel aversão à vida de soldado, a qual, se não fôra já própria de sua raça, nêste país era suficientemente fundada. Em verdade, como soldado, êle fazia o papel mais triste dêste mundo. Todavia, não foi só a comiseração que me levou a ajudá-lo; mas, confesso-o sinceramente, o auxiliei a voltar para contrariar o sr. Von S., que se gabava de assegurar ao Exército essa pouco brilhante aquisição. Mesmo que o movel de minha ação fosse o mais ignobil possível, para Morris fôra de grande utilidade, pois livrára suas costas de serem pasto da chibata brasileira. Como tivesse pago a passagem em Hamburgo, ninguém

---

pela Lei de 7 de novembro de 1831, mas só suprimido definitvamente pela Lei de 4 de setembro de 1850.

(27) O Hino da Independência incluía êste estribilho :

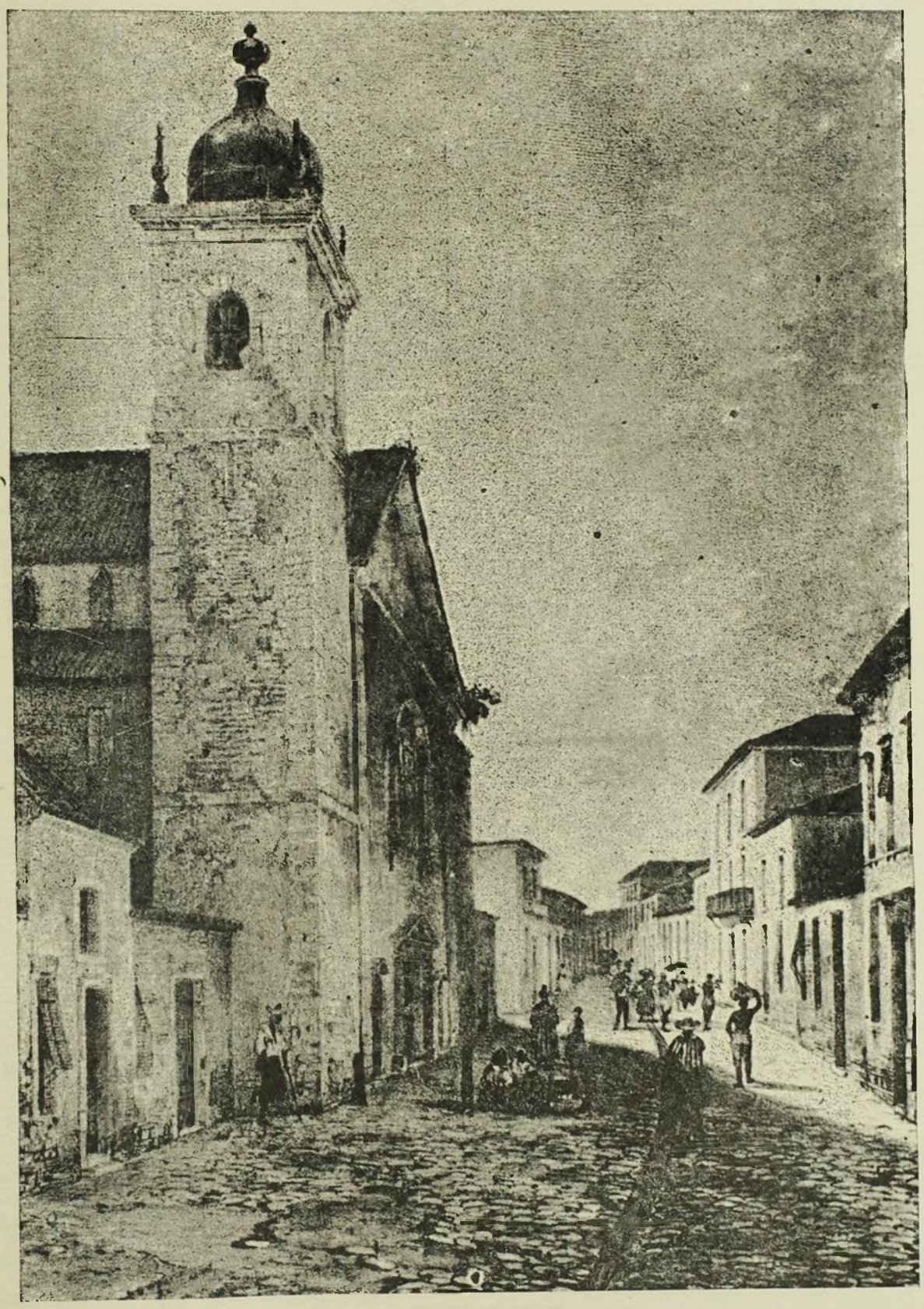
Brava gente brasileira,
Não tenhais temor servil,
Nossos peitos, nossos braços,
São muralhas do Brasil !

Os portugueses, por troça, mudavam o 1.º verso em:

Cabra-gente brasileira.....

E' a isso que o autor alude.

(28) Nêste e em outros locais do livro, o autor, apesar de alemão, faz contínua profissão de fé anti-racista.



A rua da Lapa, quando o autor do livro esteve no Rio de Janeiro. Vendo-se, no primeiro plano, a igreja da Lapa; a primeira rua à esquerda é a atual Morais e Vale.

Desenho de Fisquet e Bayot. Litografia de Chapuy. Das coleções do Museu Histórico.

o podia obrigar a permanecer no Brasil, caso encontrasse um capitão de navio que o quisesse levar de graça.

Com grande trabalho, eu lhe arranjára um dêsses, garantindo-lhe indenizá-lo, se a família em Hamburgo se negasse a pagar a passagem de retórno do rapaz. O sr. von S. enfurecêra-se com êsse áto de humanidade, como eu o classificava, talvez por adivinhar o motivo secreto que o ditára e teve a petulância de ameaçar-me, com sua vingança, em minha própria casa. A consequência foi fazer eu uso ameno do meu direito doméstico, pondo-o para fóra a ponta pés. Meu senhorio, porém, um inglês reforçado, serviu-se do mesmo direito de modo mais completo e o atirou escadas abaixo, sem medo do punhal com que êle se armára, como o diabo fez com a alma do judeu, segundo um ditado brasileiero.

Para mim, o incidente não trouxe a menor vantagem, pois tôdos os partidários do sr. von S. se tornaram meus inimigos e, quando voltei a Hamburgo, me reclamaram o preço da passagem que eu garantira, visto como o pai do jovem judeu se recusára a pagar por seu desregrado filho. No entanto, o sr. von S. deve dar graças a Deus por não ter eu querido desperdiçar meu dinheiro no processo que meu senhorio lhe queria mover e que, provavelmente, o levaria a João Fernandez de Noronha (29), onde jazem muitos de sua laia que não souberam usar um punhal.

Narrei esta história principalmente para dar ao amavel leitor pequena amostra da vida meridional que levam os alemães nórdicos. Poderá servir, como muitas outras que contarei em seguida, como prova da decisiva influência do clima no carater dos homens. Assim como o sangue esquenta ao braseiro do sol, seus raios perpendiculares queimam tanto o coração como o cérebro. Apenas o hábito e a educação conseguem provocar aquela fôrça do espírito que chamamos apatia e que foi dada ao carater dos povos meridionais para servir de contrapeso ao furor de suas paixões.

Agora que uma sorte propícia me trouxe de volta à minha pátria, às vezes contemplo admirado o estado de minha alma num passado recente, que trago presente no meu espírito. Dotado pela natureza dum coração sincero, feito pela educação um homem moral, sem pendor para intrigas e maquinações secretas,

---

(29) O autor estropia quasi sempre os nomes portugueses. Refere-se naturalmente à ilha de Fernando de Noronha, indicada como ilha da Quaresma no Mapa de Cantino de 1502, que Varnhagen diz ter sido descoberta a 24 de junho de 1503, dia de S. João, chamando-se por isso ilha de S. João. O Rei D. Manuel doou-a a 24 de janeiro de 1504 ao grande contratador do Pau-Brasil Fernando de Noronha, de quem lhe veiu o nome que mantém até hoje. D. João III confirmou a doação de D. Manuel em 3 de março de 1522. Foi durante o 1.º, o 2.º Reinado e a República prisão e degredo. Daí a referência do autor.

capaz embora duma explosão passageira, porém demasiado bonachão para guardar um rancor constante, em tôdas as circunstâncias a paixão era em mim seguida sempre pelo arrependimento; porém o esfôrço para reparar os assomos ofensivos se via sobrepujado pela vergonha de confessar a sem razão, por mais que a reconhecesse. Como sentia de modo diferente no hemisfério meridional! Alí a alma se alegrava com a paixão crescente e vivia nela, tôdos os pensamentos se dirigiam à sua satisfação e nenhuma consideração moral dificultava os meios para alcançar êsse fim. Põe-se de lado tôda delicadeza, calcam-se aos pés a justiça e a equidade, e até o ponto de honra (30) se compreende de modo diverso do da Europa. O ódio e a vingança se enfeitam com o nome harmonioso de fôrça de carater, censuram-se os sentimentos mais brandos do coração, como a compaixão e a bondade, e ao perdão chama-se fraqueza.

O sol tropical, o calor abrasador da atmofsera, a disposição irritada do corpo ocasionam essa mudança de carater; os alimentos e bebidas, as mordeduras de milhares de insétos envenenam o sangue e, quando êle volta assim misturado ao coração, nascem-lhe êsses máus impulsos que são a herança do nosso sexo.

Relativamente à história natural, fiz a singularíssima experiência de serem quase todos os produtos americanos de natureza mais ou menos excitante. Os primitivos habitantes da região sabiam disto muito bem e por essa razão lhes davam nomes que se referem ao instinto sexual. Da mais ardente pimenta, *Ai* ou *Apii* (31), com suas 30 qualidades, até o brando palmito e o refrescante cajú, tôdos fazem ferver o sangue. Há mesmo uma espécie de pimenta que usada com exagêro produz a loucura. Muitos peixes e quase todos os anfíbios possuem a mesma fôrça estimulante. Em certas épocas do ano, são até venenosos (32).

O europeu recem-chegado póde facilmente se convencer da exatidão destas observações. Quando se fica mais tempo no país, o corpo aos poucos se acostuma. Muitos europeus sentem invencivel aversão contra as comidas da terra e só se alimentam com as de procedência européia. Quem gosta de picantes, dá-se

---

(30) No original, em francês *point d'honneur*. Bosche emprega a expressão na mesma língua.

(31) A pimenta em tupí era, de fato chamada, *aí*. Para Teodoro Sampaio essa palavra é corruptela do sufixo *aíba, aíva* ou *ahyba* e *ahyva*: mau, agro, imprestável. Como substantivo, *aí* indica também o animal chamado *preguiça*. São várias na côr e feitio as espécies de pimentas malaguetas e de cheiro.

(32) E' crença popular que os crustáceos ficam *reimosos*, não são bons para comer, nos meses que têm r: setembro, outubro, novembro, dezembro, janeiro, fevereiro, março e abril, engordando e sendo saborosos nos outros meses. E' naturalmente essa crendice que o autor registra de modo genérico. Deve-se ter presente que muita coisa êle descrevia com notas apressadas ou mesmo de memória.

bem com os manjares brasileiros. Peixes, ostras, mariscos, carangueijos, lagartos e tartarugas são altamente saborosos, quando um môlho com cebolas, álho, limão e pimenta, como o brasileiro gosta, lhes tira o máu cheiro que os caracteriza sem excepção.

Para dar ao bondoso leitor uma idéia aproximada da confortavel vida meridional, tentarei fazer o resumo de um dia como, sem grandes despesas, os estrangeiros desocupados podem gozar no Rio de Janeiro. Muitos acharão essa vida fastidiosa, mas são os que nunca experimentaram a deliciosa plenitude do *dolce farniente*. Os raios do sol nascente entram no quarto pelos batentes abertos do balcão. Eu, como verdadeiro filho do Norte, que nunca fui amigo de acordar cêdo, viro-me mais de uma vez na cama. Mas a fantasia pinta à minha inata preguiça os encantos de uma bela manhã, com as mais sedutoras côres, o bom senso a auxilia com algumas razões higiênicas e, assim, ela é vencida mais depressa e mais facilmente do que supunha.

Visto-me em poucos minutos, com negligente simplicidade: calças de linho branco, leve casaco matutino, sapatos, meias e um alvo chapéu de palhinha. Acendo um cigarro e vou ao banho, que no Rio de Janeiro é, sem dúvida, o prazer mais barato e inocente que se pode ter. A passos lentos, sigo pela cidade ao longo do Catete. Desvio-me depois para o lado do mar, à esquerda, e, em meia hora, chego ao meu destino. Díspo-me sob as laranjeiras em flôr. As ondas em leves curvas vêm bater na alva praia. O sol ergue-se justamente por trás das serras fronteiras. A água é clara e pura como o ar, e uma brisa fresca agita ambos (33).

Desta vez, contudo, cheguei demasiado tarde, pois o belo-sexo, que se banha antes do nascer do sol, já saíra da água. Seguidas por suas escravas, as senhoras passeiavam na praia com os cabelos soltos, secando-os ao sol. A delicadeza manda-me aproveitar o tempo. Depressa e sem que se perceba caí minha última peça de roupa e com um pulo me lanço ao mar. O banho é rápido e, como não possúo um escravo que me enrole numa grande toalha de enxugar, molhado mesmo como estou enfio a camisa tão depressa como a tinha tirado. Enquanto me visto, o

---

(33) Procuramos sempre reconstituir em notas, atualizando-os, os itinerários do autor no Rio de Janeiro.

Pelo que descreve, vemos que tomou banho de mar no Flamengo. Essa praia compreendida entre o morro da Glória e o da Viúva, antigo de Leripe, era chamada ao tempo dos franceses e tamóios Uruçú-mirim ou, segundo Frei Vicente do Salvador, Ibiraguassú-mirim. Na embocadura do rio Carioca, a gente do mar ia buscar bôa água para os navios. Daí lhe darem antigamente o nome de Aguada dos Marinheiros. Foi também praia da Lapa. Em 1610, o sapateiro Sebastião Gonçalves aforou aquelas terras e a praia houve nome de praia do Sapateiro. O de Flamengo veiu-lhe do pernalta assim denominado.

Uma das vias de acesso do Catete ao Flamengo foi mais tarde a chamada rua da Princesa, hoje 2 de dezembro.

ar e o sol me secaram por completo, salvo a agradavel úmidade que a água salgada deixa na pele e confirma o seu valor.

Volto à cidade por um caminho menos frequentado. Um renque de casas campestres de bom gosto segue a praia até a Glória, em linha reta, prometendo tornar-se um dos mais belos passeios da cidade, quando fôr terminado o terraço de pedra em frente das construções que as defende do mar. Aquí e alí ainda existe areia sôlta e a gente descansa com prazer nos bancos dispostos na parte já acabada. Alta pedreira que desce quase a prumo sôbre a água e cujos prolongamentos surgem das ondas interrompe a passagem. Ingreme vereda conduz ao cimo do morro e uma rua mais larga o rodeia para o Catete (34). Escôlho o primeiro caminho que, em leves curvas, ocultando-se entre sebes, muros e arvoredos, me deixa no ádro da igreja de Maria da Glória (35), o qual, livre e descampado para o lado do mar, permite esplêndida vista sôbre a baía. O ádro está otimamente calçado e dêle larga ladeira conduz à cidade. Muitas vezes, o Imperador ouve missa nessa igreja. Nos dias de grande festa, à antiga moda do Perú, faz-se levar lá em cima aos ômbros de seus escravos brancos (37).

Retorno de vagar à cidade, apertada aquí entre o mar e a montanha, formando um semi-círculo (38). Junto à igreja da Lapa, a rua bifurca-se, seguindo à direita os contornos da baía até o porto e correndo à esquerda por baixo do Aqueduto para o

---

(34) A rua "mais larga" é a atual Silveira Martins, que desemboca na do Catete, no antigo largo do Valdetaro. A vereda a que o autor alude é a ladeira do Russell, de hoje.

(35) Nossa Senhora da Glória do Outeiro, ermida fundada no alto da penha que dominava a chamada Ponta da Carioca, em 1671, pelo ermitão Antônio Caminha. A 20 de junho de 1699, o Dr. Claudio Gurgel do Amaral doou as terras dalí, adquiridas ao Capitão Gabriel da Rocha Freire, aos Irmãos de Nossa Senhora da Glória para levantarem uma capela em que êle e seus descendentes fôssem sepultados. A construção da igrejinha atual começou em 1714. Quando o autor lá esteve, ela já tinha 111 anos.

(36) O Morro do Castelo. Foi antes Morro do Descanso, Alto da Sé, Alto de S. Januário, nome do forte que o coroava, e Alto de S. Sebasttião. Davam-lhe acesso a ladeira da Ajuda, que começava antes do chamado Poço do Porteiro, saindo mais ou menos das proximidades da atual Biblioteca Nacional; a do Carmo, principiando no encontro da rua do Carmo com o Beco do Cotovelo, posteriormente rua Vieira Fazenda; e a Calçada da Sé ou ladeira da Misericórdia, de que resta ainda o comêço no largo do último nome, entre o Ministério da Agricultura, o Museu Histórico Nacional e a igreja de Nossa Senhora do Bom Sucesso.

(37) O Rei D. João VI fazia-se conduzir ao outeiro da Glória numa cadeirinha carregada por doze negros forçudos, vestidos de libré vermelha, que eram chamados a Guarda Negra. Não sabemos se D. Pedro I se deixava carregar por brancos.

(38) A praia da Glória, tal qual se vê num painel eliptico de fins do século XVIII a comêço do século XIX, existente no Museu Histórico Nacional.

Campo de Sant'Ana (39). Tomo o caminho mais curto para casa e entro em elegante barbearia, afim de começar a preparar-me para me vestir. Não preciso recear a mão pesada dum barbeeiro alemão. A aveludada e perfumada mão dum português de Portugal, como gostam de ser chamados os brasileros vindos da Metrópole, ata-me ao pescoço imensa toalha guarnecida de rendas, ensabôa-me durante cinco minutos com água de flôr de laranjeira e gasta dez para raspar minha barba com outras tantas navalhas, sem que eu sinta mais de que o leve roçar do aço e um pouquinho de tédio. Depois de empoar-me o rosto para amaciar a pele, o fígaro penteia meus cabelos e gasta muito tempo quanto pomada para dar-lhe uma fórma elegante. E ainda não acabou! Oferece-se para arrancar-me êste ou aquêle dente, o que cortezmente não aceito (40). Então, lava-me o rosto e fricciona-me a nuca com a mesma água de flôr, apresenta-me o espêlho e diz com profunda mesura: — "Vossa Excelência está preparado para fazer sua reverência à dama de seu coração". A Excelência paga 100 réis e entra, adonizado, no mais próximo restaurante, para almoçar.

O fígaro excitou a fôrça de minha imaginação. Enquanto tomo café com alguns ovos e torradas, vem-me a vontade de jantar em casa de D. Luiza e de sua interessante filha. Vou depressa vestir-me em casa, chamo o primeiro negro que encontro na rua e faço compras para uma refeição modesta. Como sei que é dia de jejum e conheço o gôsto das senhoras, compro caranguejos, palmitos, macarrão para a sôpa, algumas macrelas e batatas, cebolas e agrião para a salada, e um pouco de álho às escondidas. Não me esqueço das passas, das amêndoas, dos abacaxís, das laranjas, das bananas e, para completar a sobremesa, de ostras, queijo e algumas garrafas de excelente vinho do Porto, que nenhuma senhora desdenha.

Chego com o negro assim carregado à casa de D. Luiza e me convido para jantar. A bôa mulher sente-se muito honrada com a minha visita e sua amavel filha me recebe com toda a sua graça natural. Quase sou tentado a beijar a mão que me estende. Contra isso, porém, rebela-se o nobre sangue europeu, ao pensar que a tinge leve côr africana. Enquanto a velha vai em pessôa para a cozinha, afim de dirigir o preparo da refeição,

---

(39) Á direita, pelo Boqueirão do Passeio e praia de Santa Luzia, ao Calabouço ou Ponta da Misericórdia e à praia da Piaçaba, agora rua da Misericórdia. Á esquerda pela rua das Mangueiras, agora Visconde do Maranguape, que ia encontrar a dos Arcos, desembocando esta na rua Nova de S. Lourenço, depois Inválidos e Menezes Vieira, que leva ao Campo de Sant'Ana.

(40) Os barbeiros, nêsse tempo acumulavam seu ofício com o de cirurgião, dentista, aplicador de ventosas e sangrador de lanceta ou por meio de bichas (sanguessugas).

aprendo com minha bela mestra em poucas horas mais português do que me ensinaria em seis semanas um rabujento professor.

Se, nesta convivência íntima, um sentimento melhor não vence o orgulho ridículo a que venho de me referir, fico indeciso, porque sei respeitar os direitos alheios, mesmo que sejam dum simples tropeiro de Minas.

Após a refeição, as senhoras, que se serviram de talheres em consideração à visita (41), vão dormir. Acendo um cigarro me embalo numa rêde até o sono me fechar as pálpebras. Um sonho me conduz à Europa, na qual, quando acordado, raras vezes penso, e me concede gozos a que devo renunciar no Brasil. Assim passam as horas quentes do dia, que, dentro das casas, de construção sempre maciça, são muito menos sensíveis. A frêsca brisa da noite que se avizinha faz por tôda a parte renascer a vida, ruas e balcões enchem-se de gente e tôdo o movimento da manhã se renova (2).

De acôrdo com a verdadeira moda brasileira, toma-se chá, não o nojento mate do Paraguai, bebida predileta de tôda a população feminina do Rio de Janeiro, sim chá da Índia, que está para aquêle como pêco (43) para a flôr de camomila. A noite chega depressa. Quando se acendem os lampeões, ofereço o braço à dama mais moça e, seguidos por uma escrava preta, damos uma volta pelas ruas da cidade, que a essa hora têm a maior animação. D. Luiza, que de bom grado teria vindo conôsco, fica em casa pela delicada modéstia de sentir sua diferença de côr. Sua filha, com um quarto de sangue africano, à noite pode passar como branca de sangue puríssimo.

Na praça da Constituição, em frente ao Teatro, cuja massa imponente se ergue no espaço, descansamos um pouco, sentados em blocos de cantaria alí espalhados. D. Beata Lucrécia fala muito e muito depressa. Mal entendo a metade do que me conta, mas escuto com prazer sua agradavel tagarelice, alegrando-me com a amável ingenuidade de suas perguntas, a que respondo do melhor modo que posso. Ás 8 horas, estamos de volta à casa. Faço meus cumprimentos à mãe e retiro-me convencido de ser benquisto.

Caso deseje sentir vivamente a diferença entre a garridice inata e a fabricada pela educação, basta-me entrar num dos restaurantes franceses dos arredores do Paço Imperial, onde uma parisiense enfeitada, no Novo Mundo tôdas as francesas são pari-

---

(41) Os cronistas da época são todos acordes em mostrar o costume de se comer geralmente com a mão. Só se usavam talheres, quando havia cerimônia.

(42) O hábito peninsular da sésta que se perdeu no Rio de Janeiro e em outras partes do Brasil, mantendo-se ainda no extremo norte.

(43) A epicéia, *hippuris* em latim, *pesse* ou *pecé* em francês, *pecco* em alemão, erva adstringente empregada em infusões pela antiga medicina.

sienses — exibe joias falsas, cabelos e dentes postiços, a própria pessoa e tudo o que a cobre postiço e falso. Alí, tomo um copo de ponche, ouço muita asneira enfadonha e vou, afinal, para minha casa dormir esplendidamente, se os mósquitos e ratos deixarem, pois êles cohabitam am tôda choupana e em tôdo palácio da muito heroica cidade dos muito leais cariocas.

VII

BRASILEIRAS E ESTRANGEIRAS

Vou dando títulos aos capítulos dêste livro como os homens costumam fazer com as estações do ano. Três meses chamam Primavera, mesmo que êles não tenham como atributos flôres de maio, zéfiros e cantos de rouxinol. Assim, domino minhas despretensiosas observações, conforme o que nelas predomina, e coloco o que é mais belo e mais dígno para epigrafar os casos variados com que me esforço em entreter o indulgente leitor.

Haverá alguma coisa mais nobre do que a mulher, coroamento da Criação? Não merecerá ela em tôda a parte atenção superior e estudo profundo? Desejo que cada um dos meus leitores, ao ler as minhas profundas observações, sinta idêntico prazer ao que sentí escevendo-as.

Tôdas as brasileiras de sangue branco podem ser divididas em três categorias:

1.ª — *Formas ibéricas*. Sinais característicos: nariz um tanto arrebitado, bôca arqueada, lábios delgados e maçãs do rosto salientes. De origem portuguesa e na maioria vindas da Europa. As menos encantadoras de tôdas, sobretudo por não terem a opulência de corpo, considerada no Brasil primeiro requinte da beleza perfeita.

2.ª — *Fisionomias mouriscas-judáicas*. Feições muito regulares. Nariz um pouquinho curvo. Lábios carnudos e frescos. Em redor da bôca e das faces, indescritível expressão de fôrça de caráter e altivez que torna um rosto formoso mais encantador, quanto torna um rosto feio mais repelente. Tez propendendo para o moreno, sem, no entanto, ser amarelada. O mais vivo rubor tingindo lábios e faces, podendo em algumas ser obra da arte e não da natureza. Braços, mãos e colos de linda plástica. Na Europa vêm-se de quando em quando judías podendo servir de perfeito modêlo dessa categoria de mulheres, que se conserva de modo admiravel no clima tropical. Deve-se atribuir isto principalmente ao fato de, embora na mocidade muito esbeltas e esguias, ganharem, quasi tôdas sem excepção, com a idade, uma opulência de formas, que lhes enrijece e alisa a pele, o que em geral falta às mulheres idosas na Europa.

3.ª — *Raça mixta*. Nesta categoria, perdeu-se completamente

a expressão oriental das feições. Encontram-se, às vezes, os mais puros perfís gregos. Em alvura, essas mulheres sobrepujam longe as anteriores e entre elas há mesmo algumas, cuja tez até no norte da Europa seria considerada de brancura deslumbrante. Entre as cariocas, nas quais por óbvias razões prevalece o tipo português, são raras. São mais comuns no interior, principalmente nas Provncias do Sul. Não é vã lisonja o que o sr. Plancher, na curta descrição do Brasil anexa ao "Almanaque Imperial", diz das paulistas, afirmando serem belezas perfeitas (1). Tudo o que vi a respeito autoriza juizo tão favoravel. A origem dos habitantes dessa parte do Brasil, contudo, não é insuspeita. De acôrdo com as pesquisas que fiz sôbre o assunto, acho que as avós das encantadoras paulistas devem ser procuradas entre os primitivos habitantes do país. Quanto ao lado paterno, há nelas mais sangue espanhol do que português (2). O certo é que essa raça está inteiramente limpa de sangue africano (3). Quando às outras, a êsse respeito nada se pode afiançar, com certeza, somente pelo aspecto, pois há mulheres, com um quarto de sangue negro, que têm as mesmas feições das brancas e leves tintas da herança de todos os povos africanos desde o mouro ao preto Congo.

Olhos pretos e vivos, sobrancelhas arqueadas e delicadamente desenhadas, cabelo escuro e lustroso cobrindo em abundância a testa e a nuca, porte altivo e gracioso são encantos que não faltam a nenhuma brasileira. Muitas também têm sôbre o lábio superior ligeiro buço que, como um finíssimo retroz preto, projeta leve sombra na pele aveludada e foi, antanho, na Península Ibérica, apreciado sinal de beleza. Elas não toleram pêlos nas outras partes do corpo, arrancando-os na primeira mocidade, logo que aparecem, ou dêles se desfazendo de maneira mais cômoda, porém menos dolorosa. Êste hábito prevalecia entre tôdas as nações da América e deu origem à lenda de nascerem alí os homens sem barba, o que é tão errado como querer dizer que às mulheres falta de nascença o que o costume e o clima lhes mandam destruir.

O antigo traje nacional das mulheres brasileiras desapareceu. Só as das baixas camadas do povo ainda se servem da mantilha ou grande chale preto, que levam sôbre a cabeça, com a ponta

---

(1) Debret, como outros estrangeiros que estiveram na época no Brasil, celebra a beleza e vivacidade das paulistas. Era corrente o provérbio: "Em Pernambuco, elas e não êles; na Baia, êles e não elas; em S. Paulo, elas e ainda elas". Alegres, sociáveis, cheias de graça.

(2) Houve muito sangue espanhol na formação de S. Paulo, bastando para verificar isso passar os olhos pelas suas linhagens: Buenos, Camargos, Godois, Saavedras, Tenórios, Quadros, Bonilhas, Laras, Redons, Toledos Piza, etc.

(3) A propósito, escreve Escragnolle Doria: "Algumas famílias paulistas conservavam-se isentas da mescla de raças e disso tiravam ufania". O autor refere-se a 1822.

rendada tapando meio rosto, o que serve para realçar os lindos olhos à custa do resto do corpo. Vê-se de vez em quando uma esbelta mulata que sabe usar a mantilha com graça. Fora disso, somente negras e velhas escondem assim seus murchos encantos (4).

Nas Províncias, é diferente. Nenhuma mulher sái à rua sem se cobrir com o véu. A imaginação sente-se singularmente excitada, quando a gente vê essas figuras semelhantes às freiras, envoltas totalmente num manto preto, das quais mal se percebem o pezinho delicado e elegantemente calçado, um braço torneado e furtivo, carregado de braceletes, e um par de olhos, cujo vivo fulgor as rendas não conseguem cobrir, movendo-se com leveza e graça sob os trajes pesados.

Na capital, como em qualquer parte do mundo civilizado, dominam as modas francesas e inglesas, as quais, devido ao gôsto do povo, adquirem caráter próprio ou, melhor, se adaptam ao clima. Nunca os espartilhos, por exemplo, nociva invenção dum gôsto estragado, conseguirão êxito no Brasil (4). Tão pouco os exageros das modas, corpetes demasiado curtos ou demasiado compridos. A razão é o clima que proíbe a arte contrariar a natureza. Na Europa, é o costureiro quem faz mais ou menos a forma de tôda mulher. Sob o céu tropical, onde a roupa não tem outra finalidade senão proteger contra o sol e velar o que a decência não permite mostrar, jamais poderá ser introduzida uma moda que põe um gôsto bizarro acima das comodidades naturais. Poderia acrescentar acima da saúde. No Brasil, não se vê o número incontavel de pessoas contrafeitas que há na Europa.

As senhoras e moças vestem-se de preto ou de côres variegadas, cada qual seguindo, quanto a côres, seu gôsto pessoal e não os rigores da moda. Os povos meridionais sempre fizeram assim e é forçoso reconhecer que, nessa escolha, têm uma percepção segura. Vêm-se as mulheres nas igrejas trajadas de modo belo e decente, com vestidos de sêda preta, pesadamente ornados de vidrilhos ou com uma larga guarnição de encantadores babados. Não lhes falta o véu, flutuando como leve nuvem sôbre as fartas madeixas e permitindo, como o leque, variadíssimos jogos. No teatro e nos bailes, aparecem com vestidos de gases policrômicas, cobertos de inúmeras flores e laçarotes de fitas, saiotes de setim, corpete igual, bordado a ouro ou prata, rico diadema, flores e plumas nos cabelos em agradavel combinação. As meias e os sapatos são sempre de sêda. Nêste ponto, o luxo excede a qualquer espectativa.

O traje de côrte assemelha-se a êste, leve e transparente

---

(4) Nas regiões nordestinas, entre a pobreza, a mantilha era substituida pelo lençol. Fazia-se vulgarmente a distinção entre as ricas e as pobres com as expressões: *mulher de mantilha* e *mulher de lençol*.

(5) O profeta, como todos os profetas, foi desmentido pelo tempo...

como o ar sob um céu abençoado. Um manto de veludo ricamente bordado em ouro e prata, um barrete com flutuantes penas de avestruz e um adôrno de brilhantes dão-lhe uma dignidade fantástica e imponente. Porém nem tudo o que ao esplendor das velas lança raios multicôres é diamante verdadeiro, porque em nenhuma parte do mundo como nêsse país dos diamantes se usam tantas pedras falsas (6).

Em casa e nos passeios, senhoras e moças trazem vestidos coloridos de cassa. Nunca brancos, pois esta côr é reservada ao trajar dos negros. E' nessa roupa simples que as brasileiras mostram seus maiores encantos. A gente nórdica disso não pode ter a menor idéia, habituada como está a vêr belas formas em envolucro material que apregôa a arte do costureiro e não a conformação do corpo. No Brasil, desconhecem-se saiotes e espartilhos, até a camisa é peça de roupa superflua, que poucas mulheres usam no verão. Um vestido leve envolve os lindos corpos, cobrindo braços, colo e nuca; a meia fina veste os delicados pés. E' preciso vê-las assim, sentadas num sofá à maneira oriental, com uma perna dobrada e a outra balançando-se negligentemente, o vestido um pouco repuxado, descobrindo o ombro carnudo, mãos, braços e olhos em constante movimento, e o leque batendo o compasso dessa linda atitude. Então, a gente esquece e perdôa o lado sombrío dêste quadro: a voz desagradavelmente gritante e a irritante violência muito pouco feminina, consequências do convívio com os negros, e ainda a demasiada naturalidade, chocante talvez só para os europeus.

As brasileiras são extraordinariamente fecundas. Não raras famílias têm 12 e até 16 filhos. Contaram-me que uma mulher teve 33 filhos! Os partos infelizes são verdadeiras excepções e geralmente de estrangeiras. Os médicos brasileiros atribuem a facilidade dos partos a três causas: a maneira de sentar com as pernas dobradas, que dizem muito propícia à saúde, a completa repulsa aos espartilhos europeus e o banho frequente. Êste último hábito chega a ser exagêro. Em regra, tôda mulher toma um banho quente diário, antes de se deitar, e, nos meses de verão, vai banhar-se no mar, antes do nascer do sol. E' possível que isto também cause a obesidade para que as brasileiras têm natural propensão.

Os sinais de puberdade apresentam-se nas meninas no décimo ou no undécimo ano. Em algumas, mais cêdo. Apesar de tal precocidade, elas são nêsse período tão pequenas em tamanho como as européas, crescendo até aos dezoito anos. Casam muito jovens e sua extraordinária fecundidade poderá ser atribuída ao

---

(6) A descrição combina mais ou menos com a estampa de Debret representando uma dama da côrte em traje de gala e com êsse traje existente no Museu Histórico Nacional. Também com alguns retratos.

fato de nenhuma delas amamentar seus filhos. Tôdas as amas são negras que, sem excepção, têm leite para duas crianças.

E' singular que, apesar da tolerância dominante em matéria de ligações ilegítimas, dêsde que o Rio de Janeiro existe, nunca tenha acontecido uma mulher branca dar à luz uma criança de côr. As cariocas têm orgulho dessa tradição, que seria prova de alto gráu de pundonor feminino, se fôsse integralmente verdadeira. Considero-a uma lenda pela seguinte razão: na Casa dos Expostos da cidade, encontram-se muitas crianças de côr, que não vejo como tenham ido parar alí, se não são infelizes rebentos de mulheres brancas com negros, porque os filhos das pretas têm va or real e, mesmo livres, em pouco ou em nada incomodam suas mães, sendo, demais, o amor das africanas aos filhos maior que o das brancas. E', porém, muito compreensivel que se sepultem no maior segrêdo casos de tal ordem, num país onde o marido é senhor absoluto de sua casa, nenhuma lei de polícia ou moral cerceia as suas ações e não se costuma dar pasto às crônicas maliciosas.

Graças a feliz acaso, pouco tempo depois de minha chegada ao Rio de Janeiro, travei conhecimento com diversos oficiais espanhóis vindos na primavera de 1825, no sequito do Vice-Rei (7), dos quais a maior parte achara melhor esperar de perto o desenrolar dos acontecimentos sul-americanos do que voltar à Espanha, onde só tinham a receber censuras, ingratidões e responsabilidades, às quais na Metrópode sempre se tinham sacrificado os maiores heróis da América. Muitos dos que ficaram no Rio de Janeiro possuíam grandes propriedades no Perú e no Chile. Como resultado da batalha de Ayacucho (8), o Poder Real espanhol na América do Sul parecia destruido de vez e, apesar das aparentes vantagens oferecidas pela capitulação assinada pelos Generais Canterac e Sucre (9) aos realistas espanhóis, êles preferiram na-

---

(7) Depois que os realistas espanhóis fôram vencidos no Perú, muitos emigrados vieram ter ao Rio de Janeiro ou por êle passaram rumo da Europa. Alguns muito ilustres. Entre êstes, o Arcebispo de Lima e o antigo Vice-Rei La Serna.

(8) A batalha de Ayacucho travou-se a 26 de dezembro de 1824, no Perú, e determinou a capitulação dos chefes realistas espanhóis batidos pelos insurgentes. O Vice-Rei, que êstes haviam aclamado, Marquês de Tôrre Tagle, foi ferido.

(9) O Tenente General José Canterac, natural da Guiena, em França, que morreu assassinado por seus soldados amotinados nos Correios de Madrid, em 1835. Tomou parte com brilho na Guerra Peninsular contra Napoleão, em 1801, como cadete, até 1813, no pôsto de Brigadeiro, sempre promovido nos campos de batalha. Chefe do Estado Maior do Vice-Rei La Serna, no Perú, bateu os insurgentes em Ciriaco e em Capuano, e pacificou várias provincias. Foi vencido por Bolivar na batalha de Junin e derrotado por Sucre em Ayacucho, sendo forçado a capitular. Havia sido feito Tenente General ainda na América. Voltou à Espanha e recebeu a nomeação de Capitão General de Castela Nova. Homem de alto valor,

turalmente se exilar por algum tempo dum país, pátria de alguns dêles, onde todos haviam ganho fama e poucos dinheiro, a nêle permanecer sob vigilância policial que em tempos de revolução é incômoda e mesmo perigosa. O Rio de Janeiro era, sem dúvida, o ponto mais vantajoso para esperar os acontecimentos próximos. Alí podiam manter ligações com a Mãe-Pátria e, sem parecer desesperar da causa de seu Rei, diariamente tinham ocasião de pleitear seus interêsses junto ao novo govêrno, preparando o regresso que todos ardentemente desejavam, quando o novo sistema político estivesse mais fortalecido.

D. Rafael P., Coronel e Secretário do Vice-Rei (10), homem cientificamente instruido e muito esclarecido, honrou-me com sua particular amizade. Raro era o dia em que não tivesse o prazer da companhia dêsse interessante espanhol. Posso afirmar sem ambages que por êle tive a compreensão exata das revoluções sul-americanas, muito diversa daquela que espalharam na Europa autores mal informados e eivados de preconceitos. Vi nêle, ao mesmo tempo, a autêntica figura dum realista espanhol, nada fanático, muito bem informado do interêsse do seu partido e do de seus adversários, julgando ambos sem paixão e sem opinião preconcebida, não fundamentando seu parecer e suas ações no egoismo comum, que havia salvo seu cavalheirismo, sua fidelidade e suas crenças das tormentas de muitos anos de revolução, e podia com calma e equidade volver um olhar retrospectivo aos acontecimentos dum passado próximo. Tais homens são raros e, pertençam a que nação pertençam, onde se encontram se amam e estimam. Os espanhóis e os alemães têm afinidades para se ajuntarem no estrangeiro.

D. Rafael apresentou-me ao Cônsul de Espanha D. J. de Labat y Rincon, que com raro altruismo cuidava de seus con-

---

absolutamente fiel à realeza, era considerado o inimigo figadal de liberais e republicanos. Seu nome valia por uma bandeira.

Antônio José de Sucre, um dos próceres da Independência Sul-Americana, nasceu em Cumaná, na Venezuela, em 1793, e foi fuzilado em Berruecos, na Provincia de Pasto, em 1830. Companheiro do famoso General Miranda na Declaração da Independência de 1811 e, depois, de Simão Bolivar. Teve ação preponderante na campanha de Nova Granada e na tomada de Bogotá, em 1819. Bateu-se em seguida em Quito. Socorreu os peruanos combatidos pelo General Canterac e assumiu a ditadura do Perú a 22 de junho de 1823. A 20 de julho seguinte, passou o poder ao Marquês de Tôrre Tagle e foi ao Chile. De volta a Lima, os realistas o repeliram. Tendo o Congresso Colombiano autorizado Bolivar a intervir no Perú, enviado por êle, realizou a célebre campanha de Cachamarca a Cuzco e ganhou a batalha de Ayacucho. Vice-Presidente da Nova República da Bolívia, cuja capital tomou o seu nome, guerreou o General La Mar, Presidente do Perú. Comandando o Exército Boliviano do Sul bateu os peruanos a 27 de fevereiro de 1829 em Portete de Tarqui. Pereceu em virtude das lutas civis da sucessão da Colômbia.

(10) O Vice-Rei La Serna.

terrâneos emigrados no Rio de Janeiro, sustentando ao mesmo tempo a honra e o brilho do nome espanhol, embora num momento em que não podia esperar lhe fôsse restituído o dinheiro adiantado. Travei também conhecimento com D. Lucas Cotrera, o qual com sua imensa fortuna pôde continuar a guerra na América do Sul, tendo caído com o partido a que fôra fiel até o último instante e sustentando no exílio, como verdadeiro tesouro militar, centenas de espanhóis ligados ao seu destino.

Fui uma noite à casa do Cônsul espanhol, que oferecia brilhante festa a alguns de seus conterrâneos prestes a voltar à pátria pela França. Alí conheci de perto, pela primeira vez, encantadoras senhoras espanholas, que muitas vezes já haviam chamado minha atenção no teatro e nos passeios. Havia cinco, tôdas lindas e, segundo me disseram, nascidas na América. Curtas saias de sêda moldavam seus corpos voluptuosos e deixavam vêr pés elegantemente calçados e de tão delicada fórma que um escultor se apaixonaria por êles. O setim brilhante espelhava a cada movimento dos membros torneados e pedras preciosas multicôres cobriam-lhes os braços e o colo. A beleza regular das fisionomias, o suave fulgor dos olhos azues-escuros e o cabelo mais claro agradam, de modo muito diferente do dos encantos orientais das mulheres lusas, ao gôsto bem formado dos nórdicos. A conversa foi viva, mas não trivial, porque a galantaria espanhola exige que se dedique atenção exclusiva a uma só dama. Acho isto mais interessante e decente do que o deslavado cortejar a tôdas, que, vindo de França, se propagou pelo mundo inteiro.

Nunca faltam cartas e dados entre os espanhóis. Embora não aprove essa disparatada inclinação para o jôgo, não posso deixar de louvar o cavalheirismo com que jogam e a calma com que perdem. Numa sociedade espano-americana, tudo joga, mulheres, crianças e os próprios criados em competição com os amos, enquanto têm dinheiro para perder. A consciência não sofre com isso, pois quem acaba de perder dansa ou toca violão. Numa sala vizinha à do jôgo, há vinhos, cerveja inglesa, dôces e charutos. Cada qual se serve à vontade. Em tudo, liberdade sem o menor constrangimento.

Tôdas as mulheres espano-americanas, sem excepção, fumam, se acaso se chama fumar tirar de tempos em tempos uma baforada do cigarro. O suave perfume do tabaco de Havana que elas com grande habilidade enrolam com os dedos em papel ou palha, fazendo delicadas cigarrilhas, não torna êsse hábito repugnante. E' uma prova de favor oferecer uma espano-americana um cigarro a um homem e maior ainda aceitar o que êle lhe oferece. Em ambos os casos, dá-se e recebe-se o cigarro acêso.

A dansa espanhola é indizivelmente bela. Todos os viajantes lhe têm tecido inesgotáveis louvores, mas nenhum fez dela jamais uma descrição que se aproxime da verdade. No quadro de Fis-

cher (11) representando Valência, há alguma coisa que dela dá uma idéia sofrivel.

A vida social dos espanhóis oferece um encanto único na sua espécie. Eu, que a conhecia somente pelos romances e descrições de viajantes, estas quanto à verdade menos escrupulosas do que aqueles, via-a aquí na realidade e de modo que ultrapassava a mais extravagante fantasia. O bandolim soava na escuridão duma noite tropical, os mais dôces perfumes penetravam pelas portas abertas dos balcões, no interior dos salões resplandeciam as velas e lindos lábios cantavam de maneira que me extasiava o *di tanti palpiti* (12). Desejaria exclamar com Feramor:

"Se há paraíso na terra,
E' aquí, é aquí!"
(*Lalla Rhuc*) (13)

Eu tinha vivido horas lindíssimas!

Tomo a liberdade de fazer mais uma observação. Na Alemanha, considerariam uma espanhola casquilha e suas maneiras indecentes. No entanto, o que a faz tão digna de ser amada é a naturalidade mais sem afetação posta em relêvo com um modo verdadeiramente pinturesco. Portanto: *verba valent sicut nummi* (14)! O observador imparcial não reconhece outra norma senão a fundada em seus próprios sentimentos.

Entre as espanholas que se encontravam no Rio de Janeiro naquele tempo, chamou especialmente minha atenção D. Isabel, espôsa dum Brigadeiro Real e por nascimento *Chola*, como se chamam os descendentes dos primitivos habitantes do Perú (15).

---

(11) José Fischer, nascido em Viena em 1769 e alí falecido em 1822. Pintor e gravador da Escola Austríaca. Discípulo de Brand e Schmutzer.

(12) Famosa cavatina da ópera de Rossini, "Tancredo".

(13) Aliás "Lalla Rhook", poema inglês de Thomas Moore, publicado em 1817 e em plena voga, quando o autor esteve no Rio de Janeiro. O poema, de fundo e gosto oriental, divide-se em 4 partes: 1.ª, o Poeta Velado do Koraçan; 2.ª, o Paraíso e a Peri; 3.ª , Os Adoradores do Fogo; 4.ª, A Luz do Harem. O argumento é o seguinte: Lalla Rhook, filha do Imperador Mongol Aureng Zeb, vai a Bukara, afim de conhecer o noivo, o Príncipe Aliris. Do sequito faz parte o poeta Feramorz, destinado a divertí-la durante a longa viagem, que lhe canta os 4 cantos que formam as citadas quatro partes do poema. A princesa apaixona-se pelo poeta e começa a recear o termo da viagem. Mas, no fim, tudo sai a contento, pois Feramorz é o próprio Príncipe Aliris disfarçado, que desejava ser amado por si mêsmo.

Em 1862, representou-se em Paris uma ópera tirada dêsse poema com o mesmo nome de "Lalla Rhook", libreto de Hipólito Lucas e Miguel Cané, música de Feliciano David.

Não podemos deixar passar sem reparo a cultura do autor, jovem e simples tenente de granadeiros.

(14) As palavras valem como dinheiro.

(15) Chamam-se *cholos* os índios civilizados da Bolívia e do Perú. Por extensão, os mestiços de índio e espanhol.

A rua Direita na primeira metade do século XIX.
No primeiro plano, a Capela Imperial e a igreja do Carmo. Do lado esquerdo, adiante, a rua do Ouvidor. Em frente, a igreja da Cruz dos Militares. Por cima dos telhados, à esquerda, avistam-se as tôrres da Candelária; à direita, a da Lapa dos Mascates ou dos Mercadores.
Desenho de Lauvergne. Gravura de Himely. Das coleções do Museu Histórico.

Pertencia à Família Imperial dos Incas, sendo neta do infeliz Amru-Tupac, que perdeu a vida na revolução de 1789 (16). Como os descendentes da Família Imperial após a conquista do Império pelos espanhóis conservaram grandes previlégios e gerarquia (17), fiéis por muito tempo à sua lei doméstica de se não casarem fora da casta, essa moça podia representar o autêntico tipo primitivo da formação racial sul-americana. Tinha feições extraordinariamente regulares, côr pouco diferente da européa, cabelos longos, lisos e menos pretos do que o do comum das espanholas, e os olhos mais belos e meigos do mundo. Embora corra o perigo de me tornar ridículo, arrisco uma comparação fundada na natureza: seus olhos eram como os daqueles lagartos que espiam serenamente para fora das fendas dos rochedos, olhos em cujo espêlho mal se percebe o esmalte branco que distingue os dos homens, porém se reflete todo um céu de prudência e meiguice, como é próprio das mulheres.

Querem razões fisiológicas e uma certa analogia, por muitos autores considerada herética, — pois se atreve a incluir o homem como membro do reino animal, dum ponto de vista que lhe fere a vaidade, — que a fidalguia das famílias ganhe muito com as mais heterogeneas misturas. Na Europa, poucas são as oportunidades para se realizarem pesquizas sôbre a matéria. As nações muito se parecem, longos séculos de vivo intercâmbio desfizeram pouco a pouco as barreiras raciais e uma vida supercivilizada estorva as manifestações da natureza. O caráter próprio mais pronunciado se conserva nas raças eslavas e ibéricas, que formam os últimos aneis da cadeia dos povos europeus. Essa diferença, porém, é pouco apreciavel em comparação com as que contribuiram para a formação dos habitantes da América. Apresentam-se no mesmo palco quasi tôdas as nações da Europa ,ora mais, ora menos misturadas com as inúmeras tribus primitivas. Até onde estas há muito tempo desapareceram, ainda

---

(16) Alás Tupac Amaru. O 20.º e último Imperador da linhagem dos Incas. Sucedeu ao 19.º, Quispe Yupanqui. A dinastia incaica foi fundada por Manco Capac em 1125. Tupac Amaru reinou sob o domínio dos espanhóis, que lhe deram o nome de Filipe, de 1569 a 1572. A conquista espanhola realizou-se em 1533; mas a dinastia se manteve até 1572, com Príncipes que reinavam sôbre os refugiados das montanhas. Á chegada dos conquistadores, reinavam Uascar e Atahualpa desde 1524. Sucederam-lhes: Tupac-Hualpa em 1533, Manco de 1533 a 1544, Diogo-Xairi-Tupac-Yupanqui de 1544 a 1561, Filipe-Cusi-Titu-Quispe-Yupanqui de 1561 a 1569 e, finalmente, Filipe-Tupac-Amaru de 1569 a 1572. E' a êste que o autor certamente se refere, embora troque o nome e escreva Amru-Tupac, pois o único membro da linhagem incaica dêsse nome, Amaru-Tupac-Yupanqui, não chegou a reinar.

(17) Pela nota anterior vimos a dinastia incaica se prolongar sob o domínio espanhol. Garcilaso de la Vega, que era descendente dos Incas, é a prova do modo como se manteve através da conquista a situação nobre e previlegiada da Raça Imperial.

visivelmente se nota a influência que tiveram na constituição da nova raça.

Esta influência, conforme o parecer de todos os naturalistas, é muitíssimo favoravel, embora não seja tão elevada como o enobrecimento que sôbre o sangue africano exerce o sangue europeu. A palavra enobrecimento está empregada com propriedade, pois, no fim de quatro ou cinco gerações, provêm dessa mestiçagem indivíduos excelentemente formados de corpo e de espírito. E' muito mais lento o progresso dos mestiços das raças africanas com as americanas. No Brasil, chama-se a essa gente bastarda de cabôclos, designação, porém, que não dá muita certeza sôbre a origem dos indivíduos a que se aplica (18). Colhí a êsse respeito dados tão escassos que não me forneceram um resultado apreciavel.

A digressão que acabo de fazer, favoravel às misturas dos europeus com os povos tanto americanos quanto africanos, baseia-se até nos casamentos que se vêm no Rio de Janeiro entre pessôas das nações heterogeneas da Europa. E' óbvio que tais casamentos não podem ser raros numa cidade comercial, onde cresce todos os dias a influência de forasteiros, sobretudo ingleses e franceses. Encontra-se gente casada de tôdas as procedências. Brasileiros casam com inglesas, alemãs e francesas, e vice-versa. As mesmas nações entre si, por sua vez, E é surpreendente como a espécie se mostra enobrecida nos rebentos de pais que formam corporal e espiritualmente os maiores contrastes.

As louras meigas e os brasileiros ardentes têm filhos lindíssimos. Nêsses lares, em que a mãe é alemã ou inglesa, encontram-se crianças que possúem o ardor do pai unido à suave e amêna fisionomia nórdica da mãe. Os filhos de mães brasileiras, ao contrário, mesmo que os pais sejam de autêntica raça germânica ou céltica, têm, geralmente, traços de meridionais, côr trigueira e as formas volumosas de suas progenitoras, com a diferença dum cabelo mais claro e de faces mais rosadas do que é comum no Brasil. Sómente quando as mulheres são mais maduras, a raça paterna predomina na formação dos filhos. Conhecí uma família em que êstes, conforme a idade, iam apresentando em graduação ininterrupta tôdas as tonalidades da raça ibérica até chegar à alemã. Os franceses e francesas costumam casar entre si, parecendo-me que não servem para melhorar a raça do país.

Como exemplo da observação que acabo de fazer, cito os filhos da Família Imperial. Todos os que tiveram a felicidade de se aproximar dêsses delicados rebentos da Augusta Família concordarão comigo em afirmar que dificilmente se verão crianças mais lindas. D. Maria da Glória é uma loura meiga, cujos olhos azues

---

(18) Caboclos chamavam-se os índios mansos. Por extensão, os mestiços do índio e branco, antes denominados mamalucos ou mamelucos.

brilham com um fulgor que em regra não possúem. Ao lado disso, nas maneiras e na formação, é o perfeito retrato de seu pai cavalheiresco rejuvenescido, o que autoriza as mais belas esperanças. As outras encantadoras meninas desenvolvem na mais tenra idade as mais brilhantes qualidades de corpo e espírito. Portanto, ambos os Reinos, o dêste e o do outro lado do oceano esperam um belo futuro e, no meio duma revolução ainda longe de seu fim, brilha para ambos, nestas crianças, uma constelação austral mais radiosa que o próprio Cruzeiro. Em Portugal, onde o apêgo à pessoa do monarca foi como uma espécie de veneração religiosa e os sistemas políticos nada valiam em comparação com o amor do povo, que valia tudo, a êsse povo outrora tão bravo só pode beneficiar, após ter vencido suas crises apostólicas e constitucionais, o govêrno duma jovem princesa, cuja personalidade terá maior influência do que uma constituição sustentada pelas baionetas inglesas ou a cega confiança num partido que se denomina Apostólico sem um apóstolo à sua frente (19).

Entre as beldades do Rio de Janeiro em pleno apogeu, sobressáem a Senhorinha de Pinto Guedes e as jovens Condessas do Rio Sêco, cujas mães são inglesas, o que confirma a minha observação anterior (20).

Confirma-se também numa Província inteira, a de S. Paulo, cujos habitantes provêm de variadíssima mescla. Pode-se afirmar categoricamente que alí só há mulheres belas.

Confirma-se na América Espanhola, onde, na maioria, as avós eram americanas.

Confirma-se ainda nas Índias Ocidentais, onde as mais lindas mulheres são procriadas nas colônias inglesas e holandesas, embora por pais que pertencem à escória de tôdas as nações.

---

(19) Nome dado ao partido absolutista na Península Ibérica. Com êle, formara-se na Espanha, após a revolução de 1819, um partido composto de ultras, católicos e realistas, cujos chefes fôram o Barão de Eroles, Mata, Flores, Quesada, que acabou refugiado em França, Elio, executado em 1822, e Bessiéres, executado em 1825. Em 1830, êsse partido fundiu-se com o Carlista. Por extensão, foi assim chamado o partido miguelista em Portugal e, antes, os que defendiam as prerrogativas do Rei contra o Constitucionalismo. E' a isso que o autor, muito ao corrente das coisas de seu tempo, alude aquí. O Apostolismo era alimentado na Espanha pelas tropas francesas enviadas por Chateaubriand sob o comando do Duque de Angoulême.

(20) O Almirante Rodrigo Pinto Guedes, Barão do Rio da Prata, foi casado com D. Constança Smissaert Pinto Caldas, irmã da Marquesa de Cantagalo, que faleceu em 1831. Era viúva do Ajudante de Ordens de D. Pedro I Antônio de Saldanha da Gama e filha de José Pereira Caldas e D. Constança Smissaert. O Visconde do Rio Sêco, Joaquim José de Azevedo, foi casado em primeiras núpcias, em Lisbôa, com D. Maria Carlota Miliard e em segundas com D. Mariana da Cunha Pereira, filha dos Marqueses de Inhambupe. As suas filhas eram do primeiro matrimônio. Tem, pois, razão o autor em dizer que a ascendência das filhas dêsses titulares era inglesa. E' também exáto que essas moças davam o tom da moda no Rio de Janeiro daquêle tempo. Uma das filhas do Visconde do Rio

Assim, a experiência confirma o princípio fisiológico de que a raça humana ganha com a mistura dos mais diversos elementos em bondade e nobreza. Deixo a ampliação dessa pesquisa aos naturalistas que tenham ocasião de colher observações sôbre o assunto em tôdas as partes do mundo, as quais somente poderão fundamentar o que verifiquei de todos os modos e tão constantemente na América, que a minha certeza, isenta de qualquer parcialidade nunca foi abalada por casos contrários.

Há, relativamente, poucas de nossas conterrâneas alemãs no Rio de Janeiro, de tal maneira trazidas em custodia pelos maridos que é muito difícil conhecê-las de perto. O bondoso leitor não deve concluir apressadamente por isso que sejam casadas com lusitanos ou turcos. Pelo contrário, seus maridos são os mesmos bons e honestos alemães, que, no seu país, não sabem o que é ciume. Aquí, estragados pelo hábito e pelo exemplo, passam dum extremo ao outro e, segundo me parece, em seu prejuizo. Se esta paixão fica bem ao português, não condiz com o alemão.

Quem tiver uma mulher bonita pode trazê-la ao Rio de Janeiro sem receio de sofrer privações, pois de qualquer modo será bem amparado. Durante minha permanência, vi exemplos surpreendentes. A beleza e a mocidade têm alí muito mais alto valor do que em qualquer parte do Velho Mundo. Até as mulheres públicas escondem a sua vergonha sob o luxo e a elegância. O Brasil é o seu paraiso. Por isso, não é de admirar que moças de família e bem educadas se sintam às vezes atraídas por êsse país, onde conseguem um gráu de fama e riqueza que na Europa jamais atingiriam pelo mesmo caminho.

As artistas francesas que habitam a rua do Ouvidor sabem muito bem aproveitar isso. Todos os anos, centenas delas vêm da França recomeçar na capital do imenso Império uma carreira, na qual em París. Bordéus e Marselha há muito estavam aposentadas (21). O brasileiro, muito morigerado em seus gosos, merecedor da censura de sovinice em muitas coisas, nêste ponto é pródigo e sua propensão para o belo sexo tal que chega a vencer até a inata aversão contra tudo o que é estrangeiro.

No mais, a rua do Ouvidor tem aspecto singular e nela, por momentos, a gente se julga em París. Caixeiras exageradamente

---

Sêco inspirou grande paixão ao diplomata austríaco Barão de Neven ou Neuven, primo do grande Metternich, Conselheiro de Embaixada, Encarregado de Negócios de seu país ao tempo de D. João VI em substituição de Von Eltz, que lhe fez a côrte com estardalhaço e dela ficou noivo. Faleceu, porém, antes de realizar o casamento, com 36 anos de idade, vitimado por um pleuriz, a 26 de dezembro de 1818.

(21) Isso veiu até nossos dias. Era o que se chamava em França *faire l'Amérique* ou mesmo *faire le Brésil*. O expoente dêsse hábito foi a famosa Suzanne Castera, atriz do antigo e famoso Alcazar, que viveu até pouco tempo, apelidada pelo povo carioca de *Viúva de Pedro Álvares Cabral*, possuidora de vinhedos na Gasconha e condecorada pelo govêrno francês com a Ordem do Mérito Agrícola...

pintadas, com cinturas finas e olhos à espreita, exibem gastos encantos diante dos espelhos, cosem em atitude elegante ou lançam as rêdes de seus olhares pela longa fila das lojas, o que até certo ponto lembra o Palais-Royal. Mas, se se observa a rua, tudo muda completamente. Há três vezes mais pretos do que brancos, aos gritos e pulos, tratando de sua vida. Bonitas negras de vestido de cambraia branca, com turbantes encarnados, vendem pastéis, balas e os próprios encantos. À noite, à luz dum lampeão, negros robustos, que repartem os ganhos do dia, brigam por causa duma moeda de cobre indivisível (22): honradas famílias brasileiras dão seu passeio, as crianças à frente, depois as filhas adultas e, por fim, o pai e a mãe vigiando a longa e vagarosa procissão, que escravos e escravas, com fedêlhos adormecidos nos braços, completam (23); de quando em quando, uma formosa leviana, completamente envolta na mantilha ou numa capa escossesa, atravessa a rua; patrulhas policiais marcham a passo cadenciado; passam leves carros puxados por mulas e iluminados por archotes; as guitarras ressôam no seio da noite movimentada, e, sôbre tudo isso, se arqueia o céu tropical azul-negro, recamado de luminosas constelações.

Em geral, conforme se pode facilmente observar, tôdas as mulheres européas que chegam ao Brasil se encandalizam ao princípio com a escravidão e o tratamento dado aos escravos, verberando o modo de vida das brasileiras e seu luxo excessivo. Em pouco tempo, no entanto, vão se modificando, acham as meias de sêda mais apropriadas do que as de algodão, consideram os trabalhos domésticos indecentes e se convencem que os escravos e escravas não podem ser levados sem pancada. E' preciso dizer em honra das francesas que são as únicas brancas que aquí se não envergonham de trabalhar.

---

(22) A mais ínfima moeda de cobre do Primeiro Reinado era o dezréis. Eram cenas comuns nos chamados *cantos* ou cruzamentos de ruas, Canto do João Mendes, no encontro de S. Pedro e Candelária ou Conceição, Canto do Tabaqueiro, no das ruas do Cano e Quitanda, Canto do Carrilho no de Cancelas e Alecrim, Portuguesa ou Catarina Lopes, Hospício e hoje Buenos Aires.

(23) Vide as gravuras de Debret e Rugendas. Elas provam a descriação aquí feita pelo autor.

VIII

RELIGIÃO E SOCIEDADE

Num país onde os exercícios religiosos formam parte essencial da vida e as festas de igreja são quasi o único divertimento popular, penso ser permitido tratar dêstes dois assuntos no mesmo capítulo. Nos paises protestantes, o domingo tem uma posição destacada dos outros dias da semana. No Brasil, todos os dias parecem mais ou menos domingos. A tôdas as horas, a gente se lembra que está na capital dum Império verdadeiramente católico. Pela manhã, inúmeras igrejas abrem as largas portas à piedosa multidão, que nelas se reune para rezar. Uma curta Ave-Maria marca o fim de cada dia. Entre as preces matutinas e da tarde, a vida segue sua rotina, o comércio não para, o movimento nas ruas é o mesmo, tantos nos domingos como nos dias úteis, às vezes até mais animado naqueles, pois grande parte dos escravos os aproveita para seus ganhos pessoais.

Peço ao amavel leitor que, nêste capítulo, não espere digressões teológicas. Elas são estranhas à minha finalidade. Esforço-me por descrever as impressões tais quais as recebi. Por conseguinte, para mim, a religião não passa dum fenômeno externo como qualquer outro. São suas ceremônias, seu culto o de que principalmente me ocupo. Todavia não é possível negar que é justamente isso: a misteriosa celebração da missa, o esplendor e dignidade da liturgia, a compenetração dos sacerdotes, a música magnífica e o canto arrebatador do côro — o que exerce influência sôbre a imaginação e prepondera sôbre os espíritos, que muito tempo peregrinaram nos labirintos duma filosofia, à qual se sacrifica tôda crença positiva. Em troca, querem que a inteligência seja o débil fio que conduza ao entendimento e à luz. Julga-se caminhar ao seu encontro, mas quanto mais próximo parece que estamos menos ela brilha.

Confesso espontaneamente que o culto da Igreja Católica sempre atrai minha imaginação, meus gostos e meus sentidos. Na fria Alemanha, essa influência não consegue tornar-se preponderante com facilidade; mas, no Brasil, o Catolicismo mostra-se no apogêu, com a natureza e a vida em seu favor, reunindo tudo para despertar uma sensibilidade mais filha do sentimento do que da

razão, pela qual, enfim, a crença retoma todos os seus primitivos direitos.

Tôdas as instituições costumam possuir um valor relativo, independente de seu valor intrinseco. Observando-se dêste ponto de vista, parece que a religião católica é muito adequada a êste clima e a êste povo. Os portugueses sempre se ju'garam os melhores cristãos, apesar da forte mistura de judaísmo de que frequentemente os acusam seus vizinhos, os espanhóis, e, segundo me parece, com tôda a razão. Os Reis portugueses consideram seu Reinado quasi como uma investidura direta de Jesus Cristo, até introduzindo os seus símbolos no brasão nacional, conforme canta Camões:

"Vêde-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a vitória já passada,
Na qual vos deu por armas e deixou
As que êle para si na Cruz tomou." (1)

Considerava-se a religião negócio do Estado com que lucravam os Reis, pois sabiam desviar sôbre suas pessoas parte da fanática dedicação a um ignoto Ente Supremo. Eram, no dizer de Camões, rebentos:

"D'úa árvore de Cristo mais amada
Que nenhúa nascida no Ocidente." (2)

---

(1) "Lusiadas", Canto I, estrofe VII.

"O brasão português consta de cinco placas postas em cruz, cada uma com cinco moedas também em cruz, que significam, contando-se a placa do centro duas vezes, os 30 dinheiros pelos quais Cristo foi vendido. O brasão foi escolhido por Afonso I, quando eleito Rei depois da vitória de Ourique. Antes da mesma batalha, êle tivera a visão de um Crucifixo, ao qual o brasão se refere, como também aos cinco Reis mouros que ali venceu".

Até aquí a nota do autor do livro. Fez má e errada descrição heráldica do escudo português, seguindo a lição camoneana do Canto III, estrofes LIII e LIV :

"Já fica vencedor o Lusitano,
Recolhendo os troféus e prêsa rica:
Desbaratado e rôto o Mouro-Hispano,
Três dias o gran Rei no campo fica.
Aquí pinta no branco escudo ufano,
Que agora esta vitória certifica,
Cinco escudos azues esclarecidos,
Em sinal dêstes cinco reis vencidos.

E nêstes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros, por que Deus fôra vendido,
Escrevendo a memória em vária tinta
D'Aquêle de quem foi favorecido :
Em cada um dos cinco, cinco pinta,
Porque assi fica o número comprido,
Contando duas vezes o do meio
Dos cinco azues, que em cruz pintando veio".

Daí demonstrarem ao Rei respeito quasi religioso, muito diverso, porém, da devoção com que Príncipes e povos ofereciam o culto ao Ente Supremo. Assim, continúa a ser no Brasil. Quando o sacerdote se dirige ao altar, faz ligeira reverência ao passar pelo trono imperial, mas se ajoelha contrito nos degráus daquele. Até os santos não recebem o mesmo tratamento. A uns se rendem mais honras; a outros, menos. Entre êles próprios, não são raras as disputas de preeminência, defendendo cada igreja a pretensão do seu padroeiro.

Referi-me há pouco ao brasão do Salvador. Como talvez nenhum dos leitores o conhece, embora entre êles haja heraldistas, descrevê-lo-ei como se acha pintado na igreja do Carmo, no Rio de Janeiro: três montanhas verdes num simples escudo de ouro, tendo a do centro uma cruz preta. Como timbre, uma grinalda de estrêlas e uma corôa de espinhos entrelaçadas, com a divisa: *Deous Carmelis* (3).

Eis o brasão do Salvador do Mundo (4).

Há muitos brasileiros que usam o nome de Jesus Cristo como seus xarás: Fulano de Jesus ou de Jesus Cristo. Outros se apresentam com diversos apelidos de caráter religioso, como: do Coração de Jesus, do Espírito Santo, da Santa Família, da Conceição, Chaves (5), Cruz, etc.

Os americanos do sul foram facilmente convertidos ao Cristianismo. Também os negros, que são marcados a fogo com uma cruz no peito, se orgulham tanto dessas marcas quanto os cavalheiros europeus de suas condecorações. A gente rude sente-se

---

Antes, na estrofe XLV do mesmo canto, o poeta pintava o milagre de Ourique, precedendo a vitória que determinara a escolha dessas armas :

"A matutina luz serena e fria,
As estrelas do polo já apontava,
Quando na Cruz o Filho de Maria
Amostrando-se a Afonso o animava.
Êle adorando quem lhe aparecia,
Na fé todo inflamado, assi gritava :
— Aos infiéis, Senhor, aos infiéis,
E não a mi que creio o que podeis!"

Em nota, na "A Chave dos Lusiadas", José Agostinho escreve: "As armas do Condado de Portugal eram um escudo que tinha uma cruz azul em fundo branco. Afonso Henriques modificou-as, ficando elas com cinco escudos em cruz, representativos dos cinco Reis mouros e das cinco chagas de Cristo, e nos cinco escudos, contando duas vezes o que fica no meio, ficaram representados os 30 dinheiros que Judas recebeu por vender Jesús Cristo"."

As verdadeiras palavras heráldicas para indicar essas placas ou escudos e êsses dinheiros são, para os primeiros *escudetes*, para os segundos *besantes*. A bordadura vermelha carregada de castelos de ouro, cujo número variou pelo tempo até fixar-se em sete, não representa os Algarves, pensam alguns heraldistas, e sim Espanha ligada a Portugal por casamento. Todavia, oficialmente, a Carta Régia de 13 de maio de 1816, que

atraída pelo brilho externo do culto. No Brasil, nunca se empregaram medidas coercitivas para converter os primitivos habitantes. Logo que chegaram ao alcance da civilização, êles aderiram à sua religião de motu próprio. A idéia dum Deus morto na cruz para salvação do mundo, duma Virgem-Mãe e dum céu cheio de santos alimentava abundamentemente sua imaginação inclinada ao maravilhoso. A natureza por sua vez favorecia a crença em milagres. Nas pedras e nas árvores, encontravam-se imagens de Maria expostas como objétos de veneração. Até na banana, que serve de alimento diário, se mostra a figura do Salvador crucificado. De fato, no corte transversal dêsse fruto se vêm traços com tal semelhança de uma cruz que surpreendem os próprios naturalistas.

Até bem pouco tempo, não eram raros prodígios e milagres no Brasil. Tôdas as Igrejas e todos os conventos os conservavam eternizados em inúmeros quadros votivos. Navios a sossobrar, que a mão forte de Santo Antônio arranca dentre os cachopos, mortos ressuscitados pela aparição dum anjo ou por uma prece fervorosa, aleijados e cegos curados ao lhes tocarem piedosos sacerdotes, são os motivos dessas pinturas sem arte. Ao pé dêles, penduram-se pedaços de membros de tôda a espécie, pernas, cabeças e mais ainda, tudo muito bem feito em cêra, como grata lembrança dos doentes curados pela fé (6).

Se é inegavel a existência dessa fôrça, se o espírito por intermédio de uma única idéia é capaz de atuar no corpo de tal modo que cure enfermidades e até vença a morte, acho muito

---

deu Armas ao Reino do Brasil, declara a bordadura vermelha carregada de castelos de ouro como sendo dos Algarves.

(2) "Lusíadas", canto I, estrofe VII.

(3) O ornato ou ornamento do Carmo. Nas publicações da Irmandade do Carmo, as palavras latinas vêm às vezes erradas: *Decur Carmeli*. O autor transcreve-as certas.

(4) Nunca foi o Brasão do Salvador do Mundo. E' o brasão da Ordem do Carmo. As montanhas representam o Monte Carmelo ou Monte de Santo Elias, Djebel-Mar-Elias, onde outrora se adorava a divindade pagã chamada Carmelo, à qual sacrificou o Imperador Vespasiano. Destaca-se no planalto montanhoso da Samaria e foi morada de eremitas e monges, nos primeiros tempos do cristianismo. Edificou-se alí um convento e uma igreja sob a invocação de Santo Elias. Houve 7 Ordens do Carmo ou do Monte Carmelo :

1 — Ordem dos Carmelitas Mendicantes, na Síria, no século XII.

2 — A Congregação de Nossa Senhora do Monte Carmelo, fundada canonicamente por Xisto IV em 1447 e reformada pelo Padre Emiliano Jacomelli em 1678, para cuidar de enfermos e do ensino das crianças.

3 — As religiosas Penitentes do Monte Carmelo, ordem fundada por Antônio Simão Cell e aprovada pelo Papa Alexandre II em 1662.

4 — Ordem Militar dos Cavaleiros de Nossa Senhora do Monte Carmelo, instituida em 1606 por Henrique IV de França, reunida à de S. Lázaro em 1608.

5 — Confraria do Monte Carmelo, dedicada a propagar a devoção do escapulário.

dígno de louvor que a Igreja Católica se esforce por despertar e fortalecer a fé. Mas, para isso, é necessário que o povo também tenha um aimaginação excitavel. No Norte, (7) mais frio, a crença em milagres raramente os provocará.

Embora a fé não cure tôdas as doenças, alivia pelo menos imensamente os derradeiros momentos dos que a conservam. O brasileiro, sendo medroso, morre com a maior calma, suporta a pobreza e a miséria sem se suicidar, porém, quando chega a última hora, quer velas acêsas, o padre perto e os cânticos ecoando. Então, junta as mãos e fala em Deus, convencido que o Santo Sinal da Cruz e algumas gotas de óleo são um passaporte para o céu.

Esta observação póde ser feita principalmente por ocasião das execuções, que, no Rio de Janeiro, são bastante frequentes. Quando alí cheguei, eram justiçadas as últimas vítimas da revolução de Pernambuco (8), homens que não foram embalados no berço com a visão do patíbulo. Mais tarde, vi brancos e pretos pendurados da fôrca. Em tôdos, o medo da morte foi pouco visivel na compunção ou contrição de tal momento, mais recomendavel que a orgulhosa ostentação do inglês ao ser enforcado.

Não se toma muito a sério o jejum no Brasil e diversas resoluções papais concedem nêsse ponto grandes liberdades aos católicos americanos. O toucinho salgado e a carne sêca, por exemplo, fazem parte da alimentação quaresmal e, em caso de necessidade, cada um póde comer o que tiver, sem cometer pecado.

---

6 — A Ordem das Carmelitas fundada em 1451 por João Soreth, Geral dos Carmelitas, aprovada pelo Papa Nicolau V e reformada por Santa Teresa em 1562 sob o nome de Carmelitas Descalças.

7 — A Ordem dos Carmelitas ou do Carmo, fundada pelo Cruzado calabrês Bertoldo, que, em cumprimento dum voto numa batalha, se retirou nas ruinas dum mosteiro estabelecido no Monte Carmelo, sob a invocação de Nossa Senhora, no ano de 400, antes da invasão árabe, com os frades submetidos à rega de S. Basílio. Os primeiros estatutos dessa Ordem, redigidos por Alberto de Verceil, Patriarca de Jerusalém, fôram aprovados em 1425 pelo Papa Inocêncio IV.

(5) Chaves é como está no texto. Em alemão: *Schlussel*. No entanto, parece que houve equívoco do autor, devendo ser Chagas, pois Chaves não tem *caráter religioso*.

(6) Ex-votos. Em qualquer das igrejas brasileiras, cujos oragos têm renome em matéria de milagres, como por exemplo Nossa Senhora de Nazaré de Belém, S. Francisco das Chagas de Canindé, no Ceará, Senhor do Bomfim, na Baia, vêem-se hoje as mesmas coisas que o autor assinala.

(7) O Norte a que o autor sempre se refere é o Septentrião europeu, no qual inclue sua pátria, a Alemanha.

(8) A Revolução de 1824. O autor refere-se às execuções dos revolucionários aprisionados a bordo de navios, que levavam socorros de Pernambuco aos insurgentes de Alagôas, e mandados para o Rio de Janeiro, onde fôram enforcados ao meio-dia de 17 de março de 1825, no largo da Prainha: Joaquim da Silva Loureiro e os aventureiros estrangeiros Guilherme Ratcliff e João Metrovich.

Pe'o art. 5.º da Constituição, é permitida a celebração do culto de tôdos os credos, não devendo, contudo, os edifícios para êsse fim terem feitio de igrejas. A Religião Católica Apostólica Romana é oficial no Império. As outras são simplesmente toleradas.

Na capital, de tôdas as seitas protestantes os anglicanos são os únicos que possuem uma capela muito bonita e de muito gôsto. Nas colônias, há alguns padres protestantes, Sauerbrunn em Nova Friburgogo (9) e Bauer em S. Leopoldo, ambos pagos pelo Govêrno, mais ou menos no mesmo pé que os padres sem paróquia, com o estipêndio de 600 mil réis, aproximadamente 900 thalers.

Como não são possíveis atritos religiosos entre os protestantes de várias seitas, devido ao seu pequeno número, os ministros das confissões toleradas tomam a resolução ajuizada de se adaptarem exteriormente o mais possível àquela que prepondera. Observa-se nêles, em verdade, a mesma elegância espiritual com que se distingue o clero católico superior. Um dia, na cerimônia do beija-mão, quando um pastor britânico em elegante sotaina subia a escadaria do Paço, um oficial da Marinha Brasileira, de pé junto a mim, disse-me com irônico sorriso: — "Olhe o padre inglês! A única diferença que vejo entre êle e os nossos é que tem mulher própria, enquanto os nossos se arranjam com as fi has dos outros..."

Os ministros evangélicos nas Províncias fazem praça do máu costume, próprio de seus colegas europeus, de nunca se sentirem satisfeitos, pedinchando continuamente melhoria de posição. Como o Inspetor das Colônias também é padre católico, Monsenhor Miranda, é ridícula a alegação nas petições que lhe enviam de não poderem sustentar com seus ordenados grande número de

---

(9) Em 1818, o govêrno do Cantão de Friburgo, na Suiça, solicitou oficialmente do Rei D. João VI a fundação de uma colônia dos seus naturais no Brasil. A 16 de maio do mesmo ano, saía a lume no Rio de Janeiro o Decreto aprovando as condições para a criação dessa colônia agrícola na Real Fazenda do Morro Queimado. Em virtude dêsse entendimento, vieram através da Holanda as primeiras levas de colonos.

Por Decreto Real de 3 de março de 1820, a colônia do Morro Queimado recebeu o predicamento de vila com o nome de Nova Friburgo. Quoy, que lá esteve, elogiava a ação do Inspetor de Colônias no tempo, Monsenhor Pedro Malheiros de Miranda, já anteriormente citado.

A colonização suiça fôra motivada pela fome que reinou na Confederação Helvética de 1816 a 1817. O agente Nicolau Sebastião Gachet, de Gruyére, no Cantão de Friburgo, entrou em entendimentos com a Legação de Portugal em Paris, a qual comunicou o fato a D. João VI. Êste se prontificou a facilitar aos colonos terras, gados, sementes e cem francos de auxílio para início de vida, em Cantagalo ou Canta-Galo, como então se escrevia, na Província Fluminense. A primeira leva que veiu foi de 300. Depois, em 1819, chegaram 1.682 de 2.000 partidos através da Holanda. Em 1822, vieram 1.300. Em 1841, 750. Alguns preferiram ser soldados nos batalhões mercenários de granadeiros.

filhos. No mais, vivem livres como pássaros nas florestas, não existindo para fiscalizar seu procedimento nenhum consistório (10) protestante, nem qualquer outra autoridade clerical.

Há bem poucos judeus no Rio de Janeiro. A casa judáica mais respeeitavel é a de Samuel Phillips, parente próximo de Rotschild (11). Desta fórma, a árvore dos circuncidados lança raizes ao solo nêste e no outro lado do oceano, produzindo como frutos inúmeros saques, aos quais já se demonstra um culto idolatra no mundo inteiro.

O Rio de Janeiro possúe umas quarenta igrejas, quase tôdas construidas com estilo e bom gôsto. Internamente, parecem-se muito umas com as outras. Afetam duas fórmas principais: rotundas e em cruz (12), com vastas naves bem ventiladas sem bancos nem cadeiras. Ao fundo, em frente à porta principal, o altar-mór. De ambos os lados, geralmente, quatro a seis altares menores. Poucas têm camarotes e tribunas para os ouvintes. Êstes se ajuntam na nave, os homens de pé, as mulheres sentadas nos degráus dos altares ou, de pernas dobradas, no próprio chão. Durante a missa, se a aglomeração o permite, tôdos se ajoelham.

Raras vezes há sermões e muitas igrejas nem sequer têm púlpitos; mas, se há necessidade, érgue-se um ao meio da nave. Em quase tôdas, ouve-se bôa música. Em nenhuma, se encontram bôas pinturas. Nas mais antigas, vêem-se admiráveis obras de talha em madeira e suntuosas douraduras. Nas grandes fes-

---

(10) Assim se chama a assembléia de Bispos protestantes duma Igreja ou Seita, que resolve seus negócios ou a dirige.

(11) O chefe da firma, Josué Samuel ou Samuel Philipps, servia de intermediário das remessas de fundos do Govêrno Imperial para Londres. Em 1831, ao abdicar e retirar-se para a Europa, D. Pedro I deixou-o como seu procurador no Rio de Janeiro. Alberto Rangel publica uma carta interessante de Samuel Philipps & Cia. à Marquesa de Santos, que estava em mãos do Capitão José Leite da Costa Sobrinho. Com Samuel Philipps foi contratado em 1839 um empréstimo, conhecido na nossa história financeira sob o nome de o *Ruinoso*, no valor de 312.500 libras, das quais, descontadas as comissões e propinas, o Govêrno Imperial só recebeu 237.500. Ao câmbio da época custaram-nos êsses 3.600 contos, com os juros, ... 10.000. Por morte de D. Pedro em 1834, Samuel Philipps foi procurador de sua viúva D. Amélia de Leuchtenberg. Pouco antes da Maioridade de D. Pedro II, o Senador e Ministro Bernardo de Vasconcelos era acusado de intimidades com êsse banqueiro, de cuja carruagem se servia. O autor revela o que ainda não fôra dito pelos historiadores e cronistas que se têm referido a êsse israelita: que era primo de Rotschild.

O primeiro empréstimo do Império foi feito com êste e outros banqueiros londrinos, autorizado pelo Decreto de 24 de janeiro de 1824. Serviram de negociadores os futuros Marqueses de Barbacena e Itabaiana. Dividido em duas partes, a 2.ª foi lançada a 12 de janeiro de 1825, um ano após a primeira. O Ministro da Fazenda, Marquês de Baependí calculava que êle dera ao Brasil um prejuizo de 1.900.000 cruzados, isto é, 760 contos ou 760.000 cruzeiros, sem contar as comissões, percentagens e juros.

(12) O tipo clássico da igreja em rotunda no Rio de Janeiro era a

tas, expõem-se tôdas as riquezas do templo: cruzes e imagens de prata maciça cravejadas de diamantes e outras pedras preciosas; vasos de prata e ouro; grande cópia de colchas riquíssimas cobrindo os altares e as paredes. Então, dia e noite ardem incontáveis círios, o chão se recama de flores, o incenso boia no ar e uma música celestial ressôa no côro.

Nêsses dias, o Santo Padroeiro da igreja se apresenta com tôdo o esplendor e, como quase tôdas as irmandades possuem grandes rendimentos, trava-se entre elas uma competição tal que, não raro, dá lugar a verdadeiros esbanjamentos. Entre êstes, conto os fogos de vista, durante o dia, infalíveis em semelhantes festejos. Centenas de tiros de peça e de foguetes anunciam o misterioso momento em que o sacerdote mostra a Sagrada Hóstia à multidão reunida. Êsse gasto de pólvora dá às festas de igreja um aspecto militar, aumentado ainda péla presença dos soldados. A ruidosa marcha batida mistura-se aos amenos sons da música do côro, o retinir das espingardas acompanha as solenes orações dos padres, formando essa mescla de cerimônias mundanas e religiosas um conjunto verdadeiramente sublime.

A Capela Imperial foi construida em estilo nobre (13). Sua situação no largo do Paço, o bom gôsto da fachada singela, a alvura brilhante das paredes e a cruz de ouro no frontespício, tão leve e transparente que parece flutuar nos ares, tudo isso faz dessa igreja um dos mais belos edifícios da cidade. A decoração interna é muito rica. A tribuna do Imperador fica ao lado do altar-mór. Nas ocasiões festivas, junto da poltrona do Bispo colocam um trono mais alto do que ela, para o soberano, onde êle fica, sem acompanhamento. O quadro do altar é um dos melhores que há no Rio de Janeiro. Representa a Virgem Maria carregada pelos anjos entre as núvens. A seus pés vê-se a Família Real. Foi pintado por José Leandro e é nêle digna de admiração a semelhança dos rostos com os originais, sendo tôdos os

---

de S. Pedro, na rua do mesmo nome, antiga rua do Carneiro, agora retirada para a abertura de grande via pública. Foi a primeira assim construida no Brasil. A Irmandade de S. Pedro nasceu na igreja de S. José. Em 1732, o Padre Francisco Barreto de Menezes doou-lhe chão para levantar seu templo na rua do Carneiro, que, depois, se chamou de S. Pedro e antes teve os seguintes nomes: Caminho da Forca e rua de Antônio Vaz Viçoso. O arquiteto dessa obra singular foi o Tenente Coronel José Cardoso Ramalho. A primeira pedra foi lançada pelo Bispo Guadalupe.

Além das igrejas católicas, havia no Rio, nesse tempo, um único templo protestante, consagrado a S. Jorge e S. João, começado a construir a 12 de agosto de 1819 e cuja pedra fundamental foi lançada a 12 de agosto de 1820, no páteo da Casa do Bispo Castelo Branco, largo da Mãe do Bispo, no local onde ainda existe.

(13) A primeira pedra foi lançada pelos frades Carmelitas em 1761 no local da antiga capela de Nossa Senhora do O'. Ornada de talha dourada em 1785 por mestre Inácio.

retratos fieis (14). O Imperador não é reconhecivel entre êles por ser ainda meninote. Outro quadro representando a Ceia do Senhor, existente numa capela lateral, é pouco mais do que medíocre.

A música na Capela Imperial é excelente. As partes do *tiple* (15) são cantadas por castrados, entre os quais Fasciotti sobressái pela pureza e fôrça da voz (16). A orquestra é bem dirigida; mas, como se admitem músicos inferiores, o acompanhamento instrumental fica muito abaixo dos solos e do canto. É regida à maneira italiana. O chefe da orquestra bate o compasso com tôda a fôrça nas palmas das mãos, o que ao princípio incomoda e só acostuma com o tempo.

Nas grandes solenidades, a Guarda Imperial dos Archeiros (17) fórma um quadrado na igreja, emoldurando a Côrte, o Senado da Câmara e os Cavaleiros da Ordem de Cristo. O resto do templo se enche de gente sem diferenças hierárquicas. O Imperador senta-se no trono, ao pé do altar-mór. Junto dêle, o Bispo. Em frente, os Cônegos da Capela Imperial. Se a Imperatriz comparece, fica só ou em companhia da filha, a Princesa Maria da Glória, na tribuna imperial. Uma ou duas damas da Côrte ocupam uma tribuna maior ao lado.

Da parte de fóra, dá guarda de honra um batalhão de infantaria. Em tais dias, guarnecem-se as paredes da igreja até o tecto com sêda vermelha agaloada de ouro e prata, e cobrem-se frisas e capiteis com crepe prateado, o que dá ao edifício uma leveza, como se fosse fiado de ar e véus delicadíssimos. A despeito da claridade do sol tropical, seiscentas velas de cêra iluminam aquêle âmbito soberbo.

---

(14) José Leandro de Carvalho, discípulo de Manuel Patola, Leandro Joaquim e Raimundo da Costa e Silva. Nasceu no último quartel do século XVIII, em Magé, segundo Araujo Pôrto Alegre; no Rio, segundo o Barão do Rio Branco. De filiação também duvidosa. Foi o mais fiel retratista de D. João VI, como Príncipe Regente e como Rei. Decorou toda a Capela Real, depois Imperial. O painel do altar a que se refere o autor teve fama. Em 1831, por ocasião da abdicação de D. Pedro I, o povo, insuflado pelos mutinos, quis destruí-lo. Para salvá-lo, o próprio José Leandro brochou-o com uma tinta a cola, depois de Debret se ter negado a brochá-lo. Em 1860, levaram-no para a Escola Nacional de Belas Artes. Em 1888, José Caetano Ribeiro removeu a cola e restaurou tôda a pintura. O quadro desapareceu, depois, inexplicavelmente.

José Leandro ganhou a feitura dêsse painel do altar-mór, em concurso com o pintor italiano Argenzio. Nêle se viam o Rei e a Rainha de joelhos ante Nossa Senhora do Monte Carmelo sentada no trono entre nuvens e anjos, que os abençoava. Os Príncipes D. Pedro e D. Miguel apareciam, conduzidos pelas mãos do seu anjo da guarda. Foi a maior composição pitórica feita no Brasil naquêle tempo.

(15) *Tiple* ou voz de soprano.

(16) Os castrados da Capela Real e depois Imperial eram, como os da Capela Sixtina, italianos e vieram para o Brasil com D. João. A.P.D.G., autor inglês, nos seus "Sketches of Portuguese Life, Manners, Costume and Character", publicados em Londres em 1826, diz textualmente: "I never

Durante a missa celebrada com tôda a pompa da liturgia católica, salvam as fortalezas e os navios de guerra surtos no porto, a guarda de honra dá tríplice descarga de pelotão e queima-se no ádro esplêndido fogo de vista, do qual quase nada se vê. Então, um Cônego da Capela Imperial sobe ao pú pito de sotaina rôxa coberta pelo rendado roquete branco, com a placa da Ordem de Cristo a resplandecer no peito, e faz um curto sermão, geralmente com tal entusiasmo e elegância que não será faci ouvir na Europa coisa melhor em matéria de eloquência sagrada. Sua oração parece intencional e exclusivamente endereçada ao Monarca, a quem se dirige com êste único título: Augusto Senhor. Se a prédica agrada ao Imperador, êle a ouve com a maior atenção. Se, porém, escapa ao orador uma expressão que desagrada a Sua Majestade, acabou-se a sua devoção. O Imperador jamais esconde sua suscetibilidade e, nessas ocasiões, vira as costas para o pregador, pigarreia, brinca com o sabre e, por outros sinais inequívocos, demonstra seu aborrecimento. Graças, no entanto, à franqueza e destemor do clero brasileiro, os pregadores lhe fazem ouvir coisas que, cercado por uma côrte escravizada, só assim poderia saber.

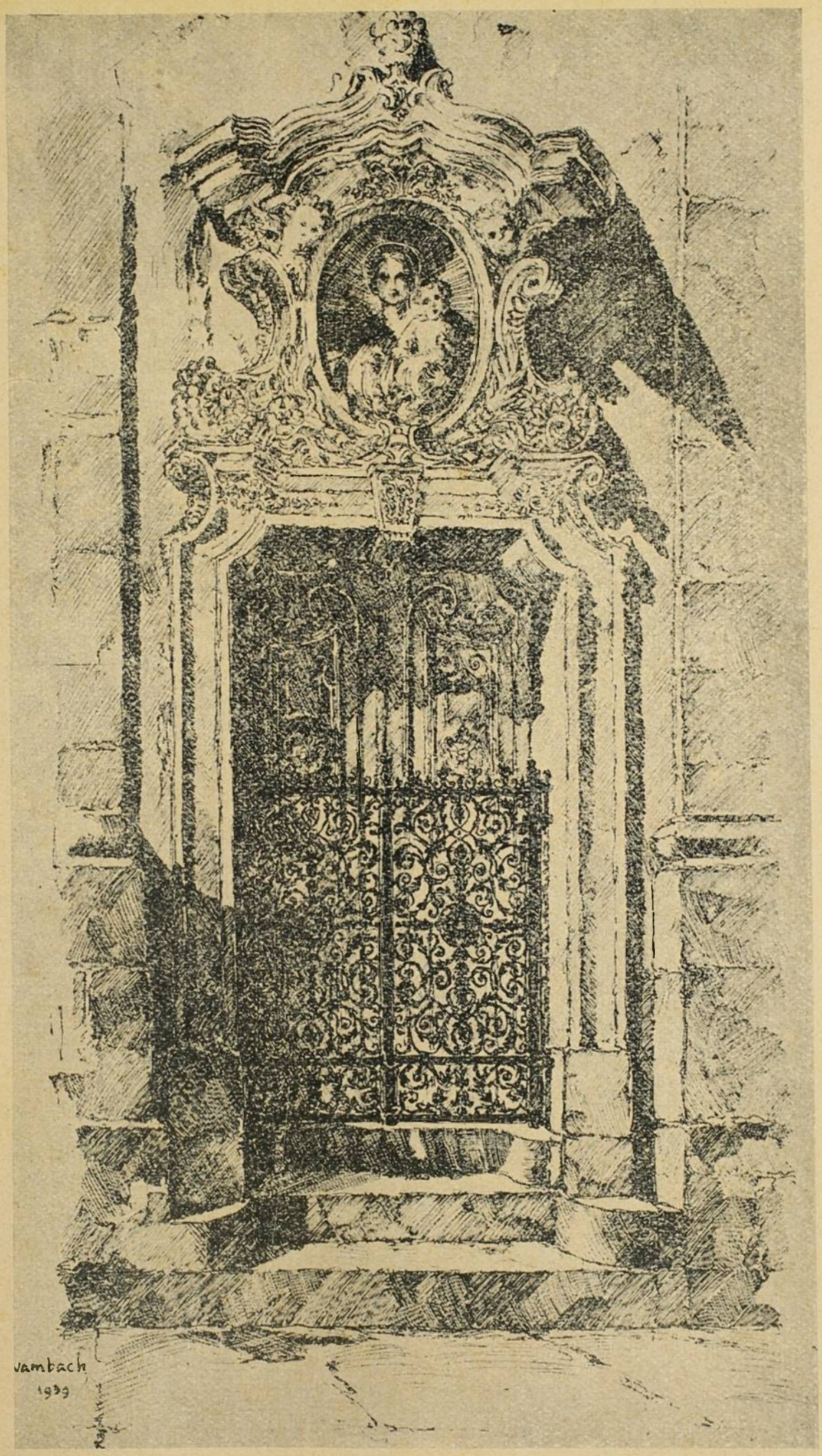
Uma vez por ano, o Imperador costuma ouvir missa no convento franciscano de Santo Antônio, a moçando, depois, com os veneráveis monjes que possúem tão bons cozinheiros como oradores sacros (18). Num dêsses dias, rotundo frade subiu ao púlpito e fez um sermão recheiado de referências à situação política do Brasil. Disse, entre outras coisas, que S. Francisco não era somente homem piedoso e verdadeiro sacerdote do Cristo; mas também fino diplomata que conhecia tôdos os segredos dos ga-

---

attended a soirée at Rio without seeing at in one or two of these *castrati*". Isto é: nunca frequentei um serão no Rio que não visse um ou dois dêsses castrados. O mesmo autor nos dá uma gravura com um dêles cantando.

Os mais notáveis castrados trazidos pelo Príncipe Regente e que cantavam no Rio de Janeiro eram Tomassini, Bartolotti e Fasciotti. Este último tinha uma irmã de ótima voz, a prima-dona Maria Teresa. Êle chamava-se João Francisco Fasciotti e sua voz mereceu os maiores gabos dos contemporâneos. Moreira de Azevedo diz que êle foi protagonista da ópera Tancredo e se refere a um seu irmão, que fazia o papel de sota-tenor. Von Schaffer fala também nos *castrati*.

(17) Antiga Guarda Real dos Archeiros trazida pelo Príncipe Regente D. João para o Brasil. Dava serviço interno na moradia do soberano, guardando as portas dos aposentos. Foi reorganizada em 1808, constando de 36 soldados e 1 capitão. Acompanhava o soberano nas solenidades. Seu uniforme era vermelho com galões azues e dourados. O Decreto Imperial de 18 de junho de 1823 reformou o seu quadro, que passou a ser constituido por 40 guardas efetivos, 20 honorários e 1 capitão. O uniforme foi verde com galões amarelos, semeados de brazões imperiais. Os soldados armavam-se de espadins e alabardas. O capitão trazia, além da espada, uma partazana curta, corseca. A Guarda de Archeiros durou até a República. Marchava com dois tambores ornados de prata e dois clarins dêste metal. O Museu Histórico possue grande número de suas ala-



Porta lateral da igreja do Carmo, dando sôbre o bêco dos Barbeiros. Obra prima de arte barôca atribuida a Mestre Valentim. Encerra a graça do século XVIII.

Duma água-forte de Wambach.

binetes e desembaralhava tôdcs os negócios dos Reis; financista sábio e honesto que conseguia arranjar dinheiro, quando tôdas as caixas se achavam vazias e o próprio Ministro da Fazenda andava de cabelos em pé; e valente cabo de guerra com quem aprendiam tôdos os generais do seu tempo. A carreira militar vivida muitos anos, combinada com a contemplação religiosa fórma um critério capaz de tomar, em qualquer situação, sempre as mais adequadas providências, de tal modo que vemos muitas vezes tais homens influindo milagrosamente sobre o Príncipe e o povo. O Estado Romano estava prestes a sucumbir pela ilimitada corrupção geral, o fanatismo e a hipocrisia dominavam o clero e a própria Igreja estremecia em seus fundamentos. S. Francisco restabeleceu sua antiga simplicidade patriarcal. O edifício do Estado ameaçava ruir, não sendo suficiente para sustentá-lo somente o socorro secular. Então, o Imperador se dirigiu a S. Francisco. E que disseste, Gênio Sublime, ao teu Imperador? Que palavras dígnas de consideração pronunciaste? continuou o pregador, dirigindo-se à imagem do santo no nicho do altar fronteiro ao púlpito.

Depois de pequena pausa, como se a própria imagem tivesse respondido à pergunta, disse: — "Calas-te e não respondes, porque tua imagem diante de mim é apenas um vulto consagrado à tua memória. Tu mesmo, teu espírito acha-se rodeado de Serafins junto ao trono do Altíssimo. Eu, porém meus irmãos, vos direi a resposta dada pelo Santo ao Imperador".

Infelizmente, não entendi o que o frade disse, mas vi claramente D. Pedro rir sob o pálio, depois, de repente, empalidecer e levantar-se enraivecido. O franciscano não se deixou impres-

---

bardas, os tambores, um dos clarins e a partazana do oficial. Os archeiros usavam calções, meias até os joelhos, sapatos de entrada baixa e chapéu de pasta emplumado.

(18) A 22 de fevereiro de 1592, foi doada aos Frades Franciscanos a antiga ermida de Santa Luzia. Dela êles se transferiram para o morro de Crispim da Costa, onde levantaram o convento de Santo Antônio, passando o morro a ter êsse nome. A 20 de fevereiro de 1607, chegou ao Rio uma leva de Franciscanos, 4 Capuchos da Provincia da Conceição, chefiados por Frei Leandro de Jesús. Entre êsses monges se achava Frei Vicente do Salvador, autor da 1.ª História do Brasil. A igreja de Santo Antônio ficou terminada em 1616. Ao pé do morro, nos lugares ocupados atualmente pelo largo da Carioca e pela rua 13 de maio, antiga da Guarda Velha, havia uma lagôa chamada de Crispim da Costa e, após, de Santo Antônio. Ainda em 1711, quando das invasões francesas, a lagôa existia. Posteriormente foi aterrada e o local do largo da Carioca tomou o nome de Campo de Santo Antônio.

A primeira missa dita na igreja de Santo Antônio foi a 8 de fevereiro de 1615, não estando a construção terminada.

Rio Branco considera o Convento de Santo Antônio um "ninho de oradores". E' o que diz o autor. Entre êles, os mais notáveis fôram Antônio de Santa Úrsula Rodovalho, Francisco de Santa Teresa de Jesús Sampaio, Francisco de Montalverne e Francisco de S. Carlos. Macedo escreve: "A tribuna sagrada no Brasil estava em tão elevada altura que

sionar por êsses evidentes indícios do desagrado imperial e continuou a falar com dignidade: — "Tu, Altíssimo Senhor, perdoar-nos-á a nós, fracos mortais, associarmos a imagem do Santo à Tua, nêste lugar consagrado à Tua Adoração, porque nêle é a Ti que adoramos, pois foi uma fagulha de teu Celestial Espírito que iluminou êsse homem. Que seu gênio governe êste novo Império. O Brasil é um país imenso que precisa dum espírito tolerante para conservar e fortalecer sua jovem independência. Sem unidade, em breve se desmembrará e, então se desfará em Repúblicas isoladas, em Estados dispersos a que não mais ligará um amor fraterno. Então, o Brasil que se apresenta sublime de mocidade e grandeza deixará de existir!" (19)

Por esta amostra da eloquência do púlpito brasileiro, o generoso leitor poderá inferir mais ou menos até que ponto a ofuscante luz das idéias políticas penetrou no íntimo do clero. Que felicidade seria viver num país, onde semelhantes verdades podem ser articuladas por um sacerdote, em local sagrado e em face do imperante, se inúmeras prisões arbitrárias, desterros e execuções, o império geral da desconfiança, as intrigas e chicanas de tôda a sorte forçam o observador atento a convir que o projeto de excelente Constituição destinado ao Brasil é um embrião que nunca verá a luz do dia, com um Imperador mais disposto a ser Augusto ou Tibério do que um dos dois Cipiões (20)!

Geralmente, os discursos feitos em presença do Imperador são impressos. O sermão de frei Francisco de Paula (21) não o foi. Chama-se a isso no Brasil liberdade de imprensa. Contarei mais tarde outro exemplo dessa liberdade.

Após a missa, o Monarca almoçava com os franciscanos numa mesa de 50 talheres muito bem servida. A finura da toalha enfeitada de largas rendas e o esplendor da prataria excediam tudo o que tenho visto no gênero em mesas principescas. As comidas eram preparadas por 16 cozinheiros e servidas pelos noviços. As sobras alimentavam milhares de pessôas. É nisto que reside a beleza das organizações conventuais. Embora os excelentes

---

D. João VI, ao ouvir os oradores da época, ficou maravilhado. Costumava mesmo dizer que possuia no Rio uma tal seleção de pregadores, que não permitia lembrar os que deixara em Portugal".

(19) A quem atribuir o sermão, cujos trechos o autor transcreve, declarando-se testemunha dêle? Presumivelmente a um dos dois grandes oradores sacros do Convento de Santo Antônio: Frei Francisco de S. Carlos, nascido a 13 de agosto de 1763 e falecido a 6 de maio de 1829, ou Frei Francisco de Montealverne, nascido a 9 de agosto de 1784 e falecido a 19 de outubro de 1854.

(20) Outra profecia erradissima. A Constituição outorgada em 1824 pelo Primeiro Imperador, à qual alude, com o simples acréscimo do ato Adicional regeu admiravelmente os destinos do Brasil até 15 de novembro de 1889. O autor profetizava em 1825 e publicava a profecia em 1829. A Constituição, pois, durou no mínimo, desde essas datas, 60 anos!

(21) Será Frei Francisco de S. Carlos?

monjes de vez em quando levem bôa vida ,a pobreza vive durante dias das miga'has de sua farta mesa.

Os brilhantes talentos oratórios, pelos quais se distingue grande parte do clero brasileiro, são principalmente favorecidos por agradavel constituição física e uma dignidade exterior própria da nação. Junte-se a isso o bom gôsto no vestir e a pompa do ambiente, sem ao mesmo tempo esquecer nenhuma daquelas artes que, na Europa protestante, são consideradas como incompatíveis com a santidade do objetivo religioso.

Na Sexta-Feira da Paixão, tôdas as igrejas se cobrem de preto, os altares, as alfaias de prata e ouro se envolvem em crepes, e tôda a gente põe luto. De cinco em cinco minutos, as fortalezas e navios de guerra salvam com um tiro de canhão. Põem-se as bandeiras a meio páu e bracciam-se as vergas nos navios de guerra. Para onde quer que se volva o olhar, vêem-se sinais da mais profunda tristeza. No pú'pito, o pregador descreve os sofrimentos de Nosso Senhor, com ênfase apropriada à santidade do assunto. Quando chega ao trecho: "Inclinou a cabeça e morreu!"", tira-se o pano rôxo que vela o altar-mór e vê-se Jesus Crucificado, tendo a seus pés a Virgem Maria e Madalena, suavemente iluminados. Tôda a gente se ajoelha e o padre a tôdos exorta tão expressivamente à penitência, que homens e mulheres se debulham em lágrimas. Nunca vi comoção tão intensa nos templos dos paises protestantes e só algumas vezes nos teatros, talvez em representações dum Eszlair ou dum Devrient (22).

Nas grandes procissões, o próprio Imperador e as mais altas personalidades do Estado, carregam o pálio, que cobre o Viático. A Côrte, o Senado da Câmara e as diversas Ordens de Cavalaria se apresentam em riquíssimos uniformes de gala ou com belos trajes de côrte, cobertos por um manto de crepe branco. Inúmeras Irmandades, com multicoloridas opas de sêda, abrem o cortejo levando seus estandartes e círios brancos. Juncam-se as ruas por onde transita a procissão de folhas verdes, e dos balcões pendem colchas bordadas e adamascadas. Tôdas as tropas da guarnição da capital se estendem em fila dos dois lados dessas ruas. Um côro de vozes magnificas envolve o Imperador e o Bispo que

---

(22) Fernando Esslair, célebre ator, nascido em Essek em 1772 e falecido em Munique em 1840. Considerado o Talma Alemão. Depois de representar nos principais teatros da Alemanha, dirigiu em 1814 o Teatro de Estugardia. Seus Melhores papéis eram nos dramas da vida burguesa, sobretudo os de Iffland.

Luiz Devrient, famoso ator alemão, nascido em Berlim em 1784 e alí falecido em 1832. De família francesa. Teve retumbante êxito na capital prussiana, representando "Os Bandidos" de Schiller. Foi genial, ídolo do público, o mais forte intérprete das obras de Schiller e Shakespeare aparecido na Alemanha. Não confundir com Filipe Eduardo Devrient, seu sobrinho, nascido em Berlim em 1801 e falecido em Carlsruhe em 1877, excelente barítono.

conduz o Santíssimo. Quando Êste se aproxima, as mulheres agitam os lenços nas sacadas e atiram flores sôbre o pálio; as fileiras de soldados genuflexos põem as armas sôbre o joelho esquerdo inc inadas para o chão e dão uma salva; as bandeiras se inclinam e as bandas de música tocam o Hino Imperial. Os espectadores tiram somente o chapéu, porque é muito raro haver espaço na multidão para poderem ajoelhar.

Apesar de tôda a liberdade de consciência que se goza no Rio de Janeiro, vi o Imperador em pessôa mandar um inglês, que impensadamente conservava o chapéu na cabeça à passagem do Santíssimo, descobrir-se.

As salvas de artilharia marcam o início e o fim da so enidade. Da fortaleza da Conceição (23) sai ao encontro da procissão o Padroeiro do Império, S. Jorge, montado a cavalo e seguido de uma música de janízaros (24) pretos em vinte mulas enfeitadas. Apesar de feito de madeira, sua aparência é bem vistosa, revestido de brilhante armadura, o capacete dourado cobrindo a loura cabeleira. Monta sofrive mente. Ao trovejar dos canhões, a procissão regressa à capela Imperial, de cujo tecto chovem sôbre ela pétalas de rosas, ao som de belíssimas músicas, infelizmente pouco variadas, pois sempre se repetem as mesmas.

No Brasil chamam-se dias santos aos dias de festa. O maior dêles se deve à Rainha de Portugal. Foi talvez a única coisa bôa que fez essa mulher intrigante e libidinosa durante sua permanência no Rio de Janeiro. Deu-se a essa festa o nome de Coração de Jesus e foi autorizada pelo Papa mediante um presente de 60 mil cruzados (25). Póde ser com toda a razão chamada a Festa da Côrte, porque tudo o que desta faz parte e das diversas dicasterias (25) é obrigado a comparecer, scb pena de pesa-

---

(23) No morro da Conceição, dentro dos muros da antiga fortaleza, havia a igreja da Conceição pegada à morad a dos Bispos. Não era, contudo, dela que costumava sair a imagem de S. Jorge, sim da igreja de S. Gregór o Garcia. A procissão de S. Jorge teve grande brilho durante todo o periodo monárquico e a nda hoje se realiza.

(24) S. Jorge não foi Padroeiro do Brasil, nem de Portugal. Ali, o santo m litar invocado nos combates era o Apóstolo S. Tiago. Daí o grito de guerra *Santiago!* Os archeiros ingleses em Aljubarrota trouxeram a voz de S. Jorge, Padroeiro da Inglaterra. E, de então por d ante, nas guerras, os dois santos se defrontaram. Mas a Padroeira de Portugal e do Brasil era Nossa Senhora da Conceição.

A música de S. Jorge a que alude o autor pode ser vista numa estampa de Debret, com seus figurantes negros vestidos de casemira branca e cobertos de chapéus desabados.

O autor chama essa música textualmente *Ianitscharen-musik*, expressão alemã que corresponde à francesa *musique de janissaires*. Assim se denominavam naquêle tempo as músicas compostas somente de instrumentos de metal com bombo, tambores, triângulos e árvores de campa nhas. Vinha-lhes o nome de sêrem assim constituidas as bandas de música da Guarda dos Sultões da Turquia conhecida pelo nome de Janizaros, de *Ieni-tcheri*, em turco, a Jovem Milícia. Organizada no século XIV por Arkhan-Ghazi com rapazes cristãos roubados e convertidos à religião mu-

da multa. As solenidades da Paixão, da Páscoa e do Natal são mais nacionais. Nêsses dias, os cariocas piedosos se embriagam num exagêro de religiosidade que ultrapassa qualquer nação européia a êsse respeito.

As mais lindas crianças das mais distintas famílias acompanham a procissão vestidas de anjo e carregando os atributos da Crucificação. Será difícil vêr coisa mais bela do que êsses rostinhos pintados e rodeados por uma auréola oscilante, essas madeixas abundantes cobertas de lantejoulas, essas roupagens irreais, com asas de filigrana dourada a prateada, e essas encantadoras figurinhas, que parecem voar. Nessa ocasião, nossos conterrâneos alemães, os Granadeiros Imperiais aquartelados em S. Bento, representam um auto feito pelos frades, em que aparecem o Tetrarca, o Sumo Sacerdote e os legionários romanos. Êles são imprescindíveis, tanto nas festas de igreja como no teatro, onde não se representa uma peça em que não sirvam de comparsas.

O sábado da Aleluia é considerado festa dos negros, dia do Santo do Diabo (27), como chamam a Judas, cujo fim trágico representam. Em tôdas as ruas, se erguem árvores com o traidor dependurado. Diante dêle, vê-se o Demônio cavalgando um esborralhadouro de forno (28). Ao bater meio- dia, tocam fogo no demo, feito de fogos de artifício, que, crepitando horrivelmente, se atira sobre o Judas e o incendeia. Braços e pernas separam-se do corpo, o qual, por fim, estoura e vai pelos ares entre a estrondosa gritaria da molecada. Repiques de sinos e descargas de artilharia anunciam o começo da festa da Ressurreição. A cidade que, durante o jejum, perdera em parte sua alegria, torna a alegrar-se

---

çulmana, tinha seus quartéis em Brussa, na Anatolia. No século XVII, para aumentar seu número, admitiram-se nas suas fileiras os filhos dos Janizaros. A Milícia chegou a ter 229 regimentos com um efetivo de 140 mil homens. Decadente na sua disciplina, passou a intervir nas lutas intestinas e tornou-se um perigo para o Império Otomano. O Sultão Mahmud aboliu-a sangrentamente em 1823. As tropas européias de infantaria imitaram êsses famosos soldados turcos e dêles copiaram suas primeiras bandas de música. Essa tradição oriental ainda se perpetua em instrumentos como as Árvores de Campainhas, que ostentam ornatos pendentes, feitos de caudas de cavalos, insignias tártaras e turcas, chamadas por êsses povos *tongues* e *buntchuks*. No Brasil, as bandas de música só fôram criadas para as unidades de infantes em 1802.

(25) A devoção ao Santíssimo Coração de Jesús foi instituida pelo Padre Colombiére, diretor espiritual de Margarida Maria Alacoque, religiosa do Convento da Visitação em Paray-le-Monial, França, em 1685. Em 1765, o Papa Clemente XIII permitiu fôsse feita em tôdas as igrejas na 1.ª sexta feira seguinte à oitava da Festa do Santíssimo Sacramento.

Quanto à Rainha D. Carlota Joaquina, o autor faz-se, infelizmente, eco das calúnias e protervias de Presas e outros.

A soma de 60 mil cruzados equivale a 24 contos de réis ou 24 mil cruzeiros. Se a permissão papal fôra dada à festa do Coração de Jesús em *todas as igrejas* desde 1765, é claro que se não teria de pagar, para realizá-la, no Brasil. O autor veicula um simples boato.

com barulho das matracas e tambores dos negros que desfilam pelas ruas (29).

A festa do Judas realiza-se com o mesmo luxo e brilho que as dos Santos. Nas ruas mais aristocráticas, Judas apresenta-se ricamente vestido a oriental ou trajado como um dandi inglês (30), sempre suspenso de alta árvore. Em frente, o Diabo com tôdos os seus atributos infernais. Num coreto especialmente erigido para êsse fim, a música acompanha sua morte trágica. Música, coreto, maquinária e os fogos que recheiam os dois bonecos custam mais de mil thalers, fornecidos por meio de uma subscrição entre os moradores da rua.

Quase não subsistem mais no Rio de Janeiro as antigas mascaradas do tempo do Entrudo à Quaresma (31). A única brincadeira que ainda se faz é atirar nas pessôas ovos de cêra colorida, cheios de água perfumada. Êsse lindo brinquedo dá aso muitas vezes a vinganças do ciume, pois indivíduos malvados enchem tais ovos de água-forte, para queimar seus rivais. (32).

Entre os Santos, é Santo Antônio de Lisbôa o que goza de maior consideração. Festeja-se sua data de preferência com tiros de peça e fogos de artifício, provavelmente por ser Generalíssimo em Portugal, onde durante séculos prestou relevantes serviços (33). Nas noites de Santo Antônio, vale a pena contemplar a cidade de um de seus morros. Ela parece boiar num mar de fogo. Iluminam-se as ruas e praças com barrís de pez e fogueiras

---

(26) Do grego *Dikasterion*, de *Dikazein*, julgar. Assim se chamava em Atenas cada uma das dez secções do Tribunal dos Heliastas e os locais em que se reuniam. No antigo Reino de Nápoles ou das Duas Sicilias, certos tribunais tomaram êsse nome. Por extensão, significa magistraturas. E' nêsse sentido que o autor emprega o termo.

(27) No texto, em português: *Santo do Diabro*. Necessariamente *do diabo*.

(28) Espécie de grande vassoura com que se varre o borralho ou o brasido dos fornos.

(29) O famoso *romper da Aleluia* dos nossos antigos costumes. Êste trecho sôbre o enforcamentoo e malhação do Judas nos tempos do Primeiro Reinado vale como precioso documento do nosso folclore. Aos tambores grandes os negros chamavam caxambús.

(30) No 1.º terço do século XIX, um grupo de jovens da aristocracia inglesa que dava leis à moda em Londres, chefiado pelo famoso e elegantíssimo Jorge Brummel, tinha o nome de dandies, plural de *dandy*. Essa elegância discreta e fina, que influenciou a própria literatura e as artes, denominou-se *dandismo*.

(31) No texto, em português: *Tempo do Entrado*. Necessariamente do *Entrudo*.

(32) Laranjinhas ou limões, feitos primeiramente de cera e mais tarde de borracha, cheios de água perfumosa ou colorida. O emprêgo de drogas perigosas por vingança obrigou a polícia a proibí-los.

(33) Santo Antônio teve sempre altos postos militares em Portugal e outros países católicos da Europa, como a Áustria, por exemplo, invocado nos momentos de guerra e de perigo.

No Brasil, recebeu postos e honras militares na Baía, Espírito Santo, Paraíba, Minas Gerais, S. Paulo, Goiás e Pernambuco. O seu padroado mi-

de lenha, as igrejas até o pináculo das torres com lâmpadas e, por entre a fumaceira, sobem ao céu esplêndidos foguetes (34).

Faz-se excessivo desperdício nos entêrros. Levam as crianças mortas à igreja vestidas de anjos, com as caras pintadinhas e empoadas (35). Os adultos são frequentemente enterrados com hábitos de monge (36); as altas personagens militares e civis, em traje da Ordem de Cristo, de capacete, botas e esporas. Em regra, os entêrros são feitos à noite (37). Cobrem o caixão de pano ou veludo preto, ricamente agaloado de ouro. A tampa abre em duas metades. Na igreja, colocam-no aberto sobre uma éça. As pessôas que o acompanham e qualquer outra que se ache presente recebem uma vela de cêra acêsa. Começa, então, o ofício de corpo presente, quase sempre com excelente acompanhamento vocal e instrumental. Quando o padre termina as preces e asperge o defunto com água-benta, lança-se sôbre êste uma medida de cal virgem e fecha-se o esquife, que é metido num dos nichos abertos nas paredes externas dos templos e dos conventos. Tapa-se hermeticamente a abertura com uma lage. Nunca senti o menor fedor nas naves e arcadas arejadas. As mulheres não assistem aos funerais. De vez em quando se avista uma negra de joelhos ao canto de uma igreja, chorando amargamente a morte de sua bôa senhora. É singular serem as senhoras dos oficiais graduados enterradas com honras militares (38).

O ofício de corpo presente para o altamente bemaventurado Rei de Portugal na Capela Imperial do Rio de Janeiro foi um dos mais luxuosos que jamais vi (39). Levantaram o catafalco em face do altar-mór. As paredes estavam forradas até o tecto de pano preto e veludo rôxo. Um tapete negro cobria o chão. Quatro colunas cobertas de terciopelo preto, com lavores e capi-

---

litar foi herdado de Portugal. No Rio de Janeiro, o Governador Francsco de Castro Morais o promoveu a capitão, depois da vitória sôbre os franceses da expedição de Duclerc. Em 1810, o Príncipe Regente D. João o promoveu a Sargento mór ou Major com 36 mil réis de soldo por mês. Em 1814, foi promovido a Tenente-Coronel de Infantaria e recebeu a grã cruz da Ordem de Cristo.

Um século mais tarde, em 1911, estribado num parecer do sr. Rodrigo Otavio de Langaard Menezes, o Ministro da Guerra, General Dantas Barreto, arbitrariamente suspendeu o pagamento dêsse soldo, que se fazia regularmente através dum século.

(34) Girandolas, rojões e balões.

(35) Êsse costume, que foi geral no Brasil antigo, perdura ainda em alguns lugares do nterior.

(36) Outro costume que ainda perdura, sobretudo para rapazinhos e moças: hábito de S. Francisco, vestes de Nossa Senhora, etc.

(37) Os enterros à noite vieram até os dias da Repbúlica. Eram lugubremente feitos à luz de tochas.

(38) Não encontramos nenhuma comprovação dêsse fato.

(39) D. João VI faleceu a 10 de março de 1826, com 59 anos de idade, pois nasceu a 13 de maio de 1767. E' quasi certo ter morrido envenenado com umas laranjas comidas na Bemposta. D. Carlota Joaquina atribuia o seu envenenamento à Maçonaria e esta o lançava sôbre seus ombros.

teis de ouropel, sustentavam um pálio de veludo também preto, com fôrro de setim branco, que descia do meio da nave pendurado por uma corrente dourada. O catafalco compunha-se de três degráus, cada qual iluminado por dupla fileira de tocheiros de prata e ouro. O resto da igreja ficava no escuro. O degráu inferior, aberto dos quatro lados, mostrava esplêndido ataúde coberto por um manto real de veludo rôxo. O do meio ostentava na face dianteira o retrato do Rei, na traseira os brasões acostados do Brasil e de Portugal, velados de crepe, e nas laterais, em letras douradas, o elogio do Eminente Morto e de seu Filho, cujo amor filiar erguera aquêle monumento. O terceiro rematava em pirâmide truncada sôbre a que repousavam a corôa e o cetro. Tudo estava revestido de veludo preto com galões e adornos de ouro e prata. Aos cantos, caveiras entre asas e ampulhetas de prata, símbolos da morte e do tempo fugitivo.

As exéquias duraram três dias, com os navios de guerra e as fortalezas salvando de cinco em cinco minutos, do nascer ao pôr do sol, com um tiro de luto. O troar do canhão misturava-se solenemente aos sons abafados do órgão.

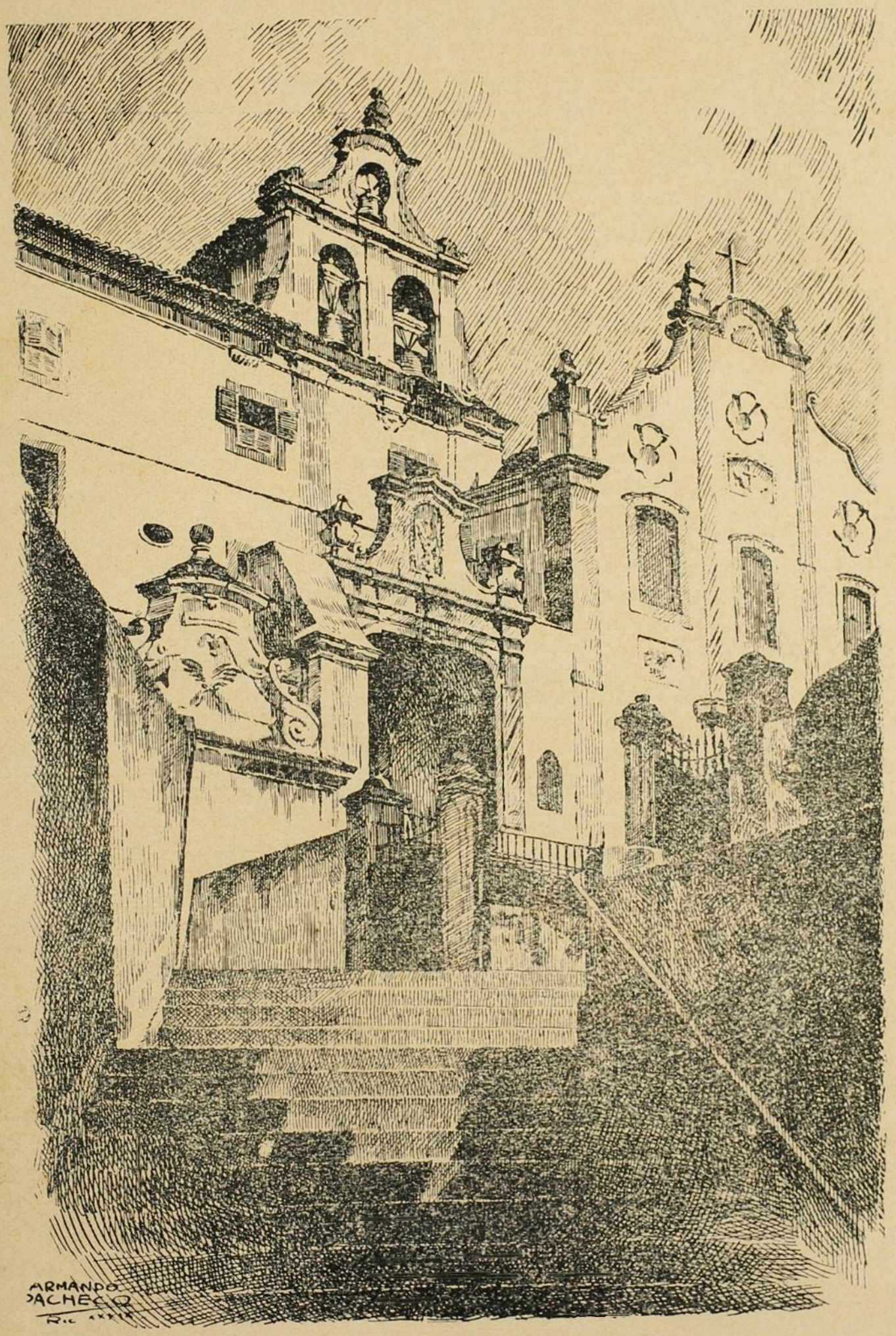
Muitos Reis portugueses tiveram apelidos, como por exemplo o Cruel, o Venturoso, o Grande e outros mais. D. João VI recebeu a honrosa alcunha de o Pio e o Clemente (40).

No dia 2 de abril, reabriu-se o Imperial Teatro de S. Pedro de Alcântara, que se incendiára havia tempos (41). Contém 110 camarotes em quatro ordens, com o espaçosíssimo camarote imperial ao centro. Na platéia cabem uma 600 pessôas e nos camarotes umas 300, tôdas comodamente sentadas, nêstes em cadeiras, naquela em bancos isolados e numerados. Só se vende um número determinado de entradas, de modo que ninguém corre o risco de ficar em pé a noite toda ou de ser esmagado como acontece em quase tôdos os teatros da Europa, onde entram quantos queiram pagar. Se êste teatro, que rivaliza com o de S. Carlos em Lisbôa, estivesse em Berlim ou em Viena, daria lugar a 2.400 pessôas. Nessas condições, não seria frequentado no Brasil. O preço das entradas é muito elevado: um lugar na platéia, mil réis ou meio thaler; um camarote para 5 pessôas, 3 ou 6 mil réis conforme a fila; e, nas ocasiões solenes, preços dobrados. Não há

---

(40) De fato a merecia. Após quasi um século de calúnias, Oliveira Lima e outros historiadores, em seu seguimento, fizeram justiça ao homem que deu ao Brasil a independência, elevando-o a Reino. No texto, se lê em português "o Pio, o Clemente", vindo, depois, as palavras alemãs: "Der Fromme und Gnädige".

(41) 2 de abril de 1826? Estivera fechado devido ao incêndio da noite de 25 de março de 1824.



Entrada do Convento de Santo Antonio.
Duma água-forte de Armando Pacheco.

o que se chama *paraiso* (42) e não se vendem lugares isolados nos camarotes.

O teatro é muito bem arranjado. Em tôdo êle, a ventilação é de tal modo fornecida que, mesmo nos meses de verão, não se sente um calor excessivo. Pintura rica e de bom gôsto, azul e ouro. Iluminação ofuscante. Na platéia e nos camarotes, se acendem 220 velas de cêra, resguardadas em mangas de vidro. O camarote imperial tem um lustre excessivamente belo e várias arandelas. Do tecto não pende nenhum candelabro, para não impedir a gente de vêr e de ser vista.

Orquestra completa e bôa, devendo contar nas grandes óperas mais ou menos cem figuras. O maestro dirige-a ao piano. Ponto muito alto. Tomassini, Bartolozzi, Fasciotti e vários outros castrados, anteriormente destinados à Capela Imperial, cantam tambem nêle (43). Entre as cantoras, sobressaem as Pignatelli (44). Como o edifício é muito grande e, ao tempo em que estive no Rio, ainda não estava terminado, faltando parte da cobertura e a parede da fachada posterior, a voz dos cantores e cantoras perdia muito de sua intensidade, de modo que só a muito custo a gente se convencia que eram os mesmos artistas, cujo canto antes se admirára nas festas de igreja.

As dansarinas que mais me agradaram foram Estela Cezefredo e sua irmã, duas espanholas encantadoras (43). A dansarina brasileira conhecida por Baratinha é uma das moças mais sedutoras que possam existir. Quando essa criatura angélica dansa, como diz Camões, transforma o coração, não em pedra, mas em puro desejo (46), e a gente não pensa em arte, penoso

---

(42) Chamado posteriormente *torrinhas, poleiro* e *galinheiro*: as *gerais*. No texto, em alemão: *Paradies*.

(43) Vide a nota anterior sôbre êsses castrados. Sua moda vinha em Portugal desde o tempo do Rei D. João V. que possuia alguns célebres.

(44) Não foi possível encontrar em parte alguma qualquer referência a essa cantora.

(45) Vide a nota anterior Estela Sezefredo não era espanhola e sim brasileira, do Rio Grande do Sul. Nada encontramos a respeito de sua irmã.

(46) Também não foi possível identificar essa Baratinha, que deslumbrou o autor. Os versos de Camões a que alude são, decerto, os da estrófe LVI do Canto V:

"O' que não sei de nojo como o conte!
Que crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei co' um duro monte
De áspero mato e espessura brava,
Estando có'um penedo fronte a fronte,
Qu'eu pelo rosto angélico apertava,
Não fiquei homem, não, mas mudo e quedo,
E junto dum penedo outro penedo".

Estão citados no texto em alemão:

"Das Herz verwandelt, das durch sie gefangen,
In stein, o nein! in lauteres Verlangen!"

estudo, constrangimento ou esfôrço, inteiramente presa a um bailado, que, se fosse francês, não teria essa expressão. Tudo nela é naturalidade, cada um de seus movimentos se harmoniza de tal modo com a natureza, que se julga vêr o zéfiro incarnado num corpo, agitando o cálice das flôres.

Infelizmente também no Rio de Janeiro a dansa francesa começa a suplantar a nacional. Não conheço nada mais desenxabido do que os chamados *entrechats* e *ailes-de-pigeon* (47), eternamente repetidos, que lembram um boneco de engonço a mover braços e pernas conforme se puxa o fio. Quanta expressão pelo contrário no fandango ou mesmo no fado, dansa de negros tão imortal quanto encantadora (48). Mesmo uma gavota prefiro dansada por brasileiros ou espanhóis do que pelos afamados mestres de dansa parisiense (49). Até à valsa alemã êste povo sabe tirar a cansativa monotonia. Ela é dansada no Brasil de maneira a exprimir a idéia do amor que nega ou consente.

Os espetáculos teatrais dividem-se geralmente em três partes. Primeiramente, representam uma tragédia ou grande ópera. Depois, vem um bailado. Por fim, uma farça. Em regra, as óperas são cantadas em italiano e repetidas frequentemente, como na Itália. Ouvem-se de sobêjo "Tancredo", "Aureliano em Palmira" e "Semíramis" (50). As comédias são geralmente traduzidas do francês. "Os Bandidos" de Schiller, obtiveram grande êxito. Deram a esta peça, no Rio de Janeiro, o título de Roberto, o Chefe de Salteadores e um fim feliz com o casamento de Roberto e

---

(47) *Entrechats*, em francês, no texto, por *entrechas*: salto coreográfico em que os pés batem um no outro, no ar. Diz Blasis no seu "Manuel de la Danse" que os mais elegantes são os de 6 a 8 batidas. Os dansarinos comuns só dão 4. Alguns têm atingido o recorde de 10 e 12.

Ailes de pigeon, também em francês, no texto: salto coreográfica em que se imita com as pernas o bater de asas dos pombos.

Ambos os termos não têm correspondência em nossa língua, sendo sempre empregados em francês Pertencem à tecnologia coreográfica.

(48) O fandango é uma dansa espanhola sapateada e alegre, em três tempos, entrecortada, às vezes, de coplas cantadas. De origem mourisca. Foi adaptada no fim dos tempos coloniais ao gosto brasileiro, tornando-se um bailado ruidoso e sapateado, ao som da viola. Havia uma grande variedade dessa dansa entre nós: O Anú, o Bambaquerê, o Benzinho, o Amor, o Cará, o Candieiro, a Chamarita, o Chora, o Chico Puxado, o Chico da Roda, o Feliz-meu-bem, o João Fernandes, o Jajará, o Meiacanha, o Pegafogo, a Recortada, a Retorcida, o Sarrabulho, a Tirana, a Serrana e o Tatú.

O Fado, que o autor escreve *Faddo*, é, segundo Maximiniano de Lemos, uma "canção popular, o motivo sôbre que se canta ou a música que acompanha o cantador"; segundo Morais, "música popular, espécie de tango que se toca ordinariamente na guitarra e tem por letra os poemas chamados fados". Espasa registra o fado como de procedência celta ou brasileira, proveniente dos cantos e *dansas* dos negros da América. O autor alude aqui ao fado, dansa de negros.

(4) Dansa fina, de côrte, do século XVIII, a Gavota esteve na moda até princípios do século XIX.

(50) Óperas de Rossini, a música e o libreto.

Amália. O seu bando passou a formar um Corpo de Estrangeiros, que é como os cariocas chamam às tropas alemãs. Poucos dos nossos companheiros compreenderam a sátira contra êles, apesar de representarem na peça o papel de comparsas.

Sôbre o camarote imperial, vê-se o brasão do Império do Brasil, sustentado por gênios. Belas cortinas de sêda azul ricamente bordadas a ouro tapam a abertura com gôsto, abrindo-se somente para os lados, quando o Imperador comparece. Nêsses dias, uma guarda de honra de cem homens, com bandeira, posta-se diante do teatro e sentinelas guarnecem os corredores e a platéia, o que produz desagradável e perturbadora impressão. Às vezes, o público saúda o Monarca à sua chegada com um viva! Tocam, então, o *Brava Gente Brasileira,* espécie de Hino Nacional que os portugueses parodiam ridiculamente (51). Tanto nos atos como nos intervalos, todos conservam os chapéus na mão. Isto acontece também quando o Imperador não se acha presente, em atenção às senhoras.

Estas delicadas sensitivas do mundo tropical formam, enchendo os camarotes, quatro semi-círculos cheios de colorido e vida. O leve gradil dourado à sua frente nada subtrái aos olhos dos encantos que a natureza lhes deu e da arte com que as enfeitou. Vêm-se suas esplendidas figuras inteiramente da cabeça aos pés, ricamente vestidas com as mais belas fazendas, cobertas de ouro e diamantes, com os lindos e regulares rostos ensombrados pelas plumas flutuantes. Cada um de seus gestos,

---

"Tancredo" foi representada pela primeira vez em Veneza, em 1813. E' famosa sua cavatina *Di tanti palpiti.* A ópera é tirada do poema de Tasso "Jerusalem Libertada". Seus personagens são vultos da Primeira Cruzada, da qual foi um dos chefes Tancredo da Sicília, falecido em Antioquia, em 1112, personificação do espírito da antiga Cavalaria. Do assunto se fez uma tragédia lírica, representada em Paris, em 1702, com música de Campana e palavras de Dauchet; e sôbre êle também Voltaire escreveu uma tragédia, levada á cena na *Comédia Française,* em 1760. Em abril de 1826, representou-se o "Tancredo", no Teatro de S. Pedro, em espectáculo de gala, pela volta de D. Pedro I, da Baia.

"Aureliano em Palmira", uma das óperas mais antigas de Rossini, foi estreada no Scala de Milão, em 1814. Trazia ao palco a figura histórica de Lúcio Domício Aureliano, Imperador Romano, de 270 a 275, da Era Cristã, nascido na Ilíria, em 212, Cônsul em 258 e Imperador em 270, vencedor dos francos, godos, vándalos, samatas e marcomanos, de camponês feito soldado e soberano, cuja energia lhe dera entre as legiões a alcunha de *Aurelianus manus ferrum,* o Mão de Ferro. Depois de vencer a famosa Rainha Zenóbia, esteve na sua capital, Palmira ou Tadmor, onde o amor o enleou. E' êsse o entrecho da ópera.

"Semíramis" teve a primeira representação em Veneza, em 1823. E' a mais notável da 2.ª fase ou 2.ª maneira da vida de Rossini. Levada ao teatro italiano, em 1825. Semíramis, Rainha da Assíria e da Babilônia. filha dum mortal e da deusa Derceto, exposta no deserto, foi alimentada por pombas até que o pastor Simas a recolheu. Casou-se com Parmés, Governador da Síria, apaixonado pela sua beleza. Depois, com o Rei Nino, a quem assassinou para cingir a corôa. Fez um reinado brilhante, de 42 anos e abdicou no filho, subindo ao céu em forma de pomba. Construiu os fa-

olhares e sorrisos são animados pelas Graças. A gente vira inconscientemente as costas para a peça e se diverte mais com o vários entre-atos representados pelos espectadores do que com o que nela se passa. A sociedade verdadeiramente distinta do Rio de Janeiro consideraria grave falta contra o decôro prestar alguma atenção ao palco. Nos camarotes, os cavalheiros entretêm vivamente as damas que conversam ou brincam com os leques. Só as dansas conseguem por pouco tempo interromper, às vezes, essas conversas. A plateia não é absolutamente frequentada por senhoras.

Por mais brilhante que seja a reunião no teatro, cometer-se-ia grande êrro pensando que tôdas aquelas senhoras bem vestidas são Princesas e Condessas. Pode-se afirmar sem susto que a metade pertence à classe das mulheres públicas ou das que vivem em ligações filosóficas. Como já tive ocasião de dizer, o Brasil é o paraiso dessas criaturas. São tão exorbitantes os preços que se pagam por seus favores, que tenho receio de me taxarem de mentiroso, se os revelar. O verdadeiro brasileiro acha que os perigosos prazeres que lhe oferecem tais Circes (52) não são demasiado caros a 40 ou 50 mil réis. Até as meretrizes mais comuns sustentam preços altos, bastando para isso serem brancas, o que lhes permite ostentar um luxo, que, por assim dizer, enobrece sua despresivel profissão.

O Brasil é um país em que a vida social ainda está na infância e onde não existe muito grande diferença entre uma senhora decente e uma mulher a tôa (53). Absolutamente não há grandes rodas e a arte de conversar. Nas reuniões, canta-se, alguns pares dansam isoladamente e o tempo passa nos jogos com os leques e na troca de olhares apaixonados. Tanto nas casas de família como nas duvidosas. Em ambas, prevalece na exterio-

---

mosos Jardins Suspensos, que um dos Sete Milagres foram do mundo, como diria Camões. Sôbre ela Voltaire escreveu uma tragédia, levada ao Teatro Francês, em 1748.

(51) O estribilho já referido em nota anterior e mais esta quadra:

"Já podeis, *filhos da pátria,*
Vêr contente a mãe gentil,
Já raiou a Liberdade
No horizonte do Brasil!"

Parodiado o primeiro verso de maneira insultosa...

(52) Circe chamava-se a deusa e feiticeira que habitava na ilha de Asa, nascida de Helios, o Sol, e da océanida Perséa. Transformava os homens que a amavam em animais. Homero conta na "Odisséia" que metamorfoseou em porcos os companheiros de Ulísses, menos um, que fugiu e o preveniu. Ajudado por Hermes ou Mercúrio, Ulísses desfez os ardís da bruxa e viveu um ano em sua companhia. Por extensão, se emprega a palavra para designar uma mulher sedutora e perigosa. Hoje se diz *mulher fatal.*

(53) Na época, em certas rodas, isso era possível; mas não se deve generalizar a observação.

ridade uma insipidez bem interessante, porque faz esperar o verdadeiro gôso do que está para vir: no primeiro caso, uma espectativa que geralmente se não realiza; no segundo, uma satisfação mais do que suficiente. No teatro, tôdas as mulheres têm o mesmo direito a entrar, e, em vestidos e comportamento aparente, não há diferenças entre as duas classes. Na rua, ninguém se envergonha de cumprimentar uma cortezã. Excelências e Generais, o próprio Imperador em pessoa lhes atiram um beijinho na ponta dos dedos. Só os ingleses se conservam fieis aos seus costumes (54).

Numa corrida de cavalos, em Botafogo, a Siciliana, hetaira famosa, aproximou-se a cavalo, seguida de um criado branco, de alguns dêsses ingleses, que logo dela se afastaram. Tôda a gente achou graça nessa desacostumada sensibilidade e a rapariga manteve-se tranquilamente no lugar que havia, por assim dizer, conquistado. Não ficou sózinha muito tempo. Oficiais graduados e altos funcionários do Império vieram cumprimentá-la, motejando e rindo em sua companhia da singular pudicícia britânica.

No tempo do Rei, às vezes havia touradas, pouco aplaudidas, porque os touros daqui são moles, sendo impossível excitá-los ao ponto de tornar êsses divertimentos tão perigosos como interessantes. De vez em quando, os ingleses tentam corridas de cavalos, cujo resultado é sempre infeliz.

O jôgo é um dos divertimentos predilétos. Nas proximidades do Teatro, em quasi todos os cafés há uma banca de Faraó (56). O banqueiro põe o baralho numa caixa de prata à sua frente e tira as cartas uma por uma, sem olhar por baixo da tampa, que só levanta um pouquinho. Essa precaução deve ser muito necessária, pois nunca vi tanta cara de velhaco como nêsses banqueiros e nos seus perús.

Não se dão bailes públicos no Rio de Janeiro, mas são muito frequentes as partidas de dansa em residências particulares, onde se reunem amigos e vizinhos, e a mocidade alternadamente dansa e faz música. Como tôdas as dansas nacionais são executadas por pares isolados, só se vêm em geral bons dansarinos, pois todos sabem monopolizar a atenção dos espectadores. Não se usam castanholas. Os dedos as substituem, pois as brasileiras sabem tão bem com êles imitar aquelas que se pensa ouví-las. Todo estrangeiro decentemente trajado encontrará nas casas onde se dansa acolhimento amavel, mesmo sendo pouco ou nada conhecido. Se

---

(54) Em geral ,atitude hipócrita, muito comum entre os ingleses, sobretudo os chamados puritanos.

(55) Ou Pharaó. Jôgo de azar com baralhos, espécie de *baccarat*. Em alemão Pharao. Em inglês Pharaon O "New English Dictionnary", de Oxford, registra: "A gambling game played with cards". Espasa diz: "Juego de naipes parecido al monte".

tiver aptidões musicais, será tratado na palma da mão. Em país algum, a música é assim tão apreciada. Não há entre os brasileiros músicos excelentes, mas todos sem excepção gostam dessa arte. Sabem tocar guitarra com muita delicadeza, não o pesado instrumento que conhecemos, mas a chamada guitarra mourisca, com 12 cordas de metal, das quais tiram o mais engenhoso partido (56). As dansas são geralmente acompanhadas de pequenas canções que se chamam modinhas. Se o cantor tem talento, as improvisa. Ouvi diversos que atingiram grande perfeição nessa difícil arte. Nelas não se sabe o que mais admirar, se o primor da forma ou o espírito e delicadeza dos sentimentos expressos.

O amor faz dos brasileiros poetas quase sem excepção. A língua também favorece a poesia. Fiel e cruel, coração e ladão, amá-lo e matá-lo, e ilimitado número de outras rimas fàcilmente se oferecem. Nas cartas amorosas, geralmente se segue a forma poética. Escritas no mais fino papel velino, dobram-se como leques, atam-se com fitas de sêda e seguem seu destino. Escravos e escravas, modos de vida, gôsto e hábito favorecem as relações entre os dois sexos e, apesar das moças de família serem vigiadas com o maior cuidado, não raras vezes conseguem burlar tôdas as precauções e satisfazer seus desejos de aventura. Os passos em falso de senhoras e moças são expiados no convento da Ajuda (57), vasto edifício que contém mais de 600 freiras e pensionistas, na maioria vítimas da paixão que Camões cantou:

"Tu, só tu, puro amor, com fôrça crúa
Que os corações humanos tanto obriga,
Deste causa à molesta morte sua,
Como se fôra perfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sêde tua
Nem com lágrimas tristes se mitiga,
E' porque queres, áspero e tirano,
Tuas aras banhar em sangue humano." (58).

E' singular como nêste país o amor leva ao crime, geral-

---

(56) Do grego *Kithara*, citara, através do italiano *chitarra*. Instrumento de música com caixa oval abaúlada e doze cordas. O braço é dividido em meios tons por meio de pontos de metal. As guitarras antigas tinham a caixa quadrada. Deve-se aos árabes a introdução dêsse instrumento, na Península Ibérica. As que êles trouxeram tinham 4 ou 5 cordas. No século XVII, passaram a ter seis cordas duplas. A música da guitarra é uma clave de sol e sua extensão instrumental de três oitavas.

(57) Em princípios do século XVIII, havia no começo da antiga rua dos Barbonos uma ermida de fundação anterior a 1600, consagrada a Nossa Senhora da Ajuda. D. Cecília Barbalho, filha do Mestre de Campo, Luiz Barbalho Bezerra, ex-Governador da Capitania, de combinação com seu irmão, o franciscano Frei Cristovam da Madre De Deus, construiu pequeno recolhimento ao lado dessa ermida, vindo para êle com três filhas e duas meninas de famílias distintas, a 9 de julho de 1678. Essas recolhidas tomaram o nome de conversas, diz Moreira de Azevedo. Nêsse mesmo dia,

mente cometido por mulheres. Os homens contentam-se em aferrolhá-las, quando não confiam mais na sua fidelidade.

No mais, é preciso não encarar a vida dos conventos no Brasil com a triste noção que dela se faz na Alemanha protestante. Aquí, sua utilidade é evidente. Oferecem asilo seguro e decente a uma porção de pobres meninas que, sem isso, se perderiam na barafunda dum mundo por demais sedutor. Recolhe-se ao mosteiro da Ajuda qualquer moça que possúa um dote de mil cruzados (59) ou 600 thalers. As órfãs de boa família conseguem fàcilmente um lugar gratuito. Tanto freiras como pensionistas, levam aparentemente vida alegre e satisfeita.

No meio da vasta edificação, há imenso pátio, onde diariamente se realizam feiras. Negros e negras expõem à venda suas melhores mercadorias. Fazem-se negócios por meio de cêstas, que descem à ponta de cordões das janelas gradeadas. As pretas vendem excelentes balas e dôces de frutas.

Cada freira ou pensionista pode receber as visitas que desejar, as mulheres no próprio cláustro, os homens na grade do parlatório, que fica ao rez do chão. A grade é dupla, de modo que há uma distância de uns 10 pés (60) entre o visitante e a veneranda dama. A conversa é livre, e, às vezes, até apaixonada. A religião não proíbe a essas moças trazerem no coração, além do Salvador, uma imagem terrena (61). A barreira, que desafia tanto a astúcia quanto a violência, ergue-se somente para evitar qualquer aproximação mais íntima. Embora as monjas se destinem à renúncia, é possível que a amizade, sentimento que no mundo as mulheres nunca vêm a conhecer, fàcilmente as indenize de gosos tão passageiros quanto ilusórios

Demais, creio que as mulheres meridionais se adaptam melhor à vida claustral do que as mulheres mais frias do Septentrião. Esta opinião parece paradoxal, embora muita coisa milite em seu favor. A viva e ardente imaginação lhes permite trocar o sentimento do amor terreno pelo do amor celeste, dedicando-lhe tôda a ternura do coração e todo o ardor do sangue. Isso não se pode dar com as mulheres nórdicas, acostumadas a meditar friamente sôbre seu estado e a se sentirem desta sorte infelizes. As meridionais, pelo contrário, entregam-se às dôces ilusões da fantasia e acham tolerável uma vida que contradiz no mais alto gráu seu temperamento e seus pendores.

---

foi lançada a primeira pedra para um convento de freiras. A licença para a fundação dêsse convento só foi dada pelo alvará de 30 de outubro de 1694, mas houve embaraços que interromperam a realização do projeto. Feito novo pedido, em 1704, veiu em 1705 a provisão de 19 de fevereiro, concedendo a fundação com 50 freiras, podendo nesse número entrar algumas das conversas. A regra seria a capucha.

A pedra fundamental do edifício do Convento da Ajuda foi lançada pelo Bispo D. Frei João da Cruz, em 1742. Por um Breve pontifício, de 1748, que admitiu a regra de Santa Clara, seu sucessor, D. Antonio do Des-

têrro fez vir da Baia 4 irmãs clarissas, que começaram seu noviciado no novo convento, a 3 de maio de 1750. Em 1751, elegeu-se a primeira abadessa. A regra de Santa Clara é a mesma da Imaculada Conceição da Mãe de Deus. A última profissão de freiras no Convento da Ajuda realizou-se em 1862.

Durante longos anos, no Convento da Ajuda, estiveram depositados os restos mortais de D. Leopoldina d'Austria, Primeira Imperatriz do Brasil. Anteriormente, tinham estado os da Rainha D. Maria I.

Em 1911, o edifício do Convento da Ajuda foi vendido a particulares por 1.850 contos de réis. Em 1923, foi demolido. Ergueu-se em seu lugar a chamada Cinelândia.

(58) "Lusiadas", Canto III, Estrofe CXIX.

(59) Mil cruzados — quatrocentos mil réis — quatrocentos cruzeiros.

(60) Três metros e trinta! Parece exagerada a distância.

(61) O autor, como protestante, confunde as *educandas* do Convento com as monjas sujeitas a votos perpétuos.

Igreja de S. Pedro, em rotunda. Aspecto atual
Serviço fotográfico do Museu Histórico.

IX

NEGROS E HABITANTES PRIMITIVOS DO BRASIL

Importam-se anualmente no Rio de Janeiro, de 20 a 30 mil escravos, na maioria vendidos na cidade e suas cercânias. Êste negócio tem tido ultimamente grande animação, porque, de acôrdo com as disposições do tratado entre Portugal e o Brasil, concluído sob garantia da Inglaterra, por Sir Charles Stuart, a importação de negros só será permitida até 1830 (1). Por essa mesma razão, o preço dos escravos também subiu consideravelmente. Ao tempo de minha chegada, podia-se comprar um negro bronco, entre 15 e 20 anos, por 150 mil réis. As raparigas eram um pouco mais baratas. Um ano depois, êsse mesmo negro valia já 200 mil réis, sendo de prevêr que os preços, após o cumprimento do referido tratado, subirão muito mais, embora pareça improvavel que jamais êsse comércio possa ser estancado no hemisfério meridional.

Os traficantes de escravos são considerados os negociantes mais ricos da cidade. Habitam quase exclusivamente as ruas do Valongo, do Aljube e algumas outras, nas proximidades do pôrto (2). Muitas de suas casas, que podem ser consideradas verdadeiros palácios, têm a mesma disposição no andar térreo: largo vestí-

---

(1) Já nos referimos minuciosamente em nota anterior ás tratativas diplomáticas sôbre o assunto.

(2) A rua do Valongo, depois da Imperatriz, chama-se hoje Camerino. Havia na Saúde o Valonguinho e, mais adiante, o morro do Valongo ou do João das Gatinhas, no século XVIII, morro do Pina e agora morro da Saúde. A Praça Municipal fica mais ou menos onde era o Valonguinho.

O Aljube, para onde foram transferidos os presos da Cadeia Velha, quando o Príncipe Regente veiu para o Rio e foi habitar o paço da Cidade, junto do qual ela estava, ficava na antiga rua da Prainha, entre o comêço da rua dos Ourives e o fim da do Valongo. A rua do Aljube chamou-se também rua da Valinha, em contraposição à Uruguaiana, que fôra rua da Vala antes de ser de Pedro da Costa. O Aljube teve algum tempo o nome de Cadeia da Relação. Devia servir originariamente de prisão eclesiástica. Havia nessas proximidades um grande terreno conhecido como Sítio do Valverde, que viria a ser, mais tarde, o largo de Santa Rita. Levavam ao sitio do Valverde, dum lado a rua dos Pescadores, hoje Visconde de Inhauma, do outro a dos Ourives, a da Vala e a do Fogo, atual dos Andradas, abertas nos terrenos da velha Chácara do Fogo, pegada ao Campo do Rosário ou de S. Domingos, lugares por onde cruzava o Caminho de Fernão Gomes, agora rua do Senhor dos Passos.

bulo dando para pequenos pátios, onde nada mais se vê além de bancos baixinhos. São o chamado armazem de depósito de escravos, geralmente muito limpo, de chão varrido e lavado várias vezes por dia. A fresca brisa do mar sopra por tôda a parte, de maneira que, mesmo quando cheio de negros, pouco se sente o máu cheiro que caracteriza as cadeias e casas de correção da Europa.

Nos próprios navios negreiros, o espaço não é tão apertado como geralmente se imagina. Um barco que na Europa receberia 300 passageiros, transporta da África 400 negros. Durante a travessia, a ordem é modelar e os escravos são alternadamente empregados no serviço do convés e guardados no porão. Dão-lhes alimentação adequada à sua natureza e aconselhada pela experiência de muitos anos: arroz, farinha de mandioca e muito poucas comidas salgadas. Favorecem o mais possível a aproximação dos dois sexos, o que conserva sadíos e alegres êsses inocentes filhos da natureza. Como o capitão e os outros oficiais são interessados na carga, a cobiça os leva a ter o maior cuidado na conservação e tratamento dos pretos. Um médico zela por sua saúde corporal e um capelão, pela espiritual. Em regra, todos são batizados antes do embarque, marcando-se com um ferro quente uma pequenina cruz, no peito dos novos cristãos (3).

No decurso da viagem, a mortandade raramente vai além de 5%, sendo sempre anotada no registro do imposto. Em muitos navios de transporte, que conduziam escravos brancos, da Europa para o Brasil, ela subiu a 10%. Entre as duas especulações, há, porém, grande diferença. Quando morre um negro a bordo, o capitão ,os pilotos, o médico e o padre partilham o prejuizo com o dono. Pelos ajustes concluídos com o Cavalheiro von S-r, pagam-se passagens por tantas cabeças mandadas por êle para bordo, na ocasião da partida e, quantos mais morrerem, maior o lucro do navio.

Por mais cuidado que se tenha no tratamento dos negros durante a travessia do oceano, êles chegam ao Rio de Janeiro aparentemente em petição de miséria, todos magros e quasi sem excepção acometidos duma espécie de sarna, que lhes cobre a pele com escamas branquicentas e torna sua côr preta e lustrosa, em cinzenta suja (4). Os alimentos a que não estavam habituados e o uso do sal, completamente desconhecido a muitas tríbus africanas, devem ser as causas principais dessa enfermidade, que não tem conseqüências nocivas, tanto que a maioria dos escravos é vendida antes mesmo de estar completamente curada.

Ao chegar ao pôrto, dá-se a cada escravo do sexo masculino

---

(3) O Museu Histórico Nacional possúe uma coleção de ferros para marcar escravos: marcas de propriedade e o F. dos fujões. E', pois, possível o costume bárbaro que o autor aqui denuncia.

(4) Provavelmente a *quigiba* ou gafeira.

ou feminino, um pano azul e um barrete vermelho, pois viajaram em trajes do Paraiso (5). Com essas tangas e barretes, vêm-se longas filas de negros levados como rebanhos de ovelhas para os armazens dos traficantes, onde as transações continuamente se realizam, feitas com a mesma cautela com que na Alemanha se compra um cavalo. Quando se pede um escravo de determinada nação e idade, o negociante enfileira todos os que correspondem ao pedido, escolhendo-se entre êles um ou dois para um exame mais acurado. Verificam-se, para começar, mãos e pés. Mandam-se fazer vários movimentos, para vêr que não têm defeitos. Examinam-se os dentes e o torax. Afinal, levam-no repentinamente do escuro para a claridade, afim de provar a sua vista. Não será preciso dizer que êsse exame não é feito com muita delicadeza nas escravas. Mas essa raça queimada pelo sol desconhece o pudor. Meninas e mulheres descobrem qualquer parte do corpo com a mesma ingênua naturalidade com que uma senhora européa descalça a luva.

Se os exames produziram o resultado almejado, começa o verdadeiro negócio, que habitualmente se faz em dobrões, cada um do valor de 12.600 réis (6). As compras são feitas à vista, em dinheiro contado, com ou sem responsabilidade do vendedor pelo futuro estado de saúde da peça vendida. Numa palavra, êste comércio de carne humana equivale ao comércio europeu de cavalos.

E' digna de nota a rapidez com que o aspecto dos negros recem-chegados, vantajosamente se modifica com a alimentação abundante e o bom tratamento. As raparigas, principalmente, ganham em poucas semanas uma corpulência surpreendente. A pele como que se renova e adquire um negror brilhante, os olhos se enchem de vida e fulgor, e em todos os seus gestos as jovens africanas demonstram uma graça natural, que comumente falta à gente da Europa (7).

Uma negra atinge a puberdade aos nove anos. Seu corpo está completamente formado, os seios rijos e de plástica beleza, mãos e pés excelentemente modelados. Contudo, essa aparência juvenil dura muito pouco. Logo que tiver filhos, os seios pejados se alongam e cáem. Nada mais comum do que uma negra, que carrega o filho às costas, amamentá-lo, dando-lhe o peito por cima do ombro ou por baixo do braço. Com trinta anos, está velha e murcha.

Aliás, ambos os sexos raras vezes chegam a avançada idade.

---

(5) E' o que se vê em tôdas as descrições e gravuras da época. Como exemplo, a estampa existente no Museu Histórico Nacional de A. P. D. G. "Slave Shop", comentada no 2.º volume dos "Anais" dêsse instituto.

(6) Moeda de ouro Havia o duplo dobrão de 24 mil réis.

(7) O autor não perde vasa em elogiar negras e negrinhas...

Encontram-se poucos pretos com mais de 40 anos (8). Como as mulheres de raça branca no Brasil, as negras também têm propensão para a obesidade, quando não são forçadas a trabalhar. Encontram-se entre elas algumas com enorme volume.

Os escravos mais forçudos trabalham nas ruas como carregadores. Andam nús com uma simples tanga amarrada à cintura, que mal cobre as coxas. Levam tôdas as cargas à cabeça. Às vezes, bastam seis e mesmo quatro para carregar depressa uma caixa de açúcar do pêso de 2.200 libras. Êsses mariolas entregam aos seus amos uma diária certa e êles próprios satisfazem as suas necessidades de vida. O mesmo se dá com as jovens pretas, que vendem frutas e outras miudezas, obrigadas a entregar de 16 a 20 vintens ou meio thaler por dia. O que ganham a mais lhes pertence. Como estas últimas praticam também outro ramo de negócio, muitas possuem elevados capitais.

Trajam-se elegantemente. O níveo vestido amolda-se aos membros roliços dum brilhante pretume. O turbante vermelho esconde-lhes a carapinha, única coisa que numa preta acho excessivamente feio. Um ombro fica meio descoberto. Do outro cái um pano de côres variegadas (9). Conduzem as mercadorias à cabeça e as apregôam em voz alta, fazendo das suas até altas horas da noite, pelas ruas e praças da cidade.

Uma lei antiga proíbe aos escravos e escravas o uso de sapatos ou qualquer outro calçado pelo qual se distinguem dêles os negros livres. Excetuam-se lacáios e cocheiros dos nobres e altos funcionários do Estado, que, de meias de sêda, roupa branca e chapéu de três bicos, ficam de pé na traseira das carruagens de seus amos ou, com botas enormes, conduzem, montados, as mulas que se atrelam geralmente a êsses veículos (10). E' raro encontrar criados brancos. Onde existem, assumem uma atitude de superioridade, que se reflete prejudicialmente sôbre o resto da criadagem.

Por mais dura que seja a um ouvido europeu a palavra escravidão, êsse estado é, na América do Sul, em geral suportavel. O português e o espanhol tratam bem seus escravos, sem dúvida melhor do que o plantador das Índias Ocidentais, seja inglês, holandês ou francês. Na cidade, o escravo é senhor de seu nariz e cuida de sua vida sem sujeição a qualquer violência. Não são grandes suas necessidades, e seus gosos nada lhes custam. Qualquer terreno baldio vale por uma sala de baile, qualquer rapariga torna-se a dama de seu coração e, se de quando em vez necessita

---

(8) Em verdade, os negros africanos duravam pouco. Os nascidos no Brasil eram longévos.

(9) O chamado *pano da costa.*

(10) Os primeiros chamavam-se *criados de tábua;* os segundos, *correios* e *postilhões.*

dum incitamento à alegria, encontra em tôdas as vendas, como bebida predileta e baratíssima, a cachaça.

Quasi todos os pretos gostam de beber e suportam grande quantidade de bebida. Rapariguinhas tomam 1/8 de medida, isto é, mais ou menos 1/5 de garrafa, dum só trago. Raramente se vêm negros bêbedos pelas ruas.

Assim, o escravo leva vida completamente sem cuidados, saindo de casa do amo ao romper do dia e voltando à noite. Se acontece não ganhar uma vez a diária a que é obrigado, tem sempre pequeno pecúlio a que recorrer para tapar o buraco. Pouquíssimas vezes seu senhor o castiga. Se comete crime grave, é entregue à polícia para ser castigado na forma da lei, isto é, com 50 ou 100 açoites de cada vez (11).

Para vergonha da humanidade, deve-se dizer que também há senhores que tratam os escravos com barbaridade; mas, se a paciência do negro tem curtos limites, a sua vingança não tem nenhum. No tempo do Rei, vivia na Praia Grande, lugarejo do outro lado da baía, um ricaço brasileiro que era um verdadeiro demônio para os escravos. Tôdas as noites chamava-os e mandava que escolhessem entre 25 açoites ou *beijar o velho*, como chamava seu bastão, rematado por uma cabeça bárbara, esculpida na madeira.

Os que preferiam beijar o velho e humildemente se curvavam para êle levavam terrível bordoada na cara, que lhes fazia o sangue esguichar da bôca e do nariz. Os outros recebiam, sem piedade, os 25 açoites. O cruel senhor não se divertiu por muito tempo dessa maneira. Certa noite, ao regressar do Rio de Janeiro, com sua mulher, numa embarcação, os negros aproveitaram as trevas que enegreciam a baía e os lançaram à água. Antes, porém, maltrataram a mulher de modo bestial, cevando todos nela seus apetites carnais. O marido morreu afogado; mas ela foi salva e, quando o Rei não queria confirmar a sentença de morte pronunciada contra os pretos, ela pode-se dizer que o compeliu a isso, protestando que nenhum monarca do mundo tinha o direito de indultar um crime daquela natureza, sobretudo cometido por escravos.

Quero mencionar outra barbaridade que me indignou mais do que tôdas. Quando o africano está cansado de viver, não faz como o inglês, que se enforca, nem como o francês, que mete uma bala na cabeça, porém se põe a comer terra, encurtando com isto sua vida de maneira lenta e dolorosa. As consequências

---

(11) Pela Carta Régia de 20 de março de 1688, aos senhores era proíbido castigar os escravos cruelmente, só o podendo fazer de acôrdo com as leis e com moderação. Permitia ainda aos Governadores punirem os senhores que se excedessem. Foi, no entanto, abolida pela Carta Régia de 23 de fevereiro de 1689. Não durou um ano e ficou tudo como dantes... Outras disposições de lei vieram que limitaram os castigos e os impuseram somente em lugar apropriado.

de tal envenenamento surgem em pouco tempo: a pele se acinzenta e encolhe, os olhos se amortecem. A cobiça também achou remédio para êsse mal. Colocam no desgraçado que quer acabar com sua triste vida, um açaimo de latão, que só se retira para êle sob vigilância tomar alimentos, ao que frequentemente o forçam com pancadas. Como deve ser insuportavel, em um país onde miriades de insétos foram criados para tormento dos homens e os raios perpendiculares do sol dificultam a respiração, aquecendo o ar, trazer uma máscara que, como um elmo de viseira fechada, cobre o rosto e impede a livre circulação do ar! Devo consignar, todavia, que, durante minha permanência de vários anos no Rio de Janeiro, só vi êsse instrumento cruel ser empregado duas ou três vezes (12).

Já nos tempos mais antigos se promulgaram diversas leis a favor dos habitantes escravos do Brasil. Tôda escrava fica emancipada, se se casar com um branco. Há pessoas que chegam a seduzir certas escravas que os donos não querem vender e a pedí-las em casamento. Se, num caso dêstes, o senhor quiser conservar sua escrava, terá de gastar bastante dinheiro, afim de conseguir que o pretendente desista voluntàriamente de seu propósito. Se o casamento se realizar, a escrava está livre e também o assunto termina de vez, pois no Brasil não há Consistório com poder de divorciar alguém da mulher com quem se casar (13).

Os filhos nascidos de brancos e negros podem ser emancipados, se nas seis primeiras semanas após o nascimento, o pai fizer valer seus direitos. Paga-se ao proprietário da mãe escrava dentro dêsse praso o baixo preço de um dobrão, ou sejam, 12.600 réis. A mãe escrava pode também ser comprada pelo pai livre, dependendo dêle, então, presentear o filho com a liberdade. As mulheres brancas nunca amamentam seus filhos e daí os anúncios de escravas para amas de leite, que enchem os jornais da capital.

---

(12) Os romanos punham nos escravos que trabalhavam nos moinhos de trigo açaimos ou mordaças, chamados *pausicapae*, afim de impedi-los de comer a farinha. Nas nossas lavras de ouro e, sobretudo de diamantes, nos tempos colonais, punham-se açaimos de ferro aos negros que nelas bateavam para que não engolissem pepitas e pedras preciosas. O Museu Histórico Nacional possúe interessante exemplar dessas mordaças e um bridão com espátula para prender a língua, que se aplicava aos pretos comedores de terra. E' a êsses que alude o autor, a propósito do açaimo que lhes punham. Naquele tempo, a causa do vício, hoje denominado geofagia, era inteiramente desconhecida. Alguns o atribuiam ao desejo de morrer, como o autor. Outros, ao de ficarem doentes para não trabalhar. Encarado o uso do bridão ou do açaimo por esta forma, deixa de ser tão bárbaro como parece. Tratava-se de evitar o comer terra e nada mais.

No manuscrito "Descrição geográfica da América Portuguesa" — anônimo de 1587, que foi da Biblioteca de S. M. o Imperador D. Pedro II, publicado no tomo I da Revista do Instituto Histórico" lê-se: "Tem êste gêntio outra barbaridade grande, e é quando algum tem ocasião de desgosto, que reputa por deshonra de sua pessoa, se delibera a morrer com

Vendem-se os filhos escravos sempre em companhia das mães. Estas ficam dispensadas de trabalhar durante três dias após os partos, tão fáceis que a gente as vê logo depois, fazendo todos os serviços domésticos. E' curioso as mulheres pretas terem raramente de pais brancos mais de quatro filhos. A razão deve residir na diferença de raça, porque as brancas no mesmo clima têm grande quantidade dêles.

Vigora na matéria a máxima romana: é o ventre materno quem faz livres e escravos. Não importa a côr que tragam os filhos de mãe escrava. Conheci um escravo que, em alvura, podia competir com muitos europeus, produto naturalmente de várias gerações de pais livres. O preço dum escravo dessa qualidade costuma ser muito mais alto. Também os pretos nascidos na terra valem geralmente mais do que os trazidos da África. São chamados crioulos. Nas Índias Ocidentais, chamam-se assim os brancos em idênticas condições (14).

Nas Casas Grandes das famílias, nas fazendas e engenhos, como denominam as plantações de café e as usinas de açúcar, todos os escravos em geral são casados ou vivem maritalmente, embora sem a benção religiosa. Dizem que tais uniões são muito felizes, mantendo ambos os cônjuges modelar fidelidade. Na verdade, as negras preferem os brancos aos pretos, porque se sentem honradas com as suas relações momentâneas. Entre os muitos milhares de escravas jovens que perambulam pelas ruas do Rio de Janeiro vendendo flores e frutas, talvez se não encontre uma só que recuse um convite para isso. Muitos europeus sentem aversão natural pelas raparigas pretas, mas, desde que a vençam, passam a gostar delas. Demais, há umas de feições tão lindas, de estrutura de membros tão esplêndida e de tanta frescura que se torna difícil resistir à tentação de possuir todos êsses encantos por alguns vintens (15).

---

resolução estranha, deixando de comer até perder a vida, ou comendo terra para o mesmo fim, e isto sem que alguém o possa evitar, porque é assentado consigo de morrer só a morte os satisfaz." O autor não disse mais nem menos do que isso.

Somente depois de 1881, quando o Professor Perroncito, de Turin, descobriu os *ankylostomos duodenais*, se veiu a saber que um dos principais sintomas do mal produzido por êsses vermes, sós ou associados a *helminthos*, é a perversão do apetite, que faz o enfêrmo devorar terra. Em 1825, o amarelão ou opilação era tido não como causa, porém como efeito da enfermidade.

(13) Naturalmente. O Brasil é um país católico e não protestante. Além disso, naquele tempo a Religião estava ligada ao Estado.

(14) A palavra *crioulo* sempre indicou os nascidos no país. Negro-crioulo, o negro nascido na América. Do mesmo modo, o branco podia ser crioulo. Os autores franceses, quando se referem a Josefina de Beauharnais, mulher de Napoleão, dizem: "une créole de la Martinique". Essa é a significação real do vocábulo.

(15) Sempre o mesmo encanto pelas negras...

Fisionomias como a da Narina nas *Viagens de La Vaillant*, ou da Joana, nas obras de Stadtmann sôbre Suriname (16) não são raras e pergunto a todos se essas, no seu gênero, são ou não de extraordinária beleza? Além disso, tôdas as negras são asseiadas, usando vestimenta elegante e agradavel, e não sujeitas às moléstias venéreas como as mulheres brancas no Brasil, que unem a uma vida desregrada uma negligência que as não isenta delas. Contudo, nos trópicos, essas moléstias não tem conseqüências devastadoras como no norte da Europa, o que confirma a suposição de que sejam realmente de origem americana (17).

Os escravos importados da África, costumam, mesmo recebendo o melhor tratamento, fugir dos donos, salvo se continuamente ocupados dentro das casas, livres das tentações dos seus companheiros de fora. Nas escravas oferecidas à venda, vale como especial recomendação não serem fujonas, o que se anota expressamente nas hastas públicas. As fugas de escravos novos não são conseqüência de grandes maus tratos ou de excessivos rigores, mas de uma instituição originalmente muito útil, o Capitão do Mato, como é chamado uma espécie de polícia que se ocupa exclusivamente da captura de negros fugidos. Todo distrito, nas cidades, tôdas as vilas e povoações, no campo, têm seu Capitão de Mato, com alguns escravos empregados como cães de fila, a cuja diligência raramente escapam os fugitivos.

Como tal gente, na maioria também pretos ou de côr, recebe pagamento por escravo apanhado e o dôbro, em caso de reincidência, emprega todos os meios de sedução para aumentar o número dos fujões. Numa cidade como o Rio de Janeiro, seu método raramente falha e mais raro ainda é poder o fugitivo escapar, porque quasi sempre aqueles mesmos que o induziram à fuga o tornam a capturar. Êle expia, então sob o azorrague curto sonho de liberdade, que durou poucos dias, e recebe, como lem-

---

(16) Não atinamos a que alude nessas viagens de La Vaillant, se se trata de um indivíduo ou dum navio. Nenhuma referência encontramos em nossas buscas para elucidar o caso quanto a um navio com êsse nome. Houve um Vaillant, Augusto Nicolau, nascido em Paris, em 1793 e falecido em 1858, oficial de marinha, que fez uma viagem à roda do mundo, mas em 1836, dez anos depois de ter estado o autor no Brasil. Êsse Vaillant serviu no México, chegou a Contra-Almirante em 1849, a Ministro da Marinha em 1851, e a Governador das Antilhas, sendo reformado em 1858. Esteve no Rio de Janeiro comandando a fragata "La Bonite".

Stadtmann foi um naturalista e viajante alemão, em cuja honra se deu a um gênero de *nefelias* o nome de *Satdtmanias*.

Chama-se Suriname o maior rio da Guiana Holandêsa, que nasce na serra de Tumuc-Humac e banha a capital da colonia, Paramaribo. Às vezes, a Guiana Holandesa é designada pelo nome dêsse rio. A colonização dêsse pedaço da América Meridional começou em 1581 e prova o insucesso fragoroso do holandês como povo colonizador.

(17) A tese da origem americana da sífilis está hoje em dia cientificamente por terra. O assunto foi estudado devidamente em Gustavo Barroso, "As colunas do templo", capítulo *Morbus Indecens*.

brança, uma gargalheira, da qual se eleva junto ao pescoço uma cruz de ferro, o que permite a seus companheiros o apelidarem satiricamente de *cavalheiro* (18).

Aplica-se o castigo nas praças públicas ou no Calabouço (19), presídio de negros, suportado geralmente com grande firmeza. Os senhores decentes nunca punem pessoalmente seus escravos, mas tentam fazer-lhes compreender que a punição é conseqüência natural de tôda a falta que nem êles podem evitar. Vi alguns que até sabiam aparentar tão admiravelmente a maior pena de seus escravos castigados que êstes se comoviam até as lágrimas e lhes caiam aos pés, chorando e pedindo perdão. O verdadeiro brasileiro perdôa a seu escravo a primeira falta, castiga-o pela segunda e vende-o à terceira por qualquer preço, pois, sendo êsse costume conhecido, todos desconfiam e querem comprar barato os pretos domesticados expostos à venda. Os escravos nascidos no Brasil, ou crioulos, jamais fogem de casa, e por isso valem mais do que os importados da África, ainda saudosos de sua antiga liberdade.

Preciso referir mais um costume que muito me agradou. Se um escravo fugido volta expontaneamente, o que não é raro, não vai diretamente à casa do amo, mas a de um dos vizinhos ou, de preferência, a dum sacerdote, pedindo a sua intervenção. Nenhum brasileiro se nega a prestar êsse favor. Leva-o ao seu senhor e pede perdão por êle, o qual é sempre concedido. Êste hábito é ainda um resto da antiga cortezia ibérica e da grande influência que as relações de vizinhança exerciam no seio dum povo originàriamente amavel.

Os escravos que têm a felicidade de escapar à astúcia e à perseguição dos Capitães de Mato, encontram nas densas florestas do Brasil, pequenos grupos de seus conterrâneos vivendo da caça e do roubo (20). Já se foi o tempo em que essa gente podia formar Estados regulares, que, durante um século, resistiram aos ataques dos antigos senhores, com heróica valentia e tática adequada ao clima e ao terreno. Já se foi o tempo em que a República dos Palmares florescia nos sertões pernambucanos sob o govêrno do sábio e corajoso Zumbi, que em 50 anos criara uma cidade importante, mais de uma vez derrotára as trópas coloniais e acabára coberto de glória, em 1696. Quando se lê a história dêsse Estado, chega-se à convicção de que a sabedoria e a coragem não são peculiares à côr da pele, de que o heroismo não é privativo de nenhuma casta e de que leis sábias podem existir e ser executadas

---

(18) O Museu Histórico Nacional possúe exemplares dessas gargalheiras. Algumas ostentam a cruz, outras levavam pequena bandeirola vervelha, outras um chocalho.

(19) Chamava-se também *cafôfo*. No Rio, ficava na antiga Ponta da Misericórdia, onde havia o forte de São Tiago, artilhado em 1710 com uma peça. Chamou-se a êsse local, por isso, Ponta do Cafôfo, e finalmente, Ponta do Calabouço.

(20) Os quilombos.

sem estarem escritas. Zumbi fez a felicidade de seu povo, adoçou os costumes da rude horda fugitiva, tornou-se o terror de seus antigos amos e suicidou-se, quando viu perdida a derradeira esperança de salvar a República. A cidade foi destruida. De Palmares não existe mais o menor vestígio. Só a sua gloriosa lembrança (21).

Os escravos importados pertencem às mais diversas nações. Encontram-se nos armazens ou depósitos, negros do Congo, Angola, Cachange (22), Moçambique, Mombaça, etc. Os navios negreiros visitam ambas as costas da África. Os pretos são todos geralmente de estatura mediana e as mulheres um pouco menores que os homens. Raras vezes se observa a disparidade de tamanhos da maioria dos povos europeus. Os braços e as pernas são bem fornecidos de carne, como os das classes trabalhadoras da Europa. A nuca é excessivamente forte, talvez devido a carregarem todos os pesos à cabeça. A coluna vertebral se afunda na carnadura. Os ombros e as costelas arqueiam-se salientes. Isto e peitos de construção mais feminina são sinais característicos da raça, havendo poucos inteiramente imberbes. E' difícil decidir se a falta de barbas é natural ou resultado de operação artificial. Inclino-me à segunda razão, pois é compreensivel que, se o uso de arrancar a barba dominou num povo durante largos séculos, as gerações mais novas acabam perdendo-a completamente. Observa-se um fato análogo nos cavalos ingleses, que nascem com menos vértebras na cauda do que os dos paises onde não é costume apará-las.

Em verdade, os negros, como os carneiros, não têm fisionomias próprias, a diferença de feições é tão pequena entre êles que isso só não basta para distinguí-los uns dos outros. Parecem-se

---

(21) O famoso quilombo dos Palmares ficava na serra da Barriga, no sertão de Pernambuco. Começou em 1630, reunindo grande número de negros fugidos. De 1643 a 1645, os holandeses os dispersaram. Reorganizaram-se, depois, com mais fôrça, dominando completamente uma redondeza de 60 leguas. Eram cêrca de 20 mil e resistiram a 20 expedições seguidas. A 3 de março de 1687, o Governador de Pernambuco, João da Cunha Souto Maior firmou um contrato para a destruição do quilombo com o paulista Domingos Jorge Velho, que o seu sucessor, o Marquês de Montalvão manteve, pelo qual as prêsas seriam vendidas no Rio de Janeiro e Buenos Aires. Reforçado pelos pernambucanos de Bernardo Vieira de Melo, os paulistas atacaram o arraial fortificado dos pretos, a chamada Cêrca Grande, e o tomaram, vencendo a brava resistência dos defensores. Nos últimos momentos do combate, o chefe dos escravos, o Zumbi, fugiu acompanhado de alguns sequazes, aproveitando a escuridão da noite e, perseguidos pelos contrários, se despenharam numa ribanceira. Muitos morreram. Êsse fato deu origem à lenda do heróico suicídio do Zumbi, ou Zombi, nas lições de Rocha Pita e Oliveira Martins. A verdade histórica é que foi apanhado pelos vencedores e degolado, segundo conta o ofício do Capitão General Caetano de Melo e Castro ao Govêrno de Lisboa, de 13 de março de 1695.

(22) Cassange e não Cachange, território de Loanda, na África Portuguesa; povoação em Bengala; região e tribu na zona de Malange. Dessa tri-

tanto que é fácil confundí-los. Entretanto, suas raças apresentam característicos fisionômicos os mais diversos. Há feiísimos como os de Moçambique e belos como os de Angola ou do alto sertão africano. Muitos são tatuados, na maioria na testa e nas faces. Alguns apresentam talhos nos ombros, que dizem indicar os anos vividos em sua terra. Pelo menos, por êsses cortes calculam sua idade. Essas marcas são em relêvo e como que produzidas por um ferro quente. Vi alguns magros, cujos ombros, braços e peitos pareciam *skylight* (23) inglês, vidro muito grosso e cheio de riscos encaixado no convés dos navios. Afirmam que no decurso de semelhante operação, as crianças a ela sujeitas perecem pela metade.

Tanto os negros como as negras raramente vivem mais de 40 anos. Muitos já com trinta, têm os cabelos brancos (24). A curta duração das vidas e a pouca fertilidade das mulheres impedem o aumento da população servil e obrigam a uma contínua importação de escravos. Todavia já se observou que os pretos nascidos no Brasil atingem idade mais avançada, podendo-se, assim, esperar que, embora o tráfico da escravatura venha a diminuir ou a estancar-se, seja a procriação de negros no interior do país favorecida de maneira adequada a nunca faltarem trabalhadores escravos ao Brasil.

Será êsse o único bom resultado que a proibição geral do comércio negreiro produzirá. O sr. von Alphen (25) provou, na 2.ª sessão dos Estados Gerais da Holanda, da maneira mais concludente, que essa proibição não teve nas Índias Ocidentais outra conseqüência senão a alta do preço dos negros. A cobiça foi por ela mais excitada, a audácia dos contrabandistas aumentou e a sorte dos míseros cativos durante a viagem transoceânica, na venda e depois desta piorou. Nada mais produziram as leis proibitivas (26).

Sendo o interior da África habitado por inúmeras tríbus, que tôdas mais ou menos fornecem a mercadoria viva aos mercados das costas de Leste e de Oeste, é fácil imaginar a babel de línguas nos armazens e depósitos do Rio de Janeiro. Vi muitas vezes ser necessário o emprêgo de dez e mais intérpretes, para interrogar um negro sôbre os sintomas de sua doença. Dizem que a língua

---

bu vieram muitos escravos para o Brasil e, como estropiassem muito o português, passou-se a chamar cassange o português mal falado ou mal escrito.

(23) Em inglês, no texto. Termo poético que indica a luz do céu noturno ou tôda a luz suave que desce das alturas ou se côa num aposento. Aplicado à linguagem náutica, no sentido que lhe dá o autor.

(24) O ditado popular brasileiro — *negro quando pinta três vezes trinta* — aplica-se aos crioulos e não aos africanos a que se refere o autor e que, segundo era sabido, se acabavam cêdo.

(25) Houve três von Alphen na Holanda O 1.º, Daniel, Jurista e Professor na Universidade de Léyde, autor de erudita obra sôbre as prerrogativas da Magistratura, que completou com uma 2.ª parte a famosa "Descrição da cidade de Leyde" feita por van Mieris, em 1762, e viveu de 1713

dos Cachanges é a mais fácil de tôdas, de modo que a maioria dos mercadores e capitães de navio que frequentam a África a entendem (27). Aliás, todos os negros aprendem o português com grande facilidade. Em três meses, podem, em geral, se fazerem mais ou menos entender. Só o grupo consoante *st* e o *r* lhes oferecem muita dificuldade. Pronunciam o primeiro como *t* e o segundo como *l*. Por exemplo: *tá bom* em lugar de *está bom, dalé* ao invés de *darei*. Nota-se a mesma dificuldade prosódica nas crianchinhas e em muitos povos que vivem em estado natural, como várias tríbus brasileiras e muitas nações da África do Norte.

Quasi todos os negros nascidos na África trazem para o Brasil um grande orgulho de sua terra natal, que os não deixa mesmo após longos anos de escravidão. Suas palavras predilétas são: minha terra e minha nação. Orgulham-se de sua origem e, quando brigam, quasi sempre a causa é um antigo ciume nacional. O negro exclama: — Eu seu Congo! com a mesma soberba com que o inglês gaba a liberdade britânica, batendo com a mão aberta no largo peito.

Raramente têm sobrenomes. Apelidam-se pelo da nação a que outróra pertenciam: José Angola, Maria Congo, Antonio Cachange e assim por diante. Os brancos chamam-lhes rapaz ou pai, conforme a idade que tenham. Os meninos são chamados moleques.

Os negros são extraordinàriamente cortezes entre si, usam os mesmos modos cerimoniosos dos brancos e se tratam por senhor e vossa mercê. Só usam as expressões tu e você, quando encolerizados. Os rapazes beijam as mãos das mulheres idosas e dos pais. E as posições anteriores não perderam o seu prestígio no seio da escravidão. Mais de uma vez, vi um pequeno Príncipe africano receber, em plena rua, as homenagens de seus antigos súditos. Dava à sua maneira um beija-mão como o de D. Pedro em seu trono dourado e vivia livremente com fartura dos presentes que recebia, como tributo voluntário dos aludidos súditos.

Como a forma de govêrno de todos os povos africanos é a despótica, a idéia do poder real ilimitado e a idolatria à pessoa do monarca estão profundamente enraizadas nos pretos. São êles, sem dúvida, no Brasil os mais estrenuos partidários da Monarquia. D. Pedro sabe apreciar essa dedicação e permite que todos

---

a 1797. O 2.º, Jerônimo, Jurista, Teólogo e Poeta, autor de canções populares, de hinos religiosos e das obras "Da superioridade de Moisés sôbre Solon e Licurgo" e "Staner Hemel", o Céu Estrelado, que viveu entre 1746 e 1803. Finalmente, o 3.º, Jerônimo Simão, Pastor calvinista e Professor da Universidade de Utrecht, autor da "Specimioanalit ca in Epistolas Pauli", tendo vivido na 1.ª metade do século XIX. Provavelmente é ao 2.º von Alphen que o autor se refere.

(26) O mesmo se passou no Brasil.

(27) Uma das razões de se denominar ao português mal falado ou mal escrito *cassange*.

os escravos se aproximem de sua pessoa, vendo-se, por isso, constantemente, na igreja e nas ruas, rodeado por êles que lhe demonstram seu devotamento de joelhos, beijando-lhe a mão. Seu Real Pai era muito avêsso a essas familiaridades. Chorou de raiva por serem os negros que puxaram em triunfo sua carruagem, no dia em que jurou a Constituição Portuguesa, do balcão do Teatro. Num país onde há escravidão, os brancos nunca se prestariam a êsse papel de cavalos (28).

Na quasi totalidade, os negros têm pouca inteligência, mas muito sentimento e espírito. Sabem contar bem direitinho suas pequenas histórias e mentir a respeito de sua terra, tão bem como muitos pseudo viajantes europeus, sôbre paises que nunca visitaram. Comovi um que tocava bem marimba até o ponto de chorar, dizendo-lhe que, em parte alguma do mundo, ouvira coisa mais bela. Depois, com grande arrogância e luxo de pormenores, êle me contou que havia sido mestre de orquestra e músico da côrte de vários reis africanos, acrescentando a êsses títulos a palavra *mór*, que significava o primeiro ou o supremo (29).

A marimba é um instrumento musical que consiste numa fileira de penas de aço presas em pequena tábua. Serve de caixa sonóra a metade dum casca de côco. Toca-se com os dois polegares, enquanto os outros dedos a seguram. Seu som é suave e melodioso, podendo ser considerado o melhor instrumento de música de invenção africana. Outro instrumento tocado frequentemente é o que consta dum arco de madeira elástica com uma única corda. Produzem-se as diferenças de som por meio de maior ou menor pressão sôbre o arco, cuja extremidade se coloca de encontro aos dentes. Os berimbaús são também muito apreciados (30).

Seria interessante descrever a vida e os lances de fortuna de alguns pretos. Muitos têm histórias bastante românticas. Encontrei certa vez, no caminho de Cabo Frio, um velho pescador que me disse ter sido capturado havia poucos anos no sertão africano e vendido como escravo, em Moçambique. Falava mais ou menos francês conhecera Napoleão no Egito e entendia inglês, aprendido nas colônias britânicas da costa ocidental, onde estivera várias vezes. Mostrou-me as cicatrizes de mais de vinte ferimentos e assegurou-me ter mais de cem anos.

---

(28) Isto contraria o que o autor diz anteriormente dos *escravos brancos*, que conduziam aos ombros o soberano à ermida da Glória, e o que se sabe de D. João VI, que possuia os carregadores negros da sua cadeirinha de arruar ou do seu palanquim, como já se viu em nota precedente.

(29) Mestre-mór. Músico-mór.

(30) Berimbáu, pequeno instrumento de ferro em forma de lira, com uma lingueta de aço entre dois ramos, presos a uma parte arredondada. Toca-se, prendendo êsses dois ramos entre os dentes e tangendo com um dedo à lngueta.

A boa índole inata dos pretos e seu apêgo à pessoa do amo, que vai além de qualquer descrição, fariam dêles ótimos servidores, se a essas qualidades dignas de louvor não servisse de contrapeso o mais alto gráu de preguiça. Todavia se é bem servido, quando se tem um único escravo. O orgulho europeu introduziu o sistema contrário. E' uma espécie de vaidade fazer-se servir por muitos, luxo que, como todo exagêro, acaba se tornando incômodo. Nas casas ricas, empregam-se geralmente de dez a vinte. Um empurra o trabalho para o outro, todos fazem pouco, ou mesmo nada, e os amos são pessimamente servidos. Porém lisonjeia o orgulho do brasileiro ser acompanhado à missa ou aos passeios por longa fila de escravos e escravas, cuja ociosidade como que até causa prazer aos senhores. A mesma coisa ocorre não raras vezes na Europa.

O canto, a dansa e os folguedos enchem as horas de folga dos escravos. Quando se quer vêr gente alegre, basta procurá-los. De natureza é o brasileiro melancólico, muito sensual, ceremonioso e desconfiado, qualidades essas que não produzem a verdadeira alegria. A incosciência do negro deixa-o gosar o que o momento lhe propicia, sem cuidados sôbre o futuro. Sua dansa prediléta chama-se fado, e consiste num movimento trêmulo do corpo que, suavemente embalado, exprime os sentimentos mais sensuais de um modo tão natural como indecente. São tão encantadoras as posições dessa dansa que muitas vezes os dansarinos europeus as imitam no Teatro de S. Pedro de Alcântara, recebendo aplausos entusiásticos.

Encontram-se entre os negros, excelentes improvisadores. Todos os seus trabalhos, folguedos e dansas são acompanhados de cantigas. Tôdas as impressões que recebem tomam uma forma poética. O pensamento gera a rima, e a rima gera outro pensamento. Estão sempre cantando suas felicidades e suas dôres em estâncias mais curtas ou mais longas. Não me posso furtar a uma observação, que me ocorre em certas ocasiões. Todos os povos da Ásia e da África, os milhares de tríbus diferentes da América e os felizes habitantes do oceano Pacífico, todos se servem da rima ou de uma espécie de aliteração em suas poesias. Seria êsse adôrno poético desconhecido às gentes da Antiguidade? Não o creio. Contudo, nem os autores gregos, nem os romanos se interessaram pela alma dos povos que subjugavam, desprezando mesmo completamente suas próprias línguas (31).

Quero afinal fornecer um cálculo demonstrativo de que no Brasil não se pode empregar seu dinheiro melhor do que com-

---

(31) De fato, os antigos não usaram a rima. Seus versos eram ritmados e dêsse ritmo lhes vinha tôda a harmonia. E' também justa a observação que o autor faz do desprêso de gregos e romanos pelos idiomas dos povos bárbaros. Até os nomes próprios dêsses povos êles nos transmitiram, desvirtuados pela sua forma de falar ou transcrever.

prando escravos e alugando-os para trabalhar. Para isso, estimei a duração da vida do negro em 35 anos e a idade por ocasião da compra em 15, admitindo, por hipótese, que no primeiro ano nada ganhe, porem em cada um dos seguintes renda 7 mil réis mensais, o que perfaz 80 mil réis por ano. Apliquei para o cálculo os juros de 12%, de uso geral no país. Infere-se daí que, se emprego um conto de réis para adquirir 5 escravos, ao fim de 20 anos possuirei um capital de mais de 26 contos, enquanto que uma soma idêntica, de um conto, colocada a juros ao mesmo tempo, só teria aumentado para nove contos e quinhentos mil réis. Completamente diverso será o resultado dêste cálculo, se eu empregar o rendimento anual proveniente do aluguel de meus escravos paulatinamente na compra de outros e não der a juros, como admiti no primeiro cômputo. Então se conclúe que, após o decurso de 20 anos, possuirei um capital de 36 contos e 728 escravos, 300 de 16 anos, 120 de 18, 100 de 20, 60 de 22 e assim por diante, os quais me rendem anualmente 62 contos. Quem souber calcular mais ou menos juros compostos facilmente se convencerá da justeza de minhas contas (32).

Resultado tão surpreendente permite compreender como pessôas que vieram para a América do Sul com insignificante capital tenham podido, às vezes em curtíssimo lapso de tempo, ajuntar imensa fortuna. Cito como exemplo apenas nosso conterrâneo F-ch, em S. Cristovão, que começou do nada e agora é milionário. Também é um indivíduo que não conhece outro gozo senão amontoar tesouros, fazendo de sua crescente riqueza simples aguilhão para novos ganhos, que procura alcançar com o mesmo afinco, como se estivesse trabalhando pelo pão de cada dia.

Infelizmente, muito pouco posso dizer sôbre a interessante questão dos primitivos habitantes do país. Tomei como norma contar unicamente o que vi e conheci. Meus meios pecuniários não me consentiram fazer longas viagens pelo interior e os arredores do Rio de Janeiro, por óbvias razões, somente conservam fracos herdeiros dos habitantes da região antes de ser descoberta, os quais pela civilização e mescla com os europeus perderam sua originalidade. Durante minha permanência de vários anos, talvez jamais tivesse ocasião de vêr um selvagem, se o Govêrno, de tempos em tempos, não persuadisse pequenos grupos dêsses incolas errantes no norte da Província Fluminense a se deterem nas proximidades da capital, antes para satisfazer a curiosidade dos europeus do que para alcançar fim mais elevado, como seria civilizar os restos dos indígenas e preservá-los dum aniquilamento, tanto mais certo e próximo quanto mais apertados forem

---

(32) O autor esquece os prejuizos das doenças e mortes dos escravos. Todavia o negócio era lucrativo e deu para enriquecer muita gente. As grandes fortunas do Brasil antigo provinham da escravidão.

os limites com que os vai cercando a civilização em marcha e a população em crescimento.

Não incluo entre os selvagens os chamados cabôclos, raça bastarda de índios e negros (33). Êstes já se dedicam à agricultura, têm morada certa e em parte suportam as despesas do Estado. Muitos dêsses infelizes são forçados à custa de pancadas à profissão de soldado, para a qual não têm o menor pendor (34). O semi-selvagem dá um bom pastor, um máu agricultor e o pior soldado do mundo. O verdadeiro selvagem jamais se submete à disc plina européia. É herói na guerra que faz à sua maneira, mas nenhuma fôrça humana consegue transformá-lo num soldado regular. Despreza a dôr dos castigos militares e, se fôr preciso, sabe morrer sem se suicidar. Êste é um dos fenômenos mais singulares que ocorre com o aborígene americano. Se está cansado da vida, deita-se numa esteira e morre. Para êle, a morte é uma função exercida voluntariamente pela vida, como qualquer outra função do corpo. Suas causas não são lesões externas, veneno ou falta de alimento. Morre na flôr e vigor da idade. Qual será o fisiólogo capaz de explicar êste fáto fóra de dúvida por ter acontecido inúmeras vezes?

No seio de sua liberdade o selvagem ignora as vantagens que a civilização oferece, desdenha seus gozos e apenas teme as cadeias com que ela prende os homens. Raramente se aproxima dos brancos e nunca demora em sua companhia. Suas relações com êles promanam de ativo comércio de ipecacuanha, borracha e outras drogas. Mas permanece em suas florestas ou para elas retorna logo que termina as suas trocas. Espingardas e pólvora, cachaça e fazendas de côres vivas acendem sua cobiça; mas, se com a maior sofreguidão procuram violentamente possuir um objeto, depois de o terem algum tempo, logo dêle se enfastiam. É-lhes absolutamente estranha a idéia de bens hereditários. Levam aquilo que lhes foi mais caro na vida para a sepultura.

As tribus que habitavam as cercanias do Rio de Janeiro há muito tempo desapareceram. Parte dos habitantes brancos provêm da mestiçagem de europeus e Tupinambás (35). Nêles mal se observam fracos resquícios do sangue americano. Há algumas aldeias de Tamoios já completamente civilizadas, que vivem da agricultura e da pesca, afamados como bons marinheiros. Ao norte do Rio de Janeiro, muitos lugarejos são habitados por descendentes dos Tupinambás, nos quais se observa de contínuo o

---

(33) Engano. Mestiços de índios e brancos. Os de negro e índio são os *cabras-bódes*.

(34) O nosso recrutamento antigo, a páu e corda, evidenciava isso. O maior castigo era pôr o *covado e meio* às costas dum brasileiro, isto é, o pano da farda.

(35) Naturalmente equívoco. O autor deve querer aludir aos Tupiniquins, cujo nome provinha de *Tupinaki*, ramo ou parente dos Tupís, no dizer de Teodoro Sampaio.

Depósito de escravos no Rio de Janeiro. Comêço do século XIX. Gravura do livro de A. P. D. G. "Sketches of Portuguese Life".
Das coleções do Museu Histórico

pendor para o nomadismo. Fóra disso, ocupam-se de lavoura e pescaria, pagando ao Govêrno insignificante imposto. No interior da Província, vagueiam ainda bandos de Purís (36) e Botocudos por tôdos os lados cingidos pelo povoamento crescente. Os últimos chamam-se a si próprios *enguereemong* (37). O nome Botocudo é português e significa homem com batoque, porque êles costumam furar o beiço inferior e colocar nêsse furo um círculo de madeira. Julga-se que descendem dos Aimorés, os quais, ao raiar do século XVII, abandonaram sua moradia no sertão, marcharam sôbre o litoral e destruiram as Capitanias de Ilhéus e de Porto Seguro. Ainda são tão selvagens como ao tempo de seu primeiro aparecimento, quando se achavam em gráu de cultura muito mais baixo do que as tribus que expulsaram (38). As únicas coisas que aprenderam dos europeus foram o uso da espingarda e o abuso da cachaça.

Tive oportunidade de vêr um grupo de uns trinta indivíduos desta nação nos arredores do Rio de Janeiro, onde estiveram algum tempo hospedados pelo Govêrno. Voltaram depois às suas florestas, carregados de presentes. Haviam dado aos homens casacos vermelhos e chapéus de três bicos (39). Ficavam engraçadíssimos com êsse traje, sobretudo porque não havia meio de fazê-los vestir as calças que o completavam e lhe foram fornecidas. Tôdos os selvagens têm invencível aversão contra essa parte da nossa indumentária e contra qualquer espécie de calçado. Desconhecem o pudor e, portanto, consideram as calças incômodas e supérfluas. Os sapatos e as botas causam-lhes dôres nos pés, de maneira que, até as tribus de há muito civilizadas, raramente dêles se servem. O mesmo se dá com os cabôclos das Províncias, que se vêem entrar nas cidades a cavalo e de esporas, mas descalços (40).

---

(36) Tribu de Botocudos que vivia entre a Baia, o Rio de Janeiro e Minas Gerais Também chamados Patácos. Seus costumes foram descritos pelo Principe Maximiliano de Wied-Neuwied, na sua viagem de 1815 a 1817, à bacia do Rio Dôce. Em 1828, na nossa 1ª Exposição de Pinturas, Debret expôs uma Cabeça de índio Puri. Hoje, os restos dos Puris vivem em jangadas durante a estação chuvosa e em terra durante a calmosa, no rio Purús .

(37) E' curioso como o autor é, às vezes, bem informado. Aquí temos um exemplo. O termo *Enguereemong* nada mais é do que a transcrição mal feita do apelativo *Orarimogodogue*, que os Botocudos se dão a si próprios, conforme os mais recentes estudos dos Padres Colbachini e Albisetti.

(38) Os Tupis.

(38) Era costume dar aos índios que visitavam a capital ou as cidades, velhas fardas de soldados, uniformes dados em consumo, como se diz em linguagem militar. O autor fala de chapéus de três bicos e casacas vermelhas. Ora, os tricórnios das antigas trópas colonais haviam caído em desuso desde fins do século XVIII. Êsses só podiam ser dos antigos tambores do Regimento de Artilharia do Rio de Janeiro, cujas casacas eram vermelhas.

(40) Ainda hoje.

Se os Botocudos não usassem de modo tão horrivel os lábios e as orelhas, seriam um povo extraordinariamente belo. A parte superior do rosto é bem formada, os olhos brilhantemente pretos com singular mobilidade; a estrutura do corpo regular e forte sem excepção, com movimentos agilíssimos e cheios da graça selvagem, inata tanto nos livres filhos da natureza, quanto nos animais ferozes da selva. Não observei nêles a finura dígna de nota das côxas e pernas em relação ao corpo, que tantas vezes se tem criticado nos habitantes da América do Sul. São, no entanto, menos carnudos que os negros e não possuem suas fórmas roliças. A côr bronzeada é mais obra de artifício do que da natureza. Tôdos os dias untam a pele com uma terra vermelha empastada de óleo de rícino (41), ótima proteção contra a picada dos mosquitos e os bichos de pé (4), tão abundantes no Brasil. Como o sol tropical faz entranhar na epiderme êsse unguento colorido, não é de admirar adquira ela côr mais forte, mesmo que tivesse sido a princípio completamente clara. Sua falta de barba também é mais artificial do que natural! Arrancam os pêlos mal aparecem e não os toleram em parte alguma do corpo, além da cabeça. Êsse costume é compreensível aos países tropicais, onde a barba é grande incômodo. Conheci diversos soldados ingleses que, por comodidade, se sujeitaram nas Índias Ocidentais à mesma operação. O selvagem não dispõe de outro meio para se livrar da barba, sendo lógico que ela, por isso, vá nascendo mais fraca em cada geração, com tendência a completo desaparecimento.

As mulheres e as crianças andam completamente núas, com os braços, os pescoços e as pernas ornados de braceletes, colares e fios de missangas coloridas. Trazem nas orelhas flores e penas. Algumas perfuram também as bochechas e as enfeitam do mesmo modo. Não possuem o menor sentimento de pudor e o que entre os europeus provocaria repulsa entre êles nem se nota. Até como que a sensualidade se alvoroça menos com as esplêndidas fórmas, que muitas índias oferecem à vista, do que quando as cobre, no mundo civilizado, o vestido mais belo, tanto é a imaginação quem principalmente move os desejos amorosos.

O asseio das mulheres e moças excede a maior idéia que dêle se possa fazer. Vai tão longe que, para escapar ao fluxo mensal, se sujeitam a dolorosíssima operação. À entrada da puberdade, as raparigas são escalavradas no baixo ventre com um instrumento afiado, continuando essa espécie de sangria até a perda

---

(41) Azeite de carrapato, no Norte do Brasil. O ricino é a mesma carrapateira, planta do gênero das Euforbiáceas, cuja semente possúe a *toxalbumina, Croton tiglium* ou Pinhão da índia.

(42) O *Pulex penetrans,* Chica Americana, Sarcophyla, Tanga da Argélia, Quig da África Equatorial, Peysy do Congo, pulicídio que produz o *onixys ulceroso,* a *úlcera fagedêmica.*

de sangue externa fazer cessar a interna. Fico na dúvida se êsse costume não prejudica a fertilidade das mulheres, aliás muito restrita entre êsses povos.

Apesar dos selvagens que vagueiam pela Província do Rio de Janeiro conhecerem de há muito o uso da espingarda, geralmente se servem de duas espécies de arco: um de cordas duplas, tendo no meio pequeno saco, com que atiram balas ou seixos rolados, matando com êle de maneira habilíssima animais pequenos e pássaors a grande distância (43); outro com uma corda para a flecha de páu-ferro, às vezes de ponta de ferro e, na guerra envenenada.

Sabe-se que tôdos os povos do Brasil eram antropófagos e ainda o são. Todavia, êsse hábito é mais comum nas Províncias do Norte. Consideram mãos, pés, narizes e orelhas como os mais finos manjares e dizem que a carne da mulher é mais saborosa do que a do homem (44).

Tal hábito, a vingança de morte, tida por tôdos os povos da América como o mais sagrado dos deveres, e a grande insensibilidade à dôr física, por êles considerada a maior glória, faziam com que as guerras dêsses selvagens entre si fossem muito sangrentas e crueis. Pouquíssimos autores deram importância a ésse fáto e atribuiram o aniquilamento parcial dos aborígenes sul-americanos unicamente à deshumanidade e cobiça de seus primeiros conquistadores. Se volvessem um olhar observador para o Perú, teriam facilmente verificado que alí onde o povo atingira certo gráu de cultura, sem crueldades recíprocas despertando incessantes represálias, a nação foi vencida, mas não aniquilada, conseguindó, mesmo depois da conquista, certa liberdade que até hoje deu bom resultado. A verdade é que, nessa parte da América do Sul, quando a Constituição Republicana aboliu tôdas as diferenças entre espanhóis e crioulos, cholos e gente de côr, foram os últimos justamente os que com mais vigor a isso se opuseram e mais tempo se conservaram fieis ao partido do Rei. Daí se infere que o estado em que viviam sob o regime colonial não podia ter sido muito tirânico.

No Brasil, as circunstâncias foram inteiramente diversas. Tôdas as tentativas para dar aos aborígenes aquêle gráu de civilização necessário ao estabelecimento das relações jurídicas não produziram o menor resultado, devido ao caráter dêsses povos, que nunca se deixaram conquistar e ou foram expulsos ou exterminados.

Quando os diversos elementos de uma população movem durante muitos anos sangrenta guerra uns aos outros, as quali-

---

(43) O chamado bodoque.

(44) A antropofagia dos índios, se começara por ser fruto da gula e da hostilidade ao inimigo, acabára obedecendo ás idéias religiosas e se tornando ritual.

dades preponderantes de cada um podem ser brilhantemente demonstradas. A guerra de libertação feita em principios do século XVII pelos brasileiros contra os holandeses oferece exemplos admiráveis do que asseveramos. Patry morreu como deve morrer um herói do mar, atirando-se nas ondas ,para não cair prisioneiro, com estas palavras: — "Só o oceano é sepultura digna dum Almirante bátavo!" (45). Fernando Vieira, com sua coragem cavalheiresca e sua profunda ponderação, póde servir de protótipo do heroismo europeu (46). O preto Fernando Diaz desprezava os perigos e a sorte favoreceu-lhe a intrepidez (46). E Cameran, o famoso chefe índio, depois de ter salvo a Colônia com sua fidelidade, voltou às suas matas, recusando a gratidão dos brancos e tôdas as recompensas que lhe ofereceram. Com estas palavras sigulares: — "Posso ser amigo de vocês e assim continuarei, mas não posso viver no seu meio!" o venerando ancião se despediu dos seus aliados (48). Elas exprimem da maneira mais clara o modo de sentir dos selvagens.

Existe, no entanto, um meio de unir essas diversas partes que formam a população do Brasil. É o Amor. Desde os primeiros tempos, êle se evidenciou com sua força bemfazeja. Tôdas as raças mestiças da América, provenientes da fusão de europeus e aborigenes se distinguem no físico e no espiritual, como se a Divina Providência tivesse dessa maneira querido renovar o gênero humano corrompido. O futuro revelará melhor ainda seus sábios designios.

Os sons de tôdas as línguas da América do Sul muito se as-

---

(45) A memória traiu o autor. Não é Patry e sim Pater. Foi o General do Mar que comandou as naves holandesas na batalha dos Abrolhos contra a esquadra lusa-espanhola do comando de Antonio de Oquendo, Almirante do Mar Oceano. Chamava-se Adrian Ianszoon Pater e morreu nessa pugna que começou pela manhã e durou até o anoitecer, a 12 de setembro de 1631. Nela pereceu afogado. O episódio que dele se conta, porém, não passa de lenda.

(46) Aliás, João Fernandes Vieira, principal chefe da insurreição de 1645 a 1654 contra os holandeses. Nasceu no Funchal, ilha da Madeira, em 1613, e seu verdadeiro nome era Francisco d'Ornelas Moniz. Fugiu de casa aos dez anos de idade e veiu ser caixeiro no Recife, onde enriqueceu. Em 1642, Vidal de Negreiros convidou-o a tomar parte na gloriosa emprêsa da Restauração de Pernambuco. Exerceu o comando dos insurgentes até 1648, quando o passou ao General Barreto de Menezes. Foi Alcaide-Mór do Pinhel, Comendador da Ordem de Cristo, Capitão General de Angola e Conselheiro de Guerra. Faleceu em Olinda.

(47) Outro lapso da memória do autor. Henrique Dias, que serviu heroicamente na guerra contra os holandeses, de 14 de maio de 1633 até 1654, quando êles capitularam na Campina do Taborda. Ferido em combate 8 vezes. Bateu-se por tôda a parte à frente do seu Terço de Pretos, notadamente nos Guararapes. Retomou Olinda. Faleceu a 8 de junho de 1662. Até 1831, no Exército e nas Milícias, se conservou no Brasil a tradição dêsse Terço de Pretos nos Regimentos ou Batalhões de Henriques ou de Caçadores-Henriques.

(48) Antonio Filipe Camarão, o chefe índio Poti, que batalhou con-

semelham às vozes dos sapos, das rãs e das cobras, que pululam nessa região. Vê-se, assim, a grande influência exercida pela natureza até na origem e desenvolvimento dos idiomas. Os romanos compararam o dos antigos germanos ao chilrear dos pássaros, que povoavam os bosques sagrados de nossa pátria. O português é o latim falado por judeus. Porém talvez não haja no mundo inteiro fala tão dificil como a dos Yamcos (49) do Amazonas, na qual, segundo Condamine, se exprime o número três com esta palavra infindavel: *puettararironcuroac* (50). Outras sôam bem e são belas como a dos Tupinambás, ainda hoje falada no Maranhão por muitos colonos, e a dos Cholos, usada pelo povo no Perú e que os filhos dos espanhóis aprendem antes da própria língua materna.

Os bandos nômades do interior da Província do Rio de Janeiro, que, segundo disse anteriormente, devem ser com toda a probabilidade, restos da nação pouco depois do Descobrimento conhecida pelo nome de Aimoré, parecem não ter religião positiva, nem sacerdotes, nem príncipes. Demonstram, contudo, grande devoção a um Ente Supremo e admiram o comovente esplendor do culto católico, com aquêle sagrado pavor dos indivíduos dotados de excessiva imaginação e postos no ultimo gráu de civilização. Não usam o maracá, que consiste numa cabaça cheia de pedras ou pedacinhos de metal, que o sacerdote agita, fazendo-o ressoar. O povo oferece por seu intermédio sacrifícios à divindade que êsse instrumento pretende representar (51). Parece-me que somente as tribus Tupís praticavam a devoção idolatra a essa insígnia do poder sacerdotal, sendo até certo ponto governadas pela influência dos Pages, espécie de ordem monacal, cujos membros só eram admitidos depois de provas cruéis. Como as tribus Tupis da Província Fluminense em parte se fundiram com a população branca e em parte se converteram ao catolicismo, não pude me instruir sôbre os pormenores dessa idolatria.

---

tra os holandeses desde 1630, vencendo-os em Terra Nova, em 1636, e em Guajú, em 1646. Era um bravo. Distinguiu-se sobretudo nos Guararapes. Batizado a 4 de março de 1612, na aldeia de Igapó, á margem do Potengí, está sepultado na velha igreja do Arraial Novo, nos arredores do Recife.

(49) Os yamcos habitam no território brasileiro e no peruano do departamento de Cajamarca.

(50) Carlos Maria de La Condamine, matemático e escritor francês, nascido em Paris, que viveu de 1701 a 1774. Teve uma mocidade tempestuosa e deixou a carreira militar para se dedicar aos estudos científicos, como ajudante de química na Academia das Ciências. Após diversas viagens ao longo das costas da África e da Ásia, obteve, em 1736, participar da expedição de Godin e Boguer, enviada ao Equador para determinar a configuração da Terra. De regresso, desceu o Amazonas. Deixou várias obras escritas.

(51) O Maracá é importante divindade do culto indígena do Jurupari ou iniciação a mistérios absolutamente ignorados.

Os Botocudos vivem em pequenos grupos independentes, sob uma organização patriarcal. Não é improvavel um resquício de religião entre êles, sendo o mais velho de cada agrupamento ao mesmo tempo chefe e sacerdote. Tentou-se frequentemente, em tempos idos, convertê-los, porem em vão. O clero atual do Brasil não se julga mais destinado a arriscar sua comodidade e talvez sua vida em favor da salvação dessas almas bárbaras. Alguns padres ultimamente se tornaram mártires da política; mas, ao que me conste, nenhum quis mais ser, nêste século, mártir da religião (52).

O Estado pouco se importa com os fracos restos da população aborígene do Brasil. É bem possível que tentativas anteriores tenham suficientemente demonstrado ser inútil querer salvá-los do aniquilamento fatal que os separa. Continua-se, todavia, a fazer alguma coisa em seu benefício, afim de protegê-los e, se houver possibilidade, acostumá-los a um domicílio fixo. O Govêrno despende somas de certa importância para manter uma espécie de comércio com êles. Mas, nêsse caso, como aliás em muito, sua bôa vontade é frustada pela cobiça dos seus funcionários, que transformam êsse intercâmbio em fonte de sua ruina física e moral, fornecendo-lhes principalmente cachaça.

Pelo conhecimento do estado presente dessas tribus, é fácil conjeturar que não será preciso mais dum século para varrê-las do solo que outróra pertenceu a seus pais. Por mais triste que seja êsse destino, seria de desejar que sua agonia já estivesse finda, porque, onde a civilização e o estado natural entram em conflito, para êste só resta uma alternativa: a sujeição ou o aniquilamento. Não é preciso para isso lançar mão de armas e da violência. A impossibilidade de continuar a vida à maneira antiga, as necessidades e faltas disso decorrentes, e o exagerado uso da cachaça bastam para destruí-los. Do mesmo modo como se abatem as florestas virgens do Brasil, êles desaparecerão tão completamente que nem perdurará a lembrança do seu infortúnio.

Então, o lavrador que arar a terra, em cujas matas impenetráveis, os débeis resíduos dos primitivos habitantes ainda hoje encontram escassos meios de subsistência, nada saberá contar a seu respeito. Isto é um convite tentador para um viajante procurar conhecer mais de perto essa parte interessante do genêro humano, afim de conservar, ao menos para a historia, o que a fatalidade irrevogavelmente condenou a completa destruição.

---

(52) A lista infindável de padres e frades liberais, revolucionários e maçons, na história do Brasil daquele tempo, justifica plenamente as palavras do autor: D. José Caetano, Presidente da Constituinte de 1823, Diogo Antonio Feijó, José Antonio Caldas, Batista Campos, Macambôa, Sampaio, Januário da Cunha Barbosa, Venâncio Henrique de Rezende, Mororó, João Ribeiro Pessoa, Roma, Caneca, Alencar, Miguelinho, Almeida Castro, Paula Barros, Souza Fontes *et magna concomitante caterva*...

X

LITERATURA BRASILEIRA

E' natural, num país que oferece à observação quadros tão amplos e encantadores, a imaginação desenvolver-se cêdo e depressa. E é de convir que, dêsde o descobrimento das florestas eternamente verdes do Brasil, as suas maravilhosas praias ressoaram aos cantos dum povo, que trouxe das margens do Tejo a alma cavalheiresca de seus antepassados e a alimentou no seio de uma natureza grandiosa, aperfeiçoando-a excitando-a numa vida incerta e cheia de perigos, de modo a produzir as mais lindas flôres. Mas êsses primeiros cantos, como milhares de outros, que ainda hoje se ouvem, nas cidades e campos, da bôca dos repentistas, se desfizeram no ar azulado, como o perfume dos laranjais, ao leve roçar da brisa (1).

Censuram-se os povos meridionais pela sua preguiça, *dolce farniente*, que, no entanto, não é um repouso apático, pois sempre estão perdidos na contemplação do que os rodeia ou ocupados com o pulsar das paixões que lhes agitam o peito. E que aspecto não lhes oferece para isso a natureza, olhem para onde quiserem! O imenso espêlho luminoso e límpido do mar recorda-lhes, mesmo que não queiram, o distante país de seus pais, muito embora nunca o tenham visto. As ondas batem isocronamente na costa, acompanhando o rítmo de seus pensamentos com uma música simples e imponente. As serras e morros cobrem-se com um verde cheio de frescura e até a areia da praia parece arder sob as vivas côres das rosas, das ipoméias e das borboletas que sôbre elas adejam. Os maravilhosos meandros das florestas, onde os troncos anosos se inclinam ao próprio peso e ao do tempo, enrodilhados e sustentados pelos cipós gigantescos, o silêncio profundo e dominante, nunca interrompido pelo bater do machado, a diversidade de árvores e de outras plantas, que, em fórmas fantásticas, se entrelaçam, o suave murmurejar dos regatos e o majestoso estrondo das cachoeiras despejadas dos montes e fraguedos, tudo isso leva a alma, alternadamente a sensações amenas e elevadas. Demais, o brasileiro é completa-

---

(1) O primeiro poema do Brasil, o de Anchieta, foi escrito na areia de suas praias.

mente diferente do europeu, que se ache no mesmo gráu na sociedade burguesa. Reune tôdas as peculiaridades das diversas raças que o formaram. É contemplativo como o aborígene americano, vivo e ardoroso como o filho da África, apaixonado e imaginoso como seus irmãos ibéricos. Alheio de tôdo a muitas idéias familiares na Europa a qualquer criança, é vasta sua ignorância em muitos assuntos e vive sob o férreo jugo da superstição; mas seus pensamentos são rápidos como o relâmpago e seu instinto do belo sempre seguro, de modo que sabe expririr bem suas sensações numa língua simples, maleavel e de singular harmonia. Paixões veementes agitam-lhe a alma.

Tôdas essas qualidades, se forem bem desenvolvidas pela educação, devem produzir grandes poetas (12). E, realmente, o Brasil já se poderia gabar hoje de grande número de bons autores, se suas obras não se tivessem perdido ou sido enfurnadas na Torre do Tombo (3), arquivo do Estado Português, visto como a tirania da Metrópole sempre se esforçou por destruir ou ocultar o que ameaçasse difundir alguma luz sobre sua interessante colônia. A maior parte das poesias dos primeiros tempos provavelmente nunca foi escrita, o que não prova que não tenham sido tão bôas como as que, na mesma época, surgiram na Europa.

O brasileiro letrado, o habitante da capital e tôdos os que se têm na conta de brancos puros não se contentam com as poucas flores da musa nacional e reclamam tôda a glória literária da Mãe Pátria, o que parece justificado pelo uso da mesma língua e por estar o assunto dos vários poemas de seu mais brilhante período em intima connexão com o descobrimento e a colonização do Brasil. A própria lembrança ou a tradição frequentemente fazem seus pensamentos se voltarem para Portugal, que o português, embora ocupe as mais brilhantes situações no estrangeiro,

---

(2) O autor como que advinhava, em começos do século, a glória de Castro Alves, Gonçalves Dias, Fagundes Varela, Alberto de Oliveira, Raimundo Corrêa, Olavo Bilac, Luiz Delfino, Vicente de Carvalho...

(3) Tombo é sinônimo de arquivo. Chamou-se Tôrre do Tombo uma tôrre da antiga cêrca ou muralha de Lisboa, no lugar onde o Rei D. Manuel fundou os chamados Paços da Ribeira, atual Terreiro do Paço. O arquivo dessa tôrre, estabelecido pelo Rei D. Fernando, foi aumentado por Dom Manuel. Depois do incendio no tempo de D. João III, o Tombo passou em 1540 para a cidadela mourisca no castelo de S. Jorge. A nova Tôrre do Tombo nesse local desabou com o terremoto de 1755, conseguindo felizmente Manuel da Maia salvar quasi tudo quanto continha. O arquivo guardou-se até 1757 em um barracão, sendo então mudado para o Convento de S. Bento. Transformado êste em palácio do Parlamento, hoje Assembléia Nacional, funciona no andar térreo, lado direito de quem entra.

Até certo ponto o autor tem razão no que afirma. A História do Brasil, de Frei Vicente do Salvador esteve longos anos enfurnada na Tôrre do Tombo.

No Brasil, não havia tipografias nem jornais. A "Gazeta do Rio de Janeiro" fundada em 1747 por Antonio Isidoro da Fonseca foi suprimida. A Imprensa Régia foi criada por D. João, Principe Regente, a 13 de Maio de 1808.

ama acima de tudo. Qualquer brasileiro ilustrado conhece, pois, Camões, Andrade Caminha, Côrte Real, Quebedo e quase tôdos os poetas das épocas mais antigas e ilustres. Du Bocage é o poeta mais popular. E, na verdade, não é necessário ser português para ter apaixonada predileção pelos "Lusíadas" (4).

Todos os que fizeram longas viagens marítimas devem achar êsses versos muito atraentes. As descrições que o cavalheiresco poetas faz de paises e costumes ignotos são surpreendentemente fiéis e, ao mesmo tempo, tão singelas e pitorescas que se julga ver o que descreve em suas belas estâncias. Encontra-se idêntica veracidade em todos os poetas do tempo mais ilustre da literatura portuguesa. O "Naufrágio", excelente poema de Côrte-Real pinta um quadro horrendamente fiel dos indíziveis sofrimentos de encantadora e idolatrada espôsa, naufragada com seu marido nas costas africanas, pouco a pouco sucumbindo à fome, aos padecimentos das caminhadas e aos terrores do sertão. Que lancinante quadro a celestial Lianor despojada de suas roupas pelos bárbaros cafres, caída na areia chamejante, rodeada pelos filhos moribundos, já sem fala, lançando com ternura a seu espôso o derradeiro olhar com as pálpebras embaciadas! Ela quer dizer-lhe o último adeus e não pode, porque a língua já lhe não obedece mais, leve sôpro se evola dos lábios ressequidos e, em dôr imensa, expira, inclinando a cabeça para a terra. Muito tempo Sepulveda permanece junto ao cadáver daquela, cuja beleza nem a morte consegue apagar, sentado no chão, em silêncio, o coração

---

(4) Manuel Maria Barbosa du Bocage, nascido em Setubal a 15 de setembro de 1765 e falecido em Lisboa a 21 de dezembro de 1805, o mais popular dos poetas portugueses pela sua vida airada e aventurosa, pela sua facilidade em versejar, pelo seu chiste, pela sua sátira e pela sua veia erotica. Principiou a carreira como Guarda Marinha na India, de onde voltou a Lisboa em 1790. Depois de algum tempo de boemia com José Agostinho de Macedo, foi expulso até 1801. Pertencia a Nova Arcadia desde 1793. Tornaram-se célebres as suas improvisações no conhecido Botequim das Luminárias e seus desafios com Bressane e outros poetas. Apelidaram-no o Sultão do Parnaso. Em 1797, esteve preso pela Inquisição devido às suas idéias francesas, sendo obrigado a desdizer-se de público. Deixou 8 volumes de poesias, "Rimas".

O autor demonstra a cada passo sua apaixonada predileção pelo grande épico, Luiz de Camões. Refere-se mais a Pedro de Andrade Caminha, poeta português do século XVI, nascido no Porto e falecido em Vila Viçosa, em 1589, Camareiro do Infante D. Duarte, Duque de Guimarães. Mediocre e invejoso, guerreou Camões. Seus versos foram publicados em 1791 pela Academia das Ciências de Lisboa. Teve, por empenho do seu protetor, o cargo de Alcaide-Mór de Celorico de Basto.

Côrte Real aí citado é o autor do poema sobre o Naufragio do Sepulveda. Quebedo é, naturalmente, Vasco Mousinho de Quevedo, poeta épico do século XVI ao XVII, nascido em Setubal. Era Doutor em Direito Civil e Canonico pela Universidade de Coimbra. Escreveu um poema sobre Afonso o Africano e um discurso sôbre a vida e a morte da Rainha Santa Isabel de Portugal. Aderiu à dominação castelhana e fez um poema festivo a Felipe III. Deixou inédita a obra "Diálogos de vária doutrina".

Apesar de alguns erros e equívocos, é curioso como o autor, de idade

a partir-se e nas lágrimas correndo as derradeiras fôrças de sua vida. Com as próprias mãos cava na praia a sua sepultura, auxiliado pelos escravos que se lamentam em altos brados. Desce ela a lobrega morada e mais uma vez os servos choram aos gritos, despedindo-se de sua senhora. Depois, despejam água do mar na cova que encerra Lianor e um dos seus filhos, ambos sepultados no escaldante areial com um amor de que nada restou! (5)

A descrição que Camões faz duma tempestade marinha no Canto VI de "Os Lusíadas" pode ser compreendida pelo mais bronco marinheiro. Ela o comove como a qualquer um que tenha presenciado êsse terrível espetáculo nos trópicos. Pequena nuvem negra, núncia da tormenta, surge no horizonte, o apito do mestre ressôa pelo navio, os marujos, que matavam o tempo com histórias alegres, sobem às vergas; mas, antes que amainem o velame, o temporal os salteia. A vela grande é desfeita e arrojada ao mar. Um vagalhão enorme despenha-se sôbre o barco. As manobras dêsse perigoso momento são magistralmente descritas. Enquanto parte da tripulação dá as bombas, o resto procura manter o navio aproado contra o oceano. As ordens de comando adequadas à situação, apesar da beleza dos versos, são fielmente reproduzidas. Quanto mais se lêm essas esplendidas estrófes maior é a convicção de que a mão que as escreveu sabia aguentar um leme e mais de uma vez batalhou no mar contra a fúria dos temporais.

Compare-se isso, por exemplo, com os quadros que Clauren

---

de menos de trinta anos, procura conhecer e estudar a literatura lusa, a brasileira, bem como a história de ambos os países.

(5) Manuel de Souza de Sepulveda, fidalgo português, nascido entre 1500 e 1505, e morto tràgicamente em 1552. Sendo Conego da Sé de Evora, seduziu uma rapariga com quem fugiu para a Índia, em 1528. Alí militou com bravura e casou em 1548 com D. Leonor de Albuquerque, filha do Governador Garcia de Sá. A 23 de fevereiro de 1552, partiu para o Reino no galeão "S. João" com a mulher, 2 filhos pequeninos e um bastardo de 10 anos de idade, 200 portugueses e 300 escravos. Os temporais, nas proximidades do Cabo da Bôa Esperança, desarvoraram o navio e o lançaram à costa, então inóspita, do Natal, onde conseguiram salvar-se 40 portugueses e 70 escravos. O resto pereceu nas ondas. Famintos, rôtos, acometidos pelos cafres, foram deambulando praias afóra. Ao cabo de três meses de horríveis sofrimentos, chegaram às terras dum regulo, que os acolheu bem. Seguiram adiânte e caíram sob o poder dum soba que bastante os maltratou, despindo-os completamente dos restos de roupas que possuíam. Expostos às intempéries e à fome, começaram a morrer um após outro. Sepulveda víu, assim, morrerem a esposa e os filhos, que enterrou com as próprias mãos. Acabou, depois, devorado pelas féras.

Sobre êsse tema da história tragico-marítima dos portugueses, Côrte Real escreveu o seu poema "Naufragio e lastimoso sucesso da perdição de Manuel de Souza de Sepulveda e de D. Leonor de Sá e de seus filhos, vindos da Índia para êste Reino na náu chamada o Galeão Grande S. João, que se perdeu no Cabo da Bôa Esperança, na Terra do Natal, e a peregrinação que tiveram, rodeando terras de cafres mais de trezentas léguas até a sua morte, composto em verso heróico e oitava rima". O poema foi impresso após a morte do poeta por diligência de seu genro Antonio de

(6) esboça da vida marítima. Qualquer grumete encontrará neles centenas de erros, achando-os absurdos e ridículos. O mesmo grumete compreenderá bem, no entanto, a sublime veracidade do esplendido trêcho de Eduardo (7), descrevendo a impressão produzida por céu e mar em noite linda e clara, no, no meio do oceano Atlântico: "O viajante julga-se, como o Arcanjo Gabriel, no meio do universo, podendo abranger com um só olhar tôda a Criação". A causa dêste pensamento da Senhora Duquesa nasce da contemplação individual, que deve produzir as mesmas sensações em tôdas as pessoas, tanto nas mais instruídas como nas mais broncas.

Quer na poesia brasileira, quer na portuguesa, não é raro pronunciar-se aquela veemente paixão que deitou fundas raizes na vida do homem do Sul e domina sua própria imaginação. Nota-se, nela, ao mesmo tempo, uma como galantaria ceremoniosa, facilmente compreensível aos que viveram no meio dêste povo e conhecem sua exagerada polidez. E' tão nacional isso que se encontram seus vestígios até nas mais antigas poesias, como a *Elegia à Morte de Inês de Castro,* atribuída ao Rei D. Pedro (8).

Em semelhantes ocasiões, o brasileiro atual exprime de idêntica maneira os seus sentimentos. Amor e vingança frequentemente se ajuntam na mesma poesia. A linguagem é sempre nobre, decente e um tanto afetada. O poeta nunca se deixa levar a uma expressão indelicada, embora sinta a mais veemente sensualidade. Na vida, também é assim.

O amor neste país, precisa de um pouco de orgulho ofendido e até mesmo de vingança, para atiingir a maior fôrça de expressão. O brasileiro é cortez até o momento de enterrar o punhal no peito do inimigo. O lavrador brasileiro gosta de ser tratado por Excelência e se sente ofendido quando o estrangeiro, que recebe sua hospitalidade, não beija a mão de sua espôsa e de suas filhas moças.

Souza e reimpresso em 1783 e 1842. Francisco Contreras traduziu-o em espanhol em 1624.

Jerônimo Côrte Real, o mais célebre poeta português do século XVI, era filho de Manuel Côrte Real, donatario da Ilha Terceira. Militou na África e na Índia. Foi Capitão-Mór de uma armada em 1571. Retirado na quinta da Palma, da qual era Morgado, perto de Evora, dedicou-se às artes. Deixou impressos dois poemas em português : "O segundo cêrco de Diu" e "O Naufragio do Sepulveda". Escreveu em espanhol um poema sobre a batalha de Lepanto e D. João d'Ástria, seu vencedor, "Austriada".

(6) B. Clauren, autor do livro "Leben zur see", a Vida no Mar, em que descreve a existência dos marinheiros.

(7) Bryan Edwards?, escritor inglês, 1743-1800. Herdeiro de um tio que tinha grandes propriedades na Jamaica, foi membro influente da assembléia ou conselho dessa colônia inglesa, manifestando-se contra a libertação dos negros. Banqueiro e Deputado à Câmara dos Comuns, ali continuou a se manifestar do mesmo modo. Escreveu em inglês : "History of British Colonies in West Indies" — 1793; em francês : "Histoire de la colonie française de Saint Dominique" — 1797.

(8) D. Pedro o Cruél, que se acha sepultado ao lado de Inês de Castro, no famoso Mosteiro de Alcobaça.

Paga também tais atenções ao dôbro, podendo-se ter certeza de que fará o possível para satisfazer seu hóspede. De resto, êle representa a parte mais interessante da população. O habitante da capital é também cortez, porém muito desconfiado, sendo difícil entrar com êle em mais íntimo contacto.

O fazendeiro ou dono de plantações vive em feliz independência, rodeado por uma natureza portentosa. Seus escravos cultivam os mais ricos campos do mundo. Seu gado pasta às margens férteis dos rios. Como pessoalmente não precise trabalhar, passa a maior parte do tempo na pensativa calma que é tão favorável à poesia. Torna-se um improvisador feliz. Vêm-se tôdas as noites, nas pequenas cidades e nos campos, os habitantes reunidos em grupos diante das casas ou percorrendo as ruas, acompanhados por alguns músicos. Cantam e tocam alternativamente ou contam histórias escutadas com a maior atenção. Não há verdadeiramente palestras, porém a maneira como essa gente natural passa o tempo me parece muito preferível ao palavreado ôco que na Europa chamam conversação. E que expressão sabem dar às palavras! Tôdas as sensações que desejam provocar se estampam em suas feições, os olhos chamejam, o peito se alarga e uma agradável gesticulação acompanha as narrações sem artifício. Nos intervalos, sôa a guitarra, não o pesado instrumento conhecido na Europa por êsse nome e sim a guitarra mourisca, de 12 cordas metálicas, que permite execução mais delicada.

Em verdade, essa gente não é de puro sangue branco e o orgulho europeu a encara com desprêso; mas tôdas as grandes qualidades de seus antepassados nela concorrem. O descendente de branco com índia puxa mais à mãe do que ao pai. Para êle, a liberdade vale tudo. O mulato é vivo e cheio de imaginação. De ambas as raças sairão grandes poetas.

Quasi todos os poetas do grande período da literatura lusa prestaram homenagem ao máu gôsto de seu tempo, recorrendo ao círculo de idéias da mitologia grega, em poesias cujo assunto era mais do que cristão, por ser profundamente católico. Isto produziu combinações, cuja monstruosidade não raramente êles próprios sentiram e, de quando em vez, procuraram desculpar, como Camões no seu Canto IX. Realmente, nada pode ser mais ridículo do que, por exemplo, Vasco da Gama implorar a Santíssima Trindade e aparecer Venus para protegê-lo ou se casarem as ninfas da Ilha dos Amores com seus companheiros pelo rito da Santa Madre Igreja.

O poeta brasileiro não cairá facilmente em tal êrro, porque encontrará nas tradições dos povos vencidos por sua raça, em seus hábitos e costumes, rico manancial de motivos para o maravilhoso de que carece em seus versos. Então, se chamar em seu auxílio as figuras singelas e sublimes da Religião Cristã, nada nessa combinação contrariará a natureza das coisas, porque se funda

na pura realidade. Grande coragem dada pela fé, dum lado. Selvagem desprêso da morte, escarnecendo dos mais terríveis tormentos, do outro. Aquela, filha da esperança em uma corôa de martírio para a certeza duma eternidade bemaventurada. Êste, alimentado pela bárbara insensibilidade à dôr física, que era orgulho dos primiticos habitantes do Brasil. Tôda a história do Descobrimento e Colonização dêste país está referta de brilhantes exemplos desas duas categorias de heroismo a que os poetas do futuro não deixarão de recorrer.

A mitologia grega, na maior parte baseada em fenômenos da ntureza (9), faria triste papel sob o céu tropical. Poderá a Aurora servir para abrir com seus dedos côr de rosa o reposteiro dum dia, cujo esplendoroso colorido faria empalidecer o próprio Apolo? Ninfas e faunos serão por acaso habitantes adequados às florestas virgens e eternamente verdes, em cujo seio inviolado se escondem mais maravilhas do que as poderia criar a mais viva fantasia? As primeiras tentativas da musa brasileira fazem já supôr que tomará um vôo mais original e que o Brasil conservará sua independência, quer poética, quer política, e que brilhante série de futuros vates aproveitará dignamente o assunto encerrado na história dêste país.

Já os mais antigos poetas brasileiros, cujos nomes chegaram até nós, embora em parte se tenham perdido suas obras ou durmam empoeiradas nas bibliotecas conventuais, tratavam quasi exclusivamente de matéria relativa à história do país. Bento Teixeira Pinto, nascido em Pernambuco, em fins do século XVI, descreveu o náufragio do Governador Jorge de Albuquerque, numa obra que parece mais um romance do que uma história, o que estava de acôrdo com o espírito da época, que procurava tirar um efeito poético do mais árido assunto (10). João de Brito de Lema cantou, num poema intitulado "Cesaréa", de maneira semelhan-

---

(9) Essa era a teoria que, em materia de mitos religiosos, começava a ter vóga na época. E' interessante como o autor estava a par de todos os assuntos de seu tempo.

(10) Jorge de Albuquerque comandava o navio "Santo Antonio" e bateu-se com um corsário francês na altura dos Açores. Seu navio só tinha duas peças e foi destroçado. Êle foi salvo por uma barca perto de Cascais. E' êsse o assunto do poema de Bento Teixeira Pinto, o primeiro poeta e literato brasileiro, natural de Pernambuco, no século XVI. Publicou em oitava rima o poema "Prosopopéia", dedicado a Jorge de Albuquerque Coelho, Governador daquela Capitania. E' autor da "Relação do Naufragio" que fez Jorge Coelho vindo de Pernambuco em a náu "Santo Antonio", em o ano de 1565", reimpressa no tomo II da "História Tragico-Marítima". Um exemplar raríssimo da "Prosopopéia", datado de 1601 e existente na Bibliotéca Nacional do Rio de Janeiro, permitiu a tiragem de edições modernas.

A Bento Teixeira Pinto foi atribuida a autoria dos "Diágolos das Grandezas do Brasil", que hoje se sabe terem sido escritos por Antonio Fernandes Brandão, que nêles figura sob o pseudônimo de Brandonius.

te, os feitos de Vasco Fernandes Cesar (11). Manuel Botelho de Oliveira e Salvador de Mesquita serviram-se em seus escritos, quase exclusivamente, da língua latina (12). Da mesma forma, Francisco de Almeida, natural da Cachoeira (13). Assinalo esta última circunstância como prova de que até os Colégios do interior do Brasil, no fim do século XVII, não deviam ser de todo máus. Já Vasco Fernandes Cesar de Almeida (14) fundára, na Baía, nos primórdios do mesmo século, uma Academia Científica (15). Pedro Nolasco Ferreira escreveu um "Parnaso Americano" e Gonçalo Soares de Franca, um poema heróico, que denominou "Brasiléa. Ambos não foram impressos, mas são elogiados por escritores portugueses e se acham guardados na Tôrre do Tombo, assim como a's relações dos primeiros povoadores que chegaram a regressar à Mãe-Pátria (16).

E' muito natural que alguns dêsses homens se tenham deixado levar pela fantasia a asseverar coisas consideradas impo'ssíveis e que seus feitos, viagens e trabalhos fôssem reputados maravilhoso's. Quando, porém, se comparam êsses primeiros relatos, dos quais alguns se acham insertos na "Corografia Brasílica" de Ayres de Cazal (17), com descrições de viagens mais recentes, não se admira tão somente a veracidade de sua's informações, porém, mais ainda, o espírito empreendedor que os impulsionava às perigosas expedições, únicas oportunidades para obtê-las.

O poema épico de José de Santa Rita Durão "Caramurú" (18) foi a primeira obra dum brasileiro que recebeu certa con'sagração na Europa. Alguns de seus episódios encontram-se trans-

---

(11) João de Brito de Lemos, aliás, escritor militar do século XVII, nascido em Bragança, Portugal. Deixou uma obra rára : "Abecedario militar do que o soldado deve fazer até chegar a Capitão e Sargento-Mór, e para cada um dêles *in solidum* e todos juntos saberem a obrigação de seus cargos. 1631".

O poema de sua autoria a que o autor se refere celebra a glória de Vasco Fernandes Cesar de Menezes, Conde de Sabugosa, que viveu entre 1673 e 1741, governou gloriósamente como Vice Rei, a índia de 1712 a 1717 e o Brasil de 1720 a 1735.

(12) Manuel Botelho de Oliveira nasceu na Bahia em 1636 e alí faleceu a 5 de janeiro de 1711. Estudou em Coimbra e foi advogado. Deixou um volume, "Música do Parnaso", dividido em quatro córos de rimas portuguesas, castelhanas, italianas e latinas, com um descante comico reduzido em duas comédias.

Salvador de Mesquita nasceu no Rio de Janeiro em 1646 e estudou em Roma para Padre. Escreveu em latim o drama sácro "Sacrificium Jephte". Deixou duas tragédias inéditas: "Demetrius" e "Perseus".

(13) Francisco de Almeida, poeta brasileiro do século XVIII, natural da vila da Cachoeira, na Baía. Professor na Companhia de Jesús. Autor do "Orpheus Brasiliensis" dedicado a José de Anchieta.

(14) Vasco Fernandes Cesar de Menezes e não de Almeida.

(15) A Academia Brasileira dos Esquecidos, primeira sociedade literária do Brasil, fundada na Baía em 7 de março de 1724.

(16) Pedro Nolasco Pereira e não Ferreira, nascido na Baía em meiados do século XVII, que escreveu em princípios do século XVIII o "Parnaso Americano".

critos na excelente "Crestomatia" do escritor Pedro Gabe de Massarelos, que, pelos seus esforços em tornar conhecido na Alemanha o que há de mais interessante nas letras portuguesas, não será nunca elogiado suficientemente (19). O maior mérito dessa poesia consiste no acertado aproveitamento do ambiente e no contraste entre o cavalheiresco modo de pensar dos primeiros descobridores e o gênio naturalmente simples dos aborigenes, que, apesar de tôdas as qualidades atraentes como amigos, demonstravam em suas guerras uma fereza que chocava os sentimentos de humanidade. Durão deixa-se arrastar tão longe pelo espírito de sua época e da nação a que pertencia, que chega a encontrar nas idéias religiosas dêsses povos selvagens alguma conexão com as revelações da religião cristã, fazendo antes do descobrimento surgir entre êles um Apóstolo a obrar milagres e prodígios. Parece-me também que encara ou explica de um ponto de vista muito acertado o horrendo costume de sacrficar gente e comer a carne, em voga entre quasi todos os povos da América do Sul, apresentando-o como instituição ritual, instituida pelos sacerdotes fanáticos e respeitada pelo povo como mandado divino a que todos se deviam sujeitar sem queixas.

Diogo Correia, o herói do poema, lançado à costa de S. Salvador alguns anos após o descobrimento e aprisionado com alguns companheiros pelos Tupinambás, é destinado, como todos os que dessem a essa desgraçada praia, ao sacrifício da vida. Enquanto se decide sua sorte, são amavelmente tratados pelos selvagens e abundantemente alimentados. Dão-lhes até licença

---

Gonçalo Soares da França e não de Franca, poeta brasileiro nascido no Espirito Santo em 1632, autor do poema em latim "Brasiléa" ou "A Descoberta do Brasil". Compôs várias poesias em vernáculo.

(17) Manuel Aires do Casal, aliás. Presbitero secular do Grão Priorado do Crato, natural, segundo uns, de Pedrogão, em Portugal, segundo outros, da Cachoeira, no Brasil, o primeiro que publicou a Carta de Pero Vaz de Caminha. Nasceu em 1754 e faleceu depois de 1821, tendo regressado ao Reino com D. João VI, que o protegia e fez publicar na Imprensa Régia sua notavel obra "Corographia Brasilica".

(18) Frei José de Santa Rita Durão, poeta épico brasileiro, nasceu em Minas, em Cata Preta, na serra do Caraça, perto de Mariana, entre 1718 e 1720, e faleceu em Lisboa a 24 de janeiro de 1784. Inocencio da Silva põe seu nascimento entre as duas datas citadas, porque professou em 1738 na Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho ou Gracianos, no Convento da Graça, em Lisboa. Doutorou-se em teologia em Coimbra. Foi Bibliotecario da Livraria Pública Laucipiana, em Roma. Escreveu o poema "Caramurú", vertido em francês por Monglave.

As melhores edições do "Caramurú" são a da Régia Oficina Tipografica de Lisboa, de 1781, e a da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro, de 1863.

O poema canta Diogo Alvares Corrêa, que, tendo naufragado na costa do Brasil, pelo prestigio da arma de fogo se impôs aos indigenas, casando com a famosa filha do seu chefe, Paraguassú, batisada como Catarina Alvares, que faleceu na Baia a 26 de janeiro de 1583. Seu marido tinha morrido antes, a 5 de outubro de 1557.

(19) Pedro Gabe de Massarelos, autor da "Crestomatia Portuguesa"

de andar para lá e para cá, e de ir à caça. Numa dessas idas e vindas, Diogo encontra à beira-mar restos do seu navio sossobrado e, entre êles, o armamento dum soldado europeu: luzente armadura e faiscante arcabuz. Apresenta-se com êle aos Tupinambás, que voltavam derrotados duma batalha. Dispõe agora do relâmpago e do trovão. Acerta com a mortífera arma num alvo a grande distância e todos se prostam no chão, adorando seu prisioneiro como se fôra Deus. Chamam-lhe Caramurú, que, na sua língua, significa *Monstro nascido do mar* (20), dão-lhe como mulher a filha de seu chefe, a encantadora Paraguassú. Rebenta terrível guerra entre as várias tribus, motivada por êsse enlace, e aí Durão se mostra um poeta na verdade genial. A descrição das festas celebradas com os sacrifícios humanos, que se seguem aos combates, é horripilante. Êsses quadros medonhos são mais comoventes ainda por não serem exagerados.

Entre outras coisas, o poeta cita um fato abonado por um viajante muito digno de fé. Um dos guerreiros destinados ao sacrifício vê-se devorado em vida por insétos, cuja mordedura é um martírio tal que só o pode avaliar quem uma vez a tenha sentido. Êle, no entanto, nem se dá ao trabalho de enxotá-los e, de propósito, oferece às suas picadas as mais sensíveis partes do seu corpo, rindo e dizendo ao europeu sentimental que se não deve admirar dêle não dar ao corpo posição que aquilo evite, porque êsse corpo, embora ainda animado por êle, dêle não é mais e sim pertença de seu inimigo! Cenas como esta são horríveis, porém possuem pelo menos o mérito da verdade, o qual não julgo ser dos menores que honrem a um poeta. Durão o tem no mais alto gráu. Não posso deixar de citar alguns trechos do seu poema, que contêm

---

e tradutor em alemão do Canto Primeiro dos "Lusíadas", era filho de outro Pedro Gabe de Massarelos, portuênse, negociante e Consul de Portugal em Hamburgo, que alí prestou os mais relevantes serviços aos emigrantes políticos do partido de D. Maria II e faleceu depois de 1834. E' provável ter o autor conhecido a ambos, ao pai e ao filho.

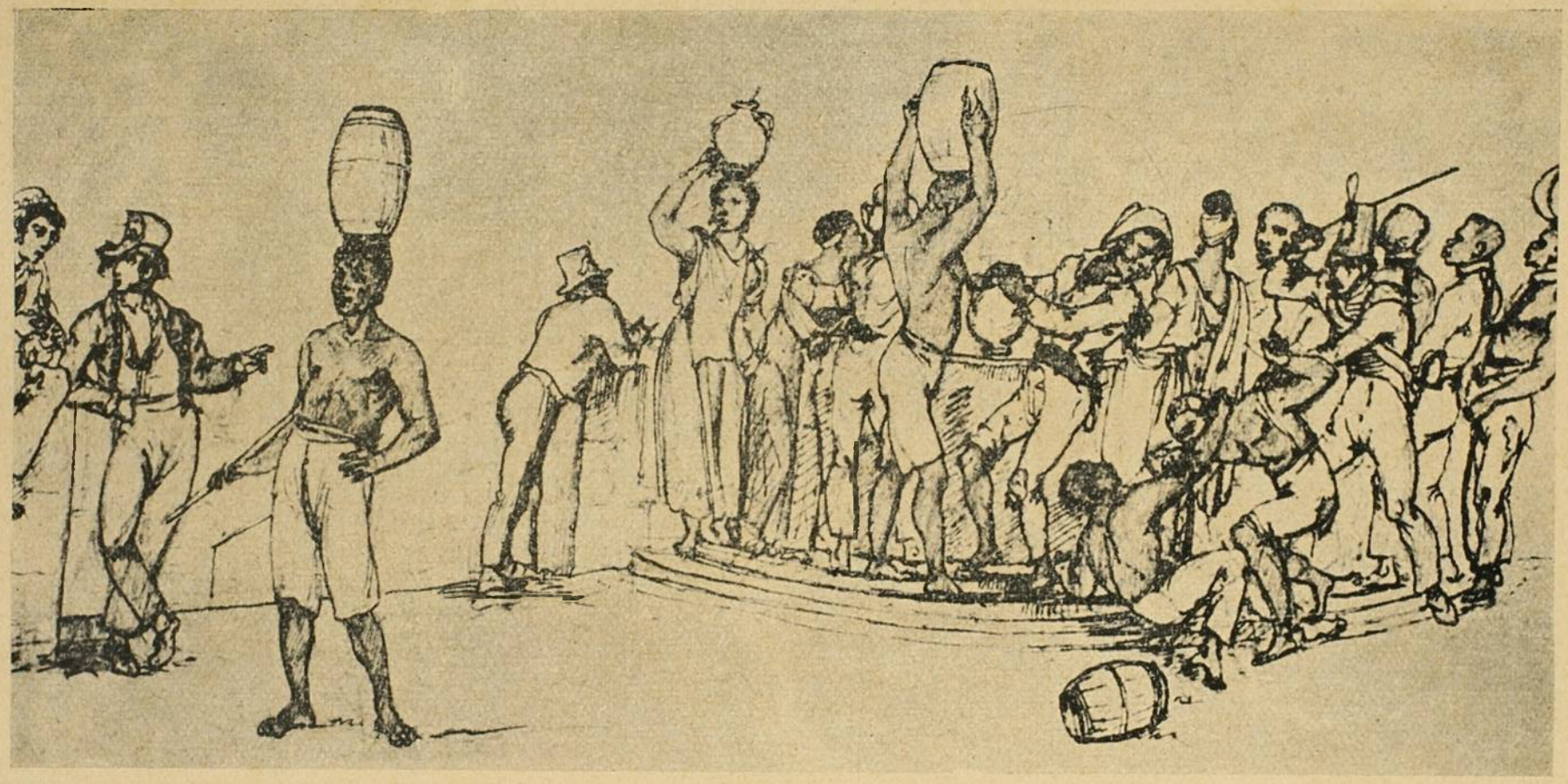
(20) Pode-se escrever um tratado sobre a origem e significação da palavra Caramurú. Ela indica a moreia, peixe do mar, da família das *muranidas*, viscoso e refulgente. Os índios assim chamaram o branco que saíu do mar e, depois, os espantou com sua arma de fogo. Todos os descendentes de Caramurú usaram o nome de Moreia, o que vem em apoio do significado da palavra no tupí da costa.

Frei Antonio de Santa Maria Jaboatão diz que *Caramurúguassú* indica a moreia grande, o dragão que saíu do mar, o que não infirma a verdadeira significação da palavra e está de acôrdo com o que diz o autor.

Há traduções inadmissíveis dessa expressão, como *Filho do Trovão, Homem do Fogo e Dono do Ráio*. Seria possível, no máximo, explicar *murú* como contração de *muruarú*, molhado, e *cari*, o branco. Seria assim, o *branco molhado*. Poderia ainda corresponder a *cara*, contração de *Cariua*, o que manda ou póde, e *murú* ou *turú*, grande, isto é, o Muito Poderoso.

Em alguns lugares da costa, os indígenas deram aos brancos, indistintamente, o apelido de Caramurú.

(21) Estrofes XIII a XXIII.



Cena típica ao pé dum chafariz do Rio de Janeiro no começo do século XIX.

Desenho original de Rugendas, das coleções do Museu Histórico. E' a mêsma cena que o autor descreve.

viva descrição dos hábitos singulares dos povos indígenas povoadores do norte do Brasil, na época do descobrimento:

Da gente féra, e do brutal comando
Capitão Jararáca eleito veio;
Porque na catadura, e gesto infando
Entre outros mil horrendo he o mais feio:
Que uma horrível figura peleijando
He nos seos bravos militar aceio;
E traz entre elles gala de valente,
Quem só com a cara faz fugir a gente.

Dez mil a negra côr trazem no aspecto,
Tinta de escura noite a fronte impura;
Negreja-lhe na testa um cinto preto,
Negras as armas são, negra a figura.
São os feros Margates, em que Alecto
O Averno pinta sobre a sombra escura;
Por timbre nacional cada pessoa
Rapa do meio do cabelo a coroa.

Cupaíba, que empunha a feral maça.
Guia o bruto Esquadrão da crua gente;
Cupaíba, que os miseros que abraça,
Devora vivos na batalha ardente:
A' roda do pescoço um fio enlaça,
Onde, de quantos come, enfia um dente;
Cordão, que em tantas voltas traz cingido,
Que he já mais que cordão longo vestido.

Urubu, monstro horrendo, e cabelludo,
Vinte mil Ovecates fero doma;
Por tôda a parte lhe incubria tudo
Com terrivel figura a hirsuta coma:
Monstro disforme, horrendo, alto e membrudo,
Que a imagem do Leão rugindo toma,
Tão feio, horrivel por extremo,
Que he formoso a par delle um Polyfemo.

Fogem todo o commercio da mais gente;
Ou se se vissem a tratar forçados,
Que lhe possão chegar nenhum consente,
Senão trinta, ou mais passos apartados:
Se alguns se chegão mais, por imprudentes,
Como Leões, ou Tigres esfaimados,
Mordendo investem os que incautos forão,
E a carne crua, crua lhe devorão.

Sambambaia outra turma conduzia,
Que as aves no fréchar tão certa vexa,
Que nem voando pela etherea via
Lhe erravão tiro de volante frécha:
Era de pluma o manto, que o cobria;
De pluma um cinto, que ao redor se fecha;
E até grupando as plumas pela cara,
Nova especie de monstro excogitára.

Seguem-no dez mil Maques, gente dura,
Que em cultivar mandioca exercitada,
Não menos util he na agricutura,
Que valente em batalhas com a espada:
Tomárão estes, como proprio cura,
De viveres prover a gente armada;
Quaes torravão o Aipi; quem mandiocas;
Outros na cinza as candidas pipocas.

O bom Sergipe aos mais confederado
Comsigo conduzia os Petiguares;
Que havendo pouco d'antes triunfado,
Tem do dente inimigo amplos collares:
Seguem seo nome em guerras decantado
De gentes valerosas dez milhares,
Que do ferreo madeiro usando o estoque,
Disparavão com balas o bodoque.

Nem tu faltaste alli, Grão Pecicava,
Guiando a Carijó das aureas terras;
Tu que as folhetas do ouro, que te ornava,
Nas margens do teo rio desenterras:
Torrão, que do seo ouro nomeava,
Por crear do mais fino ao pé das serras;
Mas que feito em fim baixo, e mal presado,
O nome teve de ouro inficionado.

Muitos destes he fama que trasião
Deste alto cerro, que habitavão d'antes,
Com pedras, que nos beiços embotião
Formosos, e belíssimos diamantes:
Outros aureos topasios lhe ingerião;
Alguns safiras, e rubins flammantes;
Pedras que elles despresão, nós amamos:
Nem direi quaes de nós nos enganamos.

O feroz Sabará move animoso
Dos Agirapiranga seis mil arcos;

Homens de peito em armas valeroso,
Que de sangue em batalhas nada parcos,
Deixarão seu terreno deleitoso,
Por matos densos, pantanosos charcos;
E ouvindo os canhões horrendo estouro,
Passárão desde o mar ás minas do ouro.

Poderia pormenorizar ainda mais êstes quadros interessantes; mas prefiro oferecer ao leitor outros trechos em que Durão sabe descrever agradavelmente as belezas de sua pátria. Tirei-os do Canto VII, quando Diogo Correia, de volta à Europa com sua espôsa, pinta à Rainha Maria de Medicis o cenário do Brasil, em alguns sentidos insuperável. Eis o que diz das suas flores: (22)

Das flores naturaes pelo ar brilhante
He com causa entre as mais rainha a Rosa,
Branca sahindo a Aurora rutilante,
E ao meio dia tinta em côr lustrosa:
Porém crescendo a chamma rutilante,
He purpurea de tarde a côr formosa;
Maravilha que Clicie competíra,
Vendo que muda a côr, quando o Sol gyra.

Outra engraçada flor, que em ramos pende
(Chamam de S. João) por bella passa
Mais que tantas o prado alli comprênde,
Seja na bella côr, seja na graça:
Entre a copada rama, que se estende
Em vistosa aparencia a flor se enlaça,
Dando a ver por diante, e nas espaldas,
Cachos de ouro com verdes esmeraldas.

Nem tu me esquecerás, flor admirada,
Em que não sei, se a graça, se a natura
Fez da Paixão do Redemptor Sagrada
Uma formosa, e natural pintura:
Pende com pomos mil sobre a latada,
Aureos na côr, redondos na figura,
O âmago fresco, doce e rubicundo,
Que o sangue indica, que salvará o mundo.

Com densa cópia a folha se derrama,
Que muito á vulgar Era he parecida,
Entresachando pela verde rama

(22) Estrofes XXXV e XLII. Edição Bahiana de 1837.

Mil quadros da Paixão do Author da vida:
Milagre natural, que a mente chama
Com impulso da graça, que a convida,
A pintar sobre a flor aos nossos olhos
A Cruz de Christo, as Chagas, e os abrolhos.

He na fórma redonda, qual diadema
De pontas, como espinhos rodeada,
A coluna no meio, e um claro emblema
Das Chagas santas, e da Cruz sagrada:
Vêm-se os tres cravos, e na parte extrema
Com arte a cruel lança figurada,
A côr he branca, mas de um roxo exsangue,
Salpicada recorda o pio sangue.

Prodigio raro, estranha maravilha,
Com que tanto mysterio se retrata!
Onde em meio das trevas a fé brilha,
Que tanto desconhece a gente ingrata:
Assim do lado seu nascendo filha
A humana especie, Deos piedoso trata,
E faz que quando a Graça em si despreza,
Lhe pregue co' esta flor a natureza.

Outras flores suaves, e admiraveis
Bordão com varia côr campinas bellas,
E em varia multidão por agradaveis.
A vista encantam, transportada em vellas:
Jasmins vermelhos ha, que inumeraveis
Cobrem paredes, tectos, e janelas;
E sendo por miudos mal distinctos,
Entretecem purpureos labyrinthos.

As assucenas são talvez fragrantes,
Como as nossas na folha organisadas;
Algumas no candor lustram brilhantes,
Outras na côr reluzem nacaradas,
Os bredos namorados rutilantes,
As flores de Courana celebradas;
E outras sem conto pelo prado immenso,
Que deixam quem as vê, como suspenso.

O final do poema não satisfaz. De resto, seu principal encanto não reside na composição, que fica muito aquem do assunto. Paraguassú foi uma heroína, cuja lembrança até hoje é festejada no Brasil, tanto que há uma fragata imperial, com o

seu nome (23). Ela devia ser o digno objeto dessa epopéia; mas Durão deixou de parte seu verdadeiro papel histórico e a tornou uma verdadeira fanática da religião. Seu estro, contudo, é cheio de extraordinárias belezas e vasado em versos excelentes. Aparecerá em breve uma edição correta do "Caramurú" na livraria do sr. Plancher, no Rio de Janeiro (24).

Embora Dias da Cruz (25) não seja brasileiro nato, não posso deixar de mencionar uma interessante poesia tirada das suas "Metamorfoses Brasileiras", obra que demonstra muito gôsto e viva imaginação, ambos cultivados sob um céu tropical e alimentados por longas viagens nesta parte do mundo, onde é preciso muito menos talento do que na fria Europa para ser poeta. Essa poesia refere-se justamente àquela Clícia, da qual Durão fez uma descrição tão justa (26).

Um jovem índio vai combater os inimigos da tribu e a bem amada o espera com saudoso anélo. Enganada por falsa notícia de sua morte, suicída-se, afogando-se num ribeiro. Pouco depois, êle volta, glorioso e triunfante. Não a encontra mais viva, porém na margem onde procurou a morte desabrochou uma flor côr de neve e de beleza nunca vista. Suas lágrimas molham as delicadas pétalas, o amor ardente que o anima comunica-se à Clícia, como uma vermelha chama se espelha no cálice e tôdas as manhãs êle vai contemplar aquela maravilha que eterniza a sua ternura e a fidelidade da morta.

Refiro-me agora a outro poema que causou grande sensação, tanto no Brasil como em Portugal, o "Uraguai", de Basílio da Gama (27). Feito com a intenção de satirizar os Jesuitas, falhou inteiramente ao seu desideratum. Os esforços da Companhia para

---

(23) Tomou parte na Guerra da Independência, bloqueando a Bahia e aprisionando a charrúa "Leal Português" e o brigue "Prontidão", em 1823. Fôra portuguesa com o nome de "Carolina". Ainda em 1842 estava em serviço ativo e conduzia a 3 de julho dêsse ano os deportados políticos da Revolução Liberal vencida em Minas Gerais e S. Paulo, pelo Barão de Caxias.

(24) Essa edição não consta do Catálogo de livros sobre o Brasil de J. C. Rodrigues e sómente as duas edições já anteriormente citadas. O Museu Histórico possúe em sua Bibliotéca a edição de Serva & Cia., da Bahia, em 1837.

(25) Dias da Cruz, pelo que diz o autor, devia ser português. Nada podemos encontrar sôbre êle e as suas "Metamorfoses Brasileiras".

(26) Canto VII, estrofe XXV. Durão escreve *Clicie*. E' o heliotropio, o girasol.

(27) José Basilio da Gama nasceu em Minas, na antiga Vila de São José do Rio das Mortes, depois S. José d'El Rei, em 1740, e faleceu em Lisboa a 31 de julho de 1795, sendo sepultado no Convento da Bôa Hora, em Belém. Filho de fidalgos pobres, estudou com os Jesuítas, acompanhando-os a Roma, quando expulsos do Rio de Janeiro. Alí os abandonou e fez parte da Arcadia Romana com o pseudonimo de Formindo Sipilio. Seu poema "Uruguay" ou "Uraguay" foi impresso em Lisboa no ano de 1769, dedicado a Francisco Xavier da Silva e oferecido em soneto ao Marquês de Pombal, perseguidor dos Jesuitas A Academia Brasileira fez dêle

estabelecer na América do Sul condições de vida jurídica entre os selvagens, e o brilhante resultado que os coroou, bem como a última mudança das coisas neste próprio país, de há muito destruiram qualquer calúnia de seus inimigos. No tempo, porém, em que veiu a lume o poema, tôda a Europa julgou mal os bons padres e só isso justifica terem êles achado necessário publicar uma resposta especial, que apareceu sob o nome de "Refutação Apologética ao Poema intitulado o Uraguai" (28). A mim, os ataques do autor, que foi jesuita, me parecem demasiado fracos, pois entendo que a inabalável dedicação e fidelidade dos índios à Companhia é a melhor apologia de sua ação.

O fato histórico que serve de base ao poema é o seguinte:

Em 1710, Portugal cedeu à Espanha a Colonia do Sacramento, em troca das Sete Missões do Uruguai. Os Guaranis convertidos ao cristianismo, que nelas habitavam e se sentiam muito bem sob o govêrno patriarcal dos Jesuitas, opuseram-se à execução dêsse tratado, naturalmente contra tôda ordem, pois que, nesses assuntos, os povos não são ouvidos. Não se pode provar historicamente a responsabilidade da Companhia. Viram-se portanto, os portugueses obrigados a tomar posse das Missões à fôrça. Os Guaranis defenderam-se bastante tempo; mas. afinal, depois dum ataque combinado de portugueses e espanhois, fôram vencidos e submetidos. Em ambas as Metrópoles, o acontecimento provocou grande celeuma e certamente muito contribuiu, mais tarde, para a completa extinção da Companhia.

Basílio da Gama, cujo ódio pessoal aos Jesuitas se manifesta em várias partes do poema, distingue-se principalmente pela elegância do estilo. Sabe também utilizar as peculiaridades do ambiente, essa região singular da América Meridional, onde a natu-

---

uma edição recente, que produziu grande éco. O poeta disse da própria obra :

"Serás lido, Uraguai ! Cubra os meus olhos
Embora um dia a escura noite eterna,
Tú, vive e gosa a luz serena e pura !
Vai aos bosques da Arcadia, e não receies
Chegar desconhecido aquela areia..."

Além do "Uraguai", Basilio de Magalhães publicou o poemeto "Quitubia", reimpresso em 1791.

Protegido do Marquês de Pombal e do Cardeal da Cunha, o poeta foi em 1774 nomeado Oficial da Secretaria do Reino, em Lisboa.

O tema da obra é a chamada Guerra Guaraní. Pelo Tratado de Madrid de 13 de janeiro de 1750, em troca da Colônia do Sacramento, a Espanha cedeu a Portugal os Sete Povos das Missões fundados pelos Jesuitas de 1687 a 1707. Os índios Guaranis dessas Missões se opuseram à posse do território pelos portugueses. A guerra durou de 1754 a 1765. O tratado, anulado em 1761, foi substituido pelo de Santo Ildefonso, em 1777.

(28) Publicada em 1788, quasi vinte anos após o aparecimento do poema.

reza sabiamente desenrolou planícies infindas, atapetadas de esplendidas pastagens, entre rios gigantes e serranias cobertas de florestas. Facilmente se fica convencido que êle habitou alí por muito tempo. Como amostra de sua poesia, escolho a descrição dum incêndio, fato comum naquelas paragens, onde para revigorar a fôrça produtiva da terra os pastores incendeiam a macega ressequida. Favorecida pelo vento, a queimada vai galopando pelos campos, que se estendem a perder de vista. Depois, por baixo da cinza, brota o capim novo, não a erva européa, mas uma espécie de junco de indescritivel exuberância, que fornece ao gado excelente alimento. Cepé, o chefe dos índios pereceu na batalha. Cacambo conduz os guerreiros que retiram acossados pelos portugueses, tentando alcançar as selvas impenetráveis das montanhas natais. Acampam à margem do rio. Noite escura. Céu coberto de nuvens. Ao longo da ribeira, ruge a tempestade. Deitado na sua rêde, Cacambo não consegue conciliar o sono. A alma de Cepé lhe aparece e diz : (29)

Só na outra margem não podia em tanto
O inquieto Cacambo achar socego.
No perturbado interrompido sono,
Talvez fosse illusão, se lhe apresenta
A triste imagem de Cepé despido,
Pintado o rosto do temor da morte,
Banhado em negro sangue, que corria
Do peito aberto, e nos pizados braços
Inda os sinaes da mïsera cahida.
Sem adorno a cabeça, e aos pés calcada
A rota aljava, e as descompostas penas.
Quanto diverso do Cepé valente,
Que no meio dos nossos espalhava,
De pó, de sangue, e de suor cuberto,
O espanto, a morte! E diz-lhe em tristes vozes:
Foge, Foge, Cacambo. E tu descanças,
Tendo tão perto os inimigos? Torna,
Torna aos teus bosques, e nas patrias grutas
Tua fraqueza, e desventura encobre.
Ou se acaso inda vivem no teu peito
Os desejos de glória, ao duro passo
Resiste valeroso; ah tu que podes!
E tu, que podes, põe a mão nos peitos
A' fortuna de Europa agora he tempo,
Que descuidos da outra parte dormem.
Envolve em fogo, e fumo o campo, e paguem
O teu sangue, e o meu sangue. Assim dizendo

(29) Ed. da Academia Brasileira. 1941. C. III, pgs. 50 a 54.

Se perdeo entre as nuvens, sacudindo
Sobre as tendas no ar fumante toxa;
E assinala com chammas o caminho.
Acorda o Indio valeroso, e salta,
Longe da curva rede, e sem demora
O arco, e as settas arrebata, e fere
O chão com o pé: quer sobre o largo rio
Ir peito a peito a contrastar co'a morte.
Tem diante dos olhos a figura
Do caro amigo, e inda lhe escuta as vozes.
Pendura a hum verde tronco as varias penas,
E o arco e as settas, e a sonora aljava;
E onde mais manso, e mais quieto o rio
Se estende, e espraia sobre a ruiva arêa,
Pensativo, e turbado entra; e com agua
Já por cima do peito as mãos, e os olhos
Levanta ao Ceo, que elle não via, e ás ondas
O corpo entrega. Já sabia em tanto
A nova empreza na limosa gruta
O patrio Rio; e dando hum geito á urna,
Fez que as aguas corressem mais serenas;
E o índio afortunado a praia opposta
Tocou sem ser sentido. Aqui se aparta
Da margem guarnecida, e mansamente
Pelo silencio vai da noite escura
Buscando a parte, donde vinha o vento.
Lá, como he uso do paiz, roçando
Dous lenhos, entre desperta a chamma,
Que já se atea nas ligeiras palhas,
E velozmente se propaga. Ao vento
Deixa Cacambo o resto, e foge a tempo
Da perigosa luz; porém na margem
Do rio, quando a chamma abrazadora
Começa a lumear a noite escura,
Já sentido dos Guardas não se assusta,
E temerario, e venturosamente,
Fiando a vida aos animados braços,
De hum alto precipício às negras ondas
Outra vez se lançou, e foi de hum salto
Ao fundo rio a visitar a arêa.
De balde gritão, e de balde ás margens
Corre a gente apressada. Elle entre tanto
Sacode as pernas, e os nervosos braços:
Rompe as escumas assoprando, e a hum tempo
Suspendido nas mãos, voltando o rosto,
Via nas aguas tremulas a imagem
Do arrebatado incendio, e se alegrava.

E' pena que Basílio da Gama pouco fale da vida interna das Missões. Seu ódio o impede de fazer justiça a uma teocrácia, cujos benéficos efeitos até hoje se sentem. O Estado do Paraguai é um dos mais singulares fenômenos da história sul-americana. Uma lei sábia que permitia a qualquer estrangeiro entrar, mas proibia sair dêle, estendeu um véu sôbre tudo o que se relacionava com uma forma de govêrno, única na sua espécie. Só há poucos anos os esforços do Govêno Britânico e de seu residente em Buenos Aires conseguiram libertar 17 ingleses alí há muito anos domiciliados, não sendo improvavel que por meio dêles alguma luz se faça sôbre um país nada insignificante, cujos habitantes aparentemente são felicíssimos, apesar de governados por um simples doutor (30.)

Entre os poetas mais modernos do Brasil, Gonzaga da Costa (31) é o que mais agrada ao gôsto popular. Ainda hoje, seus conterrâneos cantam frequentemente alguns de seus versos, a que a lembrança da triste sorte de seu autor dá especial encanto. A par disso, a linguagem é muito melodiosa, os versos cheios de harmonia e próprios para o canto, qualidades sem as quais nenhum poeta brasileiro poderá ter êxito.

Em fim do século passado, Gonzaga da Costa ocupava um dos primeiros cargos da Municipalidade de Vila Rica (32). Seu espírito árdego fez com que não prestasse atenção às armadilhas a que uma filosofia abstrata atrái seus aderentes, mesmo que de modo algum influencie seu carater público. Gonzaga era partidário declarado da Revolução Francesa, tendo estudado os brilhantes princípios que a motivaram, dos quais se tornou ardente de-

---

(30) Refere-se ao Ditador do Paraguai, José Gaspar Tomás Rodrigues de Francia, nascido em S. Paulo, Brasil, segundo dizem, em 1756, e falecido no poder em 1840. Advogado, fez parte da Junta Provisória do Governo após o pronunciamento de 1811 em Assunção, e da Junta Governativa, depois da proclamação da independência. Em 1813, o Congresso substituiu a junta por 2 Consules : Francia e Yegros. Êste em breve era eliminado. Outra assembléia nomeou Francia Ditador por 3 anos. Firmando-se no Exercito, suprimiu a independência municipal, centralizou todos os poderes em suas mãos e exerceu a pior das tiranias. Em 1820, mandou matar Yegros e 40 conspiradores. Cultivava as terras por sua conta, obrigando o povo a áduas ou corvéas, ao trabalho forçado. Sequestrou de modo absoluto o Paraguai, isolando-o de qualquer convivio. Sucedeu-lhe no poder D. Carlos Antonio Lopez, pai de Francisco Solano Lopez.

(31) Tomás Antonio Gonzaga e não Gonzaga da Costa, o chamado Anacreonte Luso, filho de páis brasileiros, mas nascido no Porto em 1744. Um dos poetas da Inconfidência Mineira. Em 1749, veiu para a Bahia, onde o pai exerceu o cargo de Desembargador. Formou-se em Coimbra e foi magistrado em Portugal. Ouvidor em Vila Rica, já estava transferido para a Bahia como Desembargador, quando foi implicado no processo da Inconfidência em 1789. Morreu degredado em Moçambique entre 1807 a 1809. Amou Marilia, nome poetico de D. Maria Joaquina Dorotéa de Seixas Brandão, com quem ia casar-se. Poetava com o pseudonimo de Dirceu.

(32) Era Ouvidor e fôra promovido a Desembargador. Vila Rica de Albuquerque ou Ouro Preto.

fensor. Bastava isso para preparar-lhe a ruína num país ainda acorrentado à escravidão metropolitana e governado por verdadeiros satrapas, crueis e cobiçosos.

Acusaram-no de tramar agitações revolucicuárias com alguns amigos, meio muito usado naquele tempo e infelizmente ainda empregado no Brasil para dar cabo de pessoas odiadas ou para se apoderarem de seus bens. Uma conspiração urdida e encenada pelo Govêrno serviu de pretexto para a sua prisão (33). Arrancaram o infeliz poeta dos braços de sua querida Marília, no momento em que a ela se ia unir para sempre, e o conduziram à horrível cadeia do Rio de Janeiro, entre salteadores e assassinos, sem esperança de jamais ser posto em liberdade. Desejava a morte, mas a não encontrou. Foi exilado e morreu muitos anos mais tarde na costa da África, na mais negra miséria. Marília esqueceu-o e ao seu amor, tornando-se espôsa de um ricaço e mãe de filhos felizes (34).

As elegias de Gonzaga são lindas. Êle conseguiu enriquecer mais a poesia brasileira com algumas formas novas, tiradas da escola francesa. Nos versos de seu irmão Manuel da Costa (35), que compartilhou da mesma sorte e se suicidou no Rio de Janeiro durante o processo (36), nota-se mais a influência dos poetas italianos; porém seus sentimentos, descrições e imagens são puramente nacionais ()73.

Os poetas atuaïs na maioria se escondem sob o véu do anonimato, o que é muito aconselhavel num país onde a mais leve indiscreção amorosa pode ser vingada da mais terrível maneira. Com o soberbo pseudônimo de Urânia Brasileira, uma senhora

---

(33) A conspiração existiu de fáto, não foi urdida nem encenada pelo Governo. Contudo, é curioso êsse modo de encarar a Inconfidência na época em que o autor escrevia.

(34) Inexato. D. Maria Joaquina Dorotéa de Seixas Brandão, a Marília de Dirceu, nascida em 1767, faleceu solteira em Ouro Preto ou Vila Rica, em 1853.

(35) Aliás Claudio Manuel da Costa, nascido na Vila do Carmo, Mariana, em Minas, no ano de 1729, e morto no cárcere na noite de 3 para 4 de julho de 1789, correndo vozes de se ter suicidado. Formado em Coimbra em 1753, depois de viajar pela Europa, veiu advogar em Minas Foi Secretário de Estado no Governo de Rodrigo José de Menezes. Usava o pseudonimo literário de Glauceste Saturnio. Deixou várias obras em prosa e verso, destacando-se o poema "Vila Rica". Claudio Manuel foi o primeiro brasileiro que leu e citou Adam Smith.

(36) A morte ou suicidio se deu em Ouro Preto, no edifício da Casa dos Contos, onde se achava preso.

(37) Refere-se ao poema "Vila Rica".

(38) Trata-se possivelmente de D. Beatriz Brandão, prima de Marília de Dirceu, filha do Sargento-Mór Francisco Brandão e deD. Isabel Navarro de Seixas, nascida em Ouro Preto a 27 de junho de 1779, poetisa e escritora, autora dos "Cantos da Mocidade", das "Lágrimas do Brasil", das "Odes", das "Canções e Cantatas", dum drama representado na Coroação de D. Pedro I e de várias traduções de novelas do italiano e do francês. D. Beatriz Brandão faleceu em 1860.

editou algumas excelentes traduções de novelas francesas. Atribui-se-lhe também pequeno romance intitulado "Cartas ternas e amorosas", série de epístolas em que ao ardor meridional se casa uma sensibilidade arrebatadora e que eu, de bom grado, ponho ao lado das missivas de Mariana de Alcoforanga (39).

Um professor de matemática no Rio de Janeiro, Luiz Baratto, publicou uma coleção de pequeninas poesias sob o título "Rime d'Ulzi", que se distinguem pela delicadeza dos sentimentos e pelas formas agradáveis (40). De M. B., Manuel Barbosa (41), apareceram em Paris as "Poesias oferecidas às Senhoras Brasileiras", em linguagem brilhante, sonora e pura, espirituosas e originais. Nota-se apenas demasiada ilustração européia no autor, sentindo-se, com pesar, a ausência daquela côr local com que os poetas brasileiros anteriores sabiam ataviar seus versos. A elegia latina sôbre o rapto da Rainha D. Maria, do seu mausoléu, na igreja de Santo Antonio, para Portugal é, de qualquer ponto de vista, excelente (42).

Meus parcos recursos não me permitiram conhecer obras propriamente científicas. Falarei oportunamente sôbre as de caráter histórico e político, sobretudo as que se referem à época moderna, bem como sôbre as tendências dos jornais da capital.

---

(39) Sorôr Mariana Alcoforado e não Alcoforanga, freira do Convento de Beja, que se apaixonou pelo Sr. de Chamilly, oficial francês a serviço de Portugal em 1668, dando lugar essa paixão a uma correspondência, notável pelo calor do seu sentimento, várias vezes já publicada.

(40) Luiz Barata e não Baratto. Possivelmente o título do livro era *Rime dolzi*.

(42) Refere-se a D. Maria I, filha de D. José I e de D. Mariana Vitória, nascida em Lisboa em 1734 e falecida no Rio de Janeiro em 1816 Casada em 1760 com seu tio D. Pedro III, subiu ao trono por morte de seu pai, em 1777, demitiu e afastou o Marquês de Pombal. Espírito fraco, impressionado com as sangueiras da Revolução Francêsa, enlouqueceu em Salvaterra a 1.º de fevereiro de 1792. Veiu a força para o Brasil e morreu com 82 anos de idade, a 20 de março de 1816. Seu corpo foi levado, depois, para Portugal. E' a isso que a aiude a Elegia.

XI

PASSEIOS E IMPRESSÕES (1)

1

A fortaleza da Praia Vermelha, duas horas distante do centro da cidade, fica entre ingremes rochedos, em estreita faixa de terra, poucos pés elevada acima da água. Do lado do mar, defende-a forte baluarte construido em pedra, com dois meios bastiões encostados à esquerda ao Pão de Açucar e à direita ao morro do Telégrafo (2). Do lado de terra, resguarda-a simples muro, com uma falsabraga em frente do portão de entrada. Três lados do pátio estão tomados pelos quarteis, edifícios miseráveis, sem a menor comodidade. Mesmo a capela e as residências dos oficiais são extremamente pobres. Como pátio, espaçoso quadrilátero, servindo de campo de exercícios. Recrutas europeus e infelizes cabôclos são alí feitos soldados à custa de pancadas.

Ao sul da Praia Vermelha, a montanha de pedra que corre ao longo do mar chama-se morro do Telégrafo, por causa do semáforo existente no seu cume. Estreito caminho, defendido por pequeno forte, que domina tanto o lado de terra como o do oceano, conduz até lá em cima e passa ao outro lado. A ingreme ladeira, onde aquí e alí crescem palmeiras, serpeia por entre aglomerados de rochas cobertas de cactos e trepadeiras, que impossibilitam a subida por outro lugar. No alto, o trabalho do homem conquistou ao sólo montanhoso pequeno platô, onde penosamente crescem, entre fráguas núas, miriados cafeeiros, alguns pés de milho e inúmeros de melancia. Aquilo se chama, como tudo no Brasil, desde a mais reles cabana de táboas no meio de pedregudhos até o mais rico palácio rodeado de férteis campinas, — uma chácara.

Num ponto mais elevado, em frente ao Pão de Açucar, ar-

---

(1) O título dêste capítulo no original alemão "Süd-amerikanische Promenaden", Passeios sulamericanos, não tem correspondência perfeita com as matérias tratadas nos seus vários parágrafos.

(2) Chamava-se morro do Telégrafo o atual morro da Urca. Vinha-lhe o nome da existência no seu cume dum mastro de sinais, semáforo.

O Telégrafo elétrico data no Brasil de 1852, quando se inauguraram as primeiras linhas.

maram o telégrafo. Alí nasce uma fonte, cuja água cristalina corre em um rêgo cavado na rocha e vai abastecer lá em baixo a fortaleza. A vista é deslumbrante. Do lado de terra, vê-se quase na perpendicular a variegada multidão de soldados da Praia Vermelha, parte da baía e a praia de Botafogo por trás do Pão de Açucar. Mais adiante, a Aldeia Inglesa (3) vai subindo de vagar para o Corcovado, que fecha o horizonte. Os olhos demoram com agrado na maravilhosa paisagem, que parece posta por divina magia no meio das florestas vírgens. Do outro lado, o oceano desdobra seu infindo manto espelhando ao sol. As ondas quebram espumando nos penhascos da base do morro. A Ilha Redonda (4) brota das ondas, tão bela como o seio de Afrodite, tôda envolta em gase verde, mal se distinguindo o branco farol erguido na sua encosta suave.

O rumor do mar adoçado pela distância convida a descer, o que se faz pela vereda que borda o desfiladeiro, dominado pelo pequeno forte, a qual vai se tornando mais cômoda à proporção que baixa. Bosques de pitangueiras floridas ensombram a nívea praia. Tiram-se rapidamente as roupas e o sôpro balsâmico do vento iodado alivia com bemfazeja frescura a pele escaldante. As ondas fogem, quando a gente se aproxima, mas logo o Atlântico com tôda a sua fôrça atira o banhista sôbre a areia (5). E' preciso ter vivido nos trópicos para poder avaliar o *ariston men udor* de Píndaro (6). A humidade refrescante com que a água salgada impregna o corpo, além de estimular e renovar a pele tostada, a faz impenetravel à picada de milhões de insétos. É preciso ter experimentado tanto os gozos como os padecimentos da natureza tropical para se compreender o beneficio dum banho de mar sob êste céu.

---

(3) Ao tempo de Villegaignon, os franceses chamavam a enseada de Botafogo *Le lac*, o lago. Após a expulsão dêles, as terras marginais foram doadas a um dos companheiros fiéis de Estácio e Mem de Sá, Antonio Francisco o Velho, Mordomo da Capela de S. Sebastião, na primitiva cidade. A enseada passou a ser de Francisco o Velho. Na posse da sesmária, sucedeu-lhe João Pereira de Souza Botafogo, que lhe deu o nome atual. Para ali levavam do Catete duas vias de acésso: a Estrada da Pedreira ou Caminho Velho, agora rua Senador Vergueiro, e o Caminho Novo, hoje rua Marquês de Abrantes, aberto em 1796.

Parece que o nome de Aldeia Inglesa era dado ao agrupamento de casas, na maioría ocupadas por britânicos, no chamado Morro do Inglês, nas faldas do Corcovado.

(4) Deve ser lapso de memória do autor. A ilha, que sempre teve e ainda tem o faról, é a Rasa e não a Redonda.

(5) O banho na práia chamada de Martim Afonso, que deita sobre o Atlântico, em face do atual Monumento aos Heróis da Laguna.

(6) Em letras gregas no original : *a excelênte água do mar !*

O autor refere-se à 9.ª Ode Pitica de Píndaro, dedicada a Telesicrato de Cirena, em que o poeta canta Aristeu, deus dos caçadores e dos pastores, fazendo um trocadilho com *aristos*, em grego, o melhor : *ariston*, seguido da afirmativa *men*. Aristeu, filho da nínfa Cirena, fôra confiado por Hermes ou Mercurio à Terra, Gea, e às Horas, filhas de Jupíter, Eunó-

Como seria possível andarem nús, segundo a natureza os criou, os habitantes desta parte da terra, onde tudo vive para atormentar o homem, onde, dos cálices das flôres, das gôtas de orvalho prêsas nas fôlhas, da poeira que o pé pisa e do ar que o peito respira, se desenvolvem inúmeros insetos, que, tôdos sem excepção, mordem, picam, queimam e revelam sua existência, causando sempre a dôr corporal, se o mar, os rios e tôdos os riachos não os protegerem contra essas perseguições sem descanso? Por isso, os povos primitivos, que habitam sob os trópicos, vivem mais na água do que em terra e desprezam completamente as roupas, porque sabem muito bem que elas não oferecem a menor garantia.

Continuo refrescado e repousado meu caminho ao longo da costa. As montanhas recuam, deixando entre elas e o oceano um vale cheio de dunas. Cardos e espinheiros cobrem o sólo estorricado, mas também o ananás cresce alí em campos a perder de vista (7). Casas de campo de bom gôsto e choupanas de negros se disseminam pela planície despida de arvoredos. Pequenas lagôas recolhem as águas dos regatos, que descem das alturas e, nêste sólo árido, o poder da vegetação tropical se ostenta com maior brilho. Pêco ribeiro levado artificialmente através de vasto areial o transforma em campo florescente. Depressa a semeadura cresce e em poucas semanas está amadurecida. Uma colheita segue-se à outra, em contínua alternativa. Não é raro que os produtos das hortas européias, como ervilhas e vagens, sejam plantados e colhidos dez vezes por ano.

A praia é o único caminho que levâ a êsses jardins maravilhosos, estrada feita pela natureza e que honra seu construtor. A areia batida pelas vagas torna-se lisa e firme como pedra na sua ofuscante alvura (8). Negros e negras, de cêstos à cabeça, caminham ligeiros e agradavelmente sôbre o seu faiscar, à luz do sol. Tôdos cantam, assobiam ou vão falando com êles mesmos. Muitos são repentistas que improvisam com felicidade, buscando os motivos de seus versos tôscos no que os rodeia de perto,

---

mia, Dircéa e Irene, que lhe deram o nectar e a ambrosia em um país risonho e rico. A ode canta o prazer da vida natural.

Píndaro, um dos maiores poetas gregos, da tribu dos Egidios, nasceu em Tebas da Beocia no ano 520 antes de Cristo. Discípulo de Myrtes e vencedor de todos os prêmios de poesia, foi comensal dos Reis de Siracusa e da Macedônia. A Liga Anfitionica deu-lhe o direito de receber hospitalidade em tôdas as cidades da Grécia e mandou que se gravassem em letras de ouro no mármore dos templos os versos de sua 7.ª Ode Olímpica, dedicada a Diagoras de Rodes. Teve estatua em vida na sua cidade natal e o consideraram sagrado. Faleceu no ano de 456 A. C. A melhor edição ds obras de Píndaro é a de Th. Bergk, de Lipsia, de 1878.

(7) Os ananázes ou abacaxis de Copacabana eram afamadissimos nêsse tempo. Há várias referências a respeito. Os navios estrangeiros carregavam-nos aos montões.

(8) A praia de Copacabana. O autor, no seu passeio, faz a pé o trajéto do Leme à Igrejinha, ao atual forte de Copacabana, como se verá.

nas impressões do momento e até nas rotineiras ocupações diárias, e demonstrando, às vezes, uma delicadeza de sentimento que não envergonharia um poeta europeu de primeira plana.

Em seus cantares, reina uma tristeza suave, a que a melodia corresponde. Cantam coplas com intervalos mais ou menos longos, de acôrdo com o tempo necessário ao seu gênio ou habilidade, para encontrar a rima da estrofe seguinte. Muito susceptíveis a elogios e aplausos, fazem visivel esfôrço, se notam que alguem os está escutando. Um negro robusto vai andando com pesada mala de viagem à cabeça, a cantar tristemente, em tom menor:

Vou carregando por meus pecados
Mala de branco p'ra viajar,
Quem dera ao Tonho, pobre do negro,
P'ra sua terra poder voltar! (9)

A intensa lembrança da terra natal transborda de muitas de suas cantigas e o póprio europeu civilizado se sente várias vezes comovido com essa saudade da pátria, que frequentemente compartilha com o mísero escravo.

Outro veste de poesia um epicurismo sensato:

Quando bebo não quero dormir
Quando durmo não vou trabalhar,
Quando danso não quero beber;
Mas Maria vou logo beijar!

A monotonia da praia ligeiramente curva se interrompe por um morro solitário, que, mais elevado quase perpendicularmente sôbre as ondas, desce em rampa suave do lado de terra, circundado pelas dunas. Chamam a êsse pequeno promontório Punto da Cabana (10). A base do morro onde as vagas espumam com-

---

(9) E' pena ter o autor estampado em alemão, sem o original em português, esta e outras produções folclóricas. Traduzi-las nóvamente do alemão não póde corresponder, senão de longe, à sua fórma verdadeira

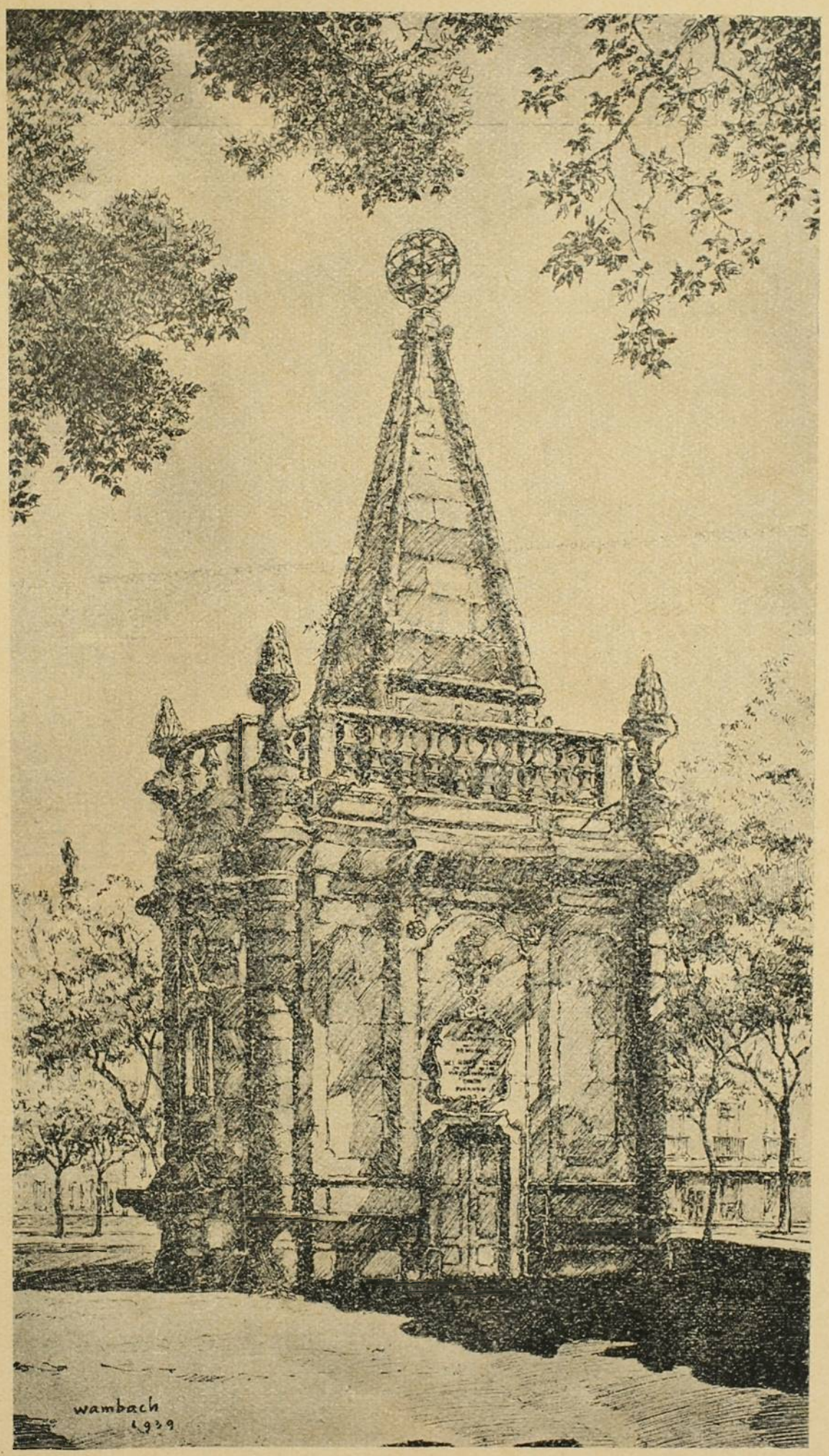
Eis o original alemão :

"Ich trage einem Kosser — er ist zehr gut fur
Iemand, der eine Reise macht, — Ach ! der arme
Antonio Kehrt nie in sein Waterland zurück !"

A quadra seguinte está desta sorte em alemão :

"Schlasen ist better, als arbeiten,
Trinken besser, als schlasen,
Tanzer besser, als trinken,
Mary Küssen, besser als Alles !"

(10) Copacabana. Aliás Ponta de Copacabana, onde hoje está o forte e outróra houve uma pequena igreja, a famosa Igrejinha.



O Chafariz do Vasconcelos a que se refere o autor, ainda hoje existente na Praça 15 de Novembro, antigo Largo ou Terreiro do Paço.
Duma água-forte de Wambach.

põe-se de penedos desagregados, com inúmeros buracos e cavernas que servem de moradia aos ouriços do mar, exquisitos entes cobertos de espinhos, parecidos com castanhas, que superam em sabor as melhores ôstras. A rocha do cume é duro granito e sôbre ela se ergue uma capela consagrada a Nossa Senhora de Punto da Cabana (11). Ao lado, existe pequena lagôa circular de águas salôbras, o que é muito curioso por se achar a uns cem pés acima do nivel do mar, que troveja penetrando em profunda gruta. O local é extremamente romântico (12).

À frente da igreja, um telheiro sustentado por quatro colunas cobre bancos de pedra, que permitem contemplar comodamente a vasta superfície do Atlântico. Em face, boiam no espêlho azul do mar ilhas emplumadas de palmeiras e vestidas de vegetação tropical sob o céu límpido e arqueado até o horizonte. Estirado num daquêles bancos, ouvindo o marulhar das ondas, sonhei que estava novamente a bordo e naveguei, com a velocidaed do pensamento, de volta à minha pátria distante. Então, ouvi pertinho de mim um som de marimba tocada por uma negrinha mimosa, que se aproximára e me oferecia dôces. Tinha uma companheira, deitada perto, à sombra da igrejinha, naquela cômoda atitude que caracteriza os africanos. Para não desapontar a menina, comprei um pedaço de marmelada, bebi da sua bilha e pedi-lhe que dansasse. Não se fez de rogada muito tempo, chamou a outra, entregou-lhe a marimba e, à sua música, começou o fado, dansa que na Europa seria julgada indecente e que aquí é inteiramente popular entre velhos e moços, brancos e pretos.

Imagine-se uma mocinha na flôr da idade, com um corpo soberbamente formado, negra como a noite, o leve vestido de musselina branca caindo negligentemente dum ômbro, a carapinha oculta num turbante vermelho, olhos brilhantes como estrêlas, a bôca fresca como um botão de rosa desabrochando e dentes que

---

(1)) A devoção de Nossa Senhora de Copcaabana vem dos antigos Peruleiros, homens que iam até o Perú buscar prata. O santuário de Copacabana, no Perú, é afamado. De lá dizem que veiu a primitiva imagem que se venerou na antiga igrejinha de Copacabana. A que está atualmente guardada na matriz do Bonfim, à praça Serzedelo Corrêa, data do tempo dos bispo D. Antonio do Desterro.

A região de Copacabana fazia parte da data de terras de Rodrigo de Freitas de Melo e Castro, que começava em Botafogo e se prolongava até o mar e o sopé do Corcovado. Seu engenho ficava à margem da lagôa que tomou seu nome e se chamava Sacopenapan. Moreira de Azevedo escreve *Sacopinakan*. A essa expressão tupi é dada a seguinte significação *Çocó-pe-nupan*, o Caminho Batido dos Socós. Êsse nome se estendeu do engenho a tôda a redondeza. O de Copacabana, vindo do Perú, pegou logo por ter certa semelhança com êle, dando-se uma como interferência Em Quichua, idiôma dos antigos peruanos, a expressão Copacabana vem de *Copa* e *Caguana*, que significam *lugar luminoso*.

(12) Do lado contrário à praia do Arpoador. Chama-se hoje praia do Inférno.

ultrapassam as pérolas em brilho e alvura; imagine-se essa mocinha em movimento suavemente embalante, mãos e pés batendo o compasso da dansa maravilhosa, ao lado de uma mulher bem nutrida, verdadeira beldade africana, assentada no chão e tocando a marimba com os dedos carnudos; ouçam-se os sons do instrumento e o canto que o acompanha; depois, olhe-se para mim comodamente deitado no banco, com o desenfado dum fazendeiro das Índias Ocidentais, tragando e exalando o fumo aromático dum charuto, e se terá visto a cena que pretendo descrever (13).

A canção que a bela filha da África cantou, enquanto dansava, deveria ser mais ou menos esta:

Na terra não existe céu;
Mas se nas areias piso,
Desta praia carioca,
Penso estar no paraiso!

Na terra não existe céu,
Mas se numa loja piso
E compro metros de fita,
Penso estar no paraiso! (14)

Satisfiz imediatamente o desejo da bôa menina e lhe proporcionei a felicidade com meia dúzia de vintens, ínfima moeda de cobre altamente apreciada nêsse Eldorado, onde abunda o papel moeda, porém muito pouco dinheiro amoedado em ouro e prata (15).

2

Primeiro de outubro, festa de S. José (16). À noite, houve

---

(13) O autor tinha, como se vê constântemente, quéda pela gente de côr.

(14) Eis o texto original :

"Auf Erden giebt's kein Paradies :
Doch war am Cariocanerstrand
Mein heissgeliebtes Vaterland,
Ich traumt, ich war in Paradies.

Auf Erden giebt's kein Paradies !
Doch hatt ich Geld in meiner hand,
So kraust ich mir ein hubsches Band
Und glaubt' ich seh in Paradies."

(15) Havia, de fáto, em 1825 ou 1826, grande falta de moedas de valor no Brasil, envolvido, depois da Guerra da Independência e das contendas civis, na campanha da Cisplatina. Abundavam a moeda de cóbre e o papél-moeda. A crise pioraria, chegando ao auge em 1828, pouco antes de estalar a revolta dos mercenários estrangeiros.

(16) Engano manifesto do autor. A Igreja festeja seu Patriárca, o glorioso S. José, no dia 19 de março. O dia 1.º de outubro é consagrado a S. Remigio e marca o início do Mês do Rosário.

procissão. Umas quarenta meninas muito bonitinhas, vestidas de anjos, com resplendores e asas de gase prateada, acompanhavam o Santo Carpinteiro e sua Celestial Espôsa, a mais bendita entre as vírgens e a mais abençoada entre as mães. S. José vestia um hábito castanho e levava o compasso na mão, representando papel bastante singelo ao lado de Maria Cheia de Graça, coberta de veludo e sêda, recamada de ouro e diamantes, na radiante formosura de sua mocidade imortal. As vestes imponentes dos anjos lembravam as que se vêem nos quadros que transmitiram à posteridade o esplendor das festas da côrte de Luiz XV ou de Augusto da Polônia (17). Curtas saias-balão de finíssimas fazendas transparentes, longos corpetes semeados de bordados de ouro e prata, com uma profusão de brilhantes e prata que sobrepuja a compreensão européia. Cabelos empoados e arrebique nas faces, como exige a etiqueta celeste. Todavia, por mais bizarro que pareça êste traje, é forçoso convir que as crianças ficam lindíssimas com êle.

Da igreja de S. José dirigi-me ao Largo do Paço, o passeio mais frequentado da cidade, onde àquela hora geralmente se encontra um ou outro conhecido. Um cáis de pedra protege a esplêndida quadra do lado do mar. No seu centro, ergue-se o Chafariz do Vasconcelos (18), encimado por uma pirâmide de bom gôsto que, na direção dos quatro pontos cardiais, faz com suave borborinho jorrar a água da Carioca nos jarros e baldes dos negros, os quais até alta noite fazem aqui das suas, numa gritaria e barulho constantes (19). Dei umas voltas pela praça. A lua derramava sua claridade sôbre o Paço e a Capela Imperial; o mar batia pausadamente na praia, de longe em longe; os

---

(17) Houve 2 Augustos, ambos Eleitores da Saxonia, que foram Reis da Polônia: Augusto II, nascido em Dresda em 1670 e falecido em Varsóvia em 1733, que foi eleito por morte do grande João Sobieski, morto em 1697. Aliado do Czar Pedro o Grande, foi destronado por Carlos XII da Suécia. Era tolerante e faustoso. Teve um filho bastardo, Maurício de Saxe, grande guerreiro, Marechal de França, vencedor da Batalha de Fontenoy. Augusto III, filho do precedente, nasceu em Dresda em 1696 e faleceu em Varsóvia em 1763, tendo sucedido no trono da Polônia a seu pai.

E' quasi certo que o autor se refere a Augusto II.

(18) O chafariz ainda hoje existente na praça 15 de Novembro, antigo largo do Paço, que, então, ficava à beira dágua, entre as escadarias de acésso ao cáis. Foi mandado erigir pelo Conde de Bobadela, que governou o Rio de Janeiro de 1733 a 1763. O Vice Rei Luiz de Vasconcelos, que governou de 1779 a 1790, mandou-o mudar do lugar onde fôra construido para a borda do cáis, afim de facilitar agúada aos marinheiros, como se vê dum painél oval contemporâneo existente no Museu Histórico Nacional. Daí o ter sido chamado algum tempo Chafariz do Vasconcelos, como escreve o autor. E' da autoria do famoso Mestre Valentim da Fonseca e Silva, filho dum fidalgo e duma crioula, nascido no Rio de Janeiro em data ignorada, falecido a 1.º de março de 1813, sepultado na igreja do Rosário.

(19) Basta ver a estampa de Rugendas que representa a vida de rua junto a um chafariz, para verificar que o autor diz a verdade.

mastros dos navios por vezes se moviam lenta e compassadamente; a noite tropical cobria a cidade e o porto. É a essa hora que as ruas do Rio de Janeiro adquirem maior movimento.

Tinha combinado com alguns amigos um passeio noturno a Botafogo. Encontrei-os num café próximo, D. Rafael Perú (20), realista espanhol moderado, e o sr. Canedo, ultra-republicano de Buenos Aires, ambos bons amigos, apesar da diversidade de tendências políticas. Um não podia passar sem o outro, porque o primeiro precisava de uma pessôa sôbre quem pudesse fazer sentir a supremacia de seu espírito e o que mais apreciava o segundo era gastar palavras, apregoando as extravagantes teorias duma filosofia ora popular na América do Sul, como o foi na França há trinta anos.

Observei frequentemente que os defensores do absolutismo levam a melhor nas discussões, porque são mais calmos, mais finos e, em geral, conhecem bem seus objetivos, enquanto os embusteiros do liberalismo raras vezes sabem o que querem, passam rapidamente dum extremo ao outro e se deixam conduzir pela paixão a afirmações contraditórias de seus próprios princípios. Na República de Buenos Aires, recentemente ainda, houve pronunciamentos em favor do partido realista, tanto mais perigosos quanto demonstram que, apesar do aniquilamento das fôrças militares da Espanha na batalha de Ayacucho, no seio dos novos Estados não se perdeu de tôdo a esperança dum retôrno ao antigo sistema político (21). O Congresso de Buenos Aires decretára a liberdade religiosa, o que provocou nas Províncias manifestações de desagrado, seguidas de perturbações da ordem. Os realistas aproveitaram essa disposição dos ânimos para tornar o novo govêrno odiado.

Enquanto criavam essas dificuldades à República, seus objetivos eram defendidos com tôdas as regras da dialética, na capital do imenso Império do Brasil, por um de seus mais fieis adeptos contra os ataques dum ultra-liberal, que, nessa discussão, tinha de ser vencido, porque, se superava seu adversário em paixão, estava muitos furos abaixo dêle em conhecimento e sagacidade.

Do modo como agora andam as coisas na América Espanhola, será melhor o partido dominante não mexer na religião, aplicando a tolerância, mas a não apregoando. Qualquer passo que o govêrno der nêsse terreno, para diante ou para trás, pode ter as mais perigosas consequências. O Brasil experimentou isso, quando a Constituição deu liberdade de culto a tôdas as confis-

---

(20) D. Rafael Perú, secretário do Vice Rei La Serna, de passagem pelo Rio de Janeiro.

(21) Daí as negociações entaboladas com D. Carlota Joaquina sobre a criação duma monarquia no Prata. D. João VI também a pretendia para seu genro o Infânte D. Pedro Carlos.

sões religiosas. Êsse artigo provocou desagrado geral nas Províncias. Quando mais tarde o Imperador, num discurso às tropas enviadas ao Sul, chamou o Brasil Império de Santa Cruz, tôda a gente riu e os padres aproveitaram a frase para o amargo libelo a que já me referi.

Soube por uma conversa, diga-se de passagem, que "O Contrato Social" é livro muito lido nas Repúblicas da América do Sul. Se é certo que Rousseau e Voltaire (22) foram as verdadeiras molas morais da Revolução Francesa, é de supor que exerçam influência semelhante do outro lado do oceano. Procurei antigamente a origem de tôdas as revoluções na desmedida ambição de indivíduos isolados; porém hoje estou convencido de que a causa não é somente essa. Parte do povo deve ser preparada para as agitações revolucionarias e isso foi obra dos autores mencionados acima, quer seus livros tenham sido entendidos completamente ou só em parte. Impõe-se respeito à multidão por meio de exterioridades, sobretudo o palavreado demagógico, em tôda a parte igual. Como no Brasil nem tôdos os habitantes constituem o povo, pois os escravos são considerados mais coisas do que pessôas, depressa se decidiu a luta entre o velho e o novo sistema. Talvez por isso mesmo seja mais demorada sua completa consolidação.

Do árido terreno da politica passemos ao delicioso lusco-fusco duma noite tropical. A cidade termina na ponte do Catete (23). Ao longo de sebes e belas casas de campo, o caminho acom-

---

(22) João Jacques Rousseau, nascido em Genebra, Suiça, em 1712, e falecido em Ermenoville, perto de Paris, em 1778. De família calvinista e, segundo alguns autores, de origem israelita, começou sendo relojoeiro. Teve educação sentimental e romântica. Levou muito tempo vida aventurosa e vagabunda : aprendiz de procurador, gravador, protegido de algumas damas, preceptor, músico, inventor, diplomata. Veiu a Paris em 1741 tentar fortuna e escreveu artigos para a Enciclopédia, então em pleno êxito. Foi um dos grandes demolidores das antigas instituições. Suas obras principais são : "Confissões", "Discurso sobre a Economia Politica", "Considerações sobre o Governo da Polônia", "Júlia ou a Nova Heloísa", "O Contráto Social".

Francisco Marie Arouet, que usava o pseudonimo de Voltaire dêsde os 24 anos de idade, nasceu em Paris em 1694 e ali morreu em 1778. Suas sátiras o levaram à Bastilha, onde compôs o poema "A Henriada" e terminou a tragédia "Edipo", de 1717 a 1718. O cavalheiro de Rohan fez com que fôsse preso nóvamente em 1725 e sofresse o castigo da bastonada. Fugiu para a Inglaterra, de onde só voltou à França em 1729. Suas tragédias obtiveram êxitos retumbantes e lhe abriram em 1750 as portas da Academia Francesa. Tornou-se amigo e hospede de Frederico da Prússia, o Rei Filósofo, escrevendo em Berlim sua notavel obra "O século de Luiz XIV". Em 1753, rompeu com o Rei da Prússia e retirou-se em Ferney. Foi outro grande destruidor das instituições de seu tempo, pondo ao serviço das chamadas idéias novas seu talento satirico. Para êle, a moral social repousava tão sómente na utilidade. Combateu fórtemente a religião. Suas obras principais são : "Ensaio sobre os costumes", "Zadig", "A Princesa de Babilônia", "Maomé", "Carlos XII", "A Lei Natural", "Tancredo".

panha o mar (24) até onde começa Botafogo, renque de belas residências campestres formando suave curva ao longo da praia (25). Nos jardins, predomina um gôsto que chamam francês e que preferiria fosse mourisco por se adaptar melhor à paisagem. A natureza oferece parques à inglesa que tornam qualquer imitação pueril. O estupendo colorido das flôres e a maravilhosa fórma das árvores e arbustos, reunidos num conjunto regular, tornam-se um tanto artificiais. Um jardim dessa espécie é como um dêsses grandes chales em que cada flôr muitas vezes se repete sem cansar a vista. Pequenos repuxos atiram um jato prateado para o céu noturno, brancas estátuas surgem como fantasmas entre o arvoredo e os perfumes embalsamam o ar. As mais belas moradias são construidas um pouco distantes da rua, no fundo dos jardins, ao pé dos morros e um tanto acima do nivel da praia. A maioria, ao gôsto mourisco, com cúpolas, árcos de fórma estranha e uma escadaria ligeiramente inclinada à frente.

Se o dia tropical ofusca a vista, a noite perturba o ouvido com desregrados concertos .De dia, reina na natureza profundo silêncio, tudo descansa, as flôres brilham na suntuosidade de suas côres, borboletas coloridas esvoaçam sem o menor rumor no ar azulado, serpentes riscadas de aneis impercepetivelmente rastejam, com a velocidade do raio, entre os altos ervanços. Mal começa o crepúsculo, a natureza se anima, o zumbido e o sussurro

---

(23) A ponte do Catete sobre o rio dêsse nome, rio das Laranjeiras ou Carióca, ficava no local da atual praça José de Alencar, de onde partiam os caminhos para Botafogo. A primeira obra de urbanização realizada no Rio de Janeiro. Chamou-se durante muito tempo Ponte do Salema e nela se pagava pedagio para entrar ou sair da cidade. O nome lhe vinha, segundo uma versão, de ter sido construida pelo Governador Antonio Salema (ou Sellema). Outra versão atribuia a sua construção a um particular alí morador, Garção Salema, que cobrava o pedagio para se pagar das despesas havidas com ela.

Antonio Salema, natural de Alcacer do Sul, era formado em direito pela Universidade de Coimbra. Chegou a Lente e Desembargador. Governou a ilha de S. Tomé. A 7 de março de 1570, foi designado para a Alçada do Brasil. Partiu de Lisboa a 6 de junho e chegou a Pernambuco, onde recebeu a nomeação de Governador das Capitanias do Sul. Nessa ocasião, sob o reinado de D. Sebastião, o Brasil fôra dividido em dois Governos pela Carta Régia de 10 de dezembro de 1572, um com séde na Bahia, outro no Rio de Janeiro. Depois de tomar pósse do cargo, Antonio Salema bateu os índios do Cabo Frio, aliados dos franceses, que alí tinham estabelecido uma feitoria, destruindo-a. A razão da construção da ponte foi dar fácil acésso às terras onde o Governador fundára o Engenho d'El Rei, mais tarde vendido a Domingos de Amorim Soares e Sebastião Fagundes Varela, que lhe deram o nome de Engenho de Nossa Senhora da Conceição e o passaram a Rodrigo de Freitas Melo e Castro. O engenho chamou-se posteriormente Sacopan ou Sacopenapan. Salema regressou a Portugal em 1577 e faleceu em 1586. Deixou uma obra manuscrita : "Tratado da Conquista que fez do Cabo Frio contra os franceses e o gentío Tamôio que nêle estiveram fortificados."

(24) O Caminho Velho, atual rua Senador Vergueiro.

(25) Antiga Enseada de Francisco o Velho.

dos insétos enche o ar, na água dos pantanais ressôa a antipática voz dos sapos enormes, pássaros noturnos cantam nas árvores, os galos cocoricam, os cães ladram, em cada fôlha se agita uma vida oculta e até o mar esbraveja mais rouco e mais forte.

Ceiamos frugalmeente em Botafogo, na casa de interessante espanhola, numa varanda aberta para o mar. É preciso ter estado no Brasil para poder apreciar a conveniência de seu modo de edificar. A casa brasileira tem uma utilização inteiramente diversa da do norte da Europa. Deve proteger dos raios ardentes do sol e, ao mesmo tempo, dar livre passagem ao ar fresco da noite. Tôdas as casas genuinamente brasileiras correspondem mais ou menos a êsse duplo fim, enquanto a vaidade nacional dos ingleses vai levantando edifícios que conviriam admiravelmente a Londres, mas são nos trópicos quase inabitáveis.

Estamos, pois, sentados na arejada varanda, cujo telhado sustenta colunas enrodilhadas de roseiras e jasmineiros floridos. A clícia (26) veste sua touca branca, as folhas das mimosas se encolhem adormecendo, a flôr do maracujá ou da Paixão completa o ciclo de sua curta existência e a estrelitzia desabrocha com tôda a sua magnitude estelar (27). A brisa fresca passa pela alpendrada fantasticamente enflorada. Velas de cêra branca ardem clara e tranquilamente dentro das altas mangas de vidro. Servem-nos picante cabidela com vinho de Alicante, espumando em cálices lapidados, cujo fogo nos faz ferver o sangue, e, mais do que êle, os lindos olhos da bela dona da casa, a qual goza com orgulhosa tranquilidade a impressão causada por sua perfeita beleza nos variados temperamentos dos convivas. Nessas ocasiões, esquecem-se as divergências políticas e até desconhecidos confraternizam pela única razão de serem estrangeiros em terra estranha.

Aos poucos, vai ficando deserta a rua que passa por baixo da varanda onde estamos. De quando em quando, o som de uma guitarra vibra na noite silenciosa. A profunda saudade das almas apaixonadas revela-se nas delicadas canções chamadas "modinhas" (28). É possível que algumas dessas serenatas sejam dirigidas a Dona Jacinta, mas ela não lhes liga importância e, em breve, o amor desprezado vinga-se com amargo sarcasmo. A conhecida cançoneta de Bocage: "Anos, meses, noites, dias" se ouve sob suas janelas. Se fosse possível traduzí-la, não resistiria à tentação de transcrevê-la aquí, mesmo com o perigo de

---

(26) Heliotropio, girasol.

(27) *Strelizia,* herbacea-musacea originária da África, cujo nome foi dado em homenagem à Grã Duquesa Carlota de Mecklemburgo-Strelitz, esposa do Rei Jorge III da Inglaterra.

(28) A.P.D.G., nos seus "Sketches", confirma a vulgarização das modinhas no Rio de Janeiro, transcrevendo a famosa *Modinha do Vidigal.*

ser julgada indecente por alguma leitora exageradamente melindrosa.

Até tarde da noite, continuamos a singela ceia. Enfim, Dona Jacinta bate palmas e ordena aos escravos e escravas que tirem a mesa. Faz aos hóspedes encantadora reverência, lança-lhes um olhar transbordante de amabilidade e retira-se airosamente, seguida por sua escrava favorita e acompanhada por uma núvem de desejos!

3

A 1.º de abril, o Imperador voltou com a Imperatriz de sua viagem à Bahia; mas passou a noite a bordo da fragata "D. Pedro" (29). A cidade pôs luminarias. Plantou-se uma aléia de palmeiras novas, ligadas por festões de flôres e grinaldas de lâmpadas, do ponto de desembarque ao arco de triunfo levantado à esquina do Arsenal. No dia seguinte, por volta do meio dia, Sua Majestade desembarcou. Teve recepção muito fria, mal se ouvindo raros vivas. Até as tropas mercenárias alemãs, alinhadas (30) espaçadamente do Arsenal até a Capela Imperial, permaneceram impassíveis. D. Pedro parecia muito descontente.

Sob o solstício antártico, abril é o mais belo mês do ano. O ar começa a esfriar, a chuva cessa, o céu fica de um azul puríssimo e a natureza tôda adquire um aspecto tão fresco como se acabasse de sair das mãos do Criador. Ao contrário, os meses de verão, alagados de chuvas constantes, são tão quentes, que mal se póde respirar. As próprias noites carecem daquela frescura celeste, que os ventos regulares do mar oferecem às partes da cidade em frente ao porto. O ar fica abafado e imovel, a chuva cai perpendicularmente em bátegas e, com fortes trovoadas, a

---

(29) O Imperador tinha partido para a Baia a 2 de fevereiro e regressou, efetivamente, a 1.º de abril de 1826. Fez a viagem de ida e volta na náu de guerra "Pedro I" e não fragata, como escreve o autor.

A náu "Pedro I" chamava-se antes "Martim de Freitas" e fôra construida nos estaleiros da Bahia em 1724 com o nome de "Santo Antonio". Media 56 metros de quilha, 14 de bôca e 12 de pontal. Estava armada com 74 peças de artilharia em 3 baterias. Em 1794, puseram-lhe o nome de "D. Pedro Carlos", em honra do Infânte de Espanha. Em 1806, mudaram-no para "Martim de Freitas". Tinha quasi um século quando foi aproveitada para capitânea da Esquadra Imperial, que se organizava às pressas. Nela tremulou o pavilhão do Almirante Cochrane. No gurupés, em talha dourada, via-se a figura dum cão com uma chave na bôca, rememorando a fidelidade do antigo Governador de Coimbra, cujo nome lhe fôra dado. A única náu de guerra que teve o Brasil.

Acompanhou a velha náu nessa viagem à Bahia, com outros navios de guerra brasileiros, a fragata francesa "Aréthuse", do comando do Capitão de Fragata Gauthier.

Na viagem á Baia, a náu "Pedro I" foi comandada pelo Chefe de Esquadra graduado Francisco Maria Teles.

(30) No texto, em francês *en espalier*, isto é, em alinhamento com espaços entre os soldados.

tempestade se desencadeia, tanto mais furiosa quanto menor fôr a sua duração. Então, a cidade inteira fica debaixo de água, cada rua se torna uma torrente impetuosa e até o mar transborda. As paredes das casas, porém, são tão sólidas que raramente se ouve falar em desabamentos de importância. Os rochedos resistem ao furor das ondas e frequentemente se tornam perigosos, porque o mar em fúria faz desgarrar os navios ancorados e os atira sobre êles (31).

As luminárias duraram nove dias. Não foram muito brilhantes, porque várias casas particulares absolutamente não acenderam uma vela. Demais, há grande diferença entre essa espécie de iluminação na Europa e no Brasil. No Rio de Janeiro, não sabem fazê-la. As lâmpadas são sujas e as velas de sêbo muito finas. Em cada balcão, ardem duas velas de cêra em castiçais de prata, com mangas de vidro brancas ou de côr. Põem entre elas bonitos vasos de flôres. Encantadoras crianças debruçam-se dos gradis, contemplando com seus olhos negros a noite estrelada. Os aspecto, se não é brilhante, é muito decente, tendo-se essa sensação do meio do povo, na rua.

Em frente à casa do Chefe de Polícia, via-se sob um arco triunfal um busto, aliás bem parecido, de D. Pedro, rodeado por uma corôa de estrêlas em transparente, com a inscrição: "Os louros da paz engrinaldam sua fronte sob as estrêlas brilhantes. Como é Justo e Piedoso! Olha para baixo, para seus povos, e para cima, para o céu eterno. Ó Roma, não alardeies mais a glória do teu Numa, porque ela fica obumbrada pelas virtudes de D. Pedro!" De um e outro lado, viam-se as estátuas da Justiça e da Legitimidade, calcando aos pés a Intriga e a Anarquia (32).

A pintura para as luminárias ainda se acha na infância da arte. Tôdas as armações são grosseiramente construidas de madeira e iluminadas com lâmpadas pela frente ,o que não produz o efeito mágico dos transparentes. O arco de triunfo em frente da Academia fôra executado com bom gôsto; porém sofria do citado defeito e, por isso, ficava melhor de dia do que à noite.

No Campo da Aclamação ou le Sant'Ana, queimaram fogos de vista, com a presença da Família Imperial no pavilhão construido ao centro da enorme quadra. Uma colunata coberta de legendas e transparentes formava a armação frontal do fogo de artifício que, com grande precisão, desenrolou rápidos quadros aos olhos da imensa massa popular. Ao fundo, ardiam em fogo

---

(31) Inundações e ressacas, coisas comuns no Rio de Janeiro de todos os tempos.

(32) Foram mobilizados para essa decoração das ruas os melhores artistas do tempo pelo Intendente da Policia: Debret, Francisco Pedro do Amaral e Simplicio Rodrigues de Sá. Os cronistas coévos elogiam o transparente posto a uma das janelas do Paço da Câmara, em que aparecia a náu "Pedro I", passando entre a fortaleza de Santa Cruz e o Pão de Açúcar.

puro e calmo obeliscos e pirâmides, erigidos pelas várias corporações da cidade em honra de Suas Majestades. Não se pouparam nos dísticos, em parte alguma, as mais exageradas lisonjas. Contudo, achei delicada a idéia de repetir a mesma frase em quatro línguas: latim, português, francês e inglês. Numa cidade como o Rio de Janeiro, centro de comércio cosmopolita, isso tem propriedade e utilidade. Na capital dum Príncipe alemão, seria ridículo.

Quando o Imperador apareceu pela primeira vez ao balcão do pequeno palácio, certa espécie de gente o saudou com um ruidoso viva. Um indivíduo muito maltrapilho avançou à frente da turba e pronunciou curto discurso, mais ou menos nêstes termos: "O fiel e bravo povo do Rio de Janeiro alegra-se indiscritivelmente por te ver outra vez no seu seio, Augusto Senhor. Enquanto felicitavas as Províncias do Norte com tua celestial presença, sentimos tua ausência da mais dolorosa maneira. E tu mesmo deverás convir que, em parte alguma, terás encontrado gente igual a nós. Nêste imenso Império, só existe um Rio de Janeiro! Viva o Imperador! Viva o povo fiel e heróico do Rio de Janeiro!" (33).

Essa espécie de gente são o refugo dos habitantes livres da capital, os chamados *brigueiros* (34). Servindo de espiões à polícia ou de seus asseclas, assoldadados pelos agitadores políticos medrosos de riscos pessoais, ou alcoviteiros, estão sempre prontos a praticar qualquer patifaria, livres de remorsos, salvo talvez os de não terem completamente executado o que lhes foi encomendado e pago. Como tudo o que é ruim, devem sua existência à revolução. Antes, eram verdadeiros mendigos, vivendo da caridade do povo e da beneficência das instituições ricas. A revolução abriu-lhes as portas para uma carreira, que reputam mais honrosa e, sem dúvida, é mais lucrativa. Às portas dos conventos, agora, só se vêem mulheres velhas e homens decrépitos recebendo insignificantes esmolas. Se de vez em quando a necessidade ainda faz aquêles mendigarem, com a maior desfaçatez

---

(33) Os dois vivas estão em português no texto original.

(34) À palavra portuguêsa, transcrita sob fórma alemã, em que o *g* sôa forte, Brigueiros, o autor acrescentou na sua lingua, entre parentesis: *Tagediebe,* ltieralmente *ladrões diurnos*, o que equivale ao *vaurien* francês, vagabundos, gatunos. Valentões, desordeiros, capadócios, capangas, antecessôres dos famosos capoeiras, que só se acabariam na República. Formavam súcias ou maltas, pondo-se a soldo dos politicos da época. Seu ponto predileto de reúnião era o mal afamado Botequim da Corneta, na rua dos Escrivães ou das Violas, que fôra antes dos três Cégos, de Serafim de Andrade e de Domingos Coelho, sendo hoje Teofilo Ottoni. O próprio José Bonifácio subsidiava um bando de capangas chefiados pelo famigerado Joaquim Inácio Costa Orelha ou Corta Orelha. Era êste facundo e pernóstico, de modo que bem poderá ter sido o orador a que alude o autor do livro. Em nenhuma outra obra contemporânea se encontra o termo *brigueiro* aplicado pelo autor.

exigem uma dádiva maior e, se ela não os satisfaz, ameaçam, dizendo ser perigoso negar o que pedem.

No teatro, também na platéia dirigiram um discurso ao Imperador. Apesar do orador estar vestido decentemente, falando com fluência e elegância, tôda a gente tinha opinião formada sôbre essa efusão espontânea da mais profunda dedicação e do mais ardente patriotismo. O Imperador dá muito valor a essas demonstrações de amor do povo, apesar de saber muito bem que são regiamente pagas, embora cada um dos cantores dêsses córos laudatórios receba pessoalmente muito pouco. Somente dois tostões! disse chistosamente um dêsses infelizes. O certo é que ao Estado a numerosa polícia pública e secreta custa milhões por ano, não contando as fintas e extorsões que seus agentes praticam.

O Teatro de S. Pedro é um dos melhores edifícios da cidade, de arranjo interno elegante e, ao mesmo tempo, adequado ao clima. O camarote imperial é tão ricamente adornado, que será dificil encontrar um mais suntuoso na Europa. Ao longo dos renques de camarotes, corre um gradil dourado, que nada subtrái aos olhos dos espectadores dos encantos das damas em vestidos de gala. No entanto, o palco está pobremente decorado e a idéia de pintar no pano de bôca a baía do Rio de Janeiro deve ser considerada infeliz, porque nenhum pincel do mundo é capaz de reproduzir, mesmo mediocremente, as cenas que a natureza alí debuxa tôdos os dias (35).

O que se representa no palco nem de longe se compara ao que se passa nos camarotes, onde as encantadoras cariocas, com donaire e graça indescritíveis, previlegiada herança das suas avós peninsulares, aceitam as homenagens e galanteios de seus adoradores. Para muitos, há um espetáculo muito mais atraente nos cafés da redondeza, o Faraó. Alí em verdade se vêem fisionomias bem diversas das das mesas de pano verde de Pyrmont ou de Spa (36), caras de tôdas as côres, nas quais a ruinosa paixão do jôgo desenhou seus traços indeléveis.

É no jôgo que o brasileiro deixa de tôdo de ser senhor de si, perdendo a arte habitual da dissimulação. Julgo poder afirmar que seu sangue ferve tanto, quando crava a lâmina no peito dum

---

(35) Esse pano de bôca foi pintado por José Leandro de Carvalho e, segundo Moreira de Azevedo, representava "a baia de Niterói, e no centro Netuno em um carro puxado por cavalos marinhos, empunhando o tridente, e cercado de deuses, sereias e tritões".

(36) Pyrmont, cidade da Alemanha, do Principado de Waldeck, separada do território do mesmo pelo de Brunswick e pertencente aos Condes de Lippe dêsde 1557, célebre pelos seus banhos carbonicos.

Spa, a antiga *Aquae Sepadonae*, cidade belga da Provincia de Lieja, no meio de montanhas, que se tornou importante depois do século XIV e cujas águas carbonicas e ferruginosas já eram conhecidas dos romanos. Seu nome vem da velha palavra *espa*, que significa fonte.

rival odiado, como quando o resultado duma aposta depende do capricho da sorte ou da esperteza do banqueiro, sentado com gélida indiferença do outro lado do pano verde. Essa esperteza é quase impossível no Rio de Janeiro, porque o baralho fica encerrado numa caixa de prata, cuja tampa só ligeiramente se levanta para tirar as cartas uma a uma. Não seria máu introduzir êste sistema na Alemanha, onde, de fato, o jôgo e os jogadores estão entregues às mãos do banqueiro. Na Itália, prendem as cartas à mesa com um prego e as vão arrancando isoladamente. Esta precaução agrada-me ainda mais. Mas, quando se tem ocasião de apreciar a arte dos prestidigitadores, a gente logo se convence de que tudo isto é inútil, se se tem de lidar com um adversário superiormente habilitado.

4

Num dos mais belos dias de julho, fiz com alguns amigos um passeio a cavalo ao Corcovado. Pequena cabana em frente ao convento de Santa Tereza (37) foi o ponto escolhido para nossa reunião ao despontar do sol. Lugar sobremodo atraente. O casario da cidade estende-se ao pé da montanha coberta de jardins e laranjeiras até onde é possível plantá-los. À beira do caminho, na citada cabana, uma jovem suiça serve modesto almôço com natural alegria, a tôdos encantando pelo interessante contraste de sua formosura virginal com a sensual beleza das cariocas. Chama-se Luiza e os alemães a apelidaram de Mariana (38), em memória daquela Mariana que, em idênticas condições, ganhou uma fama muito pouco compartilhada pelas mulheres atuais.

Em face da alegre cabana, erguem-se as tristes paredes do mosteiro, com janelas duplamente gradeadas (39). Quantas lágrimas de anelante saudade e de amargo arrependimento não terão sido vertidas alí! A gente sente o misterioso arrepio, que o leitor somente conhece através dos romances, na vizinhança dêste edifício de existência real. Os muros enegrecidos e sólidos como rochas e as frestas miudamente gradeadas separam as mulheres consagradas a Deus, alí reclusas, tão completamente do mundo exterior, que lá dentro nem um olhar entra, nem um raio de sol penetra e mal se ouve o som abafado do órgão, acompanhando os cânticos religiosos. Verdadeira encruzilhada da vida!

---

(37) O morro de Santa Teresa chamou-se antes do Desterro. Em 1629, já havia alí uma ermida com êsse último nome. Em 1714, os padres Marianos fundaram um convento no lugar da ermida, que em 1750 passou a ser de Santa Teresa.

(38) E' possível que aluda à personagem romantica que já indicamos em nota anterior.

(39) As grades duplas ainda se vêm nas janelas, do lado da ladeira de Santa Teresa, algumas até com pontas aguçadas como punhais.

Em tôdo o carater do edifício, se estampa a renúncia às alegrias da existência e só a alvíssima capela mortuária como que aponta um futuro mais suave.

Além do convento de Santa Tereza, o caminho sobe ao longo do Aqueduto a uma altura apreciavel. Depois de atingí-la, continua-se à beira dum morro pedregoso (40). Avista-se, à direita, um vale fértil que se alonga até S. Cristovão, como uma serpente sarapintada. Vê-se parte da baía. Depois, Catumbí e a Cidade Nova aparecem por trás de morros. Quanto mais se anda, mais vasto se vai tornando o panorama até que, enfim, o Aqueduto e, com êles, o caminho se perdem entre serras. Então, o aspecto da paisagem muda completamente (41). A cidade e o porto escondem-se detrás dos montes, enquanto surge à esquerda, entre a altura em que a gente se acha e o verdadeiro sopé do Corcovado, um vale, em tôdo o seu comprimento cortado por tumultuoso riacho, que desce pela floresta em pequenas cascatas para se despejar no mar. Tem tanta roupa estendida que parece um coradouro (42). Em apertado espaço, residências soberbas tranquilamente se erguem junto de pobres choupanas de negros. Nas duas ábas da serrania, sobem jardins e cafezais. Tôdos os lugares que podem servir para plantar estão aproveitados e, mesmo onde a pedra já se descobre à luz do dia, os meloais se ensombram de bananeiras isoladas, que brotam exuberantes nos intervalos das rochas.

Nos jardins, é tal a profusão das flores que até lá do alto se sente seu ofuscante esplendor. Os alvos oitões das casas ocultam-se a meio nas latadas de trepadeiras, cujas flôres côr de ouro agradavelmente se misturam ao frêsco verdor das folhagens. As magnólias parecem canteiros floridos boiando no ar. Na quente luz solar, ergue-se a colorida pirâmide das estrelitzias, que, à distância mais parece obra da arte dos homens do que das mãos da natureza. Mas é impossível enumerar tôdas as plantas e flôres maravilhosas a que o calor tropical dá vida, junto com as que as acompanham e foram trazidas para aquí de tôdas as partes do mundo.

A pequena fonte de onde sai um riacho mediocre é uma das belas raridades dos arredores do Rio de Janeiro (43), porque da altura onde se acha proporciona aos olhos êste cenário encanta-

---

(40) Naturalmente a atual rua Joaquim Murtinho, perto do Curvelo

(41) Adiante do França.

(42) O vale do Cosme Velho e das Laranjeiras, por onde corria o rio Carióca, ponto em que então se lavava a roupa da cidade. O autor o chama em alemão *Bleicherthal*, literalmente o Vale do Coradouro.

O nome de Cosme Velho veiu dum dos seus mais antigos habitantes e dono das terras marginais, em principios do século XVIII, negociante na rua Direita, atual 1.º de Março e Juiz da Irmandade de S. José.

(43) A nascente do rio Carióca, Catete ou das Laranjeiras, vulgarmente chamada Mãe d'Água.

dor, com suas animadas margens. De saias arregaçadas, inúmers lavadeiras pretas metem-se água até os joelhos e trabalham, brincando e cantando. Os brancos linhos estendidos a secar nos verdes capinzais como que tornam ainda mais negras essas figuras femininas, cujos movimentos têm uma graça especial. O som de suas cantigas, o dôce murmúrio da levada, o zumbir dos insétos que povôam o ar, o suave perfume que se evola da profundeza da mata, tudo isso nos mergulha num estado contemplativo em que se diluem tôdas as lembranças anteriores e qualquer outro pensamento.

No alto da montanha, o caminho perlonga o Aqueduto, em muitos lugares já bastante estragado. Perto da cidade, o canal é tôdo abobadado. Aquí, às vezes faltava a cobertura ou estava sendo consertada, o que me permitiu examinar internamente a maravilhosa obra. O que mais me admirou foi a exiguidade do fio de água, mais ou menos com um pé de largura e meio de profundidade. Calculei sua velocidade alí em 2 pés por segundo, o que dá uma quantidade de 86.400 pés cúbicos de água (44) correndo para a cidade em 24 horas. Devo fazer notar que meu cálculo se baseou em observação muito superficial.

Junto à fonte, que, por diversos rêgos entalhados na rocha, cái quase perpendicularmente da montanha, encontramos uma senhora assentada, esboçando a vista do vale e das serras que o emolduram. Confesso que escolheu felicíssima posição, pois dalí a vista abrange toda a extensão do vale, com estreita faixa da baía ao fundo e a serra dos Órfãos fechando, ao longe, o horizonte. Soube por uma pessôa que a acompanhava tratar-se da conhecida Mistress Graham, a quem o mundo das letras deve esplêndido quadro do estado moral e social do Brasil (45).

---

(44) Equivalente a 28.512 métros cúbicos.

(45) E' interessantíssimo o encontro. Maria Graham esteve duas vezes no Rio de Janeiro. Na primeira, de 1821 a 1823, escrevendo seu famoso livro "Journal of a Voyage to Brazil and residence there", publicado em Londres em 1824. Na outra, veiu ao Rio de Janeiro na segunda metade de 1824, para servir de preceptora ou aia da Princesa D. Maria da Glória.

O marido de Maria Graham, oficial da Marinha Britânica, comandava a fragata de Sua Majestade "Doris", na qual, trazendo sua mulher, partiu de Plymouth a 31 de julho de 1821 com destino ao Pacífico. Devido ao máu tempo, arribou a Falmouth, onde se demorou até 11 de agôsto. Chegou a Porto Santo, no arquipélago da Madeira, a 18 dêsse mês e saiu a 23; em Tenerife, nas Canárias, a 25 e partiu a 28. Passou o Equador a 15 de setembro. Demorou em Pernambuco de 22 dêsse mês a 14 de outubro. Ficou na Bahia de 11 de novembro a 8 de dezembro. A 15 estava no Rio, onde permaneceu até 10 de março de 1822, com uma interrupção entre 24 de dezembro de 1821 a 24 de janeiro de 1822, motivada por uma ida à Bahia. A 9 de abril de 1822, na altura do cabo Horn, o Comandante Graham faleceu a bordo da "Doris". Êle já partira doente do Rio de Janeiro. A "Doris" alcançou o Chile, de onde Maria Graham regressou ao Brasil no navio "Colonel Allen", que trazia Lord Cochrane, convidado a comandar a Armada Imperial. O "Colonel Allen" aportou à Gua-

Acampamos junto ao tanque de água cristalina, de onde sái o Aqueduto ,e comemos o farnel que haviamos trazido. Mistress Graham, que, ao contrário de suas conterrâneas, era pouco cerimoniosa e muito franca, nos ofereceu do seu chocolate, que bebia num copo e não numa chícara, acontecimento na verdade inaudito na vida de uma inglesa. Não era mais nova, nem bela, porém sua amabilidade natural conquistou todos os corações. Quando após algumas horas de descanso, continuamos nosso caminho, nos despedimos da excelente senhora, levando a bôa impressão que sempre se tem ao encontrar inesperadamente uma pessôa interessante, quer nos brilhantes salões da alta roda, quer na profunda solidão duma natureza silvestre.

No próximo monte aonde chegamos, ainda se viam vestígios de cultura em tôrno duma choupana semi-arruinada, alguns cafeeiros e pés de milho quase sufocados pelas ervas más e viçosas, pelas brenhas selvagens. Começa alí o caminho novo (46), que leva ao cume do Corcovado, cuja ascensão ainda há poucos anos era dificílima. A leste, êle se ergue quase perpendicularmente do seio das matas virgens que o circundam. A oeste, a elevação é menos ingreme e permite atingir o cocoruto. Trepa-se em ziguezagues por entre florestas e rochas. A subida foi muito praticamente traçada pelo Imperador em pessôa e está muito bem conservada (47).

A ascensão a cavalo se faz mais comodamente do que a do cume do Brocken, posto que lá houve necessidade de vencer obstáculos muito maiores do que os de qualquer outra estrada européia (48). O lado da subida está semeado de grandes penedos atirados a êsmo e coberto de tão densa floresta, cheia de

---

nabara no dia 13 de março de 1823, fez estadia até 21 de outubro e nêle Maria Graham tornou à Inglaterra, onde chegou a 18 de dezembro do ano citado.

Convidada para aia da Princesa D. Maria da Glória, a escritora inglesa veiu para o Brasil em 1824 no paquete "Falmouth" e chegou ao Recife em agôsto, encontrando o porto bloqueado pelos navios de Cochrane, seu ex-companheiro de viagem do Chile ao Brasil. Estalára a revolução e fôra proclamada a Confederação do Equador. Maria Graham esteve com o Almirante a bordo de sua capitânea e serviu de intermediária entre êle e os rebeldes, sem resultado.

E' nesta segunda viagem que o autor a encontrou nessa excursão ao Corcovado.

Maria Graham deixou depoimentos interessantíssimos sobre homens e cousas do Brasil no começo do século XIX.

(46) Os primitivos acéssos ao Corcovado, muito íngremes e difíceis, eram os chamados caminhos do Leite e do Peixoto.

(47) A estrada atual de acésso ao Corcovado, do Silvestre às Paineiras, segue o traçado do caminho do Imperador.

(48) O Brocken, *Bructerus Mons* dos antigos ou Blockberg, faz parte do massiço granítico do Harz, no sul da Alemanha. E' um píncaro solitário e imponente. Conta a lenda que, de 30 de abril para 1.º de maio, alí se reúne o *sabat* das feiticeiras e demônios, a famosa Nolte de Walpurgis. Os turistas são atraídos a êsse lugar para apreciarem o fenômeno

enrediças ligando árvores e pedras num tecido tão impeneetravel, que só a machado foi possivel abrir passagem. Aquí e alí, pequenas nascentes de água brotam debaixo das fragas, tôdas colhidas em canalizações artificiais, ora cavadas na rocha, ora de alvenária, e reunidas para formarem o pequeno manancial, que alimenta o Aqueduto. Subindo pelo torcicoloso caminho, vai-se encontrando o mesmo regato mais de uma vez, de modo que até quase o cimo da montanha não falta água pura e frêsca.

Ao meio da subida, existe um telheiro aberto, para geralmente se dar descanso aos cavalos. Deitamo-nos alí à sombra de árvores e esvasiamos nossa última garrafa de vinho do Porto. O ar estava inteiramente parado e a natureza em pêso repousava imersa no mais profundo silêncio. Cobras pintadas de anéis variegados moviam-se imperceptivelmente através dos altos capins. Esguios lagartos (49) espiavam com seus claros olhos à borda das fendas dos pedregais. Nenhum pássaro fazia ouvir seu canto, pousado nos troncos velhíssimos. Uma sensação exquisita se apodera da gente nessas florestas, completamente diversa da que provoca a rumorosa vida dos bosques alemães. Nos trópicos, parece não haver os passarinhos que animam com seus trinados as matas européias. Alí, só há aves aquáticas e de rapina, que se atiram do alto sôbre as prêsas, papagaios sociáveis, que amam as planícies ,e o esplêndido beija-flôr, que mais parece uma borboleta do que um habitante emplumado das selvas.

A mata vai rareando à proporção que a gente se aproxima da cumeada do monte. Encontra-se, por fim, um pavilhão hexagonal e, mais alto, encaixado numa lage chata como uma táboa, o longo mastro do telégrafo (50). Profundo abismo divide o pequeno planalto do tôpo, rodeado por um gradil de madeira, em duas partes unidas por uma ponte (51). Dalí, a vista é surpreendentemente bela. Floresta e serras ficam muito abaixo do pico, que domina tudo, perpendicularmente, do lado do mar. As ondulações montanhosas mostram-se em relêvo com o verde mais ou menos vivo dos arvoredos que as revestem. Nos vales que se enterram profundamente entre as matas virgens, como listas de côr, a vida grulha animadíssima. Planícies e praias cobrem-se de moradias e jardins. No meio, estendem-se maravilhosas lagôas (52), separadas do oceano por estreita restinga que a ressaca alternadamente desfaz e renova. A certa distância da costa, des-

---

ótico denominado *Espectro do Brocken*, em que a imagem de quem chega ao cúme se reflete, aumentada, nas nuvens, de fórma gigantesca.

(49) Possivelmente calangros.

(50) Telégrafo semafórico.

(51) A descrição que o autor faz do alto do Corcovado : pavilhão, ou belvédere, cabana, mastro, ponte, gradil, pequeno planalto e telheiro, combina de modo completo com a do Comandante da "Thetis", feita em 1824.

(52) Rodrigo de Freitas, Tijuca e Jacarépaguá.

fiam-se as contas dum rosário de ilhotas, que acompanham o seu contôrno, as ilhas das Palmeiras (53). A Redonda (54) com seu níveo farol, mira-se no claro espêlho das ondas. Mais além, os olhos somente divisam ar e água, ambos tão indescritivelmente cheios de côr e brilho, que é perder tempo tentar descrevê-los.

Às costas do observador, desdobra-se a cidade com suas igrejas e palácios, a baía e o porto coberto de incontáveis navios. Dêsse ponto dominador, avista-se em conjunto a desregrada beleza do Rio de Janeiro, que, como as trepadeiras dêste país tropical, avança os tentáculos para onde encontra espaço. Do lado de lá da baia, as massas fantásticas da Serra dos Órgãos perfilam-se no céu. Se o olhar acompanhar seus lineamentos, que ascendem para o interior da terra brasileira, compreenderá que a altura do Corcovado diante dos píncaros que se perdem no azul é insignificante. Até montanhas mais próximas o sobrepujam. Dizem que sua altitude é de 2.200 pés (55).

Na casinha do telégrafo, encontramos dois velhos inválidos prepostos à sua guarda. Como na América ninguem se preocupa muito com o futuro, tinhamos devorado as nossas provisões, sem deixar um tico, antes de alcançado o cume da montanha, na dôce esperança de obter alí por dinheiro ou palavras amáveis, pelo menos farinha e cachaça (56).

Malogrou-se nossa esperança. O jantar dos dois inválidos consistia em carne sêca assada nas brasas e feijão abundantemente temperado com pimenta e sumo de limão. Os bons homens o compartilharam conôsco, mas tivemos de saciar a terrivel sêde, que nos veio depois, na linfa cristalina da fonte. Ambos desculparam a falta absoluta de bebidas alcoólicas com o mesmo motivo: a propensão de cada um dêles para escorropichar o líquido que houvesse. Todavia confessaram que, sendo o caminho frequentemente percorrido por estrangeiros, seria bom negócio tê-las à venda. Provavelmente a culpa era de ambos. De resto, quando não se tem outra, a água uma bebida excelente, sobretudo tão gostosa e leve como a da fonte da Carioca, quase sem rival no mundo.

Regressamos depois de haver dado comida aos cavalos e descansado um pouco no pavilhão imperial. Como montassemos animais de aluguel, êmulos dé seus irmãos de Gotinga e Halle (57), o caminho se tornou perigoso, mas chegamos ao Aque-

---

(53) O arquipélago das Palmas, composto pelas ilhas Palmas, Cagarra, Ilhóta Grande, Ilhóta Pequena, Comprida, Redonda e Rasa.

(54) Aliás a Rasa.

(55) 666 metros, o que não está muito longe de sua altitúde exata: 720.

(56) A farinha, feita de mandióca, serve de pão no Brasil. A cachaça é uma péssima aguardente de cana de açúcar. (*Nota do autor*).

(57) Gotinga, Gottingen, antiga Gutingi, cidade universitária do Hanover. Halle, sobre o rio Saale, cidade universitária da Westfalia, Reino da Prússia, cheia de monumentos antigos, pátria do compositor Haendel

duto (58) sem novidade. Dalí descemos ao vale. Na primeira chácara da ladeira, pertencente ao negociante alemão Franz S., fomos acolhidos o mais amavelmente possivel pela graciosa dona da casa.

Essa residência campestre pertenceu antes ao Conde de Hogendorp, que alí terminou tragicamente sua trabalhosa vida. Num quente dia de verão, foi tomar fresco numa gruta existente entre penhascos, num dos lugares mais altos do terreno, ao pé da montanha. Parece que a brusca mudança de temperatura fez com que perdesse os sentidos e morrese. O fáto é que seus escravos só o encontraram dias mais tarde, quase devorado pelos animais selvagens e pelos vermes. Nem uma pedra marca o lugar onde o enterraram. Sua lembrança há muito se apagou no Brasil, pois vivia em grande pobreza. Para mim, os poucos vestígios que dêle encontrei tinham grande interêsse, porque o conhecera havia tempos. Talvez esta curta notícia de sua morte faça vibrar alguns leitores, porque, na verdade, êsse homem procedeu no norte da Alemanha de maneira certamente inesquecivel para muitas pessoas (59).

Infelizmente, o sr. S. (60) não estava na chácara e, apesar de sua encantadora amiguinha o esperar a cada instante, a noite se aproximava e não podiamos demorar, porque o caminho ao longo do riacho se tornára muito ruim com uma recente inundação. Despedimo-nos da interessante Betty e seguimos para a cidade. Os donos dos vários sítios estavam à porta das casas ou passeavam, gozando o delicioso frescor vesperal. Muita linda

---

(58) Naturalmente no lugar denominado Bica da Raínha, no Silvestre atual.

(59) O General Thierry, Conde de Hogendorp, holandês, nascido em Roterdão em 1761. Começou a carreira militar com 17 anos, na guerra da Sucessão da Baviera, combateu na guerra da Independência dos Estados Unidos e numa expedição às Índias, tendo sido várias vezes perseguido por suas idéias liberais. Foi Governador das Índias Neerlandesas e Embaixador de sua pátria na côrte de S. Petersburgo. Quando Napoleão deu a corôa da Holanda a seu irmão Luiz, o Conde de Hogendorp serviu-o como Ministro da Guerra e Embaixador em Viena, Berlim e Madrid. Depois da anexação da Holanda ao Império Francês, Napoleão fê-lo General de Divisão e o encarregou da defesa de Hamburgo, após a campanha da Rússia, quando governára a Prússia Oriental e a Silesia. Publicou um livro de "Memórias" em 1814. Bateu-se como Ajudante de Campo do Imperador até o último momento, em Waterloo.

Seu irmão, Gilberto Carlos von Hogendorp, comerciante, estadista e militar, defensor entusiásta do constitucionalismo, foi a alma da Independência da Holanda em 1813 e exerceu o cargo de Ministro de Estado.

Napoleão não esqueceu o General Hogendorp, em Santa Helena. No parágrafo 6.º do Codicilo escrito a 24 de abril de 1821 e reunido ao Testamento datado de 15 do mesmo mês e ano, em Longwood, o Imperador exilado declara: "Au Genéral Hogendorp, hollandais, refugié au Brésil, 100.000 francs". E recomenda a execução de suas últimas disposições a seu filho Eugenio Napoelão de Beauharnais, antigo Vice-Rei da Itália. Napoleão expirou às 11 horas do dia 5 de maio de 1821, onze dias após ter feito o legado a Hogendorp.

menina nos saudou com o seu — *Viva, Senhor!* acompanhado por aquêle adeusinho que as brasileiras sabem tão encantadoramente nos enviar com sua linda mão. É mais um aceno do que um cumprimento e o som dôce e aflautado da voz, o olhar ardente, a pinturesca posição do corpo raramente deixam de causar a mais viva impressão ao coração dum homem.

Mais ou menos ao meio do caminho, encontramos o sr. S., que, como a maioria dos negociantes alemães, costuma passar a noite em sua casa de campo. Instou amavelmente para que fossemos com êle, o que não podiamos de modo algum aceitar, embora soubessemos que passariamos agradabílissima noite em sua companhia.

Já o sol se escondera por trás dos montes e só as leves nuvens que velavam os mais altos píncaros da serra dos Órgãos se enfeitavam de tintas garridas com seus últimos raios. Êsses belos momentos em que a luz e a sombra intimamente se unem são tão fugazes nos trópicos que quase se não percebe a passagem do dia para a noite. O riacho corria, murmurando brandamente sôbre pedras e adufas (61), que de quando a quando lhe interrompiam o curso, para comodidade das lavadeiras. A límpida luz da lua começava a brincar nas densas franças das árvores. Negras solitárias, com suas alvas trouxas de roupa à cabeça, voltavam à cidade, cantarolando e assobiando, ou tomavam à porta das vendas um copo de cachaça.

Seguimos de vagar rumo ao Catete. A noite estava esplêndida. Tôda a natureza respirava deleite e perfumes. Foi numa noite assim que o sr. Franz viu a encantadora Betty sentada

---

Refugiado no Rio de Janeiro, o General Hogendorp cultivou a amizade do Conde da Barca e do Príncipe D. Pedro. A Rainha Carlota Joaquina acusava-o de ter sido uma das péssimas companhias do filho, o futuro Imperador do Brasil. O Barão de Neven, parente e representante diplomático de Metternich, considerava-o um dos perigosos portadores dos princípios revolucionários. Vivia, contudo, pobremente no sítio *Nova Sion*, que fundara nas faldas do Corcovado, na atual ladeira do Ascurra, hoje propriedade do Govêrno Brasileiro. Era alí o chamado Morro do Inglês, residência de Guilherme Young. Maria Graham visitou-o no dia de Ano Bom, de 1822. Vendia vinho de cajú e licor de grumixama, que fabricava. Seu quarto de dormir era pintado de preto com esqueletos. Seu sítio era vizinho do de Chamberlain. Lenthold, que o viu, lembrava-se de tê-lo conhecido como Governador da Prússia Oriental em Koenigsberg. Faleceu de repente, ignorando o testamento de Napoleão. Ao vestirem o corpo, verificaram que era todo tatuado. D. Pedro I mandou fazer-lhe o entêrro no cemitério protestante da Gambôa.

Em 1829, quando foi publicado êste livro, havia na sua plantação, 20 mil cafeeiros.

Os cronistas e historiadores dão como data de sua morte o ano de 1830. No entanto, o autor aquí a noticía e a edição de sua obra é de 1829. Como conciliar essas datas?

(60) O negociante alemão, no Rio de Janeiro, Franz Schneinert, que figura entre os subscritores da obra para 5 exemplares.

(61) Adufa tem em português duas acepções: resguardo externo de janela e comporta de rio. Está empregado na última.

numa pedra à beira do caminho, em companhia de uma negra gorda, ambas prestes a regressarem à cidade, com a roupa que haviam quarado às margens do ribeiro durante o dia. Já muitas vezes tinha notado aquela rapariga, única branca entre negras, sujeitando-se ao duro ofício de lavadeira. O fato de trabalhar dentro dágua deu-lhe ensejo para admirar, além de suas delicadas feições, a formosura do corpo, pernas bem feitas, nuca um pouco vergada, braços roliços, seio livre e cheio. Achou-a interessante e algumas vezes pensou nela. A ocasião era, portanto, propicia. Sem se preocupar muito com o que ela fôra até alí, ofereceu-lhe asilo em sua casa. Betty não achou má a proposta e, ao invés de voltar à cidade, deixou-se levar a galope, na garupa de seu cavalo, para a bela chacara. A amante dum marinheiro inglês do navio de Sua Majestade "Blossom" tornou-se dessa maneira a festejada soberana do coração dum rico negociante do Rio de Janeiro (62).

5

Se o generoso leitor me acompanhou com algum interêsse nestas peregrinações por florestas e penhascos ou pelas ilimitadas praias do oceano, se minha pena conseguiu fazer com que, por instantes, vislumbrasse os grandiosos aspectos duma rica natureza, nada mais fiz do que delinear com leves traços um quadro fiel do maravilhoso país, que, premido pelas circunstâncias, costumava considerar minha segunda pátria. Desta vez, porém, vou tentar pintar um cenário diferente, o de uma Côrte brilhante que, apesar de sua azáfama em tomar a Europa como inspiração e modêlo, não perde as particularidades que lembram sempre se achar no hemisfério meridional.

Sir Charles Stuart chegou ao Rio de Janeiro a 18 de julho a bordo da fragata "Wellesley" (63). O fim de sua missão de há muito era sabido e comentado por toda a gente. Quando o telégrafo anunciou a aprorimação do navio, o povo se reuniu no largo do Paço, afim de presenciar uma recepção, que, na sua opinião, devia superar tudo o que até então tinha visto a leal e heroica cidade. Como se não sentiram decepcionados os bons cariocas por não ter sucedido nada do que esperavam ! A "Wellesley" ancorou, trocando os cumprimentos comuns de qualquer vaso de guerra com as fortalezas.

Sem maiores formalidades, Sir Charles seguiu numa chalupa

---

(62) O itinerário da excursão ao Corcovado realizada pelo autor, pode ser indicado da seguinte maneira: subida pela ladeira de Santa Teresa, passagem pelo Curvelo e França, Silvestre e cume, acima das Paneiras; descida pela atual ladeira do Ascurra até o vale das Laranjeiras e volta à cidade pelo Catete.

(63) Precedeu-o Felisberto Caldeira Brant dias antes no "Plover", anunciando sua vinda.

para S. Cristovão e somente depois do anoitecer a multidão se dispersou, para cada qual meditar a seu modo sôbre aquela recepção que não correspondera à expectativa de tôdos. Assim é êste povo!' Porque todas as fortalezas não deram uma salva real e não se queimou um fogo de artifício em dia claro; numa palavra, porque nada houve para contentar seus olhos, concluiu que nada se acertára sôbre o reconhecimento da Independência do Brasil por Portugal.

Realmente, durante vários dias, em tôdos os cafés e barbearias da cidade, só se falava em Sir Charles e sua fria recepção. Os portugueses levantavam a cabeça e o verdadeiro burguês brasileiro referia-se a intrigas inglesas e à ameaça à liberdade do jovem Império pela recolonização (64). Durante as negociações S. Excia. nunca se mostrou em público, o que não era próprio para despertar no povo grandes esperanças no resultado de sua missão. Tôdos ansiaram pela data de 7 de setembro, aniversário da Proclamação da Independência, porque era sabido que, nêsse dia, Sir Charles seria recebido em audiência solene.

O calendário brasileiro está cheio de festas religiosas e políticas, ambas de duas classes: grandes festas de igreja, festas de primeira categoria ou dias santos de guarda; e pequenas festas, festas de segunda ordem ou dias santos de remissão. Do mesmo modo, na Côrte, há dias de grandes e dias de pequena gala. O 7 de setembro, data mais importante da história do Brasil Imperial, é um dia de grande gala. Tôdas as autoridades superiores militares e civis compareceram ao Paço, com suas fardas ou trajes de côrte ricamente bordados a ouro. O alto clero vestia pluviais de sêda rôxa e roquetes de crepe branco. Os frades traziam os hábitos de suas ordens. A Guarda Imperial (65), formada no largo, apresentava armas aos Ministros que chegavam de carruagem seguida por um correio a cavalo. Fez-se a mesma honra ao

---

(64) Êsse temor da recolonização dominava o espírito público na época. Sabemo-lo por muitos depoimentos que confirmam o do autor. A documentação é grande a respeito. Daí a ansiedade em saber que solução traria o diplomata inglês sôbre o reconhecimento da Independência do Brasil por Portugual. A alviçareira carta do Imperador à Marquesa de Santos sôbre a ratificação do tratado respectivo é um índice do pensamento da nação. Êsse temor da recolonização foi explorado pelos agitadores, para lançar brasileiros contra portugueses e vice-versa na noite das Garrafadas, no Mata-Bicudo e no Mata-Galego. Ainda o aproveitamento para impopularizar o próprio Imperador até lhe ser arrancada a abdicação de 7 de abril de 1831. ,

(65) Não sabemos a que corpo de tropas se refere o autor. Nunca houve Guarda Imperial no Brasil. A Imperial Guarda de Honra, composta de três esquadrões de cavalaria, não parece indicada para formatura em continência. O Batalhão do Imperador achava-se em Montevidéu. A Guarda Imperial de Archeiros, de reduzidíssimo efeitvo, só era própria para serviço interno no Paço. Referir-se-á ao Corpo de Estrangeiros, embora nunca tenha sido oficialmente considerado como tal?

venerando Coutinho, Bispo do Rio de Janeiro (66), à favorita imperial D. Domitila, Condessa de Santos, e ao Embaixador Inglês, Sir Charles Stuart.

Êste chegou por volta do meio-dia, acompanhado pelo Coronel Freemantle e outros oficiais do Exército Britânico. Os da Armada não vieram por ter tido o Almirante Inglês pouco antes séria divergência com o ministro da Marinha sôbre o protocolo, que, no Brasil, é questão de ponto de honra, considerada ciosamente como em nenhuma outra parte do mundo.

Os oficiais da Esquadra Francesa, o Agente Austríaco, conhecido como Emissário da Santa Aliança (67), os diversos Cônsules e outros estrangeiros de distinção haviam chegado mais cêdo e esperavam a Família Imperial num dos salões, onde também costumavam se reunir as Damas da Imperatriz e as mulheres dos funcionários superiores do Estado. Em baixo, no atrio vasto e ventilado, acotovelava-se a variegada multidão de Oficiais, Padres, Camaristas, lacaios de libré, em resumo tôdos quantos dão brilho a uma festa pela quantidade, sem que a qualidade de cada um, individualmente, tenha a menor importância.

Ao pé da escadaria, postára-se a banda de música do célebre Batalhão dos Perequitos, com suas belas e ricas fardas, pagas, talvez pelo saque de Pernambuco, onde êsse corpo lográra truculenta fama por seu desenfreamento, por inúmeros roubos e extorsões, e pelo assassínio do General Felisberto, irmão do Marquês de Barbacena (68). Quando o Imperador chegou, a Guarda Imperial de Archeiros formou em fila na ante-sala e na escada

---

(66) D. José Caetano da Silva Coutinho, Bispo do Rio de Janeiro, português, nascido nas Caldas da Rainha, em 1767 e falecido no Brasil, em 1833. Doutor em Cánones pela Universidade de Coimbra. Em 1804, foi nomeado Arcebispo titular de Cranganor, e em 1808, Bispo do Rio de Janeiro. Foi Capelão de D. João VI e presidiu a Assembléia Geral Constituinte, de 1823.

,(67) O Barão Wenzel von Mareschal.

(68) A alcunha de Periquitos foi dada no Brasil, durante o Primeiro e Segundo Reinado, a vários batalhões de caçadores, quer do Exército, quer da Guarda Nacional por usarem lapelas, vivos, chouriças e penachos verdes e amarelos, que lembravam a plumagem dessas aves. Houve um Batalhão de Periquitos, o 3.º de Caçadores de Pernambuco, dissolvido por Decreto de 7 de agosto de 1822, que atraiu os ódios da população do Recife por se aproveitar da situação política e da confusão reinante para saquear a cidade. Houve outro, o 3.º de Caçadores da Bahia, cujos soldados mataram o Coronel Felisberto, Comandante ou Governador das Armas, sendo por isso dissolvido por Decreto de 16 de novembro de 1824. E houve um terceiro, o 25.º de Caçadores de 1.ª Linha, depois 26.º, constituido com os restos do de Pernambuco e do da Bahia, enviados, após a dissolução ao Recife, que no Rio de Janeiro constituiu, com dois batalhões de Caçadores estrangeiros, a 9.ª Brigada de Infantaria. E' a êsse que se refere o autor.

O Coronel e não General Felisberto Caldeira era parente e não irmão do Marquês de Barbacena, servira às ordens do General Labatut, na Guerra da Independência e dirigira o ataque ao forte de Itapoã. Muito ambicioso, fomentára a anarquia militar naquela Província, afim de subir. *Magna pars* na deposição daquele General, do Comando das Armas, em maio

(69). O Reposteiro-Mór, Conde de Canta-Galo, recebeu Sua Majestade à porta (70). Uma espécie de Rei d'Armas conduzia à sua frente a bandeira do Imperio. Rodeado pelos ministros e altos titulares da Côrte, D. Pedro, com sua Esposa e a Princesa D. Maria da Glória, se dirigiu à Sala do Trono, enquanto estrondosa música de janízaros tocava o Hino Imperial, composto por êle próprio (71).

Alguns minutos depois, o Imperador apareceu a uma sacada e comunicou em sucintas palavras ao povo a súmula do tratado concluido com Portugal, sob garantia da Inglaterra. Altos e repetidos vivas o saudaram no meio do troar dos canhões da fortaleza da ilha das Cobras, fronteira ao Paço, que davam a salva imperial (72).

Quatro anos antes, dias depois de proclamar em S. Paulo a independência do Brasil, o Imperador apresentou-se no teatro do Rio de Jneiro com uma fita amarela na manga da farda, na qual se liam as palavras — "Independência ou Morte!" Desde então, isso se tornára o distintivo nacional que militares e civis traziam no braço, o clero e algumas senhoras independentes no peito. Êsse distintivo, de acôrdo com o exemplo dado pelo Monarca, foi então arrancado, porque, estando o Brasil reconhecido pela antiga Metrópole como Estado Soberano, alcançára sua liberdade política e não havia mais necessidade de morrer para preservá-la.

Enquanto isso acontecia, no interior do Paço, a massa dos

---

de 1823, dissera, quando o prenderam: "Um general não se prende, mata-se!" No mesmo ano, promoveu uma manifestação contra a posse, no ambicionado cargo, do General Morais e contra a do Coronel José Joaquim de Lima e Silva.

Afinal, conseguiu ser Governador das Armas, tendo eliminado os rivais, mas foi vítima da indisciplina que fomentára. A 25 de outubro de 1824, um grupo de soldados do Batalhão de Periquitos, 3.º de Caçadores, comandados pelos alferes Jacinto Soares de Melo e José Pio de Aguiar Gurgel, o mataram barbaramente em sua própria casa, ao que se seguiu a anarquia militar na cidade. Os soldados soltaram foguetes à passagem do seu entêrro pelo quartel e desmandaram-se. Felizmente, as Milícias apoiaram o Presidente da Província, Francisco Vicente Viana, e o Coronel Antero JoséFerreira de Brito, recem-chegado de Pernambuco, assumiu o comando do 1.º e do 2.º de Caçadores de 1.ª Linha, e restabeleceu a ordem. O batalhão rebelde foi embarcado e posteriormente dissolvido. Nomeou-se uma Comissão Militar para apurar os fatos, a qual julgou os implicados no crime, sendo executados os cabeças do motim. O Sargento-Mór, Sotero, instigador do assassínio, foi fuzilado a 15 de janeiro de 1825, no Campo da Pólvora, ao pé da forca, por se ter o carrasco recusado a enforcá-lo. A 22 de março seguinte foram executados o Tenente Gaspar e 2 soldados. Os outros réus evadiram-se a tempo.

(69) Havia duas ante-salas no Paço, a Sala dos Camaristas e a Sala das Damas. Antes delas vinha a Sala dos Passos, espécie de Sala dos Passos Perdidos. Também havia a Sala dos Tudescos, em memória da antiga Guarda Alemã, que houvera em Lisboa. Nela ficavam os Archeiros.

(70) João Maria da Gama Freitas Berquó, Barão, Visconde e Marquês de Cantagalo, falecido em Lisboa a 9 de março de 1852, filho de José

cortezãos se comprimia, subindo de vagar as escadas. Eram mais ou menos 2 horas da tarde quando a oficialidade do nosso batalhão chegou à Sala do Trono, decorada com muito gôsto, embora sem muito brilho. Da escadaria entra-se por duas portas em uma ante-sala, onde ficam as Damas da Côrte, o sequito dos Príncipes e tôdas as pessôas merecedoras de especial atenção. Os demais, sem consideração à hierarquia, formam longa fileira, que, aos poucos, se vai aproximando do trono. Logo que a gente se torna o primeiro anel dessa cadeia, faz pequena pausa, chega ao trono, verga um joelho nos degráus e beija a mão do Imperador, depois as da Imperatriz e da Princesa, com o mesmo cerimonial. Por fim, com três profundas reverências, retira-se pela porta oposta.

O Imperador vestia um uniforme de Marechal, azul, ricamente bordado a ouro, calças brancas e duras botas de Dragão, trazendo tôdas as condecorações de Portugal e do Brasil (73). Com a mão esquerda segurava o chapéu de plumas ondeantes, pousando sôbre o punho do sabre em que, uma vez por outra, se apoiava em posição muito marcial. A Imperatriz, em traje de côrte, cobria-se com uma touca bordada a ouro e prata, ofuscante de brilhantes. A Princesa apresentava-se com a maior simplicidade. A encantadora menina trajava vestido de setim azul guarnecido de flôres e de renda prateada, com o louro cabelo emoldurando em delicados cachos a serena fronte, sôbre que pendiam alguns caracóis. Os olhos azues e profundos brilhavam já com o fulgor meridional no rosto infantil, virginal e lindo. No seu porte elegante e orgulhoso, como que se adivinhava a imagem remoçada de seu cavalheiresco pai, de quem é a filha predileta .

Por todas as janelas abertas do salão entra a fresca brisa do mar. O dossel de veludo verde do trono, franjado e bordado a ouro com as armas do Brasil, agita-se brandamente para lá e para cá. A vida estuante, que vai lá por fora, vem ressoar de envolta com o troar dos canhões e o repique dos sinos, nêsses aposentos suntuosos. Respira-se o mesmo perfume refrescante dos laranjais que erra pelas ruas da cidade. Vêem-se os mesmos rostos de côr, a mescla de preto e amarelo que caracteriza a nação; mas de roupas bordadas, de pluviais ou de fardas

---

Mauricio da Gama e Freitas, Fidalgo Cavalheiro da Casa Real, Doutor em Leis, e de sua mulher, D. Josefa Maria Ana Berquó, Açafata de D. Maria I e Dona da Câmara da Princesa Viuva D. Maria Benedita, casado com D. Maria Teresa Pinto Guedes Smissaert Caldas, Ajudante do Quartel General da Imperial Guarda de Honra, Reposteiro Mór do Paço, amigo fiel de D. Pedro I a quem acompanhou a Portugal, depois da abdicação de 1831.

(71) O Hino da Independência.

(72) 101 tiros de peça.

(73) Tal qual está figurado na grande téla de Henrique José da Silva, no Museu Histórico Nacional.

reluzentes. Falta unicamente uma guarda de corpo composta de Botocudos, ao invés de mercenários alemães, distribuida pelas portas do palácio, para completar a idéia que se tem de se estar na côrte dum Inca moderno (74).

Então, saindo do palácio e se misturando à multidão em tumulto, olhando por cima do espêlho da baía para o esplendor áureo do sol, a ilusão é ainda maior. Nas montanhas circunjacentes, verdejam, ainda tranquilamente luminosas, as antigas florestas, cobertas pelo mesmo céu azul, com a luz a refractar-se nas ondas, do mesmo modo glorioso daquêle dia em que o venturoso Cabral descobriu a terra brasileira. Séculos passaram; porém a natureza continúa conservando seu carater peculiar. Será possivel que não tenha influência sôbre o homem que nela habita? Será que os grandiosos fenômenos por ela oferecidos aos olhos materiais não podem vencer o espírito de intriga e de baixa cobiça, acendendo no coração de seus filhos o fogo de um puro amor à pátria?

Só o futuro poderá responder a estas perguntas. Eu, pelo menos, não posso abandonar a bela crença de que êste povo, a quem seus antepassados deixaram como bem inalienavel a lembrança de feitos cavalheirescos e que, pelo nascimento, está prêso a um país rico e previlegiado pela natureza, com o tempo virá a ser tão grande como o ambiente natural em que vive. Sentirá, então, orgulho de ser um povo mestiço, como o considerou a arrogância européia e o qualificou o ciúme de sua metrópole. A côr da pele nunca decidiu do valor dos povos. Sábias leis, uma constituição liberalmente executada, coragem marcial contra os inimigos e inabalavel integridade na vida íntima são os verdadeiros alicerces da grandeza nacional. E, em verdade, o germen de tão excelentes qualidades está latente no coração de tôdos os brasileiros (75).

6

Em linda manhã, tomei passagem num dos horríveis barcos que trafegam entre o Rio de Janeiro, o Porto da Estrêla e outros lugarejos do fundo da baía, mantendo regularmente, como as embarcações de mercado da Europa, as comunicações da capital com a redondeza. Tencionava visitar a Fazenda da Mandioca,

---

(74) O autor, impressionado pelo ambiente brasileiro, tão diferente, sobretudo naquele tempo, da fria Germânia, tem essa mania, que abrolha a cada passo, de querer guardas de honra compostas de Amazonas ou de Botocudos.

(75) Êste é um dos mais lisonjeiros juizos feitos naquele tempo a respeito do Brasil e dos Brasileiros. O autor compreendeu muita coisa do nosso país e teve sincera fé no nosso futuro, como mais de uma vez faz sentir.

pertencente ao sr. Von Langsdorf (76), à qual os jornais alemães se têm referido muitas vezes, e, principalmente, o Cavalheiro von Schaffer, em sua obra "O Brasil como não é" (?), pintou como uma maravilha de agricultura. Era no fim do verão tropical, a chuva tinha cessado, o céu, embora aquí e alí toldado por núvens dispersas, tornava a desfraldar a espaços seu esplêndido jôgo de côres, e o sol espiava a terra curioso e admirado, por entre os véus das neblinas que se desfaziam. Deleitava-me com o espetáculo, justamente porque me lembrava um pouco a Europa, onde quase nunca se vê o brilho da luz solar num céu espanado de núvens.

Entrei numa embarcação das mais frágeis que existem, cheia de gente de tôda espécie. Cada qual procurava um cantinho sob o palheiro que a cobria à meia-náu, afim de se defender dos raios do sol e de qualquer chuva inopinada. O brasileiro de côr tem mais medo dum chuvisco do que do sol quente e, se me não engano, eu era o único branco no meio de uns quarenta indivíduos (77).

O patrão, um dêsses homens que devem sua fôrça à feliz mistura de raças, recebeu-me com a exagerada cortezia dessa gente, levada por um capricho ou pelo interêsse. Logo, a variegada companhia me cedeu o assento de honra, no banco ao pé do leme, forrado de esteira. Depois que me sentei, tôdos se acomodaram sôbre os caixões e cêstos que enchiam o barco, em grupos pinturescos.

A brisa fresca encheu a vela remendada por mais de cem molambos e, com grande presteza, o patrão guiou a barca pelo meio dos navios surtos no porto até o "Vasco da Gama", gigantesco casco fundeado na extremidade do ancoradouro, servindo de presiganga para os condenados a galés (78). O vento soprava de noroeste, o mais desfavorável possível para nos conduzir ao Porto da Estrêla. Bordejamos, mas sem conseguirmos adiantar caminho, porque era impossível bolinar com aquêle caixão velho. Além disso, a cada virada de bordo, a vela ia se tornando meia transparente e ameaçando rasgar-se tôda. Com mil pragas, o pa-

---

(76) Cônsul da Rússia, no Rio de Janeiro, a quem já nos referimos pormenorizadamente em nota anterior. Sua fazenda *Mandioca* é citada em vários autores coévos.

(77) Um século depois, em 1927, Rudyard Kipling fazia a mesma observação, olhando das janelas do seu quarto, no Hotel Glória, os banhistas que vinham todos molhados do Flamengo se abrigarem sob as árvores, fugindo a uma chuva que caira.

(78) A náu de 74 peças "Vasco da Gama" viera de Portugal e a 12 de junho de 1816, sob o comando do Capitão de Fragata, Pedro Nunes, hasteando o pavilhão do Chefe de Esquadra Rodrigo José Ferreira Lobo, partiu do Rio de Janeiro para Santa Catarina, levando o General Carlos Frederico Lecôr, que ia comandar a invasão do Uruguai contra Artigas. Por imprestável, foi mais tarde transformada em pontão e presiganga na Guanabara.

trão mandou arriá-la e tomar os remos longos e pesados, que começaram a ferir as águas. A cada remada seguia-se aquêle rumor especial com que os negros tornam perceptivel ao ouvido qualquer emprêgo de fôrça, espécie de arquejar, que lembra o dos cavalos obrigados a penoso esfôrço.

Seis escravos bem nutridos e luzidios manejavam os remos e parte dos passageiros de côr os ajudava, mas quase não saíamos do lugar, porque o tôldo de palha oferecia ao vento uma barreira que empurrava a embarcação para trás. Fomos nos arrastando devagarinho pela superfície encrespada da baía, enquanto os veleiros que vinham para a cidade, em direção contrária, passavam por nós velozes como raios.

A parte de côr da população brasileira oferece matéria interessantíssima às observações dum filósofo. Na fórma do corpo, nas feições, no cabelo e nos olhos dessa gente se notam as diferentes gradações das raças que participaram de sua mestiçagem. É exquisito que, nos indivíduos produzidos pela mistura de indígenas e negros, a carapinha e o luzente negror dos olhos se percam muito mais depressa do que nos verdadeiros mulatos, nos quais os característicos africanos perduram até a terceira geração, quando começam, então, a se tornar menos perceptíveis. As mulheres com um quarto de sangue negro quase sempre são inteiramente brancas, mas com o cabelo muito crespo e os olhos belíssimos de suas mães, comparados com estrêlas cintilantes, numa noite negra como um corvo, por Basílio da Gama (79).

Os cabôclos herdam cabelos muito lisos e pretos, e um brilho especial dos olhos, que só se encontra nos americanos. Se me não falha a memória, já comparei antes êsses olhos com os das lagartixas. De fáto, a semelhança é surpreendente.

Gordíssima negra estabelecera à prôa da embarcação uma cantina ambulante, servindo-nos excelente café. A filha, esperta menina de 12 anos, ao trazer-me minha caneca, chamou-me Excelência e me beijou a mão, tal é, nêste país, o prestígio da branquidade e de alguns vintens inteligentemente e apropriadamente gastos. O patrão tambem me tratava por Excelência. Ao princípio, acha-se graça no título, depois vem o hábito e não se liga mais importância. Creio que se deve dar o mesmo com nossas Excelências européias.

Doze anos é a idade em flor das africanas. Nelas há, de quando em quando, um encanto tão grande que a gente esquece

---

(79) Basílio da Gama, um dos melhores poetas brasileiros, vivia em princípios do século passado. Escreveu o poema épico "Uruguai", notório por suas belezas poéticas, mas mal afamado como libelo contra os Jesuitas, cujos méritos de há muito estão reconhecidos por grande parte da América do Sul e têm sido confirmados nos últimos tempos. O verso citado é da "Quitubia", poesia em que êle descreve as guerras dos portugueses em Angola (*Nota do autor*).

a côr. As negrinhas são geralmente fornidas e sólidas, com feições denotando agradavel amabilidade, e tôdos os movimentos cheios de graça natural, pés e mãos plasticamente belos. Lábios vermelhos-escuros e dentes alvos e brilhantes convidam ao beijo. Dos olhos se irradia um fogo tão peculiar e o seio arfa em tão ansioso desejo que é dificil resistir a tais seduções (80). Até o digno Clapperton (81) muitas vezes compartilhou as mesmas sensações que me assaltavam no momento, sem disso se envergonhar. Por que deverei eu me deixar influenciar pela soberba européia e negar um sentimento que se não originava em baixa sensualidade, mas no puro agrado causado por uma obra prima da Criação? A menina que se achava à minha frente era, a seu modo, uma dessas obras primas e, para ela, eu me podia servir das palavras do inglês: "a beautiful negro lady".

A viagem decorreu mais rápida entre ilhas floridas, numa das quais aportamos para almoçar em alegre casinha, rodeada de cinco ou seis choupanas de negros e mergulhada num laranjal carregado de pomos de ouro. O dono da fazendola, velho português, alí passava o resto de seus dias em filosófico retiro. Recebeu-me hospitaleiramente, como é costume, e comigo repartiu sua frugal refeição, suculento prato de mão de vaca. A arte da cozinha portuguesa, como a da chinesa, é inexcedivel no preparo das gelatinas de tôdas as qualidades, com môlhos muito picantes. Ao invés de pimenta do Reino, usa a pimenta da terra, vulgarmente chamada Ay. Em geral, prefere o álho à cebola .Põe queijo ralado na sôpa. O espesso vinho de Portugal casa-se maravilhosamente com as comidas muito temperadas. E à sobremesa, frutas tropicais, as melhores que se podem encontrar no mundo, refrescam agradavelmente o queimado paladar.

Continuamos a viagem ao entardecer. Com vento favoravel, pudemos ir a vela; mas, em breve, aumentou tanto que o pano voou em pedaços. Ao mesmo tempo, a chuva desabou tão violentamente que era impossível ficar ao leme. Não se alcançaria o Porto da Estrêla com aquêle temporal. Encalhamos sob os trovões e à luz dos relâmpagos, na praia rasa da ilha de Itara-

---

(80) Sempre a sedução das negras...

(81) Hugo Clapperton, viajante escossês nascido no Condado de Drumfies, em 1788 .Começou por servir algum tempo na marinha mercante e na de guerra. Em 1820, iniciou suas explorações na África, penetrando com o Major Dunham, no Império dos Felatás. Foi o primeiro europeu a visitar as cidades africanas de Kano, Kachão e Sokoto, bem como a região do Tchad, em 1823. Partira de Trípoli para o Sudão através do Saara. Voltou ao Continente Negro em 1825, desembarcando em Quidú e pela colônia de Lagos demandando o sertão. Morreu de disenteria em Sokoto. Seu criado, Rich Lander, trouxe à Inglaterra os seus papéis. A relação de suas viagens, feita de acôrdo com êles, foi impressa em Londres, de 1825 a 1827, e traduzida, depois, em francês, por Eyriés de la Renaudiére.

E incrivel como o autor está sempre ao par das coisas do seu tempo.

jara (82). Os negros pularam nágua, a maior parte dos passageiros os seguiram e, unindo suas fôrças, puxaram a embarcação o mais que puderam para a terra firme.

Quando a chuva cessou, vi-me nas proximidades de vistoso convento erguido em pequena colina, ao meio de jardins e campos férteis. A arcaria do edifício dava para o mar, aberta sôbre um terraço para onde se subia por uma escada coberta de parreiras. Tocavam naquêle momento as Ave-Marias. As mulheres seguraram os rosários, os homens tiraram os chapéus, e tôdos fizeram uma prece silenciosa. Essas periódicas interrupções dos trabalhos pelas orações sempre me causaram profunda impressão. Num país onde somente se buscam proveito e gozos, é comovente vêr homens de tôdas as côres e categorias se dirigirem juntos a um Ente Supremo e render-lhe o tributo da oração. Se isso não fôr somente uma cerimônia sem alma, o que se não pode presumir, deve-se louvar um costume pelo qual mesmo a consciência mais rude e mais perversa é obrigada a ceder ocasionalmente às sugestões dum sentimento melhor. Não tive, então, a menor idéia de que se não terminaria aquêle dia sem que eu fizesse uma experiência, que me provou ter tôda a nossa filosofia muito pouco fundamento, quando o sentimento religioso desperta. Mas o tempo e a convivência haviam preparado de longa data êsse momento para que êle passasse sem deixar vestígios, como muitos outros em que uma voz superior fala ao homem.

Sentei-me sob a arcada do convento num dos bancos de pedra postos ao longo da parede, em tôdo o comprimento do edifício.

---

(82) Por mais tentativas que fizessemos, não conseguimos identificar o local que o autor indica com êsse nome. Nenhuma ilha assim chamada, figura no minucioso mapa da Guanabara, segundo o manuscrito de Manuel Vieira Leão, de 1820. Com a expressão tupí *ita,* pedra, alí se vêm Itatinga, Itaoca, Itabací, Itanhangá. As menos conhecidas lá estão assinaladas como a Saravatá ou do velho Camarão. Em nenhuma delas, porém, jamais houve um convento. Os três estabelecimentos religiosos conhecidos em ilhas na baía do Rio de Janeiro foram. o dos Jesuitas, em Paquetá; o dos Franciscanos, na ilha da Coqueirada, doada em 1704, por D. Inês de Andrade e crismada em Bom Jesus dos Frades, e o dos Beneditinos, na do Governador.

Thevet e Léry chamam a essa ilha *Margerjiast* ou *Mbaracajás,* nome dos gatos selvagens. Daí alguns a chamarem ilha dos Gatos. Para Laet, era a Ilha Grande. Também teve o nome de Rasa e dos Sete Engenhos. Os índios a denominavam Paranapuan. Prevaleceu o de Governador, por ter sido propriedade do Governador Salvador Corrêa de Sá, o Velho, que a comprou por 200 mil réis a D. Barbara Castilho, viuva de Miguel Aires Maldonado.

Parte da ilha foi doada aos Beneditinos, pelo Capitão Manuel Fernandes Franco, em 1695. Em 1808, o Abade de S. Bento, Frei João da Madre de Deus fez preparar alí uma casa para hospedar D. João VI, que estabeleceu na ilha uma plantação de chá e uma coutada. A Imperatriz D. Leopoldina fez lá uma espécie de jardim zoologico.

Como o único estabelecimento beneditino na Baía de Guanabara tenha sido êsse, é quasi certo que a êle se refere o autor. O nome desconhecido de Itarajara só pode ser atribuido a um engano ou lapso de memória.

Um escravo trouxe-me pão e vinho num copo de prata. Seguiu-se-lhe um frade com um cestinho de laranjas seletas. Levantei-me e agradeci-lhe. Sentou-se junto a mim, o que me permitiu observar bem seu rosto, uma dessas fisionomias agudas que ganham vistas de perfil. Não sei que lembranças despertaram em mim, ao olhar para êsse monge. Fitei-o em silêncio durante meio-minuto. Parecia por sua vez surpreendido. E ambos procuravamos, no fundo das antigas recordações, alguma coisa que nos explicasse êsse encontro, quando, de repente, êle me disse em alemão:

— "O senhor é alemão como eu. Estou certo que já nos vimos e nos falamos muitas vezes em outra situação; mas minha memória falha e não me recordo onde nem como. Diga-me seu nome".

Disse-o, êle meditou um instante e tornou:

— "Chamo-me Frei Marcelino; porém no mundo meu nome era Eduardo W. Nada lhe recorda êste nome?"

Ai exclamei:

— "O senhor é mesmo Eduardo W, que conheci em Gotinga e, mais tarde, tornei a encontrar em Berlim, onde nossos estudos nos reuniram, Eduardo W., alma da roda espirituosa que frequentava a casa do Conselheiro de Estado T.?! Que faz agora aquí nêste hábito?"

Leve sorriso desfranziu o rosto do frade. Depois, falou:

— "Não mudei somente de traje, também minha alma mudou. O homem que veste êste burel tornou-se outro. Ouça a minha história".

Marcelino, o ex-Eduardo tão cheio de vida e folgazão, homem cujo arrôjo e resolução em julgar e agir muitas vezes admirára, contou-me uma história, que profundamente me comoveu. Não direi o que senti nessa ocasião, mas não posso deixar de exprimir o desejo de que ela provoque nos que a leiam sentimentos idênticos aos que experimentei, quando a ouvi. Marcelino não era um insípido anacoreta cansado da vida, mas um homem na fôrça da idade viril, a cujo corpo o hábito dos Beneditinos dava imponente dignidade. Os cabelos louros escuros circundavam como uma corôa sua cabeça raspada. Em seus olhos ardia o calmo brilho, que é espêlho das almas em paz consigo e com o mundo.

A CONVERSÃO DE MARCELINO (83)

"Nasci em um país cuja natureza e cujo culto não levam o espírito aos sentimentos religiosos. A educação que recebi deixava de lado tudo o que os pudesse incitar. E, desde a mais tenra juventude, fui arrastado pelos turbilhões da filosofia moderna.

(83. No original: *Marcelin's Geschichte*, literalmente a *História de Marcelino*.

Tornei-me cético, mais influenciado por uma vaidade pueril do que convencido pelas provas dum sistema que rejeita tôda fé e lança suspeição sôbre tôdo o conhecimento.

Acostumado pelo estudo da matemática a chegar a uma série de verdades incontestáveis, às vezes perguntava a mim próprio aonde poderá conduzir essa filosofia, que sabe destruir, mas não edificar. Quanto mais por ela me embrenhava, maior era a minha sêde de verdade. Partilhei a sorte de Tântalo: a água fugia de meus lábios no momento em que julgava alcançá-la. Abalados pela metafísica, ví até os alicerces de minha ciência predileta, a matemática. Ao invés da verdade que desejava, logrei a convicção de que se não pode basear grande coisa em tôdos os conhecimentos humanos.

Nessa ocasião, estava bem encaminhado para chegar à meta, onde agora cheguei através das mais amargas experiências da vida: o caminho da Fé. Meu espírito, no entanto, tomou direção oposta. O sangue moço estuava-me nas veias e fortes paixões despertaram em minha alma. Como os meios de satisfazê-las nem sempre estivessem de acôrdo com a virtude, criei para meu uso novo sistema filosófico a elas perfeitamente adaptado.

Julguei ter achado na matemática a chave do mundo físico. Nela contemplava o encadeamento dos fenômenos regido por leis imutáveis, e uma fôrça rígida e inexplicavel como a fatalidade movendo e sustentando o universo. Nas analogias do mundo físico, fundei meu sistema moral. Nas operações do espírito, via a mesma cadeia ou conexão de causas e efeitos dominando a natureza. Abandonei como insustentavel a idéia do livre arbítrio, sem a qual não pode haver responsabilidade, ponto onde desejava chegar. De resto, é bom notar que as convicções dum homem facilmente se adaptam às suas necessidades.

Vivia no seio do pecado, com a consciência absolutamente tranquila. Despresando as leis divinas e humanas, entregava-me a tôdos os prazeres que o mundo oferece, enjoei-me dêles e frequentemente sentia a dôr do abatimento físico, mas não a do moral que resulta das reprovações duma alma contrita. Fiz-me soldado, porque a guerra oferecia campo mais livre às minhas paixões. A paz fez-me voltar aos estudos que restringira à matemática e às ciencias. Minha filosofia parecia-me tão solidamente fundada na minha convicção, que nem me lembrei de sujeitá-la mais uma vez a um rigoroso exame.

Alguns anos depois, percorri a Alemanha e os paises vizinhos. Negócios de minha profissão levaram-me à parte católica de minha pátria. Durante muitos anos, fui quase o único protestante entre católicos e, alí, pela primeira vez, certo sentimento religioso brotou em minha alma. A pompa misteriosa do culto despertou a idéia dum Ente Supremo, que a fraca razão humana jamais pode atingir e que só a crença pode vislumbrar.

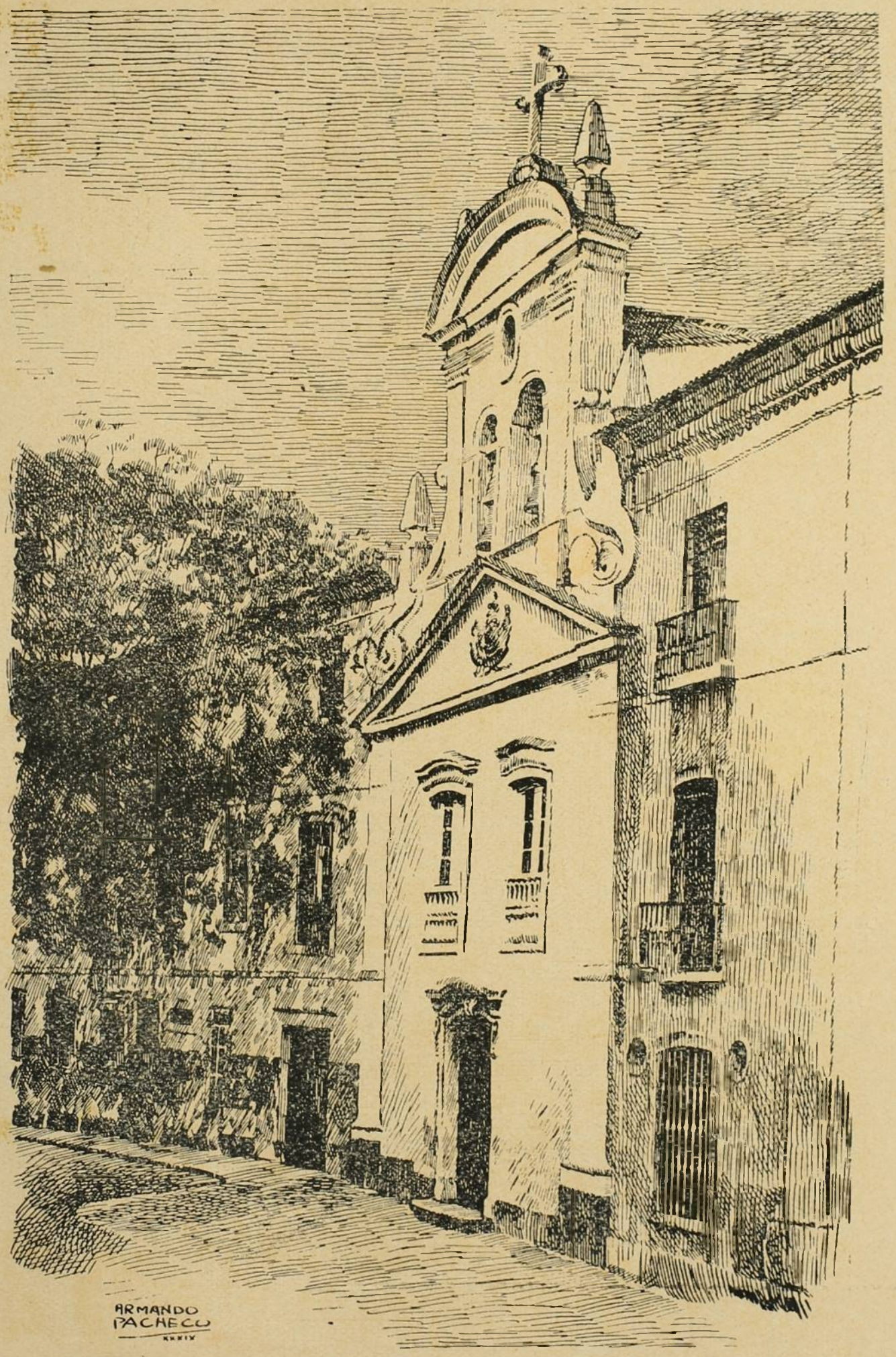
Vida muito movimentada, muitos negócios e diversões mundanas sempre o deixavam esquecido em minha alma. Até alí a felicidade me acompanhára; mas fiquei pobre por ser grande esbanjador e o inevitavel aconteceu. Meu modo costumeiro de viver em pouco excedeu meus meios de fortuna, obrigando-me a economias que me arrancaram ao turbilhão dos gozos. Na pobreza e no isolamento, tive tempo para meditar sôbre o estado confuso de minha alma. O resultado dêsse exame não foi satisfatório. Não tinha, porém, fôrças para me emendar, porque não queria renunciar a nenhuma de minhas pretensões.

Deixei a Europa, afim de procurar outra pátria no Novo Mundo e, assim cheguei às felizes praias do Brasil, onde não encontrei bonança. Longa e dolorosa enfermidade levou-me às portas da morte. Sentimentos que muitas vezes abafei na Europa rebrotaram mais fortemente no meu coração. Senti dentro de mim um vazio que nenhum sofisma podia mais encher, dêsses sofismas que só têm valor nos brilhantes salões mundanos, no seio da alegria e não no solitário leito dum moribundo distante de sua pátria, de seus parentes e de seus amigos.

Que é a vida sem um futuro compensador? Tentei rezar e não pude, por meu espírito ser incapaz de qualquer elevação religiosa. Refiz-me devagarinho. O surpreendente esplendor da natureza, o céu profundamente azul e eternamente límpido tiveram benéfica influência sôbre minha alma enfêrma. Tomei o solene propósito de me emendar e, como se o céu quisesse confirmar meu voto, apareceu, no mesmo instante em que o fiz, um sacerdote com o Viático. Caí de joelhos sem sentir, batí no peito e exclamei com tôdas as veras de minha alma: — Senhor, tende piedade dêste pobre pecador! Chorei pela primeira vez e pela primeira vez orei com tôda a compunção".

Desisti da viagem à Mandioca e preferi ficar alguns dias na encantadora ilha de Itarajara, onde não só Marcelino, mas tôdos os frades, se esforçaram para tornar minha permanência a mais agradavel possível. Para mim, a vida do cláustro não constituia novidade. No Rio de Janeiro mesmo, morara em um convento. Mas alí ela se apresentava em tôda a sua pureza original. Separados do resto do mundo pela posição da ilha, os bons monges bastavam-se a si próprios. Seus escravos cultivavam um sólo fertil e êles punham em tôdas as suas coisas uma ordem e um a propósito admiráveis. Descontado o tempo da celebração da missa e das orações prescritas, cada um dêles era senhor de si e podia ocupar-se de acôrdo com seus pendores. A maioria entregava-se a leves trabalhos de jardinagem, caça, pesca, ofícios mecânicos. Pequena biblioteca favorecia a comunicação espiritual. A refeição frugal reunia tôdos em sociedade.

Não posso negar que, nêsses poucos dias, despertou em mim grande inclinação para a vida contemplativa. Aonde conduzem



Igreja de Nossa Senhora do Bom Sucesso, ou da Misericórdia, no largo dêsse nome, entre restos da primitiva Santa Casa.

Duma água-forte de Armando Pacheco.

as agitações da vida? Que resta de tôdos os seus gozos, senão o mais amargo desengano? Que valem riqueza, poder e honrarias colocadas numa balança com um conhecimento superior? Que é mesmo o amor da mulher, senão colorida miragem que nos enleva momentos e nos submerge em trevas, mal se apaga a luz do desejo?

O espírito nem sempre está disposto a tais perguntas, cujas respostas permanecem ocultas à maioria dos homens ou só lhes é dada por meio de dolorisíssimas experiências. Disso resulta que muitos só em avançada idade, quando já se quebraram as suas fôrças, a elas chegam. Então, o mundo brada: — Olhem o idicta, o pecado o deixou! — Infelizmente, de certo modo, há razão em julgar-se assim. Graças a Deus, nas amenas paragens de Itarajara nasceu em mim um espírito melhor, ao qual devo sossêgo no meio das tempestades da vida e a esperança num futuro bemaventurado, espírito que me livra do receio de jamais ser julgado tão desairosamente.

7

Quase tôdas as pessôas que vão à América levam a intenção de enriquecer. A minha tinha sido também essa; mas, como a maioria dos meus companheiros de viagem, sofri amargo desengano. Pobre e doente, baldo de tôdos os recursos, fui obrigado a exercer o mísero ofício de intérprete, e a deshonrar, com as mais baixas relações entre marujos, aduaneiros e mercadores, a língua de Camões, que aprendera com finalidade muito diversa e que fôra para mim fonte de prazeres deliciosos.

Residia nêsse tempo em Botafogo, a uma hora de distância da cidade. O arrabalde foi construido na praia, no semi-círculo de pequena enseada. As casas ficam perto umas das outras e, em geral, só têm um pavimento. A do Vice-Consul da Rússia, o palácio do Duque de Alafões, a quinta de Jorge Marck e a residência em estilo mourisco de Antônio Moreira se destacam tanto pela sua situação e pela beleza de seus jardins, quanto pela ri-

---

(84) A residência de Langsdorf, onde esteve hospedado Otto von Kotzebue; o palácio a que se refere como do Duque de Lafões foi a casa fidalga em que êsse Embaixador Extraordinário de Portugal esteve aboletado, quando no Rio de Janeiro, construida à entrada do Caminho Novo de Botafogo para D. Carlota Joaquina, herdada por D. Pedro e vendida em 1834 por D. Amélia. Existiu até bem pouco tempo à esquina da praia com a rua Marquês de Abrantes, e foi morada dêste último, bem como do Visconde de Silva, que casou com sua viuva. Chamava-se antigamente o Palacete da Rainha e, por fim, o Palacete Abrantes. No seu lugar erguem-se hoje os edifícios S. João Marcos e Paraopeba.

O autor escreve Antonio Moreiro, em vez de Antonio Moreira. Era um dos grandes negociantes e ricaços da época. Sôbre o negociante inglês Jorge Marck, já nos referimos em nota anterior.

queza arquitetônica e ornamental, segundo o gôsto nacional de cada proprietário (84).

No meio dêsse soberbo anfiteatro, morava em modesta casa. Das janelas da sala avistava, além do calmo espêlho da enseada, as águas navegávais da baía do Rio de Janeiro e a fortaleza de Villegaignon (85). À minha direita, entre as fortalezas de S. João e da Praia Vermelha, o Pão de Açucar mostrava sua fórma regularíssima, vista dêste lado. Mais adiante, o morro do Telégrafo, seguido de colinas verdejantes que limitam a praia rasa de Botafogo (86). Pouco a pouco, a floresta vai sendo devastada. Onde há um ano ainda esbeltas palmeiras coroavam os bosques impenetráveis de mimosas, surgem agora alvas casas campestres, rodeadas de floridos jardins. À minha esquerda, vê-se um dêsses morros redondos tão comuns nas cercanias do Rio de Janeiro, no qual se encosta o jardim do Vice-Consul russo. Alí, a rua se desvia para o lado do mar e leva diretamente ao bairro do Catete (87).

Quase tôdas as manhãs dirigia-me à cidade por êsse caminho, que, onde o mar avança, faz curvas suaves ao gôsto da natureza. Orlam-no sébes e muros. Só na parte do Catete perde seu carater silvestre. Porém, quando, por cima dos telhados, se contemplam as montanhas, quando além se ouve o harmonioso marulhar das ondas e quando a gente se entrega de tôdo às grandiosas impressões que a natureza provoca, facilmente esquece que está no movimentado bairro de brilhante capital.

É dificil definir onde esta começa. A igreja de Nossa Senhora da Glória e, em frente, o palácio do Conde Pontos, no meio de jardins, ainda conservam certo aspecto silvestre (88). Mais adiante, os morros se aproximam do mar e mal deixam espaço para um renque de casas construidas mais para baixo do que para cima das encostas escarpadas (89). Somente na altura da igreja

---

(85) Não havendo as edificações que existem hoje entre Paisandú e a curva da Amendoeira, podia-se avistar o que o autor descreve.

(86) Dessas colinas, a principal é o morro atual do Pasmado, que outróra se chamou do Secretário, do Matias e do Suzano.

(87) O morro de Leripe, depois morro da Viuva, e o Caminho Velho de Botafogo, atual rua Senador Vergueiro.

(88) O Conde da Ponte e não o Conde Pontos. João de Saldanha da Gama, 6.º Conde da Ponte, que governou a Baia, onde faleceu em 1809. Em 1806, hospedou e banqueteou alí Jerônimo Bonaparte, futuro Rei da Vestfalia, que comandava a náu de linha "Le Vetéran", fazendo parte da esquadra francesa mandada pelo Imperador a atacar o Cabo da Boa Esperança e que arribára ao pôrto de S. Salvador, desprovida de tudo e carregada de doentes. No banquete, a conversa entre Jerônimo Bonaparte e o Conde da Ponte versou sôbre a batalha de Austerlitz, ganha havia um ano. Em 1808, o Conde da Ponte recebia o Príncipe Regente e sua Côrte fugidos de Portugal invadido por Junot.

A igreja de Nossa Senhora da Glória a que o autor alude é a que fica no Largo do Machado, atual praça Duque de Caxias.

(89) O morro da Pedreira, ao fundo da rua Bento Lisboa, proje

da Lapa a cidade se pode desenvolver para todos os lados. À direita, encontra-se o Passeio Público (90) e, à esquerda, a dupla fileira de arcos do Aqueduto, ligando os morros de Santa Tereza e de Santo Antônio. Ao pé dêste, o gigantesco edifício do convento da Ajuda, cujos paredões, crivados de janelas gradeadas, não têm aspecto tenebroso, porque a luz clara do sol dos trópicos brilha em sua branca superfície, sombreada às vezes pelo verde vicejante das árvores dos muros dos jardins (91).

Costumava, para alcançar o porto, seguir o caminho ao longo do mar, onde a pequena igreja de Nossa Senhora dos Navegantes pinturescamente se encosta ao velho forte de S. Sebastião (92). Estreito atalho leva pela beira-mar até a Misericórdia. As ondas trabalham sem descanso na destruição dêsse caminho. Suas pedras vão caindo umas sôbre as outras e algumas se penduram sôbre as largas fendas da margem. Restos de edifícios que o mar já devorou surgem da areia (93). O conjunto representa a eterna luta entre a natureza e a arte, cuja vitória permanece muito tempo indecisa, mas afinal se inclina para o lado que não precisa de auxílio estranho, afim de se renovar, enquanto as obras dos homens se desfazem no pó de que êles próprios nasceram.

Costumava encontrar à porta da igreja um mendigo, que não precisava de palavras para provocar minha compaixão. Era um dêsses infelizes acometidos de elefantiase (94), como se chama no Brasil a uma doença incuravel que torna disformes pela inchação os membros inferiores, dando-lhes a aparência de patas de elefante. Nas feições de Antônio, lia-se uma fé tão piedosa, a par de uma dôr tão profunda por causa de seu mísero estado

---

tando-se até o atual Asilo de S. Cornélio e a ponta mais avançada do de Santa Teresa sôbre a rua da Glória, na chamada chácara de Manuel Alvares da Fonseca Costa, onde se abriram as ruas Taylor, Conde de Lage, etc.

(90) O Passeio Público foi feito no Govêrno do Vice-Rei Luiz de Vasconcelos, no antigo Boqueirão da Ajuda, onde havia uma lagôa que se aterrou com o chamado morro das Mangueiras, situado entre ela e os Arcos da Carioca. Dava para o Passeio Público a rua das Belas Noites, depois das Marrecas e Barão de Ladário.

(91) Sôbre o antigo Caminho da Conceição da Ajuda, depois rua da Ajuda, que ia da praia do Boqueirão à rua do Parto, sôbre a igreja do mesmo nome, também chamada da Espectação ou do O'. Resta dêle o trecho denominado rua Chile.

(92) O forte, já descrito em outra nota, ficava a meia encosta do morro do Castelo, servindo de obra avançada a êste. A igreja a que se refere só pode ser a de Santa Luzia. A devoção que nela se mantinha de Nossa Senhora dos Navegantes, cujo altar ainda existe do lado esquerdo de quem entra no velho templo, devoção que implicava em ruidosas festas, naturalmente induziu o autor em êrro, pois pelo itinerário que nos tem vindo a indicar, não pode ser outra igreja.

Antes de alcançá la, nesse tempo, encontrava-se o Matadouro no local onde hoje fica o estabelecimento da Companhia City Improvements. O edifício do Matadouro servira anteriormente de Asilo de Mendigos.

A ermida de Santa Luzia, erguida em 1592, era uma das mais anti-

e de uma tão suave amabilidade, que me sentia vivamente atraído para êle. Raras vezes passava por alí sem lhe dar alguns vintens, que recebia calado, mas com profundo olhar de gratidão. Julgava lêr nêsse espêlho da alma sentimentos mais de anjo do que de homem.

Certo dia, ao me aproximar da igreja de Nossa Senhora dos Navegantes, avistei o meu mendigo, como de costume, sentado no banco de pedra da porta. Ao dar comigo, tirou o chapéu e fez com a mão o amavel gesto de adeus com que os brasileiros saúdam os amigos. Agradeci-lhe e disse: — Meu pobre Antônio, pedes uma esmola a quem tem hoje menos do que tú!

Depois, afastei-me sem lhe dar nada, porque o que lhe havia dito era a mais amarga verdade. Contudo, não pensaria mais nisso, se não tivesse a surpresa, na manhã seguinte, de vêr Antônio dirigir-se para mim com um papel sujo na mão e, com voz suplice, pedir-me para não levar a mal e aceitar de bom grado a oferta que se atrevia a fazer-me. Abrí o papel e achei uma nota de 10 mil réis. Que sensações me assaltaram! Infelizmente, tenho de confessar não ter sido somente o enternecimento pela generosidade do infeliz que me fez derramar lágrimas, porém mais ainda o orgulho ferido por ter chegado àquela condição de ser objeto da compaixão dum mendigo! Devolvi-lhe em silêncio o dinheiro e em silêncio fui embora, enquanto o pobrezinho me recomendava às mercês da Santa Virgem, que nunca iludira sua robusta confiança.

Dessa vez não foi uma Virgem Celeste ou terrestre quem efetuou a realização das piedosas preces do Antônio. Na Alfân-

---

gas da cidade. Derruida pelo tempo, por provisão de 12 de janeiro de 1752 e a requerimento de Diogo da Silva, no chão doado por João Pereira Cabral e sua mulher, se construiu a igreja atual, que é, sem dúvida, aquela a que o autor alude.

(93) O antigo Caminho da Praia ou Caminho do Vintém, muito roido pelas ressacas, mais tarde aterrado, protegido por um cáis e denominado praia e rua de Santa Luzia.

(94) Há duas doenças com êsse nome, essencialmente diferentes: *a elefantiase dos gregos*, que é a lepra medieval ou lepra tuberculosa; e a *elefantiase dos árabes*, parasitária, também chamada *mal das Barbadas, elephas, pachydermia* ou *morbus herculeus*, endêmica nos paises quentes do Oriente e da América Equatorial. O médico árabe Rhazis foi o primeiro a descrevê-la. E' essa a elefantiase do mendigo Antonio, aqui citado

(95) Para vir de Santa Luzia à Alfândega, o autor, depois de atingir o largo da Misericórdia pelo Caminho do Vintem, à beira-mar, tomou a praia chamada do Manuel de Brito ou da Piaçaba, depois rua da Misericórdia, até a esquina da rua do Parto, hoje de S. José, atravessando o largo do Paço e metendo pela rua Direita até a esquina da rua do Palácio ou do Governador, antiga do Capitão Alexandre Castro, de Diogo de Brito ou de Pero Domingues, atualmente da Alfândega.

A Alfândega e a chamada Mesa do Consulado foram estabelecidas por D. João VI, a 7 de julho de 1818.

diega (95) o capitão dum navio francês me pediu para acompanhá-lo à casa da Condessa de Santos, afim de conseguir sua intervenção num processo dependente do Tribunal de Prêsas (96). Não me era desconhecido êsse caminho para obter decisões da justiça, embora nunca tivesse tido a honra de me aproximar da tôdo poderosa senhora em assunto tão delicado. Conhecia, no entanto, perfeitamente os trâmites de semelhantes negociações e, por isso, acompanhei confiantemente o francês de barco para S. Cristovão. Desembarcamos perto do palácio da Condessa, que nos recebeu sem demora.

D. Domitila almoçava em trajes os mais caseiros, servida por seu mordomo e algumas camareiras. Expús-lhe minuciosamente o negócio do meu cliente e ela mandou que esperássemos na ante-sala a solução que seu mordomo nos comunicaria. A resposta não tardou: Sua Excelência dispunha-se a tomar a peito a causa do capitão mediante a soma de um conto de réis, sem todavia garantir êxito certo. Devia perguntar-lhe se aceitava. O francês aceitou, sem pestanejar, não achando exagerada a quantia, visto como estava em risco de perder seu navio e a carga. Deixamos o palácio, tendo prometido trazer o dinheiro na manhã seguinte. O mordomo nos acompanhou até o embarque.

Passei a noite a bordo do navio francês, o "Amélie", ancorado no porto sem leme (97). Fôra apresado na foz do rio da Prata e mandado para o Rio de Janeiro como boa prêsa de guerra, pois estava carregado de pólvora, ferro e cordame (98). O capitão, acusado de violar o bloqueio, estava em posição das mais críticas, segundo o próprio Conde de Gestas não lhe ocultou. Foi êsse Consul Geral e Encarregado de Negócios da França na Côrte do Rio de Janeiro quem lhe aconselhou procurasse a Condessa de Santos, que, como favorita do Imperador, gozava junto a êste da maior influência. O Brasil é o país mais constitucional do mundo, porém em nenhum outro a justiça de alcôva tem maior fôrça.

Ao romper do dia, voltamos a S. Cristovão. O Capitão levava o conto de réis na carteira, em papel moeda, e mais uma caixa de champagne, como presente espontâneo. A Condessa re-

---

(96) O Tribunal de Presas julgava as capturas feitas na vigência do bloqueio do rio da Prata, durante a guerra contra Buenos Aires. Essas capturas deram origem a inúmeras reclamações inglesas, norte-americanas e sobretudo francesas, culminando estas com a violenta intervenção na marcha das tratativas do Almirante Roussin, no Rio de Janeiro.

(97) Aos navios aprisionados ou interditados era costume tirar o leme e qualquer material que permitisse estabelecer um de emergência, evitando-se, assim, o trabalho de guardá-los ou vigiá-los para que se não fizessem de vela. De fato, sem o leme, não podiam navegar. O pormenor é curioso, pois relembra um costume náutico da época.

(98) Tudo contrabando de guerra, matéria prima para munição e aparelhamento de navios.

cebeu o dinheiro pessoalmente, sem passar recibo, e agradeceu o champagne com aquela condescendente amabilidade que encanta tôdos os que dela se aproximam. Na despedida, tirou a luva e deu a mão a beijar, o que é considerado sinal de extraordinária consideração.

Julgava tudo terminado, quando se deu um fáto que me agradou mais do que tudo. O mordomo me chamou ao sair do palácio e me levou até seu quarto, onde me deu 50 mil réis, declarando-me que era praxe da casa pagar 5% aos intermediários de qualquer transação. Respondi-lhe que, com as melhores disposições, me recomendava à sua amizade e às boas graças de sua ama. Êle acrescentou que Sua Excelência sempre teria prazer em me vêr com semelhantes negócios (99).

Tomei o escaler onde o Capitão me esperava e tive a honesta franqueza de, no trajeto, contar-lhe o ocorrido. Tamanha ingenuidade só se pode perdoar a um novato nessas transações, como eu era. Não exigi do francês pagamento pelo meu trabalho, pois julgava ter recebido bastante; mas aceitei uma dúzia de garrafas de excelente vinho de Bordéus que êle me ofereceu.

Dias depois, encontrei outra vez o bom Antônio e lhe dei 5 mil réis pela sua intercessão junto à Santíssima Virgem, conforme lhe disse. O coitado fitou-me tão surpreendido que me pareceu pouco faltar para sair gritando: — "Milagre!" Numa terra onde a imaginação popular se ocupa com o maravilhoso, cada ocorrência fóra do comum contribue para o aumento da Fé. Não era minha disposição combatê-la. Pelo contrário, pois nunca houve período de minha vida em que estivesse mais disposto a me deixar vencer por sua misteriosa influência. A crença de viver sob uma direção superior é o melhor consôlo na desgraça, mas só quebrando toda a fôrça do orgulho se pode participar de seus ditosos efeitos. Isto ainda não acontecia comigo, ainda era demasiado mundano para abandonar tôdas as pretensões à felicidade. A confiança passiva que uma fé ilimitada exige não combinava com meu modo de encarar a vida.

---

(99) Alberto Rangel cita várias acusações de suborno feitas à Marquesa de Santos. Condy-Raguet escreve: "nenhum despacho era obtido sem a intercessão positiva, franca e indisputável da Marquesa", e indica 4 casos suspeitos de sua influência e absoluto domínio sôbre o Imperador: — a intriga da demissão dos Andradas; o fato de a ela ter recorrido Sir Charles Stuart para as negociações do Tratado de 29 de agosto de 1825, entre o Brasil e Portugal; o Decreto Real de 15 de agosto de 1826, que reintegrava nas honras e empregos lusitanos o Tenente General Luiz do Rêgo Barreto, genro do Visconde do Rio Sêco; e a promessa da colocação dum João Ninguém, filho do aludido Visconde, em cargo português importante, pela soma de 4 mil libras esterlinas, preço por que o sogro e pai pagou êsses favores.

Chamberlain e o Barão de Mareschal afirmam a influência da amante imperial nos negócios públicos. O mesmo fazem Pontois e o próprio Sir

Charles Stuart. Olfers declara que ela levava vantagens nas suas intervenções, que a estavam enriquecendo, segundo o representante da Suécia. O Conde de Gestas acusa-a claramente de venalidade. Aliás, conforme o depoimento do autor, foi quem indicou ao capitão do navio francês êsse caminho para atingir seus fins. Debret diz que D. Pedro permitia que ela recebesse como renda pessoal as contribuições pelos favores obtidos. E Vasconcelos Drummond assegura: "ela vendia os seus favores a quem os queria comprar a dinheiro".

XII

RETROSPECTO DA HISTÓRIA DO BRASIL NOS ÚLTIMOS TEMPOS E SITUAÇÃO POLÍTICA DO IMPÉRIO EM 1826.

O Tratado de Amiens deu paz à Europa, mas foi trégua de curta duração (1). O insaciável desejo de conquistas de Napoleão e a política férrea da Inglaterra em breve atiçaram novamente as chamas da guerra por toda a parte. Portugal, velho aliado da Grã Bretanha, comprou com importantes sacrifícios à França uma espécie de neutralidade. Mas, como esta estivesse em flagrante contradição com o sistema do bloqueio continental, que Napoleão resolveu fazer vigorar em sua maior amplitude, Portugal em pouco tempo se viu impossibilitado de permanecer numa situação que, tanto no sentido político quanto no mercantil, era a mais vantajosa para êsse reino secundário. O Príncipe Regente encontrava-se na mêsma situação embaraçosa do Rei da Dinamarca, seu comtemporâneo. Napoleão exigiu que êle fechasse os portos aos navios ingleses. No caso de se submeter a tal ordem, a Inglaterra se teria apoderado de suas colônias, de onde lhe vinha a maior parte dos rendimentos, teria destruido sua frota e arruinado todo o seu comércio. Em tão crítica situação, era preciso tomar rapidamente uma atitude. O Conselho de Estado reuniu-se, afim de acertar as providências necessárias para acautelar a Família

---

(1) Amiens é a antiga Samarobriga, capital dos Ambianos, povo gaulês evangelizado e batizado por S. Firmino. Capital da antiga Provúncia da Picardia, na Monarquia Francesa. Pátria de Pedro, o Emerita, pregador da Primeira Cruzada.

Nessa velha cidade, foi assinada, a 27 de março de 1802, a paz entre a França, governada por Bonaparte, Primeiro Cônsul, e a Inglaterra. Em virtude dêsse tratado, a Grã Bretanha conservava em seu poder as Índias, Ceilão e Trinidad, restituindo à Holanda o Cabo da Boa Esperança, Demerara, Essequibo, Suriname e Berbice; à França, Martinica e Guadelupe, e à Ordem de S. João de Jerusalém, a ilha de Malta, o que até hoje não fez A Espanha ficava com Olivença, tomada a Portugal, e êste recebia as Missões da margem esquerda do Uruguai e firmava a fronteira meridional do Brasil, ao norte do Quaraim. Os limites com a Guiana Francesa se faziam pelo curso do Araguarí e daí ao Rio Branco, por uma reta.

Olivença fôra tomada pela Espanha, em 1801. Degladiando-se na poliitca portuguesa os partidos inglês e francês, o Primeiro Cônsul impelira a Espanha a guerrear o seu vizinho por intermédio de seu testa de ferro, o Ministro Godoi, Principe da Paz, amante da Rainha e pretendente, mais tarde, ao Ducado dos Algarves: *Dux Algarbiorum.*

Real em caso de invasão inimiga e veiu à baila o projeto de mudar para o Brasil a séde do govêrno (2). O Príncipe Regente resolveu deixar Portugal, dizem que persuadido pelo Conde da Barca (3).

A 29 de novembro de 1807, a Côrte chegou a S. Salvador (4), antiga capital do Brasil e séde arquiepiscopal do Império, que recebeu o Regente com o mais intenso júbilo. A esperança do povo bahiano na escôlha de sua cidade para cabeça do govêrno e residência real não se realizou. Após curta demora, o Príncipe deixou a Bahia e seguiu para o Rio de Janeiro, onde chegou a 22 de janeiro de 1808, com tôda a Família Real e grande sequito (5).

Nesta circunstância, talvez fortúita, está o germen da perigosa rivalidade entre o Norte e o Sul do País, a qual já se mostrou mais duma vez, dando causa a sangrentas desordens. As vantagens que tem uma cidade de ser centro de negócios e séde de govêrno são tão visíveis que é natural ter o desengano de tal esperança estragado as melhores disposições dum povo. De resto, devido à enorme extensão do Brasil, não póde ser indiferente às Províncias o local daquela séde. Para o Norte, as ligações com a antiga Metrópole eram mais fáceis, rápidas e seguras do que com a nova capital, razão bastante para um descontentamento que ocurrências posteriores aumentaram.

O Rio de Janeiro tornou-se, portanto, séde do Govêrno (6).

---

(2) A idéia vinha de longe. Fôra conselho de Martim Afonso de Souza a D. João III, em 1550. Filipe II tentára dar o Reino do Brasil a D. Catarina de Bragança. Quando perigou a Restauração, D. João IV pensou no Brasil, cujo Principado deu ao filho D. Teodósio. O mesmo pensamento veiu à baila no tempo de D. José I. Em 1803, o Conde de Linhares, Souza Coutinho, planejava a fundação do Grande Império além Atlântico, o *New Empire* da sugestão inglesa ao Príncipe Regente assoberbado de dificuldades em face da luta entre a Grã Bretanha e Nápoleão, em 1806. Êsse Império, D. João declara fundado no seu Manifesto de Guerra à França, em 1809.

(3) Antonio de Araujo de Azevedo, Conde de Barca, nascido em Ponte de Lima, a 14 de maio de 1754 e falecido a 21 de junho de 1817, no Rio de Janeiro. Ilustre diplomata e estadista, foi Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário de Portugal na Holanda, na Rússia e na França. Promoveu no Rio de Janeiro a fundação da Academia Nacional de Belas Artes. Serviu como Ministro de Estado no Brasil a D. João, a quem está averiguado que traiu, vendendo-se aos franceses, embora o tenha acompanhado quando deixou Portugal. Sua livraria, adquirida pelo Rei, serviu de fundo à criação da Biblioteca Nacional.

(4) Engano de data. A 29 de novembro de 1807, partiu do Tejo a frota que conduzia D. João e sua Côrte, embarcados a 27. O Rei chegou à Bahia a 22 de janeiro de 1808 e de lá partiu a 26 de fevereiro.

(5) Outro engano de data. Essa é a da chegada à Bahia. A chegada ao Rio deu-se a 7 de março de 1808. Anunciou-a o brigue "Voador", entrando a barra a 14 de janeiro com a noticia de que partira de Lisboa.

(6) O Rio de Janeiro foi capital do Govêrno do Sul, na divisão do Brasil em dois Governos por D. Sebastião, quando teve como governador a Antonio Salema. A capital do Brasil, porém, só foi mudada para o Rio

Os tribuais e repartições que anteriormente cuidavam de Lisbôa dos negócios da colônia do Brasil começaram a funcionar na sua capital. Pouco a pouco, foi se estabelecendo, criada pelos fátos, uma diferença essencial entre o passado e o presente. Dêsde o momento em que o Regente pisou no Brasil, êste deixou praticamente de ser colônia. O brasileiro nato já tinha legítimas pretensões a participar no govêrno e administração de sua pátria emancipada. Um partido da Côrte com sua predominância e um exército de funcionários que tinham seguido o Regente, porém, o excluiam dessa mais do que justa participação. Os negócios públicos constinuaram a ser tratados com o desleixo costumeiro. Quando mais tarde os franceses se retiraram de Portugal e os antigos tribunais e repartições de novo funcionaram em Lisbôa, tinham perdido toda a sua influência sôbre o Brasil. Os dois países possuíam administração central independente uma da outra.

Foram os ingleses que mais proveito tiveram com essas modificações. O comércio do Brasil, limitado por severas leis aduaneiras, caíu quasi completamente em suas mãos, que elas passaram a favorecer. Ao invés de 25% do valor de todas as mercadorias importadas, êles pagavam somente 15 (7). Além disso, quasi todos os monopólios fôram conservados e o comércio interno dificultado por absurdas disposições legais.

Êste e outros abusos tornaram o novo Govêrno impopular. Na verdade, a capital ganhára imensamente e era nela que menos se percebia o malogro da maior parte das grandes esperanças despertadas pela chegada do Regente. Contudo, alí também houve choques, que, em breve, destruiram toda a harmonia entre europeus-portugueses e brasileiros-natos. Há elementos na sociedade burguesa que eternamente se combatem. Eram no Rio de Janeiro o orgulho da nobreza e o orgulho do dinheiro. Demais, os erros do Govêrno viam-se expostos a uma crítica mais severa do que no tempo em que grande distância o subtraía das vistas do público, cuja inteligência fizera espantoso progresso.

---

em 1763, para se poder melhor atender à defesa das fronteiras meridionais, gravemente ameaçadas pela invasão do Vice-Rei de Buenos Aires, Zeballos, que, em 1761, tomara a Colônia do Sacramento e viera até Santa Catarina. A transferência se deu oficialmente a 27 de janeiro de 1763. Portanto, quando D. João VI chegou, em 1808, o Rio era capital do Brasil, havia perto de meio século, 45 anos.

(7) A primeira vantagem que a Grã Bretanha levou da vinda de D. João para o Brasil foi a abertura dos portos dêsse Reino ao comércio mundial, que só ela estava em condições de realizar, pela Carta Régia de 28 de janeiro de 1808, aconselhada a D. João VI, ainda na Bahia, por João da Silva Lisboa, futuro Visconde de Cairú. A isso seguiu-se o Tratado Comercial com a Inglaterra, assinado a 19 de fevereiro de 1810, no qual vêm os favores a que o autor se reporta. Êle criou ainda um imoral Juizo Privativo para os súditos britânicos, do qual o Brasil só se viu livre em 1832. Êsse tratado foi publicado na íntegra, no Apêndice do 2.º volume das "Voyages dans la partie septentrionale du Brésil", de Henry Koster, edição francesa, de Gid, Paris, 1818.

Os portugueses exaltavam sua pátria acima de tudo e os brasileiros lhes faziam sentir que lhes haviam dado uma nova e que, em vez de irmãos, tinham acolhido harpías gananciosas. O Regente, rodeado de cortezãos e bajuladores, não estava ao par da verdadeira situação do país. Segundo o pendor de sua bondade natural, julgava fazer a felicidade dos povos com favores dispensados aos indivíduos. Sua espôsa intrigava na fórma do costume e envolveu o Brasil numa guerra, tão inútil como dispendiosa, com as possessões espanholas do Prata, sustentando que era a ela que cabia a Regência da Espanha, aquém e além mar, por se achar o Rei seu irmão prisioneiro (8). E' possível que politicamente lhe coubesse razão, mas era imprudente reclamar, sem o apoio dum partido, nas colônias espanholas sublevadas, direitos que pareciam até odiosos em face dos pruridos nacionais. A guerra circunscreveu-se à chamada Banda Oriental, onde Artigas à testa de seus gaúchos combatia com sorte variável, ora os generais de Buenos Aires, ora as tropas reais. A duvidosa posse de Montevidéu foi o único fruto duma luta que custou ao Brasil muitos homens e muito dinheiro.

A morte da Rainha louca D. Maria não teve a menor repercussão (9). O Brasil passou a ter um Rei como antes tivera um Príncipe Regente. A denominação não mudou a personalidade e D. João VI continuou o mesmo que dantes. O título de Reino dado ao país em 1815 também não produziu consequências importantes (10). O brilho da Côrte aumentou. O Rio de Janeiro

---

(8) As negociações nesse sentido foram entaboladas pela Rainha, com o Prata, por intermédio de Belgrano, autorizado a tratar pelo Congresso das Provincias Unidas. Enquanto isso, o Rei mandava em missão ao Uruguai, em 1809, o General Joaquim Xavier Curado, afim de reconhecer posições; em 1811, enviava D. Diogo de Souza com um exército para tomar o pulso às resistências, e em 1816, decidia-se à conquista da Cisplatina. Nas tratativas de D. Carlota Joaquina, tomaram parte os aventureiros Presas e Contucci, que mais tarde procurariam de todos os modos infamá-la. Ela pretendia que se estabelecesse um Govêrno Central, em Buenos Aires, sob sua regência, o que contrariava D. João, que a desejava para seu genro, o marido da Infanta preferida, D. Maria Teresa, Infante espanhol D. Pedro Carlos. A morte dêste em 1812, deixou D. João de mãos livres, para se apoderar da Cisplatina, com a cumplicidade do Governador Elio.

D. Carlota Joaquina, que Calogeras considera "um lider, um condutor de homens nato", deu as próprias jóias no valor de 300 mil pesetas ao Marquês de Casa-Irujo, afim de auxiliar a defesa de Montevidéu.

Primogênita do Rei de Espanha, Carlos IV, e da Rainha D. Maria Luiza, nasceu em Aranjuez, a 25 de abril de 1775, e faleceu no Palácio de Queluz, a 7 de janeiro de 1830. Com dez anos e um mês de idade, em maio de 1785, desposou D. João, herdeiro da corôa de Portugal. Conta-se que conspirou contra êste, em 1805, do que adveiu uma separação entre os esposos. D. João ficou no Palácio Real de Mafra e ela no de Queluz. No Brasil, continuaram mais ou menos separados.

Das tentativas feitas por ela, em relação ao Prata, também participaram o Comodoro inglês Sidney Smith. Lord Strangford insinuou coisas entre êles, e Sidney Smith foi substituido no comando da estação naval

elevou-se vertiginosamente a uma esplêndida capital. O sistema de govêrno e as falhas administrativas continuaram idênticos. As Províncias estavam descontentes. No Norte, latejava um espírito republicano, estimulado pelo exemplo vizinho dos Estados Unidos. Os europeus-portugueses aproveitaram-se disso para fazer o Rei se aborrecer de sua estada no Brasil, com a dessassizada esperança de que bastaria a volta do Rei a Lisbôa para restabelecer a pouco e pouco as antigas relações de Metrópole a Colônia, e tornando aquela cidade outra vez capital dos dois Reinos. Nem adivinhavam que seria da Europa que viria o impulso pelo qual seus desejos seriam atendidos.

Em 1816, a Revolução de Pernambuco (11) serviu a calhar para abrir os olhos do Rei sôbre a perigosa situação do seu Reino ultramarino e ver que o Conde dos Arcos, Governador da Bahia, era exatamente o homem que menos tomava em consideração a sua pessoa, enganando-o sôbre os verdadeiros motivos do movimento. Martinez, republicano ardoroso, conhecia a arte de exaltar os homens a tal ponto que até o clero se deixou levar por seus planos perigosos, mas à testa dum govêrno não valia nada.

Enquanto em Pernambuco deliberavam sôbre um projeto de constituição e se examinavam teoricamente as várias Cartas da Europa, o Conde dos Arcos agia (12). Uma esquadra bloqueou o Recife, como é chamado o porto de Pernambuco (13). Martinez, vencido a 13 de maio de 1817, foi preso em Serinhão e alguns dias

---

inglesa por Courcy. Por intermédio dos ingleses, D. Carlota Joaquina pretendia ser reconhecida Regente da Espanha, enquanto Napoleão conservasse prisioneiro o Rei Fernando VII, seu irmão.

De volta à Europa, com D. João VI, a Rainha participou da chamada Conspiração da rua Formosa, em 1822, sendo deportada na quinta do Ramalhão, ao pé de Sintra. Tramou, com D. Miguel, a *Vilafrancada*, a 27 de maio de 1823, golpe absolutista que libertou o Rei das Côrtes, e com êle voltou ao Palácio da Bemposta Participou da *Abrilada*, que se destinava a depurar o governo dos elementos liberais infiltrados e, tendo perdido a partida, favoreceu até falecer a causa do filho D. Miguel.

D. Carlota Joaquina sofreu longa e impiedosa campanha de difamação, desde as calúnias de Laura Junot até as chantagens de seu ex-secretário Presas. Os liberais e maçons nunca lhe perdoaram o tê-los constantemente combatido, recusando-se terminantemente a jurar a Carta Constitucional e publicando a Encíclica Papal *Quo Graviora Mala*, em que o Papa Leão XII condenava formalmente a Maçonaria. No Manifesto do Grande Oriente, dado à luz no Brasil, em 1831, Gonçalves Ledo e José Bonifácio a apelidam o *Dragão*.

(9) A 20 de março de 1816.

(10) O Brasil foi elevado a Reino a 16 de dezembro de 1815. A coroação do Rei, marcada para 10 de março de 1816, adiada por causa da Revolução de Parnambuco, só se realizou a 6 de dezembro de 1818.

(11) Engano de data. A revolução, preparada de longa data, rompeu no Recife, a 6 de março de 1817 e alastrou até Alagôas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. A 10 dêsse mês, seus chefes publicavam na capital de Pernambuco o seu manifesto revolucionário intitulado "Preciso". Um mês depois, a 10 de abril, já 3 navios de guerra, do comando do Capitão de Fragata, Rufino Peres Baitsta, mandados da Bahia, bloqueavam

depois fusilado, na companhia de alguns sacerdotes co-participantes da revolta (14). A cidade rendeu-se. Muitos dos principais habitantes comprometidos expiaram nos cárceres do Rio de Janeiro sua emprêsa imprudente e seu curto sonho de liberdade republicana.

Em 1825, ainda se não havia terminado o processo de alguns dêsses infelizes, o que póde servir de prova do vagaroso andamento da justiça brasileira. Além disso, essa história contém mais outra grande lição para os homens propensos a revoluções politicas, isto é: as constituições não são a principal base da defesa dum govêrno novo contra os ataques externos, mas sim um exército. Martinez não o organizou, por isso sucumbiu e, com êle, a nóvel República, quasi sem resistência. Êle e seus companheiros de infortúnio morreram com extraordinária coragem.

Ao princípio, parecia que o Govêrno tirára algum proveito do inesperado acontecimento. D. João VI chamou ao Rio o Conde dos Arcos, antigo Vice-Rei do Brasil, fazendo-o Ministro. Esperava-se de sua firmeza e prudência a abrogação dos muitos abusos que mais do que nunca desmoralizavam a administração.

O comércio interno entre as várias Províncias estava quasi completamente morto. As rendas do Estado diminuiam, enquanto certos indivíduos amontoavam riquezas. A venalidade dos tribunais era ilimitada. Uma guerra infeliz contra os rebeldes espanhóis enfraquecia as finanças sem dar o resultado almejado. O Exército e a Armada achavam-se em lamentável estado. O Conde

---

o pôrto da Província rebelde. A revolução, nitidamente republicana, estava articulada na sombra com a conspiração descoberta, mais ou menos no mesmo tempo, em Portugal, cujo chefe era o General Gomes Freire.

(12) De fato, os revolucionários perderam precioso tempo em organizar o seu govêrno. Enquanto isso, o Conde dos Arcos, Governador da Bahia, providenciava energicamente para sufocá-la, mandando logo bloquear o Recife e enviando contra os revolucionários as tropas do General Cogominho de Lacerda. Do Rio de Janeiro partia a náu "Vasco da Gama", do comando de Braz Cardoso, levando a S. Salvador o General Luiz do Rêgo Barreto, que devia assumir a chefia da repressão. A 20 de maio do mesmo ano, em que rebentou, podia-se considerar o movimento como dominado, sobretudo graças a ação rápida do Conde dos Arcos, que começou por impedir a valiosíssima adesão da Bahia. Quando o General Luiz do Rego desembarcou no Recife a 29 de junho de 1817, os insurretos tinham perdido o último combate no Trapiche de Ipojuca, a 15 de maio.

(13) Dessa pequena esquadra, composta inicialmente de três navios, como se viu anteriormente, fazia parte a corveta de nome apropriado ao caso — "Carrasco" — que trouxe à Bahia os revolucionários presos. A 23 de abril de 1817, a esquadra era aumentada com os navios mandados do Rio de Janeiro sob o comando de Rodrigo Lobo.

(14) Alude a Domingos José Martins, o chefe mais importante do movimento, membro do Governo Provisório instalado em Pernambuco. Ao ser bloqueado o porto e ao se aproximarem as tropas legais, seguiu com seus partidarios para o interior. Indo socorrer com a guerrilha do Padre Antonio dos Santos as forças do General Paula, comandante dos rebeldes, que cobriam o Recife na região de Ipojuca, foi surpreendido por uma avançada legal no rio Merepe e completamente desbaratado.

dos Arcos propôs uma reforma geral que a forte oposição da Côrte não deixou executar. O Rei sentiu-se ofendido pela rude franqueza do seu Ministro, os dissabores domésticos irritaram ainda mais a sua sensibilidade e inesperadas notícias, vindas de Lisbôa, perturbaram o equilíbrio do seu espírito.

A revolução de Cadiz acabava de impôr uma constituição à Espanha. O exemplo dêsse país não deixou de influir no seu vizinho. Parecia cumprir-se o verso profético de Lord Byron :

If Spain is free, it frees more than itself (15)

A 5 de setembro de 1820, o bergantim "Providência" trouxe a comunicação oficial da Revolução do Porto (16). Os habitantes do Rio de Janeiro, preparados já pelos últimos acontecimentos para importantes modificações, receberam-na com alegria. A Côrte, com a maior consternação. Na reunião do Conselho de Estado, o Conde dos Arcos advogou a adopção do sistema constitucional. O Ministro Vila Nova Portugal foi contra (17). Contavam muito com a chegada de Lord Beresford ao Tejo (18). Esperança perdida! Como se a simples presença de um general fôsse bastante para dominar uma revolução, cujo principal elemento era o próprio exército que êle ia comandar! Todavia tiveram o maior cuidado em não dar um passo decisivo. Na verdade, a convocação das Côrtes, sem a sanção real, foi declarada ilegal. Apesar disso, o Rei prometeu ir à Europa ou mandar um dos Prín-

---

Fugiu e escondeu-se numa cabana perto de Serinhaem, que o autor estropia em Serinhão. Alí o prenderam. Levado para a Bahia, foi fusilado por sentença duma Comissão Militar, a 12 de junho de 1817, em companhia do Dr José Luiz de Mendonça e do Padre Miguel Joaquim de Almeida e Castro.

Domingos José Martins, natural do Espírito Santo, tinha 33 anos de idade, negociava na Bahia onde faliu. Depois, tornou a fazer fortuna no Ceará, com a alta do algodão. Dalí veiu revolucionar Pernambuco.

(15) "Se a Espanha está livre, libertou-se mais do que a si própria". O verso do grande poeta inglês inclúe o pensamento de que a influência da revolução espanhola se projetou além de suas fronteiras.

(16) A revolução rebentou a 24 de agôsto de 1820. Rocha Martins diz que foi o navio inglês "La Créole" quem trouxe ao Rei, no Rio de Janeiro, a notícia. O Pará aderiu a ela a 1.º de janeiro de 1821. A Bahia a 10 de fevereiro seguinte.

O autor engana-se no que diz, talvez fiado na sua memória, que o traiu. O bergantim ou brigue "Providência" chegou ao Rio de Janeiro a 24 de abril de 1826, trazendo a notícia da morte do Rei D. João VI, ocorrida a 10 de março. A "La Créole" trouxe a nova da Revolução do Porto e deve ter chegado na data citada, 5 de setembro de 1820.

(17) Tomás Antonio de Vila Nova Portugal, probo e austéro homem de Estado português, amigo verdadeiro de D. João VI, nascido a 18 de setembro de 1755 e falecido no esquecimento e na pobreza em 1839.

(18) William Car, Visconde de Beresford, nascido em 1786 e falecido em 1854. Comandou as tropas portuguesas sob as ordens de Wellington e bateu o Marechal Soult na batalha de Albufera. Marechal português e Duque de Elvas, na ausência do Príncipe Regente e depois do Rei que

cipes, não repelindo as queixas da nação, nem seu desejo de ter uma carta constitucional.

A Constituição Portuguesa foi proclamada na Bahia a 10 de fevereiro de 1821, pelo Exército, como na Metrópole. O Conde da Palma, Governador da Província, foi preso no próprio palácio do Govêrno e remetido para o Rio de Janeiro (19). Constituiu-se uma Junta, sem o menor receio de ordens de prisão enviadas da capital. No Pará, também as tropas portuguesas, na manhã do dia de Ano-Bom, proclamaram a Constituição (20). Em Pernambuco, reinava grande agitação. A cruel severidade do General Luiz do Rego contra um bando de fanáticos considerados Sebastianistas (21) e as inúmeras prisões que ordenou no Recife, para sufocar uma suposta rebelião, faziam com que o povo se inclinasse a proclamar o govêrno constitucional. Entretanto, as tropas permaneceram fiéis ao Rei.

Enquanto a população da capital esperava uma declaração categórica de Sua Majestade, outro acontecimento por demais singular ocupou a opinião pública e favoreceu numerosos boatos. A espôsa dum grande comerciante, Manuel Carneiro Leão, residente no Catete, foi assassinada ao voltar do teatro, na porta de sua casa. Prenderam o assassino e se espalhou a notícia de que fôra assalariado por alta personagem. Diziam publicamente o seu nome, sem que o Govêrno tomasse enérgica medida para sustar uma atoarda que comprometia a própria Família Real. Nêsse tempo, a Rainha vivia quasi separada de seu marido, no Catete,

---

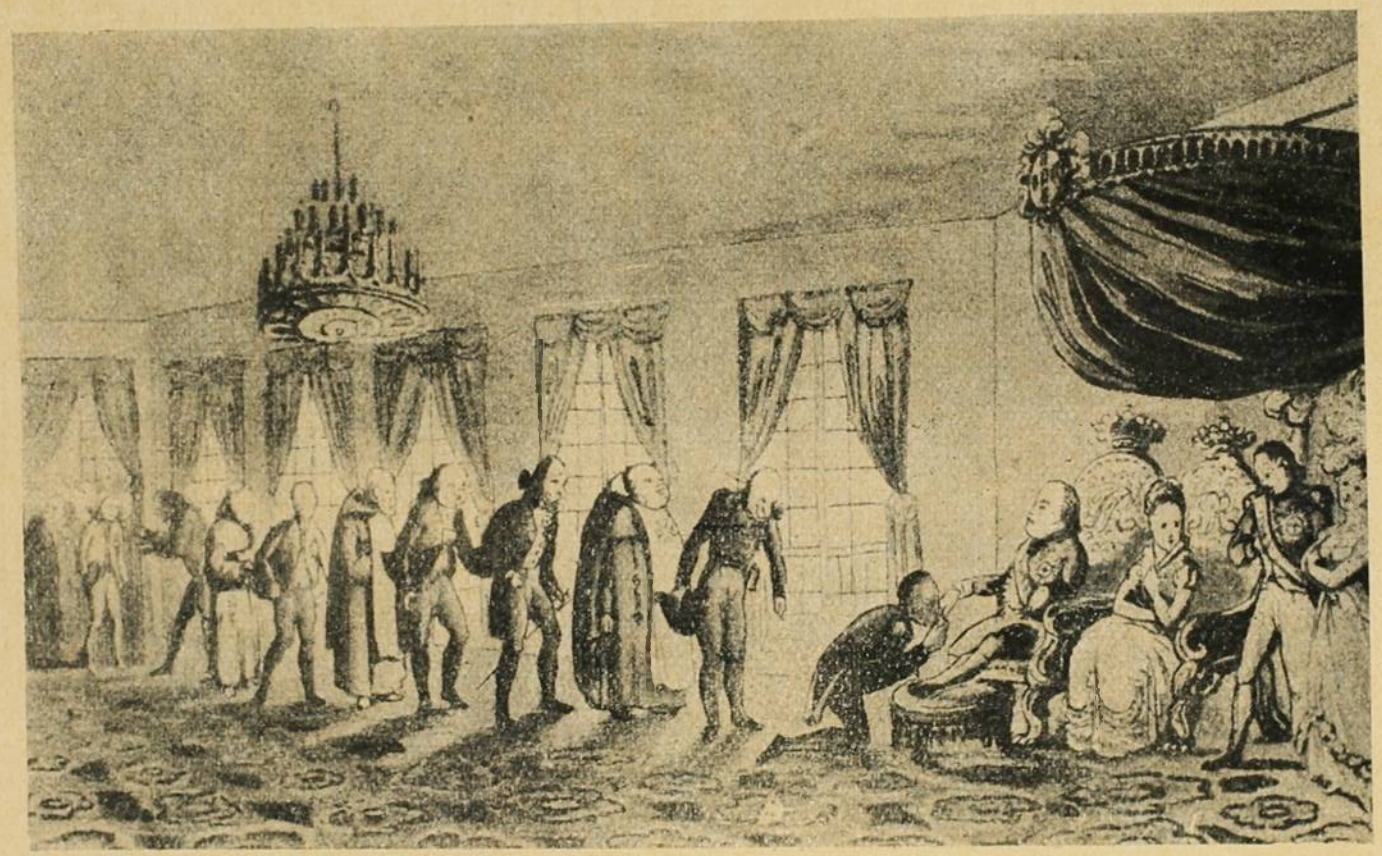
se achava no Rio de Janeiro, fez pesar sob Portugal um jugo de ferro. A Revolução de 1820 desmontou-o. Retirou-se para a Inglaterra, de onde voltou e tomou parte na Abrilada. Em 1826, ainda pretendeu um comando em Portugal, nada conseguindo.

(19) D. Francisco de Assis Mascarenhas, Conde e depois Marquês de S. João da Palma, nascido em Lisbôa em 1779 e falecido no Rio a 6 de março de 1843. Governou com tino e prudência as Províncias de Goiás, Minas, S. Paulo e Bahia. D. Pedro I fê-lo Marquês, Mordomo Mór e, em 1826, quando se constituiu a Câmara Vitalícia, Senador por S. Paulo.

A 10 de fevereiro de 1821, quando as tropas se pronunciaram na Bahia a favor da Constituição Portuguesa, depois de curta e incruenta luta se elegeu uma Junta Provisória de Govêrno, cuja presidência foi oferecida ao Governador deposto, o Conde da Palma, que a recusou. Tornou-se, pois, suspeito e foi enviado para o Rio de Janeiro.

(20) A manifestação da guarnição de Belém foi a primeira no Brasil a favor do estabelecimento do Govêrno Constitucional.

(21) Luiz do Rego Barreto, Visconde de Geraz de Lima, Tenente General do Exército Português, nascido em Viana do Castelo, em 1777 e alí falecido em 1840. Serviu no Regimento de Infantaria de Viana até sua dissolução, após a invasão de Junot. Pegou em armas contra os franceses em 1808 e se distinguiu nas ações do Bussaco, Badajós, Salamanca e Nive. Veiu para o Rio de Janeiro em 1816, como brigadeiro, foi mandado governar Pernambuco, após a Revolução de 1817, alí se distinguindo pela sua rigidez e severidade. Atentaram contra sua vida a tiro, no Recife, a 21 de julho de 1821. A 29 de agôsto dêsse ano, instalou-se em Goiana um Governo Constitucional Temporário, presidido por Francisco de Paula Gomes dos Santos, depois Visconde de Goiana, que



Beija-mão ao tempo de D. João VI. Gravura do livro de A. P. D. G. "Sketches of Portuguese Life".

Das coleções do Museu Histórico

e talvez a circunstância de ser vizinha próxima da vítima dêsse origem a um falatório, cujo fundo não se póde asseverar seja verdade ou mera invencionice (22).

Todavia continuava no Rio de Janeiro a situação de incerteza. O Rei, que recebia de todos os lados conselhos contraditórios, não tomava resolução firme. O Conde dos Arcos aconselhava-o a dar ouvidos à voz do povo e a proclamar espontaneamente a constituição, antes que ela lhe fôsse imposta, porque já se notavam no seio das tropas movimentos suspeitos e havia provas certas de que pretendiam seguir o exemplo das do Porto e Lisbôa. Corria pela cidade a mais desencontrada boataria. Diziam uns que o Rei tencionava ir embora ocultamente e outros que o Príncipe Herdeiro seria mandado para Portugal. Aí chegou da Bahia o Conde da Palma e o Rei soube por êle do que se passava no Norte do Brasil. Mas essas notícias, as disposições do povo e as das tropas não tiveram poder para arrancar-lhe um ato decisivo. Ao invés da ação, entregava-se diariamente à devoção.

Um dos fenômenos mais curiosos nas agitações políticas da capital do Brasil é serem todos os passos, tanto os dos partidos como os do Govêrno, conhecidos do público com antecedência (23). Sabia-se, assim, que diversos oficiais e algumas pessoas notáveis diariamente se reuniam a bordo dum navio surto no porto, onde tramavam o que se devia fazer para compelir o Rei a aceitar a Constituição. Por isso, não houve surprêsa quando, ao amanhecer o dia 26 de fevereiro, as tropas formaram na praça do Teatro, onde geralmente se realizam as paradas, ocupando as ruas com peças de artilharia em atitude ameaçadora. O Rei es-

---

abriu luta contra Luiz do Rego Barreto, acabando por obrigá-lo a embarcar com suas tropas, em virtude da Convenção do Beberibe, no dia 5 de outubro do mesmo ano.

Apos o regresso de D. João VI a Portugal, o General Luiz do Rego Barreto foi Governador do Minho. D. Miguel o reformou. Em 1827, voltou ao serviço ativo e esteve no Brasil. No regresso, foi preso, evadindo-se em 1833 e refugiando-se na Espanha. Tornou a governar o Minho, quando pôde entrar nóvamente em sua pátria e foi eleito Senador em 1838.

O episódio dos Sebastianistas a que o autor alude passou-se em 1820. Um profêta sertanejo chamado Silvestre José dos Santos, com o nome de guerra de Mestre Quiou, começou a pregar em 1819 a ressureição de D. Sebastião mediante a devoção a uma Santa de pedra. O Governador Luiz do Rego Barreto mandou uma força sob o comando do Marechal de Campo Luiz Antonio Salvador Moscoso dispersar êsses fanáticos, que se haviam estabelecido na serra do Rodeador. Como não cedessem às intimações da tropa, a 22 de outubro de 1820, esta atacou o seu arraial, tomou-o, passou os homens capazes de lutar a fio de espada e trouxe consigo 500 mulheres e crianças.

(22) Trata-se, não de Manuel Carneiro Leão, riquissimo negociante brasileiro, que se achava em Paris ao tempo da vinda da Missão Artística e lhe adiantou o dinheiro das passagens; mas de Fernando Carneiro Leão, Gentilhomem e Moço da Câmara, conde de S. José por Portugal,

tava com a família em S. Cristovam. Chegára o momento de ceder à vontade popular. A aceitação da Constituição Portuguesa ficou resolvida em reunião do Conselho de Estado e o Príncipe Herdeiro foi mandado à cidade comunicar a resolução do Monarca (24).

D. Pedro, jovem herói mais brasileiro do que europeu-português, pisou nessa ocasião pela primeira vez o palco do mundo político. Vigorosamente constituido pela natureza e acostumado desde cedo ao clima tropical, passava a mocidade da mais livre maneira, entregue sobretudo aos exercícios de equitação. Nunca procurára participar do Govêrno e as desconfianças do Ministério também sempre objetivaram trazê-lo afastado dos negócios públicos, mêsmo depois que seu casamento com uma Princesa austríaca lhe dera algum direito a isso ou, pelo menos, a ter voto no Conselho de Estado. Sua simplicidade o tornára querido do povo e seu garbo militar, das tropas. Quando entrou a cavalo na praça, foi recebido com o grito: — "Viva a Constituição!" Da sacada do Teatro, leu em nome do Rei o Ato de aceitação da Constituição Portuguesa, que êle próprio levou a S. Cristovam, afim de receber a assinatura de Sua Majestade. O Rei deu-a imediatamente e se lavrou depois um decreto de nomeação de novo Ministério. Afinal, o Príncipe jurou a Constituição em nome de seu Augusto Pai, sob o troar dos canhões e no meio do júbilo da multidão.

Então, o Rei veiu à cidade e, com lágrimas nos olhos, também a jurou no Palácio do Govêrno. À noite, houve luminarias, fogos de artifício e divertimentos públicos, festejando o triunfo do sistema constitucional.

A revolução parecia terminada sob os mais favoráveis aus-

---

indigitado como amante de D. Carlota Joaquina. O episódio a que o autor se refere foi consignado por Melo Morais.

Nessa época, os reais esposos viviam de fáto separados. D. João em casa de seu amigo Tomás Soares e a Rainha, com as filhas, no Largo de S. Domingos e não no Catete, como aquí se diz. Fernando Carneiro Leão morava na chamada Chacara do Catete, de sua propriedade. Sua mulher, da familia Gutierres Pedra, foi alí assassinada com um tiro, à noite, voltando do teatro. Era muito bonita. Atribuiu-se o crime aos ciúmes de D. Carlota Joaquina, dizendo-se que, por seu mandado, o cometera o afamado capanga Costa Orelha ou Corta Orelha. Acrescentava-se ainda que o Intendente de Polícia, Dr. José Albano Fragoso havia tudo apurado, comunicando os fátos a D. João, o qual dera ordens no sentido de abafar o escândalo.

(23) Até muito recentemente continuava a ser assim. Os golpes, quarteladas e conspiratas, quando vinham a furo, já eram esperados.

(24) Pronunciamento da guarnição do Rio de Janeiro a 26 de fevereiro de 1821, em favor da Revolução Constitucional Portuguesa, em que foram principais Romão de Góis e o famigerado Padre Macambôa.

D. João VI achava-se na Quinta da Bôa Vista e antedatou dois decretos que o Principe trouxe ao Rossio e leu ao povo, da sacada do Teatro de S. Pedro: um adotando a Constituição Portuguesa, que ninguem ainda conhecia, o outro nomeando novo Ministério. O povo aplaudiu.

pícios; porém em breve se veriam suas consequências. Já era máu sinal ter sido em todas as Províncias o Exército quem primeiro se manifestára a prol da aceitação da Constituição. Devido ao êxito de sua audácia, os freios da disciplina se relaxaram e, dentro de pouco tempo, o Exército Português parecia mais um bando de janizaros desenfreados do que um corpo de tropas européias disciplinadas. Por um decreto de 7 de março, o Rei anunciou ao povo sua próxima partida para a Europa e dispôs a respeito da eleição de Deputados às Côrtes do Reino Unido. Muitos portugueses se prepararam para acompanhá-lo, o que naturalmente prejudicou bastante a marcha dos papéis do Estado. O dinheiro de contado sumiu-se com uma presteza inquietante e se falou num defict no Banco de 4 milhões de cruzados. Para levantar-lhe o crédito, foi declarado Banco Nacional, continuando regularmente os pagamentos à vista. Grandes desvantagens resultaram para as Províncias. Os portugueses levaram todo o dinheiro amoedado de ouro e prata que puderam.

Êste fato veiu à baila pela primeira vez numa assembléa eleitoral da Bolsa, em que os negociantes mais notáveis que a compunham e sabiam avaliar os perigos da situação para o crédito externo resolveram exigir do Rei a criação duma Junta Provisória, o embargo de todos os bens portuguêses e a adoção dos princípios da Constituição Espanhola (25). O Rei consentiu em tudo; mas, logo que se refez do primeiro susto, mandou um batalhão de Caçadores acabar violentamente com a reunião. Os Caçadores ocuparam as estreitas ruas que levavam ao edifício da Bolsa e fizeram fôgo pelas janelas sôbre a assembléa, sem antes a haver intimado a dissolver-se. Houve muitos mortos

---

(25) A 20 de abril de 1821, reuniram-se no edifício da Praça do Comércio, que o autor chama Bolsa, os eleitores das paróquias do Rio, sob a presidencia de José Clemente Pereira e Antonio Gonçalves Ledo, secretariados por Luiz Duprat, o Padre Macambôa e João Pereira Ramos, o Cavaquinho, êstes últimos agitadores notórios. O fim da reunião era tomar conhecimento da partida do Rei para Portugal e das instruções que deixava ao Príncipe D. Pedro como Regente do Brasil. Foi nomeada uma comissão para ir a S. Cristovam e pedir ao soberano a imediata promulgação da Constituição Espanhola, saída da Revolução de Cadix a 7 de março de 1820, que já era conhecida no Brasil, enquanto nada se sabia sobre a Constituição Portuguesa. O Rei recebeu a comissão em presença do Ministério e aceitou a intimação disfarçada em pedido, assinando à meia-noite, com data de 21 de abril, um Decreto mandando vigorar aquela Constituição.

De pósse dessa resposta, a Assembléia dos Eleitores tornou-se mais tumultuosa e resolveu impedir a partida de D. João, indicar um Ministério seu e exigir a instituição duma Junta ou Conselho de Governo, fazendo com que o General Curado e o Coronel Morais intimassem os comandantes dos fortes da barra a não deixarem sair os navios.

Então, o General Avilez mandou o Brigadeiro Carretti dispersar aquêles mutinos. Ás 4 horas da madrugada, uma companhia de Caçadores portugueses, recebida com insultos ao intimar a dissolução, abriu fogo

e feridos. As transações do dia anterior foram declaradas sem efeito e a Constituição Portuguêsa reafirmada.

Os soldados aproveitaram-se dessa fraqueza do Govêrno para aterrorizar a cidade com roubos e extorsões, sob o pretexto de prisões legais. A situação anárquica durou vários dias e apressou a partida do Rei. A 26 de abril, o Monarca, sua Família e um sequito de cerca de mil pessôas deixaram o Rio de Janeiro. Antes de partir, êle nomeou o filho, o Príncipe Herdeiro D. Pedro Alcantara, seu Lugar-Tenente e Regente do Reino do Brasil. Dizem que Sua Majestade levou em ouro e prata em barra e em dinheiro de contado 60 milhões de cruzados. Muito mais importantes devem ter sido as somas subtraidas ao país pelos funcionários europeus que o acompanharam (26).

O Brasil ficou, portanto, entregue a si próprio. Sua situação era como a dum doente com febre, enfraquecido pela sangria, cujos paroxismos faziam esperar a crise próxima. Tinha-se jurado a Constituição Portuguêsa antes de sua redação. Era, pois, completamente justo que se jurassem seus princípios votados pelas Côrtes de Lisbôa antes de terem chegado. Em vão se opôs o Príncipe Regente a essa precipitação insensata. As tropas ameaçavam, o Ministério estava cindido e nas assembléas dominava uma violência apaixonada, que não podia dar bons resultados. Para acalmar os ânimos, o Príncipe cedeu à vontade das tropas e chegou até a formar uma Junta Provisória para participar do Govêrno. Sua situação era sumamente desagradável. O Tesouro achava-se esgotado e das Províncias não vinha dinheiro. A Bahia uniu-se à Metrópole. Em Pernambuco, latejava o velho espírito republicano. O Príncipe sentia-se manietado pelos que o cercavam. Tinha a melhor vontade, porém a única re-

---

pelas janelas. Houve mortos e feridos. Entre êstes, o Juiz de Fóra José Clemente Pereira.

Por Decreto de 22 de abril, D. João VI anulou a Constituição Espanhola, mandou abrir devassa sobre os fátos e estabeleceu os necessários poderes para a Regencia e Governo Provisório do Brasil.

Um anônimo afixou à porta do edifício da Praça do Comércio um cartaz com êstes dizeres : *Açougue Real*, segundo uns cronistas, *Açougue dos Braganças*, segundo outros.

(26) A 26 de abril de 1821, partiu pela manhã da Guanabara a esquadra que levava a Portugal o Rei D. João VI. O inglês Samuel C. Nicoll, proprietário da barca a vapor "Bragança" levou as pessôas que quiseram acompanhar o bota-fóra de Sua Majestade até a ilha Rasa a 4 mil réis por cabeça. Essa barca foi um dos primeiros navios a vapor que houve no Brasil. A 3 de agôsto de 1808, fôra dado a Felisberto Caldeira Brant, futuro Marquês de Barbacena, previlégio para barcos a vapor nos rios e costas da Bahia, onde êle inaugurava os serviços entre São Salvador e Cachoeira, em 1819, com uma embarcação de ródas, alí mêsmo construída. Em 1821, houve o vapor "Bragança" no Rio. Em 1826, o paquete a vapor "Correio Brasileiro" fazia a navegação entre o Brasil e Liverpool. No mêsmo ano, a 14 de julho, o vapor "Amazonas" iniciava, em Belém o trafego no grande rio.

forma que podia realizar era a das suas despesas domésticas, que sujeitou à mais rigorosa economia.

Os abusos do Govêrno e da administração tinham raizes demasiadamente profundas para que os pudesse debelar sem medidas violentas. A experiência mostrára o perigo de servir-se delas e das tropas, cuja lealdade era duvidosa. As diversas facções desconheciam seu verdadeiro interesse e suas próprias forças. Odiavam o Ministério, porque se compunham quasi exclusivamente de portuguêses, suspeitos por sua dedicação ao antigo regime. O Prncipe, solicitado de todos os lados por opiniões contraditórias, vendo, apesar de sua bôa vontade, ser impossível pôr ordem e calma nêsse cáos político, tomou-se duma espécie de pusilanimidade, que quasi o fez voltar à Europa. O amor do povo, que nunca perdeu, e a promessa feita a seu Augusto Pai, de conservar o Brasil para a Casa de Bragança, de qualquer maneira. foram os únicos motivos que o retiveram.

Nêsse interim, as Côrtes de Lisbôa usaram, após a chegada do Rei, de linguagem muito diversa da anterior, quando precisavam poupar o Reino ultramarino, evitando a sua reação. Os deputados brasileiros, em número menor que os europeus, foram vencidos por essa maioria em tôdas as votações e viram suas emendas rejeitadas. Afinal, ficou resolvido dissolver o Govêrno Central do Brasil e substituí-lo por administrações provinciais isoladas, semelhantes às das várias Províncias de Portugal, o que obrigou o Príncipe a unir mais estreitamente seu interesse pessoal ao da nação. Ambos ganharam com isso, êle — a vacilante confiança do povo, e ela — um ponto firme de apôio, necessário em face do crescente despotismo militar das tropas portuguêsas. Em breve, falava-se alto e bom som em proclamar D. Pedro Imperador. Corriam de bôca em bôca êstes versos, que apareceram pregados às portas do Palácio do Govêrno e produziram grande sensação:

Para ser de glórias farto,
Inda que não fosse herdeiro,
Seja já Pedro Primeiro,
Se algum dia há de ser quarto. (27)

Pouco faltou para se cumprir o precipitado desejo do povo antes de se ter certeza da adesão das Províncias. Todos êsses

---

(27) Os versos populares formavam uma décima. O autor só nos dá os quatro primeiros. Os outros seis diziam assim :

Não é preciso algum parto
De bernarda atroador;
Seja nosso Imperador,
Um governo liberal
De Côrtes, franco e legal,
Mas nunca nosso senhor.

fatos, porém, não bastavam para tirar às Côrtes Portuguêsas de sua cegueira. Confiaram na fidelidade do Exército, julgado suficientemente forte para executar suas resoluções, mesmo contra a vontade nacional. Com o decreto que chamava o Príncipe a Lisbôa e dissolvia o Govêrno Central, apenas apressaram a emancipação do país. As Províncias do Sul logo se uniram à capital. O Senado da Câmara do Rio de Janeiro e as administrações municipais de S. Paulo e Vila Rica fizeram insistentes representações ao Príncipe, afim de induzí-lo a ficar. Em tôdas essas representações mais ou menos veladamente se fazia a ameaça de que a partida de Sua Alteza teria como consequência a separação imediata do Brasil de Portugal. Demais, havia nêsse tempo forte partido republicano na capital e o exemplo dos pernambucanos, que tinham conseguido se livrar das tropas portuguesas do General Luiz do Rego, poderia ter repercussão. A partida do Príncipe seria o rompimento do último laço que prendia o Brasil à sua antiga Metrópole, formando as Províncias Estados livres e isolados. D. Pedro resolveu ficar para impedir acontecesse o pior. Não é de todo improvável até que aparentasse rebeldia, apenas cumprindo instruções secretas de seu Augusto Pai. Afinal de contas, não será lícito condená-lo por ter tentado conservar para si um Reino irrevogavelmente perdido para Portugal.

A revolução do Príncipe, comunicada ao Senado da Câmara a 22 de janeiro de 1822, causou ao povo indizivel alegria. Essa prova pública de desobediência ao mandado das Côrtes Portuguêsas valeu como a mais segura garantia da Independência do Brasil (28). Em vão o General Avilez tentou abalar tal resolução pela persuação e pela violência. Suas tropas européas não passavam dum pequeno bando contra a população armada do Rio de Janeiro, as milícias organizadas e os batalhões brasileiros da guarnição da cidade. A desigualdade de forças era tão evidente que êle preferiu capitular a bater-se. Seus soldados tiveram de retirar-se do Rio de Janeiro para a Praia Grande, onde a coraegm pessoal de D. Pedro quebrou sua última resistência e os forçou a embarcar (29). A perfidia do General Avilez custou grande sacrifício ao Príncipe: o Pricepezinho João Pedro faleceu no colo de sua mãe, a Imperatriz, quando esta, no período

---

(28) A comunicação oficial do *Fico*, pronunciado de público com a famosa frase: "Se é para bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico !" a 29 de janeiro de 1822.

(29) A 9 de fevereiro de 1822, um mês depois do Fico, o General Avilez, Comandante da guarnição portuguesa no Rio de Janeiro, que se comprometera a embarcar para Portugal e a partir no dia 12, mas não cumprira o prometido, recebeu um ultimatum para fazê-lo, do próprio Príncipe Regente D. Pedro, que se achava primeiramente a bordo da fragata "União", depois, da "Piranga". Entrementes, as tropas nacionais se preparavam para combater as portuguesas, artilhando o litoral. Em vir-

mais crítico do caso, fugiu para Santa Cruz, visto como se esperava luta armada dentro da cidade (30). As tropas portuguêsas embarcaram no dia 16 de fevereiro para Lisbôa (31).

Pouco tempo depois, surgiu à barra do Rio de Janeiro uma esquadra portuguêsa, trazendo alguns batalhões sob o comando do General M. de Souza, para reforçar os corpos de Avilez. O Príncipe não os deixou desembarcar e tomou logo medidas tão enérgicas que os obrigou a partir sem sair de bordo (32).

Mesmo após êsse evidente ato de desobediência às ordens das Côrtes, o Príncipe não considerou de todo perdida a esperança de conservar a amizade recíproca entre o Brasil e sua Mãe-Pátria, apesar de se tornarem as relações entre ambos muito tensas devido a êsse mesmo ato, cujas consequências eram fáceis de prever. Livre da influência da força armada que dera o primeiro impulso à revolução, D. Pedro perdeu com ela o único contrapêso às pretensões do povo, que, embora rendendo excessiva homenagem à sua pessôa, não escondia certa desconfiança de suas intenções políticas, enquanto se não quebrasse o vínculo natural que o ligava à antiga dinastia portuguêsa.

Para êle, êsse vínculo e a perspectiva duma dupla corôa tinham mais alta significação do que podia confessar a vaidade e egoismo do povo, a cuja testa se via colocado pelo encadeamento fatal das circunstâncias. O Brasil, país imenso em plena for-

---

tude de acontecimentos anteriores, Avilez retirára-se para Niterói. Ante a energia da intimação e dos preparativos, o chefe português cedeu. O embarque das tropas começou na madrugada de 10 de fevereiro e a partida se efetuou a 15, com 7 navios, 2 dos quais arribaram à Baía, conduzindo 381 homens que reforçaram a guarnição portuguesa ali.

(30) Na noite de 11 de janeiro de 1822, achando-se no teatro, Dom Pedro foi prevenido da intenção do General Avilez e dos oficiais portugueses, que o queriam cercar, prender e levar para bordo dum navio de guerra, afim de ser conduzido a Portugal. Retirou-se imediatamente para S. Cristovam, de onde fez a família partir para Santa Cruz pela madrugada. De fáto, as tropas lusas ocupavam o morro do Castelo e outras posições, enquanto as milícias e patriótas armados se reuniam no Campo de Sant'Ana. No dia 12, o General foi forçado a transferir seus soldados para a Armação, do outro lado da Baía.

A Imperatriz, gravida de oito meses, fez uma viagem de 14 léguas ao sol ardente do verão, afim de refugiar-se em Santa Cruz, onde ficou, pode-se dizer, abandonada, pois o Príncipe tinha de atuar com energia para obrigar Avilez a retirar-se. Só regressou a 19 de fevereiro. Nêsse interim, a 4 do referido mês, falecia em Santa Cruz o Príncipe D. João Carlos, nascido a 6 de março de 1821.

(31) O embarque foi, como já se viu, a 15 de fevereiro.

(32) A 9 de março de 1822, apresentou-se no Rio de Janeiro a esquadra portuguesa do Chefe Francisco Maximiano de Souza, trazendo 1250 homens sob o comando do Coronel Antonio Joaquim Rosado, com ordens para render Avilez e levar D. Pedro para Portugal. Compunha-se a esquadra da náu "D. João VI", da fragata "Real Carolina", de 2 charrúas e 2 transportes. O Príncipe ordenou-lhe que fundeasse à entrada da barra sob o fogo das fortalezas e só permitiu o desembarque dos dois coman-

ça da mocidade e da beleza, guindava-se a enorme importância, enquanto a antiga glória de Portugal empalidecia ao bruxelear de um trono alimentado num sistema colonial artificial, para sempre aniquilado. Se se colocasse cada um de per si nos pratos de uma balança, para que lado se inclinaria? O povo não tinha a menor dúvida a êsse respeito. O orgulho nacional e o sentimento da liberdade, ambos tanto mais fortes quanto acabavam de ser despertados, pesavam num dos pratos da balança, enquanto os inconsequentes atos de violência dos europeus anulavam tudo o que poderia dar ganho de causa ao lado português.

E' evidente, no entanto, que o próprio Príncipe vacilou mais de uma vez. Numa carta ao pai sôbre o afastamento das tropas portuguêsas, procura desculpar seu procedimento e alinha as razões por que cedeu às injunções do povo, com uma precaução, que é a mais segura prova de que se não queria bandear completamente para qualquer dos dois partidos. Nêsse documento, absolutamente ainda se não trata duma separação do Brail da Metrópole. Em nome do povo, êle exige com expressões muito moderadas a conservação do Govêrno Central no próprio país, sem prejuizo dos direitos do Rei como Soberano ou das Côrtes Portuguêsas como Poder Legislativo.

Estas, no entanto, não se deixavam arrancar de sua cegueira por nenhuma consideração (33). Seu orgulho louco chegou ao ponto de nem ao menos poupar as pessôas dos Deputados brasileiros e o amor próprio do povo que representavam (34). Falavam hoje em medidas violentas para reduzir súditos rebeldes à obediência. Amanhã atestavam sua fraqueza com inesperadas concessões. Em geral, porém, usavam dum sistema de falsidades e incoerências, do qual a história das revoluções ibéricas infelizmente oferece numerosos exemplos.

Todo o ódio do povo brasileiro recaía sôbre as Côrtes. O Príncipe aproveitou-o com muita sabedoria, para fortalecer o prestígio de sua própria pessôa ou, melhor, o interesse de sua família. As Províncias do Sul já se tinham denominado em suas representações — "Províncias Unidas do Brasil". A Bahia, apesar de ocupada por um corpo de tropas portuguêsas, aderiu ao

---

dantes para conferenciarem com êle, obrigando-os a assinar um termo de desistencia do mandato que traziam e a voltar a Portugal. A "Real Carolina", entregue ao Brasil, foi crismada em "Paraguassú". 400 homens passaram-se para o serviço do Brasil. A 23 de março, a frota desfalcada regressou a Lisbôa.

(33) A luta entre o Brasil e as Côrtes vinha se avolumando dêsde o Decreto das mêsmas de 29 de setembro de 1821, ordenando o regresso do Príncipe D. Pedro, criando Juntas Provisórias para governar as Províncias e um Comando Militar independente da Regencia.

(34) Os Deputados brasileiros às Côrtes, Antonio Carlos, Diogo Feijó, Costa Aguiar, Bueno, Lino Coutinho, Agostinho Gomes e Cipriano Barata foram obrigados a fugir de Lisbôa para a Inglaterra, onde publicaram um manifesto que corrobora as afirmações do autor.

novo govêrno. De fato, a declaração de Independência já estava feita. Até o título de "Defensor Perpétuo do Brasil", que então o Príncipe tomou, deixava pelo menos entrever que essa independência poderia ser atacada e que devia ser defendida (35). Com acertado instinto, o povo desejava a guerra, pois nela via o mais seguro remédio contra as intrigas das Côrtes e a melhor garantia daquela independência recentemente alcançada.

Travaram-se os primeiros embates sangrentos na Bahia. Madeira, Comandante das Armas nomeado pelas Côrtes, bateu as milícias nacionais que se não queriam sujeitar às suas ordens, no centro da cidade, e devastou-a com seus soldados depredadores, de modo deshumano. Nem as igrejas e conventos foram poupados. As Côrtes de Lisbôa aprovaram seu procedimento. Parecia inevitável uma luta fratricida (36). Perigava até a união das Províncias do centro. Minas Gerais ameaçava separar-se da capital e escolher seu próprio Rei. Só a presença de D. Pedro conseguiu abafar alí a revolução e conservar unida essa região importante (37).

Foi na capital que primeiro se compreendeu que, com uma reunião geral dos representantes de todas as províncias, se poderiam atar novamente os vínculos já frouxos que as ligavam. O Senado da Câmara expressou insistentemente êsse desejo, na representação de 20 de maio de 1822 (38). O Príncipe instalou provisoriamente um Conselho de Estado composto dos Procuradores Gerais de tôdas as Províncias, para deliberar sôbre a situação do Reino, o qual se declarou incompetente e exigiu a convocação duma Assembléia Constituinte (39). O Príncipe a con-

---

(35) O título, de fáto, como já se disse em outra nota, antecedeu a proclamação da Independencia, a qual já vinha sendo propugnada claramente. No "Reverbéro Constitucional Fluminense", Gonçalves Ledo e Januario da Cunha Barbosa propugnavam isso. A 15 de setembro de 1821, o primeiro publicou nêsse jornal um artigo famoso, sugerindo ao Príncipe Regente a necessidade dessa proclamação.

A 6 de agôsto de 1822, aparecia o célebre Manifesto às nações amigas, redigido por José Bonifácio. A 20 do mêsmo mês, quando em S. Paulo o Príncipe tomava posse do cargo de Grão Mestre da Maçonaria local, a Independencia era proclamada no Grande Oriente do Rio de Janeiro, "com a assistência do povo maçonico", segundo registra o Barão do Rio Branco.

O grito do Ipiranga foi o coroamento de longo trabalho.

(36) O General Português que comandava na Bahia era o famoso Inácio Luiz Madeira de Melo.

(37) D. Pedro foi a Vila Rica a 9 de abril de 1822 e voltou ao Rio a 25 do mêsmo mês. Restituiu-lhe o primitivo nome de Ouro Preto. Esteve também em Barbacena e S. João d'El-Rei.

(38) A Representação pedia ao Príncipe, em nome da Municipalidade e do Povo, a convocação duma Assembléia Constituinte. Foi entregue a D. Pedro por José Clemente Pereira a 23 de maio de 1822.

(39) Os Procuradores das Provincias foram convocados por Decreto do Príncipe D. Pedro de 1º de junho de 1822, reunindo-se pela primeira vez no dia 2, sob a sua presidencia. A 3, deliberaram que devia ser convocada uma Assembléia Constituinte. O Decreto da convocação foi lavrado a 19 do mesmo mês.

vocou e, ao mesmo tempo, em um Manifesto aos povos de seu Reino e noutro dirigido aos Governos e Nações amigas, expôs os motivos que o tinham levado a não cumprir as ordens das Côrtes e de seu Augusto Pai, que declarava estar prisioneiro de um partido revolucionário. Em ambos êsses documentos, que se distinguem por um estilo extraordinariamente brilhante (40), nunca se fala em separação definitiva do Brasil da Metrópole. Reconhecem-se os direitos do Rei e apenas se exige uma representação nacional própria. Demais, tôdas as queixas da nação se dirigem mais contra as Côrtes do que contra o Poder Executivo, o Rei, pintando o procedimento egoista delas com as côres mais negras.

O mote *União e Independência* com que D. Pedro exorta os povos (41) e a intimação feita às províncias do Norte para enfrentarem pela fôrça as tropas dum Monarca, cujos direitos não contesta, sôam, na verdade, de fórma um tanto exquisita no meio de tudo isso. Mas a história muitas vezes nos oferece exemplos dum partido combater outro para defender justamente os direitos de quem está à sua testa. Aproxima-se o momento em que essa máscara tinha de cair. Em S. Paulo, o Príncipe foi impelido a proclamar publicamente a Independência. Apareceu no Teatro, no Rio de Janeiro, a 15 de setembro, com tope verde no braço esquerdo sôbre uma faixa dourada em que se lia a divisa *Independência ou morte!* delirantemente aplaudido (42). A esquadra portuguêsa tinha ido embora. A 15 de outubro (43), foi

---

(40) Redigidos por José Bonifácio e Gonçalves Lêdo.

(41) Mote do Manifesto de 1º de agôsto de 1822 assinado pelo Príncipe D. Pedro e redigido por Gonçalves Lêdo: "Não se ouça entre nós outro grito que não seja — *União!* do Amazonas ao Prata não retumbe outro éco que não seja *Independência!* Formem tôdas as nossas Províncias o feixe misterioso que nenhuma força póde quebrar. Desapareçam de uma vez antigas preocupações, substituindo o amôr do bem geral ao de qualquer Provincia ou cidade". Declarava, por fim, inimiga qualquer força armada que viésse de Portugal e se não submetesse à intimação e imediato regresso.

(42) O Grito do Ipiranga foi a 7 de setembro de 1822. A' noite, no teatro, em S. Paulo, D. Pedro e seus companheiros se apresentaram com fitas verde-amarelas nos braços, que substituiam os laços portugueses vermelhos e azües. O distintivo a que o autor alude apareceu depois da vinda de D. Pedro para o Rio. Era um ângulo de metal amarelo com o distico *Independência* ou *Morte*, sob um circulo ou tope verde. Usava-se no alto da manga do braço esquerdo. Só deixou de ser usado em 1825, quando Portugal reconheceu a Independencia do Brasil. Os penachos da tropa passaram a ser verdes com olhos amarelos. O Decreto criando os novos simbolos nacionais, referendado por José Bonifácio, está datado de 18 de setembro de 1822.

A coroação e sagração de D. Pedro realizaram-se solenemente a 1º de dezembro de 1822. A cerimonia foi uma mescla da pompa austríaca e da napoleonica. Houve o gesto de fender o espaço com a espada, usado na coroação dos Reis da Hungria. O local escolhido foi a Capela Imperial.

(43) Engano de data. A 12 de outubro e não a 15. As Câmaras das Provincias próximas fôram convidadas para essa solenidade pela do Rio

proclamado Imperador Constitucional do Brasil e coroado solenemente com sua esposa a 1.º de dezembro seguinte. Uma série de brilhantes festejos comemorou êste acontecimento de grande importância para o Brasil.

Apesar do Imperador, na proclamação de 21 de outubro, ter marcado às Côrtes despóticas o praso de 4 meses para resolverem pacificamente as relações entre os dois Reinos, as últimas decisões delas declarando revolucionários todos os atos dêle emanados e o ameaçando de exclusão da sucessão ao trono, forçaram-no a tomar medidas bélicas antes que o praso terminasse. A 11 de dezembro, embargaram-se todos os navios portugueses ou que se destinavam a Portugal, sequestraram-se todos os bens lusitanos e decretou-se a permissão de licenças para o corso. Não houve ,todavia, uma declaração formal de guerra.

Reorganizou-se o Exército, que se encontrava em lastimavel estado, com soldados irregular e insuficientemente pagos, inclinados a desordens perigosas, e aumentou-se o soldo dos oficiais. O Imperador criou, para sua segurança pessoal, um Corpo de Estrangeiros posto sob as ordens dum francês, o Coronel Bellard (44). Também convidou o feliz *condottieri* Lord Cochrane a entrar ao serviço do Brasil como Almirante, seguido por uma porção de oficiais de marinha ingleses e norte-americanos, o que causou o maior descontentamento no Exército e na Marinha (45). O povo, tomado de excessiva vertigem de liberdade e geitosamente trabalhado através da imprensa pelos agentes da facção republicana, mostrou em altas vozes o seu desagrado. E o

---

de Janeiro em circular datada de 17 de setembro. A cerimonia realizou-se no Campo de Sant'Ana, que, por isso, tomou o nome de Campo da Aclamação. O jovem Imperador apresentou-se ao povo e às tropas no pavilhão erigido em frente ao predio onde hoje se acha o Arquivo Nacional. O General Curado comandava os 6.000 homens formados em continência. José Clemente Pereira, Presidente do Senado da Câmara, leu um discurso, ao qual o Imperador respondeu. A Artilharia salvou com 101 tiros. Há uma litografia de Debret representando a cêna. Nêsse dia, foi entregue ao alferes Luiz Alves de Lima e Silva, futuro Duque de Caxias, a primeira bandeira do novo Império.

(44) Êsse Coronel Bellard era um aventureiro francês sem o menor valor, que se apregoava favorito de D. Pedro. Para experimentar essa amizade de que se gabava, fez chegar ao Imperador a noticia de sua morte. — Que disse Sua Majestade ? indagou do mensageiro. E êste repetiu as palavras do soberano: — "Pois que vá feder longe !"

O corpo de Estrangeiros desdobrou-se mais tarde em 2 batalhões de Granadeiros e 2 de Caçadores, como veremos oportunamente.

(45) Lord Thomas Cochrane, Conde de Dundonald e Marquês do Maranhão, 1º Almirante da Marinha Brasileira, mandado chamar no Chile, onde servia, e contratado pelo Império nascente. Deixou o serviço do Brasil abruptamente, partindo do Maranhão a bordo da fragata "Piranga" a 18 de maio de 1825, e foi batalhar na Grécia. João Brigido considera-o "alma de pirata". O Barão de Mareschal, em oficio a Metternich, datado de 16 de fevereiro de 1822, declara-o : "Brigand audacieux".

Lord Cochrane nasceu a 14 de fevereiro de 1775 em Sunnsfield, no

Imperador julgou poder firmar a soberania que lhe fôra entregue somente por meio de medidas severas.

Atacou os demagogos em seus mais secretos enconderijos Fez-se Grão Mestre das Lojas Maçônicas e um dia as fechou (46). Ao mesmo tempo, perseguiu os redatores dos primeiros jornais. Uns foram castigados. Outros escaparam pela fuga à arbitrária severidade, que não atingiu o fim colimado (47). A popularidade do Imperante derreteu-se e sua vida mais duma vez correu perigo. Teria sido mais prudente, se então adotasse o sistema, que mais tarde seguiu, dum govêrno liberalmente realizado. Parece, em verdade, que sob o manto de purpura existe um demônio especial que leva, irresistivelmente, quem o veste a se servir da totalidade do poder, como se serve dos seus símbolos externos.

Achava-se à testa do Ministério José Bonifácio de Andrada, brasileiro cientificamente culto e extraordinariamente talentoso. Servindo ao despotismo e alternadamente rendendo homenagem à liberdade, póde ser tido como o prototipo de todos os agitadores revolucionários sul-americanos, que, quase sem excepção, comumente trocaram um sistema pelo outro, sabendo sempre regular suas ações com o mais fino tácto, de conformidade com as circunstâncias.

A 3 de maio de 1823 (48), o Imperador inaugurou a Assembléia Geral Constituinte com um discurso em que tocou superficialmente nos acontecimentos anteriormente mencionados e os excusou, rotulando-os como medidas legislativas. Em poucas palavras se referiu às relações exteriores e à guerra com Portugal.

Lanarkshire ,e faleceu em Londres a 31 de outubro de 1860. Está sepultado na Abadia de Westminster.

Cochrane assumiu o comando da esquadra brasileira a 19 de março de 1823 e foi nomeado 1º Almirante por Decreto de 26 do mêsmo mês e ano.

(46) D. Pedro I fez a Independência ligado às atividades maçonicas. Foi Arconte-Rei da Nobre Ordem dos Cavaleiros de Santa Cruz ou Apostolado, sociedade secreta onde pontificava José Bonifácio, instalada a 2 de junho de 1822, prestando juramento solene na sessão de 22 do mêsmo mês e fechando-o violentamente a 17 de julho de 1823. Na Maçonaria, iniciado na Loja Comércio e Artes do Rio de Janeiro, usou o malhete de Grão Mestre com o pseudonimo de Guatimozin e, por uma prancha de julho de 1823, fechou o Grande Oriente.

(47) A primeira lei de repressão à liberdade de imprensa no Brasil. Decreto de 18 de junho de 1822, redigido e referendado por José Bonifácio, determinando, em face da "lei suprema de salvação pública", sem "ofender a liberdade bem entendida da imprensa que... tantos bens tem feito à causa sagrada da liberdade brasileira", que os delitos de imprensa fôssem julgados por um juri de 8 membros, escolhidos pelos acusados dentre 24 cidadãos convocados pelo Corregedor do Crime, na Côrte, e pelos Ouvidores, nas Províncias. Êsses magistrados imporiam as penas de acôrdo com a decisão do júri, o Procurador da Côroa serviria de Promotor nas causas e a apelação caberia diretamente ao Príncipe Regente.

(48) Tendo sido aberta a 3 de maio de 1823 e dissolvida a 12 de novembro do mêsmo ano, a primeira Constituinte Brasileira viveu apenas seis meses e nove dias.

Chamou muito especialmente a atenção da Assembléia para os perigos nascidos da exagerada vertigem da liberdade do povo e da tendência demagógica de seus representantes. Os acontecimentos subsequentes justificaram seus receios, pois já em 29 de julho a Assembléia resolveu por grande maioria de votos que suas decisões deiviam vigorar, mesmo sem a sanção do Monarca. O Congresso escolheu, para tentar reduzir o poder do Soberano, ocasião favorável, visto o mesmo estar impedido de agir depressa, como costumava, por se achar de cama em consequência duma queda de cavalo. José Bonifácio de Andrada resignara o Ministério e, muito embora seu afastamente parecesse resultado de exigência do partido liberal exaltado, as consequências provaram justamente o contrário, porque êle e seus irmãos, como membros da Constituinte, reforçaram a oposição em seu seio.

A maior parte do Exército, os batalhões com cuja lealdade o Imperador podia mais contar, estavam ocupados em cercar a Bahia (49). O Corpo de Estrangeiros, de alistamento recente, mal organizado e comandado por um chefe sem valor suscitava o ódio do povo e das milícias. Parte das tropas declarou-se a favor das resoluções da Assembléa e deu, assim, o contagioso exemplo da indisciplina que, por já ter sido favorecida pelo êxito durante a revolução anterior, se tornava mais perigosa. Os jornais, que mais do que nunca iam revelando suas tendências republicanas, envenenavam a população.

Em tôdas as suas proclamações, o Imperador invectivava as intenções ambiociasas dos deputados, que mascaravam de liberalismo seus planos egoistas e queriam fundar sua prosperidade pessoal sôbre os destroços Pátria. Nêsse meio tempo, a Comissão encarregada de elaborar a Constituição deu por finda a sua tarefa. apresentando um "Projeto de Constituição para o Império

---

(49) Até julho de 1823, durou a Guerra da Independência na Bahia. Cachoeira insurgiu-se a 25 de junho de 1822 e as hostilidades contra os portugueses principiaram no dia 28. Formou-se no núcleo cachoeirense um Exército Libertador sob o comando de Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, futuro Visconde de Pirajá, constituido de milicianos e patriótas da Bahia e Províncias vizinhas. Em julho de 1822, Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque começou a bloquear a capital da Bahia, onde se encurralára a forte guarnição lusa, composta de veteranos da Guerra Peninsular, sob o comando do General Madeira, apoiados pela esquadra. Até 27 de outubro de 1822, chefiou as tropas brasileiras o Coronel de Cavalaria de Milícias, depois Brigadeiro do Exército e futuro Barão de Belém, Rodrigo Antonio Falcão Bulcão. Nessa data, nomeado pelo Govêrno do Rio de Janeiro, assumiu o comando o General Pedro Labatut, que a 21 de maio de 1823, foi deposto e preso pelo Coronel Felisberto Gomes Caldeira. O comando coube a 27 de maio ao Coronel José Joaquim de Lima e Silva, no Segundo Reinado Visconde de Magé. O bloqueio de S. Salvador tornou-se mais apertado quando Lord Cochrane veiu com seus navios de guerra e a esquadrilha do heróico oficial de Marinha João de Oliveira Botas pôde desenvolver melhor a sua ação de inquietar constantemente o inimigo. Tornando-se insustentavel a situação da praça, o General Ma-

do Brasil" à Assembléia Constituinte e Legislativa, como se chamavam as duas Câmaras reunidas, para evitar o nome odioso de Côrtes. Embora o Imperador o tenha depois rejeitado, na essência condiz com o que jurou a 25 de março de 1824. Parece-me superfluo tratar do seu teôr, pois foi publicado na íntegra em muitas revistas européas (50).

As brilhantes vitórias das tropas imperiais nas Províncias do Norte e a conquista da Bahia deram novo ânimo ao Imperador e o induziram a tomar contra o partido demagógico da capital medidas mais agradáveis ao seu orgulho pessoal do que as inúteis negociações a que se vira obrigado, ao princípio, pelas circunstâncias. O General Madeira, Comandante das tropas portuguêsas na Bahia, embarcou nos primeiros dias de julho com todos os corpos às suas ordens, deixando o porto com importantes perdas, porque vários navios foram,à saída da barra, capturados como bôa presa pela esquadra corsária de Lord Cochrane (51). No fim do assédio, efetuado por terra pelo General Lima (52), a cidade estava em situação muito crítica. Muitos milhares de seus habitantes a tinham evacuado à fôrça ou voluntariamente, fugindo à absoluta falta de víveres reinante. O General Madeira, que comandava uns 2.500 homens em face das forças dos chefes imperiais que contavam mais do duplo dêsse efetivo (53), viu-se finalmente em apertadíssimo cêrco. Não podendo esperar auxílio de fóra, resolveu embarcar para Portugal, carregado com o botim da cidade saqueada, apesar de se ter durante muito tempo intitulado seu protetor e defensor.

Lord Cochrane contentou-se em tomar alguns navios de transporte, sem se empenhar a fundo em nenhuma ação séria contra a Armada portuguêsa, de acôrdo com seu velho princípio de fa-

---

deira embarcou as famílias portuguesas no dia 1º de julho e os seus 6 mil veteranos na madrugada do dia 2 de julho de 1823, evacuando-a completamente, depois de licenciar os 4 mil milicianos brasileiros às suas ordens Ás 11 horas da manhã de 2 de julho, a esquadra portuguesa fez-se de véla : 30 navios de guerra comboiavam 41 mercantes. A fróta de Lord Cochrane capturou alguns. As tropas imperiais entraram triunfalmente na cidade a uma hora da tarde.

Os principais combates travados durante êsse ano de luta fôram os de Itaparica e de Pirajá.

(50) O projéto de Constituição do Império adotado pelo Imperador, outorgado à Nação e jurado a 25 de março de 1824, com a solenidade perpetuada na famosa téla de Debret, foi redigido por José Joaquim Carneiro de Campos, depois Marquês de Caravelas, nascido na Bahia a 4 de março de 1768 e falecido no Rio de Janeiro a 8 de setembro de 1836.

(51) Transportes "Conde de Peniche", "Bizarria" e "Leal Português".

(52) O então Coronel José Joaquim de Lima e Silva, futuro Visconde de Mage, nascido a 26 de junho de 1787 e falecido a 24 de agôsto de 1855.

(53) As tropas imperiais numeravam segundo cálculo de Rio Branco, cerca de 15 mil homens. O General Madeira dispunha de 10 mil, 6 mil veteranos lusos e 4 mil milicianos.

zer a guerra como uma espécie de especulação comercial, cuja suprema finalidade é conseguir o maior lucro com o menor prejuijo possível (54)). E' curioso, porém, que a frota portuguesa de guerra não tenha procurado atacá-lo, para abrir caminho aos navios de transporte, pois era muito mais forte do que os barcos de corso de Lord Cochrane. O Maranhão e o Pará, onde havia fracas guarnições lusas, foram logo depois tomados, sem derramamento de sangue. Em recompensa aos seus serviços, Lord Cochrane foi elevado a Marquês do Maranhão.

Com excepção de Pernambuco, que conservava sempre latente seu velho espírito republicano, tôdas as Províncias do Norte estavam, pois, sob o cétro imperial. Na capital, pelo contrário, a agitação dos espíritos crescia cada vez mais. No Congresso, o chamado Partido Liberal, que o Govêrno rotulava em suas proclamações com o odioso nome de demagogos, procurava limitar o mais possível o poder do Monarca. Parte das tropas tinha sido subornada. Lançava-se a inquietação no seio do povo com o boato de negociações da Côrte com Portugal, ao que a chegada do Conde do Rio Maior deu certa verossimilhança (55). Nesta contingência, o Imperador procedeu de modo muito prudente.

Afim de reconquistar a popularidade, recusou comunicar-se de qualquer modo, não só com o citado mediador, como com o General Luiz de Oliveira Pinto, vindo ao Rio, pela Baía, na mesma qualidade, porque ambos não estavam credenciados para reconhecer a Independência do Brasil como base para qualquer negociação. Os emissários transmitiam o pensamento do seu Rei e

---

(54) Só a fragata "Niterói" perseguiu a esquadra portuguesa em retirada até à vista do estuario do Tejo.

(55) A missão do Conde de Rio Maior no Rio de Janeiro foi consequência do golpe absolutista vitorioso em Portugal, que se conhece na história com o nome de Vilafrancada. Êle trazia uma carta de D. João VI a D. Pedro I, comunicando que o Rei se achava livre da nefasta influência das Côrtes, restituido à plena soberania, e pedia a cessação das hostilidades por parte do Brasil. Era uma tentativa de tornar a reunir o que fôra separado pelo grito do Ipiranga e o sangue derramado na Bahia.

Rio Maior chegou ao Rio de Janeiro a 17 de setembro de 1823, na corveta "Voadora". Antes de sua chegada, o brigue-correio "13 de Maio", que deixára o Tejo a 10 de julho de 1823, aportára à Bahia com outro enviado, que precedia Rio Maior, o Marechal de Campo Luiz Pinheiro de Oliveira Pinto da França, que o Govêrno Provincial obrigou a vir para o Rio, embóra bastante doente. Aqui esteve em custódia na casa do Dr. Garcez, á rua da Glória, com sentinela à vista. Sua presença provocou agitados debates no seio da Constituinte. Era um veterano da campanha contra Junot, nascido em 1777, pái do 1º Conde da Fonte Nova. O brigue-correio "13 de Maio", por coincidência, fôra o navio que levára ao Reino o Conde dos Arcos demitido e preso.

Antonio de Saldanha Oliveira Juzarte Figueira e Souza, 2.º Conde do Rio Maior, diplomata português, era neto do Marquês de Pombal e irmão do Duque de Saldanha, nasceu em 1776 e faleceu em 1825. Acompanhou D. João VI, quando veiu e quando regressou. Depois da Abrilada de 1824, que destruiu os resultados da Vilafrancada de 1823, seguiu com D. Miguel

o deles próprios de que a abolição das Côrtes Portuguesas seria bastante para aplainar a maioria dos obstáculos contrários à união ,os dois Reinos. Tal argumento, como era compreensível, não podia encontrar grande aceitação naquela época, pois, se as Côrtes Portuguesas eram odiadas por quererem conservar o Brasil na antiga dependência colonial, mais odiado seria ainda um govêrno absoluto. O Ministério e a Assembléia fizeram com que D. Pedro mandasse logo o Conde do Rio Maior de volta a Portugal. Não houve ao menos uma troca de correspondência. O Imperador recusou-se até a receber cartas particulares de seu pai e de outras pessoas de sua família. O Conde regressou a Lisboa, sem que se dignassem dar-lhe uma resposta por escrito (56).

Enfim, um caso sem importância forneceu ao Imperador a oportunidade favorável de que carecia para dissolver a Constituinte, cuja maioria não queria ceder à sua vontade. Um farmacêutico residente na rua Direita foi assaltado e maltratado em sua própria casa por alguns oficiais do Exército. Pela Constituição, êsse atentado contra a segurança pessoal era um crime digno do mais pesado castigo. Como, porém, nem a polícia quis intervir no assunto, nem as autoridades militares tomaram conhecimento da queixa apresentada pela vítima, esta se dirigiu à Assembléia Geral. Após animados debates sôbre a competência da mesma na matéria, o Deputado Antonio Carlos de Andrada propôs que, se se provasse o delito dos acusados perante os tribunais comuns, deviam ser banidos do país (57).

Durante essa tumultuosa discussão, na qual tomou o mais vivo interêsse o povo das galerias, o Imperador se encontrava no Paço da Cidade, onde todos os Ministros lhe levaram seu pedido de demissão. O inesperado acontecimento e a agitação po-

---

para o seu exílio em Viena d'Austria, onde morreu, contribuindo para isso os seus grandes desgostos.

Sua missão foi considerada como uma tentativa de recolonização e provocou grande celeuma. D. Pedro recusou-se a receber os emissários, mandou apresar a corveta "Voadora" e fê-los voltar a 2 de outubro de 1823 no brigue-correio "13 de maio".

(56) Vide nota anterior.

(57) Trata-se do português David Pamplona Real, natural dos Açores, estabelecido com uma botica na rua do Piolho nº 15, atual da Carióca, a quem alguns oficiais do Exército, portugueses natos que haviam aderido à Independência, atribuiram a autoria de artigos insultuosos aparecidos no jornal "Sentinela". Na noite de 5 de novembro de 1823, o Sargento Mór Jose Joaquim Januário Lapa e o Capitão Zeferino Pimentel Moreira Freire o agrediram violentamente. O fáto, explorado pela imprensa e no seio da Constituinte, à qual o ofendido levou a sua queixa, provocou celeuma e agitação. O Ministério, formado a 17 de julho por Carneiro de Campos, demitiu-se. Vilela Barbosa organizou outro em sua substituição no dia 19. O incidente foi a gôta de água que fez extravassar o váso muito cheio. A êle seguiu-se a dissolução da Constituinte.

O tumultuoso debate a que se refere o autor foi a 10 de novembro de 1823.

pular nas vizinhanças do Palácio fizeram com que êle decidisse à noitinha voltar a S. Cristovam, aonde convocou em tôrno de si as tropas com cuja lealdade podia contar.

Alguns dias mais tarde, a 12 de novembro, tendo-as passado em revista e se assegurado de sua boa disposição, o Imperador mandou por alguns emissários exigir da Assembléia Geral a expulsão de grande número de Deputados demagogos. Esta respondeu-lhe, declarando-se em sessão permanente e decretando a retirada das tropas estrangeiras à distância de 10 horas do Rio de Janeiro. Em vão, por meio de reiteradas mensagens de seu novo Ministério, tentou o Soberano induzir a Assembléia a ceder à sua vontade. dissolvendo-se voluntariamente. Os ânimos achavam-se por demais exaltados para dar ouvidos a voz da prudência. Provavelmente, os membros da Assembléia contavam com a eficaz colaboração do povo, no caso de medidas violentas, mas nisso redondamente se enganaram, tanto que, quando D. Pedro, por volta das 2 horas, entrou na cidade, à frente de uns 500 homens, não encontrou a menor resistência.

A Assembléia Constituinte foi dissolvida por um decreto que o ajudante do Imperador entregou ao seu Presidente. Os irmãos Andrada e mais alguns colegas foram presos. A cidade pôs luminárias três noites seguidas (58).

Não posso deixar passar a ocasião sem um paralelo entre a conduta digna desta Assembléia e a daquela que, na Metrópole, ameaçada de semelhante catástrofe, procedeu com tal baixeza e tão covarde duplicidade como não há exemplo na história. A Constituinte do Rio de Janeiro conservou, até o momento de ser dissolvida pela fôrça, o perigoso direito do livre debate para a discussão dos mais importantes assuntos. Os Deputados falavam da mesma maneira irreverente usada antes, embora não desconhecessem a iminência do perigo e que tudo havia a temer da violência do Imperador.

Quando o decreto ordenando a dissolução foi comunicado à Assembléia, o Presidente mandou copiá-lo no livro de registro, como de praxe, votando-se, ao mesmo tempo, solene protesto con-

---

(58) Os corpos da guarnição do Rio de Janeiro receberam ordens de prontidão e concentração em S. Cristovam na noite de 10 de novembro de 1823. No dia 12, pela manhã as tropas tomavam posições em várias ruas e o Imperador dissolvia a Assembléia Geral Constituinte, mandando prender os Deputados José Bonifácio, Martim Francisco, Antonio Carlos, Montezuma, Belchior Pinheiro, José Joaquim da Rocha com seus 2 filhos e os irmãos Menezes Drummond, deportados a 20 de dezembro para a França na charrúa "Luconia". Outros Deputados presos, como Vergueiro, Muniz Tavares, Carneiro da Cunha, Alencar, Andrade Lima, Xavier de Carvalho, Henriques de Rezende e Cruz Gouvêa foram logo postos em liberdade.

O Imperador fez um manifesto à Nação, explicando as razões que o haviam forçado à dissolução da Assembléia e declarando que convocaria outra para examinar um projéto de Constituição a ser apresentado.

tra êsse procedimento arbitrário, por mais que o momento e as circunstâncias aconselhassem o mais rápido afastamento de todos. Somente depois dêsses atos, a Assembléia se declarou encerrada e, então, cada qual tratou de subtrair-se da melhor forma possível ao ressentimento do Monarca.

Quando, na primavera, de 1827, o Exército Apostólico se aproximou de Lisboa, as Côrtes se ocuparam com as mais desprezíveis bagatelas, sôbre o traje, a ordem dos trabalhos e assim por diante, evitando cada um, por absoluta covardia, referir-se aos interêsses gerais que perigavam e em poucos dias seriam arrazados. Em todos os debates daquele tempo se mostram os esforços daquela assembléia para arranjar uma saída. As baionetas inglesas sustentaram algum tempo a Constituição Portuguesa. Mal lhe faltou a proteção estrangeira, ela caiu. Como esperar dos membros dum Congresso, cuja covardia e fraqueza já se tinham evidenciado, aquela energia necessária para defender seus princípios, tanto contra a vontade do Regente como contra a do povo, ao qual se queria impingí-los?

No Brasil, o caso foi inteiramente diverso. A Constituição nasceu da alma do povo. Por isso, resistirá até que outros acontecimentos tragam outro sistema político.

D. Pedro, certamente mais inclinado do que qualquer soberano europeu ao Govêrno Absoluto, tão irresitível que os monarcas de todos os tempos e nações lhe têm sacrificado sossêgo, gosos e até a própria vida, compreendeu, contudo, que seu trono não poderia dispensar o sustentamento duma base constitucional. A primeira Assembléia fôra dissolvida sem alcançar o seu fim, deixando um projeto de Constituição como único vestígio de sua existência. Seus elementos se dispersaram para todos os lados na imensidão do país, sendo de receiar que o espírito de rebelião que os animára reunidos, encontrasse nas Províncias solo propício para se desenvolver, produzindo a anarquia e sanguinária guerra civil.

O Imperador convocou, portanto, nova Assembléia Nacional, para lhe apresentar a Constituição por êle modificada. Como esta só reuniu parte dos representantes devido a escassez de tempo, que não permitiu às Províncias mais distantes enviarem os seus, abriram-se em tôdas as cidades registros, nos quais se votaria sôbre a aceitação da Constituição. A maioria da capital era decididamente a seu favor. Nas Províncias, pelo contrário, os votos estavam muito divididos.

A 11 de dezembro de 1823, a Constituição foi apresentada ao Senado da Câmara do Rio de Janeiro e assinada pelos Ministros e pelo Conselho de Estado (59). A 25 de março de 1824, solenemente jurada pelo Imperador (60).

---

(59) Nessa data, terminou no Conselho de Estado a discussão do projéto de Constituição apresentado por Carneiro de Campos a mando do Imperador.

Pernambuco era então a única Província que não reconhecia a autoridade imperial. O brasileiro nato, Carvalho (61) aproveitou o antigo espírito republicano de sua capital para se colocar à testa duma revolução, destinada a instituir uma Confederação, no Norte do Brasil. Ameaçado pelo Govêrno, decidiu-se a defender a independência da Província de armas na mão. A posição natural da capital, do lado do mar protegida de qualquer ataque por um penhasco ou recife, do qual lhe veiu o nome, com fortificações em muito bom estado, a tornavam como que inexpugnável. Apesar disso, não resistiu muito tempo aos ataques combinados do General Lima (62), que, com mais ou menos 2 mil homens, dirigiu o assedío por terra, enquanto o Marquês do Maranhão bloqueava o pôrto (63). As tropas de Carvalho eram mal disciplinadas, grande parte da população fugiu e o espírito republicano ia minguando à proporção que o perigo se aproximava. Após curto bombardeio, a cidade rendeu-se. Carvalho refugiou-se a bordo dum navio inglês (64). O General Ferreira, com parte da guarnição, retirou-se para o interior (65). Outros cabecilhas do movimento foram presos, levados para o Rio e alí supliciados. Lima ficou em Pernambuco como Governador e Comandante das Armas (66).

Por êsse mesmo tempo, um caso de outra espécie encheu os ânimos de execração e temor. Felizmente, não teve maiores consequências. O General Felisberto Caldeira (irmão do Marquês de Barbacena, Governador da Bahia, foi morto pelas suas próprias tropas. Um batalhão da guarnição, conhecido pelo nome de Pe-

---

(60) Na Capela Imperial.

(61) Manuel de Carvalho Pais de Andrade.

(62) O Brigadeiro Francisco de Lima e Silva, depois Regente do Império, pái do Duque de Caxias.

(63) Cochrane iniciou o bloqueio em agôsto. Maria Graham, que se achava no porto, a bordo do paquete inglês "Falmouth", entrevistou-se com êle e procurou servir de intermediária com os revoltosos. A 12 de setembro passou o comando do bloqueio ao Chefe de Divisão David Jewett. Nêsse mêsmo dia, as tropas imperiais do Brigadeiro Lima e Silva começaram a sua marcha ofensiva, partindo do engenho Suassuna.

(64) Lima e Silva fixou o mal organizado e comandado exército rebelde de José de Barros Falcão de Lacerda na linha dos Guararapes e, por meio de ousada marcha de flanco, desbordou-o, tomando a ponte do Motocolombó, sobre o rio Jaboatão, e ocupando na sua retaguarda os fortes das 5 Pontas, de Santo Antônio, do Brum, do Buraco e do Picão, de modo a dominar o Recife. Na noite de 12 de setembro, Manuel de Carvalho Pais de Andrade, Presidente da efémera Confederação do Equador, refugiava-se a bordo da fragata inglesa "Tweed".

Seu exército, repelido por tôda a parte, retirava para Olinda, onde cessou o fogo a 14 de setembro. Houve ainda alguma resistência no bairro do Recife, a 16, que um desembarque de marinheiros e soldados logo dominou. Na manhã de 17, as forças legais ocupavam Olinda.

(65) O autor faz confusão de nomes. O único Ferreira da Confederação do Equador era Gervasio Pires Ferreira, que não comandou tropa alguma. O que se deu foi o seguinte : os remanescentes das tropas batidas e capturadas retiraram-se, após a perda do Recife e de Olinda, para o sertão paraibano, perseguidos e constantemente batidos pelo caminho, em

riquitos e mal afamado por sua rapinagem e indisciplina, recebeu ordem para voltar ao Rio de Janeiro. Ao invés de obedecer, os soldados penetraram no Palácio do Governador, assassinaram o pobre Felisberto e tentaram se apoderar da cidade. Mais pela persuassão do que pela fôrça, por fim foram levados a embarcar. O mais singular é não ter sido êsse batalhão dissolvido, nem os assassinos castigados, apesar de se dizer que foram os próprios oficiais que aliciaram as praças para perpetrarem o crime (67).

Em princípio de 1825, o Govêrno Imperial parecia bastante firme em tôdas as partes do imenso país, embora Ferreira ainda se aguentasse no Norte, apoiado secretamente pelos grandes fazendeiros, que, inficionados pelo exemplo próximo dos Estados Unidos, desejavam uma constituição republicana (68). Vários anos de sêca haviam privado as Províncias nortistas a tal ponto de meios de subsistência que era impossivel às tropas imperiais operar nos sertões (69). Ambos os partidos, portanto, se limitaram a uma luta de guerrilhas, cujos resultados se desconhecem. Ao sul, pelo contrário, as descrdens tiveram caráter mais sério. Desde 1817, Montevidéu estava na posse dos portugueses. Em 1822, o General Lecor, Barão da Laguna, declarou a Província parte integrante do Império sob o nome de Cisplatina, depois que as tropas do General Alvaro da Costa, que ao princípio a tentou conservar para a Metrópole, parcialmente se dissolveram (70). E' na realidade muito improvável que os habitantes espanhóis dessa Provincia, desejassem realmente se unir ao Brasil, tendo-se em vista o ódio existente entre castelhanos e lusos. Mas, como ingenuamente

---

Couro d'Anta e no Agreste, sob o comando de José Gomes do Rego Casumbá. Procuravam atingir o interior do Ceará, onde a revolução fôra ateada por Tristão Gonçalves de Alencar e José Pereira Filgueiras. Alencar foi, no entanto, batido e morto na varzea de Santa Rosa, a 31 de outubro A 8 de novembro, Filgueiras depunha as armas no Crato, e a 28, cercados por Lamenha Lins no Engenho do Juiz, perto de Missão Velha, também no Ceará, entregavam-se os derradeiros rebeldes. O autor naturalmente, como alemão, ouvindo contar os fátos no Rio ou lendo-os nos jornais da época, confundiu Filgueiras com Ferreira.

(66) A Revolução de 1824 em Pernambuco, que proclamou a Confederação do Equador, englobando Paraiba, Rio Grande do Norte e Ceará, durou pouco. O seu Manifesto foi dado a lume a 2 de julho, seu governo constituiu-se a 2 de agôsto, seu chefe fugiu a 12 de setembro e seu derradeiro vestigio se apagou a 28 de novembro, tudo do mêsmo ano.

(67) Já explicamos todos êsses fátos em nota anterior.

(68) Como se viu, Filgueiras entregou-se em novembro de 1824.

(69) A sêca de 1825, que devastou os sertões nordestinos. Além da sêca, alastrou terrivel epidemia de variola. Correram vozes de que houve até casos de antropofagia. Falou-se disso na Câmara dos Deputados. Um terço da população morreu da fome e da péste. Regiões inteiras ficaram desertas. A guerra civil e os salteadores aumentaram ainda a miséria e os sofrimentos da população sertaneja. Além disso, já o inverno de 1824 fôra bastante escasso.

A primeira séca do Nordeste de que há notícia é a de 1614.

(70) Carlos Frederico Lecor, Barão e depois Visconde da Laguna, nasceu em Lisbôa em 1767 e faleceu no Rio de Janeiro a 3 de agôsto de

escreve um autor francês, Dufey (71), o nosso Direito das Nações tem tão grande necessidade de amparo jurídico que todo reconhecimento dele, embora de origem na fôrça, implica num título para estabelecer no futuro deveres aos súditos. Tal princípio não convencia os habitantes da Banda Oriental. A cidade de Montevidéu, onde havia uma guarnição brasileira, permaneceu tranquila; porém, em volta dela reinava constante estado de insurreição, que, em breve, forçou as tropas imperiais a se encerrarem no perímetro urbano, cujas fortificações, em tempos arrasadas pelo General Rondeau (72), tinham sido restauradas. Lavalleja achava-se à testa dos insurretos. Precisando de apôio, procurou o da República de Buenos Aires, cujo governo o negou a princípio publicamente, mas às ocultas sempre o auxiliou, deixando mais tarde cair a máscara e declarando a Banda Oriental incorporada à Confederação Argentina (73).

Na capital do Império, pouca importância se deu de início às desordens daquela região (74). Só quando o General Frutuoso Ribeiro, no estilo da imprensa local, imbuida de epitetomania, apelidado *o Traidor*, se passou para os rebeldes com cêrca de 800 soldados da guarnição da Cisplatina e bateu a campanha até as portas de Montevidéu, se tomaram medidas sérias para conservar essa Província do Império. Desde que ela formava uma parte integrante do Brasil, a honra nacional e um dispositivo especial da Constituição exigiam a sua conservação do melhor modo possível.

Considerando a matéria do ponto de vista da prudência, te-

1839. Comandou uma divisão na Guerra Peninsular sob as ordens de Wellington. Em 1816, à frente dos chamados Voluntários Reais, invadiu a Banda Oriental e ocupou Montevidéu, incorporando essa cidade e o território do Brasil pelo Tratado entre êle e os Deputados ao Congresso Oriental, assinado a 31 de julho de 1821. Lecor, à frente das tropas luso-brasileiras, chegou a Pando a 19 de janeiro de 1817 e o Governador de Montevidéu, Miguel Barreiro, fugiu para Canelones. O Aguazil-mór, Agostinho Estrada, e o Vigário, Damaso Antonio Larranaga, vieram conferenciar com êle em nome do Cabido ou Municipalidade, que estava resolvido a recebê-lo com tôdas as honras. Nêsse interim, um destacamento de Marinha se assenhoreava do porto, ocupando o forte dos Ratos. A 20 de janeiro de 1817, Lecor entrou na capital uruguaia debaixo de pálio e recebeu as suas chaves das mãos do Síndico Bianqui. As forças do General Sebastião Pinto guarneceram as fortificações e as do General Bernardo da Silveira, os suburbios.

Dêsde essa data, Lecor era Capitão General Governador da Cisplatina. Ao proclamar-se a Independência, optou pelo Brasil.

A 21 de outubro de 1823, travou-se em Montevidéu um combate naval entre lusos e brasileiros. Êstes, comandados pelo Capitão de Mar e Guerra Pedro Antonio Nunes, tiveram a vitória. Dias depois, o General Alvaro da Costa, que comandava a guarnição fiel à Metropole, propôs a sua evacuação, que se realizou mediante convenção assinada entre êle e Lecor a 18 de novembro seguinte.

(71) Pedro José Esperidião Dufey, publicista francês, nascido em 1770 e falecido em 1854. Jornalista, fundou os periodicos "Le Nain Jaune" e "Le Nain Tricolor", o Anão Amarelo e o Anão Tricolor. Atuou também como advogado. Suas obras principais são: "Memorial politique, literaire

ria sido melhor, no entanto, que nela o Imperador tivesse mostrado a mesma moderação de mais tarde, quando após a batalha de Ayacucho a Província espanhola de Chiquitos quis se unir ao Brasil, desautorizando e reprovando como ilegal, publicamente, o ato do Governador de Mato Grosso que dela tomou posse (75).

Com grandes sacrifícios, mandaram-se tropas e petrechos de guerra para Montevidéu. A tensão com a República Argentina aumentou continuamente até se travar uma guerra dispendiosa. As armas imperiais falharam de enconrto à bruta valentia e ao sistema de guerrear dos gaúchos, para o qual não tinham sido adestradas. O Batalhão do Imperador foi atacado de emboscada no Rincão das Galinhas e quasi aniquilado (76). Era necessário abastecer Montevidéu por mar com enormes despesas. As finanças do Estado se debilitaram, sem resultado favorável para a guerra.

Nesse crítico momento, o Marquês do Maranhão deixou o serviço imperial. Surgiu na baía do Rio de Janeiro a bordo da fragata "D. Pedro" e exigiu a imediata venda das presas portuguesas existentes no porto, para seu pagamento e de sua gente. Depois de alguns dias de trocas de mensagens para lá e para cá, seguiu na fragata "Piranga" para o Maranhão, onde tirou do erário 400 mil cruzados e regressou à Inglaterra. Dali a "Piranga" tornou ao Rio de Janeiro, mas todos os oficiais estrangeiros tinham deixado o navio com seu Almirante, o que muito desgos-

---

et industriel", "L'Europe et la France en 1792 et en 1815", "Des Assemblée aux Champs de Mars", "Confessions de Napoléon", "Histoire, actes et remontrances des Parlements de France", "Napoleón et la Grande Armée", "Dunois", "Coligní", "Nouveau Dictionnaire Historique des environs de Paris", "Histoire des Communes de France" e "La Bastille".

(72) O General José Rondeau, embora nascido na Argentina, desempenhou notavel papel na história do Uruguai. Era Coronel em 1811, quando D. Diogo de Souza, 1º Conde do Rio Pardo, fez a sua Expedição Pacificadora à Banda Oriental. A 17 de junho daquêle ano, êle intimava sem resultado o general português a não atravessar o rio Jaguarão. Em 1828, foi eleito Presidente da jovem República Oriental do Uruguai, cargo a que renunciou em 1830, sendo substiuído por Lavalleja. Deixou uma "Autobiografia".

(73) A nota do Ministério das Relações Exteriores da República das Províncias Unidas do Rio da Prata (Argentina), anunciando ao Brasil a incorporação da Cisplatina, já em revolta contra o Império, votada pelo Congresso na sessão de 25 de outubro de 1825, foi datada de 3 de novembro do mêsmo ano. Declarava prover à defesa e segurança da evacuação das guarnições brasileiras. O Império respondeu com a declaração de guerra de 10 de dezembro. A paz só se firmaria com a independência do Uruguai, outorgada pelo Brasil, a 27 de agôsto de 1828.

(74) O famoso desembarque dos 33 patriótas que acompanharam o Caudilho Lavalleja e iniciaram o movimento da independência na praia da Agraciada, na Canada de Gutierrez. Aliás, averiguações posteriores demonstraram que eram 34.

(75) Alude ao fáto conhecido na nossa história diplomatica como o Incidente de Chiquitos. Calogeras considera "infeliz iniciativa" essa de

tou a D. Pedro, porque a guerra com Buenos Aires parecia inevitável e já estava resolvido o bloqueio do rio da Prata.

Por êsse tempo regularam-se as relações com Portugal, graças à mediação inglesa, e a perspectiva dessa próxima paz talvez fôsse a principal razão por que Lord Cochrane se sentiu induzido a deixar o serviço do Imperador. Desde muitos meses, estava em completa desarmonia com o Ministério. A coisa chegava ao ponto de nem ao menos fazer comunicações oficiais ao Ministro da Marinha, correspondendo-se sómente com o Monarca, única pessôa de quem recebia ordens pessoais e diretas. Até certo ponto, é possível justificar seu comportamento. Retardavam a venda das presas portuguesas propositalmente, porque diversos membros do Tribunal de Presas ou tinham interesses nelas ou defendiam os de seus parentes e amigos, que os dispunham a medidas mais brandas (77). Embora Portugal e o Brasil estivessem em guerra, nem tôdas as ligações comerciais tinham sido cortadas e os prejuizos recairiam tanto sôbre portugueses como sôbre brasileiros, se todos os bens reclamados por Lord Cochrane fôssem confiscados. Assim, revolveram-se céus e terras para impedir um procedimento enérgico, o que se conseguiu com a venalidade reinante nos tribunais. O nobre Lord viu-se na contingência de perder grande parte de suas presas, capturadas com muito trabalho. Tomou rápidamente a sua resolução e deixou o Brasil, afim de procurar novo campo para a sua atividade ou, se preferirem, para as suas especulações. Poder-se-á levar a mal que se tenha feito pagar de qualquer modo?

A 18 de julho, chegou ao Rio de Janeiro, Sir Charles Stuart, começando imediátamente em S. Cristovam suas negociações com a presença do Imperador. No dia 7 de setembro, publicou-se

---

Carvalho e Melo, convidando o governador das províncias bolivianas de Chiquitos, Moxos e Santa Cruz de la Sierra a se unirem ao Brasil. As autoridades de Mato Grosso ocuparam indevidamente aquêles territórios; mas, logo que o fáto chegou ao conhecimento do Governo Imperial, êste se apressou em ordenar a restituição e evacuação imediatas. No próprio ano de 1823, em que ocorreu, o incidente ficou inteiramente encerrado.

(76) Não é verdade. O Batalhão do Imperador, de guarnição em Montevidéu, nunca dalí saiu. O combate do Rincão de Haedo ou das Galinhas, a 24 de setembro de 1825, foi uma emboscada, posta pelos Uruguaios nessa pequena península entre os rios Negro e Uruguai, a dois desfalcados regimentos de cavalaria de Milícias, o 24º e o 25º, compostos de indios guaranis missionários, que alí vinham mudar de cavalos. O Rincão servia de invernada às cavalhadas do Exército Imperial. Tomados de surprêsa, os guaranis fôram derrotados, perecendo em combate como um bravo o jovem Coronel José Luiz Mena Barreto.

(77) O Tribunal de Presas compunha-se de 13 membros, dos quais 4 brasileiros, e fôra criado em novembro de 1823, pelo Ministro da Marinha Vilela Barbosa. Sobre êle, escreve um historiador: "O Governo, para não sacrificar os interesses vis dos traficantes lusos, não havia pago à maruja da esquadra as quotas devidas e a que fazia jús pelos apresamentos feitos ao comboio e fróta inimigos". Isto concorda em genero e número com o que diz o autor.

que o Embaixador inglês trouxéra o reconhecimento da Independência do Brasil em nome de Portugal. Fixou-se o prazo mais curto possível para a troca de ratificações do tratado e a cidade pôs luminárias durante várias noites (78).

O importante acontecimento não foi recebido pelo povo com o entusiasmo esperado pela Côrte. Não só invejavam ao bom Rei D. João VI o título vasio de Imperador do Brasil, que se reservára, como a parte mais instruída da população receiava, nessa acomodação com a Mãe Pátria, a existência dos germens de novos laços de sujeição. A personalidade de D. Pedro e a perspectiva de ter um dia as duas corôas justificavam um tanto êsses temores Demais, as recíprocas indenizações de guerra, estipuladas no tratado, evidentemente resultariam a favor de Portugal. E a Inglaterra se fez pagar régiamente pelo ofício de mediadora, com grandes concessões comerciais.

A situação das finanças não era satisfatória. Numa cidade comercial como o Rio de Janeiro, a baixa do credito público exerce decisiva influência na opinião geral. Todo o dinheiro de contado fornecido pela Casa da Moeda (79) se empregava no pagamento das tropas no Sul e dos petrechos bélicos. Na capital, quase ùnicamente se viam papel moeda e cobre.

A 12 de outubro, aniversário da Aclamação, o Imperador reuniu tôdas as tropas da guarnição no Campo de Sant'Ana, as quais, incluindo as milícias, numeravam uns 10 mil homens. Foi a última vez que os habitantes da capital viram juntas forças tão importantes, porque pouco tempo depois, forçado pelos desastres do Sul, o Imperador teve de mandar reforçar Montevidéu por seus melhores batalhões. No mêsmo dia, se publicaram muitos decretos de criação de títulos nobiliarquicos, com os quais o Monarca obsequiava grande quantidade de pessôas e mais firmemente as prendia aos interesses da corôa. Contudo o auxilio de poucos contra muitos é sempre duvidoso, podendo-se mêsmo presumir que êle tenha ofendido maior número de grandes fazendeiros e proprietários, que não nomeou, do que adquirido novos defensores da Monarquia com os poucos lisonjeados na sua vaidade. A maioria dos contemplados com essa honra se compunha de pessôas da intimidade do Soberano. Ministros, Generais e

---

(78) O Tratado de Reconhecimento da Independência foi assinado no Rio de Janeiro, a 29 de agôsto de 1825. A 15 de novembro do mêsmo ano, saiu a Carta de Lei de D. João VI transmitindo a D. Pedro os seus direitos sobre o Brasil, reconhecendo a independência do Novo Império e reservando-se o título de Imperador.

(79) Em 1643, foi estabelecida no Rio de Janeiro uma oficina para contramarcar moédas. A 1ª Casa da Moéda Provisória data, porém, no Rio, de 17 de março de 1699. Em 1670, foi fechada e mandados os seus oficiais para a do Recife. A oficina monetária reabriu-se em 1703 com a volta dêsses técnicos. E' essa oficina que existia ao tempo do autor. A atual Casa da Moéda se inaugurou tão sómente a 2 de dezembro de 1858.

Cortezãos fôram elevados a Condes e Barões. Poucas semanas depois, quando todos os Ministros, menos os da Guerra e da Marinha, se viram demitidos dos cargos, verificou-se que êsse brilhante galardão aos seus méritos não eximia os agraciados do desagrado imperial (80).

O Marquês de Barbacena, Felisberto Brant, que voltava de uma missão à Inglaterra, onde arranjára dinheiro, assumiu a pasta da Fazenda (81). Os outros Ministros tinham nomes e merecimento anterior desconhecidos. Ao da Guerra, Barão de Lage, reconhecia-se que tinha muito talento e que sabía conservar-se contínuamente nas bôas graças do Imperador, mas condenavam suas arbitrariedades. O povo e o Exército temiam-no e odiavam-no) (82).

Censurou-se acerbamente o envío de novos reforços a Montevidéu, sobretudo porque o Imperador entre êles incluíra alguns corpos fracos das milícias. Como não dispunha de outra cavalaría a não ser esta, viu-se forçado pela urgencia da situação a êsse desagradável recurso. O resto compunha-se principalmente de recrutas, pobres cabôclos semi-selvagens das Províncias do Norte, que em breve sucumbiram ao clima a que não estavam habituados e às fadigas da guerra. Como sua passagem era paga com bilhetes da Alfândega, lia-se, alguns dias depois do embarque, à porta da mêsma, êste escrito: — "Aquí se recebem esmolas para missas pelas almas dos nossos soldados enviados para o Sul". A polícia fez o possível para descobrir o autor anônimo da pasquinada, sem nada conseguir.

Enquanto se esperava formal declaração de guerra a Buenos Aires, a Imperatriz alegrou o marido, dando-lhe um Príncipe. Celebrou-se o feliz sucésso com brilhantes festas. A esperada declaração de guerra deu em nada, mas as hostilidades contra a República começaram incontinenti, o que parece estranho no Brasil, onde o Governo cerca todos os seus átos de exterioridades. Os basbaques da cidade contavam com uma cavalgada de arautos e trombeteiros, e o fáto de não ter havido lhes causou tanto pesar como uma derrota naval ou a perda duma batalha

---

(80) Os Ministros da Guerra e da Marinha que mais permaneceram nas pastas e aos quais se refere o autor, eram o Conde de Lages e o Marquês de Paranaguá.

(81) Felisberto Caldeira Brant Pontes, Marquês de Barbacena, Ministro da Fazenda e Comandante do Exército no Sul, que travou a batalha do Passo do Rosário ou Ituzaingó, nascido perto de Mariana, Minas, a 19 de setembro de 1772 e falecido no Rio a 13 de junho de 1842.

(82) Coronel, depois Brigadeiro, João Vieira de Carvalho, Conde e mais tarde Marquês de Lages, oficial de engenheiros de grande competencia, veterano da campanha contra Artigas, tendo tomado parte na famosa batalha de Catalan. Ministro da Guerra na Independência, em 1824, em 1828 e duas vezes durante a Regencia. Nove vezes Mniistro em outras pastas. Nasceu em Portugal, na vila de Olivença, a 16 de novembro de 1781, e faleceu no Rio de Janeiro a 1º de abril de 1847.

em terra. O Almirante Lobo (83) recebeu o comando da esquadra que bloqueava o rio da Prata e o General Lecor, Barão da Laguna, continuou como Governador civil e militar de Montevidéu.

Por êsse tempo, houve singular negociação entre o Embaixador inglês e o Ministério Imperial a respeito dum oficial de marinha, o Capitão T-r, que antigamente servira na esquadra inglêsa e fôra acusado de fraude, desertando, afim de escapar ao inquérito judicial (84). No Brasil, onde se não dá importância a coisas do passado, encontrou segunda pátria. Servindo com Lord Cocrane, chegára ao posto de Capitão de Fragata da Armada Imperial. Seu alto merecimento, bem como seu casamento em uma das primeiras famílias do país, proporcionaram-lhe o favor do Imperador. Já era apontado por tôda parte como provável Comandante da Esquadra de Bloqueio do Brasil, quando a Embaixada Britânica comunicou, peremptoriamente, ao Govêrno do Brasil que todos os navios de guerra ingleses haviam recebido ordens para se apoderarem da pessôa do Capitão T-r, logo que êle deixasse o porto. O Imperador viu-se obrigado a ceder e o oficial a permanecer em casa. Afim de compensá-lo de algum modo por êsse ultrage, Sua Majestade o nomeou mais tarde Comendador da Ordem do Cruzeiro do Sul, dando com isto a conhecer o pouco caso que fazia da opinião inglesa, o que não é de estranhar em um Monarca mais inclinado a seguir as inspirações do seu capricho pessoal do que os ditames duma política estreita. As considerações de ordem moral não têm grande peso para D. Pedro.

Em principios de 1826, o Imperador realizou o projéto de há muito acalentado de visitar as Províncias do Norte. Embarcou na náu "D. Pedro I", cujo comando coube ao Almirante Farinha (85). A Imperatriz acompanhou-o e no sequito foi a favo-

---

(83) Rodrigo José Ferreira Lobo, que se bateu em Argel em 1809 e era Vice-Almirante dêsde 1819, 1º Comandante da Esquadra Imperial no Rio da Prata, cujo bloqueio iniciou a 2- de dezembro de 1825. Comandou no Prata, em 1816, na campanha contra Artigas. Em 1817, bloqueou Pernambuco. Natural de Portugal, faleceu no Rio a 16 de dezembro de 1843.

(84) Trata-se do Capitão de Fragata John Taylor, um dos fundadores da nossa Marinha de Guerra, que comandou a "Niterói" e perseguiu a esquadra portuguesa até o Tejo, após a evacuação da Bahia, em julho de 1825. Nascera em Greenwich, na Inglaterra, a 22 de dezembro de 1796, e faleceu no Rio de Janeiro a 26 de novembro de 1855. Era acusado pelos ingleses de ter atacado, durante a Guerra da Independência, navios de sua pátria de origem. Por pressão da Inglaterra, fôra exonerado da Armada a 7 de agôsto de 1824. Reverteu, posteriormente, ao serviço ativo.

(85) Manuel Antonio Farinha, Conde de Souzel, natural de Portugal, em cuja Marinha começou a servir em 1793. Quando o Príncipe Regente se transladou para o Brasil, era Capitão de Fragata e veiu como imediato da náu "Martim de Freitas", cujo comandante D. Manuel de

rita do Monarca, Dona Domitila, Condessa de Santos, que, também, alguns dias após o parto da esposa legítima, déra à luz um filho que devia ser Duque de S. Paulo, mas morreu pouco depois de nascido. Sir Charles Stuart e o General Fremantle embarcaram num vapor e seguiram Suas Majestades até a Bahia, antiga capital do Brasil. Um navio de guerra inglês e outro francês comboiaram a fróta imperial, composta da náu "D. Pedro I", de uma fragata e alguns navios menores, com o numeroso acompanhamento do Soberano, inclusive parte da Guarda de Honra, cujos uniformes ricos e de bom gosto condiziam com um Monarca amante do esplendor militar, mas elevava consideràvelmente os gastos da viagem, pois cada soldado tinha a graduação de Coronel de cavalaría e recebia o respectivo soldo fóra da cidade. Além disso, o transporte dos cavalos exigia mais navios que, nas circunstâncias em que se encontrava o país em guerra, podiam ser melhor empregados.

No decurso da travessía, o Imperador visitou algumas vezes o navio de guerra francês (86), mas nunca foi a bordo do inglês. Condecorou o Almirante francês. O inglês, não. E os jornais se compraziam em realçar o fáto, como se Sua Majestade, com essa desatenção proposital, procurasse um desagravo à presunção do Almirante inglês, a que o Brasil era obrigado a ceder como potência marítima mais fraca.

Na ausência do Imperador, despachava o expediênte uma espécie de Regencia Provisória, composta pelo Ministério, pelo Conselho de Estado e por algumas pessôas proeminentes, sob a presidência do Marquês da Palma (87). Tanto êles como o povo da capital se mantiveram muito quiétos durante tôda a viagem

---

Menezes, a 31 de janeiro de 1808, estando a náu ancorada, ao subir ao portaló enganchou a espada nas pernas e caíu no mar, perecendo afogado. Como Capitão de Mar e Guerra, Manuel Antonio Farinha comandou a fragata "D. Pedro" e, como Chefe de Divisão, equivalente hoje a Contra-Almirante, a divisão que trouxe de Liorne a Arquiduquesa D. Leopoldina, comboiando os navios de guerra austríacos "Austria" e "Augusta". Em 1821, foi Major General da Esquadra, isto é, Chefe de Estado Maior. Dirigiu a pasta da Marinha no Ministério da Regencia de D. Pedro, sendo exonerado a 22 de outubro de 1822 e substituído por Cunha Moreira, futuro 1º Visconde de Cabo Frio. Já tinha o título de Barão de Souzel quando comandou a divisão que levou à Baía o Imperador, içando seu pavilhão na capitânea, a náu "Pedro I", antiga "Martim de Freitas". A 12 de outubro de 1826, foi feito Conde. Comandou, depois, a divisão naval de Santa Catarina e do Sul, bem como as fragatas "D. Francisca" e "Imperatriz", que levaram D. Maria da Glória à Europa, acompanhada por Barbacena. Regressou trazendo D. Amélia, a segunda Imperatriz. Em 1831, recolheu-se à vida privada. Reformou-se em 1832. Faleceu no Rio de Janeiro a 27 de maio de 1842. Está sepultado no Cemitério de S. Francisco de Paula, em Catumbí.

(86) A fragata "Aréthuse" do Comandante Gauthier.

(87) O Marquês de S. João da Palma, D. Francisco de Assis Mascarenhas.

imperial. Um ou outro jornal mais exaltado tomou a liberdade de se manifestar de modo a chamar a atenção pelo seu liberalismo, porque o público havía tempo se desacostumára dessa linguagem. Os órgãos governamentais, pelo contrário, enchiam-se com as descrições das festas realizadas na Bahia à chegada do Imperador, elogiando a bôa disposição de espírito reinante nas Províncias do Norte.

Um dos primeiros átos do Imperador após seu regresso, foi mandar prender o redator do periódico "O Verdadeiro Liberal", o francês de nascimento Chappuis, recambiando-o para a Europa, sem outra fórma de processo (88). Entre as ridiculas acusações publicadas contra êsse jornalista pelas fôlhas servís, as seguintes são na verdade memoráveis :

1) O redator do "O Verdadeiro Liberal" tomou a liberdade de dizer que Sir Charles Stuart faría melhor cuidando de seus negócios do que caçando borboletas;

2) sustentou ser prova de brutalidade e superstição dos habitantes do Rio de Janeiro, enforcarem todos os anos em efígie o pobre Judas, pois Deus, com tôda a probabilidade, há muito tempo já lhe perdoou os pecados.

A muitos dos meus leitores estas e outras ocurrências semelhantes parecerão mesquinhas e indignas de serem contadas. Não tenho pretenções ao cargo e dignidade de historiador. Simplesmente e sem opinião preconcebida, vou narrando os casos dia a dia como os vi. Só ao futuro está reservado pintar o panorama completo.

O Imperador também fez sentir seu desagrado ao Bispo do Rio de Janeiro, o digno Coutinho, porque se recusára a batizar pessoalmente o pequenino Duque de S. Paulo. O Bispo tomou o expediente habitual no alto cléro católico : retirou-se por algum tempo da capital, esperando no fundo de sua diocése que passasse a cólera imperial. Felisberto Brant, por motivo semelhante, foi afastado do Ministério. Dizia-se a bôca pequena que havía desaprovado a excessiva liberalidade do Imperador com a Condessa de Santos. E' difícil saber se será ou não verdade. O fáto é que

---

(88) Pierre Chappuis, aventureiro francês e liberal exaltado, já expulso da Espanha e de Portugal, que se refugiára no Rio de Janeiro. Dirigira, em Lisboa, o jornal "Le Regulateur". Publicou, no Rio, o folheto "Reflexões sôbre a Carta de Lei de Sua Majestade Fidelíssima o Rei D. João VI", comentando desfavoravelmente as tratativas sôbre a Independência entre o Brasil e Portugal. Fez o mesmo pelo seu jornal "O verdadeiro Liberal". Silva Lisboa, Visconde de Cairú, retrucou-lhe nos folhetos "Contradicta a Mr. Chappuis", "Inviolabilidade da Independência e glória do Império do Brasil, sustentada apesar da Carta de Lei", "Reflexões contra Mr. Chappuis". Varnhagen afirma que o francês expulso por D. Pedro I foi uma vitima de Cairú.

perdeu a pasta da Fazenda e seguiu para o Sul como Comandante do Exército em operações (89).

O Almirante Lobo foi substituido por Pinto Guedes (90) na chefía da esquadra que bloqueava o Prata e, de volta, encarcerado na fortaleza de S. João, acusado de suborno, aparentemente com tôda a razão, pois o bloqueio estava sendo executado com muito descuido. O próprio Imperador, com seu modo de chalacear, disse a seu respeito : — "E' um lobo que não come as ovelhas, mas as tosquia". Não se esperava também grande coisa de Pinto Guedes, velho e demasiadamente rico para ser bom almirante.

Pouca coisa positiva se sabía na capital sôbre os negócios do Sul. Embora os jornais aparecessem repletos de notícias de vitórias, muitas vezes se comprovavam as mentiras com os navios mandados regressar por imprestáveis e pelos reforços continuamente enviados para Montevidéu. As notícias diretas não chegavam, retidas no Correio, sendo perigoso manter correspondência com Buenos Aires. Várias pessôas fôram presas, o que tornou as outras cautelosas no que escreviam. Falava-se pouco da guerra, porém geralmente se desejava a paz. Boquejava-se que a Inglaterra se encarregára duma mediação e se esperava Lord Ponsomby para o início de negociações. Como base da paz, pensava-se em declarar Montevidéu porto livre sob a proteção britânica e em reconhecer a Banda Oriental como república autônoma. Ambas as soluções contrariavam o orgulho do Imperador e feriam o amôr próprio nacional. O Monarca considerava tôda amputação territorial lesão a seus direitos soberanos. A parte mais instruída do povo temía com tôda a razão a supremacia comercial da Grã Bretanha no hemisfério meridional.

Era essa a situação do país, quando a 24 de abril chegou ao Rio de Janeiro a notícia do falecimento do Rei de Portugal. Tiros de peça, disparados espaçadamente de 5 em 5 minutos pelos fortes e navios de guerra, anunciaram à população da capital o infausto acontecimento. No mêsmo dia, seguíra para Montevidéu nova expedição de reforço, composta de 2 fragatas, 1 brigue e 4 transportes carregados de tropas, armas e munições. A morte do

---

(89) O Marquês de Barbacena, que tinha então o posto de Tenente General, assumiu o comando do Exército Brasileiro em operações no Sul, substituindo o Brigadeiro Massena Rosado, em Santa Ana do Livramento, a 1.º de janeiro de 1827.

(90) Rodrigo Pinto Guedes, Barão com grandeza do Rio da Prata por Decreto de 12 de outubro de 1826, nasceu em Grad z, Portugal a 17 de julho de 1762, e faleceu em Paris, a 13 de junho de 1845 Comandou a Esquadra Imperial no Rio da Prata, de março de 1826 a dezembro de 1828. Grande dignatário da Rosa, Grã Cruz de Aviz e Grã Cruz da Tôrre e Espada.

Assumiu o comando, substituindo a Rodrigo Lobo, no dia 12 de março de 1826.

Rei excitou vívamente os ânimos. Durante vários dias o Imperador não foi visto, o que era de estranhar em face de seus hábitos de movimento e atividade sem descanso (91). Faziam-se grandes preparativos na Capela Imperial para solenes exequias. que, de fáto, se realizaram alguns dias mais tarde, com tôda a pompa liturgica que o culto católico costuma pôr em prática nessas ocasiões.

A resolução do Imperador de transferir à filha mais velha, a Princesa D. Maria da Glória, a corôa de Portugal, que lhe competia, a êle, por direito de primogenitura e legítima sucessão, tornou-se conhecida do público antes mêsmo de oficialmente declarada pelo Decreto de 8 de maio. Era a natural solução dum problema difícil, que parecia capaz de satisfazer todos os partidos d'aquem e d'alem mar. O Duque de Alafões, que, como Embaixador do Governo Provisório de Portugal, chegou a bordo da náu de linha "D. João VI", foi na verdade tratado de começo com atenções especiais. O fim de sua missão em breve, porém, provocou desavenças que lhe trouxeram ou, melhor, à Embaixada que chefiava, o desfavor do soberano. Como parente da Casa Imperial, continuou hospedado no Paço de S. Cristovam; mas, por especial ordem do dia, não lhe deviam mais fazer continencias (92).

Numa côrte, onde se dá muita atenção ao ceremonial militar, a continencia das sentinelas, o inclinar das bandeiras e quejandas horarías são extremamente prescritas em rígida escala hierarquica, na marcha das relações de ordem política, de modo que as negociações diplomaticas pódem ser consideradas perdidas, se páram, ou, pior ainda, se se ordena, como no caso vertente, que céssem, como desatenção intencional e pública. A Embaixada Portuguesa, cuja alma era o Arcebispo de Lacedemonia, procurava atuar no sentido apostólico, exigindo a ida imediata do Imperador para a Europa.

D. Pedro não estava disposto a sujeitar-se a essa vontade, porque bem sabía que tal passo o privaría da corôa do Brasil. A Constituição prendia-o. Não podia deixar o território do Império sem licença da Assembléia Geral, a qual dificílmente sería obtida nas circunstâncias do momento. Mêsmo que lhe fôsse dada, não lhe asseguraría um trôno para êle mais valioso que o da Mãe Pátria. Como se considerava herdeiro natural da corôa portuguesa, nisso fundamentava seu direito a dispôr dêsse Reino para presenteá-lo à filha, a Princesa D. Maria da Glória. Deu,

---

(91) A grande atividade de D. Pedro era por todos reconhecida. A propósito, Mansfeldt escreve: "Todo o mundo conhece o zêlo com que Sua Majestade se entrega ao seu trabalho e ao seu estudo".

(92) Esteve, nos últimos dias da sua permanência, no palacete de Botafogo, onde residiu também D. Carlota Joaquina, mais tarde pertencente ao Marquês de Abrantes.

ao mêsmo tempo, ao país natal uma Constituição, afim de que suas determinações tivessem prestígio e apoio. Escolheu o Príncipe D. Miguel futuro esposo da jovem Raínha, julgando com êsse casamento satisfazer as reivindicações de seu irmão mais novo e ganhar aos seus planos um partido que, já em vida de D. João, proclamára a intenção de alterar a sucessão portuguesa, esperando sómente o regresso daquêle Príncipe a Lisbôa para fazê-lo Rei.

D. Maria da Glória foi apresentada à Côrte e à Nação como Raínha de Portugal. A náu "D. João VI" devia ir até Liorne, afim de trazer D. Miguel para o Brasil. O Imperador procedia no caso perfeitamente de acôrdo com as régras da política, só não tomando uma coisa em consideração: a diferença entre o marido de uma Raínha constitucional e um Monarca absoluto de Portugal (93).

Os acontecimentos dos últimos tempos demonstraram qual dos dois títulos D. Miguel preferiu.

Pela Constituição, a Assembléia Legislativa devia se abrir a 6 de maio; mas como até essa data não tivesse chegado ao Rio de Janeiro o número de membros necessários, a sessão se transferiu para junho. O Imperador compareceu com todo o fausto à sala da Assembléia, onde se reuníram as duas Câmaras, e na sua Fala do Trono lembrou as tendencias demagógicas dos Deputados anteriores, que o levaram a dissolvê-los; deplorou a guerra no Sul e os sacrifícios que exigia; depois, passou às finanças, que declarou satisfatórias; afinal, concitou todos a tratarem os assuntos dentro da ordem e da moderação.

Êsse discurso e a lembrança do que se passára em 1823 fizeram com que as duas Câmaras trabalhassem dentro dum espírito de subordinação, que devia agradar ao Imperador. Sómente uma vez, a 24 de agôsto, êle se viu forçado a uma demonstração militar, conservando as tropas da guarnição de armas embaladas por espaço de 24 horas, o que produziu o efeito desejado: a indicação apresentada à Câmara dos Deputados para se pedir ao Soberano que não enviasse mais as milícias para o Sul, foi retirada e êle aproveitou o ensejo para elogiar em decreto a Câmara, em detrimento do Senado que, em ocasião idêntica, comportára-se com mais energía.

Dou aquí por terminado o curto resumo da história duma Revolução (94) que, em diversos sentidos, permite comparações dignas de reparo. Sei resistir ao meu pendor de querer prescru-

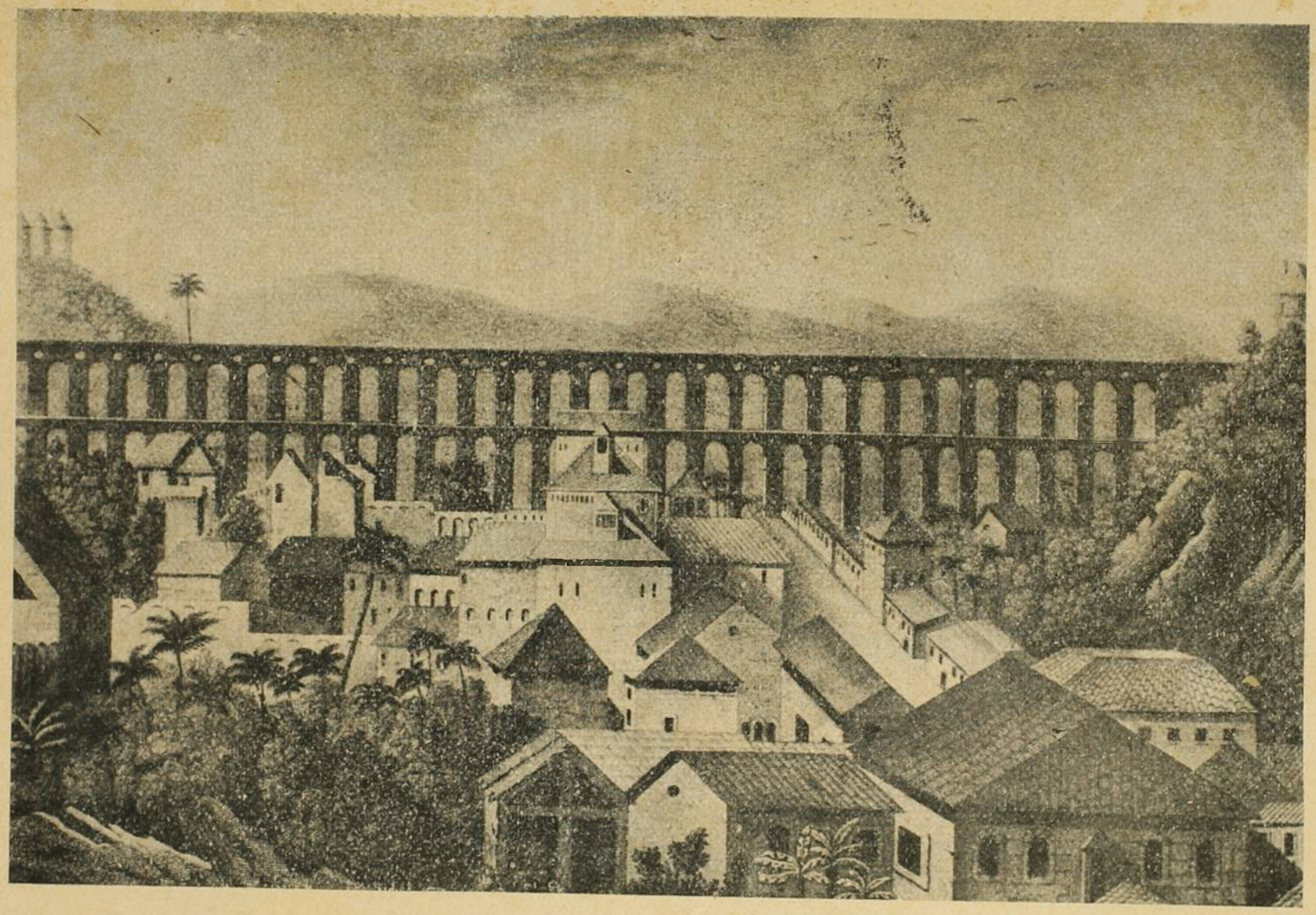
---

(93) "O marido de uma Rainha portuguesa não participa do govêrno e só recebe o título de Rei, quando sua mulher tiver dado à luz um filho ou uma filha" ("Constituição Portuguesa", cap. IV). A "Constituição Brasileira", no seu artigo 120, tem um preceito semelhante. (*Nota do autor*).

(94) A Revolução da Independência, que se pode considerar como iniciada em 1820 e terminada somente em 1831.

tar o futuro. Abstenho-me, por isto, de levantar a questão portuguesa e de examiná-la de perto, por mais interessante que seja. Tomo, porém, a liberdade de fazer uma pergunta que cada qual poderá responder a seu modo : — Não sería irritante para o amôr próprio europeu que um moderno Cacíque governasse, como uma colônia, um dos mais antigos Reinos da Europa, que mêsmo pudesse ter a minima influência num país, que foi berço dos descobridores de mundos, aos quais deve seu novo Império ?

Sería grande vergonha para o Velho Mundo se já tivesse descido a tanto !



O Aqueduto da Carioca nos primeiros quartéis do século XIX.

O desenho é interessante, porém muito cheio de fantasias, sobretudo arquitetônicas.

Desenho de Arago. Gravura de Reville e Bovinet. Das coleções do Museu Histórico.

XIII

TROPAS ALEMÃS NO BRASIL — CONTINUAÇÃO DA HISTÓRIA DO AUTOR — COLONIZAÇÃO — FIM

Em príncipios de 1823, o Imperador criou para sua guarda pessoal um Corpo de Estrangeiros constituído por um Batalhão de Granadeiros e comandado pelo Coronel Bellard. O quadro primitívo foi formado por suíços da colônia de Nova Friburgo ou Canta-Galo (1), aos quais se ajuntaram vagabundos de tôdas as nacionalidades, marinheiros desertores e operários sem trabalho. O engajamento por três anos sómente, o soldo elevado e exemplos isolados de promoções extraordinárias incitavam as ambições e, em pouco, havia algumas centenas de homens.

Não se fizeram dificuldades para a escolha dos oficiais, a começar por Bellard, antigo Sargento da Guarda Nacional de París, mais conhecedor do ofício de negociante do que do de militar, sendo, de fáto, com seu espírito mercantíl, o principal fornecedor do Corpo. A maior parte das consideráveis quantías despendidas com o equipamento foi para seu bolso. Não é possível imaginar fardamento e armamento mais ordinários do que os que fornecia por elevado preço. O Imperador gostava dêle, por causa de sua aparência agradável e do descaramento com que supria o talento e a educação que lhe faltavam.

No Brasil, onde se conservam as antigas denominações militares portuguesas, o posto de Sargento-mór é importante, vigorando ainda nas milícias para indicar o chefe de um distrito ou brigada. Bellard fôra, como já disse, Sargento, isto é *Sergent-Major* na Guarda Nacional de París e devia o seu posto de Coronel brasileiro a uma feliz tradução das palavras francesas (2).

---

(1) A real Fazenda do Morro Queimado, também denominada Cantagalo. Há vários Friburgo na Europa: em Brisgau, no Grão Ducado de Baden, velha cidade universitária; no Polsnitz, na Silésia, cidade industrial; no Instrut, na Saxonia, com fábricas de tecidos; no Elba, no Hanover, com pescarias; e um Cantão, na Suiça. Foi dêste que vieram os colonos e o nome para o Brasil, como pormenorizadamente se viu em notas anteriores.

(2) Em França, o sargento de cavalaria ou tropas montadas chama-se *marechal-des-logis;* o 1.º sargento das mesmas armas, *marechal-des-logis-chef;* o sargento de infantaria, *sergent;* o 1.º sargento dessa arma, *sergent-major;* Em Portugal e no Brasil, o posto de *sargento-mor* correspondia ao

Todvia, como não só o bigode faz o soldado, se Bellard fazia brilhante figura, a de seu batalhão era a mais triste possível. Os soldados, mal fardados, sem disciplina e mal adestrados, não prestavam siquér para o leve serviço da guarnição. Nem dos oficiais se podia esperar grande coisa. O Major Ith, suíço, viéra para o Brasil como presidiário. Thiele (3) fôra durante muitos anos pasteleiro no Rio de Janeiro. Garoni levára como cavalheiro de indústria vida de vadiagem entre castrados e jogadores. Alguns franceses eram melhores sapateiros do que oficiais. Que poderia ser, portanto, sob tais chefes, um bando de vagabundos de tôdas as procedências, dos quais parte completamente inapta para o serviço, outros para êle impossibilitados pelo abuso da cachaça e os poucos que antes já haviam servido como soldados preterídos e arreliados, perdendo tôda a coragem e bôa vontade para ajudar à formação do batalhão ?

O Barão von Moillet, antigo oficial bávaro, tinha muito bôa disposição, mas deixou em breve o serviço do Imperador, que o fizera Major, depois de ter em vão pleiteado um aumento de soldo. Declarou sem ambages à Sua Majestade que não podia nem queria servir mal pago. Deram-lhe baixa imediatamente. Dizem que voltou à Europa.

O então chamado Corpo de Estrangeiros constava por êsse tempo de 6 companhias, cada qual ráramente com mais de 30 homens prontos para o serviço. Davam-se as vozes de comando em lingua francesa. A' primeira vista o soldo parecia elevado. Cada soldado raso recebia 10 viténs por dia, que, depois dos descontos de rancho, peças miúdas de equipamento e outros, ficavam reduzidos a 2. O soldo dos oficiais igualava ao dos oficiais brasileiros. Um subalterno tinha por mês 17 mil réis, um Capitão 22 mil réis, um Major 33 mil réis e assim por diante, pouquíssimo num país onde tôdas as utilidades vindas da Europa são extraordinàriamente cáras. Mais tarde, os soldos de todos os postos fôram aumentados de 10 mil réis. Consigno aquí de uma vez por tôdas, para maior clareza, que 1.000 réis ou 1 mil réis equivalem a um thaler espanhol, mais ou menos 1 reichsthaler e 12 groschem, em moeda convencional.

Fardamento sem gosto e de péssimo material : casacas azúes compridas, de córte francês, com a gola e os canhões vermelhos. As companhias de flanco (4) tiveram ursas, as outras barretinas

---

de *major*: *sargento-mor de batalha*, dizia-se outrora. A tradução mal feita ou mal intencionada dos papéis dêsse Bellard permitiram que êle fôsse nomeado coronel, dois postos acima do que lhe fôra falsamente atribuido na Guarda Nacional de Paris. Felizmente, era de infantaria. Se fôsse sargento de cavalaria, *marechal-des-logis* possivelmelmente teria saído marechal brasileiro...

(4) Companhias de flanco ou de escól, consideradas como de granadeiros e daí as ursas ou barretinas peludas para se diferenciarem das de fuzileiros. No Reinado de D. Pedro II, de Portugal, em 1700, criou-se em

de couro. Além disso, forneciam um uniforme interno: simples fardeta azul e boné de serviço com bicos, como o dos soldados franceses. Nunca se receberam capótes.

Devido à grande mortalidade em consequência do abuso da cachaça, que reina entre os alemães no Rio de Janeiro, e às frequêntes deserções, tería sido impossível completar um unico batalhão, se então não tivessem começado a chegar as remessas de gente angariada pelo Cavalheiro von Schäffer, para aumentar os efetivos das tropas do Imperador. Apesar de alistados em Hamburgo como colônos, no Rio de Janeiro eram imediatamente forçados a assentar praça. Só tinham liberdade de ir para onde quisessem os que haviam pago suas passagens; mas êstes mêsmo às vezes abandonavam suas colônias e voluntàriamente se engajavam, sendo, nêsse caso, reembolsados pelo Governo dos 40 mil réis que custava a travessía ou pelo menos era por êsse preço escriturada pelo Cavalheiro von Schäffer.

Os oficiais vindos nêsses navios de transporte, em parte se viam colocados na graduação que o Cavalheiro von Schäffer lhes garantía em Hamburgo. Alguns, no entanto, ficaram decepcionados, o que se deve atribuir mais à desordem reinante no Ministério da Guerra do que a um engano proposital daquêle Cavalheiro. Na verdade, contava-se que a própria Imperatriz, quando um oficial se lhe queixava de ter recebido posto inferior ao prometido por escríto ou ao que tivéra antes na Europa, respondia: — "Que quer que Schäffer faça? Êle precisa mentir às vezes, para nos arranjar gente".

Em régra, o acaso decide a sorte dessas pessôas. Os documentos europeus, bons ou máus, legítimos ou falsos, são tidos em pouca consideração. Se o dono entrega os originais, póde ficar certo de que nunca mais os verá. Depende geralmente do tradutor e do capricho do Ministro da Guerra a graduação do postulante no Exército Imperial. Como o primeiro é, sem excepção, venal, falsifica qualquer papel por dinheiro. O segundo mal se dá ao trabalho de lê-los, de modo que, às vezes, se dão promoções tão estapafurdias que surpreendem até àquêles a quem ele-

---

cada terço de infantaria uma companhia de granadeiros. Pela Carta Régia, de 14 de novembro de 1702, cada terço passou a ter 2 companhias de granadeiros, segundo o texto: "por se ter introduzido na milicia moderna da Europa o uso de granadeiros, e ter mostrado a experiência que êste gênero de soldados é de grande efeito nos combates e em tôdas as ocasiões". Antes dessa disposição, no velho Exército Português, 4 homens em cada companhia eram granadeiros. Em 1715, os batalhões tiveram somente uma companhia dêsse gênero. O Regulamento do Conde de Lippe, de 1763, deu aos batalhões, 5 companhias, sendo uma de granadeiros e outra denominada do Coronel. Em França, essas duas companhias se chamavam: *Colonelle* e *Lieutenant-colonelle*, do Coronel e do Tenente Coronel. No Primeiro Reinado, os nossos batalhões de granadeiros tinham 8 companhias, das quais 2 escolhidas, de homens mais altos e adestrados. São a essas que o autor se reporta.

varam além de suas esperanças. Eu podería citar exemplos disso, mas não quéro comprometer pessôas com cuja bôa sórte cordialmente me alegro.

Muitos dos meus leitores, se lerem com atenção o ról de oficiais em serviço no Exército Imperial anexo a êste livro, encontrarão, com certeza, aquí e alí, feito Capitão no Brasil quem não passava na Alemanha de ex-sargento ou até de aprendiz de alfaiate. Sim, eu próprio que, mais tarde, pude me enfronhar no modo de vida do país e conhecer o sistema de suborno nêle reinante, sabendo como sei que no Brasil tudo se arranja com dinheiro, podería me encarregar de promover imediatamente a Coronel quem tivesse sido méro sargento ou nem mêsmo houvesse assentado praça, bastando-lhe aparência decente e alguns milhares de thalers para pagamento da patente. Contudo, se alguem recebeu um posto determinado, é difícil conseguir uma promoção, pois geralmente não se tomam em consideração as reclamações, por mais bem fundadas que sejam.

O expediênte dos diversos Ministérios distingue-se por uma simplicidade que surpreende qualquer europeu. Os requerimentos são protocolados num livro. Registram-se noutro os despachos que lhes fôram dados. Os interessados pódem consultá-lo numa das salas da repartição competente. Algum tempo depois de ter entregue a sua petição, a gente dirige-se ao Ministério onde a deixou, Guerra, Marinha, Relações Exteriores, que funcionam no Palácio do Governo (5) e procura seu nome no tal livro. Os papeis são registrados na ordem alfabética dos prenomes dos requerentes e não dos nomes de família, sistema que dificulta a busca e frequêntemente produz equívocos. Leva-se bastante tempo, às vezes, para encontrar o despacho, de 6 a 8 semanas, e, quando lá está, figura com algumas letras que o resumem, seguidas da data respectiva, — *Def*, deferido, isto é, concedido; *inf*, a informar, sujeito a uma informação ou exame ulterior; *esp*, espere, aguarde oportunidade; *esc*, escusado, considerado inadmissível, e *não t. lug.*, não tem lugar ou recusado (6).

Se há um decreto ou áto em consequência do despacho, só é recebido depois do pagamento das taxas, que importam em 10% da quantía concedida, no caso de gratificações. Os átos militares não pagam imposto, salvo as patentes e baixas do serviço. Pelas primeiras, em decreto assinado pelo Imperador e referendado pelo Ministro, êsse pagamento equivale a um mês de soldo; pelas segundas, a 15 mil réis.

---

(5) No Paço da Cidade.

(6) Na China, prevalece o mesmo sistema, sendo possivel que os portugueses de lá o tenham trazido. Se um dos doze tribunais do Celeste Império apresenta ao Imperador uma petição para ser despachada, o faz com as palavras: *lu, vum, p., feu,* que significam aproximadamente — *tem direito*. Se o Imperador aprova, subscreve o sinal *q., q.,* significando *está certo.* (*Nota do autor*).

Admirei muitas vezes com prazer o modo como o Ministro da Guerra despacha seu expediênte. Como as portas de seu gabinete dando para a ante-sala se conservam quasi sempre abertas, via-o por trás de grande mêsa coberta de papeis selados. Com surpreendente rapidez, passava a vista por êles, um a um, escrevendo em alguns rápidas palavras que resumíam seu despacho. Rasgava a maior parte e atirava os pedaços debaixo da mêsa. Deviam ser todos os que no livro correspondiam à esta fórmula: *não t. lug.*, não tem lugar. Só o nome dêsse homem, Barão de Lage, vale por um máu agouro. Se um Ministro em França usasse o título de Conde da Bastilha, parecer-se-ia com êste, porque a Lage é um rochedo fortificado à entrada da baía, conhecido como a pior de tôdas as prisões de Estado (7).

As promessas verbais do Imperador pouco valem. Ainda menos as de sua esposa, que, com a mais nobre franqueza, confessa não ter a menor influência. Por isso, as promessas escrítas e assinadas pelo próprio punho da Imperatriz, às vezes distribuídas pelo Cavalheiro von Schäffer para dar maior crédito às suas promessas, pouco valem para os que as possúem. O mêsmo se dá com as cartas de recomendação que êle fornece, dirigidas a pessôas que mal o conhecem ou dêle fazem a pior idéia. O descaramento dêsse indivíduo tóca as raias do impossível. Entre outras coisas que fez, nomeou Vice-Consul em Hamburgo o sr. Neumann, seu representante alí, sem ao menos comunicar isso ao Governo do Rio de Janeiro. Que eu saiba, êle não foi oficialmente reconhecido nêsse caráter, nem pelo Senado de Hamburgo, nem pelo Império do Brasil. No Rio de Janeiro, riram-se da credulidade de Neumann, apresentando-se como Vice-Consul a pessôas particulares, e da insolência do Cavalheiro, nomeando-o Desta última já se tinham provas ainda mais concludentes. Em outra oportunidade, talvez me sinta tentado a escrever pormenorizadamente a história da vida dêsse típo singular. Aquí me afastaria sobremodo do meu objetivo.

A grande quantidade de oficiais que chegavam ao Rio de Janeiro nos vários transportes e exigiam colocação, obrigou o Governo a criar novos batalhões, antes mêsmo de se completar o efetivo do primeiro. Por conseguínte, fez-se uma triagem entre os homens já em serviço e os que chegavam. Os que mediam mais de seis pés de altura continuaram como Granadeiros. Os outros formaram dois batalhões de Caçadores. O todo recebeu a designação original de Corpo de Estrangeiros sob o comando do Coronel Bellard, elevado de Comandante dum batalhão a Chefe interino duma brigada. Permaneceu, porém, no cargo pouco

---

(7) O autor faz lamentável confusão entre o titulo do Ministro da Guerra, Barão, depois Conde de Lages, e o da fortaleza à entrada da barra, Lage, também chamada Lagem, a qual, de fato, nesse tempo servia de prisão de Estado.

tempo. E' possível que o Imperador tenha verificado a sua incapacidade. Para afastá-lo, acabou com êsse Corpo considerado independente e classificou os três batalhões que o compunham nas diversas brigadas brasileiras (8).

Bellard, ferido em seus melindres e irritado, porque se não contentava com o comando dum simples batalhão, quando, antes, o Imperador lhe prometera ficar o seu Corpo independente do Exército e sujeito diretamente às suas ordens, pediu demissão e retirou-se para a França. Foram nomeados para comandar o batalhão de Granadeiros Luiz dall'Hoste e para o comando dos de Caçadores, Wood Yeathes e Thiele. Aboliram-se as vozes de comando em francês e a denominação Corpo de Estrangeiros acabou. Algum tempo depois, criou-se um segundo batalhão de Granadeiros, sob o comando do Major von Ewald (9). Como tôdas as unidades do Exército Brasileiro têm numeração seguida e de três em três formam uma brigada, os batalhões alemães fôram distribuídos da seguinte maneira :

PRIMEIRA BRIGADA

Granadeiros de 1.ª *Linha*

Brigadeiro: D. Francisco da Costa de Souza Macedo.

1.º Batalhão, do Imperador — destacado em Montevidéu (10).
2.º Batalhão, de Alemães — Comandante o Coronel Luiz

---

(8) O Decreto de 10 de dezembro de 1824 deu numeração seguida aos corpos estrangeiros. O 1.º de Granadeiros Alemães esteve aquartelado em S. Bento, na Praia Vermelha, na Guarda Velha e no Campo da Aclamação. Passou a 2.º de Granadeiros, quando o Batalhão do Imperador se tornou 1º de Granadeiros. O 2º, depois 3º de Granadeiros Alemaães, aquartelou-se em S. Cristovão. O 27.º de Caçadores Alemães, aboletava-se no quartel da Praia Vermelha até partir para a guerra no Sul, sob o comando do Major Luiz Manuel de Jesus. O 26º, depois 28º, quando veiu de Pernambuco, onde estava de guarnição, tomou o lugar do outro na Praia Vermelha. Era o chamado Batalhão do Diabo. Depois da revolta de 1828, todos êsses corpos fôram dissolvidos pelo Decreto de 20 de dezembro de 1830. Quando se deu essa dissolução, o 2.º de Granadeiros se achava na Praia Vermelha, o 3º e o 27.º em Santa Catarina e o 28.º em Porto Alegre.

O 26.º de Caçadores Alemães passou a ter o número 28.º, em 1825, quando o batalhão de Caçadores de Sergipe tomou a sua numeração. O 27.º seguiu para a guerra, em 1826, com o efetivo de 505 homens, e portou-se galhardamente, em Ituzaingó (Passo do Rosário).

O 3.º de Granadeiros foi constituido em parte com as tripulações das galéras de transporte de colonos "Ikranich", "Triton", "Cadine" e Wilhelmine".

Os mercenários revoltaram-se a 9 de junho de 1828, desesperados pelos máus tratos e açulados pelos agentes argentinos. A sublevação fez correr muito sangue e foi dominada pelo 2.º Conde do Rio Pardo, à frente das tropas nacionais, de populares e escravos armados. A 12 renderam-se. Um granadeiro foi fuzilado. Grande número foi metido nos pontões. Os corpos fôram espalhados pelo sul até sua completa dissolução, em 1830.

dall'Hoste. Aquartelado no Rio, no mosteiro de S. Bento.

3.º Batalhão, de Alemães — Comandante o Major Eduardo von Ewald. Aquartelado no Rio de Janeiro.

NONA BRIGADA

Caçadores de 1.ª *Linha*

Brigadeiro : General Rosadio (11).

25.º Batalhão, Periquitos — Aquartelado na Praia Vermelha.

26.º Batalhão, de Alemães — Comandante o Major Thiele. Aquartelado em Pernambuco.

27.º Batalhão, de Alemães — Comandante o Major Wood Yeathes. Aquartelado no Rio de Janeiro.

O fardamento dos Granadeiros consistia em compridas casacas azúes com vivos brancos, gólas e canhões encarnados. O dos Caçadores lembrava o das tropas ligeiras das antigas legiões anglo-alemãs : curtas fardetas azúes com pequenas ábas, guarnecidas de vivos, gólas e canhões verde-claro (12). Cada soldado recebia a mais uma fardeta de exercício, um par de calças azúes e dois de brancas. Pagava de seu bolso sapatos, polainas e demais peças miúdas do equipamento. O soldo, como já disse, era de 10 vintens diários e dessa maneira dêle pouco ficava. Faziam-se assim as contas :

Pão	2 vintens
Rancho	2 "
Pequeno equipamento	2 "
Reserva	2 "
Cantina	2 "
Total	10 vintens

(9) Antigo oficial dinamarquês.

(10) De fato, o Batalhão do Imperador achava-se em Montevidéu. Dele fazia parte, como Major, Luiz Alves de Lima e Silva, futuro Duque de Caxias. Êsse Batalhão fôra criado por Decreto de 18 de janeiro de 1823 e teve como 1.º Comandante o então Coronel José Joaquim de Lima e Silva, tio de Caxias, depois Visconde de Magé. Compunha-se de 735 homens em companhias de 115, com organização de caçadores. Seus elementos foram escolhidos em outros corpos de tropas. Passou mais tarde, como aqui se vê, a constituir o 1.º Batalhão de Granadeiros.

(11) O Brigadeiro Francisco de Paula Massena Rosado, que, antes do Marquês de Barbacena, comandou o Exército Imperial no Sul, tendo substituido nesse posto ao General Abreu, Barão do Serro Largo, em dezembro de 1825. Demorou um mês em Santa Catarina e permaneceu, depois, imobilizado na Coxilha de Sant'Ana do Livramento. Era português de origem.

(12) As legiões anglo-alemãs a que o autor se refere foram organizadas contra Napoleão, no Hanover, que era um Reino nesse tempo pertencente à Casa Real da Inglaterra.

A reserva ou massa era a parte do soldo que devia ficar retida até perfazer a sôma de 8 mil réis, destinada a assegurar ao soldado que dava baixa pequeno capital, impedindo, ao mêsmo tempo, as deserções. Pagando-se no Brasil 8 mil réis por desertor capturado, menos que para os escravos fugidos, que custam 12 mil réis, como já dissemos, a caixa do batalhão se indenizava com essa reserva à custa do próprio culpado. Se a soma ainda não estava completa, o desertor, depois de cumprir a sua pena, tinha de servir de graça até perfazê-la. Aos soldados que davam baixa também nunca os Comandantes de Batalhão pagavam êsse dinheiro na íntegra, pois tanto êle como o Quartel-Mestre faziam tais encontros de contas que os desgraçados ficavam muito satisfeitos se recebiam a metade do seu haver, porque sabiam perfeitamente que não tomariam em consideração as suas queixas.

Em resumo, reina no Exército Imperial tanta injustiça como um europeu não póde avaliar. Todo oficial subalterno se faz pagar muito bem, para dispensar de guardas e outros serviços os soldados que ganham dinheiro com seus ofícios, descarregando aquelas tarefas sôbre os que não os têm, por insignificantes pagamentos. Muitas vezes, êsse imundo provento é dividido com os comandantes de companhias. Êstes recebem 10 mil réis mensáis para pequenas despesas, como sejam concertos de armas, material de escrita, etc. Mas só se concertam as espingardas à custa dos soldados a quem pertencem. O Capitão já considera os 10 mil réis parte integrante de seu soldo e grande sacrifício fornecer ao sargenteante 1 mil réis para os gastos da escrituração.

Eis por que tôdas as peças do armamento estão sempre em péssimo estado. Depois de qualquer formatura em que se dão geralmente três salvas, parte das espingardas tem de ser posta de lado. O Quartel-Mestre ganha nos mantimentos fornecidos e reparte com o Comandante a diferença tirada do soldo das praças. O Comandante, por sua vez, divide com o Brigadeiro o saldo da verba para equipamento, que é muito importante, comprando lã e linho ordinaríssimo, que figuram nas contas por altíssimos preços. O General D. Francisco era consumado méstre em saber tirar essas vantagens. Não se contentando só em defraudar o Governo e os soldados, fardou também grande parte dos oficiais de sua brigada que não podiam pagar à vista o enxoval. Nêsse fornecimento, ganhou mais da metade do que recebeu. Corre que, antes da Independência, D. Francisco era alfaiate. Quéro crêr, porque mais de uma vez o ví manejar magistrálmente uma tesoura.

Para alimentação dum soldado, o Governo escritura por dia meia libra de carne e meia de pão; mas, devido ao exposto acima, recebem tão pouco que suas refeições quasi se limitam a arroz e feijão. Além disso, a carne que lhes dão é da pior qualidade, isto numa terra como o Rio de Janeiro, onde a carne já é ruím.

O pão é feito na maior parte de farinha de milho, apesar de pago como de puro trigo. A maioria dos soldados o vende, para beber mais cachaça. Cozinham-se alternadamente duas vezes por dia, arroz e feijão. Não se varía o alimento. Serve-se o rancho sem o menór asseio. O oficial de dia tem obrigação de provar a sôpa, sendo realmente preciso grande fôrça de vontade para engolir êsse caldo nojento. O mais pobre escravo vive melhor, sem dúvida, do que o soldado estrangeiro no Brasil. Por 2 vintens póde ter bôa e gostosa refeição, enquanto êste tem de se contentar com uma sôpa insulsa e sem valor nutritivo, que só a fome póde fazer tragar.

O que, no entanto, torna ainda mais intolerável a situação do soldado é a falta absoluta de qualquer comodidade nos quartéis. Em parte, não há siquér tarimbas e os homens dormem pelo chão em esteiras, com um cobertor. Atormentados por incontáveis insétos, procuram na cachaça alívio a seu martírio e curto esquecimento de sua desgraça. Sendo essa bebida barata e muitos vendendo até o pão para comprá-la em demasía, não é difícil imaginar os excéssos a que diáriamente se entregam. A consequência é uma pancadaria bárbara, sendo raro o dia em que se não apliquem castigos de 50, 100 e até 200 chibatadas, nas costas núas de infelizes, cujo vício é tão invencível que nem o pavor dos açoites impede satisfazê-lo nóvamente na primeira ocasião (13).

Os hospitais enchem-se com êsses desgraçados. Alguns passam alí metade de sua vida. Outros a perdem em consequência das pancadas ou ficam completamente inválidos. Os de natureza mais forte sentem uma espécie de orgulho em dizer que suportaram durante seu tempo de serviço alguns milheiros de vergastadas.

Diante de um tratamento dêsses, não é de admirar que as deserções sejam frequêntes. Os que procuram o interior do país são logo agarrados, porém, os que tentam escapolir por mar ráramente são descobertos, embóra se revistem tôdas as embarcações antes da partida. Os navios de guerra estrangeiros estão livres de tais buscas e são justamente os que surrupiam os melhores soldados do Imperador. E' raro partir um sem que faltem praças nos batalhões. Castiga-se a deserção com 200 chibatadas nas costas núas, dadas com finas vergastas de junco. Muitos as têm aguentado até quatro vezes, sem desistir de novas tentativas. Êsses homens desesperados preferem tudo, até a morte, a uma situação que julgam a mais insuportável de tôdas.

---

(13) Os castigos corporais eram de fato bárbaros no Exército dêsse tempo e foram uma das causas da revolta dos Estrangeiros, em 1828. As surras eram assistidas por um médico, segundo preceituava o Decreto de 27 de fevereiro de 1823. Há tôda uma legislação nesse tempo sôbre o modo e aplicação do chibateamento: Decretos de 27 de fevereiro de 1823 e de 4 de junho do mesmo ano. Decisões do Ministro da Guerra, de 28 de maio e de 22 de junho de 1824. O autor não exagera os fatos.

Por mais deplorável que seja a condição dos soldados estrangeiros no Brasil, não se compára com a da maioria dos seus oficiais. A impossibilidade de viver decentemente sem procurar um ganha-pão secundário contra o que todo caráter íntegro se revolta, trapaças sem fim, brigas mesquinhas a que estão expostos, falta de diversões compatíveis, renuncía a tôdas as comodidades a que um europeu educado se acostumou e o rude, ignobil tratamento de parte dos oficiais superiores, tudo isso torna o serviço militar brasileiro tão horrível que, de bom grado, a gente lança mão de outros recursos para equilibrar sua vida. Também são frequêntes os exemplos de oficiais que, depois de haverem servido algum tempo, tornam a voltar ao antigo ofício de sapateiro ou alfaiate, e regressam à Europa até mêsmo como cozinheiros de navio.

O soldo dos oficiais, por mais importante que pareça de longe, não basta a cobrir as mais prementes necessidades. E' esta a tabela :

Alferes	26.200 réis
Tenente	28.200 "
Capitão	34.000 "
Major	45.000 "

Nessa proporção, por diante. O Comandante de batalhão, se tem o posto de Coronel, recebe mais ou menos 100.000 réis, incluída a ração para o cavalo, muito pouco num país onde tôdas as utilidades de origem européa são extraordinàriamente caras, o fardamento é dispendioso e só em lavagem de roupa não se gasta menos de 4 mil réis por mês (14).

Acrescente-se que a maioria dos oficiais chega ao Rio sem dinheiro e, para se equipar, é obrigada a tomar grande adiantamento a ser descontado em seu futuro soldo. Como êste geralmente não chega, cáem nas garras de agiotas, que lhes adiantam o que têm a receber, cobrando juros de 10% ao mês. Não há um único oficial que, dessa maneira, não esteja já alcançado em vários meses, não recebendo muitos nem a metade do que lhes cabe.

Em tais circunstâncias, é natural que empreguem os meios mais asquerosos para arranjar dinheiro ou crédito. Êste último em pouco tempo se acha tão esgotado que nenhum comerciante, nenhum artífice emprestam mais um vintém a um oficial estrangeiro. Ao princípio, fôra diferente. Conhecí um oficial que, em um ano, fizéra dividas de mais de 2 contos de réis ou 3.000

---

(14) A Tabela de Soldos baixada com o Decreto de 25 de março de 1825 foi a seguinte: Marechal do Exército, 200$000; Tenente General, 140$000; Marechal de Campo, 110$000; Brigadeiro, 80$000; Coronel, rs. 70$000; Tenente-Coronel, 60$000; Major ou Sargento-mor, 50$000; Capitão, 30$000; Tenente, 25$000; Alferes, 22$000.

reichsthalers. Era chamado o Príncipe, porque, ao chegar ao Rio de Janeiro, se inculcára como tal. Suas velhacadas não lhe trouxeram proveito e, ao voltar para a Alemanha, deixei-o na maior miséria.

Nada me parecia mais ridículo do que ouvir êsses típos, cuja infamia vinha a furo em todos os átos, falarem constantemente de honra, mostrando-se nêsse ponto tão sensíveis como se a dêles fôsse tão pura e sem mácula como a do Cavalheiro Bayard (15). Os duelos andavam na ordem do dia, mas não só resolvidos a espada e pistola. Os punhos entravam frequêntemente em jogo e devo confessar que eram as armas mais próprias para um corpo de oficiais, do qual desertára a verdadeira honra e no qual a inveja e a difamação haviam desde muito tempo rompido todos os laços de camaradagem, tratando cada um de construír sua felicidade à custa da destruição dos outros. E que espécie de felicidade ! Por mim, prefiro ser mestre-escola duma aldeia na Europa, a oficial do Estado Maior Imperial na Côrte do Rio de Janeiro.

Na minha curta carreira militar no Brasil, eu mêsmo fiz mais de uma vez a observação de que, com pessôas de baixa moralidade, a paradoxal mistura do chamado ponto de honra com um modo de proceder infame produz nojenta caricatura. Encontrei poucos amigos entre meus conterraneos no Rio de Janeiro, porque desdenhei fazer relações com gente que despresava do fundo da alma. Evitei propositalmente a companhia de meus camaradas, enojado com seu modo de viver. Todo o bando se irritou contra mim. Aconteceu-me como ao urso da fábula. Mas, como justamente sabiam e muito bem, por experiência própria, que eu não tinha medo da brilhante ponta duma espada, nem duma pistola carregada, atacaram-me da mais pérfida maneira, tentando envolver-me em discordias que me podiam ter custado a liberdade ou a vida.

O sr. von S., que, como já disse, tinha algumas razões para me guerrear, conseguíu por meio de calúnias que diversos oficiais do meu batalhão me atacassem de surpresa em uma taverna, onde ceava com amigos. Furioso com essa infamia, apanhei uma faca

---

(15) Pierre Terrail, Senhor de Bayard, o Cavalheiro sem medo e sem mácula das velhas crônicas francesas, nascido em 1473 e morto em 1524. Serviu ao Duque de Saboia e, depois a Carlos VIII e Luiz XII, Reis de França. Conquistou Nápoles e a Apúlia. Combateu em Canossa contra o Grande Capitão espanhol Gonçalo de Cordova. Cobriu-se de glória na retirada do exército francês da Itália. Na campanha de Artois, foi ferido e aprisionado pelos franceses. Francisco I nomeou-o Tenente General do Delfinado. Lutou contra o Imperador Carlos V e, após a derrota dêste, em Marignan, armou cavalheiro o Rei de França, seu vencedor. Salvou a França invadida pelos espanhois e voltou a combater na Itália, onde, em Rebecco, batendo-se contra os Imperiais, recebeu um tiro de arcabuz. Morreu voltado de frente para o inimigo. Tornou-se o último símbolo da Cavalaria antiga.

e me atirei contra um dêles, que desembainhára a espada para me ferir. Tê-lo-ia assassinado, se meus amigos não me tivessem impedido. Ao invés duma tragédia, houve miserável comédia, que não honrou a nenhum dos seus atôres. Eu próprio me envergonhei do papel que fui obrigado a representar.

Alguns dias depois, recebí ordem para apresentar-me ao quartel, onde encontrei tôda a oficialidade reunida em torno do Coronel Luiz dall'Hoste. Por sua ordem, o Ajudante leu uma representação redigida em nome de todos os oficiais, porém, ainda não assinada, na qual se queixavam do modo indigno por que eram tratados pelo Major Freire de Andrade. Após a leitura, o Coronel convidou todos os presentes a darem sua assinatura. Recusei imediatamente participar de uma trama, cujos autores me eram odiosos. Alguns franceses e inglêses seguiram o meu exemplo. O resto assinou. Mais tarde, quando fôram punidos, não pude sopitar certa alegria maldosa, aliás meu único despique, pois perdí a estíma do Coronel, que conquistára em alto gráu, devido à minha atitude. Arquei daí por diante com tôda a sua malquerença.

Luiz dall'Hoste, Cavalheiro da Alta Ordem de Santo Estevam da Toscana (16), condecorado com a cruz de prata das campanhas do Sul, Coronel Comandante do 2.º Batalhão de Granadeiros de Sua Majestade o Imperador do Brasil, — seja-me permitido citar aquí todos os seus títulos por haver pouco o que dizer a seu respeito —, não se sabe bem se era húngaro, italiano ou alemão de nascimento e viéra para o Rio de Janeiro no sequito da Imperatriz, tendo atingido em vários anos a posição militar que desfrutava. Podia ser considerado favorito do Imperador, embora frequêntemente êste o tratasse de indelicadíssima maneira. Êle ia engolindo com a devida dedicação tôdas as altíssimas grosserias de Sua Majestade. Nunca vi homem com tanta destresa para beijar a mão do Soberano. Estivesse D. Pedro de carruagem ou a cavalo, rodeado de seus guardas ou no maior apertão das ruas, êle sabia achar o momento propício para lhe prestar aquela homenagem. Estou convencido que êle, como os artistas de circo, conseguiria beijar a mão de seu Imperial Senhor, mesmo que êle galopasse a tôda a brida. Na sua cabeça, a confusão de linguas formava uma nova Babél: misturava brasileiro, húngaro, italiano e alemão numa algaravía tal que era difícil entender o que dizia. Raras vezes tenho visto um caso semelhante. Se de fáto possuía algumas idéias, eram essas tão confusas e êle tão esquecido que até às vezes o consideravam maluco. A' noitinha, estava

---

(16) A Ordem de Santo Estevam não é da Toscana e sim húngara, fundada pela Imperatriz Maria Teresa, a 21 de fevereiro de 1764, para recompensar serviços civis, conferida aos nobres. A cruz é pátea, de esmalte verde, com bordos de ouro, tendo ao centro, as armas do Reino da Hungria. Em tôrno, a divisa: ***Publicum meritorum praemium***.

geralmente bebedo, o que se ajustava tão bem ao seu temperamento quando se achava a sêco, que se não notava grande diferença. Matreiro como um italiano e desconfiado como um alemão, mostrava-se tão sensivel em relação ao modo dos subalternos o tratarem quanto insensivel ao tratamento indigno que lhe déssem os seus superiores. Os traços fundamentais de seu caráter eram o fanatismo, a mesquinharia e a luxuria soez. Sua ilimitada estupidez o fazia ainda mais perigoso. Seus oficiais o apelidavam por troça o *Velho da Montanha*. Os brasileiros, o *Cavalo*, em alusão depreciativa ao título de Cavalheiro, de que fazia gran,e alarde. Para o Imperador, frequêntemente era o *Burro*. Apesar de D. Pedro ser pródigo em epítetos, não dava êste por favor a Luiz dall'Hoste, mas em reconhecimento de seus méritos reais (17).

O favor de tal homem não podería recaír sôbre um caráter como o meu, do contrário me sería fácil conseguir em alto gráu seu patroícnio e sua confiança, bastando para isso um pouco de bajulação e, conforme a concepção corrente, um grãozinho de infamia. Êle mêsmo me propôs uma feita que oportunamente lhe fornecesse informações acerca de alguns dos meus camaradas que não eram meus amigos. Ao invés de concordar com um plano que satisfaría minha vingança, fui tão imprudente que repelí de cara a proposta, declarando-lhe não ter estofo para espião. Bastou isso para excitar todo o seu ódio e pouco faltou para que eu sentisse o peso de sua vingança. Como, porém, eu fôsse muito correto no meu serviço, limitou-se ao princípio a me considerar detido no quartel a pretexto de pequeninas omissões. Essa punição no Brasil, onde parte dos oficiais passa meses e até anos presa nas fortalezas, não merecia importância. Portanto, fui extremamente surpreendido ao saber por uma ordem do dia que Sua Majestade houvéra por bem dar a minha demissão. O Coronel apenas indicou como causa dessa arbitrariedade não demonstrar eu gosto pelo serviço militar no Brasil. Estava longe de querer negar a veracidade dêsse motivo e nessa ocasião tive uma conversa confidencial com o meu chefe, que, noutras circunstâncias, me teria divertido muito. Infelizmente, minha situação era de tal modo crítica que sómente alimentava um sentimento, — o medo do futuro. Caí numa espécie de pusilanimidade e me decidí a voltar à Europa por qualquer preço.

Como o adiantamento que recebera para me equipar ainda não estivesse totalmente pago, deram-me a escolher entre pagar o que faltava e servir de graça até completar a soma. Escolhí o último alvitre para não ficar de todo sem dinheiro. Portanto, servi ainda Sua Majestade dois meses e meio, perfeitamente de graça, aproveitando o tempo para fazer valer minha fundada pre-

(17) Em 1828, os soldados amotinados o meteram debaixo do caldeirão do rancho.

tensão de voltar à Europa. Expús minha situação ao Imperador, que me fez as melhores promessas. O sr. Miranda interessou-se pessoalmente por mim junto ao Ministro da Guerra. Mas meu requerimento foi in,eferido. Dirigi-me ao Ministério das Relações Exteriores, cujo títular, o Visconde de Inhambupe de Cima lamentou não dispôr de verba para semelhantes auxílios. Prometeu-me, porém, uma passagem decente na náu "D. João VI", então de partida para Liorne, onde ía buscar o Infante D. Miguel. Falhou também essa oportunidade e minha partida foi sendo retardada dia a dia, o que piorava a situação. A saúde alterava-se e não podia absolutamente ganhar o que precisava, vendo minhas economias se derreterem e antevendo tristíssimo futuro.

Sem esperança de êxito, fui um dia a S. Cristovam falar com a Imperatriz. Pela segunda vez, fazia aquêle trajéto e como da primeira me vira enganado, não levava desta, grandes esperanças num bom resultado. Encontrei Sua Majestade no jardim e lhe expús minha angustiosa situação de viva voz. Entreguei-lhe, ao mêsmo tempo, um soneto que fizera com grande trabalho, porque sabía ser essa a melhor maneira de despertar o seu interesse. Ela o leu com a maior atenção e disse com a maior amabilidade: — E' muito bonito, é realmente lindo! Chamou um dos seus camaristas e deu-lhe ordem para me entregar 200 mil réis por conta de sua caixa particular. Beijei-lhe a mão e voltei à cidade, cheio de profunda gratidão.

O soneto, por pior que seja, deve figurar aquí. Talvez seu único mérito seja o ter sido régiamente pago, pois muito poucas poesías se pódem gabar dessa vantagem.

SONETO

Dedicado a Sua Majestade a Imperatriz Carolina Leopoldina

"Wo Rio längs dem blüh'nden Meeresstrande
Wie Riesenarme zwischen Felsen strecht,
Bescheiden sich und ihre Pracht versteckt,
Weil gröss'res als Natur in diesen Lande.

Kein Kunstler schafft; da, wo aus blauen Sande
Das reinste Gold des Baches Welle leckt,
Den Diamont der recihe Boden deckt,
Da sah ich dich im strahlenden Gewande:

Gemahlinn von Dom Juan's heldensohne,
Wirst Du mit ihm gefeiert und glücklich leben,
Doch darf ich dreist bis zu dem gold'nen Throne,

Darf bis zu Dir den freien Blick erheben,
Deun Herzensgüte hat die Kaiserkrone
Mit einer Himmelsglorie umgeben." (18)

No dia seguinte, fui à casa do Camarista. Sua Excelência falou-me por alto no esgotamento da Caixa Imperial, na necessidade que por isso eu tinha de esperar e, afinal, na sua boa vontade em me adiantar a soma. Sabia perfeitamente onde êle queria chegar e dei logo um recibo de 200 mil réis, recebendo apenas 150 em dinheiro contado.

Esta quantia mal chegava para cobrir minhas despesas mais prementes e adiei para melhores tempos meu projeto de regresso à Europa. Nesse tempo, passei a viver muito agradavelmente. Meus conhecimentos de línguas proporcionavam-me ganhos suficientes e me achava livre e desembaraçado. Apenas minha saúde, dia a dia piorava, vendo-me na iminência de perder qualquer esperança de jamais me restabelecer nesse clima e com o modo de viver que levava. Feliz acaso e a amizade do melhor homem que conheci permitiram a realização do meu mais ardente desejo. Devo saúde e vida ao bom Jacob der W-n, e, mais do que isso, minha confiança readquirida na humanidade e na boa influência da minha estrela. Voltei à Europa no mesmo navio que me levara ao Brasil. Como um sonho, o passado já ficou para trás. Que lhe siga alegre despertar!

Ao deixar o Rio de Janeiro, o que mais senti foi a ausência do Major Heise, a quem já me referi antes. Por influência de seus amigos ingleses, conseguira, enfim, colocar-se no Estado Maior, o que para êle era uma felicidade, por não lhe agradar o calmo círculo duma atividade limitada. Qualquer outro se contentaria com uma situação garantidora de cômoda e segura subsistência. Isso não bastava ao seu espírito. Na verdade, é preciso ter muita fôrça de caráter conjugada a certa maleabilidade, como êle, para se fazer carreira militar no Brasil. O Imperador enviára-o ao Sul, afim de organizar uma espécie de guerrilha. Não co-

---

(18) Êste primor poético alemão traduz-se mais ou menos assim, em chilra prosa portuguesa: "Onde o Rio estende os gigantescos braços ao longo das floridas praias, e modestamente, seu esplendor e a si mesmo esconde no seio duma Natureza portentosa, que nenhum artista pode imitar, com suas areias azuladas ou côr do mais puro ouro, beijadas pelas águas dos ribeiros, com seu solo polvilhado de diamantes, aí eu Te avistei em fulgente roupagem, ó Espôsa do Heróico Filho de D. João, a cuja lado viverás festejada e feliz. Mas, sem receio, me aproximo do teu áureo trono e a Ti posso erguer meu livre olhar, porque Tua corôa imperial é feita de bondade e aureolada pela glória do céu".

O soneto envolve uma súplica, que a Imperatriz, na sua grande bondade, soube compreender, auxiliando o oficial mercenário, seu irmão de raça, em apuros.

nheço seu destino depois, mas não duvido que tenha alcançado seus fins (19).

O Major Eduardo von Ewald, Comandante do 3.º Batalhão de Granadeiros, pediu demissão, irritado com a nomeação do Coronel Cutter para comandar a 1.ª Brigada (20). Preferiu passar a depender dos favores duma tal D. Gertrudes a depender dos caprichos do Imperador, cuja benevolência perdera de todo. Vive com essa senhora num sítio encantador, perto da cidade. E' de recear, porém, que essa ligação filosófica não seja de longa duração. O egoismo é o rochedo perigoso em que sossobra o amor dos homens, raramente capazes de grandes sacifícios.

Os dois batalhões de Caçadores também receberam outros comandantes. Para o 26.º, em Pernambuco, foi nomeado o Coronel Conde de Escragnolle e para o 27.º, o Coronel Mac-Gregor. O astuto italiano Thiele soube se acomodar às circunstâncias. Wood Yeathes demonstrava alguma susceptibilidade. Ambos continuaram em serviço.

Sorte fora do comum teve o Capitão de Cavalaria Hanft, chegado ao Rio de Janeiro em princípios de 1826 e em breve agregado ao 2.º Batalhão de Granadeiros, no posto de Coronel. Graças à sua desenfreada bajulação, grangeou a proteção do Imperador. O emprêgo dêsse meio foi difícil, porque não sabia patavina da língua do país. Isto deu-lhe aso a ter um secretário, que traduzia os discursos que jamais tinha feito em louvor do Imperador. E não foram poucos! Êsses discursos e as recomendações de seu amigo, o Cavalheiro von Schäffer, o promoveram contra tôdas as espectativas ao elevado posto. Não prestou serviço efetivo, nem tinha capacidade para isso. Esperando ser aproveitado na diplomacia, voltou à Europa e faleceu pouco depois de chegar a Hamburgo.

Lilienhöck til Forbala, suéco muito conhecido no norte da Alemanha, por suas demagogógicas agitações revolucionárias, morreu como Capitão do Corpo de Engenheiros, no Rio de Janeiro. Sukow, um dos alemães de mais talento que tentaram a sorte no hemisfério meridional, também alí foi perseguido por sua má estrela. Feriu levemente o adversário num duelo e êste praticou a infâmia de denunciá-lo. Quando partí, havia já seis meses que se achava prêso numa fortaleza, com pouca esperança

---

(19) O Major Heise organizou, em Porto Alegre, um esquadrão de lanceiros alemães, com o Capitão Von Quast.

(20) Guilherme Cotter, natural da Irlanda. Foi à Irlanda, em 1827, e de lá trouxe 2 mil irlandeses maltrapilhos, que chegaram ao fim dêsse ano, segundo Bosche, em janeiro de 1828, segundo Armitage, os quais foram vaiados ao atravessarem as ruas do Rio de Janeiro, tão desprezível era o seu aspecto. Dêsses imigrantes, mil foram destinados ao serviço militar, incluindo-se 500 no 3.º de Granadeiros e 500 no 28º de Caçadores, antigo 26.º, transferido do Recife. Depois da revolta de 9 de junho de 1828, êsses irlandeses foram enviados para o Canadá.

Uniformes dos Batalhões Estrangeiros em 1825.
Em cima : Sargento de Granadeiros e soldado de Caçadores.
No meio : Granadeiro com ursa, pertencente às Companhias de Escól.
Em baixo : Granadeiro e oficial de Caçadores com fardeta e gorro de Serviço.

de ser restituido à liberdade. Contudo, soube mais tarde de sua absolvição e colocação no Estado Maior, no posto de Major.

A lista anexa a esta obra contem os nomes de todos os oficiais que, em fins de 1826, serviam nos quatro batalhões estrangeiros. Acrescentei os de alguns outros, colocados quer no Corpo de Engenheiros, quer no Estado Maior. Ocupar-me com o destino de cada um de per si não corresponde aos intuitos dêste livro. Estou, contudo, à disposição de quem queira para dar notícias a seu respeito, dispondo ainda para isso de boas relações na capital do Brasil.

*
* *

A sorte dos colonos, em geral, não é melhor do que a dos soldados. Embora não se possa negar que o Govêrno lhes fornece muita coisa, pouco proveito auferem disso, porque as quantias destinadas a auxiliá-los são, na maior parte, furtadas pelos funcionários encarregados de sua distribuição. Deve-se, no entanto, proclamar, para glória do chefe do serviço de colonização estrangeira, que êle é, além de homem honesto, dono de excelente coração, fazendo o possível para melhorar a situação dos colonos e até grandes sacrifícios para ajudar a alguns soldados. Falta-lhe, porém, a energia precisa para coíbir os abusos que penetraram pouco a pouco, desde o comêço, num sistema, cujo fim principal era arranjar soldados para o Imperador.

Como já fiz notar, tôdas as pessoas que vão para o Brasil à custa do Govêrno, são feitas soldados logo que chegam, salvo se de todo inaptas para o serviço. Tiram-se, assim, às famílias seus braços mais capazes, mandando-se para as colônias apenas velhos e crianças. Os que pagaram a passagem do próprio bolso são livres. Fora disso não gosam de preferência alguma. O Govêrno paga a um colono 8 vinténs por dia, durante o primeiro ano após sua chegada. As crianças, a metade. Como por nova disposição de lei, êsse dinheiro não é pago à vista, mas em gêneros alimentícios, a maior parte fica nos bolsos dos funcionários e de seus fornecedores. Se nas vizinhanças da cidade os colonos são miseravelmente alimentados, imagine-se o que não será essa alimentação a centenas de milhas de distância. Para o segundo ano, dá-se metade do auxílio do primeiro. Depois, têm de cuidar de si próprios.

A colônia de Nova Friburgo fica a poucos dias de viagem da capital, mas os caminhos são tão ruins que os colonos não podem vir à mesma vender seus produtos. Reina alí tão grande pobreza que muitos assentaram praça voluntariamente ao se criar o Corpo de Estrangeiros e outros andam mendigando para poderem viver como párias.

Durante os dois anos que passei no Brasil, os colonos que chegavam eram enviados para o Rio Grande do Sul, onde a grande distância da costa se fundára a colônia de São Leopoldo. Conversei com muitos que voltaram ao Rio de Janeiro e todos me descreviam como tristíssima a situação dos que lá haviam ficado. Haviam feito tão poucos preparativos para sua recepção que os infelizes se viram obrigados a dormir ao relento durante meses até que lhes dessem as terras onde construir suas choupanas.

O Major Heise, quando foi mais tarde mandado para aquela Província, lá encontrou muita gente que preferiu entrar em serviço no seu Corpo a continuar lavrando uma terra que, em paga de seu duro labor, mal fornecia os mais necessários meios de subsistência. Neste clima, o europeu não serve para a lavoura. Rastrilho e arado são desconhecidos no Brasil. A terra tem de ser trabalhada a enxada. Além disso, o café, único produto com que se negocia no interior, requer ótimo solo, e, somente depois do longo praso de três anos, dá a primeira e escassa colheita. Enfim, as comunicações no centro são ainda mais difíceis do que nas proximidades da capital.

Tudo o que o Major von Schäffer, na sua obra sôbre o Brasil, diz a respeito do gado e dos instrumentos agrícolas fornecidos aos colonos é inverídico. Quando muito, recebem uma enxada, um machado e um serrote para derrubar a inpenetrável mata virgem que cobre geralmente a terra que lhes foi distribuida.

A apanha do café, como se sabe, é um dos trabalhos nocivos à saúde. Como os frutos amadurecem um a um e os que cáem ao chão nada valem, é preciso diariamente, antes do nascer do sol, as pessoas encarregadas da colheita se exporem aos ruinosos efeitos do orvalho que cobre os arbustos e, durante o dia, a um sol tropical, cujos raios ardentes secam as roupas molhadas com grande prejuizo para os corpos. Nenhum branco suporta tão repentina mudança de temperatura, salvo se andar nú como os negros. Provavelmente, em breve chegará a isso, porque o povo está ficando por demais miserável para comprar vestes. Então, apenas a côr diferenciará os negros-brancos dos negros-pretos. Mas não sabemos quantos não perderão a vida nessa tentativa para voltar ao estado primitivo da humanidade.

O clima de S. Leopoldo já é demasiado frio para o café e as colheitas têm sido ruins. Embora de certo modo se aproxime do clima europeu, esta circunstância é prejudicial para os colonos, porque têm de se limitar principalmente à cultura do milho, da mandioca e do feijão, que não servem tanto para o comércioi como o café. Por isso, não lhes é possivel ganhar o dinheiro indispensável para se proverem de utensílios agrícolas, roupas e demais artigos necessários à vida dum homem semi-civilizado.

No Brasil, o branco destina-se ao comércio. O próprio artí-

fice não trabalha, faz trabalharem para êle. Sem dinheiro e sem escravos, o branco fica em piores condições que êstes. Êle próprio não gosa dos frutos de seu trabalho, senão quando com grandes esforços chega ao ponto de poder comprar alguns escravos e abrir um negócio, afim de esperar melhor futuro.

Aconselho, todavia, a qualquer trabalhador hábil e diligente que queira fazer fortuna, que vá para o Brasil, pagando a passagem do próprio bolso, para não ser feito soldado ao chegar lá. Isso desorganizaria todos os seus planos. O salário dum ajudante de operário ascende a 1.000 réis por dia e a mais ainda, se fôr por exemplo relojoeiro ou ourives. Se tiver bom procedimento, sobriedade e economia, em breve terá juntado pequeno capital. Também não é difícil achar crédito para qualquer estabelecimento, na verdade com juros muito altos, geralmente 35%; mas o ganho será proporcional.

Uz artífice que comprar escravos broncos e pessoalmente lhes ensinar o seu ofício ,além de arranjar ajudantes baratos, poderá ganhar extraordinariamente, vendendo-os, pois um escravo bronco custa 200 mil réis; mas, depois de ser um bom sapateiro ou um bom alfaiate, vale 500 mil réis a um conto de réis. Portanto, quem assim gerir seus negócios, em pouco tempo ficará rico, como acontece com muitos portugueses, que regressam à pátria com grandes fortunas.

Quem trouxer algum dinheiro para o Brasil também pode empregá-lo vantajosamente em bens de raiz. No caso de possuir uns 10 ou 20 mil thalers, poderá arranjar com o govêrno uma sesmaria, que é como denominam as posses de terras doadas pelo Estado. Geralmente são do tamanho de uma légua quadrada. Os emolumentos do título de doação ascendem a uns 1.500 thalers. Com algum conhecimento da região onde a gente se quer estabelecer, empregam-se mais uns 1.000 thalers, para dar mais fôrça ao pedido, e conseguem-se assim umas 5.000 geiras de terras excelentes. Parte do capital servirá para comprar escravos e levantar edificações muito singelas com abundante material tirado ao próprio terreno. Parte, como reserva para os primeiros anos que podem nada render.

A lei determina que no prazo de 5 anos, a sesmaria (21) deverá estar demarcada e ocupada, reservando-se ao Govêrno o direito de retomá-la, se, dentro de 20 anos, não fôr cultivada. Estas duas condições obrigam ao emprêgo de todos os esforços para roçar a mata virgem, afim de dar à posse de terra pelo menos aparência de cultivo. A abertura de estradas para as comunicações, de canais para a irrigação e a construção de casas decen-

---

(21) Sesmaria, data ou concessão de terras. Do antigo verbo português *sesmar*, dividir.

tes exigem ainda mais capital, que será pago em pouco tempo com juros. Apenas nos primeiros anos o proprietário precisa renunciar a tôdas as comodidades européas, não devendo dissipar a tôa o seu dinheiro. Seu olhar deve estar sempre fixo no futuro. do qual virá a indenização de sua renúncia. Se a sorte lhe favorecer a emprêsa, em 20 anos terá um rendimento muito maior do que a soma originalmente empregada e a certeza de deixar à sua prole uma propriedade que, em tamanho e valor, excede a muitos condados alemães.

XIV

LISTA

DOS OFICIAIS QUE, DESDE A CRIAÇÃO DO CORPO DE ESTRANGEIROS, ESTIVERAM EM SERVIÇO NO EXÉRCITO IMPERIAL BRASILEIRO E AINDA ESTÃO. (1)

2.º *Batalhão de Granadeiros de* 1.ª *Linha*

Comandante: Tenente Coronel Bellard, fóra do serviço.
—— Major Barão von Moillet, fora do serviço.
—— Capitão Thiole, transferido para o 26.º de Caçadores.
—— Coronel Cavalheiro Luiz dall'Hoste.
Coronel graduado: Hanft, falecido em Hamburgo.
Tenente Coronel: Manuel Freire de Andrade.
Major: Rudolph Ith, demitiu-se e vive na colônia de Nova Friburgo.
Ajudante: Tenente Romillac, transferido para o 26.º de Caçadores.
Ajudante: Alferes Schmieding.
Quartel-Mestre: Ferreira.
Cirurgião de Batalhão: Dr. Mangold.
Cirurgião de Batalhão agregado: Kapp.
Assistente de Cirurgião: Erbe.
" " " : Mükeberg, destacado em Montevidéu.
" " " : Steinfeld.
Capelão: Caboville.
Secretário: Tenente N. N.

Capitães

Vitt, fora do serviço.
von Suckow.

---

(1) Como a denominação Corpo de Estrangeiros foi abolida durante minha estada no Rio de Janeiro, os diversos batalhões que o formavam foram distribuidos nas Brigadas brasileiras e receberam um número seguido ao das outras tropas nacionais. Formou-se a 1.ª Brigada de Granadeiros com o Batalhão do Imperador, o 2.º e o 3.º de Granadeiros. O Brigadeiro foi D. Francisco de Souza Macedo e o Ajudante de Brigadeiro D. Pedro Guerra e Drago. (*Nota do autor*).

Quast, fora do serviço (2).
Bode.
Müller.

Tenentes

Lac.
Goszler, falecido.
Ewbank.
Schwabe, fora do serviço.
Iunhaus.
Grive.
Barão von Leenhoff.
Wickenhagen.
Müller, falecido em 1826.
Pelkowsky
de Wickede, fora de serviço.
Gavekoth.
Hantelmann.

Alferes

von Wissel, fora do serviço (3).
Langsdorf, fora do serviço.
d'Ecrey.
Schaffer, fora do serviço (4).
von Strube (5).
Hangström.
Barão von Trautenberg (6).
Michel.
von Uslar, transferido para o 26.º de Caçadores (7).
Lüden I.
Lüden II.

3.º *Batalhão de Granadeiros de* 1.ª *Linha*

Comandante: Major Eduardo von Ewald, fora do serviço.

---

(2) Nos Lanceiros de Porto Alegre. Von Quast, família do Brandeburgo, brasonando de azul com 5 castiçais de prata com velas acesas, em santor; da Baviera, de vermelho com uma aspa de ouro acompanhada em 1 de três vieiras de prata em roquete, em 2 de um navio de prata, em 3 de u'a mão segurando uma âncora, de prata, e em 4 de uma espiga de trigo de prata, inclinada à destra.

(3) Von Wissel, família nobre da Alemanha, estendida ao Laguedoc e ao Berry, em França. De vermelho com um par de asas de ouro.

(4) Já teve referências especiais.

(5) Parente do agente von Schäffer.

(6) Trautenberg, família nobre da Boemia, de sangue germânico. De vermelho, com uma faixa triangulada de azul e prata.

(7) Há duas famílias nobres von Uslar. Uma na Saxonia, Hanover e Mecklemburgo: partido de negro e de 4 palas de preto e vermelho.

Outra na Prússia, no Hesse e na Austria: de prata com uma faixa duplamente ameiada de vermelho.

—— Coronel Cutter (8).
Agregado: Major Brito.
Ajudante: Alferes Grünhagen.
Quartel Mestre: Alferes N. N.
Secretário: Alferes Roque Colaço da Veiga Vidal (9).

Capitães

Kölz.
Graffner.
Dreyer.

Tenentes

de la Vallée (10).
L. Meyer.
Weber, fora do serviço.
Kather.
Auger.
Haase, fora do serviço.
Siegener.
von Alten (11).
Bondeu
Pelt
von Weyhe (12).
Schrader, fora do serviço.

Alferes

Menecke
Parish
Prahl

---

(8) O irlandês Guilherme Cotter.
(9) No texto original: :Rocque Colaco de Veiga Védal.
(10) Família nobre da Bretanha, Denis de la Vallée. De prata com três merletas de negro.
(11) Há inúmeras famílias nobres na Alemanha, com o nome de von Alten. No Mecklenburgo, de prata com uma banda de lisonja de vermelho de 5 inteiras e 2 meias. Na Prússia, em Gottern, de prata com 7 lisonjas de vermelho carregadas cada uma de uma rosa de prata. Na Baviera, de prata com 3 lisonjas verdes em banda e 4 rosas de vermelho nos ângulos. No Hanover, em Wilkenburg, de prata com 7 lisonjas vermelhas carregadas cada uma com uma rosa de prata. Na Suabia, em Altemberg, partido de ouro e vermelho com uma chaveirão partido dos contrários. Na Austria, de ouro com um galho de veado de negro. No Brabante, de vermelho com um chaveirão de ouro acompanhado de 3 rosas de prata em roquete. Alguns dêsses brasões pelas suas côres e móveis denotam parentesco das respectivas famílias.
(12) Os von Weyhe dividem-se na Alemanha em dois ramos. Weyhe zu Rotteersheim, partido em contrabanda: 1 de prata com meio leão sainte de vermelho, 2 contrabandeado de 6 peças de vermelho e prata. Weyhe zu Fahrenhorst, partido em pala: 1 de ouro lisonjado de azul, 2 de azul com meia roda de ouro. Êstes últimos von Weyhe são de Luneburgo.

Wolf von Weddig (13).
Bornemann.
Lackemann.
von Hadermann, fora do serviço.
von Gull (14).
Unzelmann.
Bamberger I.
Bamberger II.
von Falkenstein (15).
Dony.

26.º *Batalhão de Caçadores de* 1.ª *Linha*

Guarnição: Pernambuco.

Comandante: Coronel Conde de Escragnolle, estava no Rio de Janeiro em Agosto de 1826.
—— Coronel Mac-Gregor, transferido para o 27.º de Caçadores.
Agregado: Major Thiole.
Ajudante: Tenente Saint-Brisson.
Cirurgião de Batalhão: Meyer.
Assistente de Cirurgião: Vollesky.
" " " : Kupfender.

Capitão

Schumacher, fora do serviço.

Alferes

Schrambach
Romillac.
Knorr, fora do serviço
de Ornflicht I, fora do serviço (16).

---

(13) Os Wolf são do Wurtenberg, da Livonia, da Lituania, da Rússia e da Polônia, de azul com 3 bandas de ouro, com um leão ao natural brocante. Os von Weddig são do Oldenburgo, de prata com um veado de vermelho posto à sombra duma árvore e sôbre um terrado verde.

(14) Von Gull, originários de Londres. De azul com uma serpe de prata acompanhada de 3 pássaros do mesmo, em roquete, e um cantão de arminho com uma corôa emplumada e o mote *Ich diesse*.

(15) Os Von Falkenstein existem em vários lugares da Alemanha. Na Alsácia, de azul com 3 falcões de prata em roquete. Na Suabia, de ouro com duas faixas curvas de vermelho, uma no chefe, outra na ponta, e entre elas um falcão estendido de azul. Em Baden, de azul com um veado passante de ouro. No Wurtemberg, de ouro com o barrete do Barão do Santo Império, de arminho forrado de vermelho. Na Saxônia, de ouro com o chefe de vermelho.

(16) Os Ornflicht são da Suécie. De ouro com 2 asas estendidas de negro.

von Lienau, fora do serviço.
Iahn.
Furstenrecht.
Puff.
Hamlet.
Bohm.
Lotze.
de Ornflicht II, fora do serviço.
Perrier.
de Uslar.
Willing.
Koop.
Zacharias.
Baumann.
Müller.
von Kiesenwetter (17).
Plaat van Steen (18).

27.º *Batalhão de Caçadores de* 1.ª *Linha*

Comandante: Coronel Mac Gregor.
—— Major Wood Yeathes.
Ajudante: Tenente von Bülow (19).
Quartel Mestre: Alferes Hohnhorst.
Secretário: Tenente Knaack.
Cirurgião de Batalhão: Galesi.
Cirurgião de Batalhão, agregado: Scot.
Cirurgião de Batalhão, agregado: N. N.
Assistente de cirurgião: Keif, baixado ao hospital.
Assistente de cirurgião: Alt.
Assistente de cirurgião: Gehring, destacado em Montevidéu.

Capitães

Garoni.
von Friedrichsen.

---

(17) Von Kiesenvetter. Na Silésia e na Saxônia. Partido, 1 de azul com um Adão de prata, 2 de vermelho com uma serpente de ouro. No Mecklemburgo, de azul com um Adão de prata num terrado cosido de sinopla, tendo uma serpente de prata à destra.

(18) Os Plaat são da Holanda: de vermelho com uma faixa de prata e 3 aneis de sable. Há 8 famílias von Steen na Holanda e nas Flandres.

(19) Von Bülow, família antiga e nobre da Saxônia e da Prússia. Esquartelado: 1 e 4 de prata com a águia da Prússia; 2 de azul com uma pomba de ouro trazendo no bico um anel do mesmo; 3 de ouro com um urso de negro subindo um terrado inclinado de verde; sôbre o todo de azul com 14 besantes de ouro, 4-4-3-2-1.

Tenentes

Mercadier, falecido.
Leon, fora do serviço.
Leeb, falecido.
de Cojet, fora do serviço (20.
Plevoets.
Gatticker.
von Lotzow (21).
von Arenschild (22)

Alferes

Bornemann.
Heuner.
Schroder.
Waldmann.
Abele.
Galloway
von Schervinsky
Augier, fora do serviço.
Fortegato.
Seidler.
Ottmer.

Corpo de Voluntários (23)

Porto Alegre.

Comandante: Major Otto Heise.
Ajudante: Pfeil.
Capitão de Cavalaria do Sul: von Quast.
Tenente: Barão von Kettler (24).
Tenente: Barão von Leenholf.

---

(20) De Cojet, família nobre da Holanda. De vermelho com uma cruz de ouro.

(21) Von Lützow. Na Baviera, no Mecklemburgo, na Silésia, no Wurtenberg e na Prússia. De ouro com uma escada de assalto de purpura filetada de negro e posta em banda.

(22) Von Arenschild. De Bremen. Esquartelado: 1 e 4 de negro com meio leão sainte de ouro, tendo a parte direita cortada; 2 e 3 de prata com uma águia estendida de negro.

(23) O Esquadrão de Lanceiros organizado em Porto Alegre, composto de 68 homens, que se bateu valentemente no Passo do Rosário.

(24) Os von Ketler são de velha nobreza báltica. Descendem de Gustavo Ketler, Duque da Curlândia e da Semigalia, último Grão Mestre da Ordem Teutônica, na Livônia.

A família brasona, na Curlândia: esquartelado: 1 e 4 de prata com um leão de vermelho coroado de ouro; 2 e 3 de azul com meio veado coroado de ouro; sôbre o todo, partido de vermelho com uma asa de caldeira de prata e de ouro com as letras S. A. entrelaçadas e coroadas de negro.

Corpo de Engenheiros

Coronel Müller, em Montevidéu.
Coronel von Eschwege, licenciado na Europa (25).
Major Varnhagen, regressou à Europa (27).
Capitão von Lilienhöck, falecido.
Capitão Kretschmann.
Capitão von Seveloh, em Montevidéu (28).
Tenente Hartmann.
Tenente Wertheim.
Tenente Hallfeld, licenciado na Província de Minas e empregado na Companhia Inglesa (29).
Tenente Bastide, licencialo na França.

---

(25) O conhecido autor do Pluto Brasiliensis, a que já nos referimos em nota anterior. Publicou no volume III dos "Nouvelles Annales des Voyages", de Paris, no ano de 1819, as "Observations sur la maniére de voyager dans l'ntérieur du Brésil". Em 1813, já havia dado a lume o "Jornal von Brasilien", em Weimar. Varnhagen acusa-o de ter plagiado seus colegas Feldner e Varnhagen, pai.

(26) Busche ou Büschen, família nobre da Vestfalia. Cortado de vermelho com 2 palas de prata, e de prata com 2 palas de vermelho.

(27) Frederico Guilherme de Varnhagen, pai do historiador Visconde de Porto Seguro, Francisco Adolfo. Sargento Mor e depois Coronel. Nomeado em 1814 para dirigir a fundição de ferro de Ipanema, cujos trabalhos iniciára, em 1810, e administrou até 1821.

(28) Chegou ao posto de Coronel. Serviu no estado maior de Barbacena. Autor das "Erinnerungen". Traçou os esboços da campanha de 1827, que terminou na batalha do Passo do Rosário e subsequente retirada para Cacequi e Bagé.

(29) Fixou-se em Juiz de Fora, onde a rua Halfeld conserva a sua memória.

X V

LISTA DOS SUBSCRITORES DA 1.ª E ÚNICA EDIÇÃO DESTA OBRA

	Exemplares
Bederkesa	
Agrimensor Artler	1
Bingam	
Juiz Specker	1
Bordenau	
Tenente Kabins	1
Botersheim, perto de Tostedt	
Moleiro Menke	1
Bremen	
Corretor Z. Gevekot	1
Livreiro Kaiser	10
Professor Mertens	1
Músico	1
Sra. Dr. Nicolai	1
"A União"	1
Bruckhausen	
Doutor em Leis Schrader	1
Inspetor Wagner	1
Burtehude	
Fabricante de papel Winter	1

Cappeln

Pastor Hurtzig 1

Celle

General Barão Von Ulmenskin 1

Dingstorff, perto de Neustadt-sôbre-o-Reno

Arquiteto Hemme 1

Dhum

Agricultor A. Brast 1

Dorum

Inspetor Doring 1
Boticário Hastelbach 1
Doutor em Medicina Kuge 1

Ellingroche

Juiz Kromminga 1

Eimbleck

Tenente Eppen 1

Emden

Pastor Dr. Gittermann 1
Construtor E. Kettler 1

Eversen, perto de Neustadt-sôbre-o-Reno

Sr. Willrich 1

Gottingen

Pastor Ribbentrop 15

Hage

Inspetor Remmers 1

Hamburgo

Pastor Freudentheil 1
Capitão de mar e guerra von den Wettern 5

Hameln

Cônego Brandes 1
Funcionário postal Heise 1

Hannover

S. Exa. o General Conde von Alten 1
Conselheiro F. von Bothmer 1
Capitão Cropp 1
Conselheiro de Chancelaria Einfeld 1
Conselheiro de Estado von Grote 2
S. Exa. o General de Artilharia von den Decken ... 1
Senhora Grote 1
Livraria da Côrte de Helving 5
Conselheiro de Chancelaria Hoppenstedt 1
Sr. E. Ilsemann 1
Conselheiro de Justiça Isenbart 2
Sr. Keane 1
Antiquário Kniep 1
Almoxarife Barão von Knigge 1
Professor Krause 1
Senhorinha Kumme 1
Sr. A. Martin 1
Negociante E. F. Matthec 1
Sr. Carl Moller 1
Major F. Müller 1
Tenente Müller 1
Arquivista Neuborg 1
Senhora Philipp 1
Proprietário de Gabinete de Leitura Keischauer .. 1
Sr. Ribbentrop 1
Médica da Côrte Senhorinha Schlichthorst (1) 1
Sr. L. Schnabel 1
Tenente von Sichard 1
Tenente-Coronel Seveloh (2) 1

---

(1) Nesse tempo, o Hanover era Reino ligado à Casa Reinante da Inglaterra. O título de Médico da Côrte era honorífico, concedido como o de Fornecedor da Côrte, do Rei, etc. A senhorinha médica era parente, talvez irmã do autor. Em 1829, já as mulheres se formavam em medicina na Europa.

(2) O mesmo oficial que serviu no Sul, no Estado Maior de Barbacena, fez os esboços da campanha e deixou em manuscritos as suas me-

Dr. em leis Siemens	1
Comissária Senhorinha Stockmann	1
Dr. M. Thompson	1
Engenheiro Wendelstedt	1
Caixa Wesselhöft	1
Senhora von Witte, nascida Reinecke	1

Harburg

Agrimensor Pichon	1

Hasperde

Engenheiro Florestal von Hake	1

Hildesheim

Coronel Soest	1

Hitfeld, perto de Harburg

Capitão Schilichthorst	1

Hitzacker

Engenheiro Florestal von Plato	1

Hoya

Negociante Pohl	1

Iemgun

Escriturário A. Ditzen	1
Procurador Erdmann	1
Auditor Erdmann	1
Advogado Fischer	1
Notário de hipotecas Greving	1
Bailio Kempe	1
Curador Wendt	1
Capitalista Koster	1
Doutor em medicina Williams	1

---

mórias, manuscritos êsses que estiveram na posse do Barão do Rio Branco. Depois da paz de 1828, Seveloh, que fôra testemunha da batalha do Passo do Rosário (Ituzaingó), retirou-se para a Europa. Por esta lista sabemos que, em 1829, vivia na capital do Hanover.

Iaver

Administrador dos Correios Misch 1

Leer

Capitão de Cavalaria George Baring 1
Negociante Carstens 1
Agricultor Danielis 1
Negociante O. Focken 1
Comissário de Justiça E. Franzius Senior 1
Negociante Garles 1
Corretor Lampe 1
Negociante Carl Lanzius 1
Intendente Lenz 1
Procurador Meinecke 1
Negcciante Müller 1
Procurador Oldenhove 1
Dr. Peters 1
Engenheiro Naval Renken 1
Senador Röben 1
Secretário do Correio Schütte 1
Negociante G. Schweers 1
Major Seeger 1
Negociante W. Telge 1
Administrador dos Correios Ulich 1
Coletor Municipal von Vosz 1
Hoteleiro J. G. Wagener 1
Conde C. von Wedel 1
Condessa von Wedel, nascida von Gaudt 1

Lüneburg

Agrimensor Alberts 1
Governador de Distrito von den Decken 1
Tenente Hartmann 1
Arquiteto Krüger 1
Condutor Paulsen 1
Inspetor de Colégio Dr. Vogler 1

Mellendorf

Administrador do Correio Mohfeld 1
Agrimensor Rabius 1

Meppen

Comissário Real Kauten 1

Mossburg

Procurador von Konnemann 1

Neustadt-sôbre-o-Reno

Administrador de Imóveis Backaus 1
Auditor von Berger 1
Construtor Campe 1
Farmacêutico Delmering 1
Advogado Dröge 1
Praticante de Farmácia Harms 1
Procurador Jacobshagen 1
Dr. Kessler 1
Agrimensor Kuhlmann 1
Advogado Reiche 1
Dr. Schilvester 1
Pastor Schrage 1
Procurador von Schulzen 1
Capitão-Tenente von Itiefenkzon 1
Escriturário Vasselmann 1
Auditor von Wangenheim 1

Oberndorff

Pastor Hurtzig 1

Osnabrück

Livraria Crone 3
Tenente von Stolzenberg 1

Osterwald

Sr. Wallmann 1

Padinbüttel

Pastor Schilichthorst (3) 1

Rio de Janeiro

Guarda-livros Daw 1
Vice-Consul da Holanda Hendricks 1
Negociante Melchert 1

---

(3) Parente, talvez tio ou irmão do autor.

Dr. em medicina Ran 1
Corretor Ray 1
Tenente-Coronel von Schäffer (4) 25
Negociante F. Schneinert 5
Consul da Liga Hanseática Tembrink (5) 1
Consul da Prussia von Teremin 1
Negociante Wiers 1
Tradutor Imperial Zaeb 1

Rotenburg

Conselheiro von Konnemann 1

Stade

Tenente Apel 1
Tenente-Coronel Brückemann 1
Major General von den Busche 1
Procurador de Chancelaria Eammann 1
Juiz de Direito von den Decker 1
Major Delius 1
Sindico Domeyer 1
Desembargador von Engelbrechten 1
Doutor em Leis Frendentheil 1
Juiz Federal Haltermann 1
Diretor da Posta Heidelberg 1
Conselheiro von Kneïssen 1
Secretário de Chancelaria Körber 1
Promotor Público Körber 1
Secretário Municipal von Langwerth 1
Prefeito Lübbren 1
Tenente Marcard 1
Superintendente dos Diques Niemeyer 1
Juiz W. Oelrich 1
Tenente du Plat 1
Capitão von Ranschenplatt 1
Sr. A. Schulz 1
Quartel-Mestre de Regimento von Scriba 1
Médico da Côrte Tiedemann 1
Reitor Valett 1
Farmacêutico Versmann 1

Stöcken

Inspetor de Estradas Wittstein 1
Inspetor de Economia Rural Wohlers 1

(4) O recrutador dos mercenários, amigo da Imperatriz Leopoldina.
(5) Deixou descendência no Rio de Janeiro, até hoje.

Tostedt

Senhorinha Elisa Bostelmann 1
Administrador dos Correios Huth 1
Agrimensor Rodenberg 1
Doutor em medicina Sander 1

Wremen

Organista Stelljes 1

Wunstorff

Tenente Schilichthorst (6) 1

(6) O autor. Êle indica, assim, o lugar onde residia após seu regresso do Rio de Janeiro.

NOTA — No original alemão, a lista dos subscritores antecede o texto. Colocamo-la ao fim da tradução por ser de importância secundária e meramente informativa.

X V I

FONTES BIBLIOGRÁFICAS DAS NOTAS E COMENTÁRIOS

Abreu (Capistrano de) — "Capítulos de História Colonial"
Abreu Lima (General) — "História do Brasil"
Acioli — "Memórias históricas da Baía"
Agache (Alfredo) — "Cidade do Rio de Janeiro"
Agostinho (Alfredo) — "A Chave dos Lusíadas"
Aguiar (Antonio Augusto de) — "Vida do Marquês de Barbacena"
Aires do Casal — "Corografia Brasílica"
Almeida (Fortunato de) — "História de Portugal"
Almada (Francisco Vaz de) — "História Trágico-Marítima"
Altamira y Cravea — "História de Espana y de la Civilisación Espanola"
Ameal (João) — "D. Miguel e a Vilafrancada"
Ameal (João e Rodrigues Cavaleiro) — "De D. João V a D. Miguel"
Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro: vols. IV, V, XIII, XLII, XLIV, XLVI, LX.
Anais do Museu Histórico Nacional do Brasil: vols. I e II
Antonil — "Cultura e Opulência do Brasil"
André (Marius) — "La fin de l'Empire Espagnol d'Amérique"
Antommarchi — "Les derniers moments de Napoléon"
A. P. D. G. — "Sketches of Portuguese Life, Manners, Costume and Character"
Arago (Jacques) — "D'un Pole à l'autre" — "Souvenirs d'un aveugle"
Armitage (João) — "História do Brasil"
Assis Cintra — "Indiscreções de nossa História"
At (Padre Antonio) — "História de Santo Antonio de Pádua"
Azevedo Marques — "Apontamentos Históricos"
Azevedo (Moreira de) — "O Rio de Janeiro" — "Curiosidades".
Baena (Sanches de) — "Índice Heráldico"
Baldrich (Amadeu) — "História de la Guerra del Brasil"
Baralt — "História de Venezuela"
Barbey d'Aurevilly — "Du Dandysme et de George Brummel"
Barbosa (Cônego Januário da Cunha) — "Parnaso Brasileiro"
Barradas (Manuel) — "O General Gomes Freire"
Barroso (Gustavo) — "Tamandaré o Nelson Brasileiro" — "As Colunas do Templo" — "A Guerra de Artigas" — "A Guerra do Vidéu" — "Ao som da viola" — "Almas de lama e de aço" — "O Brasil em

face do Prata" — "História Militar do Brasil" — "História Secreta do Brasil" — "Idéias e Palavras"
Barrow (J.) — "A voyage to Cochinchina in the years 1792 and 1793"
Bettendorf (Padre) — "Crônica da Companhia de Jesús"
Beyer (Gustavo) — "Ligeiras notas de viagem do Rio de Janeiro à capitania de S. Paulo"
Blasis — "Manuel de la Danse"
Bocanera Junior (Silio) — "Bahia Histórica"
Boiteux (Henrique) — "Os nossos Almirantes"
Boiteux (Lucas A.) — "A Marinha de Guerra Brasileira nos Reinados de D. João VI e D. Pedro I"
Bomfim (Manuel) — "O Brasil"
Bösche (Eduardo Teodoro) — "Quadros Alternados"
Bougainville (Barão de) — "Journal de navigation autour du monde, de la frégate "La Thétis" et la corvette "L'Espérance", pendant les années 1824-1826"
Bourke (William) — "Authentic Account of an Ambassy from the king of Great Britain to the Emperor of China"
Brackenridge (H. M.) — "Voyage in South America"
Brandão (Frei Antonio) — "Monarquia Lusitana"
Brandão (Tomás) — "Marília de Dirceu"
Brandão (Ulisses) — "A Confederação do Equador"
Brígido (João) — "O Ceará — Homens e fatos"
Brito Freire (Francisco de) — "História da Guerra Brasílica"
Caetano (Joaquim) — "L'Oyapoc et l'Amazone"
Calmon (Pedro) — "História da Civilização Brasileira" — "O Rei Cavaleiro" — "O Rei do Brasil" — "História do Brasil na poesia do povo"
Calógeras (Pandiá) — "O Marquês de Barbacena" — "A Política Exterior do Império" — "Formação histórica do Brasil"
Camões (Luiz de) — "Os Lusíadas"
Carbonell (D. Diego) — "Resumen historico de la ultima dictadura del Libertador"
Cardim (Padre Fernão) — "Tratado da Terra e Gente do Brasil"
Castro Carreira — "História Financeira e Orçamentária do Império do Brasil"
Cayrú (Visconde do) — "História dos Princípios Econômicos do Império do Brasil"
Cochrane (Lord) — "Memórias"
Colbachini (Padre Antonio e Padre Cesar Albisetti) — "I Bororo Occidentali"
Combarieu — "Histoire de la Musique"
Compaire (G.) — "Histoire de la Pédagogie" — "Dictionaire de la Pédagogie"
Coquart (A.) — "Mémoires de Duguay-Trouin"
Coroleu e Inglada (José) — "America. Historia de su colonización, dominación e independência"
Corrêa (Gaspar) — "Lendas da índia"

Costa (Cláudio Manuel) — "Memórias históricas da Capitania de Minas"
Cruz Lima (J. D. da) — "Refutação ao livro O Primeiro Reinado"
Debidour (A.) "Découverte et colonisation du Brésil" — "Vila Rica"
Debret (J. B.) — "Voyage pittoresque et historique au Brésil"
Denis (Ferdinand) — "Le Brésil" — "Resumé de l'Histoire du Brésil"
Deschavannes — "Dictionnaire de la Noblesse"
Duguay-Trouin — "Memórias"
Durão (Frei José de Santa Rita) — "Caramurú"
Edmundo (Luiz) — "O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis"
Egas (Antonio) — "Feijó"
Egas (Eugenio) — "Independência ou Morte"
Ellis (Sir Henry) — "Journal of the late Embassy to China. 1818"
Eschwege (W. L. von) — "Pluto Brasiliensis" — "Observations sur la maniére de voyager dans l'interieur du Brésil"
Espasa — "Enciclopédia"
Expilly (Charles) "Mulheres e costumes do Brasil"
Ewbanck (Thomas) — "Life in Brazil"
Faria e Souza — "Europa Portuguesa"
Felicio (Joaquim) — "Memórias do Distrito Diamantino"
Ferreira (João da Costa) — "A Cidade do Rio de Janeiro e seu termo"
Ferreira da Rosa — "O Rio de Janeiro"
Fernandes Gama (J. B.) — "Memórias históricas da Provincia de Pernambuco"
Figueira de Melo (J. H.) — "Um diplomata austríaco no Brasil — 1821 — 1831"
Forbes — "Voyage of Captain William Owen — 1822"
Freire (Felisberto) — "História da Cidade do Rio de Janeiro"
Freitas (Otavio de) — "Doenças africanas no Brasil"
Freycinet (Louis) — "Voyage autour du monde"
Friedrich von Weech (J.) — "Brasiliens Gegenwärtiger Zustand un Colonial System"
Galvão (Duarte) — "Cronica de El Rei D. Afonso Henriques"
Gama (José Basilio da) — "Uraguay"
Gama Barros — "História da Administração Pública em Portugal"
Gandavo (Pero de Magalhães) — "História da Provincia de Santa Cruz"
Garcez Palha — "Efemérides Navais"
Gaxotte (Pierre) — "La Revolution Française"
Gonçalves dos Santos (Padre Luiz) — "Memórias para servir à História do Reinado de Portugal"
Gonzaga Duque — "Arte Brasileira" — "Revoluções Brasileiras"
Graham (Mary) — "Journal of a voyage to Brasil and residence there"
Grainha (M. Borges) — "História da Maçonaria em Portugal"
Grant (Andrew) — "History of Brazil"
Guyard (Stanislas) — "Un Grand-Maître des Assassins au temps de Saladin"
Hall (Manly P.) — "Encyclopedia of Masonic, Hermetic and Rosicrucian symbolical Philosophy"

Hammer — "Geschichte der Assassinen"
Handelmann — "Geschichte von Brasilien"
Henderson — "A History of Brazil"
Heritier (Michel l') — "Napoléon et le Portugal"
Herculano (Alexandre) — "História de Portugal"
Homem de Melo (Barão de) — "índice Cronológico"
Hurbide (D. Agostinho de) — "Memórias"
Jaboatão (Frei Antonoi de Santa Maria) — "Novo Orbe Seráfico" — "Catálogo Genealógico"
Jácome Corrêa (Marquês de) — "História da Descoberta das Ilhas"
Koster (Henry) — "Voyages dans la partie septentrionale du Brésil"
Kotzebue (Otto von) — "Neue Reise am die Welt in den Iahren 1823 — 1826"
Lacroix (Desiré) — "Histoire de Napoléon"
Lafayette Silva — "História do Teatro Brasileiro" — "Figuras de Teatro" — "Gente de Teatro"
Lago (Laurenio) — "Medalhas e Condecorações Brasileiras" — "Brigadeiros e Generais de D. João VI e D. Pedro I"
Lamego Filho (Alberto) — "A Planicie do Solar e da Senzala"
Langsdorf (G. H.) — "Voyages and travels in various parts of the world during the years 1803, 1805, 1806 and 1807" — "Mémoire sur le Brésil, pour servir de guide á ceux qui desirent s'y établir"
La Salle (De) — "Viagem ao redor do mundo da corveta "La Bonite" — 1836 — 1837"
Lavradio (Marquês do) — "D. João VI e a Independência do Brasil"
Leenhof (Carl von) — "Beitrage zur Geschichte des Krieges zwischen Brasilien und Buenos Aires in dem Iahren 1825-1828 yon einem Augenzeugen"
Leite (Antonio Atico) — "Fanatismo religioso — Memória sôbre o Reino Encantado"
Lemos (Maximiliano de) — "Enciclopédia Portuguesa"
Leuthold (Theodor von) — "Meine Ausflucht nach Brasilien oder Reise von Berlin nach Rio de Janeiro"
Lima e Silva (Luiz Manuel de) — "Anais do Exército Brasileiro — 1825-1828"
Lindley (Thomas) — "Voyage au Brésil"
Lisbôa (Baltasar) — "Anais do Rio de Janeiro"
Lopes Fernandes (Manuel Bernardo) — "Memória das medalhas e condecorações portuguesas e das estrangeiras com relação a Portugal"
Luccock (John) — "Notes on Rio de Janeiro from 1808 to 1818"
Macedo (Joaquim Manuel de) — "Efeméride histórica do Brasil" — "Ano Biográfico" — "Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro"
Macedo Soares — "Santo Antonio de Lisbôa Militar do Brasil"
Macedo de Castro — "A Inconfidência Mineira"
Madelin (Louis) — "La Révolution"
Madre de Deus (Frei Gaspar da) — "Memória para a História da Capitania de S. Vicente"

Magalhães Sepulveda (Cristovam Aires de) — "História do Exército Português"
Malheiros (Perdigão) — "A Escravidão no Brasil"
Martins (Padre Joaquim Dias) — "Os Martires Pernambucanos"
Martins Pena — "O Judas em Sabado de Aleluia"
Matos (Armando) — "Brasonario de Portugal"
Mawe (John) — "Travels in the interior of Brazil"
Meireles (Teotonio) — "História Naval Brasileira"
Melo (Mario) — "A Maçonaria no Brasil"
Melo Leitão (C. de) — "Visitantes do Primeiro Reinado"
Melo Morais Pai — "Cronica Geral e Minuciosa do Imperio do Brasil" — Corografia do Imperio do Brasil" — "O Patrimonio territorial da Câmara Municipal do Rio de Janeiro" — "Brasil Histórico"
Melo Morais Filho — "Festas e tradições populares" — "Saráus e Serenatas" — "Fátos e Memórias" — "Curso de Literatura Nacional"
Menendez y Pelayo — "História de Espana"
Menezes Drummond (M. D.) — "Autobiografia"
Mestas (Alberto de) — "Agustin de Iturbide Emperador de Mexico"
Mirales (D. José) — "História Militar do Brasil"
Mitre (D. Bartolomeu) — "História de Belgrano"
Monglave — "Correspondance de D. Pedro Ier."
Monte-Alverne (Frei Francisco de) — "Obras Oratorias"
Monteiro (Tobias) — "História do Imperio — A Elaboração da Independência" — "História do Imperio — Primeiro Reinado"
Montémont (Albert) — "Voyages autour du monde"
Morais e Silva (Antonio) — "Dicionario da Lingua Portuguesa"
Moreira Pinto — "Dicionario Geografico do Brasil"
Moura Romeiro (João Marcondes de) — "De D. João VI à Independência"
Muniz Tavares (Francisco) — "História da Revolução de Pernambuco em 1817"
Nabhols (H.) — "Die ersten Kolonisationsversuche von Schweisen in Brasilien"
Neukomm (Sigismundo) — "Memórias"
Neves (Abdias) — "A Guerra dos Fidié"
"New English Dictionnary" (Oxford).
Nimer (Miguel) — "Influências orientais na lingua portuguesa"
Nina Rodrigues — "Os Africanos no Brasil"
Nobre (Fernando) — "As Fronteiras do Sul"
Nobrega (Padre Manuel da) — "Cartas do Brasil"
Nogueira da Gama (J. B.) — "Relatório da Fazenda em 1823"
Norberto de Souza e Silva (Joaquim) — "História da Conjuração Mineira"
Norton (Luiz) — "A Côrte de Portugal no Brasil"
Nunes (Duarte) — "Almanach de 1799"
Olfers (d') — "Feliners Reisen durch Brasilien"
Oliveira Lima (Manuel de) — "D. João VI no Brasil" — "D. Pedro e D. Miguel" — "D. Miguel no Trono" — "O Movimento da Independência" — "Anotações à História da Revolução Pernambucana"

Oliveira Martins — "O Brasil e as Colonias Portuguesas" — "Portugal Contemporaneo" — "História de Portugal"
O' Neil (Thomas) — "A concise and accurate account"
Oneto y Viana — "La Diplomacia del Brasil en el Rio de la Plata"
Orta (Garcia da) — "Coloquios dos simples e drogas da índia"
Ourem (Visconde de) — "Confedération de l'Equateur"
Ouro Preto (Visconde de) — "A Marinha de Outróra"
Pascual (A. D.) — "Rasgos memoráveis do sr. D. Pedro I"
Passos (Carlos de) — "D. Pedro IV e D. Miguel"
Peman (José Maria) — "La História de Espana"
Pereira da Costa — "A Maçonaria em Pernambuco"
Pereira Pinto — "Noticia histórica sôbre a Revolução de Pernambuco em 1824" — "Memória sôbre a Confederação do Equador"
Pereira da Silva — "Varões Ilustres do Brasil nos tempos coloniais" — "História da Fundação do Império"
Pimentel (Alberto) — "A Côrte de D. Pedro no Brasil, nos Açores, no Porto e Lisbôa" — "A musa das revoluções"
Pindaro — "Odes"
Pinto (Cesar) — "Anthropodes parasitas e transmissores de doenças"
Pinto de Campos (Monsenhor) — "Vida do Ilustre Cidadão Brasileiro Luiz Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias"
Pires de Lima — "Naufragio de Jorge Coelho"
Pitta (Sebastião da Rocha) — "História da América Portuguesa"
Pizarro (Monsenhor) — "Memórias históricas"
Plessis Passeau (Du) — "Expedition Française contre Rio de Janeiro en 1711"
Pohn (Johann Emmanuel) — "Reise in Innern Brasilien"
Porto Alegre (Manuel de Araujo) — "Memória sôbre a antiga Escola de Pintura Fluminense"
Pradt (De) — "Des Colonies et de la Revolution actuelle en Amérique"
Presas (José) — "Memórias secretas de D. Carlota Joaquina"
"Publicações do Arquivo Nacional, vols. XX, XXI e XXV
Querino (Manuel) — "A Raça Africana no Brasil" — "A Bahia de Outrora"
Quintela (Almirante Inácio da Costa) — "Anais da Marinha Portuguesa"
Radin (Paul) — "Indiens of South America"
Raffard (Henry) — "Homens e Coisas do Brasil"
Raiol (Domingos Antonio) — "Motins Políticos ou História dos Principais Acontecimentos Políticos do Pará desde o ano de 1825 até 1835"
Ramos (Artur) — "O folclore negro no Brasil"
Rangel (Alberto) — "D. Pedro I e a Marquesa de Santos" — "Textos e Pretextos"
Raposo Botelho — "Dicionário das moedas, pesos, medidas e informações comerciais de todos os países"
"Relação da Vitória que os Portugueses alcançaram contra os Franceses em 15 de outubro de 1710"
"Resenha das Famílias Titulares do Reino de Portugal"
Restrepo (Vicente) — "História de Colombia"

Ribeiro (João) — "História do Brasil"
Ribeyrolles (Carlos) — "Brasil Pitoresco"
Rietstap (J. B.) — "Planches de l'Armorial General"
Rio Branco (Barão do) — "Efemerides Nacionais" — "Esquisse de l'Histoire du Brésil"
Rocha Martins — "O último Vice-Rei do Brasil" — "A Independência do Brasil"
Rocha Pitta (Sebastião da) — "História da América Portuguesa"
Rodrigues (José Carlos) — "Catalogo anotado dos livros sôbre o Brasil"
Romero (Silvio) — "História da Literatura Brasileira"
Rondeau — "Autobiografia"
Rubio (Julian Maria) — "La Infanta Carlota Joaquina y la politica de Espana en América"
Rugendas (Maurice) — "Voyage pittoresque dans le Brésil"
Sabino (Inês) — "Mulheres Ilustres do Brasil"
Sacramento Blake — "Dicionário Bibliográfico Brasileiro"
Saldias (Adolfo) — "História de la Confederacion Argentina"
Salvador (Frei Vicente do) — "História do Brasil"
Sampaio (Teodoro) — "O Tupi na Geografia Nacional"
Santana (Visconde de) — "Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal"
Santos Ferreira — "Armorial Português"
Santos (Frei Manuel dos) — "Alcobaça Illustrada"
Sardinha (Antonio) — "Na côrte da Saudade" — "Processo dum Rei" — "Ao principio era o verbo"
Say (Horace) — "Histoire des rélations commerciales entre la France et le Brésil"
Schäffer (J. A.) — "Brasiilien als unabhängiges Reich"
Seidler (Carl) — "Zehn Iahren in Brasilien"
Selvagem (Carlos) — "Compendio da História Militar e Naval de Portugal"
Serrano (Jonatas) — "Um vulto de 1817"
Serzedelo (Coronel Bento José Barbosa) — "Arquivo histórico da Veneravel Ordem 3.ª de N. S. do Monte do Carmo"
Seveloh — "Erinnerungen an den Feldzug 1827 gegen Buenos Aires"
S. Leopoldo (Visconde de) — "Memórias"
Smith (William) — "Collection choisie des voyages autour du monde"
Sommer (Friedrich) — "Wilhelm Ludwig von Eschwege"
Sotero dos Reis — "Curso de Literatura Portuguesa e Brasileira"
Southey (Robert) — "History of Brasil"
Souza (Augusto Fausto de) — "A Baía do Rio de Janeiro"
Souza Brasil (Tomás Pompeu) — "O Ceará no começo do século XX"
Souza Lobo (Augusto de) — "Catalogo da Coleção Numismática Brasileira"
Souza (Julio Maria) — "Lavalleja y Oribe"
Spix und Martius — "Reise in Brasilien"
Stockriss — "Manuel d'Histoire, de Genéalogie et Chronologie"
Studart (Barão de) — "O Movimento de 17 no Ceará"

Taques — "Nobiliarquia"
Taunay (Afonso d'Escragnolle) — "Grandes Vultos da Independência Brasileira" — "Rio de Janeiro de Antanho" — "Na Bahia de Dom João VI" — "Visitantes do Brasil Colonial" — "A grande Vida de Fernão Dias Pais"
Teixeira de Melo — "Efemerides Nacionais"
Timandro — "Libelo do Povo"
Tollenare (L. F. de) — "Notas Dominicais"
Urville (Dumont d') — "Voyage autour du monde"
Vale Cabral (A. do) — "Guia do Viajante no Rio de Janeiro"
Varela (Alfredo) — "Revoluções Cisplatinas"
Varnhagen — "História Geral do Brasil" — "História da Independência"
Vasconcelos (Diogo de) — "História antiga de Minas Gerais"
Vasconcelos (Smith de) — "Arquivo Nobiliarquico Brasileiro"
Vega (Garcilaso de la) — "Commentaires sur l'Origine des Incas, de leurs lois et de leur gouvernement"
Verissimo (José) — "História da Literatura Brasileira"
Vieira (Damasceno) — "Memórias Históricas"
Vieira (Ernesto) — "Dicionario Bibliografico de Músicas Portuguesas"
Vieira de Souza (Herculano Firmino) — "Resumo da História do Brasil"
Vieira Fazenda — "Antigualhas e Memórias do Rio de Janeiro" — "Fundamentos da Cidade do Rio de Janeiro"
Villanueva (Carlos) — "Resumen de la História General de América"
Villasbôas e Sampaio (Antonio) — "Nobiliarquia Portuguesa"
Villemain — "Biographie Universelle"
Walckenaer — "Histoire Generale des Voyages"
Walsh (R.) — "Notice of Brazil"
Warden — "Histoire de l'Empire du Brésil"
Waterton (Charles) — "Wanderings in South América"
Werneck (André B. L.) — "D. Pedro I e a Independência"
Wied (Principe de) — "Reise nach Brasilien" — "Beitrâge zur Naturalgeschichte von Brasilien"
Wolf (Ferdinand) — "Histoire de la Littérature Brésilienne"
Xavier da Veiga — "Efemerides Mineiras"
Xavier Marques — "O Sargento Pedro"
Yves d'Evreux (Padre) — "Voyage dans le nord du Brésil"
Zinny (Antonio) — "História de los Gobernantes del Paraguay"
Zischka (Anton) — "Der Kampfe mundie Weltmacht Baumwolle"
Zorilla de San Martin — "La Epopeya de Artigas"
Zurara (Gomes Eanes de) — "Cronica da Guiné"

INDICE

			Pag.
I	—	Apresentação	5
II	—	Epígrafe	11
III	—	Introdução	13
IV	—	Chegada ao Rio de Janeiro e história do autor	23
V	—	A cidade e a Côrte do Rio de Janeiro	39
VI	—	Vida Meridional	67
VII	—	Brasileiras e estrangeiras	89
VIII	—	Religião e sociedade	103
IX	—	Negros e habitantes primitivos do Brasil	129
X	—	Literatura brasileira	151
XI	—	Passeios e impressões	173
XII	—	Retrospecto da História do Brasil nos últimos tempos e situação política do Império em 1826	217
XIII	—	Tropas alemãs no Brasil. Continuação da história do autor. Colonização. Fim	257
XIV	—	Lista dos oficiais estrangeiros no Brasil	277
XV	—	Lista dos subscritores da obra	285
XVI	—	Fontes bibliográficas das notas e comentários	293

Gráfica SANTO ANTONIO - Rua do Nuncio, 64

011937

VIRIATO CORRÊA

escreveu

e

GETULIO COSTA

editou

Três livros que valem por três séculos de história do Brasil

"TERRA DE SANTA CRUZ",

"HISTÓRIAS DE NOSSA HISTÓRIA"

e

"BAÚ VELHO"

Livros encantadores, movimentados, neles o leitor encontrará figuras e acontecimentos narrados nesse tom delicioso dos velhos romances de capa e espada.

Sem mutilar o passado, sem mesmo o deturpar, tem o senhor Viriato Corrêa sabido ser um professor admirável de história do Brasil, valendo os seus livros mais que milhares de professores de todas as idades... Mesmo porque apredemos mais história nos romances à moda Alexandre Dumas, o do "Três Mosqueteiros", que, propriamente nos compêndios pançudos, cheios de datas e citações.

Escritor popular, dos mais lidos de sua geração, os trabalhos de Viriato Corrêa circulam como moeda boa por todos os recantos do país, encantando milhares e milhares de leitores de todos os tamanhos.

(Coleção Estante de Autores Brasileiros)

AS AVENTURAS DO

REI BARIBÊ

DE

MALBA TAHAN

E' UM LIVRO ESCRITO ESPECIALMENTE PARA OS ADOLESCENTES

—o—

Uma infinidade de surpreendentes episódios ocorridos á sombra dos oasis ou pelas estradas tortuosas do Deserto prendem, da primeira à última página, a atenção do leitor.

ÊSSE NOVO E ORIGINALÍSSIMO ROMANCE DE MALBA TAHAN PODERÁ SER INCLUÍDO ENTRE AS OBRAS PRIMAS DA LITERATURA ORIENTAL.

No dia em que o Rei Baribê resolveu, por meio de um decreto, acrescentar um terceiro "bê" em seu nome — passando a ser "Baribê" — houve uma transformação completa em seu país!

O caso mais espantoso da história!

Um bê — uma simples letra "bê" — que altera por completo o destino de um povo!

—o—

ROMANCE DE AMOR E AVENTURAS!

UM VOLUME MUITO ILUSTRADO POR SOLON BOTELHO

—— Br. — Cr$ 15,00 ——

Quer oferecer um lindo presente para o seu filho?
Quer levar hoje, mesmo, uma delicada lembrança para sua filha?
Quer proporcionar à sua jovem espôsa uma leitura interessante e altamente instrutiva?

ADQUIRA, hoje mesmo, os maravilhosos livros de MALBA TAHAN

A Sombra do Arco Iris — romance de amor e poesia, br. ..	30,00
O Homem que Calculava — romance de aventuras — 8.ª edição, br.	18,00
Minha Vida Querida — contos — 5.ª ed., br.	8,00
Céu de Allah — contos em 5.ª ed., br.	8,00
Maktub — estava escrito — contos em 2.ª ed., br.	8,00
Lendas do Deserto — contos em 4.ª ed., br.	8,00
Mil Histórias Sem Fim — 1.º vol., histórias — 4.ª ed., br.	8,00
Lendas do Povo de Deus — contos em 2.ª ed., br.	8,00
O Livro de Aladim — contos — br.	8,00
Lendas do Céu e da Terra — leitura moral, br.	10,00
Paca Tatú — contos infantis, br.	5,00
Amigos Maravilhosos — novela infantil, cart.	10,00

Em todas as Livrarias do Brasil ou pelo reembôlso

EDITORA GETULIO COSTA